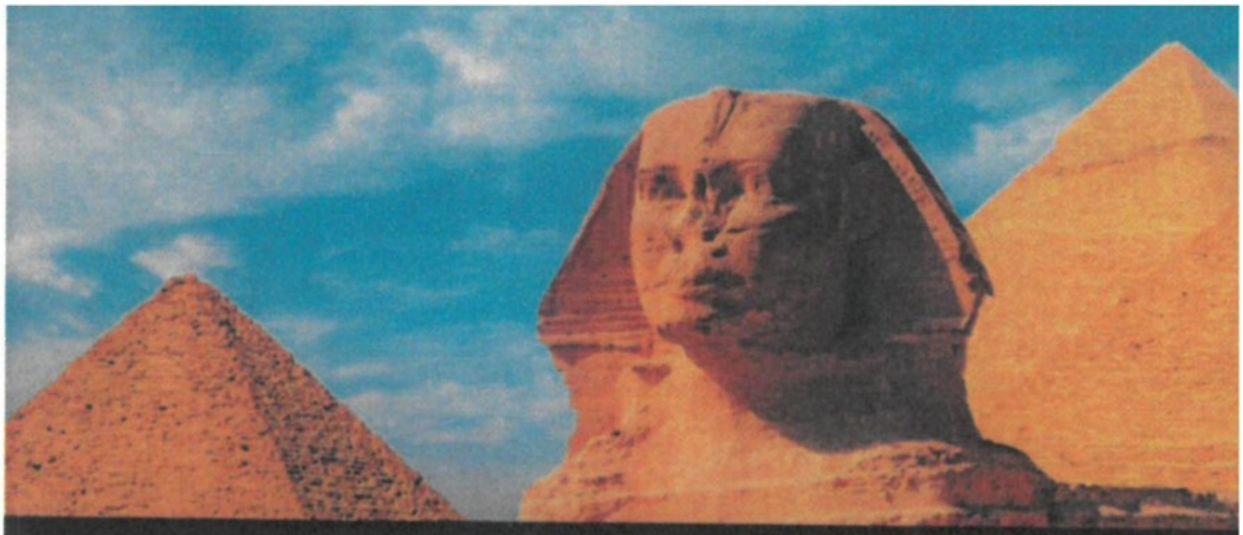
Machine Translated by Google



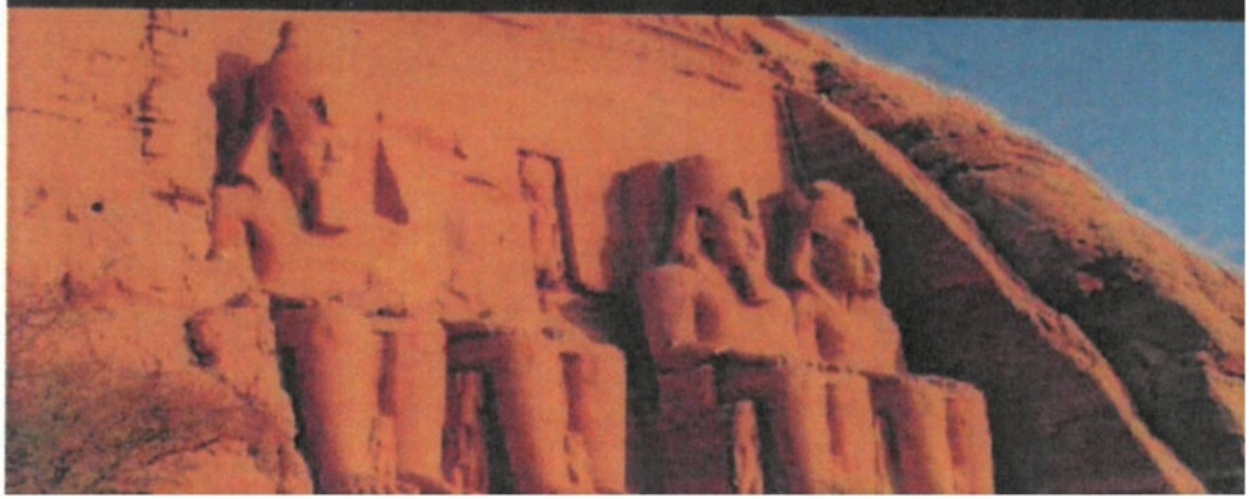
RUDOLF STEINER — EDOUARD SCHURÉ

Egitto

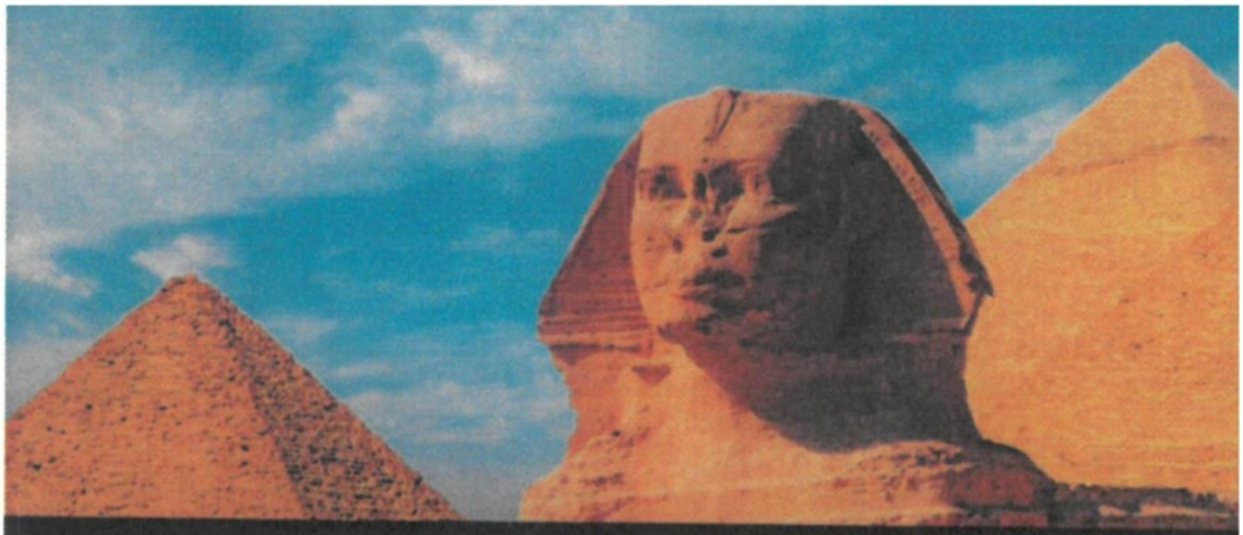
Grecia e Palestina

MAGIA SACRA E SPIRITUALITÀ

MITI E MISTERI ANTICO EGITTO
SANTUARI D'ORIENTE



Machine Translated by Google



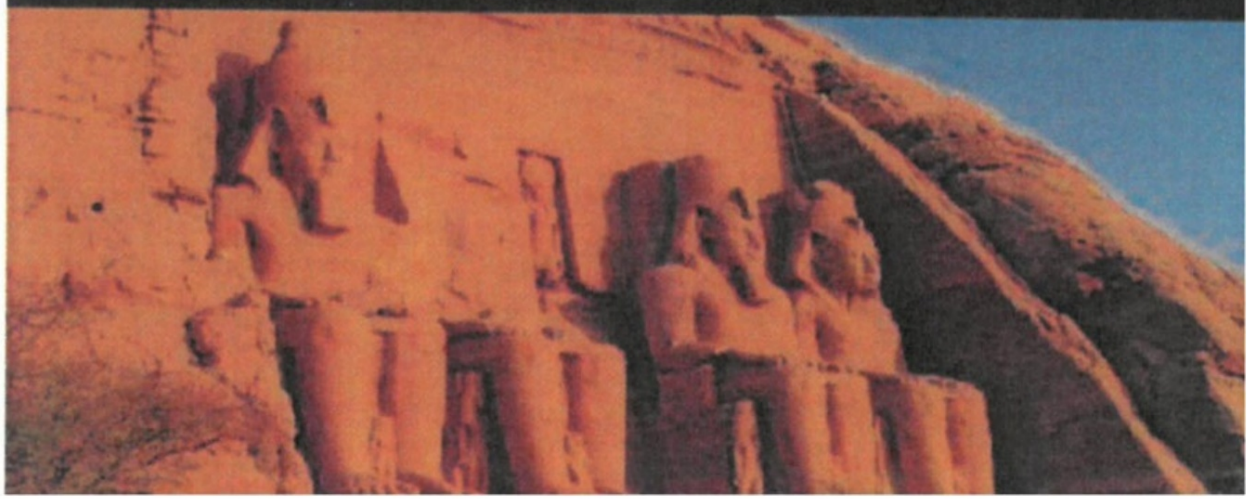
RUDOLF STEINER — EDOUARD SCHURÉ

Egitto

Grecia e Palestina

MAGIA SACRA E SPIRITUALITÀ

MITI E MISTERI ANTICO EGITTO
SANTUARI D'ORIENTE



Machine Translated by Google

Rudolf Steiner - Édouard Schure'

EGITO

Grécia e Palestina – Magia Sagrada e Espiritualidade

Machine Translated by Google

ISBN: 9788869375460

Este livro foi criado com StreetLib Write

http://write.streetlib.com

Machine Translated by Google

Índice de conteúdo

DEDICAR

PREFÁCIO

SANTUÁRI D'ORIENTE

EGITO MUÇULMANO

ANTIGO EGITO

OS SÍMBOLOS PRIMORDIAIS

GRÉCIA SAGRADA E HERÓICA

NA TERRA SANTA

A ALMA DO ORIENTE E DO OESTE

RELACIONAMENTOS ESPIRITUAIS

O REFLEXO DOS EVENTOS CÓSMICOS NAS CONCEPÇÕES RELIGIOSAS humanidade

AS ANTIGAS ESCOLAS DE INICIAÇÃO

AS EXPERIÊNCIAS DE INICIAÇÃO

COMO FOI FORMADA A TRINDADE DO SOL, LUA E TERRA. OSIRIS E TIFÃO

A AÇÃO DE OSIRIS E ÍSIS.

OS PROCESSOS EVOLUCIONÁRIOS DO ORGANISMO HUMANO

Machine Translated by Google

A EVOLUÇÃO GRADUAL...

A AÇÃO DOS ESPÍRITOS...

AS LENDAS ANTIGAS...

O CONHECIMENTO DA EVOLUÇÃO...

O IMPULSO DE CRISTO TRIUNFANTE SOBRE A MATÉRIA

Machine Translated by Google

DEDICAR

PARA LIBERTAR A JUVENTUDE

Durante uma viagem ao Oriente, o peregrino deste livro quis lançar um olhar sobre o mistério do passado e do futuro humano, que se resume no mistério da vida.

Ele tentou isso de três maneiras diferentes.

Sob o céu do Egito, em Mênfis e Tebas, diante da grande Pirâmide, diante da sagrada Ísis e da imemorial Esfinge, ele viu surgir, na luz e majestade do deserto, os símbolos falantes do Espírito eterno, da Alma de Mundo e do Verbo criador que gera todos os seres e suas metamorfoses.

Ali residem as Idéias Mães que detêm a chave da Inteligência.

Na Grécia, em Olímpia, na Acrópole, em Elêusis, ele viu essas Ideias, encarnadas nos homens e nos deuses, mostrarem-lhe os olhos heróicos, a tragédia humana e a história celestial de Psique. Ele os viu lutar entre si, morrer e renascer, perder-se e encontrar-se, finalmente apertar aquela corrente de ouro de que fala Homero e que une a terra ao céu.

Ali residem as Forças melodiosas que detêm a chave da Beleza.

Na Terra Santa, nos santuários dos Profetas e de Cristo, mergulhou no mistério da Dor e da Morte, de onde provém o segredo das ressurreições e das alegrias imortais. Sob o seu arrepio, sentiu a grande Harmonia que une as almas, os povos e os mundos. Ali residem as Forças divinas que detêm a chave do Amor.

Dedica estas memórias aos jovens livres que, como ele, procuram a verdade com o coração sincero e decidido, em tempos de decomposição social, em que o nervo da vontade parece deprimido em todos, em que o Dinheiro, o Prazer e o Desejo são os únicos ídolos deixados nas ruínas do Ideal, da Arte e da Fé. Mais feliz que ele, que só poderia ter sido um peregrino, vamos lá

Machine Translated by Google

longas viagens e estações curtas, que um dia vença na arena da vida, depois de ter contemplado a Verdade naquele santuário, onde só se pode entrar pela porta tripla da Inteligência, da Beleza e do Amor!

Machine Translated by Google

PREFÁCIO

Com meu livro Os Grandes Iniciados , Fiz uma estreia há nove anos
presto testemunho da verdade esotérica, sagrada e imemorial, por isso não sou nada além do mais humilde representante. Com os Santuários do Oriente trago uma segunda pedra para a construção do Templo, sobre a qual trabalham hoje em todos os países poderosos arquitectos e trabalhadores qualificados, consciente ou inconscientemente.

Esta verdade, sempre ignorada pelas autoridades oficiais do ensino ocidental (a Igreja e a Universidade), nunca foi compreendida, exceto por alguns.
Quanto à multidão, eles nem suspeitaram. No entanto, é de todas as idades.
Pois, por sua natureza, não reside no conhecimento dos fatos materiais, embora só os ilumine, ordene e explique com soberana clareza. Origina-se nas profundezas da Alma, na contemplação intelectual das Ideias Maternas e na energia da Vontade aplicada à vida espiritual.

Manifesta-se em vários graus nos Messias que fundaram as grandes religiões, na tradição ocultista propriamente dita e nos principais filósofos; que, tanto na Índia como na Grécia e nos tempos modernos, traduziram, cortaram e quase sempre obscureceram a luz interior com ensinamentos dialéticos. Esta verdade essencial, central e superior é, portanto, a alma vital de todas as grandes religiões, a síntese das suas sucessivas revelações, a origem de cada ciência e o seu fim. E como flui simultaneamente da fonte mutável, a Alma, e da fonte imutável, o Espírito universal, é sempre diferente na forma e sempre idêntico a si mesmo no conteúdo. E a doutrina secreta também concorda em seus pontos essenciais, quer seja descoberta entre os brâmanes, ou entre os sacerdotes egípcios, ou em Pitágoras, ou no Zohar do rabino Simeon ben Jochai, ou no cabalista Henry Kunrath, ou nos pobres sapateiro Jacob Boehme, ou em Louis Claudius de St. Martin, o filósofo desconhecido do século XVIII, ou em Fabre d'Olivet, este acadêmico perseguido como ideólogo por Napoleão I, estudioso profundo e pensador maravilhoso, completamente desconhecido e desprezado, sim seus colegas e seus sucessores.

A tradição esotérica, tanto escrita como oral, atravessou os séculos ininterruptamente.

Machine Translated by Google

Mas só se reconecta e se renova em virtude do esforço contínuo e da inspiração pessoal de quem forma a corrente. Cada novo desenvolvimento da humanidade exige por si só uma adaptação adequada e uma radiação mais ampla.

Precisamente neste pensamento tentei, nos meus Grandes Iniciados, uma primeira síntese da história das religiões, da Índia a Cristo e de Cristo aos tempos atuais e futuros. Fiz isso com força e luz insuficientes, mas com uma visão clara do objetivo que perseguia e com fé absoluta na sua necessidade inelutável. E como o meu livro abalou tanto a Igreja como a Universidade nas suas doutrinas estabelecidas, eu só poderia esperar uma conspiração de silêncio ou uma hostilidade declarada.
No entanto, contra as minhas expectativas, encontrei aqui e ali, mesmo naqueles lugares altos, uma curiosidade benevolente.

Como alguém poderia guardar rancor contra aqueles representantes diretos ou indiretos da ciência ou da religião oficial, porque a sua simpatia era muitas vezes acompanhada de um sorriso indulgente ou zombeteiro, quando o seu interesse inegável atestava a sua mentalidade livre e aberta? Mas uma coisa, acima de tudo, recompensou a minha audácia: o entusiasmo generoso que um seleto grupo de jovens demonstrou pela minha tentativa. Foram também as numerosas vozes das almas fraternas que, no seu silêncio, sofreram os meus sofrimentos e travaram as minhas batalhas. De longe e de perto, aqueles amigos desconhecidos me disseram que meu livro lhes deu a força para ter esperança, a coragem para agir e aquela fé íntima que torna fecundas as provações e sobrevive às derrotas.

Contudo, entre o trabalho e as lutas que os anos seguintes me reservavam, surgiu um plano: ver com os meus próprios olhos aquele Oriente em que vivi pensando durante tanto tempo; encontrar, nos seus santuários em ruínas ou ainda de pé, os vestígios e os símbolos faladores da antiga verdade; evocar também nos seus templos os homens e as ações que outrora a fizeram viver e reinar sobre as almas: tal era agora o meu sonho ardente. Um dia esse sonho se tornou um desejo irresistível.

Três países me atraíram como as três grandes fontes, não só da tradição oculta do Ocidente, mas também de toda a nossa vida intelectual e artística, moral e social: Egipto, Grécia e Palestina.

Nesta trindade étnica, o Egipto apareceu-me, a partir de então, como a Arca dos Princípios universais, como o modelo daquela ontologia sagrada, de outra forma poderosa do que

Machine Translated by Google

o de nossas filosofias escolásticas e abstratas. Pois só o Egito, na sua palavra de pedra, era capaz de falar a língua da eternidade.

Deixei. O resultado desta jornada de seis meses superou em muito as minhas expectativas. Na terra ardente de Hermes, sob o céu claro de Pallas, na profética e dolorosa cidade de Cristo, as verdades que vislumbrei como num sonho em nosso enevoado Ocidente tornaram-se para mim uma realidade brilhante.

Essência do passado e sonho do futuro, a tríade Tebas, Elêusis e Jerusalém veio, aos meus olhos, resumir a unidade orgânica da Ciência, Arte e Religião na vida integral.

Os Santuários do Oriente surgiram dessas impressões profundas e desta ideia.

Sim, disse a mim mesmo, tomando o caminho para a França através do mar, a sabedoria antiga contém os sinais e as chaves do futuro. Mas são apenas chaves e sinais, não o futuro. As estrelas não sopram o vento que enche a vela do marinheiro e não lhe mostram o seu destino. Este objetivo reside na sua consciência e na sua vontade, mas as estrelas servem como pontos de referência e guias para encontrá-lo. Cabe a nós encontrar o nosso.

A tradição esotérica ocidental é, tal como a nossa religião externa, judaico-cristã. A abolição da Igreja, se isso fosse possível, seria a mais nefasta das obras. Somente os insensatos e os ignorantes podem sonhar com isso.
Mas, confessemos, a Igreja ossificada, endurecida e obscurecida hoje não passa de um governo político, sem fé criativa e sem vida radiante. Ainda domina as almas medrosas, mas já não reina sobre os espíritos livres. Agora só governa consciências que já não sabem refletir e vontades que já não sabem querer. De onde vem que, no entanto, mantém uma autoridade que se impõe a todos? Deriva do facto de, graças à sua tradição, possuir os símbolos da mais antiga sabedoria. Acrescentamos que esta tradição e estes símbolos, interpretados e aplicados com critérios novos e verdadeiramente universais, a levariam a uma renovação radical e completa do seu espírito, do seu dogma e da sua organização. Agora, por si só, nunca decidirá.

Seu poder é suficiente para ela. Ela batiza, casa, enterra, faz política: do que mais ela precisa? Até que um movimento espiritualista independente de âmbito transcendental permeie o mundo secular, a Igreja não abandonará nem um pingo do seu dogma nem um artigo do seu poder.

Machine Translated by Google

Mas suponhamos que a classe mais alta do mundo secular, e, à sua frente, a Universidade, que é o cérebro pensante do mundo atual, pronuncie o seguinte discurso: «Infiel à sua missão, a Igreja não soube adaptar-se as verdades do mundo interior e do mundo divino às necessidades da humanidade moderna. Todos vós, líderes e dignitários da Igreja, falhais neste dever, apesar das virtudes admiráveis e das aspirações generosas de um grande número de sacerdotes pensadores e da fé fervorosa de milhares de almas simples que de vós esperam o pão da vida. Bem, aplicaremos essas verdades à ciência, à arte e à organização social, e assim demonstraremos a você, através de nossa religião secular, que podemos viver sem você." No dia em que um núcleo influente e autoritário falar desta forma e agir em conformidade, a Igreja, assustada e ameaçada no seu poder espiritual, será forçada a transformar-se de alto a baixo. Mas, até lá, sorrirá, desprezará e governará as almas inertes com dogmas secos.

Combater, por um lado, o ateísmo que se esconde sob a maioria das doutrinas universitárias como princípio de anemia e veneno mortal; realizar, em cada obra, a vida da Alma e a ciência do Espírito; — por outro lado, dissipar a intolerância e a dominação romana sobre a Igreja, para que a Igreja verdadeiramente universal possa ser estabelecida; este deveria ser o duplo programa e a acção unida de todos aqueles que pensam, que conhecem e que querem a salvação. A crescente desintegração de que a Europa actual nos oferece o espectáculo e que repercute de forma assustadora em França, tem como causa primordial este duelo entre Ciência e Religião, representado pela Universidade e pela Igreja - Luta feroz, com nenhuma saída possível, sendo os adversários de igual força; uma luta que se acende não só nas nossas instituições, mas, de forma diferente, em cada consciência, paralisando almas, efeminando personagens.

Quer queiramos ou não, caminhamos sempre sob o sinal de Moisés e de Cristo. Mas é tempo de expandir esta tradição através de uma nova síntese do Cristianismo e do Helenismo, ambos compreendidos nas suas profundezas esotéricas e nas suas aplicações vivas. Ora, isto só é possível com os princípios ontológicos, que, de uma forma ou de outra, foram as forças orientadoras de todos os profetas e de todos os inspirados.

Aqui está a Verdade que o século XIX que termina deve transmitir ao século XX, para que se levante armado e prossiga na conquista do futuro.

Esta grande obra é o segredo das gerações futuras. Minha tarefa era

Machine Translated by Google

apresentá-lo e convocá-lo, não realizá-lo. Se agora estou decidido a não falar aos meus jovens irmãos senão através do verbo da arte e através do véu transparente da poesia, com este livro presto direta e suprema homenagem à Luz, que me permitiu não desesperar, em tempos de desespero, e reviver a vida verdadeira, a vida completa, em tempos de dissolução e morte.

Eduardo Schuré.

Paris, março de 1898.

Machine Translated by Google

SANTUÁRI D'ORIENTE

LUXO EX ORIENTE!

(PRÓLOGO NO MAR)

A bordo do Sagalien. Final de dezembro de 1892.

Ex Oriente luxo! Quem então pronunciou primeiro esta frase evocativa de alvoradas e pensamentos?

Foi Gioacchino di Fiore, o visionário do século XII, quem leu o Evangelho de São Pedro. Giovanni, em seu convento na Calábria? Foi o cabalista Raymond Llull, debruçado sobre o texto hebraico do Zohar, no seu retiro na ilha de Maiorca? Foi o Pico della Mirandola, diante de um manuscrito de Homero ou Platão, nas serenas colinas de Florença? Quando surgiu esse grito que soa como apelo de cruzados, peregrinos ou sábios? Veio de um herói, de um sábio ou de um louco? Na verdade, não sei nada sobre isso. Mas involuntariamente repito-o também, enquanto os faróis eléctricos do porto de Marselha, verdes, vermelhos e brancos, giram e empalidecem no crepúsculo. Mais uma visão fugaz da alta colina de Notre Dame-de-la-Garde, da ilha e do Château d'If, e então esta faixa da França se afogará na neblina de dezembro. O coração aperta por um momento.

Um vento norte cortante sopra pela ponte. A embarcação inclina-se e rola majestosamente para o mar. Aqui estamos em mar aberto; todos descem para as cabines. Tudo o que podemos ver é a onda e o vasto horizonte líquido. Esta é a hora de reflexões austeras.

A luz vem do Oriente! Esta palavra contém múltiplos significados. É certo que o percurso geral da raça branca, que actualmente domina o globo, procede no sentido contrário a isto, ou seja, de leste para oeste. Durante três séculos, a civilização, cruzando o Atlântico, passou para a América. Mas a Europa continua a ser o cérebro da humanidade. E é precisamente neste cérebro febril e neurótico que se acendem as grandes lutas da consciência moderna e se elabora o futuro. A situação é grave nesta virada de século. A perturbação do pensamento corresponde a

Machine Translated by Google

mal-estar universal e nos encontramos às vésperas, se não de grandes cataclismos, pelo menos de dolorosas transformações sociais e religiosas. Contudo, nunca a solidariedade moral e espiritual da humanidade foi tão visível.

O pensamento não dá a volta ao mundo apenas fisicamente com o cabo submarino; uma espécie de vida comum foi estabelecida entre todos os povos e todos os continentes. O fluxo e refluxo do pensamento vai da Europa para a América e da América para a Europa. Desde que a humanidade branca, na sua jornada de avanço, deu a volta ao globo, descobrindo o Novo Mundo e redescobrindo a Ásia, a sua antiga mãe, do outro lado do Pacífico, teve uma ideia mais clara da sua missão, da sua missão cíclica. movimento e de sua unidade. A partir desse momento também sentiu saudades das suas origens e exclamou: Ex Oriente lux! Se Shelley deu o nome de Asia ao amante de seu Prometheus Unbound, não foi por ficção poética, mas por intuição. Sem saber, mas com paixão, procuramos neste berço das nossas raças, das nossas ciências e das nossas artes, da nossa civilização e da nossa religião, a chave dos nossos destinos. Pois definir com precisão a origem de uma coisa é determinar seu desenvolvimento e fim.

Este movimento do pensamento moderno de regresso às suas origens é ao mesmo tempo um instinto social e uma aspiração religiosa. Consciente ou inconscientemente, um não pode ser separado do outro. Socialmente, é um esforço do espírito pela unidade orgânica de toda a humanidade planetária. Religiosamente, esta invocação ao Oriente é um suspiro da alma rumo à unidade intelectual e espiritual, correspondente e condicionada à harmonia social, à síntese religiosa e filosófica, que não é possível senão com todos os elementos do passado e do presente.

E talvez por isso o lema: Ex Oriente lux! Volta-me à memória no início desta travessia que deverá conduzir-me à terra do Egipto. Ah, sem dúvida, os santuários do Oriente estiveram, durante séculos, alguns desertos, outros silenciosos! Se falaram ao longo do tempo e um por vez, isso aconteceu porque a concorrência da ciência e da vontade hierárquica facilitou a inspiração para os fiéis e crentes dos diferentes cultos. As verdadeiras revelações são apenas aquelas que vêm de dentro. Claro, acredito no além, no Invisível, no Espiritual. Acredito nisso filosoficamente, porque é o substrato, a razão e a alavanca do Universo; Acredito nisso psiquicamente, porque sem ela a alma permanece inexplicável tanto na sua essência como nos seus fenômenos. Este verbo do Espírito e da Verdade fala de diferentes maneiras ao artista, ao poeta, ao sábio e ao santo. Mas, tanto para eles como para a mais humilde criatura amorosa e pensante, ele fala apenas através do seu próprio caminho

Machine Translated by Google

sentido interior. E, no entanto, nem mesmo o genial loci dos latinos é uma palavra vã. Pedras quadradas, monumentos, símbolos imutáveis, raças que carregam o estigma religioso do passado e, sobretudo, esta alma difusa e fluida que respira as coisas e as harmoniza, não são todos auxiliares válidos para despertar este sentido interior? Por minha vez, e depois de muitos outros, gostaria de consultar os mais antigos santuários do mundo, de onde surgiram as Ideias Mães pelas quais a humanidade viveu e com as quais hoje devemos compor um novo todo, remontando o mais longe possível. , tão necessário nas grandes crises, na origem da verdade eterna. Talvez, a partir destes santuários, reconstruídos com uma visão mais clara, possamos, como que a partir de observadores bem situados, lançar um olhar mais amplo e claro sobre o mundo atual do Oriente e do Ocidente. Mas, nesta corrida, não vamos antecipar julgamentos; confiemos-nos ao gênio do momento e, sem perder de vista o propósito, abandonemos-nos à onda de novas impressões...

Na madrugada cinzenta contornámos a Córsega invernal, barricada de rochas, angular e selvagem, com os seus ombros de aço e os seus picos nevados, a ilha da vingança e de Napoleão. Na manhã seguinte, entre as ilhas de Lipari e Stromboli, sopra o primeiro vento leste. O ar ficou quente e acariciante. O mar se acalmou; as pequenas ondas adquiriram a cor índigo iridescente da garganta do pombo. Aproximamo-nos da ilha soberana que constitui o pivô da grande bacia do Mediterrâneo, o centro da erupção vulcânica e o centro da evolução civilizatória. Uma vez que esta ilha foi a primeira ligação entre a Grécia e a Itália e o primeiro foco do renascimento sob Frederico II. A rica, independente, audaciosa Sicília já se desenha no horizonte, em trechos arrojados e escuros, sob raias de nuvens sulfurosas. Uma paisagem à Salvator Rosa: linhas sobre linhas, vales sobre vales, formas vulcânicas e atormentadas; tudo dominado por uma alta montanha, o contraforte norte do Etna. Suas laterais de lava estão cobertas de neve e parecem geleiras. Do fundo dos abismos negros surgem funis brancos que prateiam ao sol, semelhantes a cabelos ondulantes, e acabam se confundindo com o rastro aéreo das nuvens espumosas, a coroa da Bacante que o vento do mar aberto apodera-se. É atraente e fantástica, escura e luminosa, sorridente e ameaçadora ao mesmo tempo, esta distante Sicília, vista passando do navio voador. Imagem sumária da terra fértil e terrível no seu ímpeto ardente e no seu nascimento prodigioso, mãe do idílio e protetora do amor fácil, frequentada por Afrodite e as Musas, mas também querida pelas deusas subterrâneas, Deméter e Perséfone. Suas praias viram o nascimento de Teócrito e a morte do grande exilado Ésquilo. Finalmente, foi a pátria do misterioso Empédocles, poeta, filósofo, engenheiro e físico, que reinou sobre Agrigento e que a lenda, talvez por ser grande demais para a história, precipitou

Machine Translated by Google

no Etna. É a ilha dos Titãs e de natureza titânica, onde o Etna nasce em crateras de fogo, onde a terra e o céu se encontram num beijo poderoso.

Voltando-me para esta terra grega que me é tão querida e que gostaria de tocar, pensei muito na antiga Sicília e o barco moveu-se tão rapidamente que só pude avistar o encantador Estreito de Messina, o gracioso Cabo Faro com as suas águas cristalinas casas e seu forte, quase até a costa da Itália. Um barco à vela, vindo de Reggio com apenas um passageiro, quase colide com o nosso vapor e, como uma gaivota, balança no seu rastro.

A ponta da bota italiana é áspera e montanhosa. Porém, diante da rival, ela se enfeita com coqueteria. Seus desfiladeiros e ravinas empurram suas cidades como seixos brancos até a beira das ondas. Todos parecem querer mergulhar os pés neste mar lindo, amigo e familiar, em busca da vida, da luz e da alegria, e olhar com curiosidade, e não sem inveja, a opulenta e orgulhosa Sicília, e Messina, deitada como um grande senhora indolente entre suas florestas de laranjeiras. Vamos navegar pelo outro lado do triângulo. Quatro ou cinco peças se perdem como rendas finas, como lenços diáfanos, na névoa dourada da noite. Como a Sicília já está em fuga; Longe vão suas cidades sob a vegetação exuberante. Agora apenas o Etna delineia o seu grande triângulo no horizonte com a grande linha que sobe de Catânia até à ponta do cone.

Como uma águia roxa profunda, uma nuvem balança acima dela. A fumaça do vulcão forma uma grande pluma horizontal em seu cume que se estende indefinidamente à luz laranja do pôr do sol. Adeus, Grécia e Europa!

Vamos da popa à proa e viramos para Leste. Já a embarcação, lançada no vasto Mar Jônico, segue em direção ao Egito, e a lua crescente surge em um céu opala.

Diz-se que não conhecemos uma mulher se não a vimos irritar-se; você não conhece o Mar Jônico se não experimentou uma de suas belas fúrias. A deusa Anfitrite rendeu-se ao meu desejo secreto. Ela permaneceu completamente feminina desde a época de Ulisses. O sorriso de Circe não era um bom presságio. Durante toda a noite o vapor se agitou. Esta manhã, grandes sulcos azul-escuros margeiam suas laterais e logo todo o mar selvagem ferve como chumbo derretido. Ao meio-dia as ondas aumentam, o vento sopra nos mastros; as ondas varrem o casco. Nesta tempestade, parece que vemos todos os monstros do conto de fadas se contorcerem e ouvirmos rugir: Caríbdis e Cila, a Górgona e a Quimera.

Machine Translated by Google

Ao anoitecer, as ondas se transformaram em verdadeiras montanhas cujos picos ultrapassam as laterais do navio e o borrifam com água. Avistam-se quatro ou cinco ondas, uma após a outra, avançando contra a proa, fortalezas móveis com ameias de espuma desabando sobre o convés. Por baixo de todo o barulho, ressoa uma nota grave fundamental: o estrondo do abismo crescente. Tarde da noite agora; na escuridão nada mais que uma contínua trepidação da água e do ar, um único rugido do céu e do mar misturado na grande caldeira. Ao longe, o oceano está escuro como breu. Ao longo da borda do navio, montanhas de espuma passam sibilando com relâmpagos. Seu jato rodopiante atinge o tombadilho do capitão e as gaiolas do mastro principal. O enorme vaporizador dança como um burchiello. Já não é o sopro de um mar ou de um continente, mas a alma convulsiva de toda a terra que pode ser respirada profundamente no furacão.

Majestosa é a embarcação, que empina, mergulha e empina novamente, mas continua calma na tempestade. A campainha do oficial toca com clareza e parece a voz do átomo consciente entre os elementos desencadeados. Equipada com sua bússola interior, a alma também não persegue uma meta misteriosa na vida terrena?

Aqui estou eu, encolhido em minha cabine. Mas o rolar das correntes, o barulho infernal da máquina, o bater acelerado da hélice, me impedem de dormir. Abri meu Homero ao acaso e compreendi o naufrágio de Ulisses: «Um grande jorro, precipitando-se em sua direção, aterrorizante, virou a jangada». O sábio Odisseu, que desafiou os feitiços de Circe e de todos os monstros marinhos, está prestes a morrer. Mas, fosforescente de brancura, com uma estrela na testa, a deusa Leucothea emerge do abismo: «Pegue este pequeno curativo imortal, espalhe-o no peito e não tema mais a dor ou a morte. Quando você chegar à costa, você o jogará no mar escuro, virando o rosto." Quantos viajantes, nos tempos do antigo Egipto, vieram, depois dos naufrágios da vida, procurar nas margens do Nilo "a pequena ligadura imortal" que Ulisses recebe das mãos da filha de Cadmo! Eles encontraram? Os sábios de Alexandria sustentavam que apenas Orfeu e Pitágoras tiveram tal destino. A ciência contemporânea nega a existência do primeiro e deu as costas ao segundo. No entanto, um criou o Olimpo e o outro a filosofia. Felizes aqueles que conseguem dar tal prova da sua existência! Mas foram poucos os que fizeram Ísis falar; quantas vezes permaneceu em silêncio! Quem se importa? Procuremos sempre.

A tempestade acalmou-se além de Candia e, na quinta manhã, acordamos diante de uma costa plana, velada por um leve farfalhar de água. Abaixo disso

Machine Translated by Google

véu diáfano, por onde já passa o sol do Egito, surge uma cidade branca em molde oriental: Alexandria.

Machine Translated by Google

EGITO MUÇULMANO

CAIRO E SUAS MESQUITAS

Allah Akbar. (Alcorão)

Cairo e seus bazares. Ghawazzi.

Música noturna.

Antes de penetrar no mundo egípcio antigo, é essencial olhar para o mundo muçulmano que constitui o seu actual limiar e ornamento vivo. O primeiro plano da pintura deve ser necessariamente este.
Por outro lado, desde tempos imemoriais, os semitas e todas as raças errantes do deserto constituem a substância étnica na qual se moldam os fenómenos históricos e religiosos do Oriente. Com este pó humano os conquistadores moldaram as religiões dos povos e dos profetas.

A estrada ferroviária que vai de Alexandria ao Cairo divide o Lago Mareotide em duas partes, uma vasta lagoa que reflete os voos das aves aquáticas; penetra então num mar de culturas verdes, atravessado por canais intermináveis e povoado por aldeias fellah construídas em barro e amontoadas como formigueiros. Atravessando uma ponte de ferro você pode dominar brevemente o Nilo com suas margens evanescentes. Alguns dahabié dormem entre os juncos, como um desfile de cisnes. Depois, novamente, a imensidão do Delta com a sua vegetação verdejante. De vez em quando, uma procissão de felás, burros e camelos paira sobre as barragens até onde a vista alcança. Depois de cerca de três horas você vê uma floresta de cúpulas e minaretes dominada pela cidadela com a cadeia árabe ao fundo: é o Cairo.

Apesar da vastidão, riqueza e elegância do bairro europeu, onde se desembarca, a impressão imediata produzida pela capital egípcia, pelos seus habitantes e pelo seu movimento, é a de uma Babel africana, de um pandemónio da vida muçulmana. O olhar fica deslumbrado com um formigamento de fezzes vermelhos, turbantes azuis, verdes, brancos e amarelos, caftans e cuifièhs multicoloridos. A audiência é prejudicada por uma mistura chocante de todas as línguas da Europa, África e Ásia.

Machine Translated by Google

Que vertigem de sons e cores! Que variedade de canetas e linguagens humanas! É como entrar num aviário tropical. Entre todos estes gritos, toda esta conversa, todo este burburinho, dominam as notas ásperas e guturais do árabe, esta língua antiga do deserto, bárbara e refinada ao mesmo tempo, cujas vogais têm rugidos de leão e as consoantes se chocam com o tilintar das lâminas ou tremor de instrumentos de cordas. Uma larga avenida arborizada leva ao centro do bairro franco, no parque Ezbekièh. Este jardim, de esplendor tropical, parece recordar a fantasia de um califa, com os seus plátanos e mimosas gigantescas, que reflectem a sua folhagem encantadora num lago preguiçoso, junto a árvores da Índia com ramos caindo como tranças. Aqui estamos no coração do novo Cairo e da colónia europeia que, com a indústria e o trabalho, deu ao país uma nova existência. No entanto, aparentemente, ao ver os habitantes fervilhando nestas largas ruas de paralelepípedos e empoeiradas, a onda da vida muçulmana submerge esta fina camada da vida ocidental. Aqui, inevitavelmente, o Europeu torna-se orientalizado. Cada fachada do hotel é precedida por um toldo multicolorido, diante do qual desfila um grupo de Rastaquouères e americanos.

Eles observam com espanto durante dias inteiros o fluxo de transeuntes em uma felicidade que lembra o kief. O estrangeiro que se lança nesta torrente começa por ser submerso num vórtice de raças. Em poucos minutos ele verá passarem abissínios de alta estatura, vestidos de branco, com feições finas e majestosas; Núbios cor de café, com lábios grossos e sensuais; cara, de camisa
azul,

animado e zombeteiro; Armênios, com turbantes pretos, tão sérios quanto monges; belos sírios esbeltos, com grandes olhos brilhantes; Persas aristocráticos e desdenhosos; Rostos escuros; Judeus com olhar humilde e penetrante; árabes orgulhosos e beduínos esfarrapados. Se ele parar, se parecer hesitar, mesmo que por um instante, será vítima de um enxame de insetos humanos. Num piscar de olhos estará rodeado por uma dezena de intérpretes, vestidos de seda e ouro como paxás, que o atacarão em seis línguas com gestos magníficos. Ao mesmo tempo, uma dezena de condutores de burros correrão em sua direção com seus animais e com aquelas caras muito graciosas e impertinentes, enquanto ele se sentirá gentilmente levado pelos pés por pequenos engraxates, negros com rostos de macaco e festivos e sorrisos alegres.

zombando.

E o rio humano, o carnaval policromado, sempre corre para Ezbekièh. Um bando de levantinos galopa em lindos burros! pêlo brilhante. As carruagens são puxadas por magníficos cavalos árabes que pisam sob o chicote dos cocheiros mouros.

Machine Translated by Google

Às vezes, no seu cavalo berbere, passa um paxá, magro e triste como uma múmia, vestido com o seu sobretudo cinzento Nizam. Então, passa o harém de algum grande personagem, seguindo em carros diferentes. As princesas, à moda turca, veladas em musselina branca, que muitas vezes deixa transparecer os seus traços lânguidos como num espelho nublado, deixam os seus grandes olhos como gazelas espantadas vaguearem curiosos pela multidão e as suas pupilas vibrarem com desejos vagos. Parece que aquelas camélias delicadas e opulentas, tendo saído por um instante da sua estufa quente, respiram avidamente os ventos do ar livre.

As carruagens do harém são seguidas por dois eunucos a cavalo, com rostos negros de forca, e precedidos a dez passos por dois sais. Esses esplêndidos corredores abissínios têm as pernas nuas, o torso fechado por uma jaqueta bordada, que brilha como uma armadura dourada. Com seus peitorais ao vento, eles balançam suas varas enquanto emitem gritos estridentes. Mangas largas de brancura nevada ondulam sobre seus ombros e os fazem parecer besouros brilhantes ou gênios alados que mal tocam o chão. E girando e girando, em um longo tremor, a multidão de afro-americanos, felás e cavaleiros se afasta, como se a carruagem da voluptuosidade, do poder e do esplendor terreno tivesse passado em uma nuvem de poeira.

Mas tudo isto nada mais é do que o retrocesso da vida muçulmana misturada com a onda europeia. Penetrando no bairro árabe, você se encontra em seu verdadeiro ponto de ebulição.
Na estreita Via del Musici, um emaranhado inextricável de homens, cavaleiros, camelos e burros treme e se entrelaça. Os chicotes dos cocheiros estalam, as moedas dos cambistas tilintam, o grito das cafeteiras itinerantes responde ao dos vendedores de narguilé, os vendedores de limão se chocam com as cozinhas itinerantes, os turbantes verdes colidem, insultando-se, com os turbantes amarelos.
Bebemos, comemos, compramos, vendemos. Nessa multidão, mulheres envoltas em barko preto e habara de seda disparam como morcegos, sem que ninguém pareça notar.

Os pobres felás carregam seus filhos nos ombros. Os cães latem, os burros zuram, os camelos grunhem, os homens gritam e, maravilhosamente, cada um encontra o seu caminho sem ferir o vizinho. Esta massa humana assemelha-se a um polvo monstruoso, de cada tentáculo do qual emerge uma cabeça e cujas fibras latejam numa sensação convulsiva. A centelha da vida moral vem aqui do mais baixo grau de miséria humana. Os aleijados e os cegos tentam despertar piedade com apóstrofos verdadeiramente comoventes: Anà déf Allah wan nebi, "Eu sou o convidado de Deus e do Profeta"; e parece difícil responder com a frase evasiva dos avarentos: Allah y! para peitos! " Deus te ajude! ", Em vez de

Machine Translated by Google

para estender o prato desejado para eles.

Deixemo-nos empurrar pela torrente para as entranhas da cidade africana, para o labirinto dos bazares. Entre os vãos das esteiras estendidas entre os telhados, uma luz sombria penetra nas ruas sinuosas, ladeadas por lojinhas que transbordam todo o luxo do Oriente. Aqui, lojas de departamentos com móveis esculpidos e incrustados de madrepérola tremeluzem sob luz branca; há peças de cobre trabalhadas com brilho, bandejas, vasos, ânforas; inúmeras lâmpadas, enormes, em bronze trabalhado e perfurado, pendem do teto como nos beirais das mesquitas; os queimadores de incenso parecem minaretes evocando um sonho da Alhambra, enquanto os trabalhadores trabalham nos fundos das oficinas e centenas de martelos batem no metal. Os comerciantes de tapetes são os grandes anfitriões e recebem-no com uma cortesia cheia de dignidade nas suas grandes salas de sofás, repletas das maravilhas de Esmirna, Pérsia e Caxemira. Continue o seu passeio, deslumbrado e perturbado por toda aquela fantasmagoria da arte decorativa. Aqui estão as lãs empilhadas e as sedas espalhadas. No beco, os comerciantes desenrolam lenços tentadores diante dos seus olhos. Um olhar para o comerciante ou para a mercadoria e você fica perdido: eles fecham sua passagem, te cobrem e enfeitam com suas riquezas, com olhares sedutores e sorrisos de admiração, enquanto um moleque, vindo sabe-se lá de onde, te presenteia com uma xícara bem quente do mais requintado café árabe. Se você não for um caipira, você comprará a dúzia. Sob os tarbusch e os turbantes de todos aqueles comerciantes, preguiçosamente agachados na penumbra de suas lojas, há olhos que te espiam como uma presa: você é o

voar passando por todas aquelas teias de aranha. Você passa por montanhas de selas árabes, pórticos de chinelos dos formatos mais extravagantes. Às vezes, em uma pilha imunda de antiguidades, sedas preciosas se misturam com trapos ignóbeis e gravuras parisienses de 1830 ficam mofadas em ícones bizantinos. Sob o brilho sombrio de troféus, rifles, adagas, lâminas incrustadas de pedras preciosas, esboça-se uma visão rápida da epopéia sarracena; sob o farfalhar de rendas, zibelinas, penas de avestruz, o hálito quente do harém toca sua bochecha. Depois, ondas de perfume sufocam você: almíscar, sândalo, benjoim e gengibre. E o comerciante gritará: «Flores de Litrea! perfumes do paraíso!». E o comerciante em frente mostrará uma garrafa de óleo de rosa dizendo: «A rosa era um espinho e floresceu do suor do Profeta! ». E entre os vendedores de fruta próximos haverá uma continuação destas alegres metáforas e ofertas tentadoras: «Laranjas doces como mel! — Os melões consolam os aflitos! — O Senhor iluminará os cestos! ».

Machine Translated by Google

Afinal, maneira deliciosa e inocente de entender o comércio entre um povo eternamente infantil! Para o europeu, o comércio é um cálculo frio, uma especulação sábia, o lucro grosseiro de cada dia. Para o oriental, especialmente para o árabe, é, a princípio, uma preguiça contemplativa; é também uma aventura, um jogo de astúcia e surpresa, ilustrado com um conto das Mil e Uma Noites. Sem dúvida, ele tentará explorar seu cliente tanto quanto possível e enganará inacreditavelmente o comprador ingênuo e entusiasmado. Mas você não leva em conta o esforço dele, a eloquência dele e a ilusão que ele te deu? O comerciante de tapetes que, ao longo de uma tarde, terá espalhado meio armazém à sua frente e lhe terá vendido papéis de parede milagrosos da Índia ou da Pérsia, que talvez venham de Paris, já não o terá levado numa viagem desde Caxemira para Teerã e terá fornecido, diante de seus olhos, palácios dignos de serem iluminados pela lâmpada de Aladim. Tudo isso não é nada? E aquele perfumista, que lhe vendeu essência de rosa ou jasmim num frasco com listras douradas e seu peso em ouro, evocou, no decorrer de uma hora, do fundo daquele espelho persa emoldurado com pinturas elegantes, todo o 'harém de Mehemet'. -Todos.

Finalmente, o joalheiro que vendeu um suposto diamante Golconda ou um rubi Giamschid por um preço tão alto a uma mulher turca convenceu-a de que tinha uma virtude mágica; mas, ao influenciá-la, ele deu-lhe fé; e o diamante atrairá e o rubi queimará. Os negócios, a política, as paixões humanas, toda a vida material, se não fosse transfigurada pela consciência da alma e pela sua meta divina, seria alguma vez outra coisa senão um sonho, uma ilusão e um engano? Nos bazares do Cairo tem-se a sensação exacerbada desta enganosa miragem do grande Maio dos sentidos. Portanto, sai-se com uma espécie de vertigem e melancolia, quando se tem a infelicidade de não ser nem economista nem colecionador apaixonado de bugigangas.

Mas, do alto de um minarete, a voz estridente de um muezim pedindo a oração da noite cai neste formigueiro humano; o sol poente doura o musciarabì das casas mouriscas, cujo silêncio onírico paira como uma sesta perpétua sobre o barulho da rua: os bazares fecham abruptamente, a noite cai e logo a cidade do comércio se transforma numa cidade do prazer. Nas vielas, os pequenos cafés árabes iluminam as lanternas e lanternas venezianas vermelhas e amarelas: vozes nasais modulam a sua alegria em tom menor, numa bizarra sucessão de semitons: gamas de flautas vibram pelo ar, acompanhadas pelo estrondo do tarabuk. Nas avenidas de acácias dos passeios de Mehemet-Ali e de Ezbekièh ressoa o galope incessante de burros montados por europeus ou orientais, que regressam dos seus negócios ou vão a alguma festa. As feras galopam, incitadas pelos condutores de burros que as seguem com o grito repetido de: Ha! tem! Até parece

Machine Translated by Google

eles correram para o sábado.

Atraído por uma música estranha, entrei acidentalmente num café, localizado no final de uma rua escura, à beira do bairro muçulmano. No final da sala há uma mesa toscamente decorada com tapetes e tecidos. Quatro ou cinco dançarinos estão sentados num sofá. A orquestra é composta por um tarabuk, vaso de barro revestido de couro em forma de tambor, um violão, um bandolim e um cantor. As marteladas monótonas do tarabuk constituem o baixo fundamental desta orquestra selvagem. Quando o bandolim dedilha um pouco nas cordas um motivo árabe, a voz gemente do cantor canta-o por sua vez, e o mesmo motivo é repetido freneticamente até que uma nova melodia comece. A música turca foi definida como "crises de alegria comovente".

As canções árabes são por vezes um devaneio lânguido embalado nos enrolamentos de semitons sucessivos: essas melodias menores oscilam eternamente incertas entre a alegria e a melancolia. Mas, quando se trata de motivos de dança como agora, lembramo-nos da definição de música turca. São semi-shorts furiosos com quartos de tons de selvageria refinada. Parece um desejo exasperado que vagueia como um esquilo em sua gaiola ou como um maldito em sua prisão de carne. Tem-se a impressão do transporte da raiva para a passividade.

Mas aqui está um ritmo barulhento de três batidas, imperioso e ofegante como a pulsação de uma pessoa febril. E, na prancha, avançava o ghawazzi ou dançarino, imitando a autêntica dança africana conhecida entre nós com um nome desagradável e demasiado significativo. Na Europa mal podemos ver atenuações ou deformações dela que não a tornem menos suja ou mais moral. Balada no cenário original, ilumina seu verdadeiro significado; torna-se o fenômeno patológico de uma raça decadente, a imagem revoltante de uma espécie de deslocamento da figura humana que ocorre quando o instinto a domina. A dançarina está vestida com um jelik bordado, coberto por placas de metal, que fazem de seus seios uma espécie de armadura. A saia é listrada com largas faixas verticais amarelas em forma de folha de cacto. Seus calcanhares batem no chão no ritmo do tilintar das cascavéis de cobre que ela balança com os braços curvados. Ela está de pé; mas, estranhamente, as três partes do corpo, a cabeça, o peito e os quadris, só são acionadas sucessivamente e separadamente. Em primeiro lugar, a cabeça se move horizontalmente e automaticamente da direita para a esquerda e da esquerda para a direita, como a cabeça de uma cobra que desperta. Então, os seios ganham vida com o mesmo movimento vibratório sem a participação do resto do corpo. Finalmente eu

Machine Translated by Google

os quadris começam a se mexer por conta própria. Depois é uma variedade inexprimível e experiente de oscilações e movimentos circulares dos quadris e dos rins, que a cabeça da dançarina testemunha em imobilidade gelada. Parece que toda a consciência passou para os músculos inferiores do corpo para realizar essa ginástica maluca.

Pensemos nos versos de Martial sobre a dança das filhas de Gade: Vibrabunt sine fine prurientes lascivos docili tremore lombos.

Depois, a vertigem intensa sobe dos quadris até a cabeça e desce da cabeça até os quadris, tornando-se mais pesada e cada vez mais precipitada. Às vezes, alguns espectadores árabes se levantam, jogam a cabeça para trás e pronunciam um formidável Hà! de admiração, então, gravemente, ele se senta novamente. Finalmente a ghawazzi, exausta, abranda os seus movimentos. Na sua mímica, o cansaço parece suceder à violência das sensações. Ele leva a mão à cabeça, que se curva ligeiramente. É o escravo quem pede graça ao senhor. Mas o público grita:
Ainda! Ainda!

Senti espanto misturado com pena diante daquela desintegração da figura humana devido ao retorno voluntário à animalidade. Ó Terpsícore, pensei, musa sagrada da euritmia e da beleza viva, quantas foram as tuas aventuras no mundo!
Os homens foram capazes de deturpá-lo e degradá-lo a esse ponto? Não estou falando de como vocês eram em alguns santuários egípcios, gregos e hindus, onde conseguiam levá-los à expressão dos sentimentos mais sublimes através de uma espécie de êxtase religioso e de uma arte agora perdida; Só penso no que você é na sua manifestação espontânea, na sua alegria séria ou violenta, tanto entre os povos nômades ou aldeões, como entre o esplendor inteligente das civilizações avançadas. Pobre almèe, o que você se tornou? Não assim, tenho certeza, você dançou na frente dos Ramsés ou dos Saladinos.
As dançarinas reproduzidas nas tumbas egípcias têm a graça das libélulas; a mesma beduína moderna, que dança para sua tribo, tem uma graça selvagem em seus movimentos serpentinos que está longe dessa brutalidade fria e consciente. A dança é naturalmente no homem uma explosão de alegria para todo o ser, que arrasta os sentidos para o espírito e os idealiza: esta é a sua razão de ser estética, é nisso que pode tornar-se o seu poder educativo.
A mais apaixonante das danças espanholas reproduz sempre um movimento da alma.
A Bacante das antigas ânforas vibra em êxtase orgiástico, mas todo o seu corpo nada na embriaguez do universo e sua torção é uma aspiração dolorosa do espírito em direção ao deus. Na dança africana degenerada, assistimos, pelo contrário, a uma ilustração coreográfica

Machine Translated by Google

do instinto bestial, a uma absorção do espírito na matéria. É uma lei inexorável: quando o homem faz da arte cúmplice da sua animalidade, perverte e destrói a própria noção de arte, mutila e destrói a sua própria pessoa.

Não tinha conseguido superar a combinação de medo e revolta que a profanação do ser humano sempre nos causa, quando percebi que um velho singular tinha vindo sentar-se ao meu lado numa pequena mesa. Usava uma dalmática surrada, debruada com pelo rosa carcomido, as costas curvadas como as de um centenário, o corpo velho e magro era coberto por uma túnica de seda iridescente com indescritíveis rosas e verdes. Um grande gorro de pele cobria sua cabeça. Seu rosto estava fantasmagoricamente pálido e marcado por uma infinidade de rugas. O nariz protuberante e interminável terminava abruptamente em ponta e mergulhava como um sonar num livrinho encadernado em pele de carneiro. Ele leu através de óculos colocados na metade do nariz. Os lábios finos murmuraram sílabas hebraicas, e estas três palavras bizarras atingiram meu ouvido: Nefesch...

Ruach... Nesciamah... Então, com um olhar brusco e oblíquo para a mesa, articulou em voz baixa: Lilith!... Lilith!... Pareceu-me reconhecer um antigo rabino que havia tropeçado naquele muçulmano. ambiente e senti uma súbita atração pela prodigiosa solidão daquela ruína humana, na qual ainda havia um farfalhar de pensamentos, como folhas mortas.

Rabino, eu disse a ele, você é certamente um professor sábio. O que você acha dessa dança?

Ele não pareceu me ouvir e continuou o estrondo monótono de seu monólogo interno.
Eu adicionei:

Eu sou cristão e você é filho de Israel. Não existe um vínculo maior entre os filhos de Moisés e os do Profeta de Nazaré do que entre nós e os filhos de Ismael que nos cercam?

Ele pareceu ter entendido, porque baixou a cabeça e, sem mudar de atitude, com o rosto ainda imerso no livrinho, deixou escapar num vernáculo misto de línguas diferentes:

Não, sem laços – todos separados – os filhos de Sem – para sempre – todos estrangeiros, os filhos de Adão – que deveriam ser a imagem do Adão celestial. - Oh sim ! - maldição do ódio e dos crimes antigos de todos - sobretudo dos vossos, que se dizem discípulos do Messias. Quando eu

Machine Translated by Google

Quando entrei, alguns norte-africanos me disseram: Judeu maldito! — Se não tivessem medo dos soldados vermelhos dos ingleses e dos zaptiés do quediva, diriam: Seu cachorro de cristão! Mas, olhe com atenção - o seu castigo, o castigo de todos, aqui está! -

Seu lábio provocativo se contraiu sarcasticamente. Ele ergueu os óculos até a testa larga e enrugada. Seus olhinhos, com reflexos de vidro quebrado, brilharam e seu dedo magro e quase transparente me mostrou uma nova dançarina que, ao som da música infernal, começava a torcer a cabeça nas vértebras como uma cobra apaixonada. E o velho, que naquele momento não estava privado de certa majestade, continuou com voz trêmula:

— Sim, é castigo! — Olhem para ela com atenção, os ghawazzi. —Você vê como a cabeça, o peito e o corpo se movem, cada um por si, como os fragmentos de uma cobra dividida em três? - Você não vê isso? — Eis: Neshamah, o espírito divino que habita na cabeça e que desce dos sete tabernáculos do Ancião dos dias — já não vive naquele olhar fixo e vazio que arde sem iluminar. O filho do Rei está morto, ele está realmente morto! - Olhe novamente; Ruach, a Alma humana, filha da Rainha do mundo, que habita no coração - assusta, tenta viver, mas não consegue; – ambos tremem como cadáveres galvanizados. — E agora olhe para Nefesch, a Alma animal que habita na parte inferior do corpo — aquela está viva, devorou as outras duas, ela se enfurece nos lombos da serva de Satanás. — E quando a alma humana também estiver morta, a serva de Satanás, por sua vez, se tornará uma serpente. — Isto é o que a Eva divina se tornou em suas mãos. Você fez dela Lilith! — É a imagem da sua vida: você matou o espírito com matéria inferior. —Sua alma cega e surda luta entre os dois como um morcego!

Não ouvi mais os devaneios bizarros do velho talmudista e olhei para a dançarina. Estava tremendo mais violentamente que o primeiro. A vida inferior selvagem ascendeu; seus cachos estavam desgrenhados na testa; os olhos lançam uma chama escura; o corpo parecia querer se deslocar. Será que aquele rabino macabro me alucinara? Minha visão ficou perturbada: pensei ter visto uma imensa borboleta amarela esvoaçando contra as tapeçarias vermelhas, depois uma cabeça desgrenhada desaparecendo no teto como se tivesse sido puxada por uma corda. No lugar da dançarina desaparecida, uma serpente monstruosa se contorcia nas tábuas do piso como uma cobra estimulada pelo cajado do feiticeiro.

Não sei quanto tempo durou essa ilusão maluca. De repente, a música parou com uma discórdia horrível. Tive um leve choque e recuperei os sentidos

Machine Translated by Google

minha visão habitual. A dançarina sentou-se novamente com perfeita indiferença. Meu primeiro sentimento foi um acesso de raiva contra o rabino travesso. Com que estranho poder ele me iludiu? Virei-me ansiosamente para perguntar-lhe o motivo e arrancar-lhe seu curioso livrinho de magia: qual não foi meu espanto quando vi que ele havia desaparecido tão silenciosamente quanto havia entrado! No lugar onde o extraordinário velho estava encostado, não havia nada além de sua xícara de café.
Saí imediatamente da sala. No final do beco escuro, uma forma amarelada cambaleou. Figuras mouriscas deitavam-se em frente às lojas de onde saíam os rolos de pandeiros. Mulheres veladas agitavam lanternas nas janelas. Corri atrás do meu rabino, sem prestar atenção aos insultos, às piadas e aos convites bizarros que me perseguiam. Mas era impossível para mim compreendê-lo novamente. Cheguei à avenida. Numa esquina, à luz de um poste de luz, pensei ver ainda a borda da sua dalmática - e isso foi tudo.

Quando voltei para casa – na rua Wagh-el-Birket – encontrei minha varanda iluminada por um magnífico luar que irradiava do zênite. Nos terraços das casas próximas, os jardins suspensos abriam-se com arbustos e palmeiras leves, e vagos perfumes exalavam daqueles imensos incensários sob o encanto lunar. A alma virgem das plantas ergueu-se no ar noturno acima da cidade impura.
Naquela altura tudo era paz, luz, doce magia.

Mas no fundo da estrada continuavam as vozes tumultuosas, o pisoteio dos burros e os latidos dos cães excitados pela cadência do tarabuk e pela carícia das flautas. Escutei todos aqueles sons por mais um momento, depois deitei e adormeci. Quando abri os olhos novamente, já era tarde da noite. A lua cheia, atravessando as grandes janelas, inundou a sala com uma luz prateada. Fui acordado por músicas novas e surpreendentes. Chega de música muçulmana: melodias mais amplas ressoavam no silêncio da noite. Eram sotaques apaixonados, angústias de amor entoadas por soberbas vozes masculinas. Com aqueles lindos melopes, Hope, despertada pela Dor, ergueu-se no ar calmo e pairou como se tivesse asas imensas. Dir-se-ia que era uma segunda alma da cidade, uma consciência mais pura que emerge do seu sono profundo. Então, muito, muito longe, passou um coro de armênios, de harmonia desconhecida e quase sagrada, relembrando os costumes antigos.

Estendeu-se em notas cristalinas, em longos acordes de alegria satisfeita, masculina e impessoal, como uma canção de sábios caminhando calmamente em direção à Estrela da Verdade.

Eloquência singular das canções que nos chegam pela noite! O homem, arrastado o dia todo e perdido na corrente lamacenta da onda social, recolhe e

Machine Translated by Google

recupera-se na escuridão. Então, às vezes, sua alma profunda escapa de seus lábios em uma melodia, enquanto sua lógica acre e seu grito anterior falavam apenas de seu ser superficial. Bendita seja você, Polimnia, Musa de muitas canções, que nos restitui a nós mesmos e nos prova que somos outra coisa que nossos instintos cegos e nossas vãs aparências!

Muito mais do que as cenas obscuras do dia, aquelas músicas e vozes noturnas me contaram o espírito oculto da grande cidade árabe, onde todas as raças da África fermentam em confusão, mas que, sob as inspirações vindas do Oriente e do Ocidente, está trabalhando para moldar uma nova alma.

As tumbas dos califas. A conquista árabe.

« Estou cansado da cidade dos vivos: vamos ver a cidade dos mortos! » disse a mim mesmo num desses radiantes meio-dias de janeiro que inundam as ruas brancas do Cairo com um rio de luz amarela fluindo do azul imaculado. Ligo para meu condutor de burros, Hassan, um jovem de vinte anos. Com as pernas nuas, ele não usa outra roupa além da camisa azul e do turbante branco. Mas quão inteligente e astuta é a sua fisionomia! Afinal, ágil, prestativo, atraente.
Seu perfil egípcio parece ser modelado nas figuras pintadas no túmulo de Ti em Memphis; mas quão mais viva e alegre é a sua expressão! Seus olhos brilham, seus dentes sorriem. Grito para ele: Ao túmulo dos Califas! e ele responde: Taib! o que significa simultaneamente: Sim, às suas ordens, tudo bem! Um minuto depois, o lindo burro branco, com sua capa e sela vermelha, balança na frente da porta. E lá estávamos nós, a todo vapor, pelo bairro muçulmano. O cara corre atrás, dirigindo algumas palavras em árabe ao burro e migalhas de francês e inglês ao viajante. Quem ainda não utilizou este meio de transporte no Cairo não conhece o encanto inesquecível desta cidade.

Eles passam por ruas altas e estreitas, à sombra do musciarabì, atrás dos quais as mulheres podem ver sem serem vistas, leves máscaras de harém fixadas no transeunte. As ruas dos ricos são solitárias, ladeadas por longos muros nus, onde por vezes pequenas portas em arco dão acesso a jardins frescos. Depois de meia hora você chega ao bairro pobre: lá você pode ver o formigueiro humano fervilhando. Toda a população, homens e mulheres, aglomera-se em frente às miseráveis lojinhas. Árabes, berberes e magrebinos comem, lavam-se e fazem a barba na rua. Pirâmides de abóboras, laranjas e melancias desabam no chão; multidões de crianças nuas ou cobertas com trapos sórdidos rolam rindo na lama negra que se eleva acima de suas cabeças em pó com reflexos dourados. Diante dos açougueiros, os cães magros e errantes, de pelagem amarela e cabeça de chacal, lambem

Machine Translated by Google

Eu escondo as poças de sangue. Acima, fileiras de falcões atentos circulam no céu.
Às vezes, um deles, rápido como um raio, desce sobre o balcão e agarra um pedaço vermelho de carne crua com as garras. O açougueiro, fumando seu narguilé, não diz nada. É um presente dado a um irmão: Allah dará a recompensa!

Finalmente chegamos ao portão "Bab-el-Nasr", próximo às ruínas da mesquita do Sultão Hakem. Ainda temos que atravessar um poste escuro como um nó corrediço - ele já serviu de andaime - e aqui estamos, fora da cidade viva.

Surge então uma mudança de cenário tão abrupta e inesperada que nenhuma máquina teatral poderia fazê-la. Algumas casas de fazenda em ruínas, terreno descoberto e irregular, depois proeminências de areia amarelada. É o deserto, o verdadeiro e grande deserto árabe, cujo oceano de poeira atinge toda a muralha oriental da cidade. Você entra sem perceber e já parece que te engoliu. Porque, diante de ti, a imensa necrópole muçulmana que povoa esta solidão desdobra-se até onde a vista alcança. Os mortos são muito mais numerosos que os vivos. Dos dois lados do caminho, de perto, de longe, como inúmeras folhas de um livro sem fim, estão os túmulos brancos, espalhados ao acaso. Todas parecidas, sem ornamentos, sem esculturas e sem nomes, rosas do simun, emergindo da areia amarela. Mas, como uma vegetação onírica que brota de uma miragem, desta desolação surge outra cidade, uma cidade mágica e, sob a luz esplêndida, surge uma floresta de mesquitas. São os túmulos dos califas. De colina em colina, eles circundam suas cúpulas elegantes e erguem seus esbeltos minaretes dourados em direção a um céu safira. Ao vê-los, o deserto ganha vida, o cemitério se transfigura. Sendo uma evocação instantânea, como que sob o golpe de uma varinha mágica, da poesia sarracena e de toda a vida muçulmana, onde o líder, scheik, sultão ou califa, reina apenas sobre o pó humano, diante de Alá, impenetrável e onipotente.

Andamos sempre pela areia ondulada e sepulturas desconhecidas seguem sepulturas. São invariavelmente constituídos por duas mesas de calcário sobrepostas como dois degraus de uma pirâmide truncada. Os mais importantes possuem uma estela em forma de pedra em cada extremidade. A maioria deles nada mais é do que uma pedra mal talhada sem inscrição. Há algo de impressionante nesta falta de ornamentação, nesta monotonia e nudez anónima dos túmulos muçulmanos. Nos nossos cemitérios cristãos, a forma dos monumentos funerários é uma lembrança da individualidade do falecido. Essas inscrições lembram nomes e vidas. Hera, salgueiros-chorões e flores simbolizam a dor e a memória dos vivos. Toda aquela vegetação exuberante, chorando ao redor do túmulo

Machine Translated by Google

de que se alimenta, ataca a imaginação com uma procissão de ideias comoventes e sinistras. Aqui é a igualdade absoluta na morte, o aniquilamento da pessoa humana na imensidão do deserto devorador. Não que os árabes não tenham um culto aos mortos. Na noite entre quinta e sexta-feira, homens e mulheres vigiam estes túmulos durante toda a noite. Mas os seus pensamentos não são atormentados nem pelo passado nem pelo futuro: fiéis a certas ideias gerais que têm o cuidado de não aprofundar, vivem inteiramente na intensa sensação do presente; o resto é uma história, uma fantasia. Por outro lado, pelas mesmas razões que Moisés, Maomé proibiu qualquer representação de seres vivos que pudesse dar pretexto à idolatria. O corpo no chão com uma pedra em cima, foi tudo que ele permitiu. Assim, o sepultamento destes povos do deserto cumpre literalmente o versículo bíblico: “Nascido do pó, ao pó retornarás”. Mas esta morte não tem nada de fúnebre. A luz do Oriente revela aqui a sua magia idealizadora. O solo árido adquire tons quentes e acobreados. Esta brancura dos túmulos, estas mortalhas dispersas, estas formas alongadas no vermelho ardente do deserto, têm algo de angelical que se assemelha a uma paz suprema, a uma virgindade redescoberta na morte, a uma palidez de ressurreição no julgamento final.

Meu burro, no deserto, parece estar em seu ambiente, tão alegremente ele caminha pela areia. Ele para sozinho em frente à soberba mesquita El-Barkuk. Este mausoléu, construído em quadrilátero, com dois minaretes de três andares, com cúpulas terminando em ponta, ligeiramente estreitada na base, é um modelo perfeito da arquitetura sarracena. Fica em mau estado; as paredes estão rachadas, os minaretes estão decoroados; mas esta desintegração aumenta o seu encanto. Um zelador doente, de cafetã preto, geme e calça meus chinelos de couro, sem os quais não se pode entrar em nenhum santuário muçulmano. Uma mulher miserável, com aparência de mendiga resignada, me examina com desconfiança, e um menino de olhos turvos, um pobre macaquinho humano, estende a mão para o bakshisch. Antigamente estas mesquitas tinham ricas doações e sustentavam famílias inteiras de xeques: hoje estão abandonadas a infelizes que vivem do prato do estrangeiro. No grande pátio os arcos ainda estão de pé, mas as paredes estão descascando e a fonte de ablução está seca. Entramos no santuário, sob uma das duas cúpulas que cobrem os túmulos do Sultão Barkuk e da sua família: é encantador, deslumbrante. Da cúpula recuada, que parece ter sido moldada em uma imensa pérola, e do círculo de pequenas ogivas que circundam a base, uma luz doce e perolada se filtra no liso piso de mosaico. A cúpula está ligada à sala quadrada por quatro plumas em forma de estalactites que se estreitam em triângulos alongados nos quatro cantos. Eles são compostos de

Machine Translated by Google

uma série de pequenos nichos comprimidos uns contra os outros como ninhos de andorinhas. Nada mais gracioso do que esta transição do círculo para o quadrado. Assim a arquitetura sarracena resolveu para o olho, na sua imaginação, a passagem do perfeito ao relativo, do infinito ao finito; ele cristalizou o círculo em um tetragrama, a esfera em um cubo. Um grande problema que não pode ser resolvido com igual facilidade na filosofia religiosa e na organização social, e diante do qual o Islão teve de falhar. Mais embaixo,

em torno dos frisos e arcos, versos do Alcorão ondulam entre lírios entrelaçados e flores de lótus esculpidas. Às vezes os personagens são formados por pedaços de vidro em relevo, que brilham como diamantes, de modo que os pensamentos luminosos do livro sagrado parecem traçados pela mão dos anjos. O vidro pintado leva ao máximo esse encantamento. As treliças das janelas flamejam, as rosáceas ardentes têm aparência de fogo e rubis e topázios caem sobre o mármore brilhante dos túmulos reais.

El-Barkuk, que reside aqui, fundou a dinastia mameluca circassiana em 1382. Sua história de aventuras é a de quase todos os sultões da época. O jovem circassiano, vendido como escravo a um emir, que posteriormente se tornou soldado, scheik, generalíssimo dos exércitos, tomou posse do trono dos sultões Bahari com suas proezas. Ele teve a glória de derrotar Tamerlão duas vezes na Síria. Ousado, astuto, cruel, ele derramou sangue em torrentes e abusou da tortura. Ele não foi menos um grande protetor das artes e das ciências. Agora ele dorme com toda a família sob esses catafalcos de mármore verde e rosa. Sob a cúpula encantada, em seu magnífico túmulo, o bravo circassiano ainda parece continuar seu sonho de glória. Quanto ao povo, já não sabe nada dele, exceto que se trata do túmulo de um sultão e de uma sultana: estas duas palavras resumem para eles todas as imagens de glória e de felicidade.

Visitamos as mesquitas de El-Ghurì, El-Aschraff-Bersebai e muitas outras, cada uma com a sua própria história e lenda. Aqui está o de Kait Bey, rodeado por uma espécie de vila e cujo único minarete é considerado uma obra-prima do gênero. A este respeito, reportamos uma bela página de estética arquitectónica: «O que dá essa graça especial aos minaretes do Cairo é a saliência. Aquela torre esbelta e luminosa, perfurada como a mais preciosa obra de ourivesaria, é a torre sineira das igrejas muçulmanas. Agora, se você imaginar que é bordado com decorações esculpidas em pedra ou estuque, esculpido com esculturas mal em relevo que parecem ter sido traçadas com buril; um andar envolto numa rede de figuras geométricas, outro composto por colunatas em grupos, ou perfuradas

Machine Translated by Google

de janelas de arco redondo ou de uma porta que dá acesso ao muezzino da varanda; os beirais com perfis diferentes e projeções desiguais; as balaustradas diferem em seus entrelaçamentos ou em seus entalhes: você terá então uma espécie completa dos minaretes do Cairo, dos quais o mais perfeito é o de Kait-Bey.

De novo em movimento, nas areias fofas, no burro dócil e incansável! Os túmulos dos califas desaparecem atrás de mim. Estas mesquitas do deserto desaparecem uma a uma, meio enterradas entre as colinas amareladas. Eles já não passam de um sonho. Mas o sol poente que ainda aquece suas cúpulas bulbosas os banha com a cor de laranja e banana. Serão essas cúpulas encantadoras, cada uma delas cobrindo um céu de frescor e deleite, as fabulosas cidades do prazer, as miragens enganosas do sonho humano ou as criações requintadas de gênios aéreos?
Agora que estão prestes a desaparecer com os seus minaretes, parecem cápsulas fechadas de grandes flores de mármore com longos pistilos que bebem as chamas do pôr do sol. Você desce, sobe, desce novamente, sempre andando na areia e contornando os túmulos. Dado que as antigas e as novas necrópoles se sucedem, fundem-se e estendem-se no sopé da Colina dos Moinhos de Vento, para além do Mokattam e da cidadela, cuja imponente falésia, coroada pela mesquita de Mehemet-Alì, assoma no horizonte. Estes imensos cemitérios, sem muros nem cercas, abertos a todos os ventos que sopram no meio do deserto, são de uma majestade incomparável. E as edículas, e os templos de quatro colunas, e as cúpulas baixas e altas, e as mesquitas em ruínas, e os mausoléus ilustres e os túmulos sem nome, todo este exército de pedra que sobe as colinas parece oferecer-se à destruição com uma soberba indiferença - e espere.

Antes de regressar ao Cairo, passamos por uma espécie de subúrbio durante cerca de meia hora. É uma longa estrada ladeada por pedras memoriais, lápides antigas e habitações humanas. O sol está se aproximando do pôr do sol e o encanto da luz atinge seu ápice. A brancura vívida das casas adquire uma cor rosada; as sombras projetadas na areia ficam azuis. De vez em quando um camelo bebendo numa fonte, ou uma criança dormindo no colo da mãe, junto a um poço sombreado por uma acácia-mimosa, ou uma palmeira balançando alto no ar num arrepio inquieto. É todo o encanto da vida eterna e primitiva envolta na luz do Oriente. Luz maravilhosa, profunda, sápida, substancial, mas tão evanescente! Éter sutil e perfume que nutre, que enche os pulmões e dá asas; que torna as almas e as coisas mais leves ao penetrá-las, que doura os traços e cura a tristeza, essência da alegria, elixir do esquecimento. Acreditamos que podemos recomeçar a vida, quando normalmente só pensamos em terminá-la; você se sente pronto para partir com o beduíno, a cavalo ou de camelo, para voar com

Machine Translated by Google

a ave migratória em direcção aos oásis de Faium ou ao Lago Nianza, em direcção a Meca ou ao Sinai.

Abu-Said, que conheci desde a minha caminhada até aos túmulos dos califas, é um jovem árabe da Síria. Passou alguns anos em Paris como secretário de uma grande figura turca, cuja ruína o deixou sem recursos. Agora ele vive num pequeno emprego governamental no Cairo.

Ele não tem ambição alguma e, exceto uma paixão barata, a história, a arte e a poesia árabe, todo o resto lhe é indiferente. Assim, passa horas na biblioteca Derb-el-Gamamiz, na rua Sycamore, lendo obras antigas e copiando manuscritos antigos. Sua mãe devia ser, aparentemente, uma cristã maronita. Certamente dela ele deve ter herdado o langor sonhador dos grandes e tristes olhos negros que animam sua figura pálida e magra, que ele usa ligeiramente curvada sob o sobretudo cinza. No entanto, ele não é um muçulmano menos apaixonado, embora sem fanatismo. Ele adora o Alcorão e tem um culto à grandeza desaparecida da sua raça, o que é raro entre os árabes de hoje, com um sentimento confuso da sua decadência e da sua incapacidade de lutar contra a civilização europeia. Tudo isso confere ao seu ser aquela melancolia típica das almas nobres das raças caídas, quando permanecem fiéis a um passado perdido para sempre.

Ele não confessa esta tristeza, que esconde sob um sorriso inalterado.
Talvez ele tenha consciência disso apenas parcialmente, mas isso lhe confere grande encanto e inspira simpatia. O que poderia ser mais fechado para nós do que um povo cuja língua ignoramos? Conversando com Abu-Said, pareço lançar meu olhar como se fosse de uma clarabóia para a alma árabe, para essa camada que existe entre o povo e os literatos.
Também falamos sobre a história muçulmana do Egito. Ele traduz fragmentos de Makrizi e Abdallatif para mim. Isto me dá uma ideia da história dos califas e sultões do Egito, que marcaram o esplendor da civilização árabe.

Não há história mais agitada, nem impulso prodigioso, nem quedas repentinas. Do ano 640 ao ano 1517, desde a conquista de Alexandria por Amru até à conquista do Cairo por Selim I, líder dos otomanos, o Egipto teve oito dinastias de califas ou sultões e cento e vinte e dois soberanos. Em menos de um século, o Islão atingiu o seu nível máximo de expansão com conquistas surpreendentes. Por um lado, invade as antigas civilizações da Índia e da China, por outro, ameaça a França. O crescente se estende do Himalaia aos Pirenéus. Em poucos séculos, o império dos califas atinge o auge do seu poder, depois avança rapidamente para a dissolução e a queda. Épica turbulenta, sucessão ininterrupta de guerras, usurpações, grandezas e covardias, milagres da arte e dos crimes, onde o poder absoluto é devorado incessantemente pela anarquia que o reproduz

Machine Translated by Google

imediatamente – uma tempestade de simun interrompida por miragens e seguida pela calma inerte da morte. Surge algum tipo notável de governante. Primeiro Amrù, conquistador do Egito bizantino, vencedor de Alexandria e fundador do Cairo. Caráter de uma só peça, como o de seu mestre Omar, violento mas íntegro, justo e leal, terrível na guerra, generoso na paz, absoluto tanto na ação quanto na fé. Ele ainda caminha dentro do raio de fé e entusiasmo que ilumina os companheiros de Maomé. — Duzentos anos depois, chega Tulun, o turcomano, habilidoso e astuto, terrível sultão e protetor dos pobres, construtor de não sei quantos aquedutos, fortalezas, hospitais, mesquitas. Quando sentiu que estava morrendo, ordenou que os rabinos, os padres cristãos e os imãs se reunissem, trazendo seus livros sagrados: os rabinos, o Pentateuco; Cristãos, o Evangelho; Muçulmanos, o Alcorão; para então todos subirem juntos o Mokattam e orarem a Deus por sua alma. Magnífico exemplo de tolerância! Mas é necessário que um tirano agonize e duvide da sua salvação, para fazer com que os cultos que adoram um Deus sintam a sua unidade? — Entre os fatímidas está o enigmático Hakem, que, em meio a orgias e massacres, leva uma vida de homem asceta e esclarecido, afirma ser uma encarnação da divindade, funda a seita drusa e um belo dia desaparece sem deixar vestígios no Mokattam . — No século XII, é o grande Saladino, vencedor dos Cruzados, quem dá

lições de cortesia a Ricardo Coração de Leão e deixa para a história um exemplo perfeito de cavalheirismo e tolerância religiosa. — Há também uma mulher que conseguiu ascender ao trono do Egito. Ela havia sido a escrava preferida do último dos sultões ayubitas, que a apelidaram de Schaggered Eddor (Árvore das Pérolas) pelas riquezas que sua esplêndida beleza atraía e que seu coração insaciável fazia fluir até seus pés. Sabiamente e com perseverança prepara a queda do seu senhor. Ela conquistou tanto os emires e imãs que conseguiu ser proclamada soberana, apesar do anátema de Maomé aos povos governados por uma mulher. Ela reina vários anos com seu amante, depois o assassina por ciúme e morre dilacerada por seu rival; seu corpo foi jogado aos cães.

Esta Cleópatra turca, que não tinha Plutarco, abre o reino dos mamelucos.

Os sultões árabes compunham a sua guarda pretoriana de escravos comprados entre as flores da juventude tártara e circassiana. “Por que você chama os abutres para o ninho da águia?” um poeta disse isso ao sultão Melek-el-Saleh.
Profecia certa! Os administradores do palácio derrubaram os tiranos e as águias árabes foram afugentadas pelos abutres da Ásia. Então começou o reinado do desenfreado

Machine Translated by Google

paixões. Os mamelucos competiram furiosamente pelo poder até o dia em que Selim I, o senhor de Constantinopla, pisoteou a anarquia egípcia sob o seu pé de ferro. Porém, os mamalucas não eram bárbaros: assimilaram a civilização árabe, protegeram as letras e as artes. O Cairo deve-lhes as suas mais belas mesquitas, e o povo, chamando-as de túmulos dos califas, instintivamente fez justiça à sua beleza pitoresca que resume a poesia de toda uma época. E, sem dúvida, por esta razão, a lenda árabe preservou os nomes de Kalum, Ahmed, Hassan, Barkuk e Kait-Bey.

Mesquita e Cidadela do Sultão Hassan.

O gênio do Islã.

Juntamente com as quatrocentas mesquitas do Cairo, seria certamente a mais pitoresca e talvez a mais vívida história desta cidade e do Egipto muçulmano. Sem falar dos mais importantes, devemos primeiro visitar Amrù, o primeiro por ordem de data. Segundo Makrizi, deve sua origem a um gracioso episódio, que nos mostra o general de Omar exercendo a nobre hospitalidade árabe para com o pássaro sagrado de Vênus. Quando chegou a hora de levantar acampamento para sitiar Alexandria, os soldados de Amru notaram que um par de pombos havia feito ninho no topo da tenda do general e que os ovos estavam prestes a eclodir. Perguntaram a Amru se era necessário derrubar o ninho: «Deus me livre, exclamou Amru, que um muçulmano recuse a sua protecção a um ser vivo, uma criatura do Deus Altíssimo, que se terá colocado em segurança à sombra do sua hospitalidade! Que estes pássaros que se tornaram meus hóspedes sejam respeitados, e que minha tenda fique de pé até eu voltar de Alexandria! ».

Tendo tomado Alexandria, Amru mandou construir o antigo Cairo na área do acampamento. Uma mesquita formou seu centro, e a nova cidade foi chamada de Fostat, ou seja: a Tenda. Neste vasto pátio quadrado, que lembra um claustro em ruínas, pode-se ver a maquete da mesquita primitiva e clássica. Possui nada menos que duzentas colunas de pórfiro ou granito, todas retiradas das ruínas de Alexandria ou Mênfis. Este edifício nada mais é do que um enorme cã ou caravançarai, sob cujos arcos uma população inteira poderia acampar.
Deveríamos mostrar o conquistador-fundador Amru, quando ele entra solenemente neste asilo, vestido de branco em seu cavalo branco do deserto, seguido por oitenta ansar ou companheiros do Profeta, quando ele desce à fonte de ablução para fazer suas orações, sobe novamente um assento de madeira, lê o Alcorão, pronuncia decretos, negocia com o patriarca copta Ben-Yamin, a quem concedeu asilo em sua cidade. Deveríamos então visitar El-Azhar, o primeiro e o

Machine Translated by Google

a maior das universidades muçulmanas, uma verdadeira metrópole do Islã, para onde afluem estudantes dos confins da África e da Ásia. Em torno de suas inúmeras colunas, viam-se estudantes de todas as idades agachados em esteiras, lendo, debruçados e recitando, com suas vozes anasaladas, com incrível volubilidade e com uma singular hesitação de cabeça, capítulos inteiros do Alcorão, e isto em. trinta e duas línguas diferentes, correspondentes às trinta e duas nacionalidades conquistadas pelo Islão. Não se deve esquecer o

majestosa mesquita do Sultão Kalaun, única sobretudo pelo grandioso hospital que a ela está ligado. Você veria um labirinto de quartos imensos reservados aos doentes, aos convalescentes, aos loucos, cada um com sua própria piscina e seu próprio riacho de água viva. Este hospital de altas colunas, vastos pórticos, belo como um palácio e nobre como um santuário, daria uma magnífica ideia da forma como o Islão concebeu e praticou a caridade a partir do século XIII.

Mas há uma mesquita que de alguma forma resume o espírito de todas as outras e reúne todo o génio do Islão numa imagem arquitetónica: é a mesquita do Sultão Hassan. Quando você vê de longe a massa quadrada escura que domina a cidade no final da avenida Mehemet-Alì, parece um castelo feudal, uma prisão monstruosa da Idade Média. Mas logo o seu friso, esculpido em pequenos nichos, a sua cúpula pontiaguda e os seus dois minaretes anunciam a morada consagrada a Alá. O minarete da direita, o mais alto do Cairo, é uma enorme torre octogonal, com três varandas, de estrutura sóbria e majestosa. Coroado com uma pequena cúpula semelhante a um turbante, ele se assemelha a um gigantesco muezim que vigia a casa de oração e a cidade dia e noite. Tudo nesta mesquita é prodigioso e colossal. A única porta de entrada sobe dezoito metros e quase atinge o friso da parede. Parece que o pórtico, aterrorizado com a chegada do soberano, ergueu-se imediatamente na nave da catedral, cobrindo-se de arabescos e deixando cair como um dossel as inúmeras estalactites da sua abóbada, para deixar cair a majestade do sultão seguido. passar por todas as pessoas dos crentes. Atravessamos o vestíbulo, onde Hassan fez justiça do alto do sofá, depois um longo corredor. Aqui estamos no pátio interno, no local sagrado da oração, no coração da mesquita. Nada mais simples nem maior. Um vasto pátio quadrado com muros altos, a céu aberto. Em cada um dos lados, um grande arco de dupla curvatura acomoda centenas de pessoas em um salão. A do sudeste, orientada para Meca, tem uma abertura de vinte e um metros e constitui o santuário. Ao fundo encontra-se o nicho de oração (mirhab) em mármore de diversas cores; por um lado, a sede da pregação (membro). No friso corre uma inscrição em caracteres cúficos, entre leves arabescos. Um lustre de

Machine Translated by Google

bronze cinzelado, uma quantidade de lanternas de vidro colorido, que só são acesas nas solenidades, pendem da abóbada e pairam como gênios imóveis ou almas ardentes sobre os fiéis caídos. Mas é necessário voltar à corte para resumir toda esta impressão, que é a da magnificência na força e na sobriedade. No centro fica a fonte de ablução, com oito colunas que sustentam uma grande cúpula. Desta vez, cuja base está embutida na cobertura, e a coroa octogonal da fonte mede oito metros de diâmetro. É pintado de azul e representa o mundo. Uma chaminé com uma lua crescente encima-a.

Esta fonte extravagante aumenta a majestade do edifício, amplia o pátio e deslumbra os olhos. Não se diria talvez que o globo terrestre desceu com o seu satélite ao templo de Allah para também fazer a sua oração?

Este tribunal faz-nos compreender a ideia e o significado fundamentais do santuário. A ideia é o pavilhão e o significado é a oração ao único Deus, com a reunião em torno do líder, patriarca ou profeta, scheik, sultão ou califa. O pavilhão móvel é a morada sagrada do nômade semita. À sua sombra ele exerce a hospitalidade e faz justiça. Serviu de ponto de partida e modelo para a mesquita. Sem dúvida, a arquitetura sarracena tomou emprestados os dois motivos principais da arte bizantina: o arco e a abóbada, tal como os gregos tomaram a coluna dórica aos egípcios; mas fez algo novo sob a inspiração da vida nômade e do monoteísmo árabe. Lembrei-me que a primeira mesquita do Cairo foi construída na área da tenda de Amru, seu fundador. Grande claustro quadrado, cujos arcos lembram cortinas abertas, campo de descanso e oração, com fonte no centro, com pórtico posterior que funciona como santuário: este é o modelo primitivo de todas as mesquitas. Mais tarde foram acrescentados minaretes para convidar à oração e cúpulas para cobrir os túmulos de santos e monarcas. A tenda ampliada e idealizada no firmamento também inspirou a cúpula. Na mesquita do Sultão Hassan, a arte, tendo atingido o seu apogeu, expressa esta ideia com toda a sua força.

Este pátio representa uma tenda de pedra com quatro compartimentos, aberta na parte superior. A luz entra em fluxos com sombras fortes e faixas largas e brilhantes. Esta disposição revela subitamente a grandeza e a nudez do Islão no seu orgulhoso e intransigente monoteísmo.

O que chama a atenção na nave cristã e gótica é a penumbra dos seus arcos, que prepara a alma para a iniciação de um mistério profundo. Há também a ideia trinitária, indicada pelas três naves e pelos três braços que formam o coro com o

Machine Translated by Google

cruzeiro. Finalmente, a divindade aparece em três formas diferentes: como Pai, como Virgem Mãe e como Filho; isto é, como Espírito Puro, como Amor infinito na substância plástica e como Deus manifestado no Homem Salvador.
Sabemos pela história os perigos, as confusões, os excessos e as loucuras a que pode levar este desdobramento trinitário da divindade, que abandona a idolatria da multidão, a blasfémia dos ignorantes, a interpretação materialista dos devotos tacanhos e a exploração dos clero fanático, o mistério mais profundo de Deus, do homem e do universo. Mas, por outro lado, há que reconhecer que esta tríplice concepção do Verbo divino, formulada hieraticamente pelo antigo Egipto, humanizada, popularizada e quase adoçada pelo Cristianismo, contém também, para quem sabe compreendê-la e interpretá-la na sua sentido universal, os princípios superiores da ciência, os raios soberanos da arte e da vida.

Aqui, nada disso. Deus absoluto e impenetrável como a luz branca e estridente, sem refração prismática. O maometismo carece, portanto, da transição do infinito para o finito, da tradução do divino através do humano. E não pense que o caráter das ideias metafísicas não tem influência na vida do homem e das nações. As paixões mudam, mas as ideias permanecem. Conscientes ou instintivos, reinam na forma de sentimento sobre quem os esqueceu ou os combate. Regem a história do mundo com o rigor de destinos infalíveis, sempre invisíveis, mas sempre presentes. O facto é sensível no domínio puramente filosófico; mas quando se trata de ideias religiosas, as consequências são incalculáveis, tanto na arte como na moralidade. A organização social depende inteiramente disso.

Dito isto, façamos justiça a Maomé e ao seu trabalho. Ele resgatou os árabes, os beduínos, todos os errantes do deserto, da idolatria. Ele lhes deu uma religião e um código adequado ao seu modo de vida e à simplicidade da sua inteligência. Haverá muçulmanos enquanto houver semitas nômades. O Profeta despertou neles o sentido da oração dirigida ao Deus supremo, a quem chamou, antes de mais, «o Misericordioso». Ele incutiu neles, com suas últimas energias, a fé na vida futura. Desenvolveu o espírito de família e criou as mulheres até onde a poligamia permite. Ele santificou o lar através do respeito à mãe e do amor aos filhos, como demonstram estas belas palavras: “O filho adquire o paraíso aos pés da mãe”. Se a ideia de justiça social só aparece nele sob a forma mitológica do Juízo Final, a do amor universal e da solidariedade humana não lhe era desconhecida, como demonstram as belas palavras do Alcorão: «O dia do julgamento será será o dia em que uma alma nada poderá fazer por outra alma: nesse dia tudo será entregue a

Machine Translated by Google

Deus." O Ocidente há muito que fez justiça à elevação, à nobreza e à bondade inata de Maomé. O que talvez não tenha sido suficientemente reconhecido é o fervor e a sinceridade da sua fé. Tudo, na origem da sua missão, tem o carácter de uma inspiração real, de um impulso que vem do fundo da sua alma, abalado por uma causa misteriosa. Nada sugeria o reformador religioso no humilde comerciante; marido de Kadigia.

Só ele foi chamado de Emin, o fiel, o leal, por causa de seu caráter decidido. A aproximação destes dois nomes pode parecer estranha, mas a sua missão começa absolutamente como a de Joana D'Arc. Revela-se a ele com vozes e visões. Ele resiste por muito tempo. Uma noite, em seu sono profundo, ele vê um anjo envolvê-lo em um pano de seda coberto de inscrições e apertá-lo até sufocá-lo. Ao mesmo tempo, uma voz lhe diz: «Leia, em nome de Deus!». Não sabe ler, mas repete as palavras do anjo: «A generosidade do teu Senhor não tem limites, Ele criou a palavra». E estas palavras estão impressas em seu coração. Ao acordar, fica com medo, refugia-se na montanha, depois regressa à gruta perto de Kadigià que o anima. Para não ver mais, para não ouvir mais, ele se fecha em seu manto. Então a voz lhe dirige as sublimes palavras: «Ó tu, que estás envolto no teu manto! Ele fica acordado em oração a noite toda. Repita o nome do seu senhor Ed

oferecido a ele com completa devoção; a Deus, Senhor do Oriente e do Ocidente. Não há deus senão ele; portanto, tome-o como seu protetor" .

Desde então ele acredita, age e nunca para. A sua fé é absoluta, a sua coragem indomável, embora em contradição com a sua natureza sensível e o seu carácter hesitante, tudo menos belicoso. Ele converte seus parentes, suporta o ridículo e a perseguição, cria um partido, um exército, toma Meca, queima os ídolos da Kasbah, estabelece ali o culto a Alá e morre pobre, depois de ter fundado uma religião que iria conquistar grande parte do país. a 'Ásia e África. Mesmo que queiramos atribuir grande parte a causas secundárias e acessórias, se quisermos voltar à causa primária destes notáveis acontecimentos da história da humanidade, encontrá-la-emos na força relâmpago daquelas primeiras impressões místicas, que escapam às leis conhecidas pela história

concatenação.

Na sua essência, todas as religiões são apenas diferentes ramos do mesmo tronco; uma vez que todos surgem da mesma necessidade fundamental do indivíduo e da sociedade. Historicamente, cada um é um órgão da humanidade, uma forma pela qual a sua alma coletiva se comunica com a verdade eterna.
Uma vez criado, torna-se um selo impresso nas gerações, uma força que

Machine Translated by Google

modifica e transforma as raças, molde sobre o qual se formam milhões de almas ao longo dos séculos. A este respeito, o Islão é ainda hoje uma potência que a Europa estaria errada em desprezar. As peregrinações a Meca reúnem anualmente cem mil peregrinos, representando setenta milhões de muçulmanos. Depois das incríveis dificuldades da viagem pelos desertos da Ásia e da África, as caravanas do mundo muçulmano realizam as suas grandes reuniões no Monte Arafat, trocam palavras de ordem e rejuvenescem no sentimento da sua unidade. Ninguém quererá negar que esta não é uma força que possa tornar-se formidável a qualquer momento. Especialmente para o futuro do Egipto, o Islão é um factor capital que nunca deve ser esquecido.

Na verdade, se Meca é a Jerusalém do Islão, o Cairo é a sua Roma para as memórias históricas e para a Universidade de El-Azhar. A sua influência religiosa estende-se por dois continentes e todos os tipos de razões destinaram esta cidade a tornar-se a capital intelectual da nova África. Por esta razão, sem dúvida, o Egipto, embora mantenha um governo indígena, será um dia governado por um conselho europeu, onde as potências envolvidas estarão proporcionalmente representadas. A Europa está prestes a penetrar em África por todos os lados. Poderá reinar ali com poeira e ferrovias. Mas esteja convencido: o Islã reina sobre as almas lá. Até sabermos como penetrar na consciência muçulmana, haverá um obstáculo intransponível entre nós e a raça de Ismael. Pontos de contato com a tradição judaica e cristã não faltam no Islã. Maomé apenas afirmou ter restaurado a religião de Abraão e sempre falou de Jesus como um grande profeta. Num comentário ao Alcorão, Muzà

(Moisés) é chamado de orador de Deus, Issa (Jesus) é chamado de espírito de Deus e Maomé é chamado de intercessor. É verdade que o Islão, até agora, tem-se revelado impenetrável e refratário ao espírito ocidental.

Mas será que o Ocidente compreendeu suficientemente a razão de ser, a utilidade e a grandeza do Islão? Que o europeu traga, nas suas relações com o muçulmano, uma compreensão mais profunda, uma simpatia mais ampla, uma justiça revestida de amor e auto-sacrifício, e um dia, talvez, o coração de Ismael se abra. Não esqueçamos entretanto que, na sua imobilidade, o árabe permaneceu o eterno patriarca e cavaleiro do deserto. Ele tem como legado a generosidade e a elegância. Lembremos também que, se todos os homens são irmãos, todas as religiões são irmãs.

Vi um árabe rezando diante do mirhab. Em pé, com as mãos levantadas

Machine Translated by Google

na altura da testa, com a palma voltada para as bochechas, ele primeiro pronunciava sílabas guturais em voz alta. Então, ele se jogou com o rosto no chão e, pondo-se de joelhos, permaneceu por muito tempo como se estivesse mergulhado em sua contemplação.

Adoração, humildade, resignação, simples e grandiosa como todo o Islão, são estes gestos da oração muçulmana prescritos pelo Profeta. Em dois continentes, eles indicam o caminho do Sol com os seus apelos ao Todo-Poderoso. Mas a sombra surge no pátio da mesquita e o azul profundo do céu torna-se mais intenso. É hora de subir à cidadela para ver o Cairo ao pôr do sol.

Construída por Saladino no último contraforte da cadeia árabe, a cidadela, hoje coroada pela mesquita Mehemet-Alì, domina magnificamente a cidade.
Pode ser visto igualmente bem tanto do Nilo quanto do deserto. Encostado à montanha nua de Mokattam, tem uma aparência de comando e majestade oriental.
Subimos a rua de turbante; entramos na fortaleza: contornamos a mesquita e ficamos no seu canto oeste, no final da esplanada. Aqui jaz aos nossos pés, como uma sultana, entre o deserto e as margens verdes do Nilo, a rainha das cidades árabes, El Kahiréh, a Vitoriosa. Em primeiro plano, a Praça Rumelièh ergue a soberba fachada da mesquita do Sultão-Hassan, bronzeada como um rosto beduíno. Ali, a de Tulun, ergue o seu grande minarete primitivo, rodeado por uma escada em caracol. Depois, até ao horizonte, desdobra-se a populosa cidade árabe de quatro a cem mil almas, inundada de luz. Dela emergem tufos de palmeiras verdes e inúmeros minaretes.

Mais longe, o bairro europeu de Ismailia e Ezbekièh mostra vilas brancas e palácios suntuosos entre ricas plantações verdes até o porto de Bulac, até os densos jardins de Schubra. Depois vem a área verde e cultivada do Nilo, que se estende por um espaço de seis léguas além do rio, que corre suavemente entre as culturas nascentes banhadas pelas suas águas. Finalmente, a linha acidentada do deserto fecha o horizonte. As três pirâmides de Gizèh, as de Abusir e Sakkarah são desenhadas em preto no fogo do sol poente e se perdem nas areias como marcos do infinito.

A beleza deste espetáculo que encanta o olhar é reavivada e animada pelo que evoca na memória, pelo que diz ao espírito.
Porque esta celebração das cores é também uma maravilhosa lição de história. As quatro áreas, claramente definidas diante do nosso olhar, correspondem às quatro camadas humanas que se sobrepuseram ao longo dos séculos.

Machine Translated by Google

na terra de Mizraim. A cidade muçulmana marrom em primeiro plano retrata a conquista árabe e a tomada de posse do antigo povo egípcio pelo Islã, há doze séculos. A brancura generalizada da vizinhança europeia é a marca do Ocidente, que, há cem anos, veio comunicar o impulso civilizatório a este país, através de um exército de franceses comandado por um líder corso. A área verde e cultivada do Nilo retrata-nos a surpreendente raça do felá, inalterada há milhares de anos, pobre e miserável, mas trabalhadora, fecunda e viva como o lodo de que se alimenta: e que, no longo prazo corre, engole, assimilando-os, os conquistadores cujo açoite sofreu. Finalmente, com as Pirâmides a pairar sobre o deserto avermelhado, surge-nos o Egipto dos Faraós. Ainda mais imutável que o Nilo, impassível e abstrato, indestrutível entre as areias que enfrenta, indiferente à história que flui a seus pés, atesta, entre as raças e religiões por onde passa, a força dos Princípios absolutos e o mistério da Eternidade .

Mas a voz fina e triste do muezzino cai do alto do fino minarete em trinados rítmicos. Desdobra-se em notas leves como o lamento cansado do dia. E de mesquita em mesquita, de minarete em minarete, outras vozes semelhantes lhe respondem, quase imperceptíveis, afogadas na imensidão da atmosfera lúcida e quente: aí ilàha il'Allah!... Neste momento milhares de muçulmanos prostram-se em fervorosa oração. Instintivamente, o meu olhar ergueu-se para a ponta do minarete, afiado como uma lança, onde, acima da minha cabeça, o muezzino invisível atrás da balaustrada contorna a varanda e chama os quatro pontos cardeais.
Neste olhar fixo no zénite, que explosão de cor e de luz! A mesquita, inteiramente coberta de alabastro, adquiriu uma cor amarela intensa. O azul, ao qual esta cor comunica a sua vibração, torna-se tão intenso que chega a atingir o índigo escuro. A brancura latente da luz se destaca daquele azul profundo como a penugem perolada das pétalas da íris.

Mas aqui está a despedida da luz! O sol tocou o horizonte e o deserto já engoliu metade do globo vermelho. Agora tudo fica roxo, tudo brilha, tudo vibra. Saturados de raios, cúpulas e minaretes parecem transparentes e cintilantes como taças cheias de vinho ardente. Com um último olhar, Ammon-Rà envolve as três regiões. Ele joga seu pó de ouro sobre a cidade escura, a terra verde do Nilo e o deserto amarelo, inundando-os com chamas alaranjadas. A tudo, a cada cor, ele dá o seu valor mais elevado; empurra o castanho, o verde escuro e o vermelho aos graus extremos da sua intensidade, mas ao mesmo tempo funde-os e atenua-os com mil nuances numa síntese luminosa, como se, entre os diferentes mundos, não existissem contradições nem lutas, nem lágrimas, e como se uma harmonia suprema se conectasse

Machine Translated by Google

fralorolerocceeleflor , lefauneelerazzeemanat edalsuofocolare
eincandescente e.

Machine Translated by Google

ANTIGO EGITO

SIM MENFI E VOCÊ

Há lágrimas de coisas

(Virgílio)

A Arca da Ciência e da Religião.

Nossa alma, por mais moderna que seja, tem duas pátrias intelectuais: a Judéia e a Grécia. Ao primeiro devemos a nossa consciência moral e religiosa; ao segundo, nossa concepção de arte, ciência e filosofia. Mas o espírito humano não pára na sua conquista do espaço e do tempo; à medida que avança, seu horizonte se expande tanto para trás quanto para frente. Já se passaram cem anos desde que o Ocidente viu dois gigantes emergirem atrás da Acrópole e atrás do Monte Sião e eles só têm crescido de ano para ano. Foi primeiro o pagode hindu. Lentamente foi visto surgindo de uma inextricável floresta virgem de poesia, com seus monstros e múltiplos deuses, seus labirintos, suas criptas, seus ascetas violentos, seus dançarinos sagrados, seus sutis e profundos brâmanes; templo gigantesco, repleto de vida, coroado por um Buda imóvel com as mãos entrelaçadas, com os olhos fechados pelo poder da sua meditação, com a alma congelada no seu Nirvana. Então veio a vez da pirâmide egípcia.

Ela apareceu de repente, sob a luz forte do deserto, na sua nudez geométrica, e, sentado ao seu lado, o enigma dos tempos pré-históricos, a esfinge imemorial. Estas duas civilizações antigas inicialmente interessavam apenas aos eruditos e aos curiosos. Mas agora, durante cerca de vinte anos, começaram a assombrar a imaginação do público instruído, os sonhos dos poetas e os pensamentos dos filósofos. Invencivelmente, atraem-nos como novas fontes de emoção e sabedoria, de poesia e mistério. Quem hoje medita sobre as origens da ciência, da religião e da arte já não se detém em Atenas ou em Jerusalém.

Ele segue o caminho da Índia ou do Egito. Daí resulta, no entanto, que a mais acessível das duas civilizações, a mais bem preservada nos seus monumentos, a de

Machine Translated by Google

cuja cronologia e costumes foram quase inteiramente reconstruídos, permanece mais estranho para nós do que o outro, cuja literatura é um caos de metafísica e mitologia? Por que, apesar de tantos sarcófagos abertos e de tantas inscrições decifradas, o gênio do Egito é para nós uma letra morta e um túmulo fechado?

Se consultarmos sobre este ponto o escritor que melhor representa a superfície ondulante do espírito contemporâneo, o historiador e pensador crítico que exerceu a influência mais subtil e extensa sobre as gerações recentes, a sua resposta será tão clara quanto característica. Segundo Ernesto Renan, faltava à raça egípcia não só o dom poético e criativo que é o magnífico legado das raças indo-europeias, mas também o sentido metafísico e religioso. «O Egipto, diz ele, é uma China que nasceu madura e decrépita, que conserva sempre aquele aspecto infantil e velho que transparece nos seus monumentos e na sua história... Uma terra de consciência limpa e límpida, mas estreita e estacionária». Em suma, para Renan, o povo egípcio não tinha o instinto da beleza nem o da ciência: faltava-lhe o ideal. Eles são "uma raça insípida, um povo pobre, tacanho e conservador, guardiões pouco inteligentes de letras mortas".

À primeira vista, este julgamento parecerá excessivamente severo para aqueles que receberam uma forte impressão da esfinge de Gizé, do templo de Karnak ou dos baixos-relevos de Abidos. Parecerá então injusto e superficial se nos aprofundarmos um pouco mais nos monumentos da literatura e da religião egípcias. Leia os hinos ao Nilo e ao sol, Ammon Ra. É claro que eles não têm a graça viva, o encanto requintado e apaixonado da poesia grega, mas ressoam com a solenidade e a majestade hierática de uma canção religiosa das profundezas de um santuário. Então tente levantar um primeiro véu do Livro dos Mortos e você ficará impressionado com a concepção penetrante da alma que dele emerge. Consideremos novamente a doutrina secreta dos sacerdotes de Tebas no seu monoteísmo trinitário, observemos a magnífica ilustração que os templos de Denderah e Edfu forneceram na sua arquitectura e nos seus tectos pintados, e ficaremos convencidos de que o Egipto produziu uma teogonia, uma cosmogonia e psicologia originais. Finalmente, apreendendo a unidade de concepção que liga estes três domínios, afirmareis sem medo que o Egito tinha uma ciência das causas primárias, uma visão profunda do universo e do homem, da qual o mito de Ísis e Osíris nos oferece a expressão poética , o pináculo e a flor.

Se, depois de resumirmos o panteão egípcio, descobrirmos o significado eterno e universal dos grandes símbolos que ele deixou ao mundo, o motivo da condenação sumária pronunciada contra ele pelo eminente autor das Origines du

Machine Translated by Google

o cristianismo se mostrará claramente para nós.

Idealista na arte, Renan foi naturalista e positivista na filosofia, na qual representa brilhantemente o espírito dominante na segunda metade do século XIX. Para ele, a verdade não reside nos princípios imutáveis de um pensamento divino refletido de forma mais ou menos imperfeita pela consciência humana, mas no eterno devir e no progresso indefinido da experiência histórica. Na verdade, se o Absoluto é a quimera do Incognoscível, a verdade só pode estar na relatividade. “A alma é uma resultante das forças do corpo” e que se dissolve com ela. Quanto a Deus, “se ainda não existe, talvez um dia o seja”, para desaparecer no dia seguinte em virtude do primeiro acidente cósmico. É por isso que Ciência e Religião, Razão e Consciência, se estabeleceram na mente de Renan e de sua escola como duas categorias necessárias da mente humana, mas também como dois adversários irreconciliáveis, eterna antinomia, cuja solução nada mais é do que a abstração vazia ou a vulgaridade. superstição.

Ora, o que constitui a beleza e a grandeza do Egipto é precisamente o que a escola positivista nega, nomeadamente a ideia do Eterno e o sentimento do Imutável que se expressa em toda a sua civilização. Isto nos explica de uma só vez o desconhecimento e o desprezo desta escola pela terra de Hermes.

Se a Índia submergiu no sonho do Infinito, o Egito murou-se na ideia do Absoluto: uma tarefa austera e ingrata como sempre, mas da maior importância. Petrificado nas suas instituições teocráticas, ele próprio incapaz de uma evolução progressiva, o Egipto não foi, portanto, o fundador das duas grandes religiões que promoveram a civilização ocidental; Precisamente no ensinamento secreto do seu poderoso sacerdócio, os iniciadores da Judeia e da Grécia encontraram a luz dos príncipes, cuja chama, acesa pela sua inspiração pessoal, espalhada em tochas acesas pelas raças mais jovens, iria inundar o mundo. A ideia monoteísta e a regra moral, pedra angular da construção de Moisés, dos profetas de Israel, já tinham sido ensinadas há séculos nos santuários de Amon-Rá. As ideias dominantes da cosmogonia dos gregos estão contidas nas dos egípcios. A sua doutrina sobre a alma e sobre a vida futura, a sua concepção da relação do homem com a divindade, estão ligadas aos mistérios de Ísis e Osíris.

Historicamente, portanto, o Egito é o santuário das Causas Primeiras, que contém a arca das Idéias-Mães e dos Símbolos Geradores. Saudamos nele o venerável avô tanto do monoteísmo judaico como do politeísmo grego.

Os dois rios de conhecimento que correm divididos nestas duas civilizações, mas que, através de uma

Machine Translated by Google

círculo imenso, tendem hoje a se reunir, isto é: a religião monoteísta e a consciência moral, por um lado, a ciência e a arte racionais, por outro, aparecem-nos no Egito reunidas na sua origem, numa catarata que cai de um único pico, como o Nilo do seio da deusa Nut.

Este elevado exemplo da unidade primitiva entre ciência e religião assume um interesse pulsante e completamente atual quando percebemos as diferentes correntes que agitam o pensamento contemporâneo há cerca de dez anos. A luta entre os dois príncipes é agora mais acirrada do que nunca. Houve um tempo em que a religião oprimia a ciência em nome da autoridade e da tradição: hoje a ciência vitoriosa está prestes a oprimir a alma e o espírito em nome do instinto e da matéria. Portanto, a reação irresistível também começou. Ouvimos jovens atacarem as conclusões desoladoras da ciência materialista, alguns em nome da liberdade do sonho, da sede insaciável de poesia e de ideais que constitui a base da alma humana, outros em nome da consciência moral, outros finalmente em nome da intuição, a única que percebe verdades superiores. Todos estavam no seu direito, todos anunciavam a vingança de Psique. Vimos então Tolstoi e Ibsen atacarem as consequências sociais da nossa cultura puramente científica. Por fim, vimos a arte triunfante de Riccardo Wagner ser construída, com os encantos da música, sobre os alicerces de um idealismo transcendente, diametralmente oposto às conclusões da ciência atual. Hoje o misticismo flui abundantemente e flui entre nós em ondas turvas e tempestuosas.

Movimento legítimo, necessário e muito importante. No entanto, estaria enganando a si mesmo se acreditasse que poderia abalar a cidadela da ciência. Ele não poderá fazer nada com base nisso: muito com seu método e seu objetivo. Isso a forçará a elevar seu ponto de observação em passos cada vez maiores.
A ciência é indestrutível em seu princípio, mas precisa ser completa.
À ciência da matéria acrescentamos a da alma e do espírito; já que estes últimos entre nós ainda são crianças. A Verdade é uma ou não é. Se a ciência e a religião, se a natureza e a moralidade, se o universo e o homem são termos irredutíveis e sem princípio superior, ambos são falsos, puras quimeras e nada. A ciência abstrata é um verbo inanimado: isola e dispersa.
Mas a Sabedoria, que é a ciência do Amor aplicada à alma e à humanidade, une e concentra; é a Palavra viva. Façamos justiça à ciência moderna, filha de Bacon e Descartes, por ter se estabelecido sobre a rocha da experiência e da razão. Ela foi assim capaz de medir os pés da grande Ísis. Ela ainda precisa voltar ao coração e à cabeça da deusa.

Nestes termos, e graças a esta nova orientação do espírito

Machine Translated by Google

O Egito antigo e contemporâneo assume uma importância inesperada aos nossos olhos. Colocado como farol entre a Ásia e a Europa, entre o Oriente e o Ocidente, ilumina as ruas mais distantes. Acima de tudo, a doutrina dos templos de Osíris, Ísis e Ammun-Ra aparece-nos como um símbolo elevado, como um exemplo profético da unidade primordial e final da Ciência e da Religião.

Porque é que hoje estas ideias principais me voltam, porque sou obrigado a escrevê-las, quase a despeito de mim mesmo, quando preferiria refugiar-me na liberdade das imagens e dos sonhos? Eles me assombraram durante uma viagem pelo Nilo em frente aos monumentos da terra dos Faraós. Depois do meu regresso, a leitura das admiráveis obras dos nossos estudiosos confirmou-me mais de uma vez nestas ideias. Não sendo um egiptólogo, não poderia pretender fornecer provas completas e definitivas em apoio deles. A partir destas páginas você verá simplesmente como elas podem surgir intuitivamente a partir das impressões vivas de um viajante observador.

Que estas memórias pelo menos [comuniquem a alguns dos meus leitores um raio de força e serenidade que ainda emanam dos augustos templos daquela terra ensolarada!

Machine Translated by Google

OS SÍMBOLOS PRIMORDIAIS

A PIRÂMIDE, A ESFINGE E O SOL AADO

A tradição antiga e moderna fez instintivamente da Pirâmide e da Esfinge os símbolos do Egito. São as armas falantes na briga das religiões. Hoje, quando esta civilização desapareceu há quase dois mil anos, estes monumentos ainda a representam e resumem, aos olhos de todos, como os sinais misteriosos e certos de uma ideografia universal. Estes dois símbolos são, para ser honesto, o ponto de partida e a síntese primitiva da religião egípcia.

Ao adicionar um terceiro emblema, o disco alado do Sol, teremos guardado as chaves do sagrado Egito num pacote. Como que para melhor nos demonstrar o que representam estes símbolos tão antigos e essenciais, a sua grandiosa trindade é-nos mostrada num conjunto inesquecível, esculpido em feições gigantescas, no limiar do deserto, na plataforma rochosa de Gizé, precisamente onde o inscrições mais antigas do antigo império e das primeiras dinastias.

As antigas pirâmides da cadeia da Líbia ainda reinam sobre o país e de longe assombram tanto o habitante como o visitante, designando as necrópoles de Zauyet-el-Aryan, Abusir, Sakkarah e Dasciur. Desde a crista poeirenta do Mokattam como desde as populosas docas da cidade, desde a ponta da ilha de Raudah como desde o dahabieh que sobe o rio, podem ser vistos pretos, amarelos ou roxos, dependendo da hora do dia , mas imutáveis na sua forma triangular, sentinelas de pedra mostrando o caminho para o Alto Egito. Vistas do porto do antigo Cairo, as de Gizé assemelham-se a três tendas dispostas em alas, uma acima da outra. Você atravessa a magnífica ponte de ferro de Kasr-el-Nil e as soberbas avenidas de sicômoros de Geziseh; atravessa-se o outro braço do rio e entra-se na grande estrada plantada de acácias que vai direto à pirâmide de Quéops. Isto começa a crescer, quase escondendo as irmãs rivais escondidas atrás dele. Os mercados fellah, que animam as margens da estrada, com os seus burros, os seus montes de laranjeiras e canas-de-açúcar, desapareceram. De ambos os lados não se vê mais nada além da imensa planície verde e seus brotos; terra aluvial fértil, tão vasta e tão uniforme, que rios, canais, aldeias e jardins nela se fundem e se afogam sob o domínio da grande linha horizontal. Mas, diante de nós, no meio da multidão

Machine Translated by Google

folhagem das árvores, o colossal mausoléu ergue-se imensamente. O verde cessa abruptamente e a pirâmide fica sozinha, livre, imponente, no céu claro, na plataforma nua, até onde sobe uma estrada de areia branca.

Cerca de trinta beduínos precipitam-se como uma nuvem de falcões sobre o veículo que pára e rodeiam-no gritando em todas as línguas; um oferece seu burro, outro seu camelo, um terceiro objetos antigos. Eles sobem no estribo do carro, te agarram pelos braços, todo mundo quer tomar posse de você. Você pisou no domínio deles e, goste ou não, você é deles. Esta tribo, governada por um xeque, explora a pirâmide para seu lucro, desde a antiguidade, em virtude daquele direito imemorial que faz com que os nómadas reinem sobre o deserto e considerem como sua propriedade tudo o que nele contém. Apesar dos seus olhos predatórios e das suas mãos ladras, não posso escapar de uma simpatia secreta por estas crianças do deserto, eternos andarilhos, sem-abrigo e sem cama. Não são eles os antigos irmãos dos Celtas? Ao seu ataque, sente-se como que recapturado por aquela grande onda da raça branca que já chegou a cobrir todo o Norte de África e que, mais ou menos intacta, permanece até hoje, apesar da frequente mistura com sangue negro. Aqueles que actualmente guardam a pirâmide vêm de Túnis, outros de Trípoli, outros dos oásis da Líbia. Todos ficam encantados em vê-los com aquelas camisas brancas e xales pretos, com que se vestem pitorescamente, todos esguios e magros como panteras. Entre eles encontramos não só o tipo ariano mais puro, com sobrancelhas arqueadas, olhos claros e ousados, mas também todos os tipos de mestiços após cruzamentos com as tribos abissínias, núbias e negras. A coisa toda forma uma paleta de rostos, do branco bronzeado ao verde-oliva e ao preto escuro. Alguns têm rostos de cães ou chacais. Horda flutuante do deserto da Líbia, hoje invasores selvagens, amanhã brincalhões e crianças espirituosas.

A multidão barulhenta segue você pela estrada que sobe em direção à pirâmide. Dois pequenos beduínos acompanham-me teimosamente. Um deles me oferece algumas estatuetas de Osíris em basalto preto, o outro uma Ísis oxidada inteiramente azul. Estes dois amuletos fazem-me lembrar as duas fórmulas sussurradas no limiar das iniciações egípcias: «Cuidado! Osíris é um deus negro. Que Ísis, a boa deusa, proteja você! Mas já não tenho tempo para refletir sobre o significado de palavras tão obscuras. Pois aqui estamos no sopé da montanha de cantaria. A gigantesca escadaria emerge majestosamente das ondas arenosas do deserto, agitadas e agitadas pelo vento. Três beduínos agarram seu corpo, arrastam você de pedra em pedra; subimos ofegantes, mas erguidos a despeito de nós mesmos, como um fardo com um guincho, subindo aqueles degraus de cerca de um metro de altura. Da pequena plataforma no topo, o olho desce, não sem vertigens, os degraus

Machine Translated by Google

da pirâmide que cobriria a Basílica de São Pedro em Roma como um sino, e as pedras alinhadas cobririam, dizem, o perímetro da França.

A vista é única. Pairando daquela altura na orla do deserto, o olhar abrange duas regiões que colidem e se destacam uma sobre a outra com um contraste violento. De um lado, o vale do Nilo desdobra a sua vegetação opulenta em tapetes esmeraldas, atravessado por canais prateados e pontilhado de aldeias, ninhos de pássaros sob os seus tufos de palmeiras. A cidade do Cairo está lá embaixo no horizonte, jazendo como uma rainha indolente, apoiada no Mokattam, com a cidadela como coroa e com a mesquita de Mehemet-Ali como pluma. O Nilo corre majestosamente a seus pés, pai e rei da terra que irriga. Compreendemos como os antigos sacerdotes fizeram dele um deus, símbolo da própria ideia de vida. «Salve, ó Nilo, eles clamam, que você apareceu nesta terra - e que em paz você veio dar vida ao Egito! - Deus oculto, que traz a escuridão no dia que você gosta de trazê-la - irrigador dos pomares criados pelo sol - você rega a terra por toda parte - caminho celeste que desce... Se diminuir no céu, os deuses caem de bruços, os homens definham... Ele prepara os bens dos pobres – bebe as lágrimas de todos os olhos e esbanja a abundância de frutas."

Mas vamos virar para oeste. Depois desta risonha imagem da vida, que imagem da morte, morena, nua e selvagem! Até ao horizonte, os montes arenosos desenrolam as suas ondas convulsivas em fragmentos amarelos e castanhos, cinzentos e lilases.

É o oceano do deserto, mais terrível que o outro porque é imóvel. Nem uma folha de grama, nem um arbusto; até onde a vista alcança, pirâmides, tumbas, ossos embranquecidos. Somos dominados pela emoção do tempo destrutivo. Mas é sucedido por um sentimento de orgulho, pois o homem soube dar a esses monumentos fúnebres um carácter de eternidade que parece desafiar o tempo e a própria morte. Cristãos, bárbaros, mamelucos, árabes, beduínos, arqueólogos, todos cavaram e escavaram esses magníficos mausoléus. No entanto, mal arranharam a superfície; a massa, a forma, o pensamento permanecem intactos. "O tempo, foi dito, zomba das coisas, e as pirâmides zombam do tempo."

A subida e a descida da grande pirâmide são suficientes para quebrar os joelhos do viajante, mas isso é apenas metade da provação e o menos difícil, pois agora se trata de penetrar pelas laterais do monstro, até o túmulo de Quéops. Sabe-se com que arte o faraó conseguiu barricar e esconder sua última morada. Não só a entrada do túmulo estava mascarada pela superfície uniforme do revestimento de granito, mas o corredor descendente estava destinado a enganar futuros profanadores, pois conduzia a uma câmara falsa e inacabada.

Machine Translated by Google

lamentável e sem saída. O verdadeiro corredor, que conduz ao centro do edifício e ao sarcófago do rei, foi fechado com um penedo de granito embutido na abóbada do corredor descendente. Para descobrir o primeiro, o Coronel Wyse teve que cavar uma passagem vertical no prédio. Ele entrou assim na grande galeria ascendente. Ele também encontrou a câmara do sarcófago barrada por uma plataforma giratória e quatro portas levadiças de granito protegendo o vestíbulo. Assim foi descoberta a alta câmara funerária do faraó Khufu, da 4ª dinastia, que viveu cerca de quatro mil anos antes da nossa época. Em seu sarcófago vazio foi encontrado apenas um pouco de terra.

Hoje esta exploração é mais fácil, mas o esforço que exige ainda é doloroso. Um buraco negro se abre no décimo oitavo degrau da gigantesca escadaria, quarenta e cinco metros acima do solo. Está protegida por um frontão constituído por dois enormes quartos rochosos que formam um ângulo obtuso. E como o corredor tem apenas um metro de altura, você não pode entrar a não ser curvando-se.
São os garfos caudinos deste túmulo real. Apenas alguns ásperos fazem uma marca na encosta traiçoeira das lajes brilhantes. Você escorrega, cai, avança de quatro: finalmente rola para uma espécie de poço escuro. Não há mais luz do dia neste buraco mal iluminado pelas pobres velas bruxuleantes nas mãos de quem tropeça para frente. Muitos visitantes, ao chegarem a este ponto, desanimam e regressam ofegantes, com a cabeça congestionada, em direção à saída onde brilha a luz libertadora. Mas quem quiser chegar ao coração da pirâmide deve reunir todas as suas forças agora. É preciso subir, girar numa espécie de espiral para chegar ao corredor ascendente. Aqui avançamos curvados, começamos a rastejar novamente na escuridão, cada um com seu pavio.

Um calor opressivo te agarra pela garganta, aumenta a cada passo, te sufoca.
Parece que a construção compacta da pirâmide pesa no seu peito e está prestes a esmagá-lo. De repente, o corredor sobe. Um fio de alumínio iluminado ilumina uma majestosa galeria de oito metros de altura, cujos degraus superiores se estendem em beirais. Você pode respirar e acreditar que é a entrada de um templo magnífico se degraus forem cortados naquela encosta escorregadia. Mas há apenas ligeiras reentrâncias a um metro de distância entre si e avança-se com grande dificuldade, com quedas frequentes, apenas para ser apoiado pelos beduínos que sobem como gatos naquele fantástico corredor. As pedras estão tão maravilhosamente conectadas sem cimento que uma agulha não passaria entre elas e todas as superfícies brilhariam como espelhos. Finalmente, a estrada se achata e você a atravessa

o vestíbulo e você entra no túmulo real, com dez metros de comprimento e cinco metros de altura

Machine Translated by Google

e em largura. Está totalmente nu. Nem uma figura, nem uma inscrição nas paredes. Um sarcófago vazio e mutilado, sem tampa. A morte muda. Esse refúgio contra a destruição torna-se assim o símbolo mais eloquente do nada de toda a matéria e de todas as coisas visíveis. Duas aberturas oblíquas, feitas na espessura da pirâmide, ventilam a câmara funerária. Um lado está exatamente orientado na Estrela Polar.

Aquela descida às trevas, aquela laboriosa subida que conduz a um vazio ilusório, que imagem resumida da vida humana, deste doloroso avanço rumo ao coração do mistério, que parece terminar no túmulo, no quarto do nada!

Este enorme mausoléu, justamente considerado pelos gregos como uma das maravilhas do mundo, pressupõe uma ciência arquitectónica de primeiro grau. Ninguém pode examinar o interior da pirâmide, diz Fergusson, sem ficar surpreso com a admirável habilidade mecânica demonstrada em sua construção. As imensas pedras de granito trazidas de Assuão, a uma distância de quinhentas milhas, são claras como vidro e dispostas de tal forma que mal se reconhecem os interstícios! Nada mais maravilhoso do que o extraordinário acúmulo de ciência posto em prática na construção das câmaras de apoio, acima do teto da câmara principal, no alinhamento das galerias inclinadas, na sábia disposição dos corredores do vestíbulo e no acordo de todas as partes do edifício. Todos são executados com tal precisão que, apesar do imenso peso do conjunto, nenhuma pedra se moveu um centímetro. Nunca, desde aquele dia, nada mais perfeito foi construído do ponto de vista mecânico.

Isto, pelo poder de execução. Mas toda forma arquitetônica expressa um pensamento. Os egípcios são os primeiros e mais fortes simbolistas do mundo. Eles nunca esquadrinharam uma pedra sem fechar uma ideia. Este monumento, que resume o seu génio e a sua religião, parece, à primeira vista, enigmático. Porém, sua forma desperta imediatamente a ideia do Imutável e do Eterno em sua formidável abstração. Não é a imagem do Deus vivo, mas a figura geométrica da Lei, o pentaedro do absoluto.

O triângulo sobreposto ao quadrado e terminando na ponta é (na tradição oculta) o sinal trinitário da vida, sobreposto ao sinal quaternário do universo e seus quatro elementos. Através das quatro faces da pirâmide, o triângulo é reabsorvido na unidade divina da qual emana. A imagem do Absoluto não pode ser outra coisa senão geométrica. E aqui está talvez uma das razões misteriosas pelas quais este gnômon da Idéia pura, digno de inspirar uma

Machine Translated by Google

Moisés na construção do nome divino ainda atua sobre nós com a magia de um sinal evocado. Entre cada signo ideográfico e a emoção que ele produz, existe uma correspondência secreta que se baseia nas relações das Formas e das Ideias que são a própria essência da criação.

Mas deixemos o enorme túmulo e procuremos outros sinais que talvez nos ajudem a compreender a figura fria do Absoluto. Prosseguimos sobre as grandes ondas de areia que circundam as proximidades da pirâmide. Aqui, a poucos passos de distância, abre-se um grande poço quadrado com oito metros de largura e dezasseis metros de profundidade. Parece uma cova de leões; é apenas um grande enterro.

De quem é esse túmulo? Nós não sabemos; talvez sacerdotes que estavam a serviço do templo vizinho de Ísis. Um beduíno deixa-se deslizar com a agilidade de um macaco para dentro de uma ranhura no poço. Ao chegar ao fundo, ele tira o turbante e o usa para varrer a areia. A tampa de um sarcófago gigante aparece imediatamente. Uma tábua de basalto traz, esculpido em baixo-relevo, o disco alado do sol. As grandes asas da estrela mística, a fênix, estão abertas horizontalmente. Duas cobras entrelaçadas e enroladas no disco levantam suas cabeças vigilantes de ambos os lados. É o signo do Ouro, o Verbo solar, o Deus manifestado, o Apolo egípcio, capital e símbolo central desta religião. Desdobra-se nas fachadas dos pilares e templos, nas cabeças dos Deuses e Faraós, nos palácios e no hipogeu. Em todos os lugares ele arde como o espírito vivo através do homem e da natureza. Sua jornada, como veremos mais adiante, ilustra as jornadas da alma e a evolução do universo. As duas serpentes que lançam a cabeça para fora do círculo do infinito, e que se encontram no caduceu do Hermes grego, representam os dois movimentos do Espírito eterno, a sua respiração e a sua inspiração. Um dá vida a todas as formas de matéria: o outro absorve as almas que retornam ao sol divino. Brilhando, no fundo deste túmulo, sobre o basalto funerário, no seio virgem da areia branca, o sol alado de Oro só tem um significado. Sua voz masculina ressoa no universo dos símbolos e domina todos os demais, assim como o acordo perfeito resume todas as harmonias. Diz: O Espírito é Um; a Alma, seu veículo vivo, é imortal e sua vida em todos os mundos se chama: «Ressurreição! ».

Aqui está uma primeira resposta à escuridão interna da pirâmide. Mas vamos passar para a Esfinge. Suas costas, de uma brancura estranha, já estão aparecendo sob o sol pleno do meio-dia. Ainda não é perturbado pela areia que, incessantemente, tenta cobri-lo, mas a sua cabeça, emoldurada pelas asas do Klaft, emerge, colossal, das ondas do deserto.

Machine Translated by Google

Descemos o pequeno vale para olhar de baixo e de frente o monstro que os árabes chamavam de Abul-Hol, o pai do terror. A partir daí aparece toda a sua grandeza. Ele se mantém como um pequeno templo entre as patas estendidas; elas são as três estelas de Tutmes. O nariz está quebrado, mas o soberbo arco dos olhos mantém naquele rosto uma expressão única de melancolia em majestade.

Mais do que qualquer outro deus, ele guardou os segredos de sua origem, que, à medida que a pesquisa avança, desaparece nas brumas do tempo. Da estela encontrada por Mariette conclui-se que a esfinge remonta a antes de Quéops e provavelmente antes do primeiro dos faraós. Nele, portanto, fala-nos o símbolo mais antigo do Egito. O significado que a sua forma e orientação expressam é confirmado pelos textos lapidares.
Eles o chamam de Hu de Horem-Ku, ou seja, o Guardião do Sol Nascente. É a sua imagem e testemunho. Harmakuti, que os gregos chamavam de Harmakis, simboliza a luz jovem que afasta as trevas. Ele é o sol da vida, o gênio de todos os renascimentos, Ammon-Ra e Ouro ao mesmo tempo, o Espírito divino e sua manifestação, da qual o faraó também deveria ser filho, Ouro, a encarnação viva. Na época do Império Antigo, a esfinge, cuja. face voltada para leste, era coroada por um disco dourado.

Quando o sol da manhã emergiu da cadeia árabe, seu primeiro raio atingiu o disco e a face da esfinge e depois brilhou como um sol com rosto humano ou como um deus em um halo de chamas. Sons de cravo e fanfarras ressoavam no templo de alabastro e granito com seus pilares quadrados e nus, e os sacerdotes vestidos de branco, subindo em direção à esfinge pelos dromos suavemente inclinados, entoavam o hino puro e masculino: «Levanta-te, benfeitor, Amon -Ra Harmakuti. Você acorda verdadeiro, senhor dos dois horizontes, você brilha e arde - você sobe, você ascende, você culmina como um benfeitor. — Deuses e homens ajoelham-se diante desta forma que é sua, ó senhor das formas! Venha ao Faraó, dê-lhe seus méritos no céu, seu poder na terra - gavião sagrado com asa deslumbrante - fênix multicolorida, corredor que não pode ser alcançado na manhã de seu nascimento.

É provável que as raças cujas civilizações precederam o domínio da raça branca na terra adorassem o dragão por causa do terror que os pterodáctilos antediluvianos inspiraram nos primeiros homens. Aquele que ousou colocar uma cabeça humana no corpo de um leão para torná-lo um deus criou um símbolo augusto. Já houve uma imagem mais impressionante da natureza na evolução coroada pela humanidade?
Tudo o que a ciência moderna nos diz em fórmulas ainda incertas sobre o desenvolvimento

Machine Translated by Google

da espécie e sobre as origens terrestres do homem, não se resume talvez nesta imagem da esfinge? Está aí, esta natureza terrena, com suas garras cruéis e seu corpo poderoso, apoiada na areia do mar de onde surgiram todos os seres, reafirmada ao solo duro do qual o lodo é a substância em processo; mas quanta nobreza, quanta calma e quanta consciência no seu rosto, que olha para o sol nascente do espírito e da verdade eterna! – Em virtude de que poder se realiza a imensa obra que faz subir a cabeça do deus sobre o corpo do terrível leão? — Força cega, luta pela vida, seleção dos fortes, fatalidade dos ambientes, dizem os discípulos de Darwin. Influência de Ísis, a grande alma do mundo, que inspira a natureza, os gêneros, as espécies, os indivíduos, vivificando almas e princípios intelectuais cada vez mais perfeitos. — Assim pensavam os sábios dos tempos antigos; então talvez os sábios dos tempos futuros pensem, sem esquecer que o problema tem dois lados inversos, que, cada um por sua vez, devem ser enfrentados e postos em acordo, mas que o rosto essencial,

primordial e final é o da Alma e do Intelecto.

A esfinge devia sua fortuna a essa ideia materna e à estranha família que deu à luz. É ela quem protege a arca de Israel sob a figura dos Querubins.
Na Assíria crescem asas colossais. Brilha “como o metal que sai do fogo” nos quatro animais da visão de Ezequiel, que se movem sob a glória do Eterno e que representam as quatro ordens de espíritos que giram a roda dos mundos. Ele atravessa os mares e vai aterrorizar a Grécia às portas de Tebas, na lenda de Édipo. Finalmente ele se torna a Esfinge; os seios provocantes se arredondam, erguendo os frutos vermelhos e saborosos sobre a neve da carne macia, enquanto as garras rasgam a carne humana e os olhos brilham com todos os sonhos e todas as curiosidades: imagem do Eterno - Feminino em sua forma infernal e duplicidade celestial. Mas ainda assim a obscura união da animalidade sagrada e do pensamento divino sempre se manifesta nele. Sua antiga e viril sublimidade intelectual só se revela na prateleira de Gizé, onde vive em sua imemorial velhice. Se os homens construírem um templo à Ciência e à Religião, o arquitecto terá de colocar a Esfinge masculina no seu limiar.

Depois de uma noite passada no hotel Mena-House, onde alguns ciganos tocavam as suas músicas melancólicas e loucas que parecem querer evocar todas as paixões, fui ver novamente a esfinge ao luar. Um dos lados da grande pirâmide estava imerso em sombras. Seu triângulo preto opaco cortava o azul claro e leitoso da noite. O outro lado brilhava com uma brancura calma e sem brilho. Quanto à esfinge, pareceu-me mais imponente e

Machine Translated by Google

como se estivesse transfigurado. Suas feições mutiladas recompostas sob o encantamento lunar. Um sorriso difundido em doce majestade percorreu seu rosto.

Voltei para o terraço do hotel. O ar ficou fresco. A grande tenda vibrava com o vento leste. Sentei-me debaixo dela sem poder desvencilhar-me nem da emoção grandiosa daquele lugar, que lembra o santuário do Absoluto, nem do encanto penetrante daquela noite clara, daquela atmosfera paradisíaca. Apenas breves rajadas interrompiam o silêncio musical em que todas as lembranças se acalmam, iluminam e se harmonizam na paz do deserto. Oh! Suspirei internamente, esse fluxo e refluxo incessante de esperança e tristeza, que forma a vida da minha alma agitada, quando irá cessar?

Mas agora, acima do tumultuado mar de pensamentos, erguer-se-ão os três sinais vitoriosos, os três sinais divinos, contemplados e conquistados naquele dia: a Pirâmide, imagem do Deus inescrutável, manifestada pela Lei do Ternário e do Quaternário. ; a Esfinge, sua Palavra viva, com garras de leão e rosto humano; a Fênix, imagem da Alma imortal, que atravessa todos os mundos com suas asas solares!

As ruínas de Memphis e o colosso de Ramsés II.

Pôr do sol no Nilo.

Yalla! Yalla! gritam os marinheiros árabes enquanto zarpamos do cais de Kasr-el-Dubarah. Somos cerca de vinte viajantes a bordo do Kahireh, um pequeno vapor que nos deve levar até à fronteira da Núbia e mostrar-nos pelo caminho os principais monumentos do antigo Egipto, de Mênfis a Philae. A partida é alegre, a manhã radiante. Céu de janeiro, tão brilhante quanto o céu de abril. Brisa fresca, com cheiro de primavera. À esquerda, as populosas margens do Cairo estão repletas de barcos amontoados como cegonhas em repouso; à direita, além da ilha de Gezireh, uma névoa rosa se espalha sobre as pirâmides. Passam vilas em ruínas e terraços verdejantes com romãzeiras.

Cairo foge atrás de nós. O rio torna-se tão vasto que já não o podemos ver, a não ser as margens distantes onde se erguem os tufos de palmeiras, agora tão finos como ervas delicadas. Os dahabieh, que, graciosos como gaivotas, uns carregados de areia e outros de cana-de-açúcar, balançam os seus altos mastros, sulcando a sua superfície brilhante e lamacenta. Navegamos nas costas largas do deus manso e poderoso, pai do Egito, e do velho Ápis, «que ninguém retém em sua

Machine Translated by Google

habitações", como diz o hino sagrado, não está mais sobrecarregada pelos barcos a vapor do que já estava pelos barcos enfeitados dos faraós ou pelos pesados colossos de granito transportados de Syene.

Ao meio-dia paramos em Bedrascin, uma aldeia de fellah, sob uma soberba plantação de tamareiras. Na encosta arenosa da margem, uma multidão fervilhante espera-nos e saúda-nos de longe com vivas frenéticas. Está agrupado em dois grupos. De um lado, todos os jovens da aldeia, uma centena de crianças com idades entre os quatro e os quinze anos, a maioria de camisa azul. Alguns garotos completamente nus espirram água, pulam e gesticulam no lodo negro, emitindo como um formidável grito o grito incansavelmente repetido: bakshish! Por outro lado, cerca de cinquenta condutores de burros com os seus animais aguardam e questionam os viajantes antes mesmo do barco atracar. O intérprete do navio vai escolher as melhores montarias e com golpes de chicote afasta os rejeitados que não desistem e voltam ao ataque. A batalha costuma durar meia hora em meio a um clamor de insultos e gritos. Em todas as estações da viagem, a cena será renovada com episódios variados. Nesta dura luta pela existência, não se sabe o que há de mais admirável, se a perseverança daqueles bons condutores de burros obrigados a ganhar a vida desta forma, ou a paciência daqueles pobres burros que recebem ainda mais golpes do que os seus mestres, mas que, neste desencadeamento da brutalidade humana, representam a doçura, a sabedoria e talvez o desprezo transcendente, caros a alguns dos nossos filósofos.

Assim que montarmos, atravessamos a aldeia. Dá imediatamente a impressão de um oásis e de vida tropical. Cabanas de barro sob altas tamareiras; aqui e ali lagoas. Mas essas habitações miseráveis são dominadas pela solenidade e pelo murmúrio das palmeiras. Quem diria que estamos aqui, no local onde ficava a antiga Mênfis, fundada por Mena, o primeiro dos faraós, cerca de cinco mil anos antes da nossa era? Na história da humanidade ainda não existe uma data mais antiga. Segundo Diodoro Sículo, Mena era originária de Thini, perto de Abidos, o mais antigo e remoto dos santuários egípcios, o primeiro centro do culto de Osíris. Mena foi provavelmente um pontífice de Schesu-Hor. Ele concebeu a grandiosa ideia de construir uma cidade na ponta do Delta, tornando-a um porto aberto e lançando assim a civilização egípcia em direção ao Mediterrâneo. Para fazer isso, ele começou concentrando todos os nomes do Alto e do Baixo Egito sob sua autoridade.
Ele então desviou o Nilo da cadeia líbia construindo uma barragem. Ele forçou assim o rio a cavar um novo leito e fertilizar outra área de deserto fluindo entre as duas cadeias de montanhas. Para proteger a cidade

Machine Translated by Google

das invasões, cercou-a com um lago artificial. Mena consagrou a cidade a Phtah, o demiurgo dos elementos, que molda e remodela as montanhas em sua forma, assim como o próprio Mena moldou e remodelou o Egito em sua forma. Depois, acrescentou o uraeus dos reis à tiara dos sumos pontífices e fez-se coroar faraó. Assim surgiu Memphis, Mennefer “o Porto do bem”. Tinha um circuito de seis léguas e reinava supremo entre o lago, o deserto e o Nilo. A parede branca da fortaleza real, os pilares vermelhos do templo de Phtah e o colosso do deus dominavam de longe o campo e o rio. Havia um bairro de estrangeiros - chamava-se "Mundo da Vida". Ecoava dia e noite com os gritos dos marinheiros e, mais tarde, com as orgias da fenícia Astarte. No entanto, a necrópole do deserto era alcançada através de um vale encantador e solitário que eu

Os viajantes gregos compararam-no à pradaria de asfódelos nos Campos Elísios. Atravessamos o lago em barcos e chegamos ao templo de Teinut, aos portões de Amenti e da Verdade, guardados por uma estátua da Justiça sem cabeça.

Nada resta da vasta cidade, nem mesmo as fundações. Ainda no século XII, Abdallatif admirava as ruínas de Mênfis, que, segundo ele, confundem a razão. Então, a partir de suas ruínas, o Cairo foi construído; o Nilo cobriu a planície com seu lodo e nele surgiu uma floresta de palmeiras. Mas, igual a uma floresta sagrada, esta floresta guarda um tesouro que diz mais sobre a alma do Egipto e a natureza do seu génio do que talvez as ruínas acumuladas da enorme capital pudessem dizer: o colosso de Ramsés II, o Sesostri dos Gregos , o mais ilustre dos faraós. Ramsés mandou erguê-lo em homenagem à sua vitória em Kadesch, conquistada sobre os Ketas, na Palestina. Naquela famosa batalha, cantada pelo poeta Pentauro, e que permaneceu como a Ilíada dos egípcios, a coragem e a presença de espírito do jovem rei decidiram o destino da luta. Oito vezes ele cruzou as linhas inimigas em sua carruagem de guerra, cujos cavalos eram chamados de "Vitória em Tebas
O poeta, cujos versos, gravados nas paredes de vários templos, chegaram até nós, retrata Ramsés rodeado de inimigos, abandonado pelos seus, invocando o seu Deus: «Penso que Amon me convém mais do que um milhão de soldados, do que um cem mil cavaleiros, de uma miríade de irmãos e filhos jovens, estavam todos reunidos! Fiz estas coisas pelo conselho da tua boca e não transgredi os teus conselhos. Eis que eu te glorifiquei até os confins da terra”.
Ammon responde: «Sou eu, sou seu pai! Eu sou o senhor da força, amante do valor; Reconheci um coração valente e estou satisfeito. Minha vontade será cumprida."

A estátua de Ramsés foi encontrada no Lago Bedraschin, quase intacta.

Machine Translated by Google

Apenas os pés desapareceram. Seu comprimento total devia ser de dez metros. Ela agora pode ser vista deitada de costas, à sombra das palmeiras, perto do lago tranquilo.

Foi construída uma escada de madeira que passa por cima do peito do colosso. Quando você sobe na pequena ponte, você pode ver seu rosto tão branco quanto o mármore de Carrara. Não vi nada tão belo na arte egípcia. Ramsés usa a tiara dupla dos faraós, o pschenti com o uraeus. Aquela cabeça, que lembra o tipo semita com a curva do nariz e a gordura dos lábios, parece um retrato falante.
Nada pode fazer com que se espalhe em seu rosto a expressão da juventude heróica, o sorriso nobre que lhe abre a boca e dilata aqueles olhos cheios de coragem límpida e de grande reflexão. É franqueza na força, espontaneidade na plenitude da consciência.
A mão direita do rei segura a cruz ansata; os deixaram o cetro, como que para demonstrar que o senhorio da iniciação religiosa deve preceder o poder real. O amplo peito ostenta um escudo encimado por uma coroa, com esta inscrição; “Ramsés, favorito de Aminon, filho do Sol, guardião da Verdade”. As escamas de uma armadura maleável moldam os lombos estreitos do lutador. Isso dá a ideia de um herói gastando alegremente suas forças exuberantes a serviço de uma grande missão e radiante de eterna juventude. Some-se a isso a majestosa moldura das palmeiras, cuja densa floresta circunda o lago e cujos galhos sombreiam o orgulhoso colosso, deitado - mas não dormindo - como parece estar sempre vigiando.

Não sei se Ramsés tinha um raio tão divino; mas o artista genial que esculpiu esta pedra certamente expressou nela o ideal do faraó, de um rei de justiça e de verdade, de um herói identificado com o deus que ele manifesta. Pela primeira vez, a arte egípcia, emergindo do seu invólucro hierático, antecipou a arte grega e moldou o ideal da vida. Assim, esta estátua diz muito mais do que qualquer templo ou museu.

Depois deste inesperado encontro com o gigante de outra época, cuja efígie dá a sensação de uma presença divina, toda a necrópole de Menti deixou-me indiferente.
As caves do Serapeum, esta gloriosa descoberta de Manette, com os enormes sarcófagos dos touros Api embalsamados e divinizados, pareciam-me a mais monstruosa aberração do politeísmo e da exploração teocrática. No entanto, as impressões do túmulo de Ti são alegres e vivas. Nada mais feliz do que aquelas câmaras mortuárias com paredes cobertas de pinturas de realismo ingênuo, galerias frescas que se abrem sob a areia do deserto e contam ao viajante sobre a vida egípcia há quatro ou cinco mil anos, sobre cenas de trabalho, sobre oferendas de frutas ou

Machine Translated by Google

flores, barcos e penas de voo, caça aos pássaros e peixes entre os feixes, juncos e cachos de flores de lótus: a época dourada da vida agrícola e patriarcal. As inscrições dizem os ofícios do falecido. Ti viveu durante a 6ª Dinastia. Ele era "um membro da família do rei, chefe dos portões do palácio, chefe das escrituras reais, comandante dos profetas". Sua esposa era Nefer-Hotep, "palma e delícia de amor para seu marido". Acima dos ceifeiros, que partem o grão e recolhem o trigo, lemos: «Esta é a colheita. Quando o homem trabalha, ele permanece cheio de doçura." Depois de um passeio de três horas no deserto, passamos pelas areias onduladas ao pé da pirâmide de Sakkarah e entramos novamente na área verde das terras cultivadas. Ali, nos campos, é-nos oferecida uma imagem da vida primitiva, ainda mais encantadora que a do túmulo de Ti. Toda a população de uma aldeia fellah descansa na grama após um dia de trabalho. Os felás estão agachados em círculo, com as pernas cruzadas, com os bebês montados nos ombros ou pendurados nos seios. Meninos e meninas rolam preguiçosamente no trevo grosso, a esmo, entre os carneiros de pêlo comprido, onde dormem ao lado das ovelhas sonolentas, que ruminam enquanto sonham.

Regressamos à floresta de Bedrascin sob o brilho do sol poente que avermelha os troncos das palmeiras e passamos entre o colosso jacente de Ramsés e o lago obscurecido pelo crepúsculo. – Descanse em paz sob as palmas das tuas mãos, descanse ainda por milhares de anos, imagem de mármore dos grandes reis de uma época passada! Seu glorioso reinado de sessenta anos não passa de uma lenda, e suas vitórias, gravadas em cem pilares, nos deixam indiferentes. Agora mal sabemos o que era um faraó! Mas a tua efígie, onde brilha uma alma, fala mais alto que a tua fama. Nele se perpetua o que de maior a humanidade pode produzir ao reunir todos os seus poderes: a força na juventude, o sábio no herói, o vidente e o atleta na verdade. Não, nunca esquecerei a brancura do seu olhar ensolarado, aberto para o azul!

Todos embarcaram novamente. O barco retoma sua jornada e navega pela extensão tranquila. Memphis e sua necrópole, tudo fugiu como um sonho, tudo agora não passa de uma massa de sombras. Mas, entre os troncos das palmeiras, passa uma fornalha dourada e o sol poente dá vida a um fogo de cor laranja, índigo e roxo. A atmosfera se transforma em um sino de cristal saturado de luz.
Instante único; o barco continua avançando, mas tão suavemente que parece imóvel na superfície do rio. A costa parece fluir como a moldura de um panorama.
Ora, o Nilo é semelhante a uma imensa lagoa que reflete a iridescência do céu e do seu seio surgem miragens. Teríamos a impressão de estar flutuando no barco de Ísis, entre duas imensidões, se, entre o céu e sua cópia líquida, a costa não

Machine Translated by Google

intercalava sua linha opaca como água forte, onde os perfis negros de palmeiras distantes contornam uma vegetação de juncos e flores de lótus. Finalmente tudo fica escuro. O pôr do sol não passa de um arco baixo estendido no horizonte, uma porta dourada que empalidece no frescor da noite. Já em direção ao zênite Orion brilha em todo o seu esplendor e constelações desconhecidas em nossas áreas aparecem no sul.

Durante três dias permaneci sob o encanto daqueles pores-do-sol maravilhosos e daquelas noites mágicas. Nem o espetáculo em constante mudança das costas com as suas rochas escarpadas e as suas cidades árabes, os seus bandos de íbis migratórios e as suas vastas perspectivas sobre o deserto branco pontilhado de oásis; nem o hipogeu de Beni Hassan, verdadeiros templos escavados na rocha viva, nem a caverna de Speos Artemidos que se esconde como uma cova de leões numa ravina da cadeia árabe, conseguiram desviar meus pensamentos dela. As belezas da terra e as memórias da história pareciam-me coisas fúteis em comparação com a magnificência do céu, que eu esperava todas as noites como o único acontecimento do dia, sempre novo e sempre fascinante. Assim, observei as três fases da luz no Nilo após o pôr do sol.

O disco vermelho e flamejante desapareceu atrás da corrente da Líbia. Semelhante ao impalpável véu cinzento que anuncia a morte no rosto humano, um arrepio permeia o deserto lívido. No ponto onde o sol submergiu, o céu fica amarelo pálido. Parece que tudo acabou e que esta luz apagada deve ser imediatamente substituída pela noite. Esta é a primeira luz com um efeito sinistro e quase sepulcral. — Mas logo o nimbo amarelo se concentra num arco dourado fundido, um reflexo do disco de Ammon-Ra na atmosfera; transfiguração do deus morto na alma pulsante da terra apaixonada. O arco laranja se funde com o azul devido às sete cores do prisma. É a segunda luz. Arde rapidamente como uma vertigem da alma, onde toda a gama de uma vida ardente vibra mais uma vez na alegria e no estrondo da despedida. —Mas, à medida que o arco de fogo empalidece, forma-se acima dele um halo púrpura que se estende cada vez mais como um halo de dor e paixão e que acaba invadindo todo o céu. Quando o ar está muito puro, cinco raios rosados podem ser vistos subindo deste nimbo que sobem até o zênite e empalidecem as constelações nascentes. Esta é a terceira luz, a despedida de Ammon-Ra, o último sorriso do já distante deus e a promessa de sua ressurreição. A porta dourada tornou-se a porta branca e fosca, aquela que conduz ao outro mundo, ao reino de Osíris. E o último raio de Ammon-Rà parece querer dizer à alma desanimada: «Nunca mais me verás; Atravessei os portões da morte; me procure lá."

Machine Translated by Google

Esta grandiosa trilogia, entre a terra, o sol e o céu, pareceu-me uma representação viva do drama mitológico de Ammon-Ra, cujos três atos poderiam ser chamados de vida, morte e ressurreição, e que abrangem a história de todos seres. Não nos surpreendamos, portanto, se os antigos egípcios, envolvidos diariamente pelo esplendor deste espetáculo, nele resumissem o drama da alma, do universo e dos deuses.

E o primeiro destes dramas, a história e a viagem da alma, tentaremos evocar, desde as profundezas do pensamento egípcio, até ao templo de Abidos, o antigo e misterioso santuário da religião osírica.

Abidos. A religião de Osíris.

O culto aos mortos e a jornada da alma.

Abido! Osíris! Hermes! —A cidade, o deus e o profeta dos mistérios egípcios. Estes três nomes contêm o grande desconhecido desta antiga civilização e da sua doutrina sagrada que fascinou a antiguidade, e da qual um raio tênue mas inextinguível atravessou as trevas dos séculos para perturbar e talvez para despertar a nossa.

Abidos é provavelmente o santuário mais antigo do Egito. Da cidade vizinha de Thini veio Mena, o primeiro dos faraós, fundador de Menti. Desde os primeiros séculos do Cristianismo, uma cripta profunda, escavada nas laterais da cadeia da Líbia, era visível em Abidos. Descemos àquele templo fúnebre entre duas fileiras de enormes monólitos, esculpidos em estátuas de Osíris, semelhantes a múmias eretas e acordadas. No fundo havia uma tumba incrustada na pedra. Afirmava-se que era o de Osíris, esse deus mitológico, esse rei fabuloso que ensinou as artes e as ciências ao Egito, que sucumbiu às emboscadas de seu irmão Tifão, cujos membros foram encontrados por sua esposa Ísis e cujo filho Hórus se tornou o vingador. , o reaparecimento ativo e vivo. Abidos era, portanto, o Santo Sepulcro do Egito.
Pessoas vieram de todos os lugares para consultar os profetas. Os faraós receberam ali a iniciação mais elevada. Os peregrinos se reuniram lá. Barcos pintados carregavam inúmeros sarcófagos ao longo de um canal de duas léguas. Pois reis e nobres queriam que seus caixões fossem consagrados neste santuário, mesmo quando tinham seus hipogeus em outras necrópoles. Eles acreditavam que este era o melhor viático para a viagem além-túmulo.

A grande fama de Abidos remonta ao reinado de Seti I, pai do grande Ramsés.
Este príncipe que marca com os Tutmes e seu ilustre filho o apogeu da

Machine Translated by Google

O poder egípcio pertencia àquela dinastia tebana que, após séculos de lutas, expulsou os usurpadores estrangeiros, os hicsos, aboliu os cultos impuros e bastardos trazidos da Fenícia pelos invasores e tornou a autoridade suprema do culto puro e masculino de Amon. -Rà, que nada mais era do que a forma externa e oficial do culto secreto e iniciação de Osíris. Para consagrar a grande vitória política, social e religiosa do faraó teocrático, Seti mandou construir seu memnônio próximo ao mausoléu simbólico do grande, santo e oculto Deus, para que seu filho e seus sucessores ali viessem para serem inspirados e iniciados. Para melhor expressar seus pensamentos, ele mandou construir este templo segundo um plano especial que não se encontra em nenhum outro lugar. Em vez da cela reservada a uma única divindade, como nos templos de Denderah, Karnak, Luksor e Edfu, o santuário era composto por sete capelas dispostas em fila. O da esquerda foi consagrado ao rei reinante, os outros seis, à série de divindades que correspondem aos sucessivos graus da iniciação sacerdotal e real, por Phtah, o distribuidor dos elementos físicos, através de Aarmakis, o regulador plástico , Amon, coração do desejo, criador e reprodutor, Osíris, o verbo humano revelador, Ísis, a luz incriada, até Oro, o espírito divino ressuscitado no homem.

Aliando a afirmação histórica ao testemunho científico e religioso, Seti tinha os sinais de todos os faraós que a política e a doutrina tebana consideravam legítimas, porque se mantinham fiéis ao culto de Amon-Rá, reproduzido numa ala do templo. Essa lista de reis solares foi como o selo colocado na obra de Amós, o libertador, de Tutmes, o conquistador. Seti morreu antes de terminar o templo que havia decorado pelos primeiros artistas do Egito. Mas o seu filho, Ramsés, o Grande, terminou-o e mandou gravar nele este elogio ao seu pai, que colocou na boca de Sefesch, deusa da escrita e da sabedoria: «Ele foi estabelecido como rei no trono do sol... (leia-se: da religião de Ammon-Ra). O mundo lhe foi dado como uma balança que ele mantém em equilíbrio graças à sua virtude benfeitora. Ele cuidava daquele que dormia; ele iluminou aquele que estava nas trevas."

Mas o que pensar da tumba de Osíris? era o simples cenotáfio de um deus mitológico, ou mesmo o túmulo do primeiro profeta de Osíris, do verdadeiro revelador, mais tarde divinizado pela religião antiga, instituidor do Tschesu-Hor, chamado Hermes pelos gregos, e a quem o Os Alexandrinos atribuíram a doutrina secreta do sacerdócio egípcio? Quando Mariette Bey empreendeu as escavações de Abidos, ela esperava que os seus trabalhos lançassem alguma luz sobre esta questão capital. Sua ambição era descobrir o túmulo de Osíris. Ele escavou toda a necrópole até os arredores do convento copta. No caminho, ele encontrou o

Machine Translated by Google

fundações da antiga Thini e tirou da areia o magnífico memnônio de Seti I com suas sete capelas e seus baixos-relevos policromados, admiravelmente preservados, obras-primas da arte sacra. Mas em vão ele cavou as ravinas nuas e rochosas da cadeia da Líbia; em vão ele derrubou o calcário cinzento e as pedras de alabastro branco para encontrar a cripta profunda, a boca negra que, pelos egípcios, era considerada a entrada para Amenti ou o reino dos mortos. A montanha de mármore não quis fazer nem seu deus nem seu profeta; havia se fechado sobre eles para sempre. Resumindo as suas impressões e falando do templo que descobriu, o incansável cientista grita, com a modéstia do verdadeiro sábio e a tristeza do investigador desiludido: «Entras no templo cheio de ardor, sais desanimado, ainda não para não por ter conseguido roubar-lhe o seu segredo, mas por ter descoberto que ele guarda esse segredo tão bem para si mesmo que não quis confiá-lo nem mesmo dentro de seus próprios muros.

Pobre e intrépida Mariette! Será necessário, então, que os heróicos pioneiros que encontram os grandes tesouros nunca os desfrutem? Sem dúvida este templo nada nos ensina sobre o caráter de Hermes, nem sobre a origem do culto a Osíris. Mas a doutrina do verbo solar irradia nas suas paredes. Os verdadeiros profetas desdenham deixar qualquer coisa além de seus pensamentos para o mundo. Desaparecem sem deixar vestígios, deixam a sua palavra em letras de fogo e a sua vontade nas testas dos séculos, que muitas vezes os carregam sem os compreender. As pinturas que adornam as sete capelas iniciáticas são de singular beleza e impressionante eloqüência. Sua série corresponde ao setenário cosmogônico e humano. A barca do sol, que os atravessa, mostra, sob o véu transparente do símbolo, a arca sagrada, centro luminoso da doutrina hermética dos egípcios. Então vamos vê-los no local.

O nosso barco já está atracado na aldeia de Bellianeh, e aqui somos lançados a trote pelos nossos burros pela imensa planície cultivada e verdejante. Durante duas horas passamos por este paraíso da vida agrícola. Como em Elêusis, aqui não se acreditaria no limiar do submundo. Os campos de milho verde riscados pelo balanço dourado da colza; homens e meninos espalhados pelos campos são tão belos quanto jovens efebos. Diz-se que descendem de uma tribo beduína. Na verdade, eles têm algo de livre e orgulhoso que os distingue dos felás. Alguns adolescentes, com movimentos graciosos de faunos dançantes, tocam uma melodia caprichosa e sertaneja numa flauta de palheta dupla, semelhante à antiga siringe. Os pequeninos Davids de doze anos atiram pedras no azul com estilingues tecidos de fibras de palmeira, e as pombas azuis, que estão roubando nos campos de feijão, levantam vôo para mergulhar ainda mais no verde denso e fedorento. Finalmente, casas

Machine Translated by Google

construídos com tijolos sem cimento, estão desenhados entre duas florestas escuras de palmeiras na crista cinzenta das montanhas da Líbia. De repente, o chão muda de aparência. Você anda sobre pilhas de pedras, pedras e sucata. Atrás da aldeia, surge na superfície do solo um templo, recentemente escavado nas colinas circundantes. É construída em forma de hemi-speos ou semi-caverna, ou seja, o corpo do edifício encosta-se à colina e serve de entrada ao santuário escavado na rocha. Resta apenas a base do pilar e os dois pátios de entrada. Você entra nas duas salas hipostilas por uma fachada de calcário branco com sete portas. Uma meia luz cai da parte rebaixada do galpão; ilumina vagamente os hieróglifos que cobrem as paredes e colunas. Imensa biblioteca de pedra, onde os deuses antigos já não parecem rugas veneráveis na testa de um velho imemorial. Mas entramos numa das sete capelas do santuário e de repente somos ofuscados pela luz. Cobertas de estuque branco, com admiráveis pinturas em relevo vazado, tão frescas como se tivessem sido pintadas ontem, estas capelas dão uma impressão de juventude e de radiante imortalidade.

Aqui estamos no verdadeiro santuário de Ísis e Orisis. Os baixos-relevos policromados do reinado de Seti I são de requintada delicadeza de design e intensa vivacidade de cor. A maioria representa a homenagem do rei à divindade. O gesto é sempre hierático, significado de alto simbolismo. Aqui, Ísis parada com o braço estendido apoia a mão no ombro do Faraó que está olhando para seu rosto. Mais longe, sentada num trono, ela amamenta o rei que está num degrau. A grande mãe da sabedoria inclina pensativamente a cabeça, envolve o seu discípulo real com um gesto protetor e oferece-lhe o seio com solicitude maternal, com castidade virginal.
Ainda mais longe, ela toca seus lábios com a cruz ansata para inalar a vida divina. Essas pinturas nos fazem compreender o significado e o destino do santuário. Quando o faraó recebeu a iniciação definitiva em Abidos, entrou primeiro na capela da esquerda consagrada ao rei e que continha a estátua real. Longe de adorar a si mesmo, na mais ridícula das idolatrias, honrou o ideal do Faraó que teve de perseguir ao longo da vida. Em cada uma das seis capelas subsequentes, prestou homenagem, através da oferenda de água, fogo, incenso e oração, a um dos princípios cosmogónicos do universo, correspondente a um dos princípios constitutivos do homem: a Ftah, o elemental e distribuidor vital; a Harmakis, o modulador plástico do mundo e do corpo etéreo ou duplo do homem; a Amon, gerador dos seres e centro da alma individual; para Osíris, a Palavra da Inteligência; a Ísis, a Luz celestial e inteligível; finalmente, ao filho deles, Oro, o Espírito divino ressuscitado no homem.
Vê-se que, nesta cerimónia religiosa, o Faraó percorreu a escada ascendente da vida e imbuiu-se

Machine Translated by Google

sucessivamente dos sete princípios geradores do universo, espiritualizando passo a passo para remontar à sua fonte. Na última capela, considerou-se que completou a sua evolução. Ele próprio se tornou um Oro, nome que leva em todos os documentos oficiais.

Os mais belos baixos-relevos referem-se ao próprio mito osiriano. Nada mais majestoso do que Osíris, entronizado, coroado com o pschenti, armado com o cetro e o mangual. Nada mais ágil e casto que Ísis, com seu vestido amarelo enrolado em dobras longas e retas. O sorriso da deusa costuma ser enigmático, ora triste de doçura, ora penetrante de serenidade. Ísis ajoelhada no barco solar diante de seu marido Osíris é encantadora. Que abandono perfeito na sua adoração, que graça divina no seu êxtase de amor! Recebe a influência do deus e deleita-se sob sua radiação.

Esta cena mística representa a criação do mundo ou a concepção das almas em virtude da luz celestial, sob o olhar de Osíris. Vamos dar alguns passos. Agora Ísis aparece sentada na popa do barco funerário. Na frente dele está uma tumba que contém a múmia do deus morto. Mas a sua mão segura o leme, o seu olhar está fixo no horizonte. A seus pés floresce um ramo de flores de lótus em cálices reclinados, colheitas de almas em formação. Ísis tornou-se a condutora das almas através das trevas da matéria, das quedas e das encarnações. Mas aqui está ela, vestida de raios solares, armada com o capacete azul de longas asas caídas, com seu filho Oro. Eles olham para Osíris ressuscitado.

Com que alegria eles brilham! Nas suas mãos brilha o anel da cruz, chave da vida imortal, imagem profunda da ressurreição da alma no seu regresso ao mundo divino.

Estas pinturas parecem-me ser o auge da arte egípcia. Aqui, a profundidade do sentimento, a graça viva da execução quase quebraram o modelo convencional. Estamos, sem dúvida, longe da arte grega onde a sensação, o sentimento e a ideia se unem para libertar o relâmpago da beleza. É uma arte severa que apela à inteligência, mas onde vibra uma emoção reprimida e a emoção sagrada dos mistérios.

Estas três pinturas oferecem a imagem sucinta da doutrina do Verbo-Luz, segundo a qual o homem é uma partícula emanada do princípio intelectual (Osíris) e da Luz inteligível e plástica (Ísis), uma partícula que desceu à matéria por sua própria vontade. erro ou pela prova necessária, e chamado a rastrear sua causa com esforço livre. Para se ter uma ideia, não direi uma completa, o que talvez, nas atuais condições da ciência, seja impossível, mas é necessária uma aproximada

Machine Translated by Google

leia o Livro dos Mortos. Sabe-se que era uma espécie de breviário colocado no sarcófago dos falecidos, que deveria protegê-los dos perigos do outro mundo e muni-los dos conhecimentos necessários para se libertarem dos seus caminhos obscuros. Segundo os alexandrinos, foi um dos quarenta e dois livros atribuídos a Hermes, contendo a ciência secreta do sacerdócio egípcio. Numerosos exemplos foram encontrados em papiros de múmias. Este manual do além-túmulo provavelmente não passou de um extrato do livro em questão, uma espécie de catecismo de simbolismo confuso e intrincado, porém atravessado por ideias profundas, como os grandes relâmpagos que perfuram a densa escuridão. Procuremos desvendar o seu significado íntimo e traçar o caminho da alma, tal como o imaginavam os sacerdotes egípcios.

1) O Amenti ou o abismo das sombras. — As últimas cerimônias fúnebres terminaram. O sarcófago de madeira dourada que contém os restos embalsamados e que reproduz a figura viva, de pé à entrada do hipogeu, recebeu as orações da família, os hinos dos sacerdotes, as libações dos celebrantes. Os enlutados ficaram em silêncio; o banquete de despedida foi celebrado. Agora o morto está selado e murado em sua câmara de pedra, na “morada da eternidade”. O que a alma está fazendo neste momento? Congelada de espanto, ela segue seu corpo como destroços presos a um navio naufragado. Não passa de uma sombra.

No entanto, ele sente um corpo e membros como um ser humano. Mas eles são sérios; não pode movê-los. Ele gostaria de ligar, mas não tem voz; tenta ver, mas um véu espesso se estende entre ele e as coisas. A sua própria atmosfera esconde o sol como um crepe preto.

Flutua, oprimida pelo silêncio, presa na escuridão e na angústia. Mas a noite chega. A luz da lua penetra nele com uma vibração magnética e emergem vagas fosforescências. Mãos, braços, larvas humanas estão delineadas; alguns opacos, outros cinzentos; outros brilhantes acendem e apagam de vez em quando, atordoando-a como um bando de mariposas e morcegos. As mãos tocam, agarram. Entre esses rostos ela reconhece alguns que já estão vivos, mas a maioria é desconhecida para ela. Têm a expressão intensificada dos vícios ou crimes aos quais a alma se deixou arrastar durante a sua vida. Caretas lascivas, máscaras de ódio, perfis cruéis e predatórios, canalhas hipócritas. Agora ela pensa que entende os sussurros deles. «Somos os maquinadores das trevas, abrimos os abismos onde caem as mãos. Você é nosso. Você vem! ». E, como uma folha levada pelo vento, arrastam-na para um furacão. Eles o transportam para longe, para o cone de escuridão que a terra projeta atrás de si. Ali mergulha e vagueia perdido, embriagado de terror, entre milhares de sombras, longe do sol, longe da lua, longe de todas as estrelas, nos precipícios do vazio frio e escancarado. Multidões de almas das trevas perseguem-se ali, ora para se agarrarem, ora para se despedaçarem, e

Machine Translated by Google

eles recomeçam com fúria cem vezes maior o tumulto de suas paixões terrenas. Quando a alma falecida consegue escapar deste abismo de vertigem e medo, refugia-se no necrotério do seu hipogeu. Melhor o nada da dissolução e da morte do que a horrível tempestade de sombras, no abismo de Amenti!

2) A duplicação, ou a lembrança da alma. — Mas eis que, das profundezas das trevas, ela vê, nas alturas do ar, uma forma luminosa carregando um cetro e um elmo alado e descendo lentamente. É ouvido chamado pelo nome. «Quem é você? - Chame-me de Hermes. Eu sou seu gênio guia. Os deuses ordenaram-me que fizesse da palavra de Osíris uma verdade para você. Abro os caminhos; Eu traço os caminhos. Olhar". Hermes toca a sombra com seu cetro onde duas cobras estão entrelaçadas. Instantaneamente ela recupera movimento, visão e fala. Trilhas dispersas de almas brancas desenham graus desiguais no espaço. Acima, uma luz ofuscante atravessa o ar opaco e sacode a alma que se agarra ao seu túmulo desde o seu sono fúnebre. De repente, sob aquela explosão de luz, ela se lembra de sua vida divina passada: “Então não sou um fantasma amaldiçoado?” Uma sombra passageira? Sou uma alma vivente, uma partícula de Osíris! —Para melhor lembrar de você, suba comigo à região do sol. – Infelizmente! Não me atrevo, não posso! O peso da vida terrena me segura, sou prisioneiro da minha sombra, na rede de Anúbis, nas entranhas de Set — Espírito imortal! você deve se separar de sua sombra mortal. — Deixá-la na angústia? Eu não quero. — Então, você não ascenderá comigo como uma chama pura, não ascenderá como o falcão de Oro ao céu de onde desceu.

E quando Hermes se despedir de você pela última vez, a destruição, o esquecimento e a morte cairão sobre você para apagá-lo do livro dos vivos. — Ouço duas vozes. Minha sombra, agarrada à terra, implora: fique! A luz me assusta! O espírito, lá de cima, exclama como um longo concerto: Suba! e enfrentar tudo. Deixe sua sombra morrer em vez de ver o céu novamente! —A quem devemos obedecer? Horror! Eu sou duplo! — Eu sou o bom piloto; não dê ouvidos ao outro. Ele o levaria à serpente Aker e à morada da aniquilação.

Só eu conduzo ao barco de Ísis. Quero fazer de você uma pura flor de lótus, uma alma de eternidade. Vamos! Vamos! —Você está me arrastando? Tormento assustador!... Minha sombra que chora, e a terra que desaparece... ».

Aqui eles estão no limite do mundo sublunar, chamado de muro de ferro pelo Livro dos Mortos.

Sua saída é guardada, segundo os sacerdotes egípcios, por espíritos elementais, cuja

Machine Translated by Google

a fluidez cobre todas as formas humanas e animais. Almas semiconscientes dos elementos, protoplasmas de almas futuras sem individualidade fixa: a atmosfera terrena é o seu interior.

Eles atacam tanto o homem vivo que quer penetrar no invisível através da magia quanto a alma falecida que quer sair de Amenti para entrar na região celestial.

Esses guardiões do limiar são representados na mitologia egípcia pelos cinocéfalos. Anúbis com cabeça de chacal é o senhor deles. Os gregos fizeram dele Cérbero. O gênio da Alma, Hermes, afasta-os com um gesto régio e com um lampejo de seu cetro abre caminho em meio à multidão rodopiante. Aqui eles estão fora da atração terrena. Como uma bola de fogo, o sol emerge das profundezas escuras do espaço. A alma olha-o de frente, deslumbrada com o seu registo. — Você vê Ammon-Ra, o deus dos planetas, Hermes diz a ela, e esta é apenas a sombra do deus da Verdade. Mas ainda assim, contém seus aromas criativos. Olhe com atenção e não trema. Pois, em seu disco, aparecerão para você os sete verbos do único deus. Se você mantiver seu esplendor, você se tornará o juiz de sua própria alma.

Os sete deuses aparecem posteriormente como flashes brancos no disco vermelho. Dizem à alma: «Nós te demos o nosso fôlego: justiça e misericórdia, ciência e beleza, sabedoria e amor e força. Você se lembra disso? O que você fez no mundo de mentiras e trevas? ». A cada um desses nomes a alma se sente atingida por um raio. Para cada um, ela vê desdobrar-se o esplendor de um céu redescoberto. Ao mesmo tempo, ele vê a miséria e a feiúra da sua vida terrena. Finalmente, destruído, grita: “A sombra se desespera!” A sombra está morrendo! Eu ouço isso me chamando de baixo.

Vamos descer! ». Eles atingem a área que circunda a terra como uma camada de vidro opaco. A passagem deles abre um caminho para você. Então, o abismo negro fecha-se sobre eles, e aqui estão novamente imersos no doloroso círculo das gerações, nos limbos de Amenti. Perturbada, a alma olha por sua vez para o seu Gênio luminoso com o capacete alado e a sombra negra inerte em seu túmulo. Sorridente e impassível, o Guia divino responde com estas palavras mais terríveis que uma frase: «Você sabe, agora; seja seu próprio juiz",

3) O julgamento ou a segunda morte. — A alma, separada do corpo, iluminada pela memória divina do espírito, vê passar diante de si toda a sua vida e, tornando-se estranha ao seu passado, julga-se sob aquela luminosidade implacável. Depois vai para onde precisa ir, de acordo com as afinidades geradas por seu próprio

Machine Translated by Google

ações, das suas volições, dos seus pensamentos secretos, e isto por uma lei tão natural e infalível como aquela que faz a rolha saltar na água e levá-la a afundar. Os egípcios expressaram esta concepção de uma psicologia profunda com o julgamento de Tot (Hermes) representado simbolicamente numa gravura do Livro dos Mortos e reproduzido em pinturas em vários túmulos de reis em Tebas. O local do julgamento é chamado de “salão da verdade”. O juiz Osíris, sentado no trono, segurando o cetro e o chicote, representa o espírito divino presente no próprio homem. Tot (Hermes), atuando aqui como testemunha e chanceler, carrega as tabuinhas chamadas "os misteriosos arquivos dos deuses". Ora, esses arquivos significam esotericamente o éter sutil, onde as ações, desejos e até pensamentos do homem são impressos como imagens mais ou menos fortes e duradouras, dependendo de sua frequência e intensidade. Essas imagens, trazidas à vida por Hermes (o Gênio-Guia), desdobram-se diante da alma como uma grande pintura.

Os dois Gênios Schai e Ranen (Fatalidade e Felicidade) dominam um grupo hieroglífico significativo: Renascimento. Para descobrir em que direção o homem se inclinou, Hermes coloca o coração do homem em um dos pratos da balança e a estátua da Verdade no outro.

São as intenções secretas, e não as ações, que decidem o destino futuro da alma. Aqueles que se endureceram no mal até perderem todo o sentido da verdade, mataram dentro de si a última lembrança da vida celestial, cortaram o vínculo com o espírito divino, pronunciaram a sua própria aniquilação, isto é, a dispersão da sua consciência nos elementos. Aqueles em quem existe o desejo do bem, mas dominado pelo mal, condenaram-se a uma nova e mais laboriosa encarnação. Pelo contrário, aqueles em quem o amor à verdade e a vontade de bem triunfaram sobre os instintos inferiores estão prontos para a jornada celestial, apesar dos seus erros e das suas falhas temporárias.

Então, o espírito divino reúne em si tudo o que há de puro e imortal nas memórias terrenas da alma, enquanto tudo o que é falso, impuro e mortal se dissolve em Amenti com a sombra vã. Assim, a alma, através de uma série de testes e encarnações, destrói-se ou imortaliza-se à vontade.

Esta integração é precisamente o que os iniciados egípcios chamavam de ressurreição.

4) O retorno à luz, ou a ressurreição. — Armada pelo próprio Hermes com o cetro da vontade soberana e o anel da cruz, sinal de imortalidade que procede do amor-sabedoria, a alma se lança no mundo divino como em sua pátria. Ele sobe, irradia, vê. O sol, os planetas, o mundo material,

Machine Translated by Google

tudo desapareceu. Libertado da sua casca opaca, ele volta da frente para o fundo da vida e o interior das coisas lhe aparece. Purificado, mergulha na Alma do mundo que contém os fluidos, essências e arquétipos de todos os seres.
Deslumbrada pelas torrentes de luz, ela exclama: «Deixe o céu se abrir, deixe a terra se abrir, deixe o sul se abrir, deixe o norte se abrir, deixe o oeste se abrir. Eu me distancio das multidões circulantes e começo de novo em suas mãos." Sua palavra se torna luz e a luz se torna palavra. Pois, das alturas deslumbrantes, milhares de vozes respondem ao seu grito: “O céu se abre quando o deus emerge!”. E sobe, sempre sobe.
Do ponto incandescente, quatro rios nascem e se estendem em todas as direções como se quisessem abraçar o espaço. Hermes diz à alma: «O rio de ouro vem de Osíris, inteligência; o rio azul de Ísis, amor; o rio roxo de Rà, vida; o rio esmeralda de Neftis, a Substância universal.

Nessas águas celestiais, o barco de Ísis rema majestosamente; a deusa está no comando; seu filho Gold, armado com uma lança, está na proa.

No centro do barco ergue-se uma capela, cujos capitéis, em forma de flor de lótus, sustentam, em forma de cúpula, um globo brilhante, reflexo do sol de Osíris.
Neste templo brilham as sete grandes divindades. Pois, no mundo celestial, todas as ideias aparecem como seres, e cada espírito as percebe de acordo com seu grau de força.

Ao ver isso, a alma se alegra e exclama: «Sinto o sopro dos deuses passar por mim.
Eu sou Ísis, Osíris, Rá e Néftis." Os timoneiros respondem: «Suba neste barco milenar para completar o seu ciclo divino». Recebido no barco, o homem, tornado um Osíris, exclama: «Sou ontem e sei o amanhã. Eu sou o mestre em renascer pela segunda vez. Atravesso o céu, despertando a luz em você. Eu voo para iluminar minhas mãos. Eu abro e fecho. O bom Deus me concedeu tudo isso."

Com movimento ascendente, numa calma vertiginosa, o barco de Ísis sobe por entre frotas de estrelas. Naquele barco maravilhoso, que pode ir a qualquer lugar, conforme o desejo, que carrega a Arca e o Arquétipo do Ser, o espírito se encontra como se estivesse no centro do espaço e do tempo. Ele abraça o drama do universo. Ele vê as almas subirem e descerem, libertarem-se e reencarnarem; as gerações, os mundos, saindo do caos e retornando ao seio de Ísis que os devolve ao marido. Mas todas essas coisas trágicas e terríveis, em vez de formarem, como na terra, um conjunto de ruídos discordantes e dolorosos, agora se espalham e caem em grande número e ecoam no coração da alma como uma sinfonia divina. Lá

Machine Translated by Google

a terra de Ansù, onde pousa o barco de Ísis, é um planeta espiritual sem atmosfera elementar, iluminado pelo sol da Verdade, animado por sua Palavra, onde os eleitos criam um mundo à sua imagem, segundo a lei da afinidade, de ' amor e harmonia. É a antíctone de Pitágoras, a segunda terra de Platão, a Heliópolis celeste.

Tal é a viagem da alma que os frescos de Abidos realizam desde os seus barcos luminosos como em versos rítmicos. Quando você pensa que essas pinturas datam de antes de Moisés e que o Livro dos Mortos é ainda mais antigo, você se enche de respeito pela antiguidade dos símbolos mais augustos do espírito humano. — Mas a luz havia escurecido na capela de Oro onde eu havia permanecido. Esculpido na rocha e sem abóbada, abre-se bem acima do solo. Já o reflexo do pôr-do-sol lambia as suas paredes de estuque rosado com uma brancura nevada e, pouco a pouco, as imagens sagradas reentraram na noite. O templo voltou a ser uma tumba. Risos alegres e gritos agudos soaram; os perfis negros de alguns rapazes estavam desenhados no céu, acima do friso. Eles zombaram de mim e me chamaram de espíritos malignos. Lembrei-me que era hora de partir. Mais uma olhada nas colinas circundantes, caminhos em ruínas, deserto de mármore e alabastro, onde alguma colossal estátua decapitada de Osíris se ergue contra seu pilar em ruínas, e aqui estamos nós galopando novamente entre a grama e o trevo, na estrada do Nilo, em a infinita planície verde, onde emergem as colheitas e as almas.

Plutarco afirma que Osíris é Dionísio. Ou, pelo menos, ele acredita que o deus das folhas de videira e da juventude eterna nada mais é do que outro aspecto do deus dos mortos e dos mistérios. Eu acreditaria nisso de bom grado, pois, perto de Abidos, encontrei vestígios de sua divina procissão. No fundo de uma encosta, em frente a um pequeno riacho, dois rapazes de vinte anos brincavam com suas seringas com uma alegria louca. Um deles, um verdadeiro fauno dançarino, seguiu minha montaria correndo, ao som de sua bengala. Durante o espaço de meia hora não diminuí a velocidade da minha montaria, nem por um instante o fellah deixou de saltar ao meu lado ou na minha frente, através dos campos, como um íbex: e a melodia dobrou de alegria sob os seus lábios trêmulos. Finalmente ele ficou para trás, ainda jogando. Eu parei. O sol havia se posto. A paz dos campos, o murmúrio dos trevos, combinavam-se docemente com a grande sinfonia de luz e o canto humilde da seringa. Mas à medida que a seringa beduína se afastava, o som tornou-se mais suave e tingido de melancolia. Em última análise, teria soado como a voz de uma alma perdida no espaço ou a de um pobre grilo sussurrando no silêncio do crepúsculo.

Machine Translated by Google

Abidos e as suas maravilhas tinham desaparecido sob a linha irregular e escura da cadeia da Líbia.

O Templo de Denderah e o Panteão Egípcio.

A antiga Tentiri, da qual o templo oferece uma imagem arquitectónica, é uma ilustração pictórica da teogonia e da cosmogonia dos sacerdotes egípcios, ou seja, do sistema cosmológico que os manteve como lugar de síntese científica e que se reflectiu na vida religiosa e instituições sociais, das quais Tebas nos dará o quadro resumido, a contraprova histórica.

Visto à distância, o templo de Athor desaparece dois terços atrás da pilha de ruínas que o rodeia. Mesmo do navio é possível ver esta ligeira ondulação do terreno por entre as plantações baixas de onde emerge um edifício retangular. Ali são vistos sete buracos negros, semelhantes a sete portas; é a parte superior da colunata do templo. Tinha que ser libertado das ruínas acumuladas e do lodo centenário sob o qual dormia enterrado, mas intacto. Graças à sua integridade, surge a síntese do pensamento egípcio em todo o seu esplendor impessoal, construído em granito, esculpido em baixos-relevos, escrito em hieróglifos, vivo, falante e quase em acção.

Assim que você chega perto percebe a grandiosidade e beleza do templo.
Ainda permanece intacto com as suas colunas, as quatro salas, os pronaos, o nao, o santuário, o circuito de capelas, as criptas, os tectos astronómicos, a sua ornamentação figurativa e o seu comentário hieroglífico. Uma escada em caracol, cortada na espessura da parede, conduz ao telhado em terraço, onde, como em Philae, se ergue a pequena capela de Osíris. Tal como o de Edfu, o templo de Denderah remonta à era ptolomaica; mas ambos foram construídos de acordo com os princípios e modelo dos antigos templos egípcios. Uma inscrição de Edfu diz que o templo de Orus foi construído "de acordo com o plano do grande livro que caiu do céu ao norte de Mênfis", o que provavelmente indica a religião de Osíris, chamada Hermes, promulgada em Abidos. O texto lapidar acrescenta: «Este monumento, restabelecido por Sua Majestade e seus irmãos, tem a forma da Montanha do Sol». Ora, esta montanha do Sol significa o Arquétipo Trinitário dos princípios constitutivos do universo: Osíris, Ísis e Ouro (Essência, Substância e Vida), que se refletem, embora em graus diferentes, tanto no mundo divino ou espiritual como no no mundo intelectual ou humano, bem como no mundo natural ou animal.
Os três mundos dominados pela unidade divina constituem o quaternário do universo.

Machine Translated by Google

Estes textos irrefragáveis, gravados em pedra, autorizam-nos a procurar os princípios da síntese egípcia na própria estrutura do templo. Todo verdadeiro templo é uma imagem do homem e do universo. Ora, no universo como no homem, a anatomia é a base da fisiologia e esta nada mais é do que o funcionamento orgânico da Psique divina que anima o corpo.

O pilar ainda de pé é verdadeiramente triunfal. A alta porta trapezoidal representa a entrada real do templo dos deuses. A divindade aqui venerada não representa, como em muitos templos gregos, um dos aspectos da Natureza, mas a própria Natureza, Athor, a mãe dos deuses, que, gerada pelos princípios eternos, os cria de novo para o mundo e os manifesta para homens . Nós olhamos para a fachada. Seis colunas redondas são desenhadas acima dos buracos negros e abertos, formando sete portas de entrada. Os capitéis quadrados têm quatro faces idênticas, representando os traços graves da deusa. Os cubos que separam estes capitéis da arquitrave representam pequenas capelas.

Essas enormes colunas, com suas quádruplas cabeças femininas, dão uma impressão de majestade e terror. Parece sentir a força prodigiosa da natureza no seu poder de procriação encerrado pela efígie humana e dominado tiranicamente pela linha horizontal da arquitrave como pelo peso da eternidade. Mas desçamos a escada que, do alto do amontoado de ruínas, desce para o interior do templo limpo. Aqui estamos no salão hipostilo. Os enormes capitéis da fachada desenham-se agora contra o céu e formam, acima das portas muradas, sete molduras de luz. Os iniciados do primeiro grau entravam nesta sala, que leva o nome de sala de Nut, deusa do céu e do espaço, e corresponde ao mundo das forças elementais. O piso do templo representa a terra. Plantas aquáticas, flores de lótus e papiros adornam a base da parede. Depois vêm bandos de pássaros e figuras de faraós oficiantes. O teto, pintado de azul, é pontilhado de estrelas de cinco raios, entre as quais os abutres de Netshab e Uazit acenam, simbolizando o Sul e o Norte. Nas profundezas deste firmamento, o sol e a lua navegam nas águas celestiais do éter, escoltados pelos planetas, constelações e decanatos. Os gênios dos meses e dos dias caminham em longas filas ao redor do zodíaco.

Outra porta leva à sala de manifestação, que corresponde ao mundo humano e intelectual. Uma pintura, notável muito mais pelo seu significado do que pela sua execução, aqui representa o Faraó, com a cabeça baixa e trabalhando a terra diante de Athor, ou seja, preparando simbolicamente a humanidade para receber as sementes da verdade divina em sua qualidade de filho do Sol. Para o salão

Machine Translated by Google

intermediário das oferendas chega-se àquela que leva o magnífico nome do salão do esplendor ou do resto dos deuses. Corresponde ao mundo divino dos espíritos glorificados e domina, sem barreiras, o próprio santuário, rodeado por doze capelas que representam o círculo dos Deuses ou as Forças Principais que são os diferentes raios do grande Deus. A capela central continha o barco dourado com a estátua da deusa. Era a Arca Sagrada contendo o Arquétipo.

Todo o santuário é denominado pelas inscrições “a montanha do Sol, onde a mãe dos deuses se junta ao seu pai Rà na câmara das delícias”. O simbolismo egípcio não é avançado o suficiente para indicar o significado exato das doze capelas do circuito. Mas os nomes que levam em Edfu (câmaras de Osíris, do trono dos deuses, da procriação da Substância) indicam suficientemente que devem ter tido um significado metafísico transcendente. O santuário possui uma cave que reproduz todos os seus compartimentos. Naquela corrida à luz de tochas através de inúmeras criptas, nuvens de morcegos batiam em nossos rostos e esvoaçavam em torno de nossas velas. Guardei apenas uma memória confusa das pinturas que cobrem todas as paredes; No entanto, duas imagens permaneceram comigo. A primeira, acima de uma porta, é a de Ísis apresentando a flor de lótus ao iniciado. Ele responde com uma expressão séria e triste ao lindo sorriso da deusa. A outra é, numa cripta profunda, uma Ísis primordial. Ela está deitada no canto da pintura.

A cabeça sobe perpendicularmente, os braços levantados sugam o espaço. O perfil severo e reto, de beleza hierática, é coberto por uma pátina negra, mas o olho azul, bem aberto, bebe no infinito. No canto oposto da pintura, flechas douradas crivam o corpo escuro da deusa. Ísis, a Alma do Mundo, desperta de sua noite eterna sob a radiação de Osíris e mundos surgem de seu olhar extasiado.

É claro que a divisão quaternária do templo de Denderah e a sua decoração interna ofereciam a imagem sumária de uma cosmogonia e de uma teogonia. Devia corresponder às quatro ordens de ciências ensinadas nos templos; as ciências naturais, humanas e divinas e a ciência dos princípios, das quais apenas as duas primeiras foram transmitidas aos leigos. Acrescentamos que o culto pôs em ação, com sua pompa externa, as ideias mais profundas da teosofia osírica.

Na grande panegíria, ou festa do ano novo, o Faraó, acompanhado pelo grande pontífice, entrava na cela do santuário que só eles tinham

Machine Translated by Google

direito de abrir. Então, enquanto realizavam as cerimônias sagradas nas doze capelas, a imagem da deusa saiu em seu barco dourado.

À luz das tochas, nos redemoinhos do incenso, apareceu sucessivamente na sala do Esplendor, na da Manifestação e na do Universo com o seu teto astronômico. Finalmente, conduzida em plena luz, percorreu os jardins do templo, sob uma chuva de flores, entre as aclamações do povo, ao tremor dos sistros e dos hinos sagrados. Assim se celebrou a festa da Primavera, do Amor, do Renascimento universal. Mas, por baixo deste aparato, escondia-se uma profunda ideia religiosa e metafísica. A deusa emergindo do santuário representava os princípios divinos que atravessam os três mundos e se manifestam através do Eterno Feminino. Pelo contrário, o Faraó, que veio de fora e ascendeu ao coração do templo através das três salas de iniciação, representava o homem que, do mundo material e terrestre, ascende ao seu princípio espiritual. Assim, até mesmo o culto se conformava à dupla lei da involução e da evolução do universo, ele próprio dominado pela lei da hierarquia das almas e dos princípios.

A inteligência destas ideias e a sua expressão religiosa num passado distante não serão talvez inúteis à orientação histórica e filosófica do século XX.

As mentes superficiais podiam acreditar, há vinte anos, que o positivismo triunfaria, porque os nossos guias intelectuais afirmavam orgulhosamente que a alma nada mais é do que um complicado movimento da matéria e que, mesmo que a borrifassem com flores, teriam enterrado a ideia. de Deus. Hoje, um suspiro sobe de todos os lados em direção ao mundo da alma e à ideia de Deus, como em direção aos paraísos perdidos.

Começamos novamente a duvidar se o mundo moral é possível sem um princípio inteligente e ordenador, formando ao mesmo tempo o ápice e o equilíbrio, a origem e o fim do universo; se o mundo natural e visível, que serve como base evolutiva para este mundo moral, é ele próprio concebível sem a dupla causa da inteligência criativa e da alma sensível em todos os graus, em todas as esferas do ser.

Vista exotericamente, isto é, de fora, a religião egípcia aparece-nos como uma mitologia complicada, supersticiosa e idólatra, como de facto o foi para a maioria do povo egípcio. Visto esotericamente, isto é, de dentro,

Machine Translated by Google

esta mesma religião revela-nos uma síntese notável e uma aplicação não menos notável das verdades intuitivas, primordiais e inteligíveis que o espírito apreende a priori nos seus próprios arcanos e sem as quais todo o aparato experimental só conduz ao mais perigoso e mais desastroso que o caos .

Acrescentamos que, no campo psíquico, os sacerdotes egípcios devem ter conhecido perfeitamente, ainda que com outros nomes, os fenómenos que os estudiosos dos nossos tempos acreditam ter descoberto e que chamam de magnetismo animal, sugestão, dupla personalidade, telepatia, sonambulismo, visão dupla, externalização da sensibilidade, projeção no ar do mediador plástico ou duplo do homem, durante o sono cataléptico do sujeito. Tudo nos leva a crer que os sacerdotes egípcios praticavam estas artes refinadas e perigosas com profunda ciência, nas quais ainda tateamos. Sem tais estudos experimentais e tais noções racionais, os discípulos de Hermes não teriam sido capazes de construir nem a sábia psicologia que serve de base ao Livro dos Mortos, nem a síntese filosófica de que os seus templos são imagem e que sobrevive a todos os tempos. destruição. Menos profundos que nós no conhecimento material, eles nos superaram em muito em suas práticas e em seu conhecimento psíquico.

Agora, a alma humana é a chave do universo. Esta é a razão pela qual a psicologia experimental será a ciência central do futuro; é por isso que, no simbolismo egípcio, o lótus, símbolo da alma, é a flor sagrada de Ísis.

Tebas. Grandeza e decadência dos Faraós.

Mas vamos, para Tebas! — Depois destas breves paragens nos santuários que preservaram a alma do sagrado Egipto durante cinco mil anos, reclama-nos a cidade real, aquela em que o poder dos Faraós atingiu o seu apogeu e cujas ruínas dispersas ainda dão prova do esplendor desaparecido. Vamos, portanto, saudar Pa-Amém, a morada de Amon, Dióspolis magna, Thena a santa, a arca de cem portas como, em três palavras, Homero a descreve magnificamente.

As duas cadeias montanhosas que formam o vale do Nilo descrevem dois grandes semicírculos ao redor da planície de Tebas, como que para proteger a metrópole do Alto Egito que ocupava as duas margens do rio. A cidade estendia-se assim por um diâmetro de duas léguas; seu circuito media seis. Abidos e Dende-ah revelaram aos nossos olhos a pátria íntima e mística da religião egípcia e permitiram-nos vislumbrar a profundidade da sua filosofia. A morada de Ammon-Ra em Tebas é antes a expressão de sua magnificência

Machine Translated by Google

externo, do seu poder social e político, que se resume e se resume na grandeza do faraó. Iniciada na XII dinastia (ano 3060 a.C.), interrompida durante dez séculos, continuada, abandonada, retomada, mas sempre ampliada de época em época, esta construção, que deve ter parecido uma série de templos, interrompida por pátios e obeliscos, mantiveram os arquitetos egípcios ocupados durante dezoito séculos. Treze faraós trabalharam lá, de Usertesen a Ramsés III. O famoso salão hipostilo tem agora três mil e trezentos anos. Finalmente, é a glorificação do grande Ramsés sob a proteção do Deus solar. Nas paredes externas, as vitórias de Seti I e Ramsés II, as campanhas contra os árabes, os etíopes, os sírios, os Ketas estão expostas em gigantescos baixos-relevos. A imagem colossal do faraó, ágil e musculoso, de pé em sua carruagem de guerra, com o arco apontado para um exército liliputiano que perturba o ímpeto de seus cavalos empinados, é repetida indefinidamente. Suba o grande pilar de entrada e você verá todo o templo de Karnak aos seus pés e ele lhe parecerá uma fortaleza desmantelada cujos restos ficam entre montanhas de pedra e paredes rachadas. Mas desça, atravesse o pátio, entre no salão hipostilo e sentirá, com um arrepio de admiração, que está no mais belo dos templos da terra, ou, pelo menos, no mais grandioso.

As doze colunas da nave central, coroadas por magníficos capitéis em forma de sino, têm a espessura e quase a altura da coluna Vendóme. As cento e quarenta colunas das naves laterais são de proporções mais moderadas, mas isso não significa que não constituam a mais imponente floresta de pedra. Aqui, fustes meio virados apoiam-se obliquamente sobre os seus vizinhos: ali, enormes tambores de colunas, empilhados ao acaso, mostram precipitados uns sobre os outros desde o frontão dos seus céus; ali lintéis quebrados, colidindo na queda, sustentaram um teto sempre à beira de desabar durante mil ar
Esta ruína, que ainda desafia os séculos, é obra de um terramoto. O templo, abalado da base ao topo, mas ainda inconquistado, oferece a imagem de uma formidável reviravolta. O sentimento dominante que Karnak desperta é a admiração pelo poder arquitetônico dos egípcios. Inventaram a coluna da qual a palmeira lhes forneceu o motivo primordial. Quer termine num botão de flor de lótus fechado e estriado, quer se abra num cálice, é ainda uma árvore ideal colossal, túrgida de seiva, mas recolhida no seu contorno firme e que concentra a sua força numa única flor. A imaginação grega, reelaborando este tema, simplificando-o e desenvolvendo-o numa progressão orgânica, criou as ordens dórica, jónica e coríntia. Foi assim capaz de produzir, vez após vez e separadamente, a impressão de força, graça e exuberância, que a coluna egípcia confunde com a sua majestade um tanto pesada.

Machine Translated by Google

Finalmente, por uma invenção radiante do seu génio, a Grécia coroou a colunata com um frontão, no qual representava os deuses implicados no drama humano ou no triunfo dos heróis. Mas o templo de Ammon-Rà em Karnak é um hino de pedra ao espírito único, absoluto e soberano, ao Deus dos deuses.

Durante três dias consecutivos vaguei pela outra margem do Nilo, entre os restos da parte ocidental de Tebas, tão justamente chamada de Memnónia pelos romanos. Já para os antigos egípcios era a cidade das comemorações fúnebres e do passado. Tudo o que resta é uma rica planície de cultivo, onde o Nilo traz anualmente o seu lodo fértil.

No meio dessa maré verdejante, sentam-se os dois colossos cuja altura atinge a dos templos. As ruínas estão dispostas em forma de meia-lua no sopé da imponente montanha de Babel-Moluk que aqui forma um vasto círculo de rochas nuas, íngremes e selvagens nas quais se afundam ravinas estreitas. São os restos do templo de Tutmés II e do palácio de Ramsés III em Medinet-Abù; mais longe fica o Ramesseion, onde viveu Sesostris; o templo de Seti em Kurna. Finalmente, nas profundezas do arco, contra a montanha, desdobra-se em terraços o templo da Rainha Atasù, que usurpou o poder de seu irmão tão ambicioso e inteligente como ela durante 30 anos; desta rainha, que foi representada em monumentos com barba para melhor afirmar que era igual aos faraós, e que fez conquistas tão maravilhosas na Etiópia. Pórticos sobre pórticos, colossos tombados e reduzidos a pedaços, mas ainda formando verdadeiros maciços rochosos, escravos retorcidos em cariátides, ameias de fortalezas, varandas de lazer; e, nos baixos-relevos, nas muralhas, as guerras, os triunfos, as procissões dos sacerdotes, os sacrifícios, as oferendas, as populações tributárias, os barcos carregados de ébano, marfim e ouro; tudo isso ainda passa e fica confuso na minha memória. Entrei então com um sol escaldante no vale tortuoso dos túmulos dos reis, entre as rochas amareladas que se perseguem e se enredam como leões acorrentados. Buracos negros se abrem em suas gargantas empoeiradas.

São os túmulos dos faraós chamados de “seringas” pelos gregos, por causa de seus labirintos e corredores escavados na rocha como longos tubos de flauta. Nas paredes daquelas câmaras funerárias, toda a enigmática mitologia da morte, todo o simbolismo da vida após a morte transcorre em pinturas policromadas, com uma serenidade perturbadora. De vez em quando, no batente de uma porta levemente inclinada que dá acesso à escada de uma caverna mais profunda, é possível ver belas e sérias figuras pintadas em tamanho real. Agora são jovens oficiantes com túnicas curtas e drapeadas, com os braços erguidos em ato de adoração ou carregando vasos, dos quais jorra água.

Machine Translated by Google

lustral, agora são velhos curvados sobre grandes harpas com cabeça de esfinge e murmurando a solene canção da eternidade. Cheguei ao lado oriental da cadeia da Líbia escalando a montanha de Bab-el-Moluk por trás, de onde se pode desfrutar de uma vista magnífica de toda a bacia de Tebas, e caí de volta no grandioso claustro de rochas escarpadas, sobre o qual repousa o templo da Rainha Atasù, para retornar às colinas de Asassif. Esta vasta extensão de areia aglomerava-se aqui e ali já existia uma necrópole. Hoje, uma aldeia de fellahs a repovoa; está repleto de tumbas vazias, como uma colmeia.

Durante esta caminhada melancólica, fui seguido por uma pequena feláhina de doze anos. Ela sempre corria ao meu lado e carregava na cabeça uma jarra cheia de água do Nilo que me oferecia para beber de vez em quando.

Ele havia aprendido estas três palavras em inglês que, para lisonjear os estrangeiros, repetia constantemente: Fatna, sua amiga. O sorriso insinuante do mendigo me consolou um pouco ao ver tantos túmulos profanados, tantas sepulturas esventradas e toda aquela poeira humana que flutuava no ar. O destino da humanidade anónima parece aqui deplorável, ainda mais deplorável é o dos faraós violados no seu hipogeu, mostrando as suas múmias tristes e as suas ligaduras pútridas atrás das janelas do museu de Gizé. Mas as perninhas de Fatna galopavam incansavelmente, nervosas e cheias de graça, sobre os túmulos, riachos e pedras; os seus olhos negros não deixavam de brilhar naquele rosto belo e bronzeado, nem a água fresca espirrou no seu jarro de barro. Que imagem da humanidade jovem e esquecida, renascida eternamente em todas as minas na sua alegria de um dia!

Se eu fosse escultor, teria feito uma estátua da despreocupação daquela pequena canéfora rústica lançada a correr, segurando com uma das mãos o vaso colocado obliquamente sobre a cabeça e com a outra um ramo de flores campestres. Eu havia alcançado a margem oeste do Nilo. O barco que me levou a Luxor já se movia, levado pela rapidez da corrente, e o pequeno felá, parado na margem, gritava ainda com a sua voz triste e penetrante: Fatna, tua amiga!
Uma amizade curta, mas que não deixará nada além de uma imagem cheia de encanto e sem desilusões.

Depois de um passeio pelas ruínas da cidade de Amon, não é difícil reconstruir a sua fisionomia geral desde os tempos do seu esplendor sob os Ramessidas. Tebas deve ter parecido um conjunto de aldeias, agrupadas em torno de enormes torres, em vez de uma cidade regular e compacta como Nínive ou Babilónia. Os templos que dominavam a cidade com as suas grandes muralhas circundantes eram estas torres, encimadas por sua vez por capitéis policromados.

Machine Translated by Google

das fachadas e das linhas fortes das arquitraves horizontais. O castelo real, os quartéis, os palácios de personagens notáveis, formavam outras massas menores. As casas dos ricos, construídas em tijolos vermelhos e brancos, acrescentavam os seus tons vivos à suntuosa pompa dos santuários. Sobre tudo isso. uma floresta de torres e obeliscos: assim deve ter sido a antiga Tebas. Os jardins reais banhavam-se no Nilo, uma rede de canais os irrigava e todas as flores do trópico se abraçavam em graciosos grupos. Lá fora aqueles jardins mostravam os seus pavilhões coquetes, as suas colunatas de madeira pintada, as suas varandas suspensas sobre o rio. Pelo Nilo circulavam navios azuis, com velas roxas, com proas curvadas em forma de flor de lótus, com orquestras diversas e barcos pequenos e elegantes como as escunas do Bósforo ou as gôndolas de Veneza.

Tebas resume a grandeza e a missão do antigo Egito.

Há o hábito de representar o faraó como uma reação da casta guerreira sobre a casta sacerdotal. Toda a história egípcia contradiz esta afirmação. Longe de ser um usurpador da força armada sobre a força intelectual, o Faraó aparece-nos desde o início como o representante visível da religião solar de Hórus e Osíris. Ele mesmo não é rei nem Oro, exceto pelo fato de ser iniciado; ele não é filho do sol, exceto porque é filho do templo. Sem dúvida existiram faraós tiranos, cruéis e corruptos, assim como existiram faraós heróicos, benevolentes e sábios. Mas o sumo sacerdócio não deixou de discipliná-los nas suas escolas, de supervisioná-los e de dirigi-los no trono. Mais de um Faraó foi destronado, mais de uma dinastia foi estabelecida ou derrubada pela influência secreta dos colégios sacerdotais. Quando Heródoto visitou os santuários egípcios, ficou muito surpreso ao ver as estátuas de 340 pontífices que posteriormente governaram o país. Reduzindo o pontificado de cada um deles a uma média de vinte anos, retrocederíamos 6.000 anos. Aqui estão os verdadeiros mestres do Egito! Os faraós foram os executores dos seus pensamentos ou os rebeldes que acabaram por derrubar. Nenhum rei alguma vez se atreveu a pôr a mão nas suas imensas possessões territoriais nem nos privilégios que a justiça e a administração lhes conferiam. Na crise suprema do Egipto, durante a invasão dos hicsos, os sacerdotes de Ammon-Ra, retirando-se para as profundezas dos seus templos, salvaram a alma da nação e os seus pensamentos profundos. Eles salvaguardaram a doutrina integral contra os cultos em dissolução, organizaram a resistência, educaram os seguidores da sua escolha.
A luta durou quatro séculos. Finalmente, Ahmes, o Libertador, expulsou os estrangeiros.
Depois vem a era das conquistas, o apogeu do Egito. Os Tutmes, os Seti, os Ramsés, estendem o seu império do Sudão ao Eufrates. É o triunfo do pensamento tebano.

Machine Translated by Google

Ainda visa algo bastante diferente da vitória do Egipto sobre a Assíria. Está em jogo um interesse primordial da humanidade. Será que a Ásia anarquista e absolutista conseguirá ou não sufocar a doutrina dos Princípios e das Ideias Mãe? Será que a tocha sagrada que arde escondida no templo de Ammon-Ra será extinta antes de lançar os seus raios sobre o mundo? A tocha foi preservada e a luz transmitida.

Deve-se notar que o declínio do faraó começou logo após o reinado do grande Ramsés II e de seu filho Meneftah, ou seja, após o êxodo dos judeus e após o estabelecimento da religião dórica na Trácia. Parece que a missão histórica do Egito era transmitir à Judéia a doutrina masculina de Ammon-Ra e à Grécia os mistérios de Ísis que formavam o seu complemento.

Moisés, educado nos santuários do Egito, mas movido por uma inspiração pessoal onipotente, reviverá Amon-Rá com novo fôlego entre o povo de Benì-Israel e dos Ibrim, por ele reunido no delta e no deserto. A ideia monoteísta, que permaneceu no Egito privilégio dos sacerdotes e dos iniciados, tornar-se-á, com Moisés, a razão de ser de um povo, do qual surgirá a ideia social de justiça universal com os profetas; com Cristo, a vida espiritual do indivíduo e o princípio orgânico da humanidade. Por outro lado, Osíris e Ísis já passaram para a Grécia com outros nomes através dos antigos cultos órficos e espalharam a palavra da vida sob os nomes de Dionísio, Deméter e Perséfone. A arca do verbo solar está a caminho de Jerusalém e o barco de Ísis é lançado em direção à terra de Eliade. Parece que agora o povo de Hermes não tem escolha senão declinar e morrer. Nove séculos após a captura de Nínive por Tuthmes, Asciureddin saqueia Memphis. Por fim, o filho de Ciro, o feroz Cambises, querendo destruir o rival da Ásia, pai e ancestral dos Faraós, avança contra a arca sagrada. Ele chega a Tebas, saqueia os templos, despoja e dizima os sacerdotes e coloca um sátrapa persa no lugar do pontífice de Ammon Ra.

Isto marca o fim da nação egípcia, das suas glórias, das suas ciências, dos seus mistérios. Durante alguns séculos, Alexandria ainda os reflecte no seu farol nublado e mutável. Mas a previsão de Hermes Trismegisto a Asclépio em breve se tornará realidade: «Ó Egipto! Ó Egito! Nada restará de você além de histórias incríveis para as gerações futuras, e nada permanecerá de você além de palavras gravadas em pedras."

A ilha de Filae.

O drama sagrado de Ísis e Osíris.

Os gregos e romanos que fizeram a peregrinação ao Egito nunca faltaram

Machine Translated by Google

subir o Nilo além de Tebas, até a ilha de Philae. Ali receberam a última iniciação, na forma e sob o véu poético do drama sagrado, através do qual os filhos de Hermes permitiram que o maior segredo de sua religião fosse revelado a leigos ou estrangeiros eminentes. Osíris era o coração da religião egípcia; mas Ísis, que chora a morte do seu divino esposo e o ressuscita com a força do seu amor, era o coração do coração, o mistério do mistério. Assim Phile, com seu templo dedicado à boa deusa, passou pela ilha sagrada e mais desejada de todas. A sua reputação sobreviveu à queda dos deuses egípcios, entre os árabes e berberes. Eles fizeram da história de Ísis e Osíris um conto das Mil e Uma Noites e chamaram a ilha de Philae de Amis-el-Vogud, que significa Delícias da Vida. Um lugar maravilhosamente escolhido pela sua solidão, pelo seu encanto requintado, pois não sei o que é selvagem, triste e sensível, capaz de despertar emoções profundas e inesquecíveis.

A pequena cidade de Assuão é a última do Egipto, já quase núbia, com as suas casas brancas, sob as suas esbeltas palmeiras como guarda-sóis, os seus bazares cheios de penas de avestruz e de bizarras armas selvagens, as suas ruas, onde crianças do tipo núbio, sem outras roupas além de um cinto de contas penduradas, brincam familiarmente com macaquinhos com mãos pequenas e macias.

Aqui temos a sensação de estarmos no limite extremo da grande civilização mediterrânica e de nos aproximarmos da África negra, onde o homem ainda dorme no sonho da animalidade. Afinal, estamos no Trópico de Câncer. O sol do meio-dia, caindo do zênite, reflete-se no fundo dos poços, e o europeu, pasmo, não vê mais a sua sombra. — Para visitar a ilha de Ísis é preciso fazer o caminho terrestre, seguir o caminho dos antigos peregrinos e regressar pelo rápido que se chama primeira catarata do Nilo. Uma viagem de uma hora e meia é suficiente para ir de Aswan a Philae. Ao sair da cidade você entra no deserto. Saímos dos cemitérios árabes, dos cenotáfios cobertos de versos em escrita cúfica, sobre os quais a areia estende o seu lençol amarelo ora aqui, ora ali. Vejamos apenas as pedreiras de Siena, este belo veio estriado da terra, desnudado, cujo granito verde, branco, vermelho ou rosa fornecia aos faraós tão grande número de colunas, obeliscos e colossos. Em ambos os lados da estrada você pode ler inscrições egípcias, gregas e romanas.

São os dos peregrinos de outra época, que, desde os tempos de Usertesen até aos de Juliano, o Apóstata, cobriram as rochas com os seus nomes ilustres ou desconhecidos.

As bonitas aldeias de Mahada e Shellal abrigam-se sob os seus plátanos, às margens do Nilo. E aqui na nossa frente, rodeado de rochas selvagens, o encantador e

Machine Translated by Google

misteriosa ilha de Philae, cujo doce nome grego lembra o verbo amar, mas que em egípcio significa: "a ilha do fim", a Finisterra do Egito sagrado.

A ilha, que se estende na direção do rio, tem o formato de uma sandália. As colunatas e dois pilares do templo de Ísis são recortados em sua borda em tons quentes. Acima da margem oriental, o pequeno templo Hypetro de Trajano, graciosamente colocado num terraço, reflete-se na água. Todo o edifício é constituído por quatro arquitraves assentes em doze colunas com capitéis de papiro, sem cobertura. Este pavilhão aéreo parece ter brotado como uma vegetação de grandes flores douradas entre as palmeiras que encima e as fileiras de acácias que rodeiam os seus pés. Um céu sempre azul sorri entre as copas abertas das elegantes colunas, por onde passam livremente as andorinhas. Este pequeno templo sedutor e poético parece convidar os barcos a banhar-se na sua baía e dizer aos viajantes:

«As tristezas da vida não ultrapassam o meu limiar; venha descansar na paz de Ísis". Você sobe e chega ao extremo sul da ilha. Foi precisamente aí que os antigos peregrinos desembarcaram e foram recebidos pelos párocos no topo da escadaria de acesso ao terraço. O pátio de entrada acolheu-os entre as duas colunatas não paralelas que, afastando-se, chegam ao primeiro portal guardado por leões. Esta estrada, que sobe em suave declive, entre um duplo lance de colunas, em direção à residência sagrada, produz uma impressão de expansão e liberdade. O teto dos pórticos é estranhamente adornado com estrelas negras sobre fundo azul, como que significando que a luz física se extingue nas profundezas da luz divina. Depois de atravessar o primeiro portal, entra-se num pátio hipostilo que, à esquerda, mostra "o Mammisi" ou sala de parto. Lá Ísis era adorada como a mãe de Athor e Hórus, ou seja, a luz celestial era adorada no ato de dar à luz o mundo visível e o homem. As pinturas ali observadas remetem à infância de Oro, que toca lira diante de sua mãe e que recebe de Ammon-Rà o emblema da vida e de Tot o da inteligência. Pelo segundo portal entramos nos parodos, cujas magníficas colunas com capitéis pintados nos mostram a policromia da arquitetura egípcia em toda a sua delicadeza. Quando você levanta a cabeça em direção ao topo daquela floresta de pedras, as flores de lótus brancas listradas de azul se destacam contra o verde pálido das folhas da palmeira. O adyton continha a estátua de Ísis que era permitido contemplar sob um véu brilhante, na penumbra do santuário. Subimos então a escada interna da parede até a capela de Osíris, situada como que a céu aberto no telhado do templo.

Escapou milagrosamente à devastação dos cristãos, que, talvez, acreditaram ter encontrado nela uma imagem da ressurreição de Cristo. Visto que se vê uma imagem muito notável da ressurreição de Osíris, saltando do

Machine Translated by Google

seu caixão, na presença de Gold e de uma Ísis alada. Ao chegar lá, o neófito já havia passado, por assim dizer, por toda a iniciação do Oro. Ele próprio se tornara filho de Ísis e, precisamente na presença desta pintura, da sombra diáfana de uma noite estrelada, o sumo sacerdote explicou-lhe o significado supremo e oculto da transfiguração de Osíris.

Vamos dar uma olhada na ilha e seus arredores a partir daqui.

O lugar tem algo inquieto e calmo, estranho e íntimo ao mesmo tempo.
Já não são os vastos e férteis horizontes de Tebas, Siut e Abidos. O Nilo faz uma grande curva entre as costas íngremes e fica repleto de rochas. Por toda parte existem rochas de granito e sienito preto, com veios de diorito verde escuro. Ora formam pequenas falésias que espumam no meio do rio, ora desabam nas margens em passos tumultuosos, ora erguem os seus cantos em castelos bizarros, em postes ameaçadores. A tonalidade avermelhada das rochas, salpicadas de preto, confere a toda a paisagem algo de fantástico e infernal. Poderíamos dizer a serpente Tifão, o gênio do mal, rejeitado pela terra incandescente e exasperada, ainda vermelho do fogo que o devora e torce as escamas mal resfriadas em torno do rio e da ilha sagrada. Mas este brilha, calmo e puro, no meio de uma natureza hostil e perturbada. Ela sorri, a Virgem sagrada e intangível, com o seu cinto de mimosas, os seus finos tufos de palmeiras e o diadema dos templos que usa como penteado.

Este é o momento de recordar o mito de Ísis e Osíris que o Egito teve de ligar ao mundo como a flor do seu pensamento. Se a doutrina de Osíris se perdeu nas brumas do tempo, sua forma dramatizada provavelmente data da invasão dos hicsos. Quando os bárbaros da Ásia subjugaram a terra de Hermes, quando a autonomia nacional foi ameaçada, os sacerdotes egípcios difundiram entre o povo esta lenda que envolvia o mistério da religião e a mais sagrada esperança num véu protector, impenetrável aos estrangeiros da pátria. . Como uma tocha, deveria incendiar os corações; como uma lâmpada, ilumina as consciências. Aqui está o que eles disseram.

Osíris, filho primogênito da Terra e do Céu, reinou no Egito com sua irmã celestial Ísis, que se tornou sua esposa neste mundo. Sábio e belo era este Deus encarnado num rei. Sua noiva foi chamada de boa e inteligente; pois nela estavam adormecidas memórias divinas, esperanças e consolações, e, ao olhar do marido, despertaram inúmeras e maravilhosas. A união deles foi tão perfeita e tão profunda que encheu o universo de alegria. Viajando

Machine Translated by Google

no campo, ensinaram aos homens a arte de cultivar a terra e a de escrever. Depois de ter civilizado o povo da terra de Kem, Osíris quis educar os bárbaros. Ele partiu para a Ásia, deixando Ísis reinar no Egito.
Enquanto isso, Set-Typhon, o deus do fogo e do abismo, com ciúmes das glórias de seu irmão, espiava os felizes e contemplava sua vingança. Ele tinha como esposa Nefu, a deusa das regiões úmidas. Quando Osíris retornou da expedição triunfal na qual fascinou os bárbaros com a música, Tifão forçou sua esposa a atrair Osíris para uma armadilha. Neftis roubou o manto brilhante e perfumado de Ísis. Envolta em suas dobras, ela assumiu a aparência de sua irmã e atraiu Osíris para sua cama às margens do Nilo. Dessa união híbrida nasceu mais tarde Anúbis, o terrível guardião das sombras e o líder dos fantasmas elementais.

Enquanto Osíris dormia, exausto pela luxúria e pelo cansaço, Seth Typhon se jogou sobre ele, matou-o com seu tridente, cortou seu corpo em pedaços e jogou seus membros espalhados no rio.

Clamores selvagens misturados com lamentações percorreram o Nilo e chegaram a Tebas. Perdida, gemendo e gritando, coberta de cinzas, vestida de preto, Ísis deixou seu palácio. Imediatamente mandou construir um barco e uma arca para procurar os fragmentos espalhados do corpo de Osíris e, assumindo o leme, deixou-se levar pela corrente do Nilo. Cada vez que encontrava um, ele o colocava de volta na arca. Ao ver a cabeça de Osíris perdida entre as flores de lótus, banhou-a em lágrimas, apertou-a contra o coração e depois, erguendo-a nas mãos, contemplou-a longamente. De repente, os olhos do deus se abriram em chamas e seu raio penetrou no coração da deusa. Desse raio ela concebeu Oro, o Libertador! Naquele momento, um menino ousado e zombeteiro, que se escondera entre os juncos para espionar a deusa, riu, e Ísis se virou furiosa, lançando-lhe um olhar tão relâmpago que ele caiu morto.

Enquanto isso, Set-Typhon com seu exército tomou posse de Tebas e o Egito foi oprimido por flagelos. Mas Orus, o menino maravilhoso, cresceu no retiro de Abidos sob a supervisão de sua mãe. Tinha a força e a beleza do pai, mas um ímpeto maior e um esplendor solar espalhavam-se por toda a sua figura.
Ele domesticou leões e cavalos para suas futuras batalhas. Ao se tornar adulto, conseguiu conquistar o carinho de numerosos guerrilheiros e até da própria Neftis, a mulher de seu inimigo. Após longas batalhas ele derrotou o exército de Set-Typhon. Este último, ferido pela lança, caiu em seu poder. Ísis concedeu vida ao rebelde caído, dizendo, em sua sabedoria suprema, que Tifão também era necessário para o mundo, pois, se a terra carrega o céu, o abismo carrega a terra.
Mas Oro, irritado com a clemência que poupou o assassino de seu pai, rasgou-o

Machine Translated by Google

a bandagem real da testa de sua mãe. Hermes substituiu-o por um capacete.

Então Ísis e Orus convocaram todos os deuses ao seu palácio em Tebas e fizeram com que a arca de madeira de palmeira que continha todos os membros de Osíris fosse trazida diante deles. Gold tocou a arca com seu cetro real e Ísis com sua flor de lótus mágica. Estenderam então sobre o caixão as mãos fortes e finas que seguram a cruz ansata, sinal de vida eterna, e, unindo-as como uma corrente indissolúvel, mãe e filho pronunciaram o juramento de amor invencível.
Depois disso, Osíris, quebrando o sarcófago, ressuscitou diante deles, num esplendor imaculado e sobrenatural. Sob seu olhar triunfante, a cabeça de Ísis, transfigurada, estava coberta por um halo azul raiado de luz e seus olhos brilhavam como estrelas. Dos ombros da deusa surgiram duas imensas asas que pareciam desaparecer no infinito. E o Senhor de todas as verdades conduziu sua noiva imortal, a mãe dos deuses, ao céu. E os deuses tremeram; pois, diante da luz do Inefável, sentiam-se completamente desgastados e quase aniquilados.
Mas logo ouviram uma voz e, pulando de alegria, olharam para Oro. Eles, nas suas palavras, reconheceram a palavra do seu pai e, aos seus olhos, a luz divina da sua mãe.

Esta é a lenda que se tornou a história sagrada do Egito e que deu origem, entre os gregos, através da iniciação, aos mistérios órficos e eleusianos. Ainda mais singulares, ainda mais surpreendentes foram as palavras que o hierofante confidenciou ao adepto no topo do templo: «Osíris, o espírito divino, disse ele, não pode manifestar-se sem se fragmentar no tempo e no espaço. Enquanto a sua essência permanece inalterada, o mundo, que é a sua emanação, é dividido e torturado sob mil formas na multiplicidade dos seres. Mas Ísis, sua metade divina, a Alma universal e a Luz interior que tudo penetra e une, nunca se extingue. Ao vincular-se a ela, Oro, o homem, volta às suas origens e torna-se livremente o verbo de Osíris." Talvez o discípulo tenha ficado ainda mais espantado quando o mestre, depois de lhe ter explicado o triplo significado cosmogónico, histórico e psíquico da lenda, acrescentou em linguagem hierática que, mais ou menos, traduziremos assim: «Nenhum verbo humano jamais expresso a verdade inefável. As religiões, os mitos, as filosofias e os poemas sagrados são os pálidos reflexos, os tímidos balbucios daquilo que um dia o espírito libertado verá, conceberá e repetirá na plenitude do seu verbo criador. Mas a essência suprema da iniciação é, para o homem, ver daqui de baixo, na trindade do seu ser (físico, intelectual e espiritual), a lei da hierarquia e a unidade dos três mundos (natural, humano e divino), em para abrir com esta chave os mistérios do universo e prever os de Deus. Este é o significado da cruz ansata, a cruz.

Machine Translated by Google

símbolo da iniciação e da vida eterna, que Ísis e Osíris governam, e, depois deles, todos os deuses do Egito."

Essas palavras despertaram inicialmente na mente do discípulo um mundo de ideias confusas, semelhantes aos mil sons do mar ecoando na praia. Mas, aos poucos, foi captando a nota fundamental, a grande dominante daquelas harmonias polifônicas. Quando presenciou então o drama de Ísis, solenemente representada pelos jovens neófitos e pelos pallácidas, em barcos flutuando nos lagos dos templos, sob o esplendor das tochas, dos hinos e das orquestras sagradas, compreendeu melhor o significado e a profundidade do mito. Ele viu a morte de Osíris, a dor de Ísis e a ressurreição de Deus Neles e com eles experimentou a existência divina por um instante. Um frescor etéreo permaneceu em seu coração, um sentimento inefável de libertação antecipada.

Resolvi passar a noite na ilha. Hachim e os barqueiros berberes armaram-me uma tenda debaixo de uma acácia, perto do pequeno templo Hypetro. Nada mais impressionante do que a lua iluminando lá de cima a majestade silenciosa daqueles pátios e colunatas desertos. O contraste entre a brancura deslumbrante das colunas e a escuridão que reina sob os pórticos e na escuridão das criptas provoca aquele arrepio que os antigos chamavam de horror sagrado dos deuses. Visto que não é apenas a alma do passado que emana das pedras aqui, é também a alma da terra que escapa

a partir do perfume das plantas, é o éter dos espaços distantes que se sente vibrando à luz da estrela intercessora. Retirei-me para baixo da tenda, pois o ar estava esfriando no Nilo. Hachim fumava debaixo de um sicómoro, e os berberes, deitados nas suas feluccas, tentavam adormecer às ondulações do rio e à sua vaga melopeia.

«Ó Ísis! Pensei, alma penetrante do imenso universo, você que já era adorada e que aqui reinou sob a figura de uma deusa pura, está morta para sempre? Que você se tornou, o grave, o luminoso, com o sorriso misterioso e triste, mas quem consola, deusa da iniciação, amante de Osíris, portadora da flor de lótus, desta flor imortal que chamamos de alma?.. Seus templos são destruído, sua ilha está deserta. Os íbis fugiram de suas costas. As procissões dos teus fiéis já não voltam a subir a escadaria branca; para se aproximarem do santuário, já não seguiam a longa colunata, onde eram recebidos pelas sacerdotisas coroadas com as flores rosa e azuis do Nilo. E ainda assim, você sempre atrai alguns e perturba outros. Quando nossos ousados estudiosos retiraram as múmias de suas sacerdotisas de seus túmulos, o gongo fúnebre soou no

Machine Translated by Google

campo, como há quatro ou cinco mil anos, e os pobres egípcios, que carregam as ânforas deitadas na cabeça, juntam-se espontaneamente a estes novos funerais e, como os antigos enlutados, seguem o caixão até ao barco preparado para a viagem.

«Por que, ó Ísis, só o teu nome exerce sobre nós este poderoso fascínio? - Porque significa, na linguagem sagrada dos templos, a Luz dupla e refletida, Força-Mãe de todas as forças, rainha dos fluidos, mediadora de todos mundos, o que permite que os deuses desçam e os homens subam. Moisés, que saiu dos vossos santuários para criar o povo do Deus universal, a arca viva, Moisés vos velava para o profano, mas ninguém mais do que ele conhecia o tremendo poder de vós, de vós que sabeis brilhar como vós. saiba sorrir. Ele te chamou de Heve, a Noiva de Deus, e fez de você três quartos do nome divino. Outros entenderam você, embora de forma imperfeita. O grande Paracelso, a quem nossos chamados sábios chamam de louco, reconheceu você sob o nome de luz astral. Mesmer arrancou um raio de você e o distribuiu imprudentemente para a multidão. Seu verdadeiro culto não existe mais. Alguns te negam, outros te profanam.

Seu nome é usado para as piores necessidades. Isso poderia prejudicá-lo? Nossos cientistas estão começando a ver os flashes que escapam pelas bordas do seu manto. Um dia, talvez, contemplarão o teu rosto sublime, ao qual não se pode aproximar senão trêmulo, com espírito consciente, vontade ardente e coração calmo. Com o passar do tempo, o vosso culto renascerá sob outros nomes, sob outras formas. Quer você queira ou não, isso deve voltar para você. Todos te desejam e te chamam, seus inimigos e seus blasfemadores te invocam sem saber. A ciência precisará de você para explicar este universo do qual ela mede todas as partes, mas cujo vínculo invisível e harmonia secreta lhe escapam. O paraíso cristão, tal como nos ensinam, nada mais é do que um sonho infantil. Precisamos de você e de sua lâmpada para ver todas as formas e todas as moradas da alma, para fazer cair as escamas de seus olhos, para libertar suas asas de seu revestimento de múmia, como a borboleta de sua crisálida. — Sem as vossas asas, ó mãe de Ouro, que possuís e reacendes a luz interior, que a representais e a harmonizais na imensidão dos espaços como no mistério das almas, o próprio Cristo não teria ascendido novamente ao Pai, que o os sábios egípcios chamavam Osíris, o Senhor da Luz.

« E novamente você chora e procura seu Osíris, espalhado entre os membros da família humana e em nossas tristes consciências. Ouça-nos e seja favorável a nós, para que ele renasça em nós! Já que você é o guardião das almas e seu fruto é

Machine Translated by Google

o Amor que nasce na dor, mas ressuscita na alegria! ».

Quando acordei, o amanhecer estava branco através das frestas da lona. Olhei através da cortina entreaberta. A aurora cresceu na cordilheira da Arábia, uma auréola de vermelho ardente. Aqui entendemos como os poetas da primeira Ária, nômades vivos ao ar livre, a comparavam à mais esplêndida das meninas. Aquela delicada cor rosada que rapidamente se transforma em roxo intenso lembra o pudor que se transforma em paixão. Mas aqui está: através daquele halo de fogo, uma estrela brilhou como uma joia incomparável. Aquela estrela me pareceu inicialmente uma ametista escura, depois tornou-se uma safira cintilante e finalmente derreteu como um diamante pálido na claridade da luz do dia. Os barqueiros de Aswan me esperavam em seu barco. Em poucos segundos estávamos na corredeira. A paisagem neste local muda num piscar de olhos. Por toda parte falésias negras e bancos de basalto. Por toda parte as ondas espumam, as correntes colidem, os vórtices se perseguem. O barco gira sobre si mesmo, ou gira como uma flecha, e surdamente, nas profundezas, a enorme massa líquida urra. Infelizmente! A ilha das palmeiras sonhadoras desapareceu...

As decepções e miragens da vida sucederam à paz de Ísis. Perto de uma grande rocha, jovens núbios são vistos correndo para o braço mais violento do Nilo e nadando cem metros em três segundos na mesma onda! Assim, as almas precipitam-se na torrente das gerações!... Debruçados sobre os remos, os barqueiros berberes de rostos de ébano, com sorrisos de marfim, remam com força.
Eles cantam pedindo coragem e luzes amareladas brilham em seus olhos. É sobre contornar um penhasco? Invocam o seu santo com uma espécie de grito rítmico e ofegante: Yalla aia Said! Yalla aia disse! O perigo passou? Eles cantam alegremente uma canção de amor e celebram a bela Lyssa, tirada do deserto: Lyssa para Lyssa!

Mas a felucca vibra na última vazante da corrente. O vento sul aumenta, a vela incha e curva sua ponta graciosa em direção à onda calma.
Já descemos apressadamente este grande rio da vida, que é também o da história, sem saber se nos levará às montanhas escuras da Judeia ou à clara Hélade.

Machine Translated by Google

GRÉCIA SAGRADA E HERÓICA

OLÍMPIA, ACROPOLIS, ELÊUSIS

Eles são o relâmpago da mente.

Corfú. A alma grega.

São três da manhã. Remamos entre Brindisi e Corfu; Subi na ponte numa antecipação inquieta pela terra grega.

O mar está calmo como um espelho. Uma neblina muito espessa o cobre e a sirene do navio tocou sem parar a noite toda. Finalmente fica em silêncio, pois encontramos, ao alcance da voz, o outro navio que fazia a mesma viagem, mas na direção oposta. À sua proa, a sirene de ferro emitiu o mesmo grito sonoro para evitar uma colisão naquela densa neblina. Quão sinistro me pareceu aquele grito da sereia de ferro durante a noite! Era como o lamento do navio em perigo. Ah! foi precisamente o grito estridente do Prometeu moderno, do homem que domou o vapor para ganhar asas, viajar pela terra e conquistar o globo, que se tornou escravo dos elementos cativos e rebeldes, sempre ameaçados pelas suas explosões surdas e pelos seus terríveis choques...

Ganhou o império do mundo material, mas, até que as coisas se renovem, perdeu - a Beleza - constituindo uma nova servidão, a do homem esmagado pela máquina.

Coisa estranha! esta voz da sereia de ferro me lembra outra de dois mil anos atrás. É a voz misteriosa que um piloto daquela época ouvia vindo de uma ilha deserta e gemendo sobre o silêncio dos mares: «O grande Pão está morto!». O grande Pão é a natureza viva, mãe do homem, animada pelas forças divinas. Ele foi morto pela primeira vez pela Igreja Cristã, e isso talvez fosse inevitável após a decadência pagã, para que a alma humana pudesse reunir-se e explorar-se. Mas o grande Pã ressuscitou no século XVI com a Renascença. E assim, com a sua análise inexorável, a ciência moderna parece tê-lo matado uma segunda vez. E isto também foi sem dúvida necessário para que o espírito humano pudesse conhecer a substância do mundo visível até ao átomo. E ainda assim o mundo gira com seus

Machine Translated by Google

harmonias e a alma vive com sua consciência - e a ciência de hoje não explica nem uma nem outra.

Quando vamos visitar a Grécia em ruínas, não procuramos sempre o grande Pão?

Uma leve brisa soprou do Adriático e a neblina se dissipou.

No céu, apenas branco com o amanhecer, desenha-se uma cadeia de montanhas com picos escuros e selvagens. São as montanhas Acrocerauni e as terras gregas vistas pela primeira vez. Diante daquela costa agreste e desolada da Albânia, onde uma aldeia pobre aparece aqui e ali sobre uma rocha íngreme, ocorre em mim uma evocação involuntária e repentina da guerra pela independência helénica, que foi uma das glórias do início da nossa século. Pois, precisamente atrás daquelas montanhas do Épiro, aconteceram as mais maravilhosas batalhas dos Suliotes contra Ali-Paxá.

Talvez alguns descubram que há uma certa crueldade e uma ironia quase imprópria em recordar aqueles tempos heróicos da Grécia moderna, numa hora em que é mais uma vez esmagada pela Turquia, em que a Europa, intimidada por um Hohenzollern, não tem ternura se não para os fundos otomanos e está desinteressado na liberdade dos povos.

No entanto, aqui não quero falar de política ou do destino particular do povo grego, apesar da simpatia que me inspiram, mas sim das grandes correntes da história e do pensamento que abalaram este século e que deixaram uma marca profunda na a consciência universal. O poeta inglês Keats disse; Uma coisa bela é uma alegria para sempre.

Acrescentaria com prazer, transpondo este pensamento para a esfera da vontade: “Um ato verdadeiramente heróico é um gerador imortal de força na alma da humanidade”. Deste ponto de vista, pode dizer-se que a guerra pela independência helénica e o entusiasmo que despertou na Europa é um acontecimento marcante na história do século XIX. Anuncia o agrupamento livre dos povos segundo o princípio das nacionalidades, prepara a federação europeia, significa a ressurreição da Grécia antiga na consciência moderna.

É por isso que são lindas de se ver aquelas montanhas nuas, inacessíveis e selvagens, cujos topos parecem ter sido cinzelados por um raio. Diante deles ressoam em minha memória as mais belas canções populares dos rebeldes Kleftis, das quais as mais orgulhosas

Machine Translated by Google

retorna de lá como uma voz viva:

Olimpo e Rissavo,

as duas grandes montanhas, eles disputaram.

Finalmente: «Cale a boca! disse o Olimpo,

ou Kissavo pisoteado pelos turcos.

Eu sou o antigo Olimpo...

O mundo inteiro que minha voz conhece.

Tenho trinta picos no céu,

sessenta molas nas laterais,

em cada primavera uma bandeira,

debaixo de cada árvore um lutador.

No meu pico mais alto uma águia

uma cabeça se agarra em suas garras:

«Coma, pássaro, diz a cabeça à águia,

coma minha carne sangrenta

e nutrido pela minha juventude;

suas asas crescerão no comprimento de um braço,

suas garras são fortes, com uma polegada de altura.

Eu sou um guerreiro Armatoliano.

O meu nome? Os turcos vão te contar!

Minhas armas? Eles viram bem!

Machine Translated by Google

Ah, sim, lutei a vida toda...

Mas finalmente chegou a minha hora

e caído sou como um homem corajoso. »

A cabeça de Kleftus, que fala à águia do Olimpo, como a cabeça de Orfeu nadando no rio fala às florestas da Trácia, é digna de Homero. Tyrtaeus não tinha mais sotaque viril. Que magnífica evocação da Grécia antiga nestas palavras austeras e calmas: «Antigo Olimpo sou eu...». E como surge na súbita onda dessas imagens de ousadia de Ésquilo, de beleza deslumbrante! Vive de novo com não sei que sabor acre e que grandeza selvagem. E note que aqui não ressuscita de uma alma literária. Tais acentos, percebe-se, não são encontrados em uma sala de estudo. Para arrancá-los do coração de um homem, foram necessários os desfiladeiros do Épiro, a fogueira entre duas batalhas e a morte de um herói desconhecido. Os Armatoli honraram assim os seus camaradas mortos pelo inimigo, para se agradarem e se darem coragem, sem pensar que um dia estudiosos curiosos iriam pegar nas suas canções.

Esta é a ressurreição espontânea da alma grega na guerra da independência e nas canções dos Klefti. Notavelmente, ressoou por toda a Europa. Goethe, Byron, Shelley, Lamartine, Victor Hugo e muitos outros saudaram-no com imenso entusiasmo nas suas melodias polifónicas. Para eles, a Grécia já não é, como foi para os artistas do século XVI, apenas um objecto de luxo. Eles o amam tanto por seus heróis quanto por suas bolinhas de gude e suas canções; amam-no como algo eterno e sempre presente; amam-na como mãe e modelo de toda civilização e de toda beleza, euritmia humana, imagem da harmonia divina. É por isso que não podemos tirar o “velho Olimpo” vislumbrado pelos Kleftis nas suas batalhas nas montanhas. Sim, não duvidamos, um grito de gênio levantado sobre um ato heróico é uma conquista para sempre!

Parei na maravilhosa Corfu que, como dizem, era a ilha dos Feácios.
Foi assim que, no tempo de Homero, a virgem Nausicaa respondeu ao náufrago Ulisses, que lhe perguntou o nome da terra onde encalhou: «Vivemos nos confins do mar ondulado e não temos comércio com outros homens. Arcos e aljavas não ocupam os feácios, mas apenas os remos e mastros dos navios. Aquele que sacode a terra nos deu navios tão velozes quanto as asas dos pássaros e como o pensamento." Embora a partir do fabuloso reinado de Alcinous a bela Córcira tenha visto um bom número de governos, romanos, bizantinos,

Machine Translated by Google

Venezianos, ingleses, manteve a aparência de um lugar de deleite e esquecimento num canto remoto do mar. Seus senhores não fizeram nada além de passar por cima de seu solo sem violá-lo. Em dois cercos memoráveis, o de 1537 e o de 1716, teve a glória de resistir aos turcos. A rainha das Ilhas Jônicas, que se assemelha a uma cornucópia, curva-se como uma lua crescente diante do acidentado Épiro.
Com a sua posição, delineia um braço de mar semelhante a um lago encantado, abrindo as suas baías verdes e arborizadas aos barcos, como refúgios contra a fúria do Adriático, que ataca o outro lado da ilha. A cidade de Corfu, dominada pela orgulhosa fortaleza que coroa uma rocha íngreme, é alegre e graciosa.
As ruas com pórticos de estilo italiano, os campanários quadrados das igrejas bizantinas, de onde emergem tufos de relva e flores, fazem com que pareça uma Veneza rural, deitada suavemente às portas do Levante. As pirâmides de laranjeiras que se acumulam no mercado falam da riqueza daquela terra de fartura, onde os opulentos figos gotejam mel, onde os cachos dourados cheiram a moscatel. Toda a ilha nada mais é do que uma grande vegetação que cobre os vales ondulados e sobe pelas encostas suaves das encostas das montanhas. Os imponentes picos de Salvador e Deca, que formam os nós da ilha, são majestosos sem nada de severo. As colinas terminam em curvas graciosas no mar. Por toda parte oliveiras do tamanho de olmos, torrões de grama aveludados enriquecidos com uma flora primorosa, festões de vinhas penduradas nas árvores. Sob as folhas das videiras você pode dormir à sombra.

Passei uma tarde inteira no soberbo parque da Villa Reale, que ocupa uma baía à beira-mar, não muito longe da cidade, num local admirável. A vegetação da Itália, da Grécia e dos trópicos mistura-se naquele jardim num labirinto mágico, numa floresta de sonho. Gigantescos eucaliptos perdem sua folhagem flutuante, como freixos chorões em laranjais; grandes palmeiras erguem seus tufos aristocráticos sobre torrões brilhantes; aqui e ali surgem grupos de ciprestes escuros e altivos. Caminhos ladeados de juncos e murtas serpenteiam pela falésia e perdem-se nas enseadas onde quebra a onda preguiçosa.
Nos prados sombreados você vê grandes margaridas brotando em arbustos espinhosos, bem como em pequenas árvores, e os olhos estrelados dos myosotis parecem ampliados por lembranças inesquecíveis. Em cantos perdidos, esguios ciprestes amontoam-se em círculo. Naqueles templos funerários vêem-se grandes urnas de mármore, onde brotam aqueles estranhos lírios cujo cálice profundo e estames multicoloridos reproduzem todos os instrumentos da paixão...
Esta flor do milagre e da dor só se abre nos climas mais amenos, no vento das ilhas, sob a aura quente dos cedros. Tal é aquele parque solitário e exuberante, esplêndido e triste em sua beleza.

Aquele maravilhoso jardim, aquela casa hoje transformada em villa real, foi, muitos

Machine Translated by Google

anos atrás, a estadia de um jovem Corfiot. Ela morava lá com um general inglês, seu pai adotivo. Com apenas quinze anos já era mulher pelo desenvolvimento precoce da inteligência, pela força das sensações e pelo mistério de uma vida interior ardente e concentrada. Tudo sorria para sua juventude, nada faltava em sua vida, cercada de luxo, festas esplêndidas e carinhos calorosos. E aquele jardim de sonho, aquela ilha encantada, parecia-lhe a atmosfera natural da sua alma deslumbrada pela poesia e pela beleza.

Da varanda aberta ao mar, a jovem avistou a falésia que forma o promontório da ilha com a fortaleza, depois o círculo azul das montanhas do Épiro que limita o horizonte e, entre os dois, o sorridente Mediterrâneo que envolve seu líquido azul, ouro e pedras preciosas.

À noite, quando o sol poente transformava a atmosfera numa fornalha roxa salpicada de pó amarelo, ela olhava para todas aquelas coisas com admiração.

Os barcos que voltavam da pesca deslizavam à sombra da costa, e os pescadores, com suas vozes claras, cantavam o verso veneziano, naquela melodia leve que exala a melancolia da felicidade rebecável:

Ó pescador da onda

venha pescar aqui,

com seu lindo barco

a beleza vai embora...

Fidelin... lin... la...

Então, no ar saturado de perfumes, uma emoção quase sobre-humana encheu o coração da jovem. Apesar daquela jornada inebriante, seu coração sedento de infinito buscava além daquele horizonte – além daquela felicidade.

Um dia, andando pelo porto, ele viu um homem e uma mulher sentados de lado comendo pão como simples trabalhadores. As suas roupas não eram as da ilha e os seus rostos anunciavam uma condição superior à sua pobreza. Mas uma tristeza sombria, uma resignação desesperada pesava em suas feições. Duas crianças pequenas amontoadas contra a mãe enlutada, com atitudes tímidas e olhares assustados. Uma estranha inquietação, uma

Machine Translated by Google

profunda simpatia, tomou posse do coração da jovem, questionando uma criada, ela soube que aqueles estrangeiros eram insurgentes cretenses, agora despojados de seus bens e exilados para sempre. Aprendeu assim o quanto, até aquele dia, lhe foi possível esconder a desgraça irreparável de alguns dos seus compatriotas.
A impossibilidade de devolver um lar àqueles náufragos que, como ela, acreditaram na liberdade, atingiu-a com tanta dor que nunca mais esqueceria. Foi como uma revelação repentina da tragédia da existência. Será que a Grécia livre e feliz existia apenas no seu sonho? Ela ainda não sabia que, para a alma consciente, toda a vida humana nada mais é do que um exílio perpétuo! Pouco depois, seu pai adotivo a levou para a Índia, onde iria exercer um alto cargo no governo inglês. Saindo de sua amada ilha, a jovem Corfiot sentiu uma dor aguda. Antes de embarcar quis levar suas mais belas joias aos cretenses fugitivos e despediu-se deles com lágrimas nos olhos, como se fossem irmãos no exílio. Era tudo o que ele podia fazer por aqueles infelizes. Mas, ao ver desaparecer no horizonte a mais bela das ilhas Jónicas, a esmeralda dos mares orientais, também lhe pareceu que tinha perdido a sua pátria.

Precisamente dentro de si ela teve que redescobrir aquela Grécia que tanto amava.

Durante a longa travessia, em que passou o Cabo da Boa Esperança, na solidão infinita do oceano e do céu, teve uma revelação da sua própria alma.

As calmas ardentes do equador, a cruz flamejante do céu meridional, os ciclones do Oceano Índico, as florestas, planícies e montanhas da Índia, maravilhas da natureza sem limites, permearam-na como os poderes da imensidão e queimaram com cedo chamas. Sob a onda daquelas novas e tumultuosas emoções, ela compreendeu que a verdadeira pátria da sua alma não era a Grécia antiga nem a Grécia moderna, mas o mundo e a humanidade! E, no entanto, a alma daquela Grécia respirava dentro dela um sentimento de euritmia e de beleza que lhe servia de medida para tudo; ele vivia nela com o profundo entusiasmo que a consumia; manifestou-se a ela, através do poder soberano que ela tinha para despertá-lo nos outros. Estes foram os traços dominantes da sua vida variada, brilhante, calma por fora, mas profundamente agitada pelas tempestades da alma e pelos problemas do espírito.

Quando a conheci em Florença, ela estava na sua maturidade radiante e tinha formado à sua volta um círculo de amigos escolhidos, muitos dos quais desempenharam um papel importante na ciência, na literatura e na política.

Machine Translated by Google

da Itália. Ela dava a impressão de uma natureza poderosa em plena harmonia consigo mesma, ostentando beleza e charme irresistíveis, não para satisfazer sua vaidade, como faz a maioria das mulheres, mas para despertar nos outros o ardor da Beleza e a Verdade que a inflamava. Esse sentimento de Beleza era algo inato nela, longe de adquirido, de absoluta espontaneidade. Um dia ele me escreveu: «Em Roma, a pessoa sente-se desligada do presente e vive no Eterno. Olhando para certas estátuas, a alma divina reconhece a sua própria pátria.
Ela saúda a Verdade ao ver seus raios e, como uma sacerdotisa fiel, entra em seu santuário. Pelo menos foi o que ouvi na minha primeira visita ao Vaticano.
Achei que poderia sentir a harmonia familiar e encontrar a voz de um amigo. Este Vaticano com seus mármores maravilhosos não me surpreendeu, me satisfez; satisfez minha sede de beleza." Nela não há ambição pessoal, nem desejo de aparecer, mas uma verdadeira paixão por ser o que queria ser, por se entregar ao que amava, por irradiar ao seu redor, por persuadir e inspirar. Ela nunca emitiu nenhum som, mas sua conversa era uma melodia, por vezes brilhante, comovente ou grave. Ela lia seus poetas favoritos com ternura de mãe.
Ele deu aos trigêmeos de Dante a sonoridade do sotaque romano com um tom oriental, a doce cor da safira oriental. Ele acrescentou aos versos de Shelley um misterioso tremor da harpa eólia. Mas, pela sua voz, podiam-se sentir as vibrações de uma emoção íntima ao ler certos versos de Byron nas ilhas gregas:

As ilhas da Grécia! As ilhas da Grécia!

Onde Sapho ardente amou e cantou, -

Onde cresceram as artes da guerra e da paz, –

Onde Delos surgiu e Phcebus surgiu!

O verão eterno ainda os doura,

Mas tudo, exceto o sol, está posto

Ilhas da Grécia! Ilhas da Grécia! —Onde a ardente Safo amava e cantava — onde nasceram as artes da paz e da batalha — você viu Delos surgir e Apolo aparecer! - um verão perpétuo sempre te doura - mas tudo está morto, exceto o seu sol.

Com essas palavras, apesar de tudo, sua voz mudou e lágrimas quentes caíram

Machine Translated by Google

daqueles olhos imensos, onde as pupilas negras nadando no globo perolado geralmente não liberavam nada além das chamas douradas do entusiasmo.

Amante da vida íntima e profunda, raramente empunhava a caneta para o público.
Mas quando o fazia, era sempre por impulso irresistível.
Depois de uma visita a Parma, reconheceu Correggio como o artista do seu desejo, "o pintor dos olhos e da alma". Em seguida, realizou nele um trabalho de amor e intuição, o único em que o gênio de Allegri foi penetrado e revelado. Um dos seus melhores amigos, Angelo De Gubernatis, disse com razão, na Nova Antologia, que este livro "parecia ter sido escrito com uma caneta de fogo, arrancada da asa de um daqueles anjos que pairam na cúpula da catedral de Parma". O amor a possuiu como uma luz celestial, mas também como uma flecha afiada e um fogo devorador. Pois ali ela buscava a fusão completa das almas em todas as nuances da vida - o absoluto do sentimento.

Finalmente, quando esta mulher escolhida falou das forças ocultas da natureza e do além, nas quais ela havia mergulhado profundamente com seus estudos e suas experiências, ela ficou séria e apenas revelou com um tremor secreto os santuários de seu pensamento, completamente ignorado por mundo. — Quando ela faleceu, sob o golpe de uma doença súbita, a aproximação da morte serviu apenas para exaltar a fé indestrutível que ela havia criado para si mesma. E ainda assim o seu silêncio sombrio e a tristeza infinita do seu olhar quebrado falavam do tormento do seu coração e de todo o seu sonho não realizado... Ela ainda amava na terra... e isso tinha sido uma forma de beleza para ela! Mas haverá talvez uma grande alma que a trágica espada do destino não tenha trespassado na última hora?

Em Margherita Albana vi uma fusão completa da alma grega com a moderna. Através dela compreendi também que a Beleza deve tornar-se um fato da alma, como em seu santuário mais sagrado, antes de se expressar de qualquer forma no mundo externo. Na verdade, teria sido impossível para mim fazer esta peregrinação à Grécia sagrada e heróica sem visitar a ilha natal da mulher que me revelou o seu génio. No limiar da Helenia, devia este testemunho àquela que foi para mim a despertadora do Deus desconhecido e que permaneceu a Musa sempre presente nos meus pensamentos! — Por isso vim saudar a memória dela no maravilhoso jardim que viu desabrochar esta flor humana, agora desaparecida para sempre. Em outro lugar falarei sobre sua vida e sua obra.

Qual será o nosso caminho na Grécia agora?

Machine Translated by Google

Nos grandes santuários dos três povos que dotaram o espírito humano dos seus fundamentos imutáveis, não vim procurar apenas novas luzes sobre o passado, mas também sinais orientadores e chaves para a religião do futuro. Isto não excluirá a diversidade de cultos e de concepções religiosas, mas, ao ordená-los e subordiná-los, será, portanto, a síntese do passado e da religião universal.

Tal síntese só pode ser o trabalho comum da futura ciência, arte e religião. Esta viagem rápida nada mais é do que uma premonição, uma visão aérea, uma visão intuitiva. Aqueles que me seguiram no Nilo talvez tenham entendido comigo que o Egito havia formulado em sua palavra de pedra os princípios essenciais da ciência do Espírito ou do mundo inteligível.

Tendo cumprido esta tarefa prodigiosa, a nação egípcia embalsamou-se como uma múmia na sua eternidade. O povo grego, por outro lado, quis viver ao longo do tempo, mas de forma heróica e nobre, ou seja, uma existência transfigurada pela Arte, reflectindo o divino através da beleza dos seus movimentos. Realizou o milagre de glorificar a vida nos seus três graus progressivos: físico, apaixonado, intelectual. Nos Jogos Olímpicos, celebrava-se a força e a beleza do corpo; em Atenas brilhava a vida cívica, com as suas paixões e virtudes adornadas com poesia; e os mistérios mais profundos da religião e da sabedoria foram ensinados em Elêusis, onde foram representados e trazidos à vida com um drama sagrado. Assim a Grécia criou as três artes necessárias à vida: 1) Ginástica, para a beleza do corpo; 2) Tragédia, para purificação da alma através da dor; 3) os Mistérios, para sua libertação e elevação ao verdadeiramente supremo.

A reconstrução do drama sagrado de Deméter e Perséfone será o nosso principal objectivo. Para melhor alcançá-lo, passaremos pelos dois santuários que, entre os gregos, representavam os graus ascendentes da vida cuja iniciação foi o momento culminante.

Os nossos passos dirigir-se-ão, portanto, para Olímpia, para a Acrópole e para o teatro de Baco – para Elêusis.

Olímpia. Os jogos heróicos.

De Corfu a Patras, o navio navega ao longo das Ilhas Jónicas. Passa-se entre a bela Santa Maura e os picos escuros de Cefalónia, à sombra dos quais se refugia a pequena Ítaca com o seu único pico em forma de pirâmide, onde se procura em vão o tênue fio de fumo que indica o lar de Ulisses. Todas essas ilhas têm a aparência de flores suaves desabrochando na superfície do mar. Eles desdobram os deles

Machine Translated by Google

vales e suas margens como imensas íris fariam com seus cálices e pétalas.
Florescendo diante da inóspita costa da Acarnânia, já convidavam o navio do marinheiro aventureiro que se aventurava no Mar Jônico para fazer uma parada final. Mais de um ficou lá e nunca mais saiu.

A entrada do Golfo de Patras, que leva ao Golfo de Corinto, é grandiosa. À esquerda, Hellas esculpe montanhas altas e íngremes no céu, construídas como fortalezas escarpadas que lançam seus contrafortes como esporas afiadas em direção ao mar.
Os vales penetram-no como fendas estreitas. A seus pés se desenrola tristemente o pântano de Missolonghi, onde Byron, cansado da vida, veio morrer pela Grécia entre os rebeldes Suliotes. À direita, a costa baixa do Peloponeso, dominada pelas verdes e distantes montanhas da Arcádia. De Patras a Pyrgos, a ferrovia atravessa a antiga Elis, uma vasta planície cultivada, onde às vezes é possível ver um fazendeiro magro de fustão e turbante. Para além das terras citiso e das charnecas que separam a planície do mar, a ilha de Zakynthos sorri no horizonte, na cor do heliotrópio, como uma Hesperis: flor de Zakynthos do Oriente.

As escavações alemãs concluídas em 1881, sob a direção do famoso historiador Curtius, reviveram o antigo brilho de Olímpia, descobrindo tesouros artísticos e trazendo à luz as fundações de todos os santuários, que uma enchente do Alfeu cobriu com cinco metros de lodo. , na virada do tempo. Assim, o rio, que o frontão redescoberto do templo de Júpiter representa como curioso auxiliar do nascimento dos Jogos Olímpicos, cobriu com uma camada protetora de areia as memórias que as invasões da Idade Média certamente não teriam respeitado. Antes disso, os templos já haviam sido saqueados pelos imperadores de Roma e Bizâncio, devastados pelos godos, depois destruídos pelo formidável terremoto de 522. Mas o que a arqueologia recente salvou do naufrágio dos séculos permite a imaginação, auxiliada por Pausânias ', para evocar em seu todo encantador e em seus detalhes precisos a suntuosa Olímpia onde a civilização grega celebrou seus grandes sucessos.

O local onde Olímpia está localizada tem algo de tranquilo, fascinante e isolado.
A natureza dura e selvagem do Peloponeso suaviza-se naquele recanto perdido e ilumina-se com um sorriso sério. O Alfeu traça um vasto semicírculo num claustro de colinas arborizadas. No meio ergue-se a pequena montanha de Kronion, já consagrada a Saturno, e hoje toda arbustos. Os numerosos templos que constituíam o santuário de Olímpia estavam dispostos aos seus pés. Duas portas do recinto sagrado abriam-se, uma para o estádio e a outra para o hipódromo. Se você escalar a montanha Druva, você se verá desenhado, como num mapa

Machine Translated by Google

geográfica, a posição de todos os edifícios indicada pelas pedras do pavimento, as bases dos templos, os recortes das paredes e os numerosos estilóbatos. Na sua grande bacia, o Alfeu contornou o crescente das suas margens como desejava para proteger o recinto onde a Grécia queria celebrar os seus jogos heróicos. Os picos nevados da Arcádia erguem-se ao longe e protegem Olímpia da severidade dos ventos do leste. O vale fresco só se abre de um lado para o sopro quente do zéfiro. Desta saída é possível ver o Alfeu desaparecendo, serpenteando no mar.

Os poetas gregos diziam que o rio, que descia como uma torrente selvagem das alturas da Arcádia, estava apaixonado pela ninfa Aretusa, que corre perto de Siracusa, na Sicília, e que as águas doces do rio e a ninfa atravessavam o salgado ondas para se fundirem no belo meio do Mar Jônico. Expressaram assim a simpatia das duas raças relacionadas. A vegetação de Olímpia é rica e discreta, seu verde saboroso. Pequenos azevinhos e loureiros selvagens alinham-se nas encostas. Os pinheiros grossos e escuros parecem envolvidos por uma vibração de luz e saturados de cor.
A transparência da atmosfera é tal que, à distância, é possível distinguir os mais pequenos desfiladeiros do solo e até as folhas pontiagudas dos pinheiros que ficam prateadas ao sol. Paz, serenidade, doçura, majestade íntima preenchem estes lugares.
O ar tem uma leveza que te eleva, você anda em cristal impalpável.

Se quisermos ter uma ideia aproximada do que foi Olímpia nos tempos do seu esplendor, é preciso primeiro deixar rebrotar por todo o lado as sombras espessas que fizeram dela uma floresta sagrada e que lhe valeu o nome de Altis. santuário.
Se estamos em vésperas dos jogos, que decorriam de quatro em quatro anos, é também necessário povoar o Alfeu com numerosos barcos, e semear as pradarias circundantes com tendas mosqueadas e inúmeros peregrinos. As ruas, e principalmente a estrada olímpica que vem de Elis, estão repletas de teorias brilhantes que trazem em grande pompa, em carros alegóricos festivos, as oferendas ao deus: estátuas, urnas, cestos floridos, caixões cheios de tesouros.

Coloquemo-nos agora na margem oriental do Altis, sob o vasto pórtico denominado Pecile ou galeria Echo. A partir daí abraçamos todo o santuário com um único olhar.
À nossa frente, a certa distância, o templo de Júpiter Olímpico, de ordem dórica, apresenta-nos a sua fachada oriental de seis colunas, com a sua métope, cujo alto relevo reproduz os preparativos para a luta entre Pélope e Enomau.
Atrás das colunas do peristilo, as paredes pintadas do templo aparecem multicoloridas, cobertas de afrescos que, de longe, lembram os de Pompéia. O frontão tem tripés dourados nas duas acroterias, e no pináculo uma Vitória em mármore branco, com o vestido esvoaçante, em pleno vôo, em atitude soberba. Para a direita

Machine Translated by Google

do santuário de Zeus cresce a oliveira brava, a árvore imemorial mas sempre verde, de ramos angulosos, de folhas esparsas e grossas e da qual são feitas coroas para os vencedores. À direita, o túmulo de Pélope está escondido sob uma cortina de choupos prateados. No centro da ágora ergue-se o enorme altar de Júpiter, de formato elíptico com dois andares. Nos limites do recinto, contra a montanha de Saturno, estão alinhados os treze pequenos templos que contêm os tesouros das cidades. Mais longe fica o santuário de Hera (Juno) e o Metroon ou templo da Mãe dos Deuses. No final avista-se o pritaneu, um vasto edifício quadrado com salas com colunas no primeiro andar, utilizado como alojamento gratuito para enviados das cidades e como salão de banquetes.

O que dava um extraordinário esplendor a este conjunto era não só a variedade arquitectónica dos quarenta pequenos e grandes templos que ali se avistavam, mas também as três mil estátuas de todos os tamanhos, em mármore, bronze e ouro, que adornavam a ágora, o circuito e o interior dos templos. Primeiro vieram as inúmeras estátuas de atletas vitoriosos e as magníficas carruagens de bronze com seus corcéis acoplados. Havia um Júpiter colossal, com quase três metros de altura, segurando na mão esquerda a águia da vitória e na direita o raio que pune juramentos quebrados. Não muito longe dele estava seu filho Hércules, menos grande, mas gigantesco o suficiente para superar todos os outros; Hércules, o herói típico, com sua clava e a pele do leão da Neméia. Que apoteose de força e de vida naquelas três mil estátuas! Aqueles cavalos empinados, aquelas vitórias de asas abertas cuidando das coroas, aqueles lutadores, aqueles lançadores de disco enrolados, aqueles corredores inclinados para a frente, aquele Júpiter e aquele Hércules, disseram a uma só voz ao efebo que entrou: Seja forte, seja bonito, seja um vencedor!

Assim, através do esplendor da arquitetura e da escultura, foi dado um caráter verdadeiramente religioso àquelas festas ginásticas. Acentuou-se ainda mais graças às cerimónias que ocuparam as vésperas da grande competição. Abluções, procissões, hinos cantados em coro; depois, o juramento solene de todos os atletas e dos Hellanodes ou juízes de campo no altar de Zeus, no Altis. Finalmente as oferendas foram levadas à sua estátua de marfim e ouro, situada nas traseiras do grande templo, do qual quase tocava o telhado, enchendo-o inteiramente com a sua presença soberana. A emoção que a obra-prima de Fídias despertou ultrapassou em muito a dimensão dos Jogos Olímpicos, deu um vislumbre da religião mais elevada. Pois, segundo todos os gregos, o artista soube misturar a força com a bondade, a majestade com a doçura no rosto de Deus. « Mesmo que, diz Dion Crisóstomo no seu Discurso Olímpico, mesmo que a alma de um homem estivesse perturbada por preocupações e tristezas a ponto de perder a doçura do sono,

Machine Translated by Google

olhando para a obra de Fídias, ele esqueceria, tenho certeza, todas as ansiedades e tristezas que a vida traz consigo; tão grande é a beleza do seu trabalho, ó Fídias, tanto você o difundiu com emoção e esplendor." O efebo recebeu, portanto, a impressão benéfica de que a sabedoria e a bondade são os atributos supremos da divindade suprema.

No dia seguinte, o recinto do estádio, que continha quarenta mil pessoas, lotou. Aos primeiros raios de sol que caíam dos picos da Arcádia, ressoavam fanfarras. O cortejo oficial saiu da passagem abobadada que ligava o Altis ao estádio. Vestidos com longas vestes roxas, os Hellanodes vieram sentar-se na plataforma alta. As brincadeiras começavam com a corrida a pé, em que os efebos voavam pela areia com a agilidade dos corços e a leveza dos pássaros. No combate corpo a corpo, no boxe e no pancrácio, a luta era mais acirrada. Foi a batalha do homem contra o homem em toda a sua violência, que, no entanto, teve de manter a sua flexibilidade. Quem matou seu oponente perdeu o prêmio. As corridas de bigas, muito cantadas por Píndaro, ficaram reservadas para o dia seguinte. Os maiores cidadãos de Atenas e Esparta, os reis da Sicília e da Macedônia disputaram ali o prêmio. Fecundos de episódios dramáticos e naufrágios equestres, ofereceram um compêndio pulsante da vida humana, dos seus casos, das suas alternativas, dos seus triunfos repentinos e das suas quedas profundas.

No pentatlo, que encerrava os jogos, era preciso vencer na corrida, no lançamento do disco e do dardo, nos saltos e na luta livre. Os vencedores deste jogo foram considerados os mais bonitos dos homens, “já que seus corpos, diz Aristóteles, são igualmente capazes de força e velocidade”.

O último dia, dedicado à coroação dos vencedores, foi o ponto culminante das festividades olímpicas. A imensa importância que o povo lhe atribuía manifestava-se numa alegria desenfreada e delirante. O desfile dos atletas, bigas e cavalos vitoriosos aconteceu em um bosque sagrado, ao som de flautas e coros exultantes. Nesse momento os vencedores, coroados com a oliveira brava diante do templo de Júpiter, rodeados pelos seus familiares e amigos, aclamados e quase amaldiçoados pela multidão, nadavam num clima de apoteose. “Não há vitória mais bonita do que a de Olímpia”, diz Píndaro. E de facto foi um título de glória para o resto da vida, do qual se orgulharam não só os familiares mas também a cidade do triunfante. O que deve ter sido, pelo contrário, o despeito, a vergonha sincera, a tristeza negra dos vencidos! Eles fugiram e se esconderam nas sombras para não presenciar o triunfo de seus queridos rivais

Machine Translated by Google

deuses, eles, os amaldiçoados, os deserdados da glória!

Nós, modernos, que desenvolvemos o gozo dos sonhos e dos sentimentos íntimos a ponto de esquecer o mundo externo, encontramos um exagero singular neste culto à força e à beleza física. É claro que a humanidade tornou-se demasiado séria e também demasiado velha e demasiado feia para idolatrar o corpo a tal ponto. Fazer da vida terrena, em todas as suas fases, uma representação viva, uma espécie de pôr em acção o divino, foi isso que a Grécia tentou e, como um atleta vitorioso, manteve a aposta. Em todas as esferas da vida, percebe a beleza por um breve momento, mas com esplendor incomparável. Tendo feito da ginástica uma graça e da guerra uma beleza, aqui está a primeira conquista. E, por outro lado, como bem observou Taine, a arte do ginásio e da dança mímica ou orquestral estava entre elas a condição e a norma da mais nobre escultura.

Tudo foi dito sobre o culto da beleza corporal entre os gregos e sobre a religião do nu que só eles possuíam. Parece-me, porém, que ainda haveria dois capítulos interessantes a acrescentar à história da Alma Grega. A primeira poderia ser chamada: Sobre a influência dos Jogos Olímpicos na guerra e no heroísmo.

Os vícios e defeitos que resultam deste exaltado culto à força e à beleza são evidentes e já sabemos muito sobre eles pela história da decadência grega. Os nossos decadentes de hoje já não procuram a Grécia nisso.

Mas, felizmente, ainda é outra coisa. E, para não falar da ginástica, os benefícios deste culto ao corpo revelam-se na nobreza, no grandioso todo da vida, no orgulho que transmitiu ao complexo da vida cívica e à própria guerra. Entre os espartanos, os vencedores dos Jogos Olímpicos tinham o direito de lutar na primeira fila, ao lado do rei, nas batalhas, e isso não lhes foi tirado.

Ainda nos lembramos daquele episódio da segunda guerra persa. Um cavaleiro persa, enviado em reconhecimento às Termópilas, encontrou os companheiros de Leônidas nus em frente ao acampamento e lutando como se estivessem no ginásio. Alguns se coroaram de flores, outros pentearam os longos cabelos. Na véspera da batalha desesperada, celebraram assim as festas olímpicas que aconteciam naquele dia. Eles nem se preocuparam em interrompê-los ao ver o cavaleiro inimigo que ordenou que se rendessem, e continuaram calmamente.

Machine Translated by Google

seus jogos diante do espantado emissário de Xerxes. Toda a Grécia heróica está nesta atitude, com o culto à beleza do corpo, à alegria de viver e ao desprezo pela morte.

O outro capítulo poderia intitular-se: Sobre a influência do ginásio na amizade entre os gregos. Pois, se o ginásio foi por vezes fonte de ódio, de rivalidade e de uma singular amargura de ambição, também favoreceu aquelas amizades vivas que constituem uma face essencial da lenda e da história helénica. Em diferentes matizes, Aquiles e Pátroclo, Orestes e Pílades, Epaminondas. e Pelópidas, Sócrates e Platão, mostram-nos o grego natural na sua ternura, na sua profundidade e na sua idealidade. Veríamos então aqueles sentimentos delicados e apaixonados, que a cavalaria mais tarde colocou no amor, florescer na Grécia em forma de amizade.

Vejamos agora o interior daquela casa simples, de telhado pontiagudo, que ocupa a parte alta da colina do outro lado do Altis, na margem direita do Cladeo. É o museu de Olímpia. As esculturas encontradas sob os escombros foram ali dispostas artisticamente. Por mais pobres que sejam essas relíquias, elas são valiosas o suficiente para dar uma ideia do todo. O hall de entrada que ocupa quase todo o edifício é eloquentemente simples. Dois copings estão ao longo da parede, um de frente para o outro. Nelas estão as esculturas quase intactas de duas fachadas do templo de Júpiter, alinhadas na ordem indicada pela sua moldura triangular. Aqui e ali falta um braço ou uma perna, mas os fragmentos incompletos foram reunidos com tiras de ferro. A imaginação facilmente compensa e reconstrói as duas cenas escultóricas. Dão a sensação da arte pré-fidíaca do Peloponeso, mas com sabor mais vigoroso e linha mais incisiva.

A fachada poente é, segundo Pausânias, da autoria do escultor Alcamene. As vinte figuras que o compõem representam a luta de Teseu contra os Centauros, que tentam sequestrar as mulheres, e que espancam os combatentes. Os centauros do tipo fauno possuem movimentos soberbos e audácia impetuosa em suas atitudes. As ancas balançam, os torsos torcem, um braço resiste ao adversário e o outro agarra a presa. Os lábios sorriem de dor sob os golpes, enquanto as sobrancelhas se franzem sobre olhos pequenos, lascivos e estreitados. Um centauro permanece em pé sobre as duas patas traseiras, enquanto seu peito se expande no chão à medida que cai e as patas dianteiras se apoiam no chão.
Outro tenta arrastar uma jovem pelos cabelos. Ainda outro colocou o calcanhar no colo de uma mulher sentada. Deidamia, que é o rei dos Centauros

Machine Translated by Google

ele agarrou as costas e que lhe pressionam o peito, vira-se violentamente e, entre os dedos contraídos, aperta os braços do equino. — Bastaram duas figuras para que o escultor erguesse uma força soberana e dominadora sobre aquele oceano de animalidade: Apolo e Teseu. Com gesto de comando, testa serena e boca inflexível, o deus olha para o homem. E Teseu, que feriu mortalmente com o machado o rei dos Centauros, olha com uma expressão serena para o deus, em cujos olhos parece extrair a sua força de vingador. É a cabeça de um efebo lutador, de um herói virgem.

Uma graça calma e majestosa distingue os grupos do frontão oriental, que ocupam o outro lado do museu. São atribuídos a Peonìo e representam a base dos Jogos Olímpicos. Já não é uma luta, mas sim uma preparação para uma luta.

A obra está dividida na simetria harmoniosa de cinco grupos separados por intervalos, mas conectados pelo movimento das linhas que convergem no centro.
Quatro figuras em pé: Júpiter e Pélops, Enómao e sua filha Hipodâmia, que será o prêmio da vitória, ocupam o centro do frontão. Lá você pode admirar a majestade de Júpiter, o orgulho de Enômao, a elegância rápida do jovem Pélope e a graça passiva de Hipodâmia.

Os quatro personagens aparecem à frente em atitude calma. Dos dois lados desse grupo central surge uma parelha de cavalos, detidos por escudeiros agachados à sua frente. Os corpos esguios, o pescoço redondo, as pernas delicadas indicam animais domesticados e treinados pelo homem. São dóceis e inteligentes e é certo que seus donos entendem seus relinchos doces e sua bela aparência, assim como Aquiles entendia a linguagem de seu cavalo Xanthos.

Os dois rios personificados, o Alfeu e o Cláudio, deitados descuidadamente e apoiados nos cotovelos, parecem ter saído dos seus leitos para observar atentamente o que está para acontecer. Em contraste com o outro, este frontão reproduz o reinado da disciplina sábia que sucede ao da força brutal. Uma única figura dá um toque dramático a esta imagem da calma olímpica. É a de um velho sentado diante dos cavalos à direita. Tem a aparência de um adivinho e olha fixamente para Enómao com um olhar sombrio e perscrutador, como se previsse o fim trágico do seu presunçoso senhor e a vitória do belo Pélope, o favorito de Zeus.

Estes dois frontões, felizmente conservados e restaurados, são certamente dois

Machine Translated by Google

obras-primas de Olímpia, que expressam eloquentemente o espírito das suas celebrações. Se você quiser agora contemplar a flor da juventude helênica, veja o Hermes de Praxíteles. A estátua foi encontrada quase intacta, no mesmo local onde Pausânias a colocou, no templo de Juno, e corresponde à sua descrição. Portanto, não há dúvida possível sobre sua autenticidade. Mas a melhor assinatura é a sua beleza. Aqui está a arte grega na sua perfeição, com um encanto fluido e uma emoção de vida que só pertence a este mestre. Em pé, com a cabeça ligeiramente inclinada, Mercúrio carrega no braço esquerdo um pequeno Baco e mostra-lhe um cacho de uvas que carrega na mão direita. A criança coloca uma das mãos no ombro de sua encantadora tutora e estende a outra em direção à fruta desejada. E o belo rapaz olha para o menino saudoso com um misto de ternura e doce malícia. Parece que o peito, o pescoço, os braços e as pernas foram moldados pelas Graças e tornados eurítmicos ao canto das Musas. A testa diáfana brilha de inteligência sob os cabelos cacheados, um sorriso doce abre seus lábios, os pensamentos fluem de seus olhos claros.

Ele está prestes a falar... Para ele, a academia nada mais era do que um meio de fazer do seu corpo a lira da alma, o templo do espírito. Ele é o efebo consumado: está pronto para ouvir Sófocles, para compreender Platão. Um arrepio de juventude divina vibra neste mármore: faz pensar que a forma humana é sagrada.

Entre as esculturas mais notáveis que adornam o museu de Olímpia, é necessário enumerar também as métopas do templo de Júpiter que representam os trabalhos de Hércules. Estes pequenos baixos-relevos são de cinzel afiado e de pensamento altivo, verdadeiramente dignos da grande lenda que ilustram.

Acima de tudo, há dois que ficaram gravados na minha memória e que ainda não me abandonaram. Uma poderia ser chamada: a estreia do herói e a outra: a última prova. Na primeira vemos o leão da Neméia pousar. Hércules colocou o pé sobre a fera moribunda que atormenta o chão em sua última convulsão. O cotovelo do vencedor repousa sobre o joelho e a testa repousa sobre a mão em profunda meditação. Após esta primeira empreitada, que o lança em acção, ele vê diante de si a imensidão da sua carreira e esta visão assusta-o...

Atrás dele, com seu manto dobrado, está uma mulher, com os olhos fixos e o braço estendido. É a formidável Minerva quem o inspira e que nunca mais o abandonará. — A segunda métope representa Hércules, que sustenta o céu no lugar de Atlas, que lhe traz as maçãs das Hespérides. O “corpo” do herói, que sustenta Urano, fica enfraquecido pelo esforço. Sua cabeça se curva sob o enorme peso numa expressão espiritualizada. A pureza pensativa do perfil, as bochechas encovadas, o nariz fino, os olhos dilatados, lembram um. Cristo crucificado.

Machine Translated by Google

chegou ao fim da sua carreira e a sua tarefa tornou-se, portanto, ainda mais séria. Aqui ele é forçado a suportar todo o fardo do mundo para que outros possam se beneficiar dele. Maravilhosa imagem do pensador que carrega em paz o fardo do infinito, para que o inconsciente colha os frutos da vida em paz.

Esta profunda interpretação da lenda de Hércules, devida a um escultor desconhecido, evoca diante de nós a maior figura heróica venerada em Olímpia.

A raça dórica, que na Grécia representa o elemento viril, oferece-nos o seu ideal mais elevado no mito de Hércules. Projeta seus poderes fecundadores, suas virtualidades íntimas à imagem do grande e bom lutador. Hércules é muito mais alto que os outros heróis gregos e seu olhar se estende ainda mais.
Este bastardo de Júpiter é o herói humano por excelência, ingênuo, corajoso e bom; violento, mas generoso, imprevidente e imprudente, mas tão perseverante quanto incansável. Criança sublime pelos seus esforços gigantescos e pela sua imensa bondade, é um grande sofredor e um grande perseguido, mas é também uma grande pessoa alegre. Ele ri de seu sofrimento e continua a agir. Seu sorriso é sério, sem amargura, mas cheio de desafio e de esperança indomável. Hércules é o gênio da ação imediata e libertadora, que vai direto ao inimigo para estrangulá-lo e não recua de nenhuma tarefa, pois não teme nem o inferno nem o céu. Aconteça o que acontecer, ele sabe que é filho de Júpiter e que nada apagará a faísca que se agita em seu peito. Duas serpentes, convidadas por Juno, iriam devorar o bebê recém-nascido de Alcmnéia; ele os sufoca em seu berço. Símbolo eloquente, presságio sinistro! Essas duas serpentes são a Vida e a Morte que tentarão envolver o herói em seus anéis flexíveis, em seus nós inextricáveis, e ele as dominará, mas a que custo! Com os despojos do leão da Neméia ele faz uma armadura invulnerável; ele banha suas flechas no sangue da hidra de Lerna para torná-las mortais; mata os centauros. Nenhum monstro maligno lhe escapa, nem o javali de Erimanto, nem os pássaros de asas de ferro do Lago Stimfale, nascidos das águas estagnadas da terra e dos miasmas do abismo, que devoram os homens e se assemelham aos mais repugnantes fantasmas da imaginação e dos seres humanos. perversidade. Ele não se contenta em limpar os estábulos de Augias, em conduzir o famoso Minotauro de Creta a Micenas acorrentado como um boi de arado, em domar os cavalos antropófagos de Diomedes. Ele deve desafiar os monstros de terras desconhecidas e ver as maravilhas escondidas nos confins da terra. Ele luta com as Amazonas, mata o abutre que rói Prometeu nos picos do Cáucaso, desce ao submundo, perseguindo o Cérbero amordaçado à sua frente.

Machine Translated by Google

Entre um e outro empreendimento, ele coloniza a Gália e vai para

buscai, no grande Oceano, a eterna Juventude, na ilha das Hespérides.

Mas nesta imensa provação não encontrou descanso nem felicidade, e não molhou impunemente as mãos no sangue de monstros. A apaixonada e ciumenta Dejanira o espiona quando ele retorna de suas aventuras e o veste com uma camisa roxa com o sangue de um centauro moribundo, misturado com veneno de hidra. Com essa magia perigosa, a noiva impetuosa acredita que pode manter o herói errante para sempre. Mas a camisa de Nessus causará sua morte, queimando-o até a medula. Assim, as paixões que ele conquistou e dissipou sob seus pés, no decorrer de sua carreira triunfal, finalmente chegaram a enredá-lo traiçoeiramente e consumi-lo com um filtro devorador. Para escapar da tortura, tudo o que ele precisa fazer é queimar-se na fogueira.

A única recompensa do herói terá sido a ação em si, a alegria de ser libertado libertando outros, e isso basta! Sua coroa olímpica está além da morte. De sua pira ardente, Pallas e Hermes o transportam em uma carruagem de fogo para a cidadela ardente de Zeus, longe do Olimpo terrestre, no fundo do céu inacessível.

Eis o tipo de herói concebido pelo gênio dórico com a universalidade das árias primitivas. Seus doze trabalhos giram em torno da arena olímpica como as constelações do zodíaco em torno da pequena órbita da Terra. Na realidade, a glória divina de Hércules só pode ser adquirida ao preço de uma grande solidão na terra.

Aos heróis vulgares, o grito da multidão. E, no entanto, imagino aquele vencedor de Olímpia, que, depois das tochas agitadas no bosque sagrado, depois dos hinos, das festas e das coroas, lembrou, no meio da noite, aquelas palavras de Píndaro: "A felicidade dos mortais faz isso é tão rápido em crescer quanto em cair, derrubado por uma potência inimiga. Seres efêmeros! Quem existe? Quem não existe? Cara... sonhe com uma sombra...»

Depois, talvez, na saciedade e no desgosto do seu triunfo, olhou, tomado de inveja misturada com consternação, para a figura colossal do Hércules de bronze, que, no silêncio da ágora, dominava as outras estátuas, e que - de pé com sua clava - apareceu solitário na escuridão do templo.

A Acrópole.

Machine Translated by Google

O teatro de Atenas e a tragédia.

Os deuses não sorriram aos meus primeiros passos na terra de Pallas. Ao me aproximar de Atenas, pela estrada do Pireu, o tempo cinzento pairava sobre a planície nua da Ática, e vi o esqueleto de um templo numa colina amarelada, sob uma cortina de chuva. Foi a Acrópole. No momento em que cheguei ao peristilo do hotel, uma trombeta furiosa, irrompendo de um céu negro, varreu o caminho de Hermes. Ao mesmo tempo, passava um cortejo fúnebre.
Uma carruagem com colunas douradas, puxada por cavalos pretos, veio galopando sob a chuva torrencial. Do terraço do hotel vi a mulher morta deitada em seu caixão aberto quando passei. Ela era uma mulher jovem e bonita, toda enfeitada. O rosto de mármore emergiu de uma pilha de rosas e não pedia nada além de descanso eterno. Mas o cocheiro chicoteava os cavalos pretos e as rajadas de vento passavam sob o dossel funerário, semelhante a um pequeno, frágil e cambaleante templo.
Eles lançaram suas ondas frias no rosto gelado da morta. As carruagens fúnebres seguiram a galope. Na frente do caixão, o mestre de cerimônias que subiu na caixa carregava a grande tampa do caixão. Todo o cortejo desapareceu num piscar de olhos, na virada da Praça da Constituição.

Ao ver isso, não pude escapar de um estranho arrepio, de um triste pressentimento. Aquele cortejo fúnebre, de uma fantasia moderna misturada com um esplendor oriental e não sei que antigo, apareceu-me como uma imagem dolorosa e antecipada desta nova Grécia, da qual o século bastardo parece querer trazer um luto prematuro e imprudente .

E, no entanto, aquela que é a razão de ser da Grécia moderna, da Grécia antiga, ainda está muito viva neste solo. E o povo grego, mesmo que fosse apenas o guardião dessas memórias imortais e desses restos sagrados, ainda teria a sua elevada missão e o seu lugar especial no mundo. Sua ressurreição remonta a setenta anos atrás, e desde então, que jornada foi percorrida! Basta lembrar o que era Atenas em 1806, quando Chateaubriand a visitou. Aos pés da Acrópole, no local da antiga cidade, existia então uma miserável aldeia turca, pontilhada de ciprestes e dominada pelos minaretes de algumas mesquitas. Uma horrenda torre quadrada, armada com canhões turcos, desfigurou o Partenon. Na época, poucos gregos tinham consciência do seu grande passado. Mas, a partir da Guerra da Independência Helênica e da Batalha de Navarino, em 1827, começou uma nova era. Todos os vestígios do Islão desapareceram do solo ático. Uma nova população de voluntários atenienses, vinda dos quatro pontos da Grécia, reuniu-se ao pé da cidadela. Tudo o que resta da antiga Acrópole foi piedosamente

Machine Translated by Google

limpo; os principais monumentos e fundações da antiga Atenas foram limpos e expostos. Você o atravessa de uma ponta a outra indo da Torre dos Ventos ao templo de Teseu, que permanece intacto, e daí ao de Júpiter, do qual três colunas gigantescas falam de sua grandeza passada. Você pode subir a colina do Areópago, sentar-se na colina Pnyx, permanecer no Museu e passear pelo Cerâmico que ganha vida com seus mausoléus e seu recinto. E aquelas pobres ruínas, que as construções modernas pelo menos não ofendem, são como um jardim de memórias, onde só os nomes fazem surgir mil fantasmas dos torrões. — Pelo contrário, a nova Atenas desenvolveu-se a norte e a leste da Acrópole, uma cidade de oitenta mil almas, com ruas retas, casas brancas e elegantes. O seu estilo neo-grego ligeiramente frio não combina muito bem com a área circundante, e não é em vão que a Torre dei Venti ainda está no topo da Via d'Eolo. Pois Bóreas sopra à vontade de manhã à noite e espalha colunas de poeira fina. Agora

Atenas tem duas igrejas bizantinas, dois teatros e três monumentos dos quais se pode orgulhar com razão. Eles, os únicos que demonstram como o helenismo moderno não é uma palavra vã, são: a Universidade de arquitetura policromada, a Escola Francesa de Atenas, que mais uma vez destacou muitas obras-primas clássicas, e o Museu Nacional, onde a arte Ática volta a viver nos restos. de sua incomparável escultura. Não é tudo isso um último milagre do antigo Pallas? Pois, se a sua beleza sóbria e perfeita não tivesse sido ressuscitada no espírito moderno, a nova Atenas não teria surgido dos restos da antiga.

Antes de subir à Acrópole, queria dar uma olhada geral no país e ter uma ideia de como poderia ter sido a natureza grega, antes da Ática ser desmatada como hoje. Portanto, fiz a ascensão pentélica.

O carro anda na planície; pequenas aldeias com casas baixas de tijolos mal quebram a monotonia. Mas, aos poucos, vai ganhando vida; tufos de árvores são desenhados nos campos; a moldura se alarga e o charme sutil da paisagem do sótão cativa o olhar. Este encanto resulta da beleza nua e escultural das montanhas, da transparência do ar e de uma vegetação elegante e dispersa. Os pinheiros, em forma de bouquet verde escuro, os ciprestes de um preto intenso e as rochas cinzentas, que aqui e ali aparecem na superfície do solo, dão grande relevo ao primeiro plano. Realçam as nuances das cores da planície, desde delicados rosas, onde se destacam a transparência luminosa dos choupos brancos e a palidez melancólica das oliveiras. As montanhas, com inúmeras falésias, contornos nítidos e sempre acentuados, enquadram esta paisagem idílica

Machine Translated by Google

heróico cuja majestade é temperada com harmonia. O show muda conforme você se move. As cadeias montanhosas sucedem-se e sobrepõem-se ao horizonte sem se confundirem, mas as suas formas precisas parecem esculpidas pelo homem: centauros reclinados, esfinges vigiando, frontões de templos, tronos, altares, acrópoles. Pode-se dizer que foram os primeiros sonhos de Cibele, delineando os vagos contornos das coisas futuras ao acordar. E o azul pálido, o violeta brilhante daquelas montanhas tem algo de leve, arejado, quase imaterial. Terra moldada pela graça e pelo pensamento!

O chão ondula; a estrada sobe; entramos num labirinto de colinas, que a charneca grega cobre com um manto de vegetação escura. Agora não há nada de triste nesta terra; te convida ao descanso, chama uma canção clara. Aqui, a grama é frequentemente adornada com anêmonas vermelhas, delicadas flores rosa, espiga e alecrim. Lá, um fio fino de água pura flui de um arbusto espesso de louros selvagens entrelaçados com murtas. As manchas parecem baixas e densas. Dele emanam aromas amargos, respirações deliciosas. É a écloga de Teócrito; nada falta, exceto a flauta do pastor e os braços estendidos da ninfa deitada entre os dois arbustos de aroeira.

O carro pára no convento Mendoli, aos pés do Pentelico. Em frente ao mosteiro, que se encosta à montanha, gigantescos choupos brancos formam uma floresta magnífica, clara e sombreada. Há uma fonte e uma cabana com mesa de madeira ao ar livre, onde é servido um vinho branco com sabor alcatrão, sem dúvida semelhante ao vinho que escorria do odre de Sileno. Fiz uma parada deliciosa por lá.

Os grandes choupos brancos, agitados pela brisa de Abril, deixavam vagar sobre mim o seu emaranhado de sombra e sol. Entre as folhas douradas e prateadas, o azul estava enfeitado com luz. Numa daquelas belas árvores cantava um rouxinol. Nunca ouvi uma melodia tão clara e tão doce. Foi o encanto do dia e da hora que encontrei na voz do passarinho? Ou serão os rouxinóis da Ática cantores divinos? Assim deve ser, se a música deles é um eco da luz. Pois a luz aqui é mais pura e mais rica do que em qualquer outro lugar. Oh, que vogais suaves e cristalinas emanavam daquela pequena garganta musical! Oh, que ritmo agudo e trêmulo nesses interlúdios! Ah, que timbre fresco naqueles trinados prateados e naquelas notas profundas onde gemia a melancolia de uma felicidade exuberante mas efémera!... Verdadeiramente aquele rouxinol era um artista consciente e autoconfiante. A beleza de sua voz trouxe lágrimas aos meus olhos, como se sua canção fosse uma saudação de Anacreonte, Alceu e Safo.

Machine Translated by Google

Aproximei-me do convento, cujo pátio é cercado por edifícios térreos, com uma galeria na cobertura. O anterior caminha naquele terraço. Apesar do vestido preto, do chapéu de papa e da aparência rude, ao vê-lo neste cenário antigo, estaria disposto a considerá-lo mais um sacerdote de Ártemis do que um monge cristão. Arrisco-me a pedir-lhe orientação sobre Pentelic. Ele se ausenta com um gesto e me manda um irmão leigo para me levar ao topo. O caminho é íngreme e a subida cansativa. Aqui está a verdadeira montanha grega, toda em mármore, com uma leve cobertura de arbustos e tufos de pinheiros. Ocasionalmente o caminho pedregoso dá origem a largos degraus de alabastro ou xisto salpicados de mica. À direita e à esquerda existem cavernas brancas na montanha verde. Dessas feridas orgulhosas, Péricles desenhou o Partenon. A meio caminho, uma caverna profunda numa rocha perpendicular coroada por uma floresta faz pensar na caverna do Centauro, da Hidra ou da Pítona. Você chega ao topo através de um cone vazio. Era uma vez uma estátua de Atena no topo. Hoje só há um amontoado de pedras, mas a vista é esplêndida. O olho abrange toda a Grécia clássica. Mergulha diretamente na baía de Maratona, estreita como um desfiladeiro, e no formidável baluarte de Eubeia.

O promontório da Ática desdobra-se ao longe e destaca-se do azul das ondas pela brancura marmórea das suas margens. Desta distância e desta altura, o enorme Lycabes parece nada mais que um monte e a Acrópole um pequeno altar erguido no meio da planície.

As grandes massas do Peloponeso perdem-se sob as brumas do horizonte e as Cíclades repousam no mar Egeu como fragmentos de ágata sobre uma mesa de lápis-lazúli. A oeste e a norte, dois cones de neve branca dominam o labirinto de montanhas: Parnaso e Olimpo.

Mas devemos voltar ao centro do país, a este Pallas que o resume, como a Ática resume a Grécia, como a Grécia resume a Europa.

Esta manhã subi à Acrópole sob um céu claro. Ao subir os degraus do Propileu, que outrora foi a Via Sacra, as colunas do pórtico, despojadas do frontão, destacam-se no alto do céu, entre o pequeno templo jónico da Vitória Aptera e o seu homólogo. Estas portas azuis emolduradas pelas colunas brancas da ordem dórica, estas portas de ar e de azul, que hoje conduzem ao Partenon, têm tanta e talvez maior majestade do que as portas de bronze que já as adornavam. Ao chegar ao topo, você caminha entre as ruínas.

Pedestais sem estátuas, capitéis e tambores de colunas caídas. Mas esses blocos

Machine Translated by Google

todos têm um aspecto de nobreza, são tão maciços, sólidos e bem esculpidos, com a tonalidade quente com que o tempo reveste os mármores pentélicos. As seis cariátides que sustentam o teto do Erecteion dizem que a deusa daquele templo era servida por virgens. À direita, o Partenon sem telhado, com frontões vazios, belo apenas pelas suas colunas e arquitraves, ergue-se a céu aberto, na sua brancura acariciada pelo sol, como uma arca dourada já habitada por um pensamento divino. E ainda o manifesta sempre com o orgulho masculino e casto da ordem dórica.

Segundo a lenda, a lira de Anfião movia pedras e construía templos pela magia dos sons. Pelo contrário, as colunas do Partenon, com a cadência grave dos seus fustes estriados, evocam os acordes religiosos das antigas liras.

Para sentir até que ponto o santuário está em harmonia com a terra que o rodeia, é preciso olhar para a Ática do topo do Propileu ou do peristilo do Partenon.
Então se revela a harmonia de um país que parece moldado pelos deuses. O mar envolve as margens de Phaleros e Pireu como um belo lago. Os planos sucessivos da paisagem são apenas os ornamentos da cidade. Cada montanha tem a sua própria fisionomia e distingue-se claramente das outras; mas, panorâmicamente, formam um todo maravilhoso. O Acrocorinto ergue-se no seu istmo como se olhasse para a sua irmã, a Acrópole. A indescritível costa da Argólida, que se perde no Arquipélago, convida às viagens marítimas. Por fim, as linhas grandiosas de Inietto, Pentelico e Parnete protegem a Ática como fortalezas naturais. Se você se retirar para a cela do templo, poderá ver o golfo da ilha de Salamina da porta do Partenon e isso produz um efeito único. A natureza aparece despojada de tudo o que é estranho e hostil ao homem, aprisionada numa moldura de beleza. Nenhuma cidade, nenhum santuário, nenhum templo jamais tornou assim o próprio pensamento da civilização, graças à sua posição, às suas formas e às suas perspectivas.

O maravilhoso acordo aqui combinado entre paisagem, arquitetura, estatuária e poesia, revela-nos o que Pallas foi na história de Atenas. A esfinge, que forma a crista do seu capacete, ainda denota a sua origem egípcia.
Surgindo da Ísis celestial ou Natureza primordial, Pallas foi concebida desde o início, por aqueles que instituíram o seu culto, como um dos atributos divinos: Sabedoria – Providência. Ela se distingue claramente das deusas asiáticas e fenícias que simbolizam a natureza inferior. Sua essência é puramente intelectual. Precisamente, portanto, a Virgem armada surgiu do cérebro de Júpiter como um raio no céu tempestuoso. Outros povos veneravam a natureza fértil que dá origem aos seres e os devora; Atenas escolheu como sua divindade o Pensamento que doma

Machine Translated by Google

a natureza. Este sinal de eleição dado pelos primeiros iniciadores à cidade ficou gravado para sempre no rosto deste povo. Até o final, sua inspiração e sua atmosfera eram de ordem intelectual.

Daí também a tripla tarefa de Pallas: regulador da vida cívica; despertador de heróis e criador das artes da civilização. Por isso ela tem no elmo a esfinge da sabedoria, está armada com a lança guerreira e carrega a oliveira da paz. Por isso reina nas leis de Sólon, dá ritmo aos coros de Sófocles e sorri nos diálogos de Platão.

Coloquemo-nos agora na colina Pnyx, de onde o olho vê toda a Acrópole, e imaginaremos mais facilmente o que Pallas foi para o ateniense de outros tempos. Estamos na zona da antiga Ágora, cujo hemiciclo, esculpido na colina, ainda está impresso nos torrões.

À esquerda, nesta rocha íngreme, ficava o Pátio do Areópago, protegido pelas Eumênides e respeitado por toda a Grécia. Logo a seguir, o gracioso monte das Ninfas, hoje coroado pelo Observatório, já abria as suas avenidas de carpa povoadas de estátuas. Essas terras incultas e gramadas, que ondulam em semicírculo desde a colina das Ninfas até a do Museu para se nivelar em direção ao templo de Júpiter e do Cephisus, foram ocupadas pela antiga Atenas e agora mostram aqui e ali pequenas casas simples e elegantes , com pátios internos, precedidos de terraços e separados por canais e estradas atravessadas por carroças. Mas aqui, no Pnyx, neste grande hemiciclo, as multidões tumultuadas reunidas em todos os domínios da Ática enxameavam.
Ali aconteciam assembleias populares, gritavam ali todas as paixões daquela democracia ativa e turbulenta. Aí os bajuladores se agitaram: dali os decretos de ostracismo que baniram os Aristides, os Temístocles e os Címons ergueram-se como gritos de ódio e gritos de desejo. Mas, mesmo dali, daquela tribuna esculpida em mármore cinzento, que ainda se vê à altura do homem e da qual ainda existem os degraus, dali se espalhou a voz encantadora de Péricles e trovejou a eloquência masculina de Demóstenes. Mas o que o orador viu no horizonte? Acima da multidão, do outro lado do vale preenchido pela cidade de Atenas, erguia-se a massa escarpada e esguia da Acrópole, não como a vemos hoje, nua e desmantelada, mas erguendo-se acima do azul em contornos nítidos, com os seus contornos nítidos. terraços, os seus templos, os seus bronzes, num esplendor policromado.

A Via Sacra, ladeada por inúmeras estátuas e monumentos comemorativos que resumem todas as glórias da pátria, subia numa elegante espiral até ao Propileu. O Partenon destacava-se no céu com suas colunas iluminadas pelo

Machine Translated by Google

sol poente, o friso do escudo dourado e seu frontão, onde a batalha de Minerva e Netuno emergiu sobre fundo azul. Mas, ao lado do templo de Erecteion, mais alto que as Vitórias aladas, mais alto que os guerreiros de Maratona trancados em falanges de bronze, erguia-se a colossal efígie da Virgem guerreira, da lutadora Pallas, apoiada em sua lança e carregando a égide. Nela, o gesto do orador poderia saudar a protetora divina, o gênio vivo da nobre cidade.

E, se nos transportarmos para a casa de um desses cidadãos ricos, ou desses sábios modestos, sob a coluna do átrio ao ar livre, ali onde um fino fio de água jorra numa bacia límpida, - ali onde Péricles conversa com Aspásia e Platão com os seus discípulos - entre as estatuetas que, adornadas com ramos verdes, decoram os discretos nichos, entre as Graças e o Eros de Praxíteles, encontraremos uma pequena Minerva em mármore pariano, envolta no curto quíton dórico com dobras enroladas, com a boca arqueada num sorriso severo, a testa pensativa e os olhos brilhando. Silenciosamente, ela diz ao convidado silencioso que a interroga com o olhar, que não se pode vencer neste mundo discordante e mau senão com Moderação e Harmonia, com a fecundidade do Bem. Isto é o que diz a Divindade da Consciência Pura, Vigilante, Despertadora e Destemida; aqui está a Sabedoria íntima, a Alma secreta do pensador e do herói.

E finalmente, se quisermos assistir ao feriado nacional de Atenas, veremos uma cavalgada de jovens com chapéus árcades, uma procissão de velhos carregando palmeiras e uma fileira de virgens segurando pateras e cestos de flores. Eles seguem uma trirreme dourada que funciona como uma carruagem sobre rodas. De sua árvore flutua um longo véu bordado por meninas. A procissão sobe lentamente pela Via Sacra e, se entrarmos com ela no interior do Partenon, poderemos contemplar a gigantesca estátua da deusa, com rosto e braços de marfim, roupas e armas de ouro, iridescente em mil tons. Graças aos tons quentes do marfim, aos olhos feitos de pedras preciosas, a Virgem sobre-humana parece viva. Aqui Minerva aparece-nos como o pensamento divino que reina sobre o mundo, a Providência personificada. Simboliza, numa imagem única e elevada, todos os poderes invisíveis que reinam entre a terra e o céu, que trazem os pensamentos do homem a Deus através da oração e os pensamentos de Deus ao homem através da inspiração.

Tal é a pura Idéia e força de Pallas. Mas poderiam ser suficientes para o grego?

Foi dito que faltava ao heleno o sentido do infinito. Por ter lançado o véu da beleza sobre seus sonhos, acreditava-se que lhe faltava melancolia. Infelizmente!
Tão grande é a angústia da existência terrena, que a dor e o tormento

Machine Translated by Google

do infinito não faltaram ao homem em nenhuma raça e em nenhuma época. Este suspiro vai desde o brâmane aninhado nas encostas do Himalaia até o homem moderno perdido nas margens do Atlântico. O heleno, com seu temperamento sensível e apaixonado, era mais acessível a você do que qualquer outro. Apenas ele expressou isso em gestos curtos e palavras concisas. Não, Pallas não poderia ser suficiente para ele.
Ela lhe ensinou política, a arte de regular a vida e governar a cidade; entretanto, nada lhe comunicou sobre sua origem e seu fim; não resolveu o problema da morte e da dor que, nas profundezas crepusculares da consciência, entristece o homem feliz e tortura o infeliz.

Precisamente porque a projecção da vida no drama agita toda a dor humana e esbarra nas portas da morte, no apogeu da civilização helénica, Dionísio veio perturbar Palas, e a tragédia cavou para si um asilo nas laterais da Acrópole, atraindo inundações de homens ao teatro de Baco e levantando-os com o poder do furacão.

Baco nada mais era do que o aspecto popular do sombrio e radiante Dionísio dos antigos cultos trácios. Assim como Dionísio teve seus mistérios instituídos por Orfeu, Baco teve sua festa rústica: o ditirambo. Um coro de agricultores bêbados disfarçados de sátiros percorreu o campo cantando a glória do Deus das vindimas. O mito de Dionísio despedaçado pelos Titãs e ressuscitado por Zeus no seio da Deméter celeste continha, na verdade, o maior dos mistérios cosmogónicos e os camponeses de Mégara e da Boécia, que o cantavam nas suas bacanais, estavam longe de suspeitar. isto. Mas tinham ouvido confusamente falar das aventuras do Deus, da sua vida, da sua morte e do seu renascimento, que foi magnificado em algum santuário com a gravidade religiosa própria das coisas mais sagradas.

Achando a fábula divertida, sem compreender o seu significado profundo, fascinados pelo seu duplo aspecto trágico e hilário, pensaram em fazer um coro contar as alegrias e tristezas de Baco, em meio aos risos e lágrimas do coro agitado.
Tendo dominado este ditirambo, um belo dia Téspis teve a brilhante ideia de encarnar o Deus no corifeu e de representar ele próprio a sua parte, em vez de falar dela na terceira pessoa. Thespis levou sua companhia a Atenas e lá fez apresentações; a coisa fez imenso sucesso e com isso nasceu o teatro.

Os Arcontes do Areópago ficaram assustados. Sólon, então já velho, protestou.
O fato era perigoso e repleto de consequências. Na realidade, a tragédia nascente assemelhava-se demasiado a uma profanação dos mistérios. Ameaçou abalar o Estado, degradando as maiores tradições nacionais e as coisas sagradas da religião. Não podendo suprimi-lo devido ao seu crescente sucesso, os Arcontes de Atenas, em acordo com os sumos sacerdotes de Elêusis, disciplinaram-no. Sim

Machine Translated by Google

estabeleceu que os poetas teriam o direito de representar as fábulas mitológicas no seu sentido literal e natural, mas sem revelar o sentido alegórico e espiritual que ultrapassava a compreensão da multidão. Por outro lado, esses espetáculos deveriam ter a majestade e a beleza que os gregos souberam dar à encenação dos mistérios. Os cidadãos mais ricos tiveram que fornecer os coros; um conselho de Arcontes teria feito a escolha entre as obras apresentadas e o próprio poeta teria representado o seu herói no palco, diante de uma Atenas atenta e fascinada. Assim nasceu, com a ajuda do povo, da aristocracia e da religião, aquela coisa maravilhosa que foi a tragédia de Ésquilo, Sófocles e Eurípides.

O sucesso prodigioso não veio apenas do fato de ser a arte completa que apresenta o homem ao homem num espelho concêntrico da vida, mas também do fato de girar em torno dos grandes problemas do destino. No titânico Ésquilo, os segredos de Elêusis às vezes explodem como chamas de um vulcão ou rugem como trovões subterrâneos. Verdadeiro discípulo de Apolo, Sófocles os envolve com suas harmonias encantadoras. Eurípides os evita para se preocupar apenas com a pintura das paixões. Em centenas de personagens diferentes, a tragédia mostrou o homem do povo de Atenas sucumbindo ao peso de seus erros e, mais ainda, ao jogo do enigmático Destino. Sem dúvida, levantou uma ponta do véu aqui e ali e permitiu vislumbrar um mundo luminoso. Quando Prometeu, o condenado sublime, gritou na sua rocha: «A ciência ao preço da dor! », a razão profunda da provação humana transpareceu sob as crueldades da vida. Quando a corajosa Antígona, pronta a morrer pelo seu falecido irmão, soltou este suspiro: “Não nasci para odiar, mas para amar”, foi como se um lírio brilhante emergisse do solo sangrento da cidade tebana. Então, num lampejo de simpatia, o espectador vislumbrou o sentido divino da vida: uma purificação pela dor, uma redenção pela virtude do amor. Mas esses flashes foram esparsos.

Imediatamente depois, as portas do céu e do inferno fecharam-se com grande estrondo, em meio aos gemidos de teorias trágicas.

Concluindo, a tragédia não explicou nem a origem nem o fim da vida; apenas perscrutou suas profundezas, despertando novamente a compaixão pelo homem e o terror dos deuses. Ao final dessas representações, o espectador deve ter sentido aquele arrepio de horror que sentimos diante de Édipo Rei, quando ele se dirige, derrubado pela enormidade de seus crimes involuntários, amaldiçoado, cego e desesperado, rumo às selvagens solidões de Citéron.

Machine Translated by Google

Quando ele desapareceu, quando os coros desapareceram lentamente, entre o som das flautas chorosas e a melodia solene aspirada no vasto anfiteatro, a alma do espectador permaneceu só e aterrorizada, semelhante àquela Níobe a quem Ésquilo chama: «Detentor de sepulturas!». Sozinha, viva, entre os filhos perfurados por flechas, a mãe sentou-se entre eles. Depois, sem dizer nada, estendeu o manto negro sobre os filhos e filhas e ficou assim, de olhos fechados, petrificada na dor, cariátide silenciosa de todo o sofrimento humano.

Édipo e Níobe! Que encarnações do homem conquistado pelo destino e da alma humana desprovida de esperanças!

Mas a arte grega foi mais longe. Sua ambição era glorificar o homem em todas as suas posições, mostrar-lhe libertação após provação, vitória após derrota; representar a vida una, integral e transcendente após a vida separada, parcial e limitada; em uma palavra, conectar o homem a Deus.

A chave do enigma trágico encontra-se nos mistérios de Elêusis. Então vamos para Elêusis.

O drama sagrado de Elêusis.

Durante a Segunda Guerra Persa, o ateniense Dykeus e o espartano Demaratus, ambos emigrantes entre os persas, caminhavam na planície de Thrias. Foi o dia dos Elêusis. Mas a festa das grandes Deusas não pôde realizar-se, uma vez que as tropas de Xerxes tinham saqueado o templo de Deméter, depois de terem incendiado a Acrópole de Atenas. Contudo, os dois caminhantes viram uma nuvem de poeira subindo de Elêusis e vindo em direção a eles com a rapidez de um redemoinho. Dela vinha um grande barulho de passos com cantos festivos e o repetido grito de: Iacco!
De repente, a nuvem que contornava a costa deu meia volta em direção ao mar e, atravessando o golfo azul, dirigiu-se como uma procissão branca em direção a Salamina. Essa visão pareceu aos dois gregos um presságio seguro da derrota de Xerxes. Segundo eles, as duas Deusas haviam passado por aquele redemoinho.

Fugindo do seu santuário profanado, refugiaram-se, como Pallas, em navios atenienses.

Qualquer que seja esta lenda, nós, modernos, percebemos os mistérios de Elêusis da mesma maneira que aquelas duas caminhadas. Apesar de todas as escavações e de todas as pesquisas, uma nuvem impenetrável sempre os envolve. O som de numerosos passos, um murmúrio de vozes confusas e alguns gritos isolados, é isso que existe

Machine Translated by Google

chegou: os iniciados guardaram tão bem o seu segredo. Foi necessário o ceticismo irônico de séculos de decadência, a liberdade alexandrina e as controvérsias dos cristãos para nos revelar fragmentos isolados dela. No entanto, os testemunhos dispersos dos autores gregos e as preciosas descobertas arqueológicas permitem-nos hoje reconstruir o drama sagrado no seu conjunto e nos seus detalhes. É precisamente isso que tentaremos, valendo-nos da grande luz que a doutrina secreta de Osíris e Ísis lança sobre os mistérios de Dionísio e Deméter. A semente frutífera trazida dos túmulos do Egito iria rebrotar na Grécia em colheitas douradas, misturadas com rosas roxas e narcisos estrelados.

Portanto, não com um guia contemporâneo, mas com os mestiços de Atenas, faremos a viagem até Elêusis. Antes de seguirmos a sua procissão, olhemos para o âmago desta sagrada doutrina, cuja base em nada mudou de época para época, mas que aqui nos mostra um rosto radiante de vida e de juventude.

A mitologia grega agita diante dos nossos olhos o véu ondulante de Maia, no qual estão tecidos todos os seres, monstros, homens e deuses. Sob os seus múltiplos jogos, sob as suas batalhas e as suas metamorfoses, faz-nos perceber as forças ocultas da natureza. Mas a razão primária e o propósito final da existência lhe escapam. Ela não se importa. «A terra é tão bonita; vamos dar uma olhada nisso. A vida é realmente curta; vamos aproveitar e não pensar em mais nada", parecem dizer os rapsodos, e com eles a plêiade apaixonada dos poetas líricos. Porém, por trás do véu policromado da epopéia, aparece, de tempos em tempos, a doutrina sagrada da grande Mãe, de sua filha, a Deusa dos mortos, e do Deus sofredor. Desde a antiguidade, os mistérios de Deméter, Perséfone e Dionísio resumiam para os iniciados a história da Alma do mundo, da Alma humana e do espírito vivo que evolui no universo. Havia três formas de compreender o mito; no sentido natural, no sentido humano e no sentido divino. O primeiro era para a multidão, o segundo para homens instruídos, o terceiro para um círculo seleto. Cada significado era verdadeiro em seu ambiente e correspondia a um grau de compreensão. A segunda explicou a primeira e a terceira justificou as outras duas, sintetizando-as. Precisamente desta forma, Deméter poderia, materialmente, conceber-se como a Mãe-Terra que dá vida a todos os seres corpóreos; intelectualmente, como a Providência ensinando aos homens a agricultura e a civilização; espiritualmente, como Luz imaterial, inteligente e inteligível, mãe das almas e iniciadora dos homens às verdades supremas. Perséfone e Dionísio tinham igualmente três significados. Os Mistérios foram feitos para serem posteriormente revelados àqueles que pudessem compreendê-los, para abrir neles o olho interior que vê o interior das coisas sob aparências enganosas, e sua unidade sob a multiplicidade de

Machine Translated by Google

fenômenos. Mas, como a maioria dos homens é tão pouco capaz de se elevar às coisas sagradas, como também são induzidos a deturpá-las e arrastá-las pela lama para baixá-las ao seu nível, o juramento de silêncio foi imposto aos antigos iniciados sob dor da morte.

De onde veio, então, com seus ritos e mistérios, aquela doutrina sagrada que teve sua principal recepção em Elêusis? Os historiadores gregos datam a fundação do culto de Elêusis na época de Cécrope, o que equivale a dar-lhe origem egípcia. Os helenistas, que afirmam que a Grécia derivou tudo de si mesma, muitas vezes contestaram esta antiga tradição, mas a ciência mais recente confirmou-a, provando que Ísis era o protótipo de Deméter. Por outro lado, a família dos Eumolpids, que manteve a direção desses mistérios por mais de mil anos, teria vindo da Trácia. Os gregos também situaram a origem de sua religião, de seus mistérios e daquela lira masculina dos dórios que precedeu a lira jônia de Hesíodo e Homero na Trácia. As maiores autoridades da Grécia, Platão e Aristóteles, Estrabão e Plutarco, afirmaram o carácter sagrado, simbólico e teogónico daquela poesia agora perdida. Segundo eles, foi verdadeiramente inspirado, uma exaltação divina que encheu a alma de verdadeiro entusiasmo. Surgindo da natureza puramente intelectual, era, como ele, imutável.

Vindo apenas dos templos e descendo apenas das montanhas sagradas, a poesia falava a mesma língua dos deuses. Oráculos, dogmas e leis não eram proclamados exceto em versos. Os nomes mais ou menos lendários de Linus, Amphion e Tamyris estavam ligados a esta época, mas resume-se, por assim dizer, no grande nome de Orfeu, inventor e instituidor da doutrina e do culto a Dionísio.
Pausânias fala dele como uma figura histórica que superou todos os poetas que

eles o precederam pela sublimidade de suas canções e por sua arte de libertar os homens de seus males. Seu nome iniciático, Arpha, significava, na linguagem sagrada dos templos, aquele que cura pela virtude da luz. A sua lenda, que nos esconde a sua pessoa, revela-nos a sua alma. Ele não queria arrancar sua esposa Eurídice do inferno? Assim, ele tentou arrebatar a alma humana dos terrores da morte. Ele não foi despedaçado pelas Bacantes? diga Tal será o destino de todos aqueles que revelam novos mistérios aos homens. Tão sensível quanto poderoso, Orfeu soube casar a força masculina do gênio dórico com a graça feminina do gênio jônico. Sem descer da sua altura intelectual, soube dar às ideias mais profundas o encanto de uma vida apaixonada. A hierarquia dos deuses, o panteão grego, sem dúvida vem dele. O movimento órfico e dionisíaco transfigurou todos os cultos gregos, deu-lhes vida nova e derramou sangue ambrosial nas veias das divindades olímpicas. Seis séculos depois, ele também traz luz a Elêusis

Machine Translated by Google

central e inovador.

No entanto, já houve um destino mais trágico? Aqueles mistérios, dos quais os antigos nos contaram tantas maravilhas, mas que nunca ousaram descrever, permaneceram para nós um enigma. Algumas palavras de Plutarco e Apuleio, o fraco poema de Claudiano, mal levantam uma ponta do véu. Corrompidos e distorcidos pela decadência inicial da Grécia, eles viraram pó sob o édito de Teodósio. Quanto ao caráter de Orfeu e à sua revelação, foram ainda mais completamente varridos. Os próprios Órficos não nos deixaram nada além de fragmentos mutilados e distorcidos. A ideia dionisíaca, nobremente velada pela tragédia de Ésquilo e Sófocles, é ridicularizada e degradada pela comédia de Aristófanes. Os cultos populares param de degradá-lo. Na antiguidade pagã, Baco acabou no monstruoso delírio da sabazie que perturbou a polícia de Roma no século II antes da nossa era. – Infelizmente! O que você se tornou, ó puro bardo da Trácia, seu amante sombrio das alturas e profundezas? — Os homens dilaceraram o profeta e os sacerdotes retalharam o Deus. Orfeu será sempre despedaçado pelas Bacantes como Dionísio pelos Titãs. Mas as faíscas das suas tochas ainda voam pelo mundo.

Voltemos aos mistérios de Elêusis. O que sabia a grande massa dos gregos? O que pensava este povo, embalado por belas lendas, embriagado de acção e de vida, no auge da sua civilização, depois das guerras persas? — Olhou-os de longe com profunda veneração, mas também com uma espécie de medo. Ele sentiu, diante deles, o que chamou de horror sagrado. A doutrina oculta dos mistérios deve ter-lhe parecido a fachada de algum templo subterrâneo, descoberto em alguma montanha selvagem da Frígia, limpo de rochas e destruído por dentro.

A cripta apresenta, à entrada, três estátuas colossais, enterradas no solo até metade da pessoa e talhadas na mesma rocha. Entre os três bustos gigantescos abrem-se duas portas, bocas abertas do abismo negro, que estas divindades sepulcrais guardam. À esquerda está a majestosa Deméter, com a coroa mural e o cetro da rainha. Acima lemos: Eu sou a luz celestial e a fonte das almas. À direita, está a grave e doce Perséfone, como uma ceifadora, com um feixe de espigas de milho nos braços, coroado de papoulas e com um narciso na testa, semelhante a uma grande estrela. Acima lemos: Eu sou a Morte e possuo o segredo da Vida. Entre as duas Deusas, ultrapassando-as pela cabeça e quase liberta do chão, está Dionísio, radiante e coroado de hera. Ele segura na mão um tirso alado, onde duas serpentes estão entrelaçadas, como no caduceu de Hermes. Acima da cabeça dele sim

Machine Translated by Google

lê: Eu sou Vida, Morte e Renascimento. Eu carrego a Coroa de Asas.

O que havia no fundo da cripta? Que aparições terríveis ou que revelações consoladoras houve? Aqueles que desceram à sua escuridão voltaram pressionando os lábios com um dedo. De vez em quando, um poeta, um filósofo ou um comediante violava o juramento de silêncio e gaguejava algumas palavras, assustado ou extasiado com o que via. Naquela blasfêmia, ele pareceu ver um relâmpago saindo do abismo. O Olimpo tremeu, os deuses ficaram irritados, como se aquele clarão ameaçasse a sua existência. Imediatamente o Areópago se reuniu e o povo de Atenas votou pela morte ou exílio do comediante, poeta ou filósofo. Então, tudo voltou à ordem e ao silêncio.

Como nós, por nossa vez, estamos prestes a tentar passar pela cripta e nenhum Areópago nos ameaça (exceto talvez o dos nossos estudiosos), não desçamos sem ter acendido a tocha pura de Orfeu, que é o ministro de Dionísio e de Perséfone. A palavra moderno mal transmite isso. Deveríamos ouvi-lo recitado, ao som rítmico da citara, do bardo solene, sentado nos degraus de um templo dórico, ou fluir dos lábios de uma pitonisa, que escapou toda vibrante da caverna sagrada, onde o Deus a possuiu e que vem confiar seu sonho consternado pelas florestas trêmulas, pelas primeiras estrelas trêmulas.

DIONÍSIO E PERSÉFONE

(MISTÉRIO ÓRFICO)

Na fonte sublime das coisas, nas profundezas inacessíveis dos Céus e dos Templos, o espírito vivo, o Homem perfeito, filho da Luz incriada e do inefável Demiurgo, movia-se feliz e livremente no seio de seu Pai e de sua Mãe, com sua irmã Perséfone, a Alma inteligente e dócil.

Você não limita a felicidade deles, não limita os desejos deles. Eles poderiam, à vontade, fundir-se um no outro para formar a Vida una e completa, ou dividir-se em dois para contemplar sua divindade gêmea e sua beleza radiante. Poderiam suspender o Tempo ou precipitá-lo, parar no espaço ou mergulhar em abismos vertiginosos, fazer o Dia e emprestar os ouvidos ao grandioso concerto dos mundos potenciais, ou fazer a Noite e não ser mais senão Pensamento e Amor. Dois deles eram a Palavra Viva. Pois quando invocaram o Pai e a Mãe, o Arquétipo lhes apareceu na forma de um sol etéreo, que os envolveu em seus círculos irradiados. Depois, com um voo ousado, com um gesto deslumbrante, evocaram

Machine Translated by Google

de suas profundezas incandescentes as formas encantadoras ou terríveis de todas as coisas. Mundos, almas, animais, surgiram do abismo, visões rápidas. Ao som da voz deles, eles surgiram do nada; ao som deles, eles retornaram; e, em todos aqueles seres, reconheceram os fragmentos dispersos de si mesmos... Jogo maravilhoso que lhes proporcionou todos os êxtases e todas as emoções, numa alegria soberana e criativa.

Mas, ao repetir, Perséfone cansou-se disso. Nela nasceu o desejo de dar realidade, consistência, vida independente a todos aqueles seres. "Tome cuidado! Dionísio disse a ela: você só pode fazer isso dando-lhes uma parte de você e alienando sua divindade. Então estaremos separados para sempre.

Você afundará em um redemoinho de sofrimento e horror e até perderá a memória do nosso céu! ». Mas uma curiosidade aguda, um desejo amargo e atormentador pesou no coração de Perséfone, escureceu sua forma transparente. Parecia-lhe que multiplicar-se era crescer, que entrar na matéria era viver novamente. Ele tinha sede de vagar e sofrer para se conhecer, para conhecer a imensidão. O abismo o atraiu. Coisa estranha, seu desejo já havia se concretizado ali na forma de uma estrela opaca e negra sem luz própria. Perséfone deixou-se escorregar no redemoinho... e a alma humana encarnou na Terra.

Dionísio, que a viu desaparecer, sentiu a dor mais amarga que poderia dilacerar o coração de um Deus. Essa dor reverberou nos seis pontos da esfera do mundo em fogos lívidos. Redemoinhos de fumaça e serpentes de fogo se formaram no espaço.
Deveria ele recuar para uma solidão orgulhosa, pedir ao Arquétipo outra Irmã e deixar a mulher insensata se perder? Ele pensou sobre isso por um momento.

Mas seu amor por Perséfone era grande demais.

Salvá-la era agora seu único desejo.

Ele, portanto, resolveu seguir sua Irmã até o Abismo. Mas assim que chegou à Terra, os Titãs o surpreenderam, derrubaram-no, despedaçaram seu corpo divino e jogaram seus membros espalhados em um caldeirão. O coração e a cabeça de Dionísio, o Amor e a Consciência de Deus, essências divinas e inalteráveis, surgiram espontaneamente no Arquétipo.

Mas, a partir do vapor de seu corpo, formou-se a aparência divina e a beleza do mundo material.

Com seu sacrifício, Dionísio embelezou a casa de Perséfone e fez a passagem

Machine Translated by Google

sopro divino. Assim ocorreu sua primeira manifestação, a de Dionísio Zagreus, ou o Deus despedaçado pelos elementos.

Agora Perséfone, a Alma humana transformada em Mulher, encarnada em corpos mortais, vagou sob mil formas na terra amaldiçoada. O Brilhante tornou-se o Escuro: o Vigilante - o Adormecido: o Doador da vida - o Assassino e o Morto. Os Titãs e monstros a espionaram para devorá-la. Ele levou uma vida miserável nas profundezas das florestas e cavernas. Ela havia perdido toda a memória do céu e do passado e estava ainda mais infeliz. Vendida, escravizada, torturada, ela sofreu, gemendo, toda a feiúra e todas as violações de sua miserável estada.
Às vezes, o canto dos pássaros, o murmúrio do Oceano, o sorriso das estrelas, pareciam-lhe as vozes e os lampejos distantes de uma pátria perdida. Mas ela não se lembrava mais disso. Ela não sabia que aquelas vozes e aqueles flashes eram vestígios remotos de seu Irmão espalhados pelos elementos e despedaçados por ela! Os deuses, esses poderes do Arquétipo, não lhe apareciam senão vagamente, na forma de monstros horríveis que a oprimiam do alto do céu e a empurravam de volta para o fundo de sua caverna. Certa manhã, ela se lavou na fonte, no fundo de sua caverna escura.
Parada perto da onda, sozinha, nua e assustada, ela soltou os cabelos soltos; ele os torceu como se quisesse deixar escapar todas as lágrimas do seu desânimo, todo o suor da sua agonia. O sol nascente lançou sua sombra nas profundezas da caverna. Ela viu isso com medo e disse: "Sou tão negra quanto minha sombra... Se ao menos eu pudesse reentrar na escuridão da rocha como ela!...". Então, ajoelhando-se na beira da fonte, ele perscrutou suas profundezas claras. Qual não foi o seu espanto ao ver ali o seu próprio rosto, pálido sob os cabelos desgrenhados, com grandes olhos rodeados, onde a Dor e o Desejo ardiam como duas tochas!...
Então... uma memória sombria, mas comovente, do céu que ela deixou para trás veio até ela. Sem saber porquê, sem acreditar em nada e sem nada esperar, gritou, na imensidão da sua dor: “A mim, meu divino Irmão!…”.

Esse grito subiu aos espaços, atravessou os céus e ressoou até às profundezas do Arquétipo, onde, num esplendor triste e solitário, vigiava a mais pura essência de Dionísio. Ele tremia de imensa alegria e amor desconhecido. Naquele grito ocorreu nele uma chama dos mais belos seres, portadores de tirso, liras e palmeiras. Para trazer sua Irmã de volta do abismo das trevas e da dor, ele decidiu encarnar novamente, mas desta vez não mais nos elementos, mas entre os sábios e os bardos, entre os heróis e os semideuses. Eles manifestariam o seu poder de sofrer e lutar por Perséfone. Só eles poderiam ter atraído a divina Perdida para a sua pátria perdida, pois neles ela teria reconhecido os reflexos do rosto, os ecos da voz do seu irmão! E este foi o segundo

Machine Translated by Google

manifestação do Deus, em Dionísio Eleutherus, o soberano Libertador.

Com que fogo queimaram Dionísio e Perséfone desde então, sempre separados, mas começando a se vislumbrar através dos inúmeros véus estendidos entre eles? Os mundos contam, os poetas cantam, os homens choram.

Assim, disseram os discípulos de Orfeu, Dionísio desce novamente em direção à sua Irmã; então Perséfone sobe em direção a ele de esfera em esfera. Quando todas as almas se encontrarem dentro deles, então o Irmão terá se tornado o Noivo e a Irmã a Noiva. Num amor mais profundo e poderoso, eles serão novamente a Palavra Viva. Será o seu encontro e a sua teofania, a sua união sagrada, hieros gamos.

Tal é a santa verdade que os Órficos ensinavam sob o diáfano véu da poesia.
Arde como um sol intermitente por trás da mitologia gay onde o jovem heleno ri. Esta verdade refrata e atua sobre você em múltiplos raios, como em um prisma com mil facetas. Foi, como se vê, um desenho sintético do universo, uma tentativa de explicar a origem e o propósito da vida através da história da própria alma, por vezes oprimida sob o jugo da matéria ou entregue à liberdade do espírito. Uma tradução vibrante e apaixonada da doutrina egípcia de Osíris e Ísis, mas era demasiado elevada para ser compreendida pelos homens comuns. Assim, sempre foi privilégio de raros iniciados. Os próprios deuses locais, cultos populares, épicos e filosofias só poderiam ser materializações grosseiras ou abstrações imperfeitas, fragmentos mutilados, semelhantes aos membros de Dionísio despedaçados pelos Titãs. Mas os Mistérios sempre tiveram como objetivo revelar a doutrina completa à tríplice percepção dos sentidos, da alma e do espírito; fazer brilhar o Invisível por trás do Visível e a verdade sob o símbolo; recompor, numa palavra, a vida integral a partir da sua fragmentação dispersa. Os de Elêusis ensinaram desde o início a reascensão da alma (Perséfone) em direção à sua fonte, a luz celestial (Deméter). Já Deméter, concebida como a Mãe-Terra e como deusa da agricultura, Perséfone, como deusa da Primavera, nada mais era do que o aspecto externo e popular do culto.

Nos primeiros séculos da civilização grega, sem dúvida já existia uma encenação e provavelmente um drama sagrado rudimentar, representando o rapto de Perséfone e o retorno à sua mãe. Mas, precisamente devido à introdução de Dionísio e da doutrina Órfica em Elêusis, ocorrida pouco antes das guerras persas, provavelmente sob a influência de Pitágoras e da tragédia nascente, o drama sagrado adquiriu a sua importância e o seu significado, a sua magia e seu poder, atestado por toda a antiguidade. Dionísio trouxe o Princípio Masculino para lá

Machine Translated by Google

da iniciação Dórica, isto é, o mundo visto de cima para baixo, do lado do Espírito puro, como Deméter-Ísis havia trazido para lá o Princípio Feminino da iniciação Jônica, ou seja, o mundo visto de baixo para cima, do lado da Natureza. Ele assim restaurou a síntese.

O nome dos Eumolpids, cuja família manteve a direção dos mistérios de Elêusis por mais de mil anos, vem de Eumolpea, que significa: a melopea feliz ou a melodia curativa. Os Eumolpids eram considerados médicos da tristeza e mágicos da alma. «São, diziam os iniciados na sua linguagem simbólica, sacerdotes que vieram da Lua, das esferas onde se situa a ponte entre a alma e o céu, de onde descem as almas e de onde ascendem». Precisamente lá eles são unidos pelos Demônios aos corpos materiais, mas de lá também voam para as esferas superiores. Os Eumolpides, pela sua origem e pelas suas funções nos Mistérios, situam-se de certa forma nesse limite entre o céu e a terra, como mediadores e iniciadores naturais. São ao mesmo tempo, como o próprio nome sugere, cantores habilidosos que, do fundo deste abismo de miséria, cantam as delícias da permanência celestial e os meios para encontrar o caminho de volta.

Os Pequenos Mistérios que aconteciam na primavera, os Grandes Mistérios mais solenes e importantes que eram celebrados no outono, não consistiam apenas em representações dramáticas. O drama sagrado constituiu, é verdade, a parte central e essencial. Mas também houve orações, cerimônias, ensinamentos. Foi simultaneamente um culto religioso, uma revelação filosófica e uma espécie de viagem ao outro mundo, uma iniciação através da visão, da palavra e do esforço da vontade.

Os espectadores tornaram-se atores. Fragmentos humanos do drama divino, aos poucos foram entrando nele e dele acabaram participando. As partes principais foram representadas pelos sacerdotes e sacerdotisas da família Eumolpid.
Ninguém mais tinha o direito de usurpar essas funções sagradas e, para cumpri-las dignamente, tinham que se submeter à imposição de regras severas. A castidade absoluta era exigida do hierofante. Nesta ação os Eumolpids representavam os deuses, ou seja, os poderes cosmogônicos. Os espectadores neófitos entravam com a sua verdadeira personalidade de cidadãos de Atenas ou de gregos, e retomavam-na ao partir. Mas, no drama sagrado, foram chamados a conquistar outra personalidade, mais elevada e mais íntima, aquela que participou da vida universal e divina, lembrança e premonição de uma existência anterior e futura.

Machine Translated by Google

Aqui está a lista de personagens com seu significado secreto, que, aos poucos, foi revelada aos participantes mistos.

Zeus, O Demiurgo, soberano criador do Universo, representado pelo hierofante, chefe da família Eumolpid e sumo sacerdote de Elêusis.

Deméter, a Inteligência divina e a Luz celestial, representada pela hierofante, esposa do sumo sacerdote.

Dionísio, filho de Zeus e Deméter, o Verbo ou Espírito divino operando no universo.

Perséfone, filha de Zeus e Deméter, a típica Alma ou Humanidade coletiva.

Plutão, o deus do mundo inferior ou matéria densa.

A Tríplice Hécate, deusa da Lua, Gênio das mudanças e metamorfoses, simbolizando também as três regiões pelas quais a alma deve passar para encarnar ou retornar à sua fonte.

O Dadoco ou Porta-Tocha, assimilado ao sol, instrumento do Demiurgo, seu operador mágico.

O Jerocheruco ou Arauto Sagrado, assimilado a Hermes, Gênio intermediário entre os homens e os deuses, intérprete de mistérios.

Metanira, viúva de Keleos, rei de Elêusis.

Triptólemo, seu filho, um jovem efebo.

Faino, Rodope, Calliroe - filhas de Metanira

Monstros e Fantasmas, Larvas e Fantasmas do Abismo de Hécate.

Coro dos Beatos à luz de Deméter.

Misto, espectadores participantes dos Mistérios, almas individuais em busca da verdade.

No dia 15 do mês Boedromione ou Setembro, o Arconte proclamou a abertura de Elêusínia no Pecile de Atenas, na presença do povo. Durante os nove dias

Machine Translated by Google

do partido, toda a guerra teve de cessar na Grécia e os negócios foram suspensos em Atenas. Ao mesmo tempo, o arauto sagrado vindo de Elêusis pronunciou a maldição contra os profanadores dos Mistérios. No dia seguinte, os mestiços, que haviam feito vigília no Eleusinion da Acrópole e receberam instruções de seus guias, reuniram-se no Cerâmico para ir a Elêusis. Fileiras de jovens vestidos de linho e coroados de murta podiam então ser vistos caminhando ao longo do Caminho Sagrado. Depois de atravessar a planície de Cefiso, chega-se ao monte Dafne coberto por um bosque de pinheiros e ciprestes, um local maravilhoso que ainda hoje mantém o seu encanto rural. Esta floresta diáfana e perfumada parece um refúgio para ninfas e hamadryas. Attica sorri a seus pés, nobremente enquadrada entre Parnete e Hymettus. A cidadela de Palas ficava então no meio da planície, como uma divindade, com seus templos pintados e seus bronzes brilhantes. As casas brancas de Atenas, dispostas em graus nas laterais, pareciam um bando de cisnes, amontoados em torno de uma rocha sagrada. Descendo a ravina do lado oposto da colina Daphne, os mestiços passaram pelo pequeno templo de Afrodite, cujas paredes ainda estão de pé com seus nichos para oferendas votivas. E diante das inúmeras oferendas colocadas sob as colunas jônicas do peristilo, coroas de rosas, vasos de perfumes, pequenos Eros de marfim com asas douradas, lembravam-se os votos insensatos e os desejos devoradores que fazem da vida humana um tecido de preocupações

perene. Mas já uma terra mais tranquila os chamava para a sua paz elísia.
Pois, no final do vale submerso, a baía de Elêusis parecia um triângulo de safira, limitado pela ilha de Salamina que brilha ao sol da manhã com reflexos ametistas.

A estrada, contornando rochas cinzentas, descia até a planície de Thrias, que abraça o golfo iluminado pela lua. No outro extremo você podia ver a cidade de Elêusis situada em uma colina e coroada de templos. Era então muito populoso e os ricos atenienses tinham ali suas vilas. No entanto, contrastava com Atenas devido à sua aparência austera. Os quatro edifícios principais que compunham o santuário, os templos de Hécate, Plutão e Deméter com o grande salão quadrado denominado salão de iniciação, foram todos construídos em mármore preto Eieusi, o que lhes conferia uma aparência severa e quase fúnebre. Esses templos estavam ligados entre si por corredores absolutamente fechados. Arvoredos de ciprestes, sicômoros, louros e rosas os cercavam. A Via Sacra, repleta de mausoléus e cenotáfios, levava àqueles gigantescos sarcófagos. Quando o sol poente dourou suas colunas escuras, teria sido realmente dito que era a entrada para o reino infernal para onde Plutão arrastou Perséfone. Uma tristeza majestosa, uma arrogância

Machine Translated by Google

a serenidade envolveu o santuário dos Eumolpids.

As pessoas mestiças perguntavam-se com secreta ansiedade o que isso lhes reservava. Mas estes primeiros dias foram todos de preparação e purificação. Perto dos dois lagos salgados, chamados de mar dos mistos, eram realizadas abluções invocando Deméter e Cora, a divina Mãe e Virgem que reinava naqueles locais. Mas uma importante cerimónia iniciática ocupou a tarde do dia da chegada.
Era a mobília do leito nupcial de Perséfone. Os neófitos lembraram que na primavera, na celebração dos pequenos mistérios de Agrae, viram o rapto de Perséfone realizado por Plutão. Então o Jerocheruco já havia lançado com suas palavras um raio de luz sobre o significado místico da lenda sagrada. Agora os grupos mistos entraram num pequeno templo adjacente aos grandes edifícios de Elêusis.

No fundo da capela via-se uma cama de marfim coberta por um velo tingido de púrpura e um véu transparente cor de jacinto, bordado com figuras de Graças e Amores. Este canteiro localizava-se num verdadeiro nicho vegetal, num bosque de hera espessa, rodeado de rosas. De um lado da cama, estava a estátua de mármore de um adolescente, Eros alado, erguendo o rosto aquecido para o céu. Do outro lado podia-se ver uma estátua de Anteros áptero, com a cabeça baixa, parecendo triste e com o rosto opaco encostado no chão. Ele parecia um gênio meditando perto de uma tumba. Aquele gênio atencioso, aquela hera escura, dava ao leito nupcial algo de fúnebre, apesar do esplendor dos tecidos ricos e do sorriso das rosas perfumadas.

O Jerocheruco disse: 'Esta é a cama feita para a imortal Perséfone - e é a mesma da qual você nasceu. Pois, saiba disso, quando dois cônjuges se unem em amor sagrado e a noiva concebe, uma alma desce do céu atraída por Eros. Inquieta e perturbada, ela gira em torno de sua amorosa mãe.
Hécate a vestiu com um corpo etéreo antes de descer ao reino terreno de Deméter. Ainda se lembra do imenso empíreo como um sonho confuso. A terra já a encanta e, durante nove meses, a lua a envolve em seus círculos mágicos e a liga à sua mãe terrena. Finalmente, através do poder de Anteros, um sono de morte a domina e a imerge no corpo do recém-nascido. Ela esqueceu tudo. —Ó mestiços, prestem atenção aos mistérios, somente em virtude deles vocês se lembrarão."

Um coro de meninas veio colocar cestos de prata cheios de figos aos pés de Eros. Disseram: “Em nome de Eros, sejam felizes, jovens recém-casados!” " Jovem,

Machine Translated by Google

vestidos de preto, entraram pela porta oposta e colocaram vasos funerários de terracota aos pés de Anteros. « Divina Psique, que está prestes a vir em nome dos mortos, que seus companheiros celestes te protejam! ». Em seguida, o leito nupcial foi salpicado de narcisos e ramos de cipreste. Os mestiços, ao saírem, responderam aos que iam entrar atrás deles, pressionando um dedo na boca e murmurando: «Entrei no leito nupcial!

Aquele espetáculo singular, aquela cerimônia silenciosa parecia levantar cuidadosamente uma ponta do denso véu que esconde o profundo enigma da geração. Os neófitos começaram a compreender que a história de Perséfone era a sua própria história passada, presente e futura, história íntima, santa e terrível, que a vida quotidiana lhes escondia com a sua cortina pesada e o seu ruído ensurdecedor. Ensinamentos, purificações, sacrifícios ocuparam o terceiro e quarto dia. No quinto dia, os mestiços foram silenciosamente, dois a dois, até Elêusis, com as luzes acesas. Eles foram recebidos na entrada do santuário pelo portador da lâmpada Eumolpids que os conduziu ao templo de Hécate.

Guirlandas de cipreste decoravam a fachada em luto. Lá dentro estava tudo preparado para um show. E o drama sagrado começou.

Quando um arquitecto tenta restaurar um santuário, adapta-se escrupulosamente à planta das ruínas e aos fragmentos encontrados, mas, para repovoar os templos com as suas estátuas e decorar os frontões com as suas cores vivas, é obrigado a pedir ajuda a sua própria imaginação.

Esta é uma tentativa do mesmo tipo. O procedimento do drama de Elêusis resulta da ideia órfica e dos testemunhos de toda a Grécia; mas os personagens, sentimentos e paixões dos homens envolvidos na tragédia divina vacilam para nós no incerto como a ornamentação escultórica e a policromia dos templos.

Tentei, portanto, reviver o drama sagrado dos gregos no estilo trágico e à maneira eleusiana. Se, com a minha coragem, caí em algum erro, peço perdão às sombras dos poetas antigos, cujos passos gloriosos eu gostaria de seguir – de longe.

O DRAMA SAGRADO DE ELÊUSIS

ATO UM

A DOR DE DEMÉTER

Machine Translated by Google

(A cena representa a Caverna de Hécate. Grandes rochas escuras, mal iluminadas por uma luz fraca filtrada do fundo.)

CENA UM

Deméter, logo depois de Hécate

DEMÉTER

(em um peplum branco. Um manto azul, pontilhado de estrelas prateadas, ondula sobre seus ombros. Ela usa um diadema e um cetro de ouro. Seu cabelo castanho é preso por pequenas bandagens azuis. Ela entra apressadamente com uma tocha em cada mão e procura o fundo da caverna.)

Hécate! Hécate! Onde você está? Esconde. Ou recusar-se-á também, como os outros, a responder-me? Hécate! Venha aqui. É a mãe dos deuses quem te chama!

HÉCATES

(Ela sai lentamente do fundo da caverna. Ela está vestida com um peplum preto, debruado com dragões dourados, e uma capa vermelha. Seu cabelo escuro cai em volta do pescoço em anéis inextricáveis. Um crescente amarelo serve como diadema. Ela carrega na mão um caduceu, cujas serpentes entrelaçadas e entrelaçadas parecem feitas de fogo. Ela é linda, mas seus olhos brilham com uma curiosidade perturbadora e o sorriso enigmático das estátuas antigas vagueia em sua boca.)

A rainha do mundo me chama e eu corro ao som da voz dela. É a primeira vez que a sublime Deméter se digna entrar na minha caverna. Aqui estou eu sob suas ordens.

DEMÉTER

Filha do Crepúsculo e da Noite, até agora evitei seu olhar sombrio que frequenta lugares sombrios. Mas hoje, abandonado por todos os deuses, imploro a sua ajuda. Eu tinha permitido que minha filha Perséfone brincasse com as ninfas, filhas de Oceano, em uma campina macia, para colher gladíolos e jacintos. Acreditando que ela estava feliz, voltei ao Empíreo para me alegrar com uma luz resplandecente que nenhuma estação apaga e que nunca pode ser extinta. Mas um grito doloroso passou pelo Éter e ressoou em meu coração. Era a voz de Perséfone chamando como se violência estivesse sendo cometida contra ela. Três vezes a querida voz feriu o Éter sem fundo e três vezes eu o fiz

Machine Translated by Google

Eu tremi nas entranhas... então sua voz de gemido se perdeu no Abismo. Então, agarrando essas tochas acesas, desci à terra, cruzando-a em todas as direções, enchendo as montanhas com meus gritos, conjurando todos os deuses. Mas todos ficaram em silêncio, e o próprio Elio, o Elio que tudo vê, recusou-se a me responder. O segredo é tão terrível que ninguém se atreve a me contar? Responda-me, Hécate, deusa dos caminhos tortuosos, astuta iluminadora, que adivinha os planos ocultos de Zeus, responda! Posso ver pelo seu sorriso fatal, você sabe o segredo!...

HÉCATES

Eu sei - e vou te ensinar. Mas prometa-me, antes de falar, não amaldiçoar o mensageiro do infortúnio.

DEMÉTER

Prometo-lhe os mais lindos presentes da minha luz, juro pelo Estige, e, claro, serei seu amigo, se você me disser onde está Perséfone. Porque, sabendo disso, poderei encontrá-lo - e recuperá-lo!

HÉCATES

Foi Plutão quem sequestrou sua filha de acordo com seu marido, o senhor do céu e da terra. Zeus deu-a a ele como esposa.

DEMÉTER

(deixa cair as duas luzes que se apagam)

Plutão?... O rei do submundo? O único lugar para onde não posso descer!...

(Ela se senta em uma pedra; sua cabeça cai sobre o peito.)

HÉCATES

Pense que o ilustre Aidoneu não é um marido indigno de sua filha. Ele é irmão de Zeus e rei de inúmeras riquezas. Acredite no meu olhar penetrante, o Abismo tem suas alegrias. É melhor ser rainha entre os mortos do que escrava entre os deuses.

DEMÉTER

Machine Translated by Google

(na mesma atitude)

Arrastado entre os mortos - o imortal! — Contaminada — a virgem pura — pelos braços devoradores do insaciável Plutão! Apagada - a memória celestial - dos seus olhos estrelados de narciso, aqueles olhos que se fecharam sob os meus beijos e reabriram para refletir todo o firmamento! Separado da minha filha para sempre! Dor sem fim! Terror sem fundo! Quais são as misérias dos homens comparadas às nossas? Nuvens passageiras, sombras efêmeras lançadas pelas sombras! Eles esquecem – e nós não esquecemos; eles morrem – e nós somos imortais! A dor de um homem é o gemido de uma cana, mas a dor de um Deus faz tremer o universo. Assim como na força da alegria, temos a eternidade na força do sofrimento. Para acabar com a nossa dor, um mundo deve desabar e outro nascer das suas ruínas!

HÉCATES

(ele se aproxima com uma voz misteriosa e um sorriso ambíguo)

Ouça!... você não sabe tudo... Ouça o decreto profundo e o plano mais oculto de Zeus! Desde que o descobri, sou eu que descubro tudo. No momento em que Perséfone estava mergulhada no abismo chorando, na carruagem com os cavalos negros relinchando, e se contorcia nos braços do marido que a segurava, a boca do inferno emitiu um clamor de alegria e vomitou uma nuvem impura. Mas eu, que espiava tudo, fui levado pelo meu desejo às alturas do Olimpo. Estava vazio, os deuses o abandonaram. Então, guiado pelas serpentes ardentes do meu caduceu que conhecem todos os caminhos, lancei-me ao Empíreo em direção ao todo-poderoso Júpiter. Pois meus pensamentos vão incessantemente do fundo do abismo até as alturas dos céus e essas serpentes velozes me levam para onde eu quiser.

Encontrei o rei do Universo e dos homens sentado em sua glória numa nuvem, meditando. Ele parecia chocado com seu trabalho. Pois a queda de Perséfone entristeceu todos os seres e atingiu os deuses com terror. Mostrei-me com um brilho púrpura, com os cabelos espalhados e o saudei com meu caduceu, cujas serpentes lançavam chamas diante do Senhor dos raios. Ele parecia feliz em me ver e me disse em palavras aladas: «A radiante Deméter abandonou o céu. Estou sozinho, os deuses estão incertos e o mundo está impressionado. Mas Deméter não verá sua filha novamente até que ela retorne ao Olimpo para dar à luz um novo deus. Vou esperar por ele lá. Vá, querida Hécate, trazer-lhe esta mensagem." E, no mesmo voo, voltei a esta caverna, para te encontrar, ó deusa, com suas tochas acesas como camisetas de casamento.

Machine Translated by Google

DEMÉTER

(levanta-se irritado)

Dar à luz um novo deus para este Zeus cruel e implacável que deixa Perséfone morrer? Já não lhe tinha dado Dionísio, o filho do seu desejo?... E ele deixou que os Titãs o despedaçassem!... O mesmo destino recairia sobre o novo deus com que sonha, o insensato! Não! Eu nunca voltarei ao Olimpo! Tenho horror ao Abismo que tudo devora, assim como ao Céu que lhe oferece alimento.

Se eu segurasse na mão os raios de Zeus, eu, a Mãe dos deuses, quebraria este universo para que ele me fizesse minha filha, a Virgem divina!... Não quero mais as insígnias celestiais, pois não sou nada além de uma mãe desesperada!

(Ela arranca as pequenas bandagens azuis em volta da cabeça e as joga no chão. Seu cabelo ruivo cai sobre os ombros.)

HÉCATES

Poderosa Deméter, onde você vai morar a partir de agora?

DEMÉTER

Entre homens miseráveis.

HÉCATES

Em que terreno?

DEMÉTER

O mais livre.

HÉCATES

Entre quais pessoas?

DEMÉTER

O mais orgulhoso.

HÉCATES

Machine Translated by Google

Para qual lareira?

DEMÉTER

Os mais aflitos. Lá quero chorar minhas lágrimas imortais e desafiar o senhor do raio, que se tornou o vil cúmplice de seu infame irmão! — Você conhece, Hécate, a terra livre, o povo orgulhoso e o coração choroso que procuro?

HÉCATES

Nas terras da Ática, não muito longe da orgulhosa rocha de Pallas, existe uma costa plácida e hospitaleira, protegida pelas montanhas de Megara e pelo cinturão branco do Oceano.
Elêusis é o nome dele. As ondas fortes só chegam até você em meio aos doces murmúrios das Nereidas azuis e aos sopros festivos do zéfiro. Ali vive um povo livre e justo, trabalhador da terra.
Honra-te com o nome de Terra nutridora, que se adorna com orelhas douradas e colheitas sonoras sob o olhar ardente de Hélios. Lá vive uma família enlutada, a do rei Keleos, que recentemente caiu entre os mortos.
A viúva Metanira e suas três filhas choram o falecido rei, e o jovem Triptólemo, que ama apenas seu arado e seus cavalos, está fraco demais para defendê-los.
O luto, o silêncio e o medo reinam no palácio do rei como num túmulo.

DEMÉTER

Vou bater naquela porta; Deméter buscará asilo naquela lareira. Mas ajude-me, astuta Hécate, a mudar minha aparência e assumir a aparência de uma velha enferma e errante.

HÉCATES

(sorridente)

Quero homenageá-la, ó venerável Deusa, com mão hábil. Não sou eu a rainha das metamorfoses que se deleita em tecer as máscaras mudas dos seres? Não sou eu quem dá roupas sutis às almas que passam pela lua e descem à terra e as despim quando voltam para Urano? Saberei disfarçar bem até a Grande Deusa. Venha para o fundo da minha caverna. Em poucos momentos este caduceu mágico velará o seu esplendor e enrugará tão bem o seu rosto que nenhum dos homens ou deuses poderá reconhecê-lo.

Machine Translated by Google

DEMÉTER

Humilhação cruel, máscara vergonhosa para um Imortal! Mas, debaixo dela, poderei chorar Perséfone!

(Hécate e Deméter desaparecem em segundo plano.)

(A cena escurece completamente, depois ilumina-se novamente e representa o interior do palácio de Keleos em Elêusis. Uma coluna dórica à direita e à esquerda.
Ao fundo um nicho semelhante à cela de um templo, com o altar doméstico, onde arde sob as cinzas um fogo quase extinto.)

SEGUNDA CENA

Metanira, de luto, senta-se num banco. Suas três filhas, em trajes fúnebres, estão reunidas nos degraus do altar. À direita e à esquerda, Faino e Calliroe colocaram as urnas de libação no chão e, sentados obliquamente nos degraus do altar, cercam-no com os braços e os cabelos caindo como uma chuva de lágrimas. Rodope, sentada no meio, segura a urna sobre os joelhos e medita.

CALLIORE

Ó pai, Rei Keleos, quando você reinou neste palácio, dançamos diante de você em círculos festivos em homenagem a Ártemis e às Graças, sob a oliveira sagrada.
Agora que você desceu entre os mortos, fizemos as sagradas libações em seu túmulo, invocando seu nome e pedindo um sinal seu em nosso luto; mas você não respondeu.

FAÇA ISSO

Ó pai, ternamente amado, na festa da noite me adornei para trazer-te a taça de ouro coroada com brotos de videira e cheia de vinho puro. Então você me chamou de luz dos seus olhos, mais doce que a Aurora que traz as maravilhas do Dia.
Agora colocamos sobre o seu túmulo a toalha de ervas e flores com os bolos e frutas para a refeição fúnebre. Mas você não estava mais lá para sorrir para nós. Pai, você ouve minhas lágrimas? Eu choro por você.

RODOPE

Ó pai, o que você se tornou? Eles queimaram seu corpo com suas armas e com

Machine Translated by Google

sua roupas. Suas cinzas repousam na urna sob o monte. Mas onde está sua sombra cansada? Ele mora na sepultura, vaga pela terra ou pelas margens do Cócito?
Só vocês sabem disso, poderes terríveis, divindades infernais. Mas fazemos as sagradas libações e orações de acordo com os ritos.

METANIZA

Eles choram e eu estou consumido pela raiva. Invocam as sombras vãs, tento em vão abalar os vivos.

CENA TERCEIRA

Os mesmos, Triptolemus, um efebo de dezoito anos. Ele carrega uma rédea de cavalo em uma das mãos e um aguilhão em forma de lança na outra. Sua atitude é séria e modesta.

METANIZA

De onde eu vim?

TRITTOLEMO

Do túmulo do meu pai.

METANIZA

O que você fez hoje?

TRITTOLEMO

Quebrei um cavalo e arei meu campo.

METANIZA

Você não sabe então que hoje o povo se reúne na ágora para eleger um rei de Elêusis?

Você deveria suceder seu pai. Ordeno que você vá à assembléia e defenda sua causa.
Se você não falar em nome de seu pai, se não lhes mostrar sua força e juventude, prometendo-lhes todos os bens que desejam, eles não te escolherão.

Machine Translated by Google

TRITTOLEMO

Não quero implorar pelos votos do povo. Mostrei minha força e justiça nas batalhas. Eles me conhecem pelas minhas palavras e pelas minhas ações.
Deixe-os escolher-me livremente, se me quiserem, caso contrário, deixe outro ficar com a coroa.

METANIZA

Então eles escolherão o seu tio Dolikos; uma vez rei, ele nos despojará de nossos bens e nos expulsará deste palácio...

TRITTOLEMO

Deixe-o tomar a cidade, o palácio e o trono. Ele não ousará abrir o sulco cavado pelo meu arado. Mãe, repito, não serei rei de Elêusis a menos que um deus me ordene que o faça.

METANIZA

Insensato e ingrato! Ai, ai de nós!

CENA QUATRO

A mesma Deméter, curvada e envolta em um manto cinza, apoiada em uma vara, entra disfarçada de velha. Ele para na porta e estende a mão suplicante em direção à lareira. Triptólemo permanece imóvel apoiado em sua lança. As três jovens se levantam.

METANIZA

(ainda sentada em seu assento)

Quem é esse estranho?

FAÇA ISSO

Uma velha desgastada pelos anos.

CALLIROE

Machine Translated by Google

Mas ainda de aparência nobre.

RODOPE

Um estrangeiro. Seu vestido não é deste país.

METANIZA

Um mendigo de rua.

FAÇA ISSO

Ó mãe! vamos recebê-lo. Ela não consegue mais andar.

CALLIROE

Ela parece exausta de fome e sede.

RODOPE

E, sem dúvida, seu coração dolorido pesa mais sobre ela do que seus membros.

METANIZA

Não gosto de estranhos que não falam e que entram em nossa casa para nos espionar. Não se sabe de qual inimigo eles vêm, nem que infortúnios trazem escondidos nas dobras do seu manto. Estranho, se você tem uma mensagem para nos dar, diga-o. Se você tem um favor para nos pedir, fale. Se você vem de um homem ou de um deus, diga-nos qual. Se não, continue seu caminho.

(Deméter estende as mãos em direção à lareira, depois as retira para esconder o rosto e parece soluçar silenciosamente.)

FAÇA ISSO

Ela pede asilo...

CALLIROE

Ele chora amargamente...

Machine Translated by Google

RODOPE

Uma grande desgraça!...

TODOS TRÊS

Graça! mãe, vamos recebê-la!

(Metanira permanece imóvel em seu assento e em silêncio.)

TRITTOLEMO

Em nome do hospitaleiro Zeus, amigo dos exilados, seja você quem for, ó venerável Aflito, seja bem-vindo sob este teto. Descanse em nossa lareira.

(As três irmãs têm o cuidado de apoiar Deméter e conduzi-la até a lareira num assento, onde ela se senta lentamente, baixando a cabeça numa atitude de sombria tristeza. Triptólemo larga o freio e a lança, vai buscar uma xícara de vinho e o apresenta a Deméter.)

Aqui, nobre estrangeiro, a taça da hospitalidade. Beba e seja nosso convidado. Se você quiser conversar, nós te ouviremos. Se quiser permanecer em silêncio, respeitaremos o seu silêncio. As tristezas silenciosas são sagradas.

(Deméter pega a xícara e toma um gole sob o véu, devolve-a a Triptólemo, junta as mãos em agradecimento e cai novamente no desânimo.)

METANIZA

Agora que você é nosso convidado e protegido por este lar, convido você, estrangeiro, - é meu direito - a nos dizer quem você é e de onde vem, qual é a sua pátria e que destino o trouxe a esta costa .

DEMÉTER

(levanta um pouco a cabeça e fala com uma voz majestosa que contrasta com seus trapos.)

Venho de Creta de cem cidades, onde morei num palácio de mármore e ouro. Pois eu cuidava dos filhos de um rei e também tinha uma filha, tão terna quanto

Machine Translated by Google

um corço, doce como a ninfa da floresta. Um pirata a sequestrou de mim... Desde então, vaguei de costa em costa procurando por ela, mas em vão. Agora estou velho, cansado, sem lar e perdi o meu bem. Meu coração não está consolado e minhas forças me abandonam.
Se você quiser me levar para sua casa, Metanira, ensinarei suas filhas a tecer os lindos tecidos que são tecidos com a lançadeira de marfim e muitas outras maravilhas. Pois conheço os segredos dos palácios reais e dos bálsamos que acalmam as dores negras - exceto as minhas - e as ervas mágicas dos lados de Ida, por onde Zeus desceu.

(Ao nome de Zeus, uma chama leve salta da lareira.)

FAÇA ISSO

Sua voz é doce e misteriosa.

CALLIROE

Parece uma lira chorando em um templo.

RODOPE

Ela fala como uma rainha.

METANIZA

Claro, você falou como a filha de um rei, uma estrangeira, e eu a receberei em minha casa, embora em breve seremos expulsos, talvez. Já que você sabe que Dolikos planeja roubar a coroa do meu filho. Ó mulher tão avançada em idade e tão sábia, a graça das belas palavras habita em seus lábios. Quero deixá-lo sozinho com meu filho Triptólemo, para que você lhe ensine prudência.
Convença-o a ir à ágora pedir a coroa em nome de seu pai diante do povo.

DEMÉTER

Sim, claro, quero interrogá-lo.

METANIZA

(para filhas)

Machine Translated by Google

Vá e prepare comida para o estrangeiro. Fique com ela, Triptólemo. Vou conversar com os idosos da cidade.

(Ele sai com suas três filhas.)

CENA CINCO

Deméter – Trittolemo

DEMÉTER

Que preocupação sombria oprime sua jovem testa, Triptólemo?

TRITTOLEMO

Meu pai está morto.

DEMÉTER

É menos doloroso para um filho perder o pai do que para uma mãe perder a filha. Você tem que reclamar dos homens ou dos deuses?

TRITTOLEMO

De ninguém; Eu sofro o destino de todos. Mas a morte é ainda mais cruel para quem parte do que para quem fica.

DEMÉTER

Como você sabe disso?

TRITTOLEMO

(em voz baixa)

Uma noite, segundo o rito querido a Plutão, para evocar a alma de Keleos, sacrifiquei um cordeiro em seu túmulo. Na fumaça do sangue negro, vi sua sombra aparecer. Ela estava pálida, assustadora. Ele me disse, através de um vapor pesado: 'Não sou mais do que uma sombra errante e infeliz, assaltada pelas larvas do reino sombrio. Já que Plutão é um senhor implacável e envolve nas mais densas trevas aqueles que viveram em prazeres sem sentido. A menos que um gênio

Machine Translated by Google

o imortal não nos protege, nós mortos vivemos apenas pelo amor dos vivos... e, quando eles nos abandonam... desaparecemos como um vapor fútil. Vagueio pela noite e aterrorizado, uma sombra afugentada por outras sombras, uma larva assustada por outras larvas.
Você, que é o único que ainda me ama na terra, Triptólemo, meu filho, você poderia me dar a paz elísia. — Estou pronto, eu disse a ele, mas como posso chegar até você? A sombra ficou mais pálida e gemeu novamente: “Não se esqueça de mim, meu filho... pois eu sofro... eu sofro...”. E o fantasma desapareceu.

DEMÉTER

(separado)

Assustador reino de Plutão, onde Perséfone geme!...

TRITTOLEMO

Você parece emocionado, suas mãos tremem no bastão, vejo, através do seu véu, lágrimas escorrendo. O que há com você, infeliz?

DEMÉTER

(com voz abafada)

E o que você fez pela sombra amaldiçoada do seu pai?

TRITTOLEMO

Cerquei seu túmulo com flores e depois peguei meu arado novamente. Arei e semeei invocando a grande Deméter.

DEMÉTER

Por que Deméter?

TRITTOLEMO

Não a conheço, mas dizem que ela é a maior das Deusas, a mãe dos deuses. Não é ela quem habita no céu e reina na terra? Não é isso que faz crescer o trigo e as flores?

DEMÉTER

Machine Translated by Google

E por que você acha que isso libertará a alma do seu pai?

TRITTOLEMO

Quando o trigo é semeado, a terra o cobre e ninguém mais o vê; mas, no sopro quente da primavera, a ponta verde aparece e amadurece em uma espiga dourada.
Se Deméter faz germinar os grãos na terra, ela também deve trazer à sua luz as almas dos homens que descem às profundezas da terra. É por isso que a esperança cantava sobre minha cabeça como a cotovia sobre meu sulco.

DEMÉTER

(começa e olha para Triptólemo emocionado. À parte)

Como ele é lindo, esse adolescente orgulhoso! Mais belo é ele na sua intrépida esperança do que os atletas olímpicos na sua calma segurança!

Ele tem alma de herói... seria digno de ser Deus. Se Júpiter criou, sem mim, a virgem Pallas, por que eu não criarei, sem ele, uma virgem efeba, um Deus? (Ele se levanta abruptamente) Sim, quero que ele seja imortal!
Ele fará de mim minha filha!...

TRITTOLEMO

O que há de errado com você, exilado estrangeiro? Você parece se libertar da velhice como se fosse um fardo leve. Faíscas fluem em seus peplos e duas luzes se acendem sob seu véu...

DEMÉTER

(senta-se novamente e retoma a atitude de velha)

São os reflexos da lareira que ondulam em meu vestido e as lágrimas de minha mãe que você toma por fogo. Mas ouça... e chegue mais perto de mim. Aprendi muito, conheço muitos segredos, já que sou velha, e muitos remédios, já que sou a boa feiticeira. Você chora pela alma amaldiçoada do seu falecido pai e eu choro pela minha filha perdida. Juro libertar a alma do seu pai se você quiser tirar minha filha do pirata que a sequestrou de mim.

TRITTOLEMO

Machine Translated by Google

Se eu o conhecesse, não hesitaria.

DEMÉTER

Se você o conhecesse, não ousaria mais.

TRITTOLEMO

Domesticei cavalos selvagens com minhas rédeas e animais montanhosos com minha lança. Por que eu teria medo de um pirata?

DEMÉTER

Saiba que minha filha está morta e que esse pirata é Plutão. Você terá coragem de descer ao Tártaro?

TRITTOLEMO

Quem se sente amigo da luz do dia não teme as trevas. Abra-me os portões do Inferno e nele descerei!

DEMÉTER

Sem saber se você vai voltar?

TRITTOLEMO

Quem se importa! Antes de partir invocarei a grande Deméter no sulco sagrado do meu campo onde cresce o trigo. Eu sei que do fundo de Urano ouvirá o meu
voz.

DEMÉTER

(ele fecha Triptólemo nos braços)

Ó sangue nobre, jovem leão nutrido com leite de mulher, a piedade de uma criança está em seu coração, o mel dos sábios flui de seus lábios, a chama dos heróis vem de seus olhos... Eu te amo como uma mãe! Você é mais que homem, você é meu filho!... Então vou te revelar os mistérios que não são conhecidos por nenhum mortal, vou te revelar os segredos do baixo e do alto, vou rasgar todas as vendas. dos seus olhos e torná-lo poderoso como nenhum rei na terra. Você vai cantar as divinas eumolpeas, você

Machine Translated by Google

você traçará os caminhos que atravessam os mundos; e um dia, apesar do Tártaro, apesar dos homens perversos e apesar do próprio Zeus todo-poderoso, você ascenderá à luz celestial com minha filha Perséfone, na carruagem de Hécate, arrastada por serpentes ardentes.
Este será o destino de Triptólemo, lavrador sagrado entre os homens, herói divino entre os deuses!

(Ela pega a cabeça de Triptólemo entre as mãos e o beija na testa.)

TRITTOLEMO

Quem é você, mãe poderosa e adorável, maior que minha mãe?

DEMÉTER

Você saberá um dia. Mas agora quero torná-lo invulnerável pelo seu trabalho terrível e saudável. Farei de você com minhas mãos uma armadura fina e inquebrável, para que você possa superar as portas do inferno e do céu sem que os demônios possam lhe fazer mal.

(Ele passa as mãos pelos braços e peito de Triptólemo. Uma luz brilhante brilha sob as carícias de Deméter e Triptólemo aparece incandescente, com olhos extasiados, perdidos nos olhos da Deusa. Relâmpagos e chamas irrompem ao seu redor.)

CENA SEIS

Os mesmos, Metanira, Calliroe, Faino, Rodope.

METANIZA

Ajuda! O prédio está pegando fogo! Velha malvada, feiticeira amaldiçoada, por que te deixei perto da minha lareira? Que a tripla Hécate destrua você e seu fogo.
Eles são nossos inimigos, é Dolikos, quem mandou você para ferir meu filho de cegueira e atrair as maldições do povo para minha casa! Saia daqui, bruxa!

(À última palavra de Metanira, as chamas desaparecem imediatamente, a sala escurece e a lareira se apaga. Mas Deméter, jogando para trás o véu e o manto, levanta-se e aparece resplandecente em seu rosto de Deusa. O cajado que está em sua mão se transforma em um ardente tocha.)

METANIZA

Machine Translated by Google

Quem entre os Imortais zomba de nós? Minha força está destruída.

(Ela cai no chão como se tivesse sido atingida por um raio, apoiando a cabeça no assento e escondendo o rosto entre as mãos.)

AS TRÊS MENINAS

(caindo de joelhos)

Zeus, tenha piedade de nós!

TRITTOLEMO

(ainda de pé e perdido em seu êxtase)

Quem é você, ó Deusa?

DEMÉTER

Eu sou Deméter. (Virando-se para Metanira, com voz calma e majestosa) Sua acolhida não foi cordial para o estrangeiro e o exilado. Você esqueceu, mulher, que deuses desconhecidos às vezes se escondem sob os trapos do desespero e das lágrimas da dor.

Porém, como suas filhas me acolheram com carinho e como você é mãe desse jovem, eu te perdôo. Mas saiba, você, que me ignorou e me ultrajou, a mim, a grande Deusa, que, por causa disso, haverá guerra eterna entre os filhos de Elêusis e os profanos que se assemelham a você. — Mas eu te amo, filho de Keleos, tanto quanto minha filha Perséfone, que você deve arrebatar do submundo. Vá à ágora do povo e diga-lhes que ordeno que seja construído um templo em Elêusis, na colina de Calícoro. Você será meu sacerdote e a sua glória e a dos seus descendentes superará a dos reis. Lá eu te iniciarei em meus mistérios e te instruirei para minha missão, e fontes celestiais fluirão para os homens no santuário de Elêusis. Que o templo seja dedicado a Deméter e sua filha Perséfone.

(Ele desaparece.)

METANIZA

(levanta-se com raiva)

Machine Translated by Google

Você me fez perder o manto real e a glória da minha velhice. Maldito seja! Eu não sou mais sua mãe.

(Sai.)

AS TRÊS IRMÃS

(ajoelhados, levantam-se e aproximam-se do irmão com curiosidade. Colocam as mãos nos ombros dele e murmuram com voz ansiosa:)

Então, quem é Perséfone?

TRITTOLEMO

(Desde o desaparecimento de Deméter, ele permanece pensativo, com os braços fechados sobre o peito. Quando questionado pelas irmãs, ele levanta a cabeça gravemente e responde:)

Aquela que precisa ser libertada para que nos liberte!

(O templo de Hécate está imerso na escuridão. Os mistos saem em silêncio.)

Essa apresentação durou uma tarde. A primeira noite santa aconteceu lá. Foi, para os neófitos, o teste terrível. Como Triptólemo, eles estavam se preparando para descer ao inferno. Ora, o inferno, em Elêusis, tinha um duplo significado.
Na aventura de Perséfone, o drama da Alma ligada à matéria, no círculo da vida terrena, continuou objetivamente. Então, através das provações pessoais que aguardavam os mistos, eles teriam que passar subjetivamente pelos horrores da morte, do medo, das raças errantes e das lutas que aguardam as almas obscurecidas e imperfeitas ao saírem do corpo físico.
Conseguiriam escapar das formidáveis correntes, do peso opressivo da atmosfera e tocar as portas da sala celeste, despojando-se daquele corpo fluídico ainda completamente impregnado das contaminações daqui de baixo, para revestir-se de um corpo mais etéreo? Iriam afundar-se e dispersar-se nos redemoinhos dos elementos, ou ascender e cristalizar-se na vida superior, eterna? Esse era o árduo problema que enfrentavam.
Pois, segundo os ensinamentos de Eieusi, a alma só vive graças ao seu próprio esforço. É livre ser ou não ser, morrer ou ressuscitar.

À noite, à entrada do templo de Plutão, o Jerocheruco disse aos mestiços: «Esta noite vereis os sofrimentos de Perséfone. Então você cruzará o abismo

Machine Translated by Google

Hécate e a boca do Medo. Reúna todas as suas forças e coragem para não ficar no caminho, e você chegará ao limiar da luz, onde a Alma recebe a coroa de asas - E começou o segundo ato do drama.

O DRAMA SAGRADO DE ELÊUSIS

SEGUNDO ATO

PERSÉFONE NO INFERNO

Tártaro. No templo de Plutão. Na penumbra, à direita, um trono erguido sob a Árvore dos Sonhos, entre cujas folhas se avistam vagamente as formas de animais fantásticos: Lâmias, Harpias e Górgonas.

CENA UM

Plutão, com o cetro, está sentado ao lado de Perséfone que dorme no trono, apoiando a cabeça no tronco da Árvore dos Sonhos. Os Misti colocam silenciosamente oferendas de flores aos pés da rainha dos mortos que não acorda de seu sono profundo.

CORO DE DEMÔNIOS

(invisível, no fundo do Tártaro)

Glória a Plutão, vencedor de Perséfone! Para o seu casamento o Inferno se alegra e o Tártaro se ilumina com mil fogos. Até hoje os filhos da terra nos escaparam: eram inocentes e leves demais para o nosso abismo. Mas agora que possuímos a Deusa do alto, as almas virão em multidões, atraídas pelo seu erro e pela sua beleza - e este reino será povoado de sombras vãs. Vampiros, monstros, harpias, alegrem-se na Árvore das Mentiras. Glória a Plutão! O Inferno se alegra e o Tártaro agarra sua presa!

PLUTÃO

(segurando uma xícara preta ele olha para Perséfone adormecida)

Ela é linda dormindo! Filha do Céu, você me pertence, você, a doce flor dos deuses. Nenhum dos Imortais jamais verá você novamente. Mas, para que você seja inteiramente meu, você deve tomar essa bebida do esquecimento e do desejo cego. Portanto eu

Machine Translated by Google

Eu pressiono no copo esta fruta vermelho-sangue, esta fruta das trevas.
(Ele pressiona o suco de uma romã no copo) Então a memória e o desejo do céu que você ainda mantém e através do qual você poderia escapar de mim serão apagados em você.
Ninguém poderá então tirá-lo do Hades, mesmo que o próprio Zeus tenha dado vida mais uma vez a um novo Dionísio!... Mas se você o chamou; se o seu divino esposo renascesse pelo seu desejo espontâneo, do seio profundo da Deméter celeste... só ele... poderia te arrancar de mim!

PERSÉFONE

(acordar)

Onde estou?... Oh, este sono grave nos braços de um senhor terrível... Quem sou eu?... Rainha sinistra de um reino fúnebre... A noite sem fim que me envolve... um povo de sombras... e na minha cabeça monstros assustadores... sonhos e mentiras!

REFRÃO MISTURADO

Somos almas infelizes, vagando por estas praias. Salve-nos, doce Rainha, e leve-nos aos Campos Elísios.

PERSÉFONE

Infelizmente, irmãos e irmãs, como posso libertar vocês, eu mesmo um prisioneiro? Ouço seus gemidos fraternos e acolho suas lágrimas como uma lembrança das alturas.
Chore por mim como eu choro por você: é o único presente que podemos dar a nós mesmos.

PLUTÃO

Levante sua sobrancelha, esposa de Plutão e Rainha dos mortos! Que império melhor que o meu? Na terra sou temido, minha graça é implorada. O sangue das vítimas inunda meus altares. A mesma homenagem será prestada a você como é prestada a mim.
(Perséfone esconde o rosto entre as mãos) Aqui os mortos se aglomeram a seus pés com maior frenesi do que os homens nos templos dos Olimpianos. Veja como eles imploram!
Você é mais rainha do que Deméter no céu. Você atribuirá a eles lares eternos. Mas agora tome esta bebida que lhe fará compreender as alegrias de Hades e do meu leito nupcial...

(Ele estende a taça para Perséfone, que hesita em pegá-la, e que finalmente a agarra com um

Machine Translated by Google

mistura de curiosidade e inquietação. Ao mesmo tempo, vampiros, esfinges e harpias começam a brilhar com reflexos mágicos na Árvore dos Sonhos. Eles arregalam os olhos e mostram as garras.)

PERSÉFONE

Oh! xícara estranha que faz a mão tremer. Em seu licor vermelho ressoa um desejo assustador. As sementes da romã ali brilham como a ciência do mal e a semente fecunda dos tormentos infinitos... Não, não beberei!... Mas o copo gruda na minha mão. Depois de olhar para esta cratera negra, você precisa olhar para ela novamente. (Ele olha para a xícara pela segunda vez) É estranho, agora estou refletido nela e meus olhos brilham com um fogo escuro. É o mesmo que brilha nos olhos do meu terrível marido. Arde em minhas veias!... Ah, que flecha trespassou meu coração! Oh, que tormento terrível! É a memória da felicidade de outro tempo, a memória do Alto! Quando brinquei no colo da minha mãe celeste, eu era a virgem divina e mesmo assim tinha marido... Mas não sei mais o nome dele... sua imagem está apagada... isso foi um sonho? Infelizmente!

Infelizmente! Não posso voltar a subir. Devemos, portanto, esquecer?

OURO MISTURADO

Não se esqueça, Perséfone. Não beba o sangue vermelho da taça preta e deixe-nos sair do abismo de Hécate para entrar nos Campos Elísios!

CORO DE DEMÔNIOS

Esquecer! Esquecer! Beba e deixe-nos beber do seu copo. É a taça da vida!
Já que a sede nos devora, a sede insaciável do Inferno!

PERSÉFONE

E agora eu também estou com sede... Tormento horrível... Oh, esta memória, pálida como uma esperança moribunda... Se eu pudesse reacende-la... ou apagá-la!

(Olha para o copo pela terceira vez.)

PLUTÃO

O encantamento funciona... Ela vai beber do copo.

Machine Translated by Google

PERSÉFONE

(virando-se para Plutão)

Que miragem! Que alegria desconhecida! sua cor muda, ó Rei, seus olhos ficam maiores, seu diadema dourado brilha. Há estrelas azuis em seu cabelo escuro. O Plutão negro se torna o belo Adônis! Portanto, não perdi meu marido. Ofegante, perdida, acho-a mais terrível e mais bela!... Será então verdade?

PLUTÃO

É verdade. Sou o eterno marido dado por Zeus à virgem Perséfone. Beba, e você será a rainha dos mortos, e todo o inferno celebrará as alegrias sombrias do nosso leito nupcial, e todo o Olimpo empalidecerá!...

(Perséfone fecha os olhos e leva a taça aos lábios. Mas um rugido de trovão ecoa seguido por um toque de címbalos. Na escuridão, uma carruagem aparece puxada por dragões de fogo. Hécate a lidera. Triptólemo está sentado à sua direita; ele carrega o seu caipira aguilhoou como uma lança.)

SEGUNDA CENA

Os mesmos, Hécate, Triptolemus.

PLUTÃO

(levanta-se e brande seu cetro)

Quem se atreve a cruzar os portões do Inferno sem minha ordem? Um homem vivo aqui? Deixe-o morrer eletrocutado!

HÉCATES

Você não pode fazer nada em relação a Triptólemo. Deméter aspergiu-o com o seu fogo e eu o conduzo. Salve seu raio: ele é invulnerável.

PLUTÃO

Miserável Hécate! Você fez isso? Cadela com cara de sereia, parasita

Machine Translated by Google

desavergonhado! Já que você ousou, amarelarei sua máscara sorridente que engana os homens e os deuses. Você será o horror da terra. Você será chamada de corruptora e bruxa e eu marcarei a testa da sua velha com rugas de fantasmas!

HÉCATES

Cumpro a ordem da grande Deusa, e agora, deus dos mortos, ouça a voz dos vivos.

TRITTOLEMO

Pare, Perséfone. Não beba desse copo e lembre-se da sua mãe.

PERSÉFONE

(perplexo e como se estivesse saindo de um pesadelo)

Quem é você mortal, mais ousado que os deuses?

TRITTOLEMO

O filho de um rei, Triptólemo, o lavrador de Elêusis, o discípulo e iniciado de Deméter, que desprezou uma coroa para vir aqui procurá-lo.

PERSÉFONE

Ó efebo virgem e destemido, só de ver você me tira de um sonho assustador. Olhando para você, parece que vejo a terra primaveril e o imenso Urano e minha divina Mãe e Ele também, o Esposo sagrado há muito perdido... e esquecido! Como uma fonte que volta a fluir, as vozes celestiais murmuram em meu coração.

TRITTOLEMO

Então... entre nesta carroça... e siga-me!

PERSÉFONE

Infelizmente, você não pode quebrar os portões deste reino para mim! Um homem não é suficiente. Somente um deus poderia me afastar de um deus. Aqueles que, uma vez, sim

Machine Translated by Google

moveu-se comigo no ventre de minha mãe e a quem os Titãs despedaçaram... Aquele que vive sempre no pensamento inefável de Zeus... Só ele poderia me libertar... Eu te invoco, Dionísio, Dionísio!

(Joga a taça de Plutão)

PLUTÃO

Morte a Triptólemo! Ele pertence a mim. O inferno irá segurá-lo!

(Novo trovão. Plutão, Perséfone, Hécate e Triptólemo desaparecem.)

Logo em seguida uma noite densa envolveu as mixagens. Mãos os agarraram e os arrastaram pela escuridão. Então, como flashes vívidos, visões assustadoras romperam a escuridão. Alguns viram Sísifo esmagado por uma pedra, outros Ixion esmagado sob sua roda. Homens foram vistos sendo derrubados por cobras monstruosas enroladas em seus corpos ou afundando em pântanos. E uma voz gritou: «Aqui estás no abismo de Hécate. Aqui, as paixões que você cria são seres vivos. A fera que você alimentou escolhe você como presa. Ambiciosos e cruéis, lascivos, hipócritas e malvados, defendam-se de seus progenitores! ». E larvas repulsivas apareciam e desapareciam, bloqueando o caminho. Eles estavam avançando? Eles recuaram?

Eles não sabiam nada sobre isso. Em torno das misturas perdidas e tateantes, ouvia-se um silvo ininterrupto de vento misturado com gritos e reclamações. Já não estávamos num templo, mas num Érebo sem limites atravessado por luzes lívidas. «A alma, no momento da morte, diz Plutarco, experimenta a impressão idêntica de quem foi iniciado nos grandes mistérios. A princípio são corridas aleatórias, enrolamentos dolorosos, avanços perturbadores e intermináveis na escuridão. Então, antes de terminar, o terror está no auge; o arrepio, o tremor, o suor frio, o medo

De repente, surgiu um halo de luz ao longe, primeiro nublado, depois mais nítido, vermelho e amarelo como a lua cheia nascendo. A voz do invisível Jerocheruco dizia: «Aqui está a porta da salvação, mas cuidado com a onda do Estige! ». Então, como uma nuvem fosforescente que se evapora de um abismo, viu-se emergir do fundo um enxame de sombras flutuantes que pareciam querer, com um esforço supremo, desvencilhar-se do abismo do Tártaro, atraídas pela porta luminosa. Chorando, exclamaram: “Hécate, deixe-nos sair do círculo de terror! ». Mas, imediatamente a seguir, uma nuvem escura e densa veio obscurecer o disco lunar. Aquelas larvas negras murmuraram: “Nós somos seus maus pensamentos; você nos deu vida. No abismo de Hécate somos demônios.

Machine Translated by Google

Tecemos um véu impenetrável entre você e a porta luminosa. Devemos nos destruir, caso contrário destruiremos você! ». E, diante do crescente enxame de larvas, as pálidas sombras caíram de volta no abismo com gemidos e gritos de raiva).

Mas, de repente, a porta redonda e brilhante se aproximou. O povo mestiço viu à sua esquerda uma bela mulher vestida de preto, com um sorriso sedutor, parada sob um cipreste branco, à beira de uma nascente. Aquela mulher, que se parecia com Hécate, tirou água da fonte e disse aos mestiços: “Bebam, almas gemendo, e encontrarão a vida novamente”. O arauto acrescentou: «Cuidado para não beber daquela fonte, se quiseres comprar a estadia de heróis e deuses.

Apenas um gole de desejo cego e você retornará ao círculo inferior e sofrerá novamente as dores do inferno. Em vez disso, olhe para a direita." Do lado direito da porta da luz, os mestiços viram dois homens, de aparência nobre, vestidos de branco e coroados de murta. Eles estavam sob um loureiro, perto de uma fonte prateada e clara. "Quem é você?" — disse um dos zeladores ao primeiro dos meninos mestiços. Respondeu, em nome dos demais, pronunciando as palavras que lhe foram sugeridas pelo Jerocheruco: «Sou filho da terra e do céu estrelado; mas minha origem é celestial. E quem são vocês, guardiões da fonte clara?
— Somos os enviados da família celestial e viemos te procurar no abismo de Hécate. Aqui está a fonte divina que flui do lago da Memória. Beba a onda fresca sem demora e você se lembrará."

Os mestiços beberam do copo de água fria e passaram pela porta. Imediatamente depois encontraram-se ao ar livre, numa pradaria interrompida por bosques de murta.
Casais felizes passeavam por lá sob uma luz doce. A música da flauta e da lira vinha do templo de Deméter e parecia pontuar os passos e gestos dos belos grupos de adolescentes e jovens que se moviam atrás das árvores, em multidões amigáveis, em círculos graciosos. As palavras ergueram-se no ar como um murmúrio delicioso, mas apenas fragmentos dispersos foram captados. Disseram, aquelas almas leves: «A relva está repleta de rosas, flores duras brilham sob os nossos passos.
Vãs lembranças da terra, dissolvem-se na onda do Lete! Mas vocês, convidados novatos, venham, venham colher rosas de luz em cabelos escuros e saborear a grande lembrança em olhos saturados de amor imortal!... Levanta-te, Perséfone!...
Volte, Dionísio! Aparições encantadoras mas fugazes, vozes inefáveis mas quase irreais. Os grupos haviam desaparecido. Os mestiços chegaram ao peristilo do grande templo, onde os esperava o Dadocus ou Portador da Tocha de Elêusis. «Aqui estão vocês no limiar de Deméter, ele disse a eles. Mas hoje você só poderá contemplar a imagem da Deusa por um único momento. Em três dias você entrará em sua luz, após testemunhar o retorno de Perséfone."
E, da porta aberta, o misto admirava,

Machine Translated by Google

no templo resplandecente de candelabros, a colossal estátua de Deméter em marfim e ouro, de pé, no fundo da sua cela, em toda a sua majestade, apoiada no cetro, silenciosa, mas eloquente nos olhos azuis das pedras preciosas.

Dir-se-ia que por um instante criou toda aquela magia elísia. E, apesar disso, parecia esperar num silêncio sinistro.

Os três dias seguintes foram dedicados a jogos de ginástica e representações teatrais, onde foram comemorados os heróis da lenda do Titanic e da Argonáutica: Hércules, Jasão, Perseu, Prometeu, etc.. personagens em quem os Eumolpides reconheceram as diversas manifestações do místico Dionísio. No nono dia de feriado aconteceu a procissão de Jacco. A estátua de um deus criança coroado de hera foi transportada solenemente de Atenas para Elêusis. Foi chamado de Jacco para não ser confundido com o popular Baco, que o teria exposto à profanação. Para os iniciados, ele simbolizava o segundo Dionísio. Seu misterioso renascimento e seu encontro com Perséfone constituíram o último ato do drama sagrado de Elêusis. Os mestiços compareceram durante a segunda noite santa no templo de Deméter.

O DRAMA SAGRADO DE ELÊUSIS

ATO TRÊS

O CASAMENTO SAGRADO

CENA UM

Zeus, logo depois de Deméter

(Uma caverna no Olimpo. Lá você vê um leito de marfim e ouro repleto de lírios e rosas, meio envolto em uma nuvem.)

ZEUS

(em pé, a alguma distância da cama, apoiado no cetro, em profunda meditação.)

Face é a virada dos tempos, Deméter deve retornar. Sua viagem selvagem pelo mundo está prestes a terminar. Triptólemo, seu discípulo, cruzou o limiar do Tártaro; mas, tendo-se tornado prisioneiro de Plutão, não conseguiu trazê-lo de volta

Machine Translated by Google

Perséfone. Deméter de cabelos dourados, a Mãe dos deuses, a Luz incriada, vagueia pela terra como uma Fúria, armada com suas tochas acesas e não consegue encontrar sua filha. Os homens recuam aterrorizados diante de seus passos e de seus olhos terríveis. Pois seu coração está zangado comigo. E, no entanto... sem mim... poderia dar à luz aquele que deve libertar Perséfone? —Assim, eu também sofro o destino inexorável do mundo, que também é minha obra. Meu raio pode esmagar os homens; no entanto, são livres para viver e morrer como quiserem, mas os seus pensamentos, uma vez traduzidos em acção, têm consequências que eu próprio não posso evitar. Quanto aos deuses criados por mim, nada os acorrenta; eles agem cada um em sua esfera, com o poder que lhes dei; eles são, como eu, eternos. —Se Perséfone tivesse bebido da taça de Plutão, nem meu raio nem meu cetro poderiam trazê-la de volta... E meu coração tem sede de minha filha, e nada poderia substituí-la, e estou cansado da solidão. Mas nada posso fazer por ela sem Deméter... Que barulho incomum é esse?... O Éter treme e resmunga... e, do fundo do espaço, um redemoinho de vento atinge as encostas da montanha... É a Mãe dos deuses que volta ao Olimpo e volta para me atacar como uma onda furiosa...

(Ouve-se um toque de trombeta.)

DEMÉTER

(com uma lanterna em cada mão)

Ó Zeus, cruel e impassível, quando você deixará de me privar? Você, que vive imutavelmente em seu esplendor e em sua força, não se importa com os males que afligem suas criaturas, nem comigo mesmo, que sou uma parte tão grande de você.
Você deixou Perséfone, nossa filha, cair no abismo e a entregou, apesar de tudo, ao seu irmão Plutão!

ZEUS

Plutão apanhou-a apesar de mim, mas não consegui tirar-lhe a presa, que é a sua legítima conquista. Quando Perséfone quis brincar nas margens do Oceano com as ninfas, sua curiosidade já a arrastava para as esferas inferiores e seu coração chamava secretamente o sequestrador.

DEMÉTER

Malvado! Sua profunda astúcia mascara sua crueldade. Deixando ela

Machine Translated by Google

descendo, você contemplou sua perda.

ZEUS

Perséfone é filha do seu desejo; ela é livre e imortal como você.

DEMÉTER

A morte seria melhor que tal imortalidade! O que você fez para libertá-la da escravidão? Eu, pelo menos, enviei Triptólemo ao Tártaro para buscá-lo.
O lavrador de Elêusis despertou Perséfone de seu sono, mas Plutão mantém os dois acorrentados.

ZEUS

Um homem não pode quebrá-los.

DEMÉTER

Inexorável! Então você não quer libertar sua filha?

ZEUS

(cupamente)

Infelizmente! Meu filho Dionísio não seguiu sua irmã até o Abismo para salvá-la?

DEMÉTER

(com ironia)

Sim, Dionísio, o filho do seu desejo!... E os Titãs o despedaçaram... Ele não foi mais capaz que você de libertar Perséfone. Mas agora, se você não conhece o remédio, se não trouxer minha filha de volta para meus braços, descerei de volta à terra e com essas tochas colocarei fogo em seu universo!

ZEUS

Ouça, Deméter, Perséfone só pode ser salva por um novo deus...

Machine Translated by Google

DEMÉTER

Qual?

ZEUS

Um deus concebido graças à minha chama e nascido graças à sua luz: um filho da minha vontade e do seu amor.

DEMÉTER

O nome dele?

ZEUS

O filho sonhado pelo meu desejo supremo... O novo Dionísio!

DEMÉTER

Para os Titãs despedaçá-lo novamente?

ZEUS

Os Titãs não poderão fazer nada contra ele. Ele não será invulnerável, mas mais forte. Ele se oferecerá aos homens, ao universo, aos deuses. Ele lutará em sua embriaguez e em sua beleza, derramará seu sangue e suas lágrimas com gritos de triunfo; mas, sob a égide da sua túnica rasgada, ele será o Herói Invencível!

DEMÉTER

Mais sangue? Mais lágrimas? Não; Eu não quero. Pela perene virgindade da minha luz, com as suas ondas sempre renovadas, antes rompe este universo do que refaz outro semelhante!... Antes o sono eterno da noite onde outrora já vagamos...

(Ouve-se um grito de dor vindo do Abismo, do fundo da caverna. Deméter deixa cair as duas tochas que se apagam no chão.)

ZEUS

(mostrando o fundo da caverna)

Machine Translated by Google

Ouçam, portanto, as vozes que surgem do Abismo e que os chamam.

UMA VOZ

(do Abismo)

Dionísio! Dionísio!

DEMÉTER

(com uma explosão de alegria)

A voz de Perséfone!...

ZEUS

Você ouviu isso? E já não te invoca: mas Dionísio, filho do meu desejo!

DEMÉTER

(coloca as mãos nas têmporas e permanece em êxtase)

Que sonho imenso me envolve, que sono divino me acalma e me satisfaz!... E mais uma vez sinto a harmonia dos mundos... Luz difusa por toda parte... por onde passam cavalos brancos, égides luminosas, heróis altivos, virgens de fogo... e no fundo, no fundo, o teu doce e deslumbrante esplendor... Ó sonho inédito! ah Dionísio!

(Ele fecha os olhos e desce lentamente sobre o tálamo.)

ZEUS

(sem trocar de lugar, ele estende seu cetro sobre Deméter olhando para ela)

O encantamento supremo a domina... O sono cai do meu fantasma... Meu pensamento desce ao seu seio...

(Nuvens sobem do chão, obscurecem o grupo e enchem a caverna.)

CORO DOS BEM-AVENTURADOS INVISÍVEIS

Quando Deméter adormece, os deuses e os homens se reúnem

Machine Translated by Google

eles tremem de medo desconhecido. Pois, do seu sonho, surge um novo deus. Homens, curvai-vos diante do santo mistério dos deuses. Um olhar deles dá origem a milhões de vidas; um dia deles abrange miríades de anos; uma de suas noites é um sono do universo, em que o tempo e o espaço, dobrando as asas, geram mundos futuros. — Mas você, semente do abismo, almas dispersas, vagando incertas e prestes a cair na morte, aqui você chegou ao centro da vida celestial e primordial. Venha contemplar a lareira incandescente da qual você já nasceu e a fonte radiante do Dia! — Do hímen de Zeus e Deméter está prestes a nascer o filho sagrado, o Resplandecente e Vitorioso. «O Forte dará à luz o Forte»

SEGUNDA CENA

Triptólemo, Perséfone, logo depois de Dionísio,

finalmente Zeus e Deméter.

(As nuvens que enchem a caverna se agitam, tornando-se luminosas. A carruagem de Hécate emerge lentamente do solo. Triptólemo segura as rédeas dos dragões de fogo.
Perséfone está sentada ao lado dele, vestida com um peplum de brancura diáfana com reflexos dourados. O vestido parece iluminado internamente pelo corpo brilhante.
Ele usa uma guirlanda de narcisos, brilhando como estrelas. Um véu cor de jacinto cai do seu cabelo sobre o vestido como o véu de um noivo.)

PERSÉFONE

Triptólemo, filho de Elêusis, arador extenuante, intrépido domador de cavalos, que domina esses dragões ígneos que quebram as rochas e fendem o Éter, você me conduziu com mão segura até agora através dos espaços ilimitados. Somente no dia em que um raio celeste penetrou no Tártaro, pude me desvencilhar dos braços do vigilante Plutão, oprimido por um sono sombrio. Subi em sua carruagem, os portões infernais se abriram como num passe de mágica diante de você, e viajamos pelo Empíreo.
Mas, durante esta viagem maravilhosa, não sei quantos séculos se passaram, pois a luz de Hélios já não nos iluminava e apenas as estrelas brilhavam para nós.
Mas o que é esse lugar divino? O que são esses perfumes e essas canções celestiais que fazem minha alma florescer como o açafrão com coração de ouro?... Reconheço meu Olimpo natal. Raios deslumbrantes saem da caverna. As nuvens se separam, como as folhas de uma rosa ardente com um cálice deslumbrante.
Eu tremo e não consigo tirar os olhos dele.

Machine Translated by Google

TRITTOLEMO

Olhe, ó Deusa, e você verá aquele que procurava nos mundos.

(Dionísio emerge do centro incandescente das nuvens. Imediatamente depois elas se dissolvem e o deus aparece luminoso contra o fundo da caverna que novamente se tornou escura. Ele é coroado de hera e usa a nebrida de pele de veado.)

PERSÉFONE

Ó divino Irmão, que tão triste e belo em teu esplendor me apareces, saúdo-te com o coração trêmulo e não ouso aproximar-me de ti.

DIONÍSIO

Irmã Perséfone, finalmente ressurgindo do abismo, durante todos esses dolorosos séculos você esteve presente para mim, um pensamento vivo, como você é agora, brilhante com eterna juventude, sob o véu de uma noiva e a guirlanda de narcisos.

PERSÉFONE

Infelizmente, peguei o narciso do desejo; o Plutão negro me levou... mergulhei no abismo... e esqueci... portanto, não era mais infeliz; lágrimas amargas na minha escuridão eu chorei...

DIONÍSIO

E eu que estava procurando por você, que te seguiu, e os Titãs foram feitos em pedaços! Mas não te esqueci... Espalharam a minha carne, atiraram o meu corpo aos tigres e a minha cabeça ao abismo; mas minha carne, meu corpo e minha cabeça sempre chamaram: Perséfone! Perséfone!

PERSÉFONE

E não me senti, contaminada por sonhos assustadores, forçada a cair nos braços de Plutão, rainha dos mortos, morta!

DIONÍSIO

(Chegando mais perto)

Machine Translated by Google

Oh! a sede de viver e renascer para te encontrar... entre as criaturas! Eu era aquele Baco da terra que acredita estar alegre, mas vive para sofrer e para fazer sofrer os outros.
Vi as bacantes morrerem, trespassadas pelo meu olhar sonhador, você!... vivi... e me temperei em mil; Eu renasci... para me dispersar em milhões...

PERSÉFONE

Oh! a sede de amar e de morrer entregando-me! Eu me soltei dos braços de Plutão, clamando por libertadores, e mantive apenas sombras e fantasmas. E não poder morrer... gritei!

(levanta-se)

DIONÍSIO

Desse choro me levantei novamente... e vim.

(Ele pega a mão dela e a faz descer do vagão.)

PERSÉFONE

Você ficou sob a figura daqueles heróis tocados pelo beijo do raio, que são da sua raça e do seu sangue: Hércules, Jasão e Prometeu!...

DIONÍSIO

Fluí no sangue deles, lutei em seus corpos, falei com suas vozes, para que você me reconhecesse... E você gritou de alegria e dor... mas não conseguiu arrombar as portas do inferno! Então, eu vim sozinho!

PERSÉFONE

Você me enviou um raio de sua luz. Aí desci do abismo... e aqui estou!
(Ele coloca os braços em volta do pescoço de Dionísio e olha para ele.)

O Irmão tornou-se o Noivo em virtude do meu desejo.

DIONÍSIO

A Irmã tornou-se a Noiva em virtude da minha dor.

Machine Translated by Google

PERSÉFONE

A hera floresceu em seus cabelos castanhos. O que são essas frutas vermelhas?

DIONÍSIO

São gotas do meu sangue derramado por você... Seus narcisos choraram; o que é esse orvalho em seus olhos?

PERSÉFONE

São as lágrimas de Perséfone...

DIONÍSIO

Como você é linda, filha da Luz celestial!

PERSÉFONE

Como você é lindo, filho do Desejo imortal!

DIONÍSIO

Para sempre teu!

PERSÉFONE

Para sempre teu!

(Zeus e Deméter aparecem na soleira da caverna. Perséfone se joga nos braços da mãe.
Dionísio fica ao lado de Zeus.)

ZEUS

Triptólemo! Pela sua pureza e coragem, você viu o que nenhum mortal jamais contemplou.
Volte para Eieusi, mas não revele essas coisas aos profanos. Você será chamado entre os homens: filho de Deméter; entre os heróis e os deuses: o libertador de Perséfone!

(A carruagem de Triptólemo desce: os deuses desaparecem).

Machine Translated by Google

CORO DE HERÓIS INVISÍVEIS

Você que contemplou o santo mistério do qual derivam todos os deuses e homens, traga uma memória dele para a terra. Que isso te console durante a vida, que te guie após a morte. Mas guardem-na no fundo dos vossos corações como um diamante numa rocha... Podeis acolher a Verdade no vosso santuário e levar os seus raios por todo o mundo, mas quem trai o seu coração sublime perde-o para sempre!

O grande salão de iniciação quadrado, construído por Ictinos, estava localizado não muito longe do templo de Deméter. Naquela sala, após o término do drama sagrado e simbólico, ocorria a iniciação final, designada sob o nome de epoptia ou visão direta. Os espectadores sentaram-se nos degraus escavados na rocha nos quatro lados do salão. De cada ponto era possível ver uma floresta de colunas que bloqueava a visão; mas o olhar poderia insinuar-se entre os interstícios. Entre aquelas colunas, em tripés de bronze, ardiam tochas. Diante dos tripés, os sacerdotes celebravam e cantavam melodias sagradas em coro. Durante os intervalos dos cantos, o hierofante, colocado no centro da sala, lia invocações antiquíssimas numa tábua de pedra. Precisamente então ocorreram aquelas aparições mágicas das quais os mais sérios autores antigos falam com êxtase, mas das quais hoje é impossível precisar a natureza ou transmitir a impressão. O autor de Epinomis fala disso como a coisa mais linda de se ver no mundo.

Himério as chama de visões divinas, Platão as compara aos espetáculos que as almas abençoadas desfrutarão após a morte. Segundo Proclo e Porfírio, a sala estava repleta de nuvens sobrepostas por onde passavam flashes de luz e onde eram mostradas formas translúcidas de beleza radiante. Segundo os filósofos de Alexandria, a própria Deméter, a Alma do Mundo, a Luz interior que se expressa em imagens, manifesta-se assim aos iniciados que se tornaram videntes, revelando-lhes os seus tipos, as suas almas, os seus genes. Ao som das liras e das eumolpeas, abriu-se por alguns momentos uma janela para a imensidão daquela Luz viva que arde de Amor divino

No entanto, o brilho havia cessado; as formas fluídicas fundiram-se em nuvens de incenso que também se dissolveram.

A sala não estava mais iluminada, exceto pelos tochas que ensanguentavam as colunas cinzentas. No meio, via-se o hierofante, parado junto a um santuário com quatro colunas de marfim, semelhante a um minúsculo templo, onde espigas de milho maduras se destacavam como se estivessem num campo. Então, a sacerdotisa que ele representava

Machine Translated by Google

Perséfone avançou em seu papel de noiva. Silenciosamente, ele cortou as espigas de milho com uma lâmina dourada e juntou-as num feixe. — O Ceifador colheu, disse o hierofante. Perséfone, traga seu pacote de almas para Deméter.

Para aqueles que seguiram e compreenderam atentamente os Mistérios, a iniciação resumiu-se luminosamente na simplicidade deste gesto final. A espiga de milho, cortada pela rainha dos mortos e dos eleitos, dizia que a criação é uma oferenda de Deus ao homem e a vida é uma oferenda do homem a Deus. Nascimento, morte e ressurreição, eis o segredo da alma: doloroso. esforço, florescimento sublime, imortalidade ao preço de um sacrifício divino.

E Perséfone pressionou o lindo embrulho dourado na brancura de seu peito cheio de amor. Então, depois de dar uma volta pela sala, ela saiu tão silenciosamente quanto havia entrado, ao som das liras.

— Viva na Alma universal!

Foi a última palavra dos Eumolpids. E, lentamente, diante do fogo bruxuleante das tochas, a multidão desapareceu na escuridão, com um murmúrio semelhante ao tremor de um campo de trigo balançando ao vento, na noite.

EPÍLOGO DOS MISTÉRIOS

Se, na manhã seguinte à última noite santa, algum iniciado mais pensativo ou mais emocionado do que os outros passeava pela praia deserta de Elêusis, com que olhos atônitos ele deve ter refletido as estrelas claras espelhadas no golfo azul e a alvorada prateada atrás Salamina!

O mundo lhes pareceu mais transparente e eles próprios foram transmutados. As novas revelações só podem ser compreendidas com uma alma nova. Seduzindo seus olhares, cativando seus ouvidos, as imagens, palavras e canções a despertaram de suas profundezas. Saudou coisas inéditas, como verdades imemoriais e sempre jovens. Ao reconhecê-los, ela se reconheceu. Existe uma certeza maior? Quando a mente raciocina, ela decompõe ou conecta os fragmentos dispersos da verdade; mas, quando a alma se identifica com a coisa contemplada, encontra-se no centro da verdade. O que Elêusis produziu em seus iniciados foi - através de emoções sucessivas e de uma imersão final na luz - a cessação da vida separada e do sentimento de uma vida.
Ora, uma vida é a comunhão orgânica da alma com o universo, com a humanidade, com Deus.

Machine Translated by Google

Não foi talvez uma nova comunhão com o universo aquela revelação dos descendentes íntimos dos inúmeros seres, todos descendentes do Arquétipo e da Alma universal, múltiplas efígies, formas evoluídas, degeneradas ou reintegradas, do Eterno-Masculino e do Eterno-Feminino? Embora Dionísio esteja despedaçado no mundo e Perséfone sofra mil mortes, ainda assim, ao tomarem consciência de sua origem, sabem que, no final da odisséia cósmica, um dia terão que se encontrar no seio do infinito Pai e Mãe. A alegria eleusiana já não era perturbada pelo olhar cruel das estrelas inacessíveis, mas magnetizada pela sua luz fraterna. Este sentimento é expresso na inscrição de um sarcófago grego encontrado em Aix, na Provença. Assim fala aquele homem desconhecido do fundo do seu túmulo: «As almas dos mortos estão divididas em duas hostes. Um vagueia e vagueia pela superfície da terra, o outro forma coros com as estrelas que brilham nos céus. Precisamente a este último grupo pertenço, pois tive a sorte de ter um deus como guia."

Não foi talvez uma comunhão com o coração divino da humanidade ter contemplado os protótipos do Homem e da Mulher reintegrados no seu poder e na sua beleza, através do sofrimento e da luta? O segundo Dionísio misturou as gotas puras do seu sangue com as doces lágrimas da ressuscitada Perséfone. Torrentes de luz fluíram de suas mãos, e os mistos, tornados videntes, vislumbraram a imensa refração do deus na lenda argonáutica, que parecia a guirlanda gloriosa de suas encarnações libertadoras. Como Hércules e Jasão, Perseu e Prometeu brilharam então com novo fogo! Após aquela magnífica destruição do deus em suas manifestações radiantes e dolorosas, Apolo, que apenas preconizava ser justo, parecia frio, duro e quase egoísta. O lema do segundo Dionísio era este: "No auge do ser e da consciência, desfrute da alegria da vida no holocausto de si mesmo!" ». Nem mutilação nem abnegação, mas a afirmação suprema de si num sacrifício extenuante. Foi o desabrochar do Herói oferecendo-se como guirlanda de flores aos homens, ao universo, a Deus - no altar da Beleza, da Verdade e do Amor.

Finalmente vendo as harmonias perfeitas do mundo inteligível, entendendo-as como tendo repercussões no universo, despedaçando-se na tragédia humana, e gemendo até o inferno da Alma para se libertarem novamente e se alcançarem, um por um, em camadas infinitas, na sua fonte primeira — não era uma premonição de comunhão com o Deus inefável?

Platão disse: "Há muitos que carregam o tirso e a tocha, mas poucos que

Machine Translated by Google

começaram." Isto era tão verdadeiro em Elêusis como em todo o lado. Assim, as representações do templo produziam efeitos diferentes e por vezes opostos nos espectadores. Cada um penetrou mais ou menos nos símbolos vivos e os interpretou à sua maneira. Alguns pararam na sua beleza exterior, outros foram submetidos ao seu fervor religioso, um número muito pequeno alcançou a ideia pura. Outros ainda permaneceram refratários e secretamente irônicos. Mas um efeito geral da iniciação foi revelar almas para almas, arrancar as máscaras habituais da vida dos rostos humanos, fazendo a verdadeira personalidade emergir da falsa.

Sob os sucessivos relâmpagos do drama sagrado com os seus terrores e os seus raptos, a natureza íntima dos participantes revelava-se boa ou má, feia ou bela, raivosa ou entusiasmada, com a sua verdadeira aparência. Naquele clarão, as almas nuas imediatamente se repeliram ou se atraíram. Alguns, que pensavam que se conheciam e até se amavam, recuaram por medo e raiva. Outros, que se ignoraram, reconheceram-se e reuniram-se com entusiasmo. Daí acordos, amizades e até amores. Amizades puras e amores sagrados; pois se abriram ao sopro virginal de Perséfone, e o olhar da deusa fez a divina Psique surgir por um instante da concha terrena. Antigos monumentos funerários atestam isso. Uma fragrância de Elêusis ainda emana de todas aquelas mãos esculpidas em estelas de mármore e unidas pela eternidade.

Foi precisamente nos mistérios de Samotrácia, diferentes dos de Elêusis na encenação, mas semelhantes em espírito, que o rei Filipe da Macedónia conheceu a jovem Olímpia que se tornou sua esposa. Da união deles nasceu Alexandre, o Grande. É claro que Alexandre não foi um rei imaculado, mas não foi menos um rei dionisíaco, um grande agitador de povos e um bom semeador de ideias, a última e poderosa encarnação da heróica Grécia, um Aquiles no trono, que sonhava em dominar sobre o Oriente. Quando, como um jovem Dionísio, Alexandre, aos vinte anos, antes de partir para a conquista da Ásia, distribuiu todos os seus bens aos amigos como se o mundo lhe pertencesse, seu companheiro de armas, Pérdicas, deu-lhe, ele perguntou:

Se você der tudo, o que resta para você?

A esperança! Alexandre respondeu.

Algo semelhante àquela esperança alada que as grandes almas extraíram dos mistérios. E não foi apenas uma esperança para a próxima vida, mas também uma força para esta. Por cerca de quatorze séculos, Elêusis representou o papel de inspiração suprema e moderadora da história. Não foi dada atenção suficiente a isto

Machine Translated by Google

fato de que seus maiores homens eram os devotos das grandes Deusas. Em seus templos, Sólon extraiu a sabedoria de suas leis; Temístocles, fé na vitória; Aristide, o gênio da justiça; Péricles, a arte de governar as almas; Ésquilo e Sófocles, a compreensão das lendas antigas e seu sublime simbolismo. Finalmente, as representações e visões do santuário forneceram a Fídias, Lísipo e Praxíteles modelos daquelas formas e expressões divinas que nos cativam e desconsolam.

Há uma verdade sobre a qual não só os nossos artistas e os nossos poetas deveriam meditar, mas ainda mais os nossos filósofos e os nossos estadistas:

Quando, entre um povo, Deméter não fizer mais iniciados, Pallas logo deixará de fazer efebos.

Machine Translated by Google

NA TERRA SANTA

JERUSALÉM

São as palavras do céu

Jafa. A subida.

Viajamos a noite inteira num navio egípcio vindo de Port-Said.
Na ponte havia um acampamento de sírios, algumas mulheres veladas em volta de um homem doente deitado num tapete. O navio cortou lentamente um mar quente e silencioso, sob um céu claro e estrelado. De vez em quando, as mulheres agachadas e imóveis murmuravam uma oração com voz anasalada sob os véus; mas o paciente não se mexeu. Calmamente, enrolado em seu cobertor de lã, o rosto pálido, os olhos fixos no firmamento, aguardava a recuperação ou a morte. Ao lado dele, um velho árabe fumava seu narguilé com soberba indiferença. Ao redor, alguns soldados egípcios estavam de pé e vigiavam.

Esse grupo ofereceu uma imagem das raças inalteradas do Oriente, que esperam tudo do Destino, mas que, no seu fatalismo, conservam uma majestade hereditária e uma fé indestrutível. A nossa civilização tenta regulá-los em vão. Nem o tempo nem o lugar afetam o Oriental. Mesmo quando viaja, ele permanece imóvel. Isto talvez seja bom. Caminhamos e esquecemos cedo demais, no Ocidente; é bom que haja corridas que parem e lembrem.

Durante a noite o vento mudou e o mar ficou tempestuoso. Ao amanhecer faz frio, chuvisca e Jaffa aparece-nos num raio desbotado através de uma cortina de chuva. A antiga Jope, com suas casas brancas, parece uma rocha amarela vista de longe. coberto de gaivotas. O barco ancora diante de uma fileira de pedras. É certo que a Terra Santa é de difícil acesso e que desde a Idade Média “ir para Jaffa” tem sido sinónimo de perigo a correr.

Quando a indústria moderna conseguir transformar essas rochas em qualquer porto, quando ancorarmos em Jaffa, como em Le Havre ou em Nova Iorque, temo que a beleza austera da Palestina, já fortemente comprometida por algumas linhas rodoviárias, seja destruída. e agências de viagens. Hoje ainda somos obrigados a atravessar a passagem das rochas de barco para parar no porto de

Machine Translated by Google

Jerusalém. E isso é bom.

Meu olhar é atraído para a baixa falésia banhada pela espuma do mar agitado. Segundo Pausânias, foi precisamente naquela costa que Andrómeda foi forçada à rocha por um anel de ferro e para onde, no seu cavalo alado, Perseu veio, para libertá-la do monstro marinho que estava prestes a devorá-la. Os belos versos de Heredia cantam em minha memória:

A virgem Cefeana, infelizmente! ainda viva, amarrada, desgrenhada, à rocha das ilhotas negras, lamenta, torcendo com soluços vãos a sua carne real por onde corre um arrepio de terror.

No meio da espuma que interrompe sua fuga, o Cavaleiro, vitorioso sobre o monstro e a Medusa, pingando um lodo horrível por onde corre o sangue, carrega nos braços a virgem de cabelos dourados.

Mas Pégaso, irritado com o chicote da lâmina, ao chamado do herói, saltando de um só salto, bate no céu ofuscado com suas asas de fogo.

A virgem Cephea, infelizmente! ainda viva - Amarrada, desgrenhada, à rocha das ilhotas negras - queixa-se ela, contorcendo-se entre soluços vãos - a sua carne real atravessada por um arrepio de medo.

Entre a espuma que lhe detém o ímpeto, - o Cavaleiro conquistador do monstro e da Medusa, - gotejando lodo horrível onde o sangue se mistura, - leva nos braços a virgem dos cabelos dourados.

Mas Pégaso, irritado com o açoite da onda, - ao chamado do herói, subindo de um só salto - divide o céu ofuscado com suas asas de fogo.

A poesia grega, inspirada nos santuários ou guiada pela sua maravilhosa intuição, povoou o Mediterrâneo de símbolos falantes, desde a Fenícia até aos Pilares de Hércules. Quando uniu um mito a uma localidade específica, foi ali determinado por um fato histórico ou religioso. Suas fábulas divinas ligaram ilhas, promontórios, acrópoles, a ideias eternas semelhantes a deusas veladas nas nuvens. Não será talvez notável que tenha enquadrado a sublime lenda de Perseu neste mar do Oriente que o livro de Jó chama de “o grande mar onde o Leviatã deixa vestígios profundos como abismos” e do qual o salmista disse: “Ele viu Deus e ele se aposentou"? Não sei qual teósofo de Alexandria queria ver em Andrômeda acorrentada à rocha, oferecida ao monstro marinho como presa, a imagem

Machine Translated by Google

da Alma cativa da Matéria e abandonada indefesa às forças brutas da natureza. Para ele Perseu simbolizava a encarnação do Herói dotado de Sabedoria e inteligência, armado com o escudo da Intuição e a espada da Ciência, que, matando o monstro da Negação, liberta a Alma atônita e a leva, embriagada de alegria, às estrelas, no Entusiasmo alado, filho de Júpiter e Folgore. Não sei se, segundo os nossos doutos helenistas e os nossos filólogos experientes, este sonhador compreendeu Hesíodo de maneira ortodoxa, e não ousaria dizer que Ésquilo e Sófocles, que fizeram tragédias perdidas sobre Andrômeda e Perseu, pensavam como ele. Mas sei que a terra dos Profetas e de Cristo permaneceu, para a consciência moderna, a pátria terrena da Alma divina; que esta alma, forçada ao rochedo da Matéria pela antiga servidão, está abandonada, neste final de século, a todos os monstros do Abismo - e que o seu Perseu ainda não chegou.

Não tenhamos, portanto, medo de entrar na Terra Santa pelo átrio da lenda helênica, envolto pelas ondas do mar. Personifica e dramatiza o pensamento dominante que deve nos guiar desde Jerusalém até o berço dos profetas. Recorda-nos que hoje devemos olhar para os santuários do cristianismo com olhos arianos e com alma universal.

Apesar do mau tempo, algumas escunas aproximaram-se da embarcação; eles dançam nas ondas. Um deles está preso, por meio de uma corda, à ponte. Nossas malas são levadas às pressas para o cais e saltamos atrás delas enquanto a onda crescente levanta o frágil casco. Já atletas sírios de rosto moreno e fisionomia de sacripantes nos conduzem com força total pelo mar agitado, sob torrentes de chuva, em meio aos gritos de barqueiros, intérpretes e viajantes.

Rastejamos ligeiramente pela perigosa passagem entre as rochas negras que lembram monstros cuspidores de espuma. Aqui estamos num mar calmo, no cais de Jaffa, uma simples escadaria entre quintas. São os costumes turcos. Rostos curiosos de judeus e muçulmanos estão ali agrupados. As crianças emaciadas, com rostos pensativos, não têm nada da familiaridade simiesca dos pequeninos do Cairo. Há um peso secular naqueles olhos, uma tristeza de vários milhares de anos. Passamos pelas ruas sinuosas de um bazar miserável. As esteiras esticadas entre os telhados formam calhas e a chuva escorre por elas. Nos pequenos cafés árabes, nas drogarias e tabacarias, cabeças envoltas em trapos castanhos, pretos e brancos fumam os seus cibucs e observam sombriamente o desfile dos viajantes. Naqueles olhos fixos somos acolhidos pela singular melancolia que pesa sobre a Palestina e sobre todos

Machine Translated by Google

seus habitantes.

Aqui estou eu no jardim do hotel. O sol afugentou a chuva. As cabanas brancas e os conventos dispersos de Jaffa brilham espalhados entre as altas manchas verdes e a velha Palestina sorri como um jovem pagão. Atrás de mim, densas florestas de laranjeiras transformam suas folhas novas e brilhantes na brisa do mar. O cheiro amargo dos cactos mistura-se com os vapores da terra úmida e os aromas que flutuam no ar. Um imenso sicômoro, de folhas caídas, treme sobre minha cabeça como um lenço vegetal torcido pelo vento. Falo com um intérprete sírio com um lindo cinto de seda amarelo e bonés coloridos na cabeça; menino robusto, com olhos grandes e lânguidos, tão bonito quanto um jovem príncipe. É um

Brownie.

Para se recomendar a mim, acrescenta com orgulho: «Sou católico e francês», o que, para um sírio, é a mesma coisa. Atrás da sebe de cactos, na estrada arenosa e esburacada, uma jovem passa montada numa mula. Ela também é síria. Seu manto de tecido azul com bordas amarelas se abre em uma ponta no peito. Ela usa anéis de prata nos pulsos e algumas lantejoulas douradas no cabelo grosso. Uma cabeça orgulhosa, de nariz pontudo, perfil de sensualidade sonhadora, ergue-se do pescoço largo. Os olhos negros como azeitonas lançavam uma chama silenciosa. Tudo nesta mulher, até mesmo a orgulhosa indolência de seu andar e pose, denota uma natureza forte, mas ainda casta e adormecida. O intérprete fala algumas palavras com ela em árabe.

Ela responde: Taieb (tudo bem), e, tirando da bolsa uma laranja, uma daquelas opulentas laranjas Jaffa, amarelo-escuras, oblongas e saborosas, que, como lanternas venezianas, brilham em plena luz do dia entre as folhas escuras, estende-a para o jovem sobre a sebe de cactos. Ele então coloca sua montaria de volta na estrada, com um sorriso de marfim para o belo sírio e um olhar cheio de desprezo pelo meu vulgar vestido de viajante europeu.

Apreciando aquela pequena cena de gestos sóbrios, de olhares sombrios e expressivos, parecia ouvir a voz da sulamita no cântico dos cânticos: «Ó filhas de Jerusalém, sou morena, mas bela, como as tendas de Chedar, como o pavilhões de Salomão", e o chamado do amigo: "Venha comigo do Líbano, dos refúgios dos leões e das montanhas dos leopardos. Seus lábios gotejam favos de mel de maçã e o cheiro de suas roupas é semelhante ao cheiro de cedro... Minha irmã, minha noiva, você é um jardim fechado, uma fonte fechada, uma fonte selada." E a resposta da menina: «Que a minha amada venha ao seu jardim e coma dos seus frutos

Machine Translated by Google

uma delícia... Meu amigo me deu um saco de mirra; ele passará a noite entre meus seios." Estas são as flores doces e os frutos saborosos que brotam no tronco selvagem da alma judaica, quando o raio dos profetas ainda não o atingiu para torná-lo uma brasa acesa no altar de Jeová.

O encanto da Palestina consiste em encontrar ali, a cada momento, cenas familiares do Antigo e do Novo Testamento e no facto de se viajar ainda mais no tempo do que no espaço. Não se pode dar um passo sem encontrar um patriarca em movimento com as suas tendas e os seus rebanhos, o tímido moabita, a Sagrada Família no exílio, o Bom Samaritano a cavalo.

A ferrovia que hoje liga Jaffa a Jerusalém é uma pequena ferrovia inocente e vergonhosa. Inocente, por não ter conseguido estragar a paisagem, desaparece entre o rico verde da planície e não parece mais do que um pobre verme rastejando pelos vales solitários que sobem em direção à cidade santa.
Vergonhoso, pois parece saber que só é tolerado nesta terra, cuja selvageria rústica protege as memórias. Sim, vergonhoso e asmático. Os camelos que erguem os longos pescoços à passagem da locomotiva, por mais estúpidos que pareçam, conservam no entanto um grande ar de superioridade diante daquela máquina trabalhadora que passa. Com o balançar monótono da cabeça parecem dizer-lhe: “Por mais que você se apresse e vomite uma fumaça inquieta, monstro de ferro, você só conduz os curiosos, os entediados e os indefesos, para uma meta que sempre foge. Mas nós, feras dóceis e incansáveis, com passos lentos e pés infalíveis, somos os navios do deserto. Trouxemos os patriarcas para oásis de paz e os profetas para poços de verdade."

Porém, confortavelmente sentados em belíssimas carruagens suíças, atravessamos a planície de Saron, de solo fértil e gordo, o antigo país dos filisteus. As florestas de laranjeiras são substituídas por campos de milho, pradarias ladeadas por sebes de nopal com folhas planas e espinhosas, oliveiras e palmeiras isoladas. Março está chegando ao fim.

As flores grandes e vivas da primavera oriental enfeitam a grama. Aparecem sobretudo à sombra das árvores, debaixo dos arbustos negros, como se já temessem o calor do sol. Eles estão ali, grossos, em campânulas fechadas ou em estrelas roxas e douradas abertas. Debaixo daquelas palmeiras frescas, no veludo daquela erva, salpicada de anémonas vermelhas como gotas de sangue e fontes brilhando como pequenos sóis, gostaríamos de ver uma manada de gazelas a pastar. Sua imaginação evoca naturalmente um grupo de filhas de Israel, vestidas de púrpura e

Machine Translated by Google

açafrão, erguendo um salmo sobre o kinnor, ao som de bateristas e movendo-se ao encontro de um rei, agitando as palmas. Parece que podemos ouvir o seu hino, sonoro como um colar de metal, espalhando-se pelo ar leve: «Voltamos os olhos para as montanhas de onde vem o nosso socorro... Quão belos são os pés dos mensageiros do Senhor que desça de Sião!»

A partir de Montesquieu, e sobretudo de Taine, a influência da natureza no homem, na sociedade e na civilização foi tão destacada que acabamos por ver nela o factor essencial da história, esta ideia, que lisonjeia os instintos materialistas de nossa época, ficou gravado no cérebro para afugentar todos os contrastes.

Segundo os historiadores e seus discípulos, estamos próximos de que o pensamento humano, a arte e a religião nada mais são do que uma vegetação natural do solo, da mesma forma que a flora de diferentes áreas do globo. As selvas do Ganges teriam gerado o panteísmo hindu, assim como as montanhas e os golfos da Helenia teriam moldado a mitologia grega. O monoteísmo seria o produto do deserto e Jesus a flor primorosa da Galiléia. Há nisso o exagero intrusivo de uma verdade parcial. O oposto é igualmente verdadeiro e ainda mais verdadeiro. A natureza muda incessantemente sob a mão soberana do homem, sob o trabalho de cultivo que ele lhe faz, sob o esforço do pensamento que a esculpe. As últimas florestas virgens da África e do Novo Mundo ainda nos mostram, de forma única, o aspecto inviolável da terra e o seu poder devorador. Em todas as outras partes, sua superfície apresenta as características da Alma humana e o selo do Espírito. Nem a agricultura, nem a indústria, nem a arte dão à Palestina a sua fisionomia especial e, no entanto, em nenhum país a religião deixou marcas mais profundas no solo e nas almas dos habitantes. Esta terra mudou muito ao longo dos séculos.

Onde está agora a opulência da terra de Canaã, o esplendor do reino de Salomão e a suntuosidade de Herodes? Os arredores do Lago Tiberíades e da planície de Jericó, que eram paraísos terrestres, são agora estepes incultas. Desde o tempo de Cristo e da destruição de Jerusalém em diante, a Palestina permaneceu pobre e selvagem, um país de peregrinos e bandidos, de maldições e redenção, preservado das vulgaridades do nosso mundo utilitário. Enquanto durante dezoito séculos se orientam para ela os corações de todos os pontos do globo, a Terra Santa, defendendo-se dos assaltos do tempo que tudo muda, aguarda sempre, na sua miséria e na sua concentração, o cumprimento das suas promessas do Messias. . Por não sei que simpatia secreta entre o homem e as plantas, a vegetação parece ter sofrido o contágio dessa tristeza e desânimo ao longo do tempo. É uma vegetação humilde e pastoril, comovida e adoradora. A palma curvada

Machine Translated by Google

balançando a cabeça, a oliveira se curva e se recompõe com os gestos de um velho medroso, e a figueira das parábolas, a árvore que dá o fruto primoroso da sabedoria, cobre as colinas das florestas cinzentas e sobe tristemente pelas lados pedregosos das montanhas.

Mas as duas árvores características da paisagem da Terra Santa são a palmeira e a oliveira. Em todos os lugares, os graciosos tufos de um trazem à mente a entrada triunfal do Messias em Jerusalém, enquanto a folhagem chorosa do outro parece ainda estar salpicada com as lágrimas do Getsêmani.

O trem atravessa o vale de Sorek, onde Dalila, segundo a história bíblica, abandonou Sansão aos seus inimigos. Em seguida, entra no desfiladeiro escuro de Refaim ou dos Gigantes, famoso pelas batalhas de Davi contra os filisteus. Chuva de pedras nas ravinas, arbustos esparsos nos picos. E as montanhas escuras de Judá nos fecham num círculo de Dante.

Insensivelmente, você chega a um espaço aberto onde sopra o vento cortante e frio das colinas. A noite cai; não há mais árvores, mas uma paisagem disforme. Apenas os troncos azulados da videira, que rastejam como cobras em solo negro ao entardecer, indicam que estamos na Palestina e não num país do Norte. As casas baixas do lazareto protestante, instituição de caridade elevada e profilática, alinham-se à sombra. Você caminha por uma colina feia e em ruínas; é a montanha de Mal Consiglio, e o trem para em uma pequena estação acima do vale de Hinom.
Do outro lado, uma extensão negra de muros e casas junta-se num vale da montanha e fecha o horizonte. É o perfil de Jerusalém, ainda semelhante ao das gravuras antigas. A capela de San Salvatore, iluminada para uma festa religiosa, domina a cidade sombria com uma pirâmide de luz.

A pé você atravessa o Vale de Hinnom. O subúrbio moderno, que ocupa os arredores de Jerusalém, está imerso em profunda escuridão. Você chega a uma popa sombria, guardada por soldados turcos. É o Portão de Jaffa. Pequenas lojas com lanternas fantásticas, alguns beduínos a cavalo e uma fila de camelos ajoelhados, lembram a Cidade Santa do Oriente.

UM OLHAR PARA JERUSALÉM

OS TRÊS MUNDOS INIMIGOS:

JUDEUS, CRISTÃOS E MUÇULMANOS.

Machine Translated by Google

Passei a noite entre as paredes sólidas e frias da Casa Nova, na hospedaria franciscana, onde me hospedei. Numa cidade onde a religião é tudo, para se impregnar do seu espírito não se pode escolher melhor casa do que um convento. Um silêncio sepulcral reinou na minha cela e nos corredores frios.
Do lado de fora, apenas se ouviam os uivos lamentosos de cães errantes e sem dono. Esta manhã subi ao terraço do convento que ocupa a parte alta da cidade e de onde podemos ver toda Jerusalém aos nossos pés.

A cidade, vista do ponto de vista de um pássaro, tem um aspecto triste e severo. Forma um quadrilátero irregular flanqueado por muralhas e voltado a Nascente. Ao meu lado, à direita, a antiga cidadela de David, uma construção pesada que se tornou o quartel turco, ocupa o ponto mais alto de Jerusalém. Dessa altura, a cidade desce em suave declive e termina na parte inferior com uma parede reta que dá para o desfiladeiro de Josafá, de frente para o Monte das Oliveiras. Não o barulho de um carro, nem um transeunte visível na cidade sombria, mas sinos tocando no ar. As ruas são estreitas como canais cujo fundo não se vê. Nem flores nem jardins. Só aqui e ali, num pátio vazio, rodeado de arcos vazios, um cipreste solitário. Casas com poucas janelas juntas - no terror dos flagelos do passado ou na expectativa das glórias futuras? Seus terraços de parapeito são cobertos por pequenas cúpulas. Essas inúmeras lombadas brancas dão à cidade, vista de cima, a aparência de um cemitério muçulmano. Mas o olhar é atraído por duas enormes cúpulas negras que dominam todas as outras. Uma, que fica no meio da cidade - é o Santo Sepulcro ou o túmulo de Cristo: a outra, que ocupa a área do templo de Salomão, no canto sudoeste - é a mesquita de Omar ou o túmulo de Jeová .

E as casas dos vivos desaparecem esmagadas por aqueles túmulos dos deuses.

Pois são as arcas místicas dos sentimentos mais profundos que fizeram vibrar o coração dos homens, das maiores ideias que chocaram a face do mundo. Evocam ao mesmo tempo o inferno da história e o céu da alma, tudo o que passa e tudo o que permanece, as colheitas da Morte e as ressurreições da Idéia divina em eterna metamorfose. Mas, zelosamente, encobrem os seus mistérios e os seus esplendores ocultos. Essas duas cúpulas sombrias dão a Jerusalém um caráter único – o seu selo de tristeza dilacerante e esperança indestrutível.

E a Cidade Santa está ali, rezando e esperando, enterrada entre as suas montanhas, com todas as suas cúpulas, semelhantes às tendas do povo de Israel branqueadas pelo sol nascente. Ao redor, um labirinto de colinas fugazes, verde pálido,

Machine Translated by Google

repleta de capelas, conventos e hospitais, envolve-a num horizonte de melancolia e penitência. Ao longe, atrás do Monte das Oliveiras, uma linha horizontal, de um azul escuro, alta no céu, prende o olhar como o muro do Destino. É a cordilheira de Moabe.

Jerusalém tem significado histórico e significado poético para toda a humanidade. Procuremos adivinhar tanto através dos seus monumentos como através da sua fisionomia atual.

Talvez, quando questionada desta forma, ela nos revele o seu segredo e nos diga se ainda tem um papel a desempenhar, uma missão a cumprir.

Nestes primeiros dias, vaguei por Jerusalém de norte a sul, de leste a oeste, sem sair dos seus muros. Tenho a sensação de viver num convento, num quartel e numa prisão.
Sufoco e sinto-me angustiado nesta cidade de penitentes, presos e guardiões invejosos. Em contrapartida, sonho com templos de mármore branco, atletas nus ao sol, cavaleiros livres nas savanas do Novo Mundo. Quando, à noite, entre os paternos e sorridentes franciscanos, regresso ao silêncio do claustro, sinto uma espécie de alívio por já não ver toda aquela tristeza escrita nas pedras e nos rostos.

Cidade silenciosa e austera. Perde-se num labirinto de ruas estreitas, que sobem e descem em zigue-zague, entre casas altas cujas janelas são buracos, águas-furtadas com grades ou espias. As pedras romanas encaixaram-se nessas paredes com as pedras cristãs e muçulmanas. Muitas vezes foi demolido, mas foi reconstruído a partir das ruínas, no mesmo estilo de uma popa e de uma fortaleza. De vez em quando, passagens, onde o chão passa por baixo das casas. Aqui, um período da época de Herodes ameaça cair no caminho; ali, um pedaço de muro sarraceno atravessa-o e olha para você com maldade através de suas brechas de treliça. Mais ao longe, um convento tranca-a com a porta ogival fechada e encimada por um crucifixo. Perdemo-nos sob os pórticos das igrejas, onde monges ajoelhados rezam entre as velas: perdemo-nos sob longas galerias, bazares e mercados, onde queimam pavios em lojas escuras, onde beduínos e camelos pululam ao acaso, sem se verem, numa passagem interminável. E por toda parte, pelas ruas, vagam cães sem dono, amarelos e magros como chacais degenerados.
Essas pobres feras famintas dormem aqui e ali sobre o lixo e imploram com seus olhos opacos e abatidos.

Jerusalém está dividida em três bairros e três populações completamente distintas.
É preciso visitá-los mais tarde para compreender a surpreendente fisionomia desta cidade, única. Observa-se então que Ásia, África e

Machine Translated by Google

A Europa toca-lhes os cotovelos sem se entenderem e sem conseguirem separar-se. O Judaísmo, o Islamismo e o Cristianismo encontram-se aqui num terreno consagrado pela origem comum das suas tradições. Cada um dos três cultos considera-se o único legítimo; mas, incapaz de afugentar os outros, zela por eles com zelo, enquanto Moisés, Jesus e Maomé pairam sobre eles numa comunhão incompreensível que os mantém afastados e impõe respeito a todos.

O bairro judeu, delimitado entre o bairro arménio, o bairro muçulmano e o recinto da mesquita de Omar, é o mais singular pelo seu aspecto. Uma população sórdida fervilha num labirinto de ruas estreitas e amontoa-se em casas com portas baixas e pequenas janelas de treliça que mal deixam entrar um raio de luz. São em sua maioria Safardim, ou Judeus da Polônia, com olhos azuis e cabelos amarelos. Os rapazes, com outros gorros pontudos de algodão, usam leviticas escuras amarradas na cintura; os pobres velhos usam capas sem mangas; os velhos mercadores, usavam capas de pele.

Os rabinos, em dalmáticas adamascadas, caminham com passos curtos. Os veludos azuis ou roxos, as sedas carmesim ou rosa desbotado, narram poemas de luxo antigo ou de longa miséria, de orgulho indomável e de profunda humilhação.

Quase todo mundo, jovem ou velho, usa o cabelo em cachos. Esse penteado se harmoniza com seus traços finos e nobres e confere a todos esses rostos algo feminino e aristocrático. Você parece surpreso com um orgulho oculto sob a servidão, uma coqueteria na abjeção que é assustadora, mas não desprovida de graça.

E que rugas lendárias, que narizes pontiagudos sob aqueles gorros de pêlo comprido! Existem chefes orgulhosos de usurários e fariseus. Parece que os antigos membros do Sinédrio passeavam por estas ruas. Mas, privados de seus poderes, eles lançam olhares maliciosos e hostis para você através dos óculos. Os tipos são singulares.
Às vezes um judeu espanhol, um Akhenezim, sentado nos degraus da sua porta no ato de ler o seu Pentateuco, recorda um profeta de Michelangelo, enquanto uma criança de tez de cera, de olhos translúcidos, onde o sofrimento difundido no ar já está concentrado, ele olha para você com uma vaga consternação, com a mão aberta num gesto de medo, como um jovem São João que perdeu seu companheiro Jesus.

Jovens e velhos vivem lá, trancados em seus guetos. E ainda assim aquela multidão miserável, mantida pela Aliança Israelita Universal, sempre aumenta e

Machine Translated by Google

constitui a maioria da população.

Não só as perseguições os empurram para a Terra Santa, mas também o desejo de serem sepultados “ao lado dos seus pais” no vale de Josafá. Mas nenhum desses judeus penetrará, desde os portões de Haram-es-sherif, nos recintos sagrados do antigo Templo. Ele correria o risco de ser morto por soldados turcos, como o cristão que ousou aventurar-se ali sem a proteção de uma cava consular. E, por outro lado, a vergonha de ver o templo de Salomão substituído pela mesquita de Omar seria grande demais. E então, ele teria medo de andar no Santo dos Santos reservado ao sumo sacerdote. Visto que aquele lugar, no pensamento de Israel, embora profanado pelos inimigos do povo de Deus, ainda é consagrado a Jeová. Assim, muitas vezes vemos velhos rabinos assustados e todas as suas rugas se contraírem num tremor de raiva, diante do olhar curioso do estranho.

Você rapidamente percebe que mudou a raça, a religião e a atmosfera moral quando muda do bairro judeu para o bairro muçulmano. Assemelha-se a todos os bazares do Oriente; ruas compridas, pitorescamente sujas, protegidas por esteiras.
Beduínos grandes e magros, de perfil aquilino e pele áspera, podem ser vistos caminhando altivamente com desdenhosa indolência, arrastando atrás de si na poeira seus longos mantos escuros. Você também pode ver mulheres agachadas, com seios caídos, com aparência de animal, e árabes com barbas brancas, lindas como patriarcas. No seu simplismo e na calma majestosa que envolve as suas vidas, como os panos albornoz que envolvem os seus corpos, todos aqueles filhos de Ismael parecem querer dizer: “Passem, judeus e cristãos. — Quem pode dar o batismo melhor do que Deus? É ele quem adoramos." (Alcorão, 11, 132.) «Deus é o único Deus: não há outro Deus senão ele, o Vivo, o Imutável. (Alcorão, 11, 256.) Passem, Judeus e Cristãos! Somos os filhos da tenda. Suas cidades cairão em ruínas e vocês virarão pó. Mas o imenso deserto e a tenda móvel não mudam, assim como Allah não muda. Somos filhos de Alá e do deserto."

O bairro cristão é diferente em todos os sentidos. O mundo judaico e o mundo muçulmano são ambos caracterizados por um sinal único e forte. Pelo contrário, no bairro cristão, tudo, rostos, costumes e monumentos, carrega o carácter não só da diversidade das lutas internas e do trabalho incessante que divide o cristianismo, mas também de uma vida intelectual e moral mais intensa. Na praça do Santo Sepulcro, onde se desce por uma escada como se estivesse num poço, desfilam peregrinos de todos os países do mundo e de todas as igrejas cristãs. Há sacerdotes e

Machine Translated by Google

fiéis passam pelas exposições de objetos sagrados. Os papas gregos distinguem-se pelo seu comportamento autoritário sob os seus grandes chapéus pretos. Eles evidentemente pensam: “Desde os tempos de Bizâncio somos os senhores aqui e não abandonaremos o nosso domínio”.

A fisionomia dos monges e sacerdotes latinos expressa uma vida religiosa ativa, um proselitismo ardente. Esses olhos, alguns dos quais brilham com fé vigilante, outros com vontade imperiosa, proclamam a reivindicação do pontífice de Roma, sucessor de São Pedro e vigário de Jesus Cristo, ao domínio espiritual sobre o mundo.

Aquelas guerras ferozes do passado pela posse da Cidade Santa e as rivalidades febris de hoje têm a sua razão de existir.

Esta razão, de natureza puramente religiosa, resume-se para os cristãos na Via Sacra que atravessa Jerusalém de leste a oeste e sobe da porta de Santo Estêvão ao Santo Sepulcro. Esta rua, estreita e angular, assemelha-se a todas as outras ruas de Jerusalém; mas conventos e capelas indicam as quatorze estações da Via della Croce. Aqui mostramos o traço de uma escada do pretório de Pilatos. Mais adiante fica o convento latino da Flagelação. No bairro turco você vai ver a capela da Coroação de Espinhos. Um pouco mais adiante encontra-se o arco romano do Ecce Homo. Colunas e lajes de mármore indicam os supostos locais das três quedas de Cristo sob seu pesado fardo. Uma coluna quebrada, presa no chão, indica a casa de Santa Verônica.

Assim a tragédia sagrada, de infinita ternura, revive cena a cena e gesto a gesto, no longo caminho que termina no Calvário, transformado em basílica e imensa capela em chamas. Os pontos mais ou menos autênticos deste drama comovente, os símbolos imperfeitos que o recordam, são eles próprios esmagados e mutilados sob o peso das casas ameaçadoras e das ruas escuras. A arte impotente sucumbiu à realidade e ao horror sublime das memórias. As paredes parecem escorrer sangue e chorar lágrimas negras com os séculos mortos e acumulados desta humanidade, sempre culpada, mas inelutavelmente curvada e terna diante do drama da Paixão. Uma capela de dervixes hindus, situada neste percurso, perto do arco do Ecce Homo e do convento das senhoras de Sion, levanta em vão o grito de Alá diante da procissão invisível que sempre passa e repassa, em vão vem do país de Brahma, Vishnu e Siva; é obrigado a juntar-se a este coro de lamentos e a gritar como Pilatos: Ecce Homo!

Aqui está o homem! E aquele homem flagelado, morrendo sob o seu fardo, conquistou todos os deuses!... As nações, portanto, as raças, as igrejas hostis entre si, reúnem-se neste caminho numa dor comum e vêm chorar nestes passos De

Machine Translated by Google

sangue. O fenômeno novo e desconhecido para a humanidade anterior que ali ocorreu é o da Dor transfigurada e de um Homem que se tornou Deus em virtude do martírio e da morte.

Precisamente à noite, a Via Sacra fala ao coração e à mente com uma eloquência penetrante. Quando o sol se põe atrás da cidade alta, quando a sombra do vale de Josafá se eleva em direção a Jerusalém, então os soluços e as canções vêm das abóbadas subterrâneas onde queimam as velas, e, nos terraços altos dos conventos, mulheres nobres vestidas de de bigello e vêm de todas as partes do globo.
Voltam o olhar com inexprimível melancolia para o Monte das Oliveiras, que o sol poente ainda acaricia com um pálido raio dourado. Pois dali Jesus chorou sobre Jerusalém, e dali também veio a sua promessa: “O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não passarão”. Então, sobre os velhos ciprestes e as almas quebradas que povoam a cidade das lágrimas, sente-se um arrepio de morte e esperança que é exclusivo apenas de Jerusalém.

Assim, o mundo judaico, o mundo muçulmano e o mundo cristão vivem lado a lado na Cidade Santa, em três campos hostis, sem se investigarem, sem se compreenderem, desconfiados ou obscuros. Três raças, três religiões, três universos, cada um negando os outros dois. E no entanto a mesma tradição, o mesmo Deus os confirma neste lugar e os mantém ali imóveis; o mesmo túmulo lhes impõe medo, respeito e adoração. No entanto, esta não é a menor das singularidades desta cidade única, nem a menos dolorosa incógnita que ela coloca à mente. O Judaísmo, voltado para o passado, pensa apenas na sua grandeza nacional e sonha sempre com o domínio material do mundo, com a certeza obstinada de uma missão a cumprir. O Islão repousa, imóvel no seu fatalismo e na sua fé, no divino Absoluto. A consciência cristã, absorta no mistério da Dor, do Amor e da Morte, orienta-se, pouco a pouco, para o futuro, para uma renovação da Alma e do Mundo. Qual?

Aqui as seitas, as igrejas, as doutrinas estão divididas. Tudo é disputado e combatido, mas a orientação é a mesma. Segue a palavra e a vida de Cristo.
Que vibre e oscile em todas as tempestades, bússola inquieta, a alma do Ocidente fixa sempre o olhar num ponto da terra ou do céu onde brilha a palavra: Ressurreição!

Será que Jeová, Alá e o Deus triúno dos cristãos, três mundos, serão irreconciliáveis para sempre? Ou seja, surgirá sobre eles uma harmonia primordial, uma síntese futura?

Machine Translated by Google

Visita ao Santo Sepulcro.

Depois de um labirinto de ruas, bazares e postes, desce-se uma escadaria estreita e chega-se a uma pequena praça quadrada, rodeada de igrejas e conventos. Serve de entrada para a Basílica do Santo Sepulcro. Esta praça está sempre cheia de gente e costumes orientais. Jaquetas o culto aqui nunca descansa. Entre estes grupos de abissínios negros com bonés coloridos, maronitas com kaftans amarelos e humildes camponeses russos esfarrapados com bonés de pele, podem-se observar, agachados no chão, vários vendedores de objetos sagrados com os seus mostruários. Há algo para todos os bolsos e sobretudo para os pobres; cruzes de madrepérola e cruzes de madeira preta, rosários de ébano e madeira perfumada. Curiosamente, entre as pedras desgastadas do calçamento, encontram-se troncos de colunas quebradas e ainda não demolidas, vestígios de antigas igrejas agora demolidas. Jerusalém sofreu vinte cercos. Mas as guerras, as invasões, os incêndios destruíram em vão as igrejas do Santo Sepulcro; eles surgiram espontaneamente deste solo banhado em lágrimas como aquelas árvores do Hindustão, cujos galhos caindo se replantam no solo, formam novos tocos e acabam criando uma floresta inextricável.

Quer este monumento cubra ou não o verdadeiro Calvário e o verdadeiro túmulo de Cristo, pouco importa. Este, certamente, é o lugar mais sagrado da terra. Sendo o acontecimento que comemora e que santifica, é aquele que, mais do que qualquer outro, mudou a face do mundo e a essência da alma humana.

Toda a antiga basílica, reconstruída e restaurada após o incêndio de 1805, está encravada entre conventos e outras igrejas que, fechando-a, escondem-na.
A única coisa que se vê é a fachada principal que dá para os fundos da praça e forma o final do cruzeiro sul. Esta simpática fachada cruzada, castanha avermelhada, com pedras lascadas e mutiladas, assemelha-se a uma igreja bizantina com aspecto de fortaleza. A fachada ameada apresenta apenas duas janelas colunadas, encimadas por arquivoltas tão pequenas como frestas. A superfície das arquitraves apresenta baixos-relevos do século XII com um Cristo com nimbo crucífero, todo o simbolismo ingénuo e grotesco da Idade Média, harpias, sereias, pombas e dragões perseguindo-se numa grande árvore. A basílica tem. duas portas românicas. O da direita está murado.
Sob o átrio negro do outro, avistam-se várias luzes brilhando nas profundezas do santuário e de uma névoa de incenso espalha-se um vago murmúrio de cânticos religiosos.

Você entra em um vestíbulo sombrio, de onde pendem centenas de lâmpadas acesas.

Machine Translated by Google

Uma coisa extraordinária chama a atenção: um grande sofá vermelho, do tamanho de uma cama de guarita, mas com a aparência de um trono muito desgastado de um lendário sultão. Três soldados turcos estão ali deitados. Dois deles dormem mono. O outro fuma indolentemente seu cibuc, cujas espirais se misturam às nuvens de incenso. São os guardiões obrigatórios do Santo Sepulcro, que fiscalizam a ordem na porta e no interior da basílica. É sem dúvida alguma humilhação para os cristãos verem-se protegidos pelos emissários do Sultão, especialmente quando se pensa no que este Sultão realiza noutros lugares.
No entanto, é uma sorte que este seja o caso, uma vez que, sem esses guardiões da indiferença desdenhosa, as igrejas cristãs competiriam sob a mira de armas pela posse do santuário. Ismael é um bom guardião, quando tem autoridade suficiente sobre si mesmo; e talvez esta seja a sua tarefa no futuro.

Você dá alguns passos, olha para a direita, para a esquerda, e a princípio se perde numa massa confusa de pórticos, capelas e arcos que se sobrepõem a cavernas escuras cheias de velas errantes, vestes sacerdotais, ladainhas gementes e de um farfalhar contínuo de sombras humanas em fervor febril. Ali convivem dezenove séculos de história cristã e reivindicam o seu lugar junto ao túmulo de Cristo que, para muitas almas, suspendeu o tempo e suprimiu o espaço. Aqui estão as pedras que cobrem os corpos de Godfrey de Bouillon e Baldwin; aqui está a pedra da Unção, onde o corpo de Jesus foi supostamente embalsamado; aqui é o lugar das três Marias; e finalmente, sob a rotunda alta, a capela do Santo Sepulcro.

A primeira vista é uma decepção. Temos cenas do Evangelho em nossa imaginação e esperamos ver um túmulo profundo escavado na rocha.
Em vez disso, vê-se apenas um esbelto e gigantesco pavilhão, encimado por uma espécie de coroa, e quase coberto, de alto a baixo, por lâmpadas prateadas. Desde a época de Constantino, o Grande, a devoção sobrecarregou e adornou este lugar sem sombra de sentido artístico e de elevado simbolismo. Em primeiro lugar, foi cortada a parte da rocha que envolve o túmulo; separando-o do resto, foi transformado num monólito aderido ao solo; então, tudo foi cercado por uma capela quadrilátera de mármore, que hoje se encontra no centro da cúpula, no coração da basílica. Isto produz um efeito contrário à impressão profunda e simples que se buscava; mas dá outra, de estranha grandeza, bárbara e suntuosa ao mesmo tempo. Perguntamo-nos o que significa este pavilhão de colunas retorcidas, coberto por uma rede de candeeiros em forma de casula e ladeado por enormes candelabros, da sua altura, com velas pesadas. O cofto ou mujik que os observa deve considerá-los como candelabros do Apocalipse ou como alabardas de gigante. Ele dirá que este pavilhão

Machine Translated by Google

contém algo precioso, mas completamente incompreensível. O papa que faz vigília na portinha da capela só deixa os peregrinos entrarem um por um.
No interior há um brilho de ícones dourados e lâmpadas acesas.

Os fiéis ajoelham-se diante do mármore branco de uma lápide, esculpida por beijos e contatos. Mas nada que relembre a majestade deste túmulo, nem as cenas místicas que ainda, para milhares de seres espalhados pelo globo, o iluminam com uma claridade imortal. Você sai pela porta oposta e fica impressionado com as devoções fervorosas que se multiplicam pelo local acima de todos os outros santos.

De um lado, os homens em pé e como que hipnotizados; mais longe, peregrinos ajoelhados; mais ainda, mulheres pobres completamente prostradas no chão e sem ousar aproximar-se. Enquanto os monges latinos entoam o serviço religioso de um lado do Santo Sepulcro, os sacerdotes gregos, ansiosos por substituí-los, esperam do outro lado, na soleira da sua basílica. Das dez capelas radiantes, que formam um semicírculo em torno da rainha dos túmulos, cada uma pertence a outra igreja. Por toda parte há cantos, murmúrios, cantos e tudo isso forma uma cacofonia singular. No dos Abissínios, um bispo de capa preta oficia diante de uma multidão aglomerada, murmurando orações. E isto lembra vagamente alguma cena sombria do Santo Ofício.

Em suma, o Santo Sepulcro com a sua basílica parece-me uma gigantesca urna, onde a piedade secular dos povos cristãos fechou o túmulo maravilhoso e o esconde, aglomerando-o no seu zelo tacanho e fanático. É uma piedade infantil, cega, ardente, mas egoísta, onde cada pessoa busca apenas a sua própria salvação, não a de toda a humanidade, nada entendendo do próximo e do irmão, pouco se importando com ele, odiando-o quase porque carrega um diferente o vestido e a sua fé têm uma expressão diferente, invejando-o porque é dono de uma parte maior do santuário.

Da mesma forma que a profunda divisão entre Israel, o Cristianismo e o Islão aparece no Haram-es-sherif, também as discórdias internas do Cristianismo aparecem no Santo Sepulcro. E, no entanto, a pedra sagrada do templo de Jerusalém encerra esse pensamento unitário, tal como o Santo Sepulcro encerra aquela Alma radiante que deve abraçar toda a humanidade. Mas nem esse pensamento nem essa alma emergiram ainda na sua luminosa universalidade.

O Santo Sepulcro é uma Babel dos cultos cristãos, ainda não é a sua Jerusalém.

Machine Translated by Google

A religião que aí reina, e que representa a média dos sacerdócios humanos, é uma religião que substituiu o sentido da ressurreição e da vida, força do cristianismo primitivo, pelo culto da expiação e da morte. Uma civilização que realmente pôs em prática, em todas as direções, estas palavras de Cristo:

"Em verdade te digo que não entrarás no reino dos céus se não nasceres duas vezes", tal civilização teria uma filosofia, uma moral, uma sociologia, uma arte e um culto que ainda não existem. Na verdade, estas palavras não só ainda não foram postas em prática, como também são mal compreendidas. E assim acontece com diversas expressões do mestre divino. Assemelham-se àquelas gotas de orvalho que brilham como se contivessem todo o sol e que, no entanto, nada mais são do que gotículas trêmulas, suspensas na grama dos caminhos.

A sensação de opressão que o Santo Sepulcro proporciona intensifica-se ainda mais no piso superior, na capela da Crucificação, onde um Cristo prateado brilha entre os dois ladrões e onde o alegado buraco da cruz está representado nas costas do altar. Nenhuma imagem evoca a terrível majestade da cena que foi a grande alavanca do Cristianismo.

Em vez disso, descemos à capela de Santa Helena. Este porão é o lugar mais impressionante da basílica. Os degraus largos mergulham sob os pés.
É como mergulhar para ter uma visão sombria de uma prisão estreita e profunda com armadilhas formidáveis. Ao final de trinta passos você se encontra em uma cripta, parcialmente escavada na rocha. Há escuridão quase completa.

No entanto, você pode ver claramente, através dos raios que entram pelas janelas de fenda, as quatro colunas atarracadas, com capitéis bizantinos, que sustentam a abóbada plana. Naquela escuridão pendem lâmpadas imemoriais de metal sólido, com pavios bruxuleantes, e ovos de avestruz, homenagens bizarras de crianças esquecidas do deserto. Sob a umidade e o salitre que exalam das paredes, podem-se ver figuras vagas de santos com halos brilhando. Ali se conta que a Imperatriz Helena tinha o hábito de passar dias inteiros em oração e meditando no mistério da cruz. Sofrer, amar, rezar e esperar, isto é o que o cristianismo aprendeu com a velha humanidade pagã, com a jovem humanidade bárbara.

Mas quem são aqueles fantasmas ajoelhados nos degraus da escada, que não vi ao descer e que, de mãos postas, permanecem ali nos cantos e entre as frestas escuras das paredes? Sombras ou estátuas? Corações de pedra ou de carne? Essas figuras imóveis não dizem nada, não abrem a boca, não estendem as mãos. Filho

Machine Translated by Google

aqueles que já não têm esperança, mas que ainda rezam por hábito; mendigos cobertos de úlceras, paralíticos, aleijados ou miseráveis, afligidos por tais infortúnios, que não ousam mais se mostrar à luz do dia e não gostam de se divertir, exceto no crepúsculo subterrâneo.

Tal lugar foi criado precisamente para nos revelar aquela força particular do Cristianismo que, mais do que qualquer outra religião, foi capaz de descer ao abismo da Dor e da Morte e encontrar nas profundezas da sua amargura o bálsamo das pequenas esperanças imortais. aos poucos o olho vai se acostumando com aquela escuridão e distingue objetos que ainda não tinha visto à primeira vista. No fundo do porão, vejo um buraco negro que leva a uma cripta ainda mais profunda, à capela conhecida como Invenção da Cruz. Diante daquele buraco negro, um velho ajoelhado, dobrado sobre si mesmo, com a cabeça baixa, reza.

O que esta encarnação da miséria humana vem procurar aqui, na caverna do sofrimento, atrás da qual reside o horror indescritível da morte, mais profundo ainda que as torturas da vida? O que está acontecendo nesta ruína humana, neste cérebro exausto, neste coração de velho que quase não bate mais?

Quem poderia dizer isso e quem poderia consolá-lo?... O Cristo... mas o Cristo não está mais lá! Ele não fez nada além de passar pela terra. Este velho deixou de frequentar o culto e não se curva mais diante das vãs relíquias. A voz sonora dos sinos só chega aos seus ouvidos como um tilintar fraco, o canto da basílica não é para ele mais do que um zumbido monótono, o mundo que se agita acima é apenas uma vã fantasmagoria. Este vencido da vida está fechado na sua solidão, diante da outra cripta, mais negra e mais profunda... Mas ele ainda reza!... Então, da abertura alta, um fio opaco de luz distante, um raio azul caiu sobre o velho maltrapilho. Ele ergueu a cabeça, seus lábios se contraíram, um vago sorriso iluminou seu rosto atordoado. Expressou uma resignação sublime. Pareceu-me que o velho abandonado perdoou todos os ricos, todas as pessoas felizes da terra e que entrou... na misteriosa união de todas as almas.

Também ele compreendeu a palavra de Cristo, depois do silêncio supremo e da suprema dispersão: "É o fim?" »

A Mesquita de Omar

O Templo de Jerusalém e sua história.

Esta manhã chegaram as cavas do cônsul francês que eu havia pedido na véspera

Machine Translated by Google

apresentei-me no convento franciscano com dois soldados turcos para me levar à mesquita de Omar. O cavas é um soberbo janízaro, uma espécie de Hércules turco de rosto largo, com um sorriso protetor nos olhos de um tártaro disciplinado.
Agindo como intermediários entre muçulmanos e cristãos, os cavas dos cônsules são aqui considerados homens de alto nível. Mostram-se orgulhosos do poder que exercem e do respeito de que gozam; eles são os donos do lugar. Cavas trocou algumas palavras em árabe com o Padre Philip, venerável ecónomo da Casa Nova.
Sob o pequeno pórtico do convento, tinham o aspecto de dois personagens pintados por Sodoma ou Beccafumi. O monge italiano, muito distinto e muito amável, despediu-me com um sorriso indulgente nos lábios inchados, sob as clareiras cinzentas da sua barba de apóstolo. Esse sorriso dizia:

«Eu realmente não iria fazer minha oração matinal em uma mesquita! » A face triunfante do Tártaro proclamou o contrário: «Alá envia-nos infiéis para nos fornecer um bom bakshish. Monges e incrédulos, vocês são nossos servos.
Glória a Allah! ».

Descemos pelas ruas estreitas do bairro muçulmano. Sob a cobertura de um bazar escuro, encontrei um velho rabino de rosto macilento.
Ao ver o janízaro ele entendeu que eu estava indo para a mesquita de Omar, ou seja, na área do templo de Salomão. Ele me lançou um olhar irado de desejo e culpa que significava: «Tu, filho daqueles que destruíram o templo de Jeová, vai ver o lugar santo, enquanto eu, filho de Israel, só tenho o direito de chorar no muro de Davi." Passámos pela torre Antónia, uma tosca construção romana que emerge de um amontoado de casas e se transforma num quartel turco, onde se diz que Pilatos julgou Cristo. No momento em que íamos entrar no Haram, no início da estrada escura, pela porta gradeada, um rapaz norte-africano lançou-me uma maldição com o gesto de quem atira uma pedra. Os muçulmanos consideram este lugar o mais sagrado dos seus santuários depois de Meca e os fanáticos sempre desaprovam o infiel que os profana com a sua presença.

Quantos ciúmes, quantas paixões, quantos ódios em torno do santuário de Jeová!
Por que as almas obscurecidas se destroem no limiar do templo do Eterno, precisamente onde todas deveriam se encontrar? Mas estas mesmas paixões, fomentadas por três mil anos de lutas religiosas que ainda não cessaram, comprovam a atracção mística do lugar que os muçulmanos chamaram acertadamente de Haram-es-sherif, o recinto sagrado. É igualmente sagrado para as três grandes religiões que fizeram a história recente. Aqui está o santuário de Israel, do qual o Cristianismo e o Islamismo são

Machine Translated by Google

dois ramos. E se as antigas profecias se cumprirem, este recinto será também o lugar da sua reconciliação e trará num dia distante os antigos e novos símbolos da religião universal.

Partimos do portão sombrio, onde as sentinelas turcas vigiam, na vasta planície que forma o canto sudeste de Jerusalém. Este retângulo tem 500 metros de comprimento e 300 metros de largura; retrata exatamente o perigo do antigo templo de Herodes. É um deserto branco, onde margaridas, nascentes e ervas brotam entre as desgastadas pedras do calçamento. O cemitério sagrado tornou-se uma pradaria melancólica. Aqui e ali, mirhabs de mármore, troncos de colunas, arcos triunfais mutilados e capelas muçulmanas, graciosas cúpulas rodeadas por esbeltas colunas. Mais ao longe, a bacia de uma fonte e alguns ciprestes centenários. Seus troncos cinzentos têm aparência de cadáveres, mas seu funeral verde, sempre opulento, abriga centenas de pombas, como aquelas religiões antigas que não querem morrer e ainda servem de refúgio para milhares de almas. No meio desta grande praça, num terraço elevado, ao qual se acede por grandes escadas, ergue-se, como uma rainha solitária, a mesquita de Omar, de forma octogonal, com o seu cinturão de janelas pontiagudas, o seu tambor de azul brilhante e o cúpula sombria encimada por um crescente dourado. À medida que o olhar se fixa na maravilha elegante, que parece um palácio de Aladim evocado magicamente de dentro das ruínas, a tristeza sombria que o Haram-es-sherif inicialmente inspira dá lugar a uma serenidade majestosa.

O olhar gira em torno do imenso lugar, e o contraste entre a bela mesquita e a desolação circundante torna-se mais nítido ao avistar o recinto de aparência bárbara e inculta. A leste e a sul, a alta muralha da cidade fecha o pátio com a sua linha enegrecida de ameias pontiagudas. Do outro lado, esse muro desce até os vales de Josafá e Hinom. A poente e a norte há duas filas intermináveis de casas sórdidas, em ruínas, sem portas e com treliças para janelas.

Antigas casas de cruzados ou sarracenos, amontoam-se a esmo no antigo recinto de Salomão e no pretório romano de onde se avistam as grandes sedes, e com esses restos nada mais formam do que um sinistro emaranhado de casebres.

É como ver os cubículos de uma soldadesca fantástica, uma espécie de quartel das nações, onde os miseráveis e os soldados de todos os séculos poderiam ser encerrados. E agora, há mais de mil anos, eles olham através das barras de ferro de sua prisão para a maravilhosa mesquita, o templo de Alá, que brilha ao sol com reflexos turquesa e esmeralda. De vez em quando interrompem suas brincadeiras e brigas para devorá-la com olhos injetados de sangue e lágrimas! —Mas o pátio está fechado e o templo inacessível.

Machine Translated by Google

Sunt lacrimae rerum. Há em tudo isto uma lógica profunda da história, uma imagem vívida do estado actual da humanidade e, talvez, um sentido secreto do futuro. Maldições e orações, hinos sagrados e gritos de morte são exalados deste solo. Povos e reis contestaram-no, acreditando que a sua posse lhes daria o império do mundo e a entrada para o céu. Um viajante contemporâneo, que conduziu a sua alma como um cético sensível e desesperado por todo o mundo, Pierre Loti, chamou poeticamente o Haram-es-sherif de "o coração silencioso de Jerusalém". Mas é um coração que ainda treme de ódio e de amor. Aqui as pedras emanam pensamentos eternos. Quaisquer que sejam os crimes e as paixões que assolaram dentro destas paredes, são obra de um esforço generoso, o mais espiritualista, o mais audacioso e o mais extenso que já existiu; já que seu objetivo era a unidade humana dominad

Na verdade, quando você pensa na grandeza dos acontecimentos que aqui aconteceram, na ideia que este santuário representa diante do mundo, onde os iniciados do Egito e da Caldéia se encontraram com os profetas de Israel, quando você pensa que este o templo realizou para o passado, como idealmente reserva para o futuro, o equilíbrio entre Oriente e Ocidente, o cetro dos reis da justiça e a tiara dos pontífices do Espírito; — quando, por outro lado, olhamos para o estado da humanidade hoje, quando observamos o caos do Oriente e a barbárie científica do Ocidente, as divisões do Cristianismo, o materialismo radical dos seus líderes intelectuais, a profunda o agnosticismo dos seus sacerdotes, a indiferença céptica dos seus alegados sábios e o empirismo anárquico dos seus governos - então sentimo-nos gratos aos filhos de Ismael e aos discípulos de Maomé, que zelam por este lugar como se fosse uma reserva sagrada e não não nos permite chegar perto. Com a sua estreiteza de espírito e a sua rivalidade, as Igrejas Grega e Romana construíram aqui basílicas cheias de adornos e capelas devotas. Só o Islão poderia preservar a solidão selvagem deste lugar e o seu carácter de Absoluto, que é simultaneamente um protesto, um testemunho e uma promessa.

Acompanhado pelo janízaro, subi ao terraço com escadas suavemente inclinadas e contornei a soberba mesquita octogonal. Ao se aproximar, você admira a gradação de tons ricos e discretos de sua cobertura de majólica que desenham mosaicos habilidosos em seu turbante. Dos quatro lados do terraço a vista abrange toda a extensão do Haram. Já Rhyme, com uma túnica preta e branca, espera-nos sob o grande átrio para nos mostrar o interior do templo, ainda mais maravilhoso, dizem, do que a sua cobertura iridescente. Mas, antes de entrar, paro e desço a escada, para sentar num banco que não é de mármore

Machine Translated by Google

longe da mesquita El-Aksà, aquela utilizada para o culto, sendo a mesquita de Omar nada mais que um monumento comemorativo. Meus olhos ficam fascinados pelas lajes brancas, esmaltadas de flores, da grande praça que brilha ao sol de março, e não conseguem desviar-se. Pois a magia das memórias antigas emana dessas pedras, ela flutua naquela atmosfera silenciosa – e eis que as grandes cenas da história que aqui se desenrolaram surgem diante de mim em visões rápidas.

Muito antes de Moisés, quando os Ibrim ou Judeus ainda não eram tribos dispersas nas estepes da Ásia, na época dos patriarcas nómadas e monoteístas do deserto, a quem a Bíblia designa com o nome de Abraão, o Monte Moriá onde estamos, é já era um lugar santo, um "lugar alto", consagrado ao Deus supremo. Mas então não havia terraço, nem cidade, nem templo. Uma montanha nua emerge das ravinas selvagens; uma plataforma rochosa a coroa; esta colina é protegida por um círculo de pedras desgastadas semelhantes ao kromlek celta. No recinto sagrado, tendas, rebanhos, uma tribo acampada. Na parte mais alta da rocha formando uma eira, um patriarca em pé oferece o sacrifício de fogo com os primeiros frutos do ano, brotos de videira e trigo, a Elohim ou El-Helion. Ele é Meichizedech, o primeiro rei de Jerusalém, um rei de justiça a quem Abraão presta homenagem, como um superior com quem se comunica sob as espécies do pão e do vinho e de quem recebe a bênção.

Estes dois versículos da Bíblia atestam isso: «Melquisedeque, rei de Salém, trouxe pão e vinho e foi um sacrificador ao Deus Todo-Poderoso. —E abençoou Abraão, dizendo: Bendito seja Abraão do Deus Todo-Poderoso, senhor dos céus e da terra. (Gênesis, xiv, 18 e 19.) Precisamente nesta rocha do Monte Moriá, Salomão construiu seu templo e hoje fica a mesquita de Omar, que em árabe é chamada de Kubbel-es-Sakrah, ou a cúpula da pedra.

Tradições místicas, profecias antigas, estão ligadas a esta pedra simbólica. Segundo os rabinos do Talmud, é marcado pelo Nome inefável. Para eles é a pedra fundamental e o centro do mundo: Ebeti Sciatiyah. Igual veneração, iguais profecias entre os muçulmanos, segundo a história árabe de Djel-al-ed-Din: «Tu és o meu trono, disse o Deus do Islão a Sakrah, tu estás ao meu lado, tu és o alicerce sobre o qual elevei o céus e sob os quais estendi a terra.,. Todos os filhos dos homens se reunirão sobre ti, e de ti ressuscitarão dentre os mortos".

Séculos se passaram desde a época dos patriarcas. O Monte Moria tornou-se uma espécie de fortaleza situada no meio de uma cidade. A plataforma carrega uma estrutura muito semelhante, em geral, aos templos egípcios. Um magnífico telhado de cedro com moldura dourada cobre este tabernáculo de pórfiro. Com o seu

Machine Translated by Google

Perímetro quadrado de pórticos e baluartes, a fortaleza sagrada ergue seu esplêndido templo como oferenda ao Eterno. A imponente cidade, ela própria coroada pela fortaleza de David, desdobra-se para oeste. Uma imensa população aglomera-se nas ruas e acompanha uma procissão real que sobe em direção ao templo. Nos terraços das casas, as filhas de Israel cantam salmos enquanto agitam as palmas. Eles cumprimentam o rei Salomão, seguido pelos oficiais de sua casa e pelos deputados de Israel.
Quando a arca aparece no cemitério, as trombetas soam. Entre as duas colunas de bronze, à entrada do tabernáculo, o sumo sacerdote, vestido com o éfode púrpura e carmesim, com o peitoral onde brilham as doze pedras preciosas que recordam as doze tribos de Israel e os doze Elohim, poderes de Yahweh, dá as boas-vindas ao desfile.
A arca dourada é colocada pelos levitas no Santo do templo, entre o castiçal de sete braços e o altar do incenso. Então, o sumo sacerdote a carrega por trás do véu de linho torcido de jacinto e púrpura, para o Santo dos Santos (já que só ele tem o direito de entrar lá) e a coloca sob as asas gigantescas das duas colossais esfinges, chamadas Querubins. , esculpido em madeira de oliveira e inteiramente coberto com folha de ouro.

Então o rei Salomão, depois da consagração do templo, dirige-se ao povo e invoca o Deus de Israel numa longa oração que termina com estas palavras: «Ouve o estrangeiro que aqui te invoca, para que todos os povos da terra possam sei o seu nome".

O que estas pessoas, este templo e esta arca significam na história universal?

Na capela central do santuário de Abidos, no Alto Egito, construída por Seti I, pai do grande Ramsés, e consagrada a Osíris cerca de um século antes de Moisés, pode-se ver um barco pintado no estuque da parede. Carrega uma arca alta semelhante a um pequeno templo, encimada pelo sol alado da vida eterna. Lótus em botão e flor ficam ou se curvam nas bordas do navio. Ísis, a Alma do Mundo, a Luz inteligente e inteligível, segura o leme; seu filho Gold, a Palavra viva, vigia na proa. É o barco das almas conduzido pelos deuses, vagando pelas águas celestiais da Via Láctea. Para os sacerdotes egípcios e seus iniciados, a Arca simbolizava a cidade divina, Heliópolis, o planeta espiritual iluminado pelo sol divino, onde desembarcam as almas glorificadas após sua jornada cosmogônica.

Guiados pelos deuses, que são os raios de Osíris, contêm os princípios soberanos, as Ideias Mães, as Leis eternas que regem os mundos e suas humanidades e consequentemente as raças humanas, as nações e as cidades. Treze séculos depois, o Vidente de Patmos chamará esta cidade divina de Jerusalém celestial. Olha Você aqui

Machine Translated by Google

porque Osíris diz, no Livro dos Mortos (cap. i, livro ix): «Eu sou o grande Princípio da Obra que repousa na Arca sagrada, no suporte». É por isso que, mesmo na cela de cada templo egípcio, havia uma arca feita de madeira de palmeira, contendo os livros sagrados de Hermes sobre as ciências humanas e divinas, mantidas em segredo dos profanos. Nas grandes cerimônias, esta arca era transportada com pompa pelo templo. Os sumos sacerdotes e os faraós sabiam de tudo isso e, quando se mostraram dignos da iniciação que haviam recebido, governaram de acordo, deixando o povo profano adorar ídolos de pedra, crocodilos sagrados e o boi Ápis.

A Arca dos príncipes vivia escondida no templo e só era compreendida por um pequeno número.

Aqui Moisés, iniciado nos templos egípcios, teve a ideia de reunir um grupo de tribos judaicas rudes, mas honestas, no país de Gósen, atentos às tradições nobres e independentes dos patriarcas. Ele resolveu fazer daquele obstinado Ibrim, a quem os faraós tratavam como escravos, o povo de Israel, isto é, o representante, em toda a terra, do Deus único, daquele mesmo Osíris intangível e informe que os iniciados do Egito adoravam. no segredo dos templos. Quarenta anos de estudos, meditações e disciplina, o espetáculo da idolatria universal e uma vocação especial o impulsionam a isso. Um Elohim, um raio de Elohai, falou com ele na forma de um anjo de fogo na sarça ardente do Sinai – e impôs-lhe a sua terrível missão. Quando conduziu seu povo para o deserto, ele construiu uma arca portátil protegida por uma tenda móvel chamada Tabernáculo. Duas esfinges douradas, chamadas Querubins, sentadas sobre a sua tampa, olham uma para a outra e protegem-na com as asas estendidas. Contém as Tábuas da Lei e o Livro dos princípios cosmogônicos, os dez primeiros capítulos do Gênesis, escritos em hieróglifos, na língua sagrada dos templos, livro que mais tarde será traduzido em caracteres hebraicos e caldeus por Esdras e os médicos. da primeira sinagoga, que, dos seus três significados, incluirá apenas dois ou apenas um!-'). Esta arca portátil, colocada no Tabernáculo móvel, é a de Osíris, animada pelos mesmos princípios, mas transformada pelo génio de Moisés e adaptada à sua nova finalidade. Aqui está o atanor do Deus vivo, sinal da sua presença entre este povo nómada. Mas a arca não seria nada se Moisés não tivesse construído em torno dela um templo vivo, feito de inteligências, almas e vontades humanas.

Agora, entre o conselho de Anciãos que governam a tribo, de acordo com a antiga tradição judaica, ele escolheu um conselho de setenta iniciados aos quais

Machine Translated by Google

contará com a tradição oral, sem a qual os mistérios do livro permanecem incompreensíveis. (Números, xi, 16, 17 e 25.)

Este conselho pretende servir como intermediário e moderador entre os Anciãos e a casta de sacerdotes que oficiam no Tabernáculo e guardam a arca. Estão na origem das escolas dos profetas, que durarão oito séculos, passando pela era dos Juízes e Reis até a época de Cristo. O que Moisés estabeleceu não foi, portanto, uma tirania sacerdotal, mas um governo de três poderes, onde o conselho dos Anciãos e a autoridade dos sacerdotes são equilibrados e dirigidos por um conselho de iniciados e profetas. Aqui está o templo vivo, o templo a caminho de conquistar a humanidade e do qual a Arca nada mais é do que um símbolo. Moisés satura este templo de carne, alma e espírito com uma vontade de ferro, liderando os seus rebeldes Ibrini através do deserto durante quarenta anos.

Nada o detém, nada o assusta, nem a anarquia que levanta as mil cabeças de víboras, nem o relâmpago que o envolve no tabernáculo. Pois o fogo divino de uma meta universal o possui e o torna invulnerável.

A crítica moderna chamou toda a obra e o caráter de Moisés de lendários. Porque o seu legado escrito sofreu, como a maioria das tradições religiosas, uma série de sucessivas redacções e deformações, porque o seu legado oral e o seu trabalho social não foram transmitidos excepto de forma imperfeita, chegou ao ponto de negar a existência do fundador de Israel - como se uma ideia pudesse ser encarnada num povo sem um iniciador para inculcá-la, como se uma nação pudesse nascer sem um líder para moldá-la, como se um vaso pudesse ser arredondado e escavado sem a mão que molda o barro. O estabelecimento do povo judeu sem Moisés seria de fato um milagre ainda mais surpreendente e mais inexplicável do que o relâmpago do Sinai, a coluna de fogo no tabernáculo da designação e os milhões de santos que apareceram aos setenta na luz de Jeová. .

Consequência da obra de Moisés, quatro séculos depois, a consagração do templo de Salomão no Monte Moriá, em Jerusalém, marca portanto o ponto culminante da história de Israel, mas também precede o declínio da nação e dos seus líderes. É uma poderosa realização visível e material; brilhará como um farol glorioso na imaginação do povo e no caos dos séculos anárquicos. Mas é também uma redução da ideia. O tabernáculo de Moisés tornou-se um templo de pedra, cedro e ouro. A arca sempre repousa no Santo dos Santos, mas não contém mais nada além do Decálogo. O livro misterioso, o Livro dos Princípios, o Gênesis, guardado pelos profetas, não será compreendido tão cedo se

Machine Translated by Google

não por alguns. A realeza soberana que sucede aos Juízes já distorceu o princípio do governo Mosaico. As escolas dos profetas que a representam ainda precisarão de muito esforço para combater a idolatria popular, a anarquia dos Anciãos e a tirania dos reis. O cisma que dividirá Judá e Israel em duas partes está se aproximando. A ideia universal de Moisés é ofuscada, a ideia tacanha e nacional assume o controle. O touro da Assíria espera o momento em que poderá pisotear os dois Querubins e a Arca de ouro.

Em breve Senaqueribe sitiará Jerusalém e saqueará o templo; Nabucodonosor a destruirá de cima a baixo e, com uma crueldade nunca vista em toda a história, transportará as doze tribos para as margens do Eufrates. Embora a alma judaica se desenvolva neste exílio e faça florescer as obras imortais dos profetas literários, embora com a permissão de Ciro Zorobabel restaure o templo, a existência nacional de Israel e a sua missão salvadora na história parecem comprometidas para sempre. O povo de Deus já caiu sob o domínio dos sucessores de Alexandre. Os fariseus que olham para trás sonham com uma restauração do reino de Davi e de Salomão, enquanto os últimos profetas anunciam o Messias da justiça e da dor que Moisés, morrendo, profetizou do alto do monte Nebo, de frente para a terra de Canaã, oito séculos antes

sua vinda.

Mais uma vez o Monte Moria mudou de aparência. Já não é o templo de Salomão, mas sim o templo de Herodes, maior, mais suntuoso e imponente de modo que deslumbra todos os pagãos. Rodeado por magníficos pátios, com quatro pórticos com duplas filas de colunas, dispostos em terraços escalonados, que parecem dar continuidade à arquitectura da montanha, brilha, nas quatro faces, com um revestimento de mármore. Suas pequenas torres e seu teto dourado brilham sobre a movimentada colméia de Jerusalém e sobre o vale de Josafá, povoado de tumbas de reis e profetas. Parece a Arca dourada de Moisés ampliada e colossal. E, no entanto, este esplendor não é mais senão um refúgio de fanatismo e superstição, um testemunho de servidão. O bramido dos animais sacrificados que dura de manhã à noite, o vapor acre da carne queimada, o rosto sombrio dos doutores da Lei, os rostos inquietos e desconfiados dos ricos fariseus, dizem o suficiente sobre o que esta religião se tornou.

Não só a Judeia se tornou uma província romana, governada pelo temível e cruel Herodes, que, por medo, massacrou toda a sua família, o verdadeiro sultão vermelho do seu tempo;

mas o povo também perdeu toda a consciência da sua missão na pessoa das suas autoridades religiosas. Assim começa o abutre do cesarismo romano

Machine Translated by Google

desmembrar a nação. Está ali perto, instalado na torre Antônia, espionando suas presas.

No pátio do templo, às vezes era visto aparecer um personagem estranho que não se parecia com ninguém. Veio do Monte das Oliveiras, atravessou a ravina de Cedron e subiu a íngreme subida até a Porta Dourada. Daquela popa profunda, cortada na espessura do muro de Jerusalém, ele podia ser visto emergindo no recinto sagrado, próximo ao pórtico de Salomão. Uma pequena procissão a acompanhou. Ele não tinha outra insígnia além da túnica branca dos essênios e dos longos cabelos "sobre os quais o ferro nunca havia passado", os cabelos daqueles devotados desde a infância ao Senhor e chamados nazireus. Testa grande e convexa devido ao hábito de meditar; uma alta figura ascética de infinita doçura; olhos imensos, olhos de vidente, extáticos e penetrantes. Cheios de uma luz dourada, luz de outro mundo, aqueles olhos passavam pelos homens de um lado para o outro. Quando eles o envolveram em amor, você não conseguiu mais se separar deles; quando ardiam de indignação, não podiam ser apoiados; mas aqueles que viram uma lágrima de piedade cair de suas órbitas oculares radiantes foram consolados para sempre em virtude de uma lágrima daqueles olhos. Portanto, como os seus discípulos o ouviram! Em sua procissão havia um grupo de pessoas pobres e tímidas que o seguiam de longe com atitudes humildes e apaixonadas. Eram os enfermos que ele curou com a imposição das mãos ou com o simples contato. Eles tinham fé nele ainda mais do que seus próprios discípulos e não o perderam de vista.

Depois de ter pregado o Evangelho do reino de Deus na Galileia, este homem tinha vindo àquele templo para contar a sua mensagem divina a todos os filhos de Israel, aos doutores da Lei, aos escribas e aos fariseus. E foi precisamente enquanto caminhava sob aqueles pórticos e naquele pátio que ele ensinou as suas parábolas, escolhendo os seus exemplos nos acontecimentos que aconteciam diante dos seus olhos. Lá ele glorificou o dinheiro da viúva, perdoou a mulher adúltera e expulsou os mercadores do templo. Ele tinha apenas alguns fiéis e muitos inimigos. Os fariseus chamavam-no de “o galileu”, o povo chamava-o de “o Messias”, ele próprio chamava-se “o Filho do homem”, os seus discípulos deram-lhe o apelido de “Filho de Deus”.

O que esse apelido significa? Onde Jesus de Nazaré conseguiu sua missão e seu poder?

Ele não tinha contado a ninguém. A gênese do seu pensamento permaneceu profundamente enterrada dentro dele. Seus ensinamentos e suas ações,

Machine Translated by Google

esta foi a revelação que ele ofereceu ao mundo. Sua própria revelação foi o mistério de sua alma selado para sempre. Mas este mistério irradiava-se por toda a sua pessoa e por toda a sua vida.

Desde a infância, viveu a contemporaneidade

mente neste mundo e em outro. Visões sublimes o envolviam incessantemente, estradas desconhecidas dos mortais se abriam para o infinito. Um dia, na sua adolescência, durante um êxtase, entre as montanhas azuis da Galiléia, entre os lírios brancos com corações negros que florescem entre as ervas mais altas do homem, ele viu isso chegando até ele, das profundezas do tempo e do espaço inescrutáveis, uma estrela maravilhosa.

À medida que se aproximava e aumentava, a estrela tornou-se um imenso sol. No centro estava uma figura humana, colossal e deslumbrante. Ela tinha a majestade do Rei dos reis, casada tão bem com a doçura da Mulher eterna, que era Homem por fora e Mulher por dentro. Os raios daquele sol incandescente foram milhões de seres angélicos que se projetaram no espaço para voltarem a mergulhar em seu círculo de fogo.

Foi a visão conhecida pelos mais raros profetas sob o nome de Adonai, a visão do Senhor, através da qual os poderes invisíveis traduzem e manifestam ao vidente o Inexprimível, a Força original sem forma e sem nome, o Eterno Masculino unido ao Eterno Feminino. , imagem do Verbo criador de todas as almas e de todos os homens, em todos os mundos e em todos os tempos.

A visão chegou ainda mais perto e foi um furacão de luz como um relâmpago. Por um instante o adolescente sentiu-se reabsorvido pelo olhar de Adonai. Então, unido a ele numa alegria inefável, perdeu todo o conhecimento terreno. Ao acordar, tornou-se novamente o Filho do Homem em carne e osso, na terra perversa que devia salvar. No seu rapto, pareceu-lhe que o sol de Adonai reentrou, com distância insensível, no Inescrutável, de onde viera e ali submergiu como uma pequena estrela. Mas algo lhe dizia que aquele sol era a sua pátria e que, antes de nascer entre os homens, já havia bebido daquela luz celestial.

Duas ou três vezes na sua vida, durante o seu retiro de dez anos entre os essénios, em Engaddi, acima do Mar Morto, no terrível deserto das montanhas da Judeia, a visão deslumbrante reapareceu. E, todas as vezes, ele conseguiu

Machine Translated by Google

armado com força sobre-humana. Como ele poderia ter falado de um mistério tão inefável para alguém? Quem teria entendido isso? Quem o teria ouvido sem chamá-lo de blasfemador? Oh! aquele sol interior e transcendente era para ele o coração do mundo, a realidade suprema, mais verdadeira, mais real que todas aquelas montanhas e todas aquelas cidades! Era o seu sol de Ammon-Ra, a sua arca dourada, o seu templo vivo! O que os templos de mármore e a nuvem de incensários poderiam inspirá-lo depois disso? Teria desejado conduzir todos os homens a uma felicidade semelhante, pela imensa fé e pelo imenso amor que isso lhe inspirara. Sonhava fazer de todos os homens um templo vivo e fraterno. Por isso, quando disse: “Meu Pai está nos céus”, seus olhos se dilataram, os homens levantaram a cabeça e as mulheres baixaram as pálpebras trêmulas. Mas ele também sabia que era necessária uma ação sem precedentes para infundir alguns raios dela na alma deprimida de Israel, governada por Herodes, e na alma corrupta da terra, governada pela loba romana e pelo sanguinário César. Ele sabia muito bem que precisava morrer para ressuscitar o mundo com ele. Ele sabia disso... desde a noite terrível no deserto de Engaddi, que os evangelistas relataram como uma tentação e na qual ele sentiu que se tornara o Messias. Mesmo então ele tinha visto... a cruz chegando! Agora a visão sinistra estava prestes a se tornar realidade, a hora decisiva havia chegado.

Naquele dia ocorreu uma violenta disputa entre Jesus e os fariseus. Sua morte já havia sido decretada no Sinédrio. Os emissários encarregados de espioná-lo tentaram extrair dele uma blasfêmia suficiente para condená-lo.

Ao penetrar nas suas intenções e nos seus pensamentos mais íntimos, ele desvendou as suas armadilhas e respondeu às insidiosas piadas dos doutores da Lei com expressões claras, provenientes dos segredos inacessíveis do seu pensamento, mas irradiando uma luz inesperada acima de tudo. Ele então os reduziu ao silêncio e os atacou num discurso de majestade veemente, chamando-os de “hipócritas e uma raça de víboras”.

Naquele momento soaram as trombetas sagradas dos levitas sob o anteporto do templo.

Anunciaram o fim do dia, o momento da oração do sumo sacerdote no Santo dos Santos.

Os búzios estridentes dos legionários responderam a você da torre Antônia com uma fanfarra semelhante ao grito acre de uma monstruosa ave de rapina. E, igual a um mar

Machine Translated by Google

agitado, o povo retornou do pátio do templo, pela grande escadaria, em direção ao pátio das mulheres e aos pórticos do recinto. O sol estava se pondo atrás da massa negra das torres de Herodes; sua luz moribunda iluminava o templo de mármore tão branco quanto a neve do Líbano e fazia brilhar seu telhado dourado.

Mais uma vez as trombetas soaram; o templo estava prestes a fechar.

Mas os dois grupos inimigos estavam sempre frente a frente; de um lado, Jesus rodeado de discípulos inquietos; do outro, os fariseus pálidos de raiva, de braços cruzados, que se consultavam para uma flecha final. De repente, um deles, exasperado, com ódio nos lábios, o olhar cheio de desafio, avançou em direção ao Galileu e, apontando para o magnífico edifício que resplandecia em todo o seu esplendor, exclamou:

—E o que você fará com este templo?

Ao ouvir estas palavras, Jesus sentiu a onda da sua vida fluir do seu coração para os seus lábios. Ele viu, resumido na expressão daquele rosto humano, o que o templo de Jeová se tinha tornado: uma arca de egoísmo, ódio e opressão sacerdotal.
Viu também o templo do amor e da alegria que gostaria de construir com a ajuda de todos os homens de boa vontade. Ele viu atrás de si todos os profetas de Israel e de outros povos, os sábios, os videntes, os filhos de Deus, aqueles que construíram templos e religiões com séculos de oração, meditação e heroísmo.
Todos lhe pediram o holocausto de sua vida para redimir o romanismo...

Então o essênio, o nazireu da Galiléia, com seus longos cabelos caindo sobre os ombros, pareceu brilhar e subir um côvado. Silenciosamente ele ergueu o dedo para o céu e respondeu:

— Em três dias posso destruí-lo e reconstruí-lo. Em verdade vos digo que não ficará pedra sobre pedra!

Depois, por parte do grupo de fariseus, houve uma explosão de sarcasmo, protestos e risos que continuaram como um grande grito de triunfo. O seu objetivo foi alcançado: eles tinham a palavra que o Sinédrio precisava para condenar o profeta da Galileia. — Mas Jesus saiu lentamente do pátio do templo, baixando a cabeça pesada de pensamentos e seguido por seus discípulos aterrorizados.

Poucos minutos depois, de uma pequena janela feita no muro de Jerusalém, ao longo do pórtico de Salomão, e que dava para a sombria ravina de Josafá, já envolta em trevas, podiam-se ver perfis rabínicos desenhados e

Machine Translated by Google

braços ameaçadores estendidos sobre o vale da Sombra da Morte. Eles eram alguns membros do Sinédrio. Seguiam com olhar atento o grupo de discípulos que atravessava a torrente de Cedrom, lá embaixo, no fundo do abismo... e a túnica branca do profeta que se perdeu sob as oliveiras negras do Getsêmani.

O que aconteceu a seguir está escrito nos Evangelhos e nos Atos dos Apóstolos; toda criança sabe disso: Jesus crucificado; Paulo, seu perseguidor, caiu do cavalo no caminho de Damasco, converteu-se pela luz e pela voz de Cristo e tornou-se apóstolo dos gentios. — Mas vamos acompanhar a história do templo e lembrar como os acontecimentos confirmaram a profecia de Galileu.

Quarenta anos depois, a nação judaica estava no seu fim e, mais uma vez, rebelou-se contra o jugo romano com os zelotes. Tito sitiou a Cidade Santa e forçou os últimos defensores de Jerusalém a se entrincheirarem no recinto do templo para uma luta suprema. Logo os carneiros atacaram os portões de Jeová. Os judeus defenderam-se com fúria heróica. Eles se mataram no pátio dos gentios; eles cortaram suas gargantas no Tribunal das Mulheres. Da balaustrada de Nicanor aos pórticos do recinto, o sangue corria em torrentes pelas escadas de mármore.

Finalmente, um soldado romano lançou uma tocha acesa de uma das janelas abertas do edifício sagrado, onde centenas de judeus e os últimos soldados se aglomeravam.

O revestimento de cedro pegou fogo; todo o interior brilhou.

Sob o brilho intenso do fogo, os legionários plantaram suas águias diante dos antiportos de entrada e proclamaram Tito imperador nas ruínas do templo de Jeová. Aqueles que se refugiaram dentro de suas paredes foram mortos à espada antes que a chama pudesse alcançá-los. Milhares de judeus escondidos no porão morreram de fome. Isso só pôde ser constatado quando a fonte de Siloé, alimentada pelas cisternas do Monte Moriá, começou a vomitar cadáveres no leito de Khedron.

E esta não é a única confirmação da profecia de Cristo a respeito do templo de Jerusalém, nem talvez a mais impressionante. O que aconteceu no século IV da nossa era, sob o reinado do imperador Juliano, é certamente ainda mais singular e estranho. Constantino proclamou o Cristianismo em todo o Império. Seu sucessor, Juliano, acreditava que poderia restabelecer o paganismo.
Apesar de sua mente incompleta, Giuliano também é uma grande figura. Menos sábio que Marco Aurélio, mas mais ardente e mais heróico que ele, foi permeado por um puro entusiasmo pela beleza do helenismo e quis conquistar ou

Machine Translated by Google

morrer por seus deuses. iniciado na filosofia alexandrina, ele era intelectualmente muito superior à maioria dos cristãos do seu tempo, e talvez tenha apresentado aquela vasta síntese do helenismo e do cristianismo que se tornou o sonho dos tempos modernos. Seu erro foi chegar cedo demais; e também compreender mal a grandeza de Cristo, o seu poder de fraternidade humana, a força do amor em virtude da qual ele ressuscitou e ressuscitou o mundo. Aqueles que vão contra a lógica profunda da humanidade e os poderes providenciais que a dirigem podem ser almas nobres e grandes heróis, dignos da nossa admiração e simpatia, mas inevitavelmente sucumbem. Juliano não perseguiu os cristãos com fogos e feras, mas com provisões refinadas.

Por exemplo, ele proibiu sacerdotes e médicos cristãos de ensinar literatura pagã, dizendo que não poderiam fazê-lo com sinceridade, o que os irritou muito. A sua ideia mais original era reconstruir o templo de Jerusalém e fazer dos judeus o culto nacional de Jeová, a fim de negar a profecia de Cristo. Ele dedicou uma quantia considerável a esta obra de restauração e decretou o início da obra. A terra foi libertada de ruínas, a terra foi escavada; mas, quando quiseram lançar os alicerces, imediatamente irromperam incêndios na rocha e mataram um grande número de trabalhadores. Os outros se recusaram a continuar. Se este fato nos fosse relatado por historiadores eclesiásticos, teríamos motivos para considerá-lo uma lenda; mas é relatado por Amiano Marcelino, historiógrafo de Juliano e seu apaixonado admirador, como ele, um grande partidário da religião helênica contra os cristãos.

Alguns anos depois, Sozomen escreveu: «Se alguém considera esta história improvável, confie nos testemunhos dos homens que a ouviram de testemunhas oculares e que ainda hoje estão vivos, pergunte aos judeus e aos pagãos que abandonaram a sua obra inacabada , ou melhor, que eles nem foram capazes de iniciá-lo."

Giuliano, porém, não era homem que se assustasse com um assunto tão pequeno. Ele havia declarado guerra a Galileu. Como um verdadeiro herói, para atingir seu objetivo, ele não teria recuado mesmo diante das forças da terra e do céu que conspiravam contra ele. No momento em que recebeu esta notícia, em Antioquia, estava prestes a partir para a guerra contra os partos. Ele declarou que, ao retornar, ele próprio lançaria a pedra fundamental do templo judaico, invocando Júpiter, ou a Inteligência inefável, e Apolo, seu verbo solar. Mas, pouco depois, ele caiu ferido por uma flecha na Pérsia. Morreu nobremente, discutindo a imortalidade da alma com seus amigos Líbano e Máximo, como herói de Plutarco e discípulo de Platão. A última palavra atribuída a ele:

Machine Translated by Google

«Você venceu, Galileu!» é uma invenção cristã, mas resume esta vida trágica e marca a vitória definitiva do cristianismo.

A história da rocha sagrada do Monte Moria ainda não acabou. Novos ultrajes, novas glórias o aguardam. Três séculos acabaram de se passar. Bizâncio reina sobre Jerusalém. Um patriarca cristão governa no Santo Sepulcro. Mas a era heróica dos apóstolos já passou. O Baixo Império, perdido em suas disputas teológicas e já corroído, recua por um lado diante dos bárbaros e por outro diante do Islã. Maomé fundou na Arábia uma nova religião, que nada tem do profundo esoterismo de Moisés e de Cristo, mas que, no entanto, deriva de ambos, uma religião instintiva, tal como é adequada às almas fortes e rudes, de grandiosa simplicidade e que se resume quase inteiramente nas palavras: Allah akbar\ Deus é grande! Bizâncio foi incapaz de defender Jerusalém. O califa Omar ocupa o Monte das Oliveiras com um exército árabe e a cidade rende-se na sequência de uma capitulação concluída com o patriarca Sofrónio, que garantiu aos cristãos, através do pagamento de um tributo, as suas vidas, os seus bens, as suas igrejas. A cena que se segue não é apenas de grandeza épica, mas também caracteriza admiravelmente a situação religiosa do mundo no ano de 638.

O califa Omar veio do deserto da Arábia como um simples beduíno, com um odre de água e um saco de cevada preso à sela de seu camelo. Terminada a redação do tratado, o califa disse ao patriarca: “Leve-me ao templo de Davi”. Omar entrou em Jerusalém precedido pelo patriarca e seguido por quatro mil seguidores do profeta, com o sabre na mão. Primeiro o patriarca conduziu-o à igreja da Ressurreição, depois à de Sião: “Este é o templo de David”, disse ele. -

“É mentira”, respondeu Omar, e saiu em direção à porta chamada porta de Mohammed. A área onde hoje se encontra a mesquita estava tão cheia de lixo que os degraus que conduziam à estrada ficaram cobertos com ele e os restos quase chegaram ao topo da abóbada. “Você só pode entrar aqui rastejando”, disse o patriarca. — "Assim seja", respondeu Omar. O patriarca passou primeiro. Omar e sua comitiva o seguiram e chegaram ao espaço que hoje forma o átrio da mesquita. Todo mundo foi capaz de ficar lá. Depois de olhar para a direita e para a esquerda e considerar cuidadosamente o local, Omar gritou: "Allah Akbar\ Este é o templo de David cuja descrição o Profeta me deu." Ele encontrou o Sakrah coberto de lixo que os cristãos haviam acumulado ali por ódio aos judeus. Então Omar estendeu a capa sobre a rocha e começou a varrer. Todos os muçulmanos que o acompanhavam o imitavam.

Machine Translated by Google

eles deram o exemplo.

Este episódio do califa conquistador, antigo companheiro do Profeta, que varreu o desprezado templo de Salomão profanado pelos cristãos, é um facto histórico e religioso de elevado significado. Omar não veio como Juliano num sentimento de hostilidade contra Cristo. O Alcorão está repleto de expressões nobres sobre o profeta Aisha (Jesus). Omar veio cheio de respeito, com alma de herói e crente, para realizar um ato de tolerância e reparação ao primeiro santuário do mundo que proclamava o Deus único diante de todo o universo. O Islão aparece-nos aqui como um árbitro entre a antiga tradição de Israel e os representantes oficiais do Cristianismo. Quem não vê a magnitude desta tarefa? Prestando esta homenagem ao Islão, quero distinguir essencialmente: outrora e hoje, os califas da era heróica e os sultões de Constantinopla, a raça árabe e a raça turca. Maomé e seus companheiros surgiram da raça árabe. Se o futuro nos reservasse um movimento religioso que alargasse o Islão a uma religião universal, este teria de surgir a partir da raça árabe. Omar pertence à maior época do Islamismo e não podemos deixar de admirar o sentimento de reverência que o fez curvar-se diante da pedra sagrada.

Assim, ele poderá erguer o templo sob uma nova forma, que já promete: - o templo das nações Não foi Omar, mas um de seus sucessores, o califa Abd-el-Mehk-ibn-Meruàn, quem construiu o mesquita.

Os muçulmanos chamavam-na de Mesquita de Omar – e isso era justiça. O trabalho do arquiteto é lindo, mas o ato do herói é ainda mais lindo.

E aqui vem o último ato do que poderia ser chamado de drama do templo de Jerusalém, digo: o último do passado, sem prejuízo do futuro.

Quatro séculos ainda se passaram. Suscitada por uma imensa onda de entusiasmo, a Europa feudal e cavalheiresca quis retomar a Cidade Santa.
Impulsionado por não sei que esperança de encontrar ali a arca dos seus mistérios e o mistério do seu próprio pensamento, o jovem Ocidente revestido de ferro correu em direção ao velho Oriente. Só vê uma coisa: o Santo Sepulcro!
Jerusalém foi retomada. Alguns cavaleiros cristãos ocupam a mesquita El-Aksa, no lado sudoeste do Haram, mesmo em frente à mesquita Omar. Seus cavalos pateiam e relincham nos estábulos de Salomão, vastos porões que estendem seus arcos gigantescos até onde a vista alcança sob o recinto sagrado.
Pouco versados em arqueologia, mas cheios de coragem e de fogo sagrado, aqueles celtas e

Machine Translated by Google

aqueles francos olham com admiração para a mesquita de Omar. A sua forma esbelta e majestosa, o seu estranho interior atraem-nos. Eles se convencem de que têm diante de si o templo de Salomão e esse pensamento provoca um novo fermento em sua imaginação ardente. Iluminados pelos raios multicoloridos que caem daquela cúpula, poderão conquistar o mundo em nome de Cristo. Alguns rabinos de Jerusalém, muito antigos e muito cultos, confiaram-lhes, sob sigilo, algumas ideias que dizem provir da tradição oral de Moisés. Falaram-lhes de Adão Kadmon, o homem original, anterior à terra, celeste e completo, depois fragmentado na multiplicação dos seres (interpretação esotérica do culto de Adão), e do Cristo universal, que inclui Jesus de Nazaré. , mas que o supera em muito, pois inclui também os profetas e os inspirados de todos os tempos (interpretação esotérica da redenção pela virtude de Cristo). Os cavaleiros cristãos compreenderam sobretudo o lado combativo e generoso dessas ideias profundas. Decidiram fundar uma ordem de monges guerreiros e leigos, que não só defenderão lealmente a religião de Cristo na Europa e no Oriente, mas também serão os propagadores prudentes desta religião universal. Num certo sentido, assemelhar-se-ão aos profetas, que, na sábia constituição de Moisés, serviram como árbitros entre os reis e o sacerdócio e como contrapeso entre os dois. Pois servirão de contrapeso aos reis do Ocidente e ao papado. E, em memória do templo de Jerusalém, onde essa ideia lhes surgiu, eles se autodenominarão: os Templários. Juraram-no, dispostos em círculo, com as espadas altas e unidas numa única ponta, na penumbra do santuário, entre as chamas das grandes ogivas, na pedra fundamental, na antiga rocha de Cubbet-es- Sakra.
A ordem do Templo é fundada. Puro e heróico no início, ele enfraquece após algumas gerações.
Muito parecido com os reis e o clero que gostaria de liderar, ele ama demais os bens temporais. Mas os grandes mestres da Ordem preservam a tradição, procuram formar os fiéis. As ideias que possuem dão-lhes uma força secreta e espalham-se silenciosamente. Trezentos anos depois, a Ordem do Templo tornou-se a mais poderosa e rica da Europa, ainda mais temível por ser composta por monges armados. Tem o seu culto, a sua doutrina, as suas regras independentes da igreja, constitui um estado dentro do estado. Então, um rei da França e um papa formam uma aliança para destruí-lo em massa: o primeiro, ávido por suas riquezas; o segundo, ciumento do seu poder, rival do seu. O grão-mestre da Ordem dos Templários, James Molay, um homem íntegro e venerável, é levado, jogado na prisão, torturado, julgado zombeteiramente e queimado vivo com seus grandes conselhos. Por toda a Europa, os Templários são perseguidos, massacrados impiedosamente até ao fim, os seus santuários são arrasados, os seus estatutos, os seus documentos, as suas tradições, destruídos sem deixar vestígios.

Machine Translated by Google

Porém, da sua estaca, Giacomo Molay disse: “Invoco Deus como juiz”.
E ele convocou o rei da França e o papa para comparecerem ao seu tribunal, o rei dentro de três meses, o papa dentro de um ano. Três meses depois, exatamente, o rei morre; um ano depois, o papa faleceu. Mas isso não é tudo. A destruição da Ordem do Templo foi o primeiro crime social, antes da noite de São Bartolomeu, que abalou o reino da França e o papado romano até os seus alicerces. Algumas das ideias dos Templários, retomadas pelos Rosacruzes e pelas ordens maçónicas, contribuíram significativamente para fomentar e provocar a eclosão da Revolução Francesa. Última coincidência bizarra. Em 1793, antes de subir ao cadafalso, o rei Luís XVI e a sua família foram encerrados em Paris, na prisão do Templo, na mesma área onde James Molay e os últimos Templários gritaram e protestaram sob os tormentos de penas, cordas e de os ferros quentes da tortura.

Ironia dos fatos, piadas cruéis do acaso, dirão os historiadores céticos de hoje. Os mais refinados e artísticos entre eles acrescentarão com um belo sorriso: «Ó divina comédia! » Quanto a nós, temos o direito de reconhecer em tudo isso a Nemesis das Leis eternas e os lampejos distantes do templo de Jerusalém. São semelhantes, é verdade, aos raios do sol extinto que ainda navegam pelos espaços há milhares de anos. Eles saem do Inescrutável e vão para o Inescrutável, mas são flashes na noite. Sunt verba coeli!

Tudo está ligado na cadeia dos séculos, e o olhar mergulha mais longe do que em qualquer outro lugar, quando, sentado num assento de mármore, se sonha sob os antigos ciprestes da mesquita El-Aksà.

Porém, Limano sempre esperou impassível. Finalmente entramos na mesquita de Omar. Você ainda tem em seus olhos o brilho do sol nas pedras brancas do chão do Haram e, de repente, você se vê imerso na escuridão. Mas ali se desenham arcos altos e um esplendor fantástico penetra na noite do santuário.
Duas fileiras de colunas concêntricas sustentam o edifício. A primeira é octogonal como a própria mesquita e sustenta o peribolo, a segunda é circular e sustenta a magnífica cúpula. As colunas com capitéis dourados são as mais preciosas do mundo, feitas de mármore roxo com veios brancos, pórfiro, verde antigo, fragmentos dos templos judeus, pagãos e bizantinos que já aqui existiram. Mas o que distingue este local de todos os outros santuários é a rocha viva que emerge do solo, no centro, numa grande superfície irregular e que os muçulmanos cobriram com uma cortina de seda.

Esta saliência é a antiga rocha sagrada dos patriarcas, aquela onde David viu um

Machine Translated by Google

anjo em pé armado com a espada, aquele onde Salomão quis construir o seu templo, segundo as sábias regras do esoterismo egípcio combinadas com as do esoterismo mosaico, é o Eben-Scialìyà, a pedra fundamental dos rabinos da Cabala. Aqui está o único altar, sem culto, sem sacerdotes, sem inscrições, de Kubbet es Sakrah, a cúpula da pedra. Um altar que vigia e espera.
Na rocha avermelhada, uma luz cintilante e maravilhosa se espalha pela penumbra. Cai das altas ogivas colocadas junto à abóbada, obras-primas da arte oriental em vidro, um brilho de rubis, topázios e esmeraldas que se sobrepõem e desabrocham em rosas cada vez maiores.

Mas voltemos aos lados inferiores para admirar os mosaicos, flores salpicadas de ouro, cravejadas como caudas de pavão, que cobrem as paredes com as suas estranhas flores. Grandes arabescos atravessam-no; parecem hieróglifos desenhados pelas espadas dos arcanjos para a eflorescência efêmera do sonho humano. O Imam chama a minha atenção para a inscrição que adorna a faixa azul do períbolo. Está traçado naquela altiva escrita cúfica ainda cheia de heroísmo árabe, e reproduz o famoso verso do Alcorão que o califa quis inscrever aqui como sinal da vitória do Islã sobre o Cristianismo. A sua gravidade singular exige atenção; uma vez que toca no mistério da igreja cristã, o maior problema da sua dogmática. Aqui primeiro está a homenagem de Maomé a Jesus.

Deve-se confessar que nenhuma outra expressão mais comovente e profunda poderia ser expressa. Ouça antes: «Ó vós que recebestes as Escrituras, não vos afasteis da fé, falai apenas a verdade sobre Deus. Jesus é filho de Maria, enviado por Deus e pela sua palavra; Deus o fez descer em Maria; ele é sua respiração." Os Padres da Igreja, os concílios e todos os papas poderiam subscrevê-lo. Mas agora aqui está a negação da divindade de Cristo e da Trindade, no sentido da Igreja Ortodoxa e Latina: «Acredite em Deus e nos seus mensageiros, mas não diga que há uma trindade em Deus; a primeira crença será a melhor para você.
Ele é um. Glória a ele! Como ele teria um filho? Tudo o que há no céu e na terra pertence a ele; ele é autossuficiente." (Alcorão, iv, 169).

Nesta passagem notável, vejo três coisas. Vejo aí a grandeza do Islão e a sua limitação. Mas vejo também aí os limites da teologia cristã e a sua insuficiência radical em responder à necessidade de universalidade do espírito humano.

O Islão é grande pela profundidade e fervor da sua fé em Deus. Esta fé é intransigente, mas absoluta e inabalável. A limitação de Maomé aparece no facto de o seu espírito árabe simplificador não conceber qualquer relação entre o divino e o humano, nenhuma filiação de Deus ao homem. Em uma palavra, ele sente falta do

Machine Translated by Google

princípios de Emanação e Evolução.

Ora, estes dois princípios contêm todo o mistério da Queda e da Redenção no sentido mais esotérico, mais profundo e mais universal.

A limitação da teologia cristã foi determinada no Concílio de Nicéia com a definição da divindade de Jesus Cristo. Esta definição faz dele não apenas uma emanação direta de Deus (o que, em certo sentido, podem admitir aqueles que acreditam na preexistência das almas e do mundo invisível), mas também o poder cosmogônico essencial e a segunda pessoa da Trindade. É, numa palavra, a identificação de Jesus de Nazaré com o Logos (o que é contrário às leis universais e absurdo em todos os aspectos). E a Igreja fez deste dogma a sua pedra angular. Pode-se argumentar que, no momento certo, esta identificação foi necessária para triunfar sobre a decadência pagã e atingir a mentalidade dos bárbaros.
Mas os iniciados de todos os tempos sabem que este dogma, profundamente agnóstico (isto é, torna os mistérios inescrutáveis e falsifica a verdade), nada mais é do que uma intriga sacerdotal e um instrumento da política clerical. Mentes verdadeiramente filosóficas nunca poderiam aceitá-lo e, durante três séculos, esteve em contradição com a razão evolutiva e orientadora da humanidade. Porém, a Igreja vos segura como se fosse a menina dos seus olhos, porque nesta confusão se baseia o poder sacerdotal arbitrário e sem controle científico, o domínio absoluto e tirânico das almas, que se tornou a base do! seu espírito e sua constituição. — E portanto, este véu deve ser rasgado completamente. É necessário que este dogma caia, que Cristo ressuscite, atrás dos sacerdotes que o escondem de nós, na sua força libertadora e no seu esplendor verdadeiramente divino.

A confusão de Jesus com o Logos tem hoje um duplo inconveniente: torna os ensinamentos do Mestre, na sua parte mais elevada, inacessíveis para nós; ocultar-nos completamente, distorcendo-o, o significado profundo, eterno e orgânico do próprio Logos ou da Palavra divina. É um grande erro dos exegetas, historiadores e filósofos modernos imaginarem que o Logos é uma criação Alexandrina. Como se ele não existisse há milhares de anos sob o nome de Vishnu na Índia, de Oro no Egito, de Mitras na Pérsia! Já então os pontífices falavam da Trindade e do Verbo divino manifestado no reino humano, mas era uma trindade cosmogónica, uma síntese de forças e princípios que atravessava todo o universo, do arcanjo ao infusório, e que remontava da pedra ao homem - já não é uma trindade pessoal e histórica, contida num homem, num templo, numa nação, num planeta ou numa determinada época. É claro que a confusão que fecha o

Machine Translated by Google

a verdade suprema para a inteligência foi um instrumento de domínio supremo para a Igreja - e ainda é, não importa o que se diga, não importa o que se faça! A incredulidade agnóstica apenas os leva a recrutas cegos e submissos, em antecipação e desânimo. Ouso dizer que a humanidade não será verdadeiramente livre a menos que os seus guias espirituais e intelectuais tenham visto claramente este ponto.

O Logos bem compreendido ou Palavra universal será a reconciliação da Ciência e da Religião, a revelação estendida a toda a história, a reconstituição da verdadeira autoridade, a federação dos povos preparada pela dos seus poderes científicos e religiosos, a organização hierárquica e solidária e fraternidade estabelecida por todos os homens. Ao mesmo tempo, será a reunião em torno de Jesus dos profetas de todas as nações, a ressurreição gloriosa, entre os seus irmãos, do maior dos filhos de Deus. Será, numa palavra, o advento do Cristo social. — Ainda haverá pontífices eleitos pelos eleitos do povo. Serão capazes de mostrar o caminho da salvação, exaltar os fracos e reprimir os perversos. Mas de nenhum deles se repetirá: “Aperit et nemo claudet, claudit et nemo aperiet: ele abre e ninguém fechará novamente, ele fecha e ninguém poderá abrir novamente”. Então as chaves de São Pedro terão perdido o poder e deverão fazer reinar a águia de São João.

Mas isto não será alcançado com a ciência materialista nem com a filosofia agnóstica. São destas forças que a Igreja zomba.

O que estou dizendo? Eles são a sua melhor ajuda, e a repulsa que inspiram em tantas almas precipita-as cegamente na ortodoxia ritualística ou alista-as na política da Igreja. Os autoproclamados pensadores livres e teólogos puramente críticos da escola protestante, que mantêm a ciência e a moral separadas e gostariam de confinar o espírito humano em dois compartimentos divididos por um muro impenetrável, não suspeitam que estão a fortalecer a Igreja actual com os seus a filosofia, da qual expulsaram os conceitos vitais da Alma e de Deus, o agnosticismo ateísta é o suporte inconsciente do agnosticismo supersticioso. Um acredita que pode libertar as almas mutilando-as, o outro as cega para oprimi-las. A meta dos espíritos superiores deveria ser reconstituir com amplitude transcendente esses conceitos vitais da Alma e de Deus, que são as chaves da síntese científica e da religião universal. Com estes poderes, os muros da Igreja tacanha e ossificada, que falsamente se autodenomina católica, seriam rompidos, e isto de forma bem diferente do que acontece com os aríetes sem cabeça do amadorismo e do cepticismo. E nem espere chegar lá com o orgulho de um ateísmo estéril. O único Deus verdadeiro é um deus vivo e fala com verbos vivos. A força que destrói os templos está aí

Machine Translated by Google

reconstrói reina supremo no centro da alma humana e de toda religião verdadeira.

Foram estes os pensamentos que me atacaram, a despeito de mim mesmo, na penumbra da bela mesquita silenciosa, na iridescência dos vitrais, dos mosaicos e dos grandes arabescos que riscam as paredes como os escritos febris dos profetas.

Assim que saí do Haram-es-xerife, com o meu janízaro, pela porta gradeada, ao lado do velho Serai, o rapaz norte-africano, que brincava com os soldados turcos, lançou-me pela segunda vez a sua maldição. « Ó sancia simplicitas! Exclamei internamente. Pobre garoto! Eles ensinaram você a fazer isso, mas por que você guardaria rancor disso? Já que você sabe odiar, você também deve saber
amor.

Vocês, talvez, valham mais do que os céticos invertebrados, as almas neutras e assexuadas que são nossos eunucos do Ocidente. Pelo menos você tem fé! ».

E então, eu ainda tinha nos olhos a figura soberba do califa Omar, o herói beduíno que limpou as ruínas do santuário.

Em direção ao Jordão. Primavera no deserto.

O Vale do Jordão é o berço dos profetas. Vamos lá. Tenho saudades da voz deles depois da do sacerdócio e da história.

São as primeiras horas da manhã. Um lindo céu claro atravessado por cachos brancos, um verdadeiro céu de março, espalha seu fresco pavilhão de cores primaveris sobre a cidade sombria. Nossa modesta caravana se forma diante da porta do convento, composta pelo intérprete Morkos, pelo irmão Luca, por um beduíno armado e por mim. O Irmão Luca é o franciscano do convento que serviu de guia em Jerusalém. É um belga de cerca de trinta anos, loiro e vigoroso, com cabeça de apóstolo, olhos azuis gentis e um lindo sorriso que ilumina todo o seu rosto. Ele não teve nada além de um sonho desde a infância: morar em Jerusalém. Ele conseguiu isso e se sente completamente feliz. Alma pura e imaculada, ele fez da Terra Santa o seu paraíso. O beduíno armado é a escolta obrigatória em todas as viagens ao longo do Jordão. O governo turco permite-o a estrangeiros contra um pequeno imposto, e a sua protecção é útil nestes distritos onde a jurisdição da Porta só existe nominalmente. Os xeques respeitam o estrangeiro que viaja sob a custódia de um deles. Nosso beduíno, de calça esvoaçante, camisa azul fechada por cinto de couro, com um longo rifle pendurado no ombro, é um filho magro do deserto com rosto de bronze e

Machine Translated by Google

com os olhos de um gavião. Pouco sociável, nunca se junta ao nosso grupo e está sempre andando à frente em seu cavalinho preto e inquieto.

Falo de boa vontade com o irmão Luca, que conhece muito a Bíblia e a topografia de Jerusalém. Desde os primeiros dias senti por ele uma simpatia totalmente espontânea e suponho que fosse mútua. Não o expressamos, mas precisamente por isso é apenas mais requintado e falamos confidencialmente de mil coisas, como velhos amigos dos países das brumas e dos sonhos que se encontram nas montanhas austeras da Terra Santa.
Não nos detemos apenas na flora da Palestina, nos episódios do Antigo e do Novo Testamento, mas em algo mais íntimo do que os nossos pensamentos e as nossas crenças e que poderia ser definido como as nossas aspirações secretas. Sua fé é franca e ingênua. É uma alma que ama, que prevê e que espera – e isso vale mais que tudo.
Montados em bons cavalos árabes e precedidos pelos beduínos, saímos da porta de Jaffa e contornamos as muralhas da cidade. Admiro a soberba porta de Damasco, a partir da qual Jerusalém oferece o seu aspecto sarraceno ao norte, e depois, na esquina, o enorme muro pendente que ameaça a ravina do Getsêmani e do qual Jerusalém contrasta o seu aspecto judaico a leste.

Passamos ao nível do cemitério muçulmano, pitorescamente agarrado com as suas pedras memoriais e os seus quiosques brancos ao pé do enorme muro, na encosta íngreme da colina. Os mortos parecem querer barricar, até ao dia do Juízo, a Porta Dourada, murada durante séculos, através da qual Jesus subiu muitas vezes ao Templo, quando vinha de Betânia ou do Monte das Oliveiras. Atravessamos rapidamente o vale sombrio de Josafá, onde inúmeros túmulos judaicos estão espalhados entre a grama até onde a vista alcança com suas pedras cinzentas.

Deixando a Cidade Santa para trás, os nossos cavalos galopam até uma esplanada elevada de onde a vista se estende sobre as montanhas circundantes. Aos nossos pés, uma massa confusa de picos calvos e vales sinuosos; mais longe, a grande linha horizontal de Moabe; entre os dois está previsto o amplo e profundo vale do Jordão, mas ainda não é visível. Ao nosso redor a terra rochosa, coberta de alecrim e gotejando orvalho. Os nossos cavalos, que cheiram os aromas do deserto, bufam ao vento das planícies e relincham... E, de repente, você é tomado por uma sensação desconhecida na Europa; aspiramos em longos goles à liberdade selvagem e ilimitada do beduíno a cavalo, sem casa, mas que possui o mundo do olhar.

Machine Translated by Google

Descemos lentamente em direção a Betânia, suspensa na encosta sul das montanhas da Judéia. A aldeia de Marta e Maria, refúgio preferido de Jesus, é hoje composta por cerca de trinta casas em ruínas, algumas das quais servem de refúgio a alguns caipiras árabes. Entre aquelas ruínas, amendoeiras em flor erguem os seus tufos rosados. Esta linha horizontal das montanhas de Moabe, esta linha longa e implacável que fecha o horizonte, Jesus muitas vezes teve que olhar da janela aberta, quando Maria o ouvia, sentada a seus pés, perdia o olhar nos seus olhos, a sua alma afundado em sua palavra.

Agora descemos por barrancos pedregosos até a fonte dos apóstolos e seguimos pelo fundo de um vale interminável. Mas aqui estamos novamente numa encosta de montanha alta e encontramos três xeques árabes da outra margem do Jordão. Eles têm uma aparência majestosa. Longo manto escarlate fechado nos rins, espada curva na cintura. No dorso, descendo em magníficas dobras, uma abaya listrada de preto ou branco e escuro. Na cabeça, o clássico chapéu do deserto, tão pitoresco e tão confortável, o boné branco preso por um grosso cordão de pêlo de camelo. Eles vão a Jerusalém para fazer compras ou fazer negócios com o vali. Eles passam por nós, altivos e silenciosos, montados em seus cavalos puro-sangue de pernas finas, cujos músculos flexíveis tremem ao sol sob o pelo brilhante.

E, logo depois, formando um contraste impressionante com estes monarcas beduínos, uma triste multidão de pedestres esfarrapados junta-se a nós. Eles andam em fila, em pequenos grupos, cerca de cinquenta homens e mulheres no total. São peregrinos russos. Vêm das estepes da Ucrânia, das fronteiras da Ásia ou do Báltico? Não sei. Mas parece que já andam há alguns meses, aqueles pobres mugiks vestidos de preto. Todos os anos, serviços marítimos especiais russos levam-nos através do Mar Negro até Jaffa. De lá cruzaram toda a Palestina a pé, permanecendo livres em conventos gregos.
Rostos pálidos e cansados, com traços ásperos e delicados impressos com profunda melancolia eslava. Mulheres mancando apoiadas em suas grandes capas de chuva de lã furadas; homens grisalhos usando gorros de pele de cordeiro, ou gorros de pele de guernídeo, com medalhas militares no peito, heróis obscuros do Cáucaso ou das guerras dos Bálcãs. Na sua existência cansativa, sepultada na sua servidão nativa, a Terra Santa é para eles algo como um paraíso terrestre e uma promessa de vida celestial. Queriam vê-lo antes de morrer e vieram, das profundezas das suas neves e das suas florestas, ansiosos por contemplar as criptas douradas de Belém e os ícones do Santo Sepulcro.
E eles vão, vão num ritmo automático e apressado, cansados e febris ao mesmo tempo, curvando as costas e fixando o olhar. Passaram entre os nossos cavalos sem olhar nem para a direita nem para a esquerda, sem sequer nos ver. Eles vão, eles vão

Machine Translated by Google

sempre, perdidos em seus sonhos. Eles já passaram e descem em uma ravina. Assim percorrerão toda a Palestina, até Nazaré, até o Carmelo. Muitos morrerão no caminho, outros afundarão na planície de Esdraelon, transformada em pântano pela estação das chuvas... O que isso importa? Eles terão seguido seu sonho!

Depois de uma sesta de duas horas no hotel El-Akmar, subimos um pouco mais a colina. Deparamo-nos com os restos de uma torre feudal construída pelos cruzados; você pode ver a cúpula de um convento grego no fundo de um abismo, semelhante a um turbante branco. A paisagem, composta por ravinas íngremes, círculos rochosos e montanhas desmoronadas, tem a severidade de Dante. Finalmente a estrada serpenteia pelos últimos contrafortes das montanhas da Judéia, entre cumes sulcados por grandes rugas, com manchas de musgo verde nas fendas negras. As rochas salientes do Wadi-el-kert, escavadas em nichos de cima, formam plumas de estalactites semelhantes às das mesquitas árabes. E finalmente o vale do Jordão abre-se em toda a sua largura, imenso, ondulado, com os seus pântanos, os seus campos pedregosos, os seus oásis de mato, e lá em baixo, muito longe, no sopé da gigantesca cadeia de Moabe, o rio escondido em uma espessa faixa de vegetação. À distância de uma légua, avistam-se algumas casas brancas, o hospício russo rosado e um acampamento beduíno, em terra castanha, assada ao sol. Aqui está a atual Jericó.

No sopé da montanha, águas cristalinas fluem de uma bacia de calcário cinza. Dois beduínos armados com rifles longos vigiam ali. É a fonte de Eliseu. Nossos cavalos farejaram com inquietação aquela água quase morna. Estamos em terreno vulcânico e a quatrocentos metros abaixo do nível do mar. Um calor intenso e quase tropical substituiu o frescor dos picos judaicos.
Saindo da cálida fonte de Eliseu, entramos num caminho que serpenteia em longos meandros em direcção a Jericó, por um mar de ralo verde.

E imediatamente, como num passe de mágica, você entra em um paraíso bíblico, um jardim selvagem onde se respira a pureza e a alegria do Éden.

Vastos campos de flores esmaltam a erva viçosa, em grossos cachos, em feixes abertos. As margaridas amarelas sucedem às margaridas brancas. Frágeis corolas rosadas de quatro pétalas alternam-se com grandes anêmonas vermelhas e cálices dourados em forma de boca de leão. E esta flora maravilhosa, opulenta e perfumada estende-se por planos infinitos; margeia a estrada, corre ao longo da torrente Eliseo, estende os seus tapetes de ouro, púrpura e neve até aos espinheiros e aos pequenos sicómoros. Você não pode ver a água, mas às vezes você a ouve fervilhando e pode ouvi-la em todos os lugares

Machine Translated by Google

presença subterrânea. A vida pulsa sob o solo. Às vezes, ao ritmo dos nossos cavalos, bandos de cotovias voam destes ramos de flores. Faíscas fulvas que sobem e caem com pequenos gritos neste mar de verde eflorescente, como se não pudessem se desvencilhar do seio amoroso da terra, muito doce, muito perfumada e mais bela que o céu. Um cheiro de mel flutua no ar e enxames de abelhas sobem zumbindo de cada xícara para mergulhar novamente. Das ervas e das flores, dos pássaros e das abelhas, liberta-se uma melodia primorosa e maravilhosa, um hino de amor que parece murmurar: «Primavera do deserto... Éden!

Éden! Alegria em primeiro lugar e sem mistura! Paz e volúpia da inocência! ».

Descemos ao Vale do Jordão na hora certa. Já que as fontes de Jericó são curtas. Morkos me contou que essa flora do início de março dura apenas uma ou duas semanas. Dentro de quinze dias todas estas flores terão murchado, estas ervas queimadas pelo fogo que dispara do céu, e a pradaria encantada de Jericó não será mais senão um deserto castanho de espinheiros e arbustos.
Apressem-se a florescer, anêmonas vermelhas, flores de maracujá, e vocês, margaridas douradas, semelhantes ao sol do Amor divino! Ame e choque, antes de cantar, cotovias ardentes! Em breve o azul ilimitado chamará você; mas os ninhos são mais doces que o azul!

Atravessamos mais uma vez o riacho límpido e cheio de água, que vem da fonte de Eliseu, e aqui estamos em Jericó. Bosques jovens de laranjeiras carregadas de frutos, bananeiras com as suas cordas pendentes apertadas sob os altos tufos ondulantes, figueiras atarracadas, tamareiras esbeltas. Esta abundante vegetação testemunha a fecundidade deste solo quando cultivado e recorda as antigas riquezas da terra de Canaã, agora tão desolada. Nos Livros dos Juízes e dos Reis, falamos frequentemente de um ancião de Israel “sentado sob a sua vinha” e imaginamos uma pérgula em forma de telhado. Você tem que vir a Jericó para entender que estas são árvores reais.

Ali vemos brotos de videira do tamanho de fortes plátanos, espalhando horizontalmente seus galhos nus e nodosos, impacientes para brotar folhas de videira sob o influxo de seiva, que transborda em lágrimas vivas de seus brotos podados.

Desci até a adorável estalagem para estrangeiros, que se ergue como uma torre branca com venezianas verdes acima das cabanas esparsas do oásis livre. Morkos e os beduínos retiraram-se para o prédio dos guias. No rés-do-chão, numa sala alta e estreita, prepara-se uma refeição frugal para o irmão Luca e para mim, sobre a toalha de mesa imaculadamente branca, que não tem outro ornamento senão os cardos prateados do deserto, os mármores Engaddi e um grande ramo de anémonas vermelhas. Quebrando as

Machine Translated by Google

pão, o irmão Luca me fala de Elias e Eliseu, com graça e humildade encantadoras, como se fossem companheiros deixados no dia anterior. E este jantar tranquilo no frescor da noite, depois do dia árduo e da longa viagem, parece-me de doçura evangélica.

Noite em Jericó. A voz dos Profetas.

Fazer uma nota. Sonho sozinho, encostado na sacada da varanda adjacente ao quarto mais alto do hotel. Encontramo-nos lá em cima como numa torre de vigia e desse miradouro dominamos a planície do Jordão, que se estende em toda a sua largura entre Moabe e Judá, desde o Mar Morto até às montanhas de Samaria.

Há algumas horas presenciei a maravilha da primavera no deserto, o encanto paradisíaco das flores e dos pássaros sob o sol de Canaã. Agora começa outro encantamento. A lua cheia, de esplendor dourado, ascende num céu de veludo roxo. A terra quente, banhada por uma claridade morna, cobre-se de vapores rosados e diáfanos até as dunas do Jordão. As gargantas de Judá estão cheias de um negro opaco, mas a distante cadeia de Moabe ilumina-se, e a imensidão selvagem que se estende entre as duas parece ganhar vida com nova vida sob a carícia dos raios da lua. E eis que no acampamento dos beduínos, cujas tendas negras desapareceram durante a noite, uma gaita de foles levanta a sua voz rústica; outro responde de mais longe, e o dueto começa. Eles perseguem um ao outro como duas cabrinhas. Logo o tremor do pandeiro de um beduíno acrescenta seu ritmo selvagem. E este trinado obstinado, em quatro notas, evoca toda a vida pastoral – com quantos milhares de anos? — mas inalterado e sempre jovem na sua alegria rústica.

Ao som desta melodia e diante desta grandiosa pintura, sinto finalmente a alma da Palestina falando comigo. A voz dos profetas sobe do seu berço. Em frente, acima do sopé de Moabe e do Mar Morto, fica o Monte Nebo, de onde Moisés saudou a terra prometida. Ali, naquelas ravinas, estão as cavernas perdidas onde Elias e seu discípulo Eliseu se esconderam. Durante oito séculos, os profetas frequentaram estas montanhas para que a obra de Moisés não morresse e para que nascesse um Messias.

Então, quem foram os profetas judeus e o que é a profecia em Israel? A questão não é ociosa. De cada solução diferente dada a este problema, surgirá outra concepção do homem e da humanidade, do seu destino terreno ou divino. Minha opinião sobre este ponto está estabelecida há muito tempo. Mas, perante a majestade desta paisagem, sob a influência austera destes

Machine Translated by Google

em alguns lugares, surge novamente a questão, mais séria, mais imperiosa - e chega também a resposta interna, mais profunda e mais decisiva. A faculdade profética, por mais rara que seja, não era herança apenas do povo judeu. Foi encontrada em diferentes épocas e em todos os povos, nos ascetas da Índia védica, no Egito de Hermes, bem como entre os gregos... Não só a Pítia de Delfos tinha a função especial de prever o futuro, mas havia também, no templo de Apolo, uma classe especial de sacerdotes chamados profetas. A Voluspa da Edda, as Druidas Celtas eram videntes de ordem inferior. Os skalds escandinavos e os bardos bretões dos tempos heróicos foram profetas à sua maneira. Apesar da sua intermitência, a faculdade profética ou o dom de prever o futuro, intimamente ligado à clarividência das coisas ocultas, é, portanto, um fenómeno universal como a linguagem e a poesia. Mas é também um fenômeno cujas manifestações variam infinitamente, quase sempre obscuras e misturadas com elementos heterogêneos. Só em Israel a profecia nos aparece no estado de uma instituição dominante, com uma energia, uma grandeza e uma constância que não tem em nenhum outro lugar. E isto acontece porque em Israel a profecia não tem apenas um propósito individual ou nacional, mas um propósito universal.

Providencialmente, esta meta diz respeito a toda a humanidade. E eles sabem disso bem, o primeiro e o último dos profetas, Moisés e o Cristo, o Mágico que domina o relâmpago e o filho de Deus De que outra forma teriam encontrado a força, um para moldar uma nação, o outro para. morrer para mostrar o caminho da salvação a todos os homens? Se os profetas intermediários muitas vezes se esqueceram disso, se por alguns momentos se tornaram políticos judeus, fanáticos tacanhos, a visão soberana da Jerusalém celestial os leva de volta e a ideia dominante do Deus de todas as nações os apodera novamente, como um cavaleiro que reforça as selas do seu cavalo. Para usar a expressão de Spinoza, apesar de tudo e como um todo, os profetas sempre viram o seu povo sub specie aeterni “sob o ângulo visual do Eterno”.
».

Existem duas teorias oficiais sobre a profecia, a da Igreja e a dos autoproclamados pensadores livres que reinam como mestres na Universidade e, consequentemente, no Estado moderno. Segundo a Igreja, a inspiração dos profetas é infalível e absoluta, uma palavra falada ou escrita de alguma forma sob o ditado do Deus único e pessoal. Segundo os pensadores livres, não há mistério na alma nem mistério além da natureza visível. Para eles, o profetismo nada mais é do que um fenômeno de consciência moral. As vozes, as visões, as previsões, os aparentes milagres são outras tantas ilusões, alucinações, figuras poéticas ou procedimentos charlatães.

Quanto aos protestantes respeitáveis, que com esta teoria acreditam que são mais religiosos

Machine Translated by Google

dos outros, não passam de ateus honestos ou crentes envergonhados.

Estas duas teorias são igualmente estreitas e parciais, exclusivas ou insuficientes para explicar os factos surpreendentes da profecia e o seu papel na história.

Há um terceiro que abarca todos os fenômenos da clarividência profética, do mais humilde ao mais sublime, do mais turvo ao mais puro, numa síntese luminosa: é o teórico esotérico, fundado na tradição oculta e na experiência comparativa. dos grandes místicos de todas as épocas.

De acordo com esta sabedoria antiga, existe o mundo divino, origem e objetivo do homem; mas não pode manifestar-se à humanidade terrestre, ao homem de carne e osso, senão através de intermediários e de “traduções” mais ou menos adequadas. É claro que o Eterno fala ao homem com a sua consciência moral, que é o seu apoio, a sua prova e a sua contraprova. Mas ele fala ainda de outra maneira. Existem verdades superiores, realidades transcendentes, que o mundo divino só pode transmitir ao homem através de intérpretes mais ou menos poderosos, através de visões mais ou menos perfeitas, adaptadas aos povos, indivíduos e circunstâncias. Da mesma forma, a arte humana só pode traduzir este Divino com símbolos. Já que tudo está conectado e tudo é semelhante de mundo para mundo. Seres excepcionais, incomparáveis e gigantescos como Moisés, Elias e Cristo foram capazes de lançar um olhar direto para o Divino.
Essas águias do Espírito foram capazes de encarar o Sol de frente. Mas eles não puderam nos contar o que tinham visto; apenas, eles provaram isso com suas ações, o que é melhor.

Há portanto, nos fenômenos proféticos, uma diversidade infinita, mas também uma gradação e uma hierarquia como nos seres da natureza, nas almas, nos espíritos, no universo e até nas forças do Ser universal que o governa e que chamamos de Deus. Essa hierarquia nos permite reconhecer leis tão imutáveis quanto aquelas que governam o mundo material. E precisamente neste sentido o pretenso sobrenatural nada mais é do que a região superna e o coroamento da natureza. Em virtude do sopro de Deus que por ela passa, como em virtude dos poderes intermediários, a humanidade está sempre em relação com o mundo divino de onde provém e para o qual regressa. É semelhante ao Oceano que o sol suga e atrai continuamente vapores invisíveis. Mas às vezes chega um ciclone e forma-se uma tromba d’água. Sob a pressão do vento e pela força da atração elétrica, as ondas sobem em redemoinhos assustadores até as nuvens. Sobre as águas vagueia a coluna líquida que ameaça aniquilar cidades e embarcações. Pode-se então dizer que o mar furioso corre em direção ao céu e que o céu bebe o mar com a sua boca escancarada.

Machine Translated by Google

Pois bem, a humanidade medíocre é o vapor d'água que sobe preguiçosamente até Deus; mas o profeta é a tromba d'água que corre ali no meio do furacão.

Quão grandes são estes profetas, que a lenda soube transformar em colossos improváveis, mas cuja alma sublime só pôde dar origem à lenda! O profetismo é uma tradição que permanece sólida em um pequeno grupo. O mestre escolhe seu discípulo e lhe transmite seus poderes. Elias encontra Eliseu trabalhando a terra com doze pares de bois e joga seu manto sobre ele. Eliseu sacrifica uma parelha de bois, cozinha-os com arreios e dá-os ao povo. Então ele segue seu mestre. Aqui está o profeta da ação, maior que os seus sucessores, os profetas literários, também grandes, poetas e videntes, mas sem poder soberano, criador de almas e de vontade. Maravilhosa união de discípulo e mestre! Eliseu diz ao seu iniciador: "Enquanto o Senhor viver e a tua alma viver, não te deixarei". Já não são os corpos que se olham, são os espíritos que se contemplam e se unem.

E, apesar de tudo, que terrível solidão é a dos profetas! — Quando eles, como Elias, ouviram uma voz que lhes gritava: "Saiam daqui, voltem-se para o Oriente e escondam-se no riacho de Querite, que fica em frente ao Jordão", a vida comum terminou para eles. Então eles ficam sozinhos, terrivelmente sozinhos, esses gigantes, como o Moisés de Vigny, sozinhos acima de tudo entre os homens. Mas um novo vínculo, uma comunhão íntima e substancial se estabelece entre eles e os justos do passado, do presente e do futuro. Aqui está o seu consolo, a sua recompensa divina. É verdade, eles estão sozinhos; mas eles se unem com os grandes Solitaires que se assemelham a eles, de modo a formar um único ser. Daí o seu poder mágico, imenso, quase ilimitado.

Tornam-se assim a voz, o clarão e às vezes o raio de Deus. Quando o miserável Acabe ou a infame Jezabel vêem de longe "o homem vestido de peles que tem um cinto de couro na cintura", tremem, cobrem a cabeça. cinzas e fugir. Por ordem deles, os sacerdotes de Baal se deixaram abater pela multidão como carneiros.

E, assim como vivem sozinhos, os profetas também morrem sozinhos. Semelhante aos leões e às águias, quando sentem que o seu fim está próximo, refugiam-se em cavernas ou em picos. Lá eles desaparecem sem deixar vestígios. Pelo menos foi o que fizeram os maiores, Moisés em Nebo, Elias no deserto do Jordão. Antes de partir, Elias deixa o seu manto a Eliseu, e o discípulo adormecido, numa visão deslumbrante, vê o seu mestre subir ao céu num carro de fogo, puxado por cavalos de fogo, última mensagem, símbolo e sinal da sua reintegração no mundo. Eterno.

Machine Translated by Google

Naquele cenário grandioso, o passado distante tornou-se o presente imperioso. A lua sempre dominou o vale do Jordão com o seu encanto mágico, as patas dos beduínos ainda não tinham interrompido a sua ingênua sinfonia, quando, de repente, ouvi vozes humanas juntando-se a este maravilhoso concerto da natureza e da vida pastoral. Era uma música para quatro vozes, em tom menor, grande e doce. Começou no hospício grego localizado a cinquenta passos do hotel e cuja massa negra se delineava no deserto enluarado. Centenas de luzes brilhavam em um velho sicômoro no jardim; parecia uma gigantesca árvore de Natal sob o céu aberto. Aquele castiçal rústico foi aceso em homenagem aos peregrinos russos, e eles se reuniram ali para cantar o canto pascal que começa com estas palavras:

Ilumine o mundo, nova Jerusalém!

A alma eslava vibrava naquela melodia com sua mistura de força e doçura, resignação e fé. O povo russo chamou a Páscoa de “festa das festas”, talvez porque o seu instinto místico os faça ver a ideia essencial do Cristianismo na ressurreição.

Ilumine o mundo, nova Jerusalém!

Oh, harmonia penetrante daquela doce canção! Quão pobres pareciam-me os nossos corações ocidentais de esperança à voz daqueles peregrinos esfarrapados! Ele foi - de forma atual e viva - a alma do Cristo eterno que retorna, depois de dois mil anos de ausência, das margens do Dnieper e do Volga ao berço dos profetas.
Pairando nas gaitas de foles dos beduínos, aquela melodia ressoava como um novo Evangelho. Vozes de tempos antigos e de dias novos... memória imemorial, esperança sem fronteiras...

A lua navegava alto pelos céus, a planície vaporosa dormia sob a sua luz mágica... e as duas vozes casaram-se no silêncio de Jericó.

Crepúsculo no Vale de Josafá

A futura Jerusalém.

Dois dias depois voltamos a Jerusalém através dos desfiladeiros escarpados de Wadi-el-Kert.

Antes de regressar à cidade das lágrimas, onde os muros esmagam o pensamento, onde a tristeza, o fanatismo e o ódio gravados nos rostos fecham o coração, quis

Machine Translated by Google

desfrute pela última vez daquele prazer incomparável da vida nômade que é a alegria de sonhar na liberdade do deserto. Paramos na aldeia de Siloè, que domina o vale de Josafá, em frente à grande muralha do Templo, no canto nordeste da cidade.

É um lugar estranho e sinistro. Alguns troglodita beduínos vivem lá em cavernas escavadas na rocha, outrora túmulos ilustres, hoje covis sem nome desses andarilhos. Do lado oposto, Jerusalém ergue-se em prateleiras, tendo à frente o perfil do Monte Moria e a mesquita de Omar. A seus pés, o vale de Josafá escava em perspectiva sua estreita ravina, repleta de tumbas judaicas. No extremo, as oliveiras do Getsêmani podem ser vistas como pontos pretos.

O intérprete Morkos, o irmão Luca e eu desmontamos para sentar na grama. Apenas o beduíno permaneceu na sela, deixando seu animal pastando nos torrões. Algumas crianças esfarrapadas vieram vagar a uma curta distância de nós, fantasmas emergindo de seus túmulos. Logo um beduíno de Siloé, meio pastor, meio feiticeiro, veio e sentou-se a alguma distância de mim. Ofereci-lhe o resto dos nossos mantimentos e, para me agradecer, aquele filho de Ismael começou a cantar alguns versos do Alcorão, para mim incompreensíveis, mas com um encanto persuasivo, graças àquelas gamas cromáticas descendentes que lembram a voz do muezzin. No crepúsculo que caía, a Cidade Santa, a cidade da espera, com os seus inúmeros telhados de cúpulas baixas, parecia prostrada em oração, sob os últimos raios da luz moribunda.

E neste lugar estranho e nesta companhia singular a grandeza e a servidão, o esplendor e a miséria de Jerusalém apareceram-me uma última vez.

Grandeza e esplendor incomparáveis. O significado e o papel que esta cidade representa na história da humanidade são a fonte. Todas as profecias judaicas e muçulmanas acumuladas nele são a sua fonte; a vida e a morte de Jesus e as promessas que ele fez neste Monte das Oliveiras ao lado do qual estamos sentados. Apesar dos crimes e horrores que evocam este gigantesco muro e este sombrio fosso de Josafá, toda a tradição de Moisés, dos profetas e de Cristo foi depositada nestas pedras. E, voluntária ou involuntariamente, consciente ou inconscientemente, o globo terrestre sofreu o lento fascínio que ao longo dos séculos
não, emana.

Na verdade, se considerarmos a história humana de um ponto de vista muito elevado e no horizonte mais amplo perceptível, notamos que durante seis ou sete mil anos o ciclo

Machine Translated by Google

da nossa humanidade branca gira em torno de um ponto misterioso no mundo espiritual. Intelectualmente, este ponto é a unidade da raça humana sob o signo do único Deus, da Alma universal e do homem concebido como seu Verbo vivo; é esta trindade orgânica que se reflete em todas as esferas do pensamento e da vida, que as diversifica, as organiza em hierarquias e as unifica. Ora, aplica-se aqui a maravilhosa lei das correspondências analógicas, já formulada na tabela de Hermes, segundo a qual tudo o que acontece no mundo inteligível tem representação no mundo sensível.

Geograficamente, este ponto em torno do qual gira a vida interior da humanidade é Jerusalém. O movimento do pensamento humano leva a duas grandes curvas. A primeira, a do pensamento antigo, vai da Índia e do Egito à Grécia para retornar a Sião. A outra, a do pensamento moderno, parte da Ásia Central para se espalhar pelo Ocidente com os celtas, os germânicos e os eslavos, e regressa à cidade mística de David e de Cristo. Tal como o Oriente e o Ocidente, a África ígnea e o Norte glacial têm sempre os olhos fixos em Jerusalém. Talvez seja isto que explica todos aqueles túmulos e todos aqueles peregrinos, este perene assalto dos mortos e dos vivos contra aqueles muros. Todos parecem querer dizer à triste Sião sentada na sua montanha árida: «Conta-nos o nosso destino, já que conheces o nosso enigma, tu, cidade das glórias e das lágrimas, das palmas e das cruzes! ».

Mas precisamente essa grandeza e esplendor de Jerusalém dão a medida da sua servidão e da sua miséria. Este é o resultado da contradição entre a ideia que representa e o que realmente é. Em princípio, graças a Moisés, aos profetas e a Cristo, deveria ser o centro religioso de toda a terra, o equilíbrio do Oriente e do Ocidente, o regulador do equilíbrio da sua alma múltipla e única. Na realidade, é uma Babel de religiões, de sacerdócios, de povos e de almas, que ali não se encontram senão pela confusão das suas línguas. Longe de encontrar esta síntese, onde cada parte é ampliada pela sua harmonia com o todo, vê-se apenas estreiteza de espírito, cegueira, hostilidade. O estado da alma da humanidade, que tem sido de incompreensão, ódio e guerra, reflecte-se ali como num espelho escuro. Daí a sufocação e a angústia que se sente quando se mergulha resolutamente o olhar nela. Até que a unidade da família humana seja alcançada, pelo menos potencialmente, através da aplicação de um princípio orgânico, um princípio científico, religioso e social ao mesmo tempo, Jerusalém continuará a ser a cidade da espera, do choro e da expiação.

Machine Translated by Google

Esta é a incomparável grandeza e miséria desta cidade. Ela só pode ser a maldita e maldita madrasta das nações, ou sua mãe salvadora.

Eu estava nesse ponto da minha meditação quando vi uma sombra passar na minha frente. Uma dalmática com arabescos rosa desbotados flutuava nas pernas frágeis do velho. Seria ele talvez o mesmo rabino que vi no Cairo? Não sei ; mas ele se parecia estranhamente com ele.
A cor do vestido era mais opaca, o rosto enrugado mais diáfano, os olhinhos mais tristes e penetrantes.

Até a sua velhice parecia mais decrépita, e toda a sua pessoa assumia algo improvável e lendário naquele traje sinistro.
Ele segurava na mão uma cópia da Torá encadernada em um pergaminho desgastado como ele. Sem dúvida, ele regressava do Muro de David, onde os judeus de Jerusalém lamentam há dois mil anos com comovente perseverança. E agora ele vagou pela Cidade Santa, procurando não sei que túmulo de profeta no cemitério de Josafá. Eu estava sentado na grama, entre o árabe que sempre cantarolava os versos do Alcorão com um balanço monótono da cabeça e o irmão Luca que acabava de pegar o rosário e murmurava a oração da noite.
Com gesto e voz chamei o velho de Israel, suplicando-lhe que se sentasse entre nós. Mas ele me lançou um olhar desconfiado, estendeu o braço e acenou negativamente com a mão, designando sucessivamente o beduíno, o franciscano e eu.

Esse gesto significava: «Muçulmano, cristão, herege, vocês nunca se entenderão; Não tenho nada em comum com você." Então eu o vi se perder lentamente entre os túmulos de seus pais.

Este diálogo silencioso confirmou meus tristes pensamentos. Mais do que nunca, as três religiões, na presença uma da outra, pareciam separadas, impenetráveis e hostis. O homem é, portanto, impenetrável para o homem? Eu disse a mim mesmo. Muraram as cidades, muraram as igrejas, muraram as almas, como ali, acima do cemitério turco a Golden Gate, por onde o Messias já entrou em Jerusalém sob uma chuva de palmeiras...

O crepúsculo tornou-se mais escuro e a sombria ravina de Josafá tornou-se verdadeiramente “o vale da sombra da morte”. Sob o negro dos altos muros do Haram-es-sherif, as colinas adquiriram tons roxos e o cemitério judeu estava pálido. Os monumentos de Absalão, Zacarias e São Giacomo, com suas paredes destruídas e molduras em forma de turbante ou pirâmide,

Machine Translated by Google

agora pareciam os portões do reino das trevas.

Um quadro sombrio das consequências da anarquia que reina no mundo foi esboçado em minha mente. Os sucessivos atos do drama dos povos, que só se realizarão daqui a anos e séculos, sucederam-se na minha imaginação com uma rapidez relâmpago e uma lógica inexorável. Anarquia de povos, raças e castas, coroada pelo feroz antagonismo da Ciência e da Religião, que se assemelha a um duelo feroz entre a Alma e a Inteligência da Humanidade, perfurando-se e deixando apenas a ciência em pé do Instinto e o amor da Matéria. Sob tais auspícios, vi pela primeira vez as grandes nações da Europa formarem alianças formidáveis e esmagarem-se umas às outras de vez em quando, sob o pretexto de se equilibrarem. Mas, depois do inferno da guerra universal, depois daqueles massacres colossais, tornados ainda mais terríveis pelos prodigiosos meios de destruição criados pela ciência moderna, um grito de horror levanta-se contra os governadores. É o sinal de uma revolução geral das castas necessitadas e trabalhadoras contra os antigos poderes políticos, militares e religiosos. Em nome da democracia que promove a igualdade, esses poderes são abolidos e os seus representantes demitidos ou massacrados. Finalmente chega o último triunfo desta democracia industrial, aliada à ciência ateísta e materialista. Abra os olhos e veja o reino da Justiça governado pelo Instinto da Besta. Foram vocês mesmos que o prepararam, estudiosos, filósofos, demagogos, que a luz da Alma e do Espírito já não ilumina e que nada sabem da Natureza, exceto as esferas do Instinto, onde reina a luta pela vida. Se não é a guerra de todos contra todos, é o reinado da inveja no medo, da mediocridade na igualdade; é a paz enfraquecida pelo peso de um bem-estar sem amor, sem nobreza e sem beleza; é a felicidade tão alardeada por esta humanidade bastarda, na aniquilação de toda a grandeza e na mediocridade universal... Finalmente, esta Europa degenerada acredita-se pacífica no seu descanso egoísta. Mas aqui surgem a velha Ásia e a jovem África. Eles têm algum erro antigo pelo qual nos censurar. Não os perseguimos, não os invadimos, não os despojamos, não os tratamos durante séculos como escravos, desprezando os seus deuses, os seus costumes e as suas

crenças – e isso em nome de Cristo? — Tudo está pago no final. A raça amarela e a raça negra estão se agitando e se organizando. Armados por nós, ensinados pelo nosso exemplo, a Índia, a China e o Japão expulsaram os europeus das suas colónias. Quatrocentos milhões de budistas esqueceram o seu Buda e só pensam em vingança. A fervilhante Tartaria se agita e

Machine Translated by Google

uma presa pergunta. Duzentos milhões de muçulmanos formam a sua vanguarda. Todos estes povos, animados por um ódio implacável contra a nossa civilização, ódio justificado pela nossa conduta, pedem apenas para invadir a Europa, e o Islão mostra-lhes o caminho. Quando chegar esta hora de grande vingança, será tarde demais para prendê-lo. Uma torrente deste dilúvio humano cairá contra os antigos muros de Jerusalém, no pensamento confuso de que é a mais antiga metrópole religiosa desta odiada Europa. Os cavalos tártaros acamparão no Monte das Oliveiras onde já acamparam os soldados caldeus de Senaqueribe, as legiões romanas de Tito, os árabes de Omar e os cruzados de Godfrey de Bouillon. Numa noite semelhante a esta, os sacerdotes cristãos que se refugiam nesta aldeia de Siloè, nestes túmulos dos profetas, hoje habitados pelos beduínos, testemunharão com consternação um novo saque de Jerusalém. Das profundezas dos seus refúgios, eles levantarão as mãos postas acima da cabeça, gritando no seu medo e desespero: «Senhor! Cavalheiro! Ó Cristo, por que nos abandonaste?".

Então, contra a porta dourada do Hatam-es-sherif por onde já entrou o Messias, diante daquela porta sempre murada que domina o cemitério muçulmano e a ravina de Kedron, verão um ser sobre-humano.
Verão, agachado entre os monumentos funerários, o Anjo exterminador do julgamento, o Anjo calmo e terrível com rosto de vingador, com os braços cruzados sobre a espada, esperando a hora de atacar. Ao seu grito, o Anjo agachado se levantará e, com a ponta da espada flamejante, escreverá nas trevas, nos escuros muros de Jerusalém, as três palavras que uma mão luminosa já traçou no palácio de Belsazar, enquanto o exército de Ciro demoliu os muros da Babilônia: Mane, Techel, Fares, que significam: Número, Peso, Medida, ou seja: Sabedoria, Justiça, Economia. Então os sacerdotes cristãos compreenderão os seus erros e os do seu povo e cobrirão o rosto chorando, enquanto as chamas subirão sobre as ruínas do Santo Sepulcro.

A visão sombria tomou forma diante dos meus olhos, quando uma canção doce e triste surgiu do vale de Josafá. Eram os peregrinos russos que voltavam de Jericó. Não se viam, mas continuaram incansavelmente o seu caminho... o longo caminho que vai em direcção à distante isba, enterrada na imensa estepe, em direcção aos campos nevados e aos intermináveis pinhais que se estendem até aos montes Urais e o Oceano Glacial. E – do vale da Sombra da Morte – sempre surgiu a canção da esperança:

Ilumine o mundo, nova Jerusalém!

Machine Translated by Google

Foi a magia desta doce canção e sua humilde melodia? Foi a flor de um sonho interno que se abriu de repente? Seria um reflexo distante do Invisível? - Não sei. Mas, de repente, a imagem que imaginei mudou. Depois da obra das trevas vingadoras, a obra da luz triunfante. Depois da visão do castigo, a visão da salvação. O primeiro mostrou-me o que Jerusalém se tornaria se a raça branca e a Europa falhassem na sua missão.

Agora vi o que será, nos séculos distantes de uma nova humanidade, a futura Jerusalém, reconstruída e transfigurada no esplendor do Espírito puro, da Alma universal e do seu Verbo vivo, afirmado por todos os povos da terra .

Uma floresta de oliveiras, salpicada de tufos de palmeiras, cobria o vale de Josafá transformando-o num magnífico jardim. O Monte Moria ainda existia, mas reconstruído em mármore branco e coroado por uma galeria quádrupla com colunatas. Um gigantesco lance triplo de escadas subia da ravina de Chedron até a Golden Gate. Esta porta do Messias, murada durante tantos séculos, estava agora novamente aberta e formava o propileu do santuário com a sua arca resplandecente.

Três templos ocupavam o recinto quadrado do terraço.

No local da mesquita de Omar havia um edifício do mesmo formato, coberto de mosaico policromado e encimado por uma cúpula azul brilhante.

No seu final, um crescente dourado encimando a Cruz reproduzia o sinal de Hermes.

No pórtico oriental estava escrito: Os filhos de Israel, de Cristo e do Islão ergueram este Templo ao Deus das nações. Esta inscrição, em hebraico, grego, latim, árabe, repetia-se em todas as línguas do globo, acima das quatro portas do templo. Foi lido em hebraico, no tambor da cúpula: Que Deus tome Jafé com doçura e o deixe habitar nos tabernáculos de Sem, e estas outras palavras: A obra da Rocha é perfeita, pois a própria justiça é seus caminhos retos.

Do lado direito do terraço existia um templo oblongo, que pela sua forma lembra os templos gregos e egípcios. Suas pedras castanhas eram de uma cor tão quente que pareciam feitas de sol. As colunas delgadas glorificaram uma nova ordem de arquitetura. Floresciam em corolas de lírios, em espirais de palmeiras. No frontão via-se uma mulher divina com os braços estendidos, evocando um povo de

Machine Translated by Google

deuses, deusas e almas. No friso estava escrito: Eu sou Hevè-Isis-Jona, a Noiva de Deus, a Alma do Mundo, a Luz incriada. Este é o templo da Natureza celestial. Somente os puros e os videntes entram em mim.

Um terceiro templo ergueu-se entre os outros dois, no final do santuário. Magnífica basílica, esplêndida catedral. Parecia alabastro diáfano e como que iluminado por uma luz interna. A grande torre transversal dominava o edifício e exibia no seu topo um círculo de profetas que sustentavam com os braços erguidos uma cúpula coroada por Cristo. Uma floresta de torres e pequenos torneios erguia-se dos telhados. Mas aqui está a grande surpresa. Um titânico escultor suspendera ali, em magnífica desordem, um exército de anjos e arcanjos, de asas abertas e vibrantes, como se aqueles mensageiros divinos tivessem trazido a catedral no turbilhão da sua fuga. No tímpano do grande pórtico, aberto ao leste, estava escrito: Eu sou a Palavra viva da Humanidade, na qual se encontram todos os filhos de Deus. Falo por mil bocas e, no entanto, sou Um. Este é o templo da Ressurreição.

Uma imensa multidão saiu dos degraus do propileu e entrou no santuário pela Porta Dourada. O preto foi descartado do traje festivo. Nada podia ser visto ali, exceto mantos de púrpura, jacinto e neve. A música soou. Do fundo dos templos coros respondiam ao som de órgãos e harpas. E cada templo tinha a sua voz: Glória a Jerusalém! disse o templo do Deus das Nações. Não farei eu, que torno os outros frutíferos, tornar Sião frutífera? — Glória a Jerusalém! o templo da Ressurreição respondeu. Suas paredes se chamarão: Salvação! e seus portões: Louvado seja! E, das profundezas do templo de Ísis-Jona, vozes femininas celestiais cantavam: Paz aos povos... harmonia e luz às almas! Tudo o que passa não passa de um símbolo. E é isso

Nova terra, imagem dos céus que não passará...

Quando acordei do sonho, não vi mais nada além da massa negra do Monte Moria erguida como uma pedra na escuridão. Mas percebi que os meus companheiros também tinham experimentado, cada um à sua maneira, a magia do canto eslavo. O pastor beduíno interrompeu a sua melopeia... Com o seu cajado de ameixa silvestre estendido sobre o vale, ele ouviu as últimas notas da canção. O intérprete meio adormecido Morkos arregalou os olhos. Quanto ao Irmão Luca, ele deixou o rosário cair na batina marrom e parecia imerso em êxtase extático.

As vozes se perderam do lado do Getsêmani em direção ao portão de Santo Stefano. Finalmente todos ficaram em silêncio e, como para resumir seus graves pensamentos, o Irmão Luca voltou-se para o intérprete:

Machine Translated by Google

Acredito, Morkos, que muitos desses russos irão para o céu!

O prudente Morkos não respondeu. Mas eu, levantando-me, acrescentei:

Estou certo disso.

E voltamos em silêncio para os muros escuros de Jerusalém

Machine Translated by Google

A ALMA DO ORIENTE E DO OESTE

EPÍLOGO NO MAR

A bordo de um barco Lloyd's, saindo de Beirute.

No mar novamente! — Na costa distante, de onde parte rapidamente o vapor, desdobra-se a opulenta capital siríaca com o seu imponente porto, com as suas casas pintadas de amarelo, azul, verde, e com as suas varandas orientais de amplos arcos.

Os lugares por onde percorri nestas últimas semanas passam diante de mim num rápido panorama: Líbano, Baalbec, o Anti-Líbano, Damasco e a costa da Síria, de Beirute ao Carmelo. A Terra Santa não é mais que uma linha ondulada que escapa para o mar a cada golpe da hélice, e meu último olhar gostaria de saborear mais uma vez todos aqueles belos passeios matinais ao ritmo embalador da onda do mar, aquele galope trêmulo nas praias da orla madrepérola dos rios, e naquela subida lenta até às cúpulas azuis da Galileia, onde as íris roxas e os lírios de coração negro florescem até ao topo das montanhas... Mas o imagens das coisas vistas condensam-se em pensamentos. Todo o meu caminho no Levante pode agora ser resumido no meu espírito em poucas linhas. Uma impressão domina todas as outras, é a do abismo que separa a alma do Oriente da alma do Ocidente.

Não se pode negar que as raças errantes da África e da Ásia trazem na testa um ponto luminoso, o misterioso sinal do dedo de Deus. Profundamente ignorantes, por baixo das suas superstições e dos seus vícios, não têm, portanto, menos o culto ingénuo desse divino. mundo pelo qual temos uma nostalgia dolorosa. Eles veneram lugares sagrados e símbolos sagrados sem compreendê-los, com um fervor insaciável. Procuram obscuramente nas suas adorações e nos seus sonhos a harmonia final, a verdade integral, cuja afirmação profética dorme nos antigos santuários. Precisamente por isso há uma grande luz difundida nessas almas imóveis. São almas primitivas de crianças, almas de fé e de expectativa.

Quão diferentes são os nossos países de civilização extrema e superexcitada, os nossos países febris

Machine Translated by Google

povos do Ocidente, com faróis, observatórios, fortalezas formidáveis, canhões mortais e oficinas de sopro, navios de guerra e locomotivas, onde água e fogo, inimigos aliados, trabalham rugindo sob a mão do homem! Quão diferentes dos sábios de outros tempos são os nossos estudiosos com sua química sutil e sua vivissecção feroz! Ah, certamente, toda esta raça de Jafé carrega a tocha de Prometeu na mão e sua testa se ergue das chamas vermelhas, um sinal ousado de Lúcifer desafiando o Universo e o próprio Deus! — Mas, não nos enganemos, esta raça de Jafé também traz no rosto a sombra negra, o sinal fatal de Satã, ou seja, o orgulho do grande Negador que não sabe mais amar, porque cessou acreditar, e em quem ele não acredita mais porque deixou de ver o Divino com os olhos da Alma, aquele cujo coração está devorado e separado dele, o olhar escurecido pela inveja destrutiva, o coração paralisado por esta fúria secreta , vingador de toda paixão maligna.

É verdade que o Lúcifer moderno, rodeado de todos os poderes da matéria domesticada, mas despojado dos poderes celestes da Alma, está hoje como que esmagado pelo peso das suas descobertas e do seu génio implacável.

Almas do Oriente e do Ocidente, que refletem os dois pólos da Verdade, quando vocês decidirão se encarar? Ouço aquela do Ocidente dizer à irmã: «Deixa-nos, a tua fé está morta, não passas de pó; o futuro é meu! » E o do Oriente respondeu: « Vá em frente; sua ciência está amaldiçoada, leva ao suicídio; Tenho paz no Senhor." E eu direi a eles:

«Por que ignorar um ao outro assim? Busque e ouse olhar mais profundamente para o seu oponente – e para dentro de você mesmo! Crentes, vocês ainda não têm fé suficiente; racionalistas, vocês ainda não atingiram os limites da sua razão. São Tomás de Aquino disse:

“A fé é a coragem da mente que avança, certa de encontrar a verdade.” Expressão magnífica, que todos os pensamentos livres e todas as fés livres reivindicam para si. E, nos nossos tempos, Claude Bernard gritou: “Tenho certeza de que um dia o fisiologista, o poeta e o filósofo falarão a mesma língua e se entenderão”. Sim, a Verdade é uma só, ou não é. A verdadeira Ciência só se ilumina e se explica em virtude da Consciência, e sem ela não passa de dinamite na mão de um cego. A Verdadeira Luz, que é Sabedoria, irradia Amor, e o Amor verdadeiro dá origem à Luz. Talvez um dia vocês saibam, almas do Oriente e do Ocidente, mães inimigas, que só encontrarão a salvação de seus filhos quando se ajudarem mutuamente.

Machine Translated by Google

Alguns dizem que, no santuário budista de Lassa, no Tibete, e melhor ainda, no santuário bramânico de Agarta, na Índia, em cujo coração os europeus nunca penetram, uma sabedoria muito antiga e muito preciosa é armazenada e zelosamente guardada. Não sei se isto é verdade, mas talvez, se a Europa conseguir falar com ela, a Ásia consiga responder com estes santuários. É certo, porém, que a atual ciência ocidental, não iluminada pelas faculdades superiores da Alma e pelos princípios intelectuais do Espírito puro, parece impotente, apesar do seu bem-estar material, tanto para consolar o indivíduo como para organizar a sociedade. Por outro lado, aqueles que pedissem qualquer revelação ao clero de todos os cultos cristãos reunidos, um clero muito mais preocupado com os seus privilégios do que com os problemas que perturbam o mundo, preparar-se-iam para uma amarga decepção. Encontrarão apenas uma tradição árida, letra morta, dogmas contraditórios, ritos que se tornaram impotentes pelo uso prolongado, símbolos materiais desprovidos do espírito que os criou. Esqueletos esperando, para se cobrirem de carne e viverem novamente, pelo sopro de algum novo Ezequiel. Na verdade, trata-se de uma regeneração completa da Europa em virtude de uma reforma intelectual e espiritual. Àqueles que acreditam que uma sociedade pode reconstruir-se através de um trabalho puramente político, ou de decretos pontifícios, deveríamos responder com as palavras do Anjo resplandecente que Maria Madalena viu no túmulo vazio de Cristo: «Ele não está aqui; porque ele ressuscitou! ».

Mas já o cabo de Beirute e a cadeia nevada do Líbano desaparecem atrás da esteira do navio... a imensidão líquida destaca-se cada vez mais no horizonte, rolamos para o mar... e todo o Oriente não passa de um sonho.
— Adeus então, fulvo Egito, terra de antiga iniciação, e você, Grécia de mármore, querida ao meu coração, terra sagrada para a Beleza, e você também, triste Palestina, ainda pálida pela emoção divina que passou por você! Depois de muitos outros, vim saciar minha sede em suas fontes e restaurar-me em seus templos. Nunca mais te verei... O meu caminho é para o Ocidente, para as novas terras, para o futuro que deve ser a integração do passado. Irmãos conhecidos e desconhecidos me chamam para a luta da vida. Mesmo que eu sinta minhas forças faltando e sucumba antes de cumprir minha tarefa, não te esquecerei. Em você contemplei previamente as terras prometidas. Você reavivou em mim o que meu desejo procurava em você.

Não é a trindade de Tebas, Elêusis e Jerusalém a eterna trindade da Ciência, da Arte e da Religião, transfigurada e fundida na Vida integral?

Abri três caminhos. Que outros caminhem livremente por lá e estou certo de que

Machine Translated by Google

todos se encontrarão no mesmo pico.

Hoje mais do que nunca “o Espírito sopra onde quer”. Em primeiro lugar, cada raça, cada povo, cada homem, deve procurar dentro de si o seu Oriente e o seu Ocidente, a terra de onde vem e o céu para onde vai. Só então, tendo encontrado o Oriente da Alma, poderemos exclamar com certeza, voltando-nos para o Oriente do nosso planeta, berço predestinado da religião universal e misteriosa chave do futuro: Ex Oriente Lux!

Machine Translated by Google

RELACIONAMENTOS ESPIRITUAIS

RUDOLF STEINER

MITOS E MISTÉRIOS DO EGITO

RELAÇÕES ESPIRITUAIS ENTRE CULTURAS

ANTIGOS E OS DOS NOVOS TEMPOS

Se nos perguntarmos: o que deve ser a ciência espiritual para o homem, a partir de todo o conjunto de sentimentos que fomos formando no decorrer do nosso trabalho neste campo, a resposta surgirá sempre renovada diante da nossa alma: «A ciência espiritual deve ser uma caminho para o desenvolvimento superior do nosso ser humano, do elemento humano dentro de nós."

Com isto indicamos um objetivo que, em certos aspectos, é óbvio para todo homem que pensa e sente; uma meta que implica a realização dos ideais mais elevados e, ao mesmo tempo, a expansão das forças mais significativas e profundas da nossa alma. Em essência, em todos os tempos, os melhores homens sempre se perguntaram: como o homem consegue desenvolver de maneira correta o que nele está predisposto como tendência? As respostas dadas foram muitas e variadas; mas nenhum, talvez, seja mais conciso e expressivo do que aquele que Goethe, movido por profunda inspiração, nos deu em seu poema Os Mistérios: “Daquele Poder que cativa todo ser - liberta-se o homem que se conquista”.

Infinitamente vasto e profundo é o significado oculto nestas palavras que nos mostram com força e clareza como a essência de todo progresso na evolução consiste no fato de que o homem desenvolve a sua vida interior superando-se, elevando-se além do seu nível natural. A alma que sabe se superar encontra o caminho para se superar e alcançar os valores humanos supremos.

É legítimo recordar esta meta altíssima da investigação espiritual ao nos prepararmos para abordar um tema como o que aqui propusemos, que, transcendendo o horizonte da existência comum, nos conduzirá às questões mais elevadas da vida. Ao tratar deste tema, teremos que abraçá-lo com o olhar

Machine Translated by Google

milhares e milhares de anos, ou seja, o vasto período que vai do antigo Egito até os nossos dias; obteremos algo verdadeiramente conectado com os acontecimentos e aspirações mais íntimos e profundos de nossa alma.

Porque se às vezes pode parecer que o homem, ao aspirar às alturas da vida, se distancia daquilo que lhe é imediatamente dado, isso é apenas uma aparência; na realidade, porém, isso o aproxima da compreensão do que o preocupa no dia a dia. O homem deve saber superar as misérias da vida quotidiana, elevar o olhar para os grandes acontecimentos da história dos povos e do mundo; só então ele encontra o que há de mais sagrado em sua alma.

À primeira vista pode parecer estranho que se procurem relações, relações íntimas entre o nosso tempo e o antigo Egipto - a era das gigantescas Pirâmides e da Esfinge - pode ser surpreendente que afirmemos ser capazes de compreender melhor a nossa época voltando o olhar para tais um passado distante. Mas, pela mesma razão, teremos de lançar o olhar para épocas muito mais remotas, alcançando assim ainda melhor o resultado que procuramos, ou seja, a possibilidade de nos elevarmos para além de nós mesmos.

Para quem já estudou seriamente os conceitos elementares da ciência espiritual, esta busca de uma ligação entre épocas tão distantes umas das outras não parecerá nada estranha; pois ele se baseia na crença fundamental de que a alma humana sempre retorna à Terra novamente, e que o homem vivencia repetidamente suas experiências entre o nascimento e a morte.

A doutrina da reencarnação já nos é familiar e, refletindo sobre ela com atenção, podemos perguntar-nos: dado que as almas que hoje vivem em nós já apareceram muitas vezes na Terra, não será talvez possível que sejam precisamente as mesmas que aqueles que, no antigo Egito, durante a era da cultura egípcia, contemplaram as gigantescas Pirâmides e a misteriosa Esfinge?

Esta questão pode ser respondida afirmativamente. O cenário foi renovado e as nossas almas hoje veem novamente os antigos monumentos que admiravam no passado distante. Nossas próprias almas viveram então, depois reviveram nas eras subsequentes e reaparecem agora na era presente; e sabemos que nenhuma vida permanece infrutífera, e que as experiências e provações passadas permanecem na alma, para reaparecer, em futuras encarnações, como faculdades e forças, no temperamento e nas disposições congênitas. Assim, a nossa forma de observar a natureza, de acolher o que o nosso tempo produz e, em geral, de considerar o mundo, foi preparada no antigo Egito, na terra do

Machine Translated by Google

Pirâmides.

Fomos então moldados naquela forma que nos permitiu olhar para o mundo físico como o vemos hoje; e nestas conferências pretendemos descobrir as misteriosas concatenações que existem entre estas duas épocas tão distantes no tempo.

Se quisermos reconhecer o seu significado profundo, devemos recuar muito na evolução da nossa Terra. Sabemos como tem sido alvo de inúmeras transformações.

Outras culturas precederam o antigo Egito. Com os meios da investigação oculta podemos empurrar o nosso olhar muito mais para trás, para os primórdios nebulosos da evolução humana, chegando naturalmente a tempos em que a Terra tinha uma aparência totalmente diferente da de hoje. O solo onde hoje se encontram a Ásia e a África era diferente. Olhando para trás, através da clarividência, chegamos ao momento em que uma imensa catástrofe, causada pelas forças da água, foi desencadeada sobre a Terra, mudando completamente a sua face; e, se recuarmos ainda mais, chegamos a outras épocas em que a fisionomia da Terra ainda era diferente, em que aquilo que hoje, entre a Europa e a América, forma o fundo do Oceano Atlântico, estava à superfície, era continente . Naquela época, nossas almas viviam em corpos muito diferentes dos de hoje. Estes foram os tempos da antiga Atlântida, sobre a qual a ciência externa ainda hoje pode nos dar muito pouca informação.

Mais tarde, as terras da Atlântida foram destruídas por imensos cataclismos aquáticos. As formas dos corpos humanos eram diferentes das de hoje e tornaram-se ainda diferentes mais tarde. Mas as almas que hoje vivem em nós já viveram nos antigos Atlantes; eles eram nossas próprias almas. O cataclismo aquoso (inundação) provocou então movimentos internos dos povos atlânticos, ou seja, uma grande migração de oeste para leste. No final da Atlântida as migrações tornaram-se muito acentuadas; e fomos nós, os homens que constituímos esses povos, nós que migramos de oeste para leste, através da Irlanda, Escócia, Holanda, França, Espanha. Assim, a Europa, a Ásia e as partes do norte da África foram povoadas.

Contudo, não acreditemos que a última grande corrente migratória, que partiu do Ocidente, não tenha encontrado outras populações nos países que mais tarde constituíram a Europa, a Ásia e a África. Quase toda a Europa, o norte de África e grande parte da Ásia não foram inicialmente povoados pela migração

Machine Translated by Google

vindo do oeste, mas já estavam lá antes; então as pessoas que vinham do Ocidente encontraram uma população completamente estrangeira.

Podemos, portanto, imaginar como, quando chegaram tempos mais calmos, foram produzidas condições de cultivo muito especiais. Vera, por exemplo, perto da Irlanda, região onde, antes da catástrofe atlântica, ocorrida há milénios, viviam os elementos mais avançados de toda a população da Terra. Essas pessoas, sob a orientação especial de personalidades muito importantes, atravessaram a Europa e chegaram a uma região da Ásia Central, de onde foram enviadas para diferentes regiões para colonizar e civilizar. Tal colónia da era pós-atlante que, tendo-se separado daquele primeiro grupo, foi enviada para a Índia, encontrou ali uma população já estabelecida desde tempos muito remotos, que também tinha uma cultura própria. Esses colonizadores, tendo em conta o que já existia, fundaram, há muitos milénios, a primeira cultura pós-atlântica, que é quase ignorada pelos documentos históricos externos, uma vez que estes apenas contam factos ocorridos milénios depois. Nas importantíssimas coleções de sabedoria que conhecemos sob o nome de Vedas, existem apenas os últimos ecos do que restou como resíduos de uma primeira e muito remota civilização indiana, guiada por Seres supraterrestres, e fundada pelos "Risei Santos". Foi uma civilização única no seu género, da qual hoje só podemos ter uma vaga ideia, uma vez que os Vedas são apenas um reflexo daquela antiga cultura sagrada indiana.

A este primeiro período pós-atlante seguiu-se um segundo, aquele do qual surgiu mais tarde a cultura persa, em que se revelou a sabedoria de Zoroastro. A civilização indiana durou muito tempo, assim como a persa, que atingiu seu apogeu em Zoroastro.

Surgiu então, também sob a influência dos colonizadores enviados ao vale do Nilo, a cultura que podemos resumir em quatro nomes: Caldeu-Egípcio-Assírio-Babilônico.

Esta terceira cultura da era pós-atlante formou-se na Ásia Menor e no Norte de África e atingiu o seu ápice na astronomia maravilhosa, na sabedoria estelar dos caldeus, por um lado, e na cultura egípcia, por outro.

Segue-se então um quarto período que ocorre no sul da Europa; a chamada cultura greco-latina, que tem em seus primórdios as canções de Homero e que nos é revelada em

Machine Translated by Google

Plasticidade grega, bem como na arte poética suprema que produziu as tragédias de Ésquilo e Sófocles. O romanismo também pertence a este quarto período, que começa por volta do século 80 (747 a.C.) e dura até os séculos XIV e 150 após o nascimento de Cristo (1413). Aqui começa a quinta era, na qual ainda nos encontramos; e este será seguido por outros dois, o sexto e o sétimo. Neste último, a antiga cultura indiana será ressuscitada numa nova forma. Na verdade, existe uma lei singular que nos revela a acção de forças que actuam admiravelmente ao longo das diferentes épocas e a ligação que une as várias épocas da cultura.

Vejamos primeiro todo o primeiro período, o da cultura indiana; nós o veremos ressuscitar em outra forma no sétimo. Nisto a antiga cultura indiana se manifestará novamente, transformada pela ação de forças misteriosas. Assim veremos o segundo período, que chamamos de Persa, florescer novamente na sexta época. Após o declínio da nossa cultura, veremos o renascimento da religião de Zoroastro no sexto período.

No nosso quinto período, como veremos mais adiante, ocorrerá uma espécie de ressurreição do terceiro, o egípcio. O quarto período está no meio, por si só, e não tem similar nem antes nem depois.

Para melhor compreender esta lei misteriosa, queremos acrescentar o seguinte: sabemos que o hinduísmo tem algo muito estranho para nós, que quase ofende o nosso sentido de humanidade, ou seja, a divisão em castas, as diferentes castas de sacerdotes, guerreiros, comerciantes e trabalhadores. Esta divisão severa é difícil para a nossa consciência. Em vez disso, naquela primeira civilização pós-atlante era algo familiar, natural; então foi inevitável que a humanidade se dividisse em quatro graus, de acordo com as diferentes faculdades das almas.
Ninguém sentiu qualquer crueldade nisso, uma vez que os homens eram classificados pelos seus Guias, cuja autoridade era tal que todas as suas ordens eram espontaneamente consideradas corretas e adequadas por todos. Os homens sabiam que os Guias, os sete santos Risei, que haviam recebido ensinamentos de Seres divinos durante a era Atlante, sabiam que lugar cada homem merecia. Tal classificação era, portanto, natural. No sétimo período o agrupamento dos homens ocorrerá de forma completamente diferente. Enquanto no primeiro período isso aconteceu através do trabalho da autoridade, no sétimo período os homens se agruparão de acordo com pontos de vista práticos. Vemos algo semelhante na vida das formigas: elas formam um Estado mais maravilhosamente concebido do que qualquer Estado humano e são capazes de um trabalho comparativamente imenso.
No entanto, vemos representado precisamente o que parece ser isto para o homem hoje

Machine Translated by Google

difícil: o sistema de castas; cada formiga tem sua tarefa especial no trabalho geral.

Seja como for que se pense hoje, os homens perceberão que na sua divisão em grupos, do ponto de vista prático, está a salvação da humanidade, e encontrarão a possibilidade da divisão do trabalho, sem prejuízo da igualdade de direitos. A sociedade humana aparecerá como uma harmonia maravilhosa; isso pode ser lido nos anais do futuro.

Assim a antiga Índia ressurgirá; e de forma semelhante algumas características do terceiro reaparecerão no quinto período.

Ora, se considerarmos antes de tudo o que diz respeito mais diretamente ao nosso tema, encontramos o grandioso campo onde assomam as Pirâmides e a Esfinge, e vemos essas mesmas almas, que pertenceram aos antigos índios, encarnadas mais tarde no Egito e reencarnadas novamente. Também hoje. Seguindo esta característica geral em seus detalhes, veremos em primeiro lugar duas manifestações que nos mostrarão como já na esfera que se passa na Terra podem ser seguidos certos fios misteriosos entre a cultura egípcia e a nossa. Vimos a lei da repetição de diferentes épocas; mas parecerá infinitamente mais importante para nós se o seguirmos nas regiões do Espírito.

Todos conhecemos uma pintura famosa e profundamente importante que, devido a uma série de circunstâncias, se encontra hoje, significativamente, na Alemanha: a Madona Sistina. Talvez tenhamos aprendido a admirar nesta pintura, que muitos puderam ver em inúmeras reproduções, a maravilhosa pureza que envolve a figura da Mãe; sentimos talvez algo de especial no seu rosto e no seu andar singular, talvez também no olhar profundo do Menino. Então, contemplando as nuvens ao redor, das quais emergem inúmeras cabeças de anjos, pode ter despertado em nós um sentimento ainda mais profundo, que nos dá um lampejo de compreensão de todo o quadro. Sei que estou prestes a dizer algo arriscado; mas quem observar profundamente aquele Menino nos braços de sua Mãe, e, atrás dele, as nuvens que aparecem como um grupo de cabeças de anjos, despertará a ideia de que Ele não é apenas uma criança nascida de forma natural, mas que seja um daqueles mesmos que pairam ao seu redor nas nuvens. Aquele Menino Jesus também é uma figura nebulosa, só que um pouco mais densa que as outras, como se um daqueles anjinhos que pairam nas nuvens tivesse voado para os braços da Mãe. Tal sentimento seria perfeito; e ao torná-lo vivo em nós ampliaremos o nosso olhar, libertando-o de certas interpretações estreitas

Machine Translated by Google

das relações naturais da vida. Precisamente a partir de uma imagem como esta, a visão estreita poderá se ampliar para conceber como aquilo que, segundo certas leis, deve acontecer de uma determinada forma hoje, poderia ter se manifestado de forma diferente em outra ocasião. Reconheceremos que noutros tempos a procriação era diferente da procriação sexual.
Em suma, a partir desta imagem veremos muitas das relações profundas entre as forças humanas e as forças espirituais que estão verdadeiramente contidas nelas.

Se deixarmos agora o nosso olhar vaguear pela era egípcia, encontraremos algo muito semelhante; uma imagem igualmente sublime. O egípcio tinha Ísis, o Ser a quem se referiam as palavras: “Eu sou o que é, o que é, o que será”. Nenhum mortal jamais levantou meu véu."

Na figura de Ísis, a doce espiritualidade divina, revelou-se um profundo mistério escondido sob um denso véu; ela, com seu filho Hórus, revelou-se à consciência espiritual do antigo Egito, como a Nossa Senhora com o Menino Jesus para nós. O fato de Ísis nos ser mostrada como aquela que carrega dentro de si o eterno nos lembra o sentimento de que. vamos tentar contemplar a Madonna. Devemos ver mistérios profundos em Ísis, mistérios fundados no Espírito. Ísis reaparece em Nossa Senhora; a Madonna é uma reminiscência de Ísis; aqui está um desses relatórios.
Mas esses mistérios profundos, que sugerem uma relação sobrenatural entre a cultura egípcia e o Factual, devem ser compreendidos através do sentimento.

Hoje poderemos apontar outra relação desse tipo. Lembramo-nos da forma como o egípcio tratava os seus mortos; pensemos nos cuidados que ele teve para garantir que a forma física externa fosse preservada por muito tempo através da mumificação.
Sabemos que encheu os túmulos com múmias nas quais foi preservada a forma externa dos falecidos, sabemos que nos túmulos também colocou os móveis e objetos que lhes pertenceram, que deveriam acompanhá-los como lembranças da vida física. que tinha acabado de passar. Assim, o que o homem possuía no mundo físico tinha de ser preservado, e assim os egípcios ligavam os seus mortos ao plano físico. Este uso tornou-se cada vez mais difundido e tornou-se característico da antiga civilização egípcia.

No entanto, fatos semelhantes não ficam sem consequências para a alma. Como vimos, as nossas próprias almas habitavam aqueles corpos egípcios que mais tarde foram mumificados. Agora sabemos, por descrições já feitas no passado, que quando o homem, após a morte, se liberta de seus corpos físico e etérico, ele não fica inconsciente, mas assume outra forma de consciência enquanto vive no mundo astral. De lá ele é capaz de olhar para a Terra

Machine Translated by Google

físico, (embora atualmente da Terra física eu não consiga olhar para o mundo espiritual).
A este respeito, não é indiferente se o corpo físico é preservado como uma múmia, em vez de enterrado ou queimado. O resultado é uma conexão muito específica, cuja natureza misteriosa veremos mais adiante.

Desse costume estabelecido no antigo Egito, de preservar os corpos por muito tempo, surgiu uma experiência muito específica para as almas no período pós-morte. Olhando para a Terra eles sabiam: esse é o meu corpo; e eles estavam ligados a esse corpo físico deles, tinham a forma dele diante deles, e essa forma tornou-se de extrema importância para eles, pois a alma, após a morte, é muito suscetível às impressões.

A impressão produzida pelo corpo mumificado ficou profundamente gravada na alma e moldou-a de acordo.

Posteriormente, a alma passou por inúmeras encarnações, durante a era greco-latina, e agora, na nossa era atual, vive dentro de nós. Mas o facto de ter visto o seu próprio corpo depois da morte e de ter, por assim dizer, mantido nele o olhar, não ficou sem consequências; a alma o acolheu em suas simpatias e hoje, na quinta época, carrega dentro de si o fruto, na inclinação de dar grande valor à vida física externa. Tudo o que hoje prende esmagadoramente as almas à matéria deriva de terem tido em mente, durante a sua permanência no mundo espiritual, a sua própria encarnação corporal. Com isto o homem aprendeu a amar o mundo físico; e por isso hoje ouvimos tantas vezes que só o corpo físico tem importância entre o nascimento e a morte. Tais opiniões não surgem do nada. Não se pretende aqui criticar a era das múmias, mas apenas mencionar as necessidades que estão ligadas às repetidas reencarnações da alma.

O progresso evolutivo dos homens não poderia ter sido feito sem a instituição da mumificação, que concentrou o interesse das almas nos seus restos mortais deixados na Terra. Se os egípcios não tivessem tido o culto às múmias, o homem teria perdido todo o interesse pelo mundo físico, mas deveria ter despertado nele um interesse justificado. A forma como o homem moderno organizou o seu mundo, vendo-o como o vê, é uma consequência do facto de os egípcios mumificarem os corpos físicos após a morte. Porque a cultura egípcia também se desenvolveu sob a influência de iniciados capazes de prever os tempos futuros.

Machine Translated by Google

Não foi por capricho que os cadáveres foram submetidos à mumificação; indivíduos elevados guiaram – e sobretudo na época – a humanidade, e organizaram as coisas da maneira certa. Nas escolas de iniciação eram conhecidas as ligações que ligariam a nossa época à terceira. Estas ligações misteriosas estavam então diante dos olhos dos sacerdotes e introduziram a instituição da mumificação, para que as almas acolhessem bem a tendência de procurar experiência espiritual através do mundo físico externo.

Assim – e este é outro exemplo de tais conexões – o mundo é guiado pela sabedoria.
O fato de os homens atualmente pensarem como pensam é resultado do que vivenciaram no antigo Egito.
Penetramos assim com o olhar nos mistérios profundos que se manifestam nas correntes da cultura. Por enquanto tocamos apenas nesses segredos, pois o que mostramos sobre Nossa Senhora, como uma reminiscência de Ísis, e a mumificação dos cadáveres, mal toca nas verdadeiras ligações espirituais.
Mas mais tarde explicaremos estas condições mais detalhadamente e contemplaremos não apenas o que se manifesta externamente, mas também o que está na base delas.

A vida externa flui do nascimento à morte. Após a morte, o homem vive um período de vida muito mais longo, ou seja, todo o período que conhecemos como Kamaloka e como Devachan ou mundo espiritual. As experiências pelas quais passamos nos mundos supra-sensíveis certamente não são mais uniformes do que as do mundo físico. O que vivenciamos como antigos egípcios nos mundos além?

Quando o nosso olhar deslizou pela Pirâmide, quando o voltamos para a Esfinge, como a nossa vida se desenrolou de maneira diferente, como foi diferente tudo o que a alma sentiu entre o nascimento e a morte! Não dá nem para comparar aquela vida com a atual, nem faria sentido compará-la. E ainda mais variadas que as experiências externas são aquelas entre a morte e um novo nascimento.
Então, durante a cultura egípcia, a alma experimentou coisas completamente diferentes do que na era grega, ou na época de Carlos Magno, ou na nossa.
Mesmo no mundo além, no mundo espiritual, ocorre uma evolução, e o que o homem experimenta hoje entre a morte e um novo nascimento é totalmente diferente do que o antigo egípcio experimentou quando, ao morrer, depositou seus restos mortais. E assim como a influência da mumificação continuou em seu gênero, em suas características peculiares, tornando-se a causa das atuais atitudes da alma, e como a vida externa da terceira época se repete na quinta, também ocorre um progresso de evolução na mundos misteriosos entre a morte e um novo nascimento.

Machine Translated by Google

Teremos também de considerar isto; e também aqui surgirão certas conexões misteriosas. Ao fazê-lo teremos reunido os elementos para compreender verdadeiramente o que vive em nós como fruto daquele passado remoto. Teremos certamente que descer a labirintos muito profundos da evolução terrestre, mas precisamente por isso chegaremos a compreender plenamente a relação entre o que os egípcios construíram e os caldeus pensaram, e o que construímos e pensamos hoje. Veremos o que foi feito então reavivar-se naquilo que hoje nos rodeia, naquilo que nos interessa no mundo que nos rodeia. Física e espiritualmente, essas relações serão explicadas para nós e, além disso, será mostrado como a evolução progride e como a quarta época forma um elo maravilhoso entre a terceira e a quinta.
Assim nossa alma se elevará para contemplar as grandes e significativas conexões do mundo, amadurecendo fruto de uma compreensão profunda daquilo que vive dentro de nós.

Machine Translated by Google

O REFLEXO DOS EVENTOS CÓSMICOS NO CONCEPÇÕES RELIGIOSAS HUMANAS

Ontem tentamos reconhecer certas correspondências entre as diversas condições de vida, e especialmente de vida espiritual, das chamadas culturas pós-atlânticas. Vimos que o primeiro se repetirá no sétimo, isto é, no último; a segunda, a cultura persa, na sexta; e a egípcia, da qual trataremos nos próximos dias, se repete em nossa quinta cultura, ou seja, em nossas vidas e destinos. A quarta cultura, que se passa na era greco-latina, assume, como dissemos, uma posição excepcional, e nela não ocorre nenhuma repetição.

Com isto acabamos de mencionar as misteriosas relações entre as diversas culturas que ocorrem na era pós-atlante, depois que a civilização atlante foi destruída por poderosos cataclismos aquáticos. Mesmo a era que se segue à Atlântida irá desaparecer um dia: no final da nossa grande quinta época pós-Atlante, também se seguirão catástrofes semelhantes àquela que encerrou a época Atlante. Será a chamada “guerra de todos contra todos” que porá fim à sétima cultura da quinta época.

As correspondências que mencionamos e as repetições relativas entre culturas são muito interessantes e, se as estudarmos com mais precisão, lançarão muita luz sobre a vida das nossas almas.

Hoje, para lançar as bases do que teremos de explicar mais tarde, devemos recordar diante dos nossos olhos algumas outras repetições.
Teremos que vagar pela evolução da nossa Terra e descobriremos que horizontes amplos nos interessam intimamente.

Apenas devemos agora tentar não esquematizar estas repetições. Quando, no ocultismo, falamos da repetição da primeira cultura na sétima; do terceiro para o quinto, e assim por diante, alguém dotado de tendências combinatórias poderia sentir-se tentado a estender as relações citadas a outros casos, esquematizando-os. Pode-se acreditar que é legítimo e, na realidade, em muitos livros sobre temas teosóficos encontramos muitos absurdos deste tipo. Portanto, é necessário colocar rigorosamente

Machine Translated by Google

proteja-se contra esta tendência de combinar as coisas e afirme que só a observação dos fatos é decisiva neste sentido, só a observação espiritual. O que você pode

a leitura no mundo espiritual é certamente compreensível pela lógica, mas não pode ser descoberta apenas pela lógica; somente a percepção espiritual é capaz de experimentá-lo.

Se quisermos compreender com maior precisão as épocas da cultura, devemos ser capazes de abarcar toda a evolução da Terra, tal como ela se apresenta ao vidente capaz de dirigir o seu olhar espiritual para os acontecimentos de um passado muito remoto. Olhando para trás na evolução, descobrimos que a Terra nem sempre teve a mesma aparência que é agora; não tinha, por exemplo, uma base mineral sólida como a atual. O reino mineral era diferente; ele não trouxe plantas ou animais como os de hoje. Da mesma forma, os homens ainda não viviam num corpo de carne, nem possuíam um sistema ósseo. Tudo isso só surgiu mais tarde. Quanto mais recuamos no tempo, mais nos aproximamos de uma condição que, se pudesse ter sido contemplada a partir de distâncias cósmicas, nos teria revelado uma espécie de nevoeiro, como uma fina nuvem etérica muito maior que a nossa atual Terra. . Esse nevoeiro, que se teria estendido até aos limites dos planetas mais distantes do nosso sistema solar, e mais além, teria dentro de si não só o que mais tarde formou a nossa Terra, mas também os planetas e o próprio Sol. E um observador que pudesse ter se aproximado daquela massa nebulosa para examiná-la com exatidão, teria visto que ela era composta de inúmeros pontos etéricos muito finos. Se observarmos de longe um enxame de mosquitos, ele nos parece uma nuvem, mas olhando de perto reconhecemos cada componente. Aproximadamente é assim que teríamos visto então, naquele passado distante, a massa da Terra, não material como a vemos agora, mas condensada apenas no estado etérico. Consistia, portanto, de pontos etéricos individuais que tinham uma particularidade muito especial. Se o olho humano pudesse tê-los visto, não os teria percebido como o clarividente os teria visto naquela época e ainda os vê hoje olhando para trás. Vamos tentar esclarecer isso por meio de uma comparação. Tomemos a semente de uma rosa silvestre, uma semente totalmente desenvolvida. O que o observador vê? Ele vê um corpúsculo minúsculo; e se ele ainda não sabe como é a semente da rosa silvestre, nunca será capaz de descobrir que uma rosa pode crescer daquele grão. Você nunca adivinharia pela forma simples do grão. Em vez disso, o homem dotado de uma certa faculdade clarividente teria a seguinte experiência: a semente desapareceria gradualmente diante dos seus olhos, e ao seu olhar interior uma

Machine Translated by Google

forma de flor, surgindo espiritualmente da semente. Diante do olhar clarividente estaria uma figura real, perceptível apenas no espírito: o arquétipo daquilo que mais tarde se desenvolve a partir da semente.

No entanto, seria um erro acreditar que este número é idêntico à planta correspondente a essa semente. Não é de todo. É uma figura luminosa maravilhosa que exibe correntes e formações complicadas. O que mais tarde cresce da semente é apenas uma sombra da maravilhosa figura espiritual de luz que o clarividente pode ver nela. Agora, tendo em mente esta imagem do arquétipo da planta que o clarividente vê, voltemos ao que dissemos sobre a Terra primordial e os pontos etéricos individuais. O clarividente que se colocasse diante de um desses pontos etéricos de poeira da substância primordial, veria surgir uma esplêndida figura luminosa (como a planta com a semente de rosa mosqueta) daquele grão de poeira etérica, que na realidade ainda não foi ela existe, mas está adormecida naquela semente. Então, qual é a figura que o clarividente pode ver ao olhar para aquele átomo primordial da Terra? O que é que emerge? É uma figura, por sua vez, muito diferente do homem físico (assim como a planta física é diferente do arquétipo da planta); ele é o arquétipo da figura humana atual. Então a figura humana dormiu espiritualmente no grão de poeira etérica, e foi necessária toda a evolução terrestre para que ela se desenvolvesse até se tornar o homem atual. Mas quantas coisas tiveram que contribuir para esse fim, pois a semente precisa ser plantada na terra, e irradiada pelo calor do sol, para que a planta possa crescer! Aos poucos compreenderemos como o homem conseguiu sair daquela figura primordial, se percebermos o que entretanto aconteceu.

Nos primeiros dias, todos os planetas estavam conectados à nossa Terra. Mas por enquanto queremos considerar apenas o Sol, a Lua e a Terra que hoje nos interessam de uma forma muito especial. No passado distante, mesmo estes três corpos celestes não estavam isolados uns dos outros, mas todos unidos. Vamos imaginá-los misturados em um único corpo, e obteremos o que era a Terra em seu estado primordial, ou seja: Sol + Terra + Lua. É claro que, em tal condição, o homem só poderia viver num estado espiritual; e ele não poderia viver de outra forma porque o que existe no Sol atual também estava conectado à Terra.
Este estado de coisas, durante o qual a nossa Terra ainda continha dentro de si o Sol e a Lua, e todas as entidades e forças relacionadas, persistiu por muito tempo.

Naquele período o homem ainda existe apenas espiritualmente no átomo primordial e uma mudança ocorre somente após um período extremamente

Machine Translated by Google

conquista importante em nossa evolução cósmica, ou seja, após a divisão do Sol, formando um corpo separado e deixando para trás a Terra e a Lua.
Então o que antes era uma unidade passa a existir como dualidade, e temos dois corpos celestes: o Sol de um lado e, do outro, a Terra + a Lua. Estamos procurando o motivo de tais eventos.

Tudo o que acontece naturalmente tem um significado profundo que compreenderemos se, olhando para trás, virmos como então, na Terra, não só viviam seres humanos, mas, unidos aos homens, também outros Seres, de natureza espiritual, fisicamente imperceptíveis, mas também existindo exatamente como os homens e outros seres físicos. Assim, os seres vivos na esfera que circunda a nossa Terra, e que o esoterismo cristão chama de Anjos, estão conectados com o nosso mundo. Podemos imaginá-los de certa forma, pensando neles agora, no nível em que o homem se encontrará quando a Terra tiver completado a sua evolução. Hoje esses seres já estão tão avançados quanto o homem estará no final de sua evolução terrena. Num nível ainda mais elevado estão os Arcanjos ou Espíritos do Fogo; entidades que podemos ver voltando o nosso olhar espiritual para o que diz respeito a povos inteiros. Os acontecimentos do povo são de fato dirigidos pelos Arcanjos.

Uma classe de seres ainda mais elevada é a dos Archai ou Espíritos da Personalidade; e estes se percebem quando o olhar espiritual abrange épocas inteiras, abrangendo muitos povos, com suas relações e contrastes, e reconhece o que se chama de Espírito do Tempo.

Se, por exemplo, observarmos a nossa época, vemos que ela é guiada por tais Espíritos primordiais ou Archai. Depois há outros Espíritos, ainda mais elevados, que no esoterismo cristão são chamados de Poderes ou Exusiai ou Espíritos da Forma. Incontáveis Seres estão, portanto, conectados à nossa Terra, ascendendo numa espécie de escada acima do homem.

Se, partindo do mineral, subirmos à planta, e da planta ao animal e depois ao homem, descobriremos que o homem é o mais elevado dos seres físicos; mas outros seres também existem entre nós e nos penetram. No início da nossa evolução, quando a Terra surge, por assim dizer, como uma nebulosa primordial do ventre da eternidade, todos esses seres estão ligados à Terra, e ao olhar clarividente parece que, juntamente com a figura humana, outros seres também interpenetram a imagem que descrevemos. São aquelas que já mencionamos, e outras de natureza ainda mais elevada, como as Virtudes, as Dominações, i.

Machine Translated by Google

Tronos, os Querubins e os Serafins. Esses seres estavam todos intimamente ligados à poderosa massa de poeira etérica, mas estavam em diferentes graus de evolução. Alguns eram de tal altivez que o homem não consegue nem ter uma vaga ideia deles; outros eram muito mais próximos dele. E por estarem em diferentes estágios de desenvolvimento, não poderiam passar por sua evolução da mesma forma que o homem, mas precisavam que fosse criado um lar adequado para eles. Entre aqueles seres elevados, alguns teriam sofrido sérios danos se tivessem permanecido unidos aos inferiores. Portanto eles se separaram dele; eles pegaram as melhores substâncias da massa de neblina e estabeleceram seu lar no Sol.

Lá eles criaram o seu céu; e encontraram o ritmo certo para sua evolução.

Se tivessem permanecido unidos às substâncias inferiores, que em vez disso deixaram para trás na Terra, teriam sido impedidos como que por um sério obstáculo à sua evolução. Eles teriam sentido isso como uma bola e uma corrente. A partir disso vemos que o que acontece materialmente, como a separação da substância cósmica, não tem apenas causas físicas, mas se deve às forças dos seres que necessitam de um determinado lar para sua evolução; e, portanto, eles devem construir a sua casa cósmica. Devemos sempre ter em mente que as causas espirituais estão na base de tudo o que acontece.

Assim, na Terra + Lua o homem ficou para trás e, juntas, as Entidades superiores a ele das Hierarquias inferiores, como os Anjos, os Arcanjos e outros seres que eram, em vez disso, inferiores ao homem. Uma única Entidade poderosa, que verdadeiramente já estaria madura para ascender com as outras à esfera do Sol, sacrificou-se e, no entanto, permaneceu com a Terra + Lua. Ela é aquela que mais tarde foi chamada de Jahve ou Jeová, que abandonou o Sol e depois se tornou a guia dos assuntos Terra + Lua. Assim, havia duas moradas cósmicas: o Sol com os seres mais elevados, sob a direção de uma Entidade particularmente sublime que os gnósticos, por exemplo, tentaram representar sob o nome de Pleroma. Devemos representar este último como regente do Sol, enquanto Jahve dirige a Terra + Lua.

Queremos, portanto, lembrar de maneira especial que os espíritos mais nobres e sublimes partiram com o Sol, deixando para trás a Terra com a Lua. A Lua ainda não havia se dividido, mas ainda estava contida na própria Terra. Como então podemos sentir este processo cósmico de separação do Sol da Terra?

Machine Translated by Google

Em primeiro lugar, devemos sentir que o Sol com os seus habitantes é a coisa mais pura, mais elevada, sublime que anteriormente esteve ligada à Terra, enquanto na Terra + Lua se formou um elemento inferior, ainda inferior ao do nosso atual Terra. Isto está agora num nível superior, porque mais tarde ocorreu outra crise, na qual a Terra se libertou da Lua e das suas substâncias mais grosseiras; unido a eles, o homem não seria mais capaz de continuar a sua evolução. A Terra teve que rejeitar a própria Lua.

Mas antes desse momento houve a era mais sombria e horrível para a nossa Terra, quando os elementos que tinham dentro de si as disposições mais nobres caíram sob o domínio das piores forças, e o homem só poderia progredir expulsando essas forças, juntamente com a Lua.

Devemos sentir que um princípio luminoso, um princípio de elevação, o do Sol, se encontra aqui oposto ao princípio escuro, o da Lua.
Ao observar clarividentemente o Sol, então separado dos demais, teríamos visto os seres prontos para habitar ali, mas ainda assim teríamos percebido outra coisa. O Sol, que havia se separado, apareceria não apenas como uma coletividade de seres espirituais, como algo etérico, pois o elemento etérico pertencia à esfera inferior; mas teria aparecido como uma substância astral, como uma poderosa aura de luz. O que teria sido sentido como um princípio de luz teria sido visto no espaço cósmico como uma maravilhosa aura luminosa. Mas quando ele eliminou essa luz de si mesmo, a Terra de repente apareceu condensada, embora ainda não solidificada como no mineral. Um princípio bom e um princípio mau, um princípio claro e um princípio obscuro, opunham-se então um ao outro.

Agora perguntemo-nos: como era a Terra antes de eliminar a Lua?
Seria errado imaginá-lo semelhante à nossa Terra hoje. O núcleo da Terra naquela época era uma massa incandescente em ebulição, teria aparecido como um núcleo de fogo cercado por imensas forças aquosas, mas não semelhante à nossa água atual, pois ainda continha metais em forma líquida. Dentro desse todo havia o homem, mas tudo era diferente de hoje.

Acima de tudo, o que conhecemos como ar não poderia ter sido encontrado na Terra na época em que a Lua se separou de si mesma. Os seres que viviam na Terra naquela época não precisavam disso, pois possuíam um sistema expiratório completamente diferente.

O homem tornou-se uma espécie de peixe anfíbio; mas feito de um material

Machine Translated by Google

completamente macio, líquido; o que ele absorveu não foi o ar, mas o conteúdo da água. Era mais ou menos assim que a Terra se parecia então, e devemos sentila num nível muito mais baixo do que sentimos agora. Se não fosse assim, se o Sol e a Lua não se tivessem separado da Terra, o homem nunca teria conseguido encontrar o ritmo certo para a sua evolução e os meios para se desenvolver.
Se o Sol tivesse permanecido dentro da Terra, a taxa de progresso teria sido demasiado rápida; em vez disso, teria sido demasiado lento se as forças que agora operam a partir da Lua tivessem prevalecido unilateralmente. Quando este, em meio a poderosos cataclismos, se separou da Terra, foi gradualmente preparado o que poderia ser chamado de separação da atmosfera ar do elemento água. O ar daquela época não era em nada igual ao de agora, mas continha dentro de si toda espécie de vapores; e o ser que se desenvolveu gradualmente era apenas uma espécie de germe do homem de hoje. Teremos que descrever tudo isso com muito mais precisão mais tarde.

Aprendemos, portanto, a conhecer o homem em três estados diferentes: aliás, tudo quando ele vivia no único corpo cósmico: Terra + Sol + Lua, em união com todos os seres superiores. Nesta condição o olhar clarividente o teria visto da maneira que descrevemos. Então o encontramos em condições muito desfavoráveis na Terra + Lua; e se ele tivesse permanecido em tais condições, ele teria se tornado um ser muito mau e terrivelmente selvagem. Mas quando o Sol se dividiu, estabeleceu-se um contraste entre o Sol, por um lado, e a Lua + Terra, por outro. O Sol então brilhou no espaço como a grande e poderosa aura solar em sua glória radiante. Do outro lado permaneceu a Terra + a Lua, com todas as forças sinistras derrubando até mesmo os elementos mais nobres do homem. Assim nasceu a dualidade. Então a trindade assume o controle. O Sol permanece o que é, mas a Terra separa-se da Lua; dele saem as substâncias mais grosseiras; no entanto, o homem continua a viver na Terra.

Quando o homem olha para trás, para a terceira época, sente as forças cósmicas como um princípio triplo e pergunta-se: de onde vêm elas? No primeiro período ele ainda estava unido a todas as forças superiores do Sol. Aquelas que se desenvolveram no segundo período haviam então desaparecido com a Lua; e o homem sentiu aquele acontecimento como uma libertação, mas também conservou a memória da primeira época, quando ainda estava unido aos seres solares. Depois aprendeu a nostalgia, que se sentia uma criança deserdada. Em vez disso, mais tarde, confrontado com as forças que se separaram, ele pôde sentir-se como um filho do Sol e da Lua.

Assim, a nossa estrela cósmica, a Terra, passou, na sua evolução, da unidade para a

Machine Translated by Google

dualidade e desta para a trindade Sol, Terra, Lua.

A época em que a Lua se dividiu e o homem começou a ter a possibilidade de se desenvolver é chamada de era Lemuriana; e depois de violentos cataclismos de fogo terem concluído esse período, a nossa Terra gradualmente assumiu uma forma na qual as condições da antiga Atlântida puderam ser produzidas. Das massas aquosas emergiram, pouco a pouco, muito depois da divisão da Lua, os primeiros princípios da terra sólida; e somente após essa divisão a Terra poderia se desenvolver da maneira acima mencionada.

Mesmo durante a Atlântida, o homem ainda era bastante diferente de agora; no entanto, já tinha chegado ao ponto de poder mover-se como uma massa mole, por assim dizer, flutuando e pairando, povoando a atmosfera que envolvia a Terra. Só muito lentamente o sistema ósseo se formou. Em meados da era atlântica, o homem já se tinha desenvolvido a ponto de se assemelhar um pouco à nossa figura actual. Contudo, ele ainda tinha uma consciência clarividente; em vez disso, a nossa consciência actual desenvolveu-se apenas muito mais tarde, em eras subsequentes. Portanto, se quisermos compreender o homem daquela época, devemos tentar compreender a consciência clarividente, comparando-a com a consciência atual. Hoje o homem, de manhã à noite, percebe o mundo com os sentidos. Através da sua atividade sensorial recebe continuamente impressões visuais, auditivas, etc. Mas durante o sono noturno este mundo sensível o submerge num oceano de inconsciência.

É claro que, para o ocultista, este não é realmente um estado de inconsciência, mas apenas um grau inferior de consciência. Compreendamos que o homem de hoje tem uma dupla consciência: a clara, diurna, e a do sono ou dos sonhos.
Nos primeiros dias da Atlântida as coisas eram diferentes. A alternância entre vigília e sono se deu de tal maneira que o homem, por um certo tempo, mergulhou em seu corpo físico, mas sem perceber os objetos com os contornos nítidos que atualmente têm para ele. Se imaginarmos caminhar no inverno em meio a uma espessa neblina, vendo os faróis à noite como se estivessem envoltos em uma aura de luz, teremos uma ideia aproximada da consciência objetiva típica dos atlantes.
Para eles, tudo estava envolto em uma névoa; tudo estava imerso na neblina. Esta foi a visão que eles tiveram durante o dia. À noite, porém, era completamente diferente, mas também totalmente diferente de hoje. Ao sair do corpo, o homem não mergulhou na inconsciência, mas se viu num mundo de seres divino-espirituais dotados de um Ego, que percebia ao seu redor como seus companheiros. Assim como é verdade que hoje o homem não vê esses seres durante a noite, também é verdade que naquela época ele percebia verdadeiramente os seres divinos no mar da espiritualidade em que se encontrava imerso. Durante o dia ele era um companheiro dos reinos inferiores,

Machine Translated by Google

à noite ele era companheiro de seres superiores. Assim, o homem vivia numa consciência espiritual, ainda que crepuscular; ele não era dotado de autoconsciência, mas ainda vivia entre aquelas entidades divino-espirituais.

Agora consideremos a sucessão das quatro eras da nossa evolução terrena. Em primeiro lugar, olhemos, com os olhos da alma, para a fase em que o Sol e a Lua ainda estavam em conjunção com a Terra. Os seres daquela Terra eram seres puros e ideais, e o homem ali existia como um corpo etérico perceptível apenas aos olhos do espírito. Na segunda época vemos o Sol como um corpo em si, visível como uma aura, e a Lua + Terra como um mundo do mal. Chegamos então à terceira época, em que a Lua também se desprende da Terra, e sobre ela atuam as forças resultantes dessa tríade. Finalmente chegamos à quarta época; e aqui o homem é agora um ser vivo no mundo físico que lhe aparece nebulosamente, enquanto durante o sono ele ainda é companheiro de seres divinos.

Esta é a era que termina com as imensas catástrofes hídricas: a era da Atlântida.

Agora vamos avançar um passo e chegar ao homem da era pós-atlante. Como dissemos, evoluiu ao longo de muitos milénios, abrangendo primeiro as épocas já mencionadas: a Paleo-Indiana, a Paleo-Persa, a Egípcia-Caldaica-Babilónica, a Greco-Latina e, finalmente, a nossa, em que o quinto posto -A cultura atlântica acontece.

Durante esta evolução o homem perdeu alguma coisa. O que ele perdeu? Veremos isso descrevendo brevemente a Atlântida.

Tentemos imaginar o que os atlantes pensavam ser o estado de sono.
O homem ainda era companheiro dos seres espirituais, dos deuses; ele realmente percebeu o mundo da espiritualidade. Esta faculdade foi perdida para ele após a catástrofe do Atlântico. A escuridão da noite se espalhou ao seu redor. Por outro lado, porém, houve um clareamento de sua consciência diurna e o desenvolvimento de seu ego.
O homem havia conquistado tudo isso, mas os deuses antigos haviam desaparecido para ele e não eram mais do que reminiscências; assim, tudo o que a alma viveu nos primeiros tempos pós-atlantes não era mais do que uma memória das relações que tivera anteriormente com aqueles seres divinos.

Agora sabemos que as almas são sempre as mesmas, pois reencarnam.
Assim como as nossas almas já viveram nos corpos humanos da Atlântida, também estiveram presentes na separação da Lua e do Sol da Terra, e assim também no

Machine Translated by Google

primeiro primordial. O homem já esteve presente na primeira poeira etérica; e as cinco eras culturais do período pós-atlante, nas suas visões do mundo e nas suas religiões, são reminiscentes das eras antigas da Terra.

O primeiro período pós-atlante, o Paleo-Indiano, desenvolveu uma religião que aparece como um ressurgimento interno luminoso, como uma repetição interna nas representações e sentimentos, da primeira época, quando o Sol e a Lua ainda estavam conectados com a Terra, e os seres solares mais elevados ainda habitavam nela. Podemos imaginar que ideias sublimes devem ter surgido naquela cultura!

O Espírito, que esteve unido a todos os Anjos e Arcanjos, a todos os espíritos e deuses, a todos os seres de todas as espécies, na névoa primordial do primeiro estágio da Terra, veio da consciência indiana resumida como uma Individualidade, sob o nome de Brahm, Brahma. A primeira era da cultura do período pós-atlante repete em espírito o que já havia acontecido antes; é como a repetição da primeira época terrena, vista na contemplação interior.

Na consciência religiosa da segunda era da cultura, a Paleo-Persa, domina o princípio da luz e das trevas. Os grandes iniciados colocaram dois seres à sua frente, um personificado no Sol e outro na Lua. Ahura Mazdao é para eles a aura de luz Ormuzd, aquele a quem os persas adoravam como a Deidade suprema.
Ahriman, por outro lado, era o espírito maligno, o representante de todos os seres que ocupavam a Terra + Lua. A religião dos persas é uma reminiscência do segundo período terrestre.

Na terceira era da cultura, o homem teve de dizer para si mesmo: as forças do Sol e da Lua vivem em mim'; Sou filho do Sol e filho da Lua. Todas as forças do Sol e da Lua se manifestam como pai e mãe. Se, portanto, tivermos uma unidade nas origens e na concepção dos indianos, se tivermos uma dualidade após a divisão do Sol, que se reflete na religião dos persas, encontraremos isso refletido na concepção religiosa dos Os egípcios, os caldeus, os assírios, os babilônios, a trindade, tal como existia na terceira época após a separação do Sol e da Lua. A trindade aparece em todas as concepções religiosas do terceiro período, e no Egito é representada pela tríade Osíris, Ísis e Ouro.

Finalmente, a reminiscência daquilo que o homem viveu na sua consciência durante o quarto período terrestre, quando era companheiro dos deuses, surge na era da cultura greco-latina. As divindades dos gregos nada mais são

Machine Translated by Google

que as memórias dos deuses dos quais o homem fora companheiro durante a Atlântida e que ele vira espiritualmente, clarividentemente, como figuras etéricas, quando à noite saía do corpo físico. Assim como hoje o homem vê os objetos externos, Zeus, Atenas, etc. Todos os seus deuses eram figuras reais para ele. O que Atlas experimentou e sentiu em seu estado de clarividência surgiu para os homens da quarta época da civilização no Panteão; e como a cultura egípcia era uma reminiscência da trindade que existiu durante o período lemuriano, as experiências atlantes sobreviveram como uma memória na hierarquia divina dos gregos. Na Grécia, como no resto da Europa, ainda encontramos os mesmos deuses que foram vistos pelos atlantes, mas com outros nomes; os nomes não são inventados; designam as mesmas figuras divinas que o homem viu ao seu lado quando, durante a era atlante, deixou o corpo físico.

Vemos assim que os períodos de eventos cósmicos encontram a sua expressão simbólica nas concepções religiosas das várias eras culturais pós-atlânticas. O que acontecera durante o sono na antiga era atlântica foi revivido na quarta época, a pós-atlante. Encontramo-nos agora na quinta cultura pós-atlante. O que podemos lembrar agora?

Os homens da primeira civilização, os antigos índios, poderiam representar o primeiro período terrestre; os persas, o segundo, com seu princípio do bem e do mal; os antigos egípcios representavam o terceiro período, na sua trindade. As culturas grega, paleo-germânica e romana tiveram o seu Olimpo, no qual recordavam as antigas figuras divinas da Atlântida. Depois veio a nova era, a quinta cultura. Qual poderia ser sua reminiscência? O que esta nossa civilização nos lembra? Nada! Esta é a razão pela qual o ateísmo conseguiu ganhar terreno em muitos aspectos nesta época, e por que deve olhar não para o passado, mas para o futuro. A quinta era deve olhar para o futuro em que todos os deuses terão de ser ressuscitados. Este reencontro com os deuses foi preparado no momento em que interveio o poder de Cristo, o único que agiu com tanta força que pôde devolver ao homem a consciência do Divino. As imagens divinas da quinta era não poderiam ser reminiscências; os homens da quinta era devem olhar para frente, para o futuro; só então a vida poderá tornar-se espiritual novamente. Na quinta época do período pós-atlante, a consciência deverá tornar-se apocalíptica.

Ontem, recordemos, vimos as ligações entre as culturas individuais do período pós-atlante; hoje vimos como os eventos cósmicos são refletidos em

Machine Translated by Google

concepções religiosas dessas épocas.

A nossa quinta cultura está no meio, portanto deve olhar para frente e, antes de tudo, deve compreender plenamente Cristo; e, como as nossas almas estão profundamente entrelaçadas em misteriosas concatenações, veremos como a repetição da cultura egípcia na nossa nos dará um ponto de apoio graças ao qual poderemos realmente dar o passo necessário para avançar em direção ao futuro.

Machine Translated by Google

AS ANTIGAS ESCOLAS DE INICIAÇÃO

A FORMA HUMANA COMO OBJETO DE MEDITAÇÃO

Ontem falámos sobre a misteriosa ligação que existe entre os estados primitivos da evolução da nossa terra e as várias concepções do mundo das culturas que se sucederam no período pós-atlântico.

Foi-nos revelado o fato singular de que, quando a catástrofe atlântica transformou a face da Terra, surgiu na Índia uma civilização primordial e sagrada, que podemos chamar de pré-védica, que, no primeiro período da cultura pós-atlante, mostrou em sua poderosa concepção filosófica uma imagem refletida dos acontecimentos ocorridos no passado distante, no início da evolução terrestre, quando o Sol, a Lua e a Terra ainda estavam reunidos. O que aqueles a quem esta graça foi dada contemplaram em espírito no primeiro período pós-atlântico nada mais era do que uma forma espiritual, apreendida com o espírito, daquilo que tinha sido a realidade no início da evolução do nosso planeta. Vimos também que o segundo estágio da Terra (aquele em que o Sol se dividiu, enquanto a Terra e a Lua formavam, no entanto, um único corpo), e o contraste singular de dois mundos que haviam sido seus, reapareceram no segundo período. da cultura, a Paleo-Persa, como sistema filosófico-religioso, no contraste entre o princípio da luz da aura solar, e o princípio das trevas; entre Hormuzd e Ahriman. O terceiro dos grandes períodos da cultura, o Egípcio-Babilônico-Assírio, é um reflexo espiritual do que aconteceu quando a Terra, o Sol e a Lua se dividiram em três corpos distintos. Na verdade, já mencionamos como a tríade estelar da terceira época da Terra, a trindade do Sol, da Terra e da Lua, se reflete na trindade de Osíris, Ísis e Ouro. Já foi dito que esta cisão ocorreu na era Lemuriana, à qual se seguiu a era Atlante, o quarto estágio de evolução da nossa Terra, em que reinaram condições de consciência totalmente diferentes das de hoje. Graças a essas diferentes condições de consciência, o homem conviveu com os deuses que conheceu e que mais tarde se autodenominaram: Wotan, Baldur, Thor, Zeus, Apolo, etc. Todos eram seres que o homem atlântico podia perceber com a sua clarividência; e a repetição desta clarividência espiritual da era atlântica encontra-se nas memórias dos povos greco-latinos, bem como nas do norte da Europa.

Machine Translated by Google

Foi a memória de experiências realizadas em condições anteriores de consciência; Zeus, Wotan, Marte, Hera, Atenas, etc. eram reminiscências das antigas figuras espirituais que povoaram o mundo primordial.

A quarta era da cultura, portanto, é aquela em cujas religiões aparecem os reflexos do que ocorreu na evolução terrena durante a era atlântica. Em primeiro lugar, devemos mergulhar um pouco mais fundo na alma das antigas culturas da humanidade: indiana, persa e egípcia.

Se quisermos ter uma imagem das experiências daquela época, do elemento religioso que viveu nas culturas antigas, devemos considerar que tanto os mais importantes expoentes daqueles povos antigos, como os videntes e profetas iluminados, foram todos descendentes daqueles que já viveram durante o período atlântico. O que constituía a antiga cultura atlântica não pereceu totalmente imediatamente após a grande catástrofe, mas foi gradualmente transplantado para a nova era. Compreenderemos melhor as almas dos primeiros pós-atlantes se tentarmos mergulhar na vida anímica dos últimos atlantes.

No último período da era atlântica, os homens diferiam muito uns dos outros. Alguns ainda conservavam em alto grau as faculdades clarividentes que de forma alguma desapareceram repentinamente, mas que ainda existiam em muitos dos que participaram das grandes migrações do Ocidente para o Oriente, enquanto em outros já haviam desaparecido. Houve homens mais avançados e outros que ficaram para trás, e é óbvio que, dado o caminho que a evolução percorreu, precisamente os menos avançados estavam mais aptos a usar a clarividência, porque pararam de certa forma, preservando as antigas faculdades do Atlantes.

Os mais avançados, porém, foram os que primeiro adquiriram a percepção física do mundo e uma visão diurna já mais parecida com a nossa; estes, à noite, já não viam o mundo espiritual de forma clarividente e, em troca, durante o dia, durante o estado de vigília, viam objetos cada vez mais distintos e claramente delineados. Precisamente aquele pequeno grupo de homens de que já falamos, liderado por um dos grandes iniciados, ou melhor, pelo maior de todos, chamado Manu, e pelos seus discípulos, foi conduzido às profundezas da Ásia, e de lá fecundado os outros países civilizados. Aquele que, antes de mais nada, havia perdido, pelas condições normais de vida, o dom da antiga clarividência, era composto pelos homens mais avançados daquela época, para quem a consciência diurna, a visão e a visão emergiam com cada vez maior clareza. . de objetos físicos com

Machine Translated by Google

seus limites bem definidos. Este povo foi conduzido pelos seus guias para longe da Ásia, para que pudesse viver isolado, separado dos demais; caso contrário, ele teria entrado em contato excessivo com povos que ainda preservavam a antiga clarividência. Somente permanecendo separados dos outros por um certo tempo é que as pessoas poderiam desenvolver uma nova forma de ser humano. Foi fundada uma colônia na Ásia Central, de onde irradiariam as grandes correntes culturais entre os vários povos.

O norte da Índia foi o primeiro a receber a nova cultura daquele centro. As pequenas massas de homens, enviados como pioneiros da civilização, não encontraram em parte alguma, como já mencionamos, terras virgens desabitadas; porque já antes daquela grande migração passar do Ocidente para o Oriente, outras, também consideráveis, tinham ocorrido; à medida que novas extensões de solo solidificado emergiam do mar, as fileiras de nômades as povoavam. Assim, o grupo humano enviado daquela colônia asiática teve que se misturar com outros, porém mais atrasados que aquele liderado pelo Manu.

Nos outros ainda havia muitos homens que conservaram a antiga clarividência. Os iniciados daquela época fundaram suas colônias de uma forma completamente diferente da que se faz hoje. Sabiam que tinham de se regular de acordo com o estado de alma daqueles que viviam nos países a colonizar; os mensageiros não impuseram a sua vontade aos outros, mas acompanharam o que encontraram. Criaram assim um equilíbrio e respeitaram as necessidades dos primeiros habitantes, tendo em conta as religiões fundadas nas memórias de tempos anteriores e em antigas disposições clarividentes. Portanto, era natural que apenas num pequeno número de indivíduos mais avançados pudessem ser formadas representações puras, enquanto entre as massas existia uma espécie de compromisso entre as concepções da antiga Atlântida e as pós-atlantes. Portanto, em todas as populações desses países, na Índia, na Pérsia, no Egito, onde quer que tenham nascido as diversas culturas pós-atlantes, encontramos, nos substratos, concepções religiosas que eram culturalmente atrasadas para aquela época, que não eram nada se não existissem. não ramificações das antigas representações atlânticas. Para tentar compreender a substância dessas religiões populares e obter uma imagem delas, procuremos penetrar nas almas das últimas populações atlânticas.

Lembremos que na era atlântica o homem não estava inconsciente à noite, mas era percebido como se fosse de dia, se é que naquela época é legítimo falar de dia e de noite. Só que, durante o dia, ele teve como que um primeiro amanhecer do que é hoje para nós o mundo claro das percepções sensoriais; enquanto, à noite, ele era companheiro de seres

Machine Translated by Google

divino-espiritual.

Ele não precisava de provas para saber que os deuses existiam, assim como não precisamos de provas para saber que existem minerais. Os deuses eram seus companheiros; ele mesmo, à noite, era um ser espiritual, e movia-se com seu corpo astral e seu ego no mundo espiritual; ele próprio era um espírito e conheceu seres semelhantes a ele. Naturalmente, ele não apenas encontrou seres espirituais superiores, mas também espíritos inferiores aos que mais tarde ficaram conhecidos como Zeus, Wotan, etc.; estes foram apenas os mais escolhidos entre os outros, assim como podem ser os reis e imperadores de hoje que muitos não veem e ainda assim sabem que existem. Nesse estado, geral a todos os homens, mesmo quando se estava consciente durante o dia, percebiam-se os objetos circundantes de maneira diferente; mesmo a consciência diurna dos atlantes era diferente da de hoje, e devemos tentar compreendê-la.

Descrevemos como os seres divinos desapareciam diante da visão do homem, quando pela manhã ele mergulhava em seu corpo físico e os objetos lhe apareciam como se estivessem envoltos em névoa. Mas a visão de tais objetos tinha ainda outra propriedade singular que devemos tentar compreender. Pensamos que uma dessas almas se aproximou de um lago; ela não teria visto a água tão claramente definida como hoje, mas ao se aproximar do lago, simplesmente por direcionar sua atenção para ele, teria surgido a sensação de saborear o que estava fisicamente à sua frente, de sentir o sabor daquela água. nela, mesmo sem beber.

Simplesmente olhando para ela ele teria sentido: que a água é doce ou é salgada. Foi algo bem diferente do que vivenciamos hoje quando vemos água; vemos apenas a superfície, mas não penetramos no interior. Antes, porém, quando o homem ainda tinha a clarividência crepuscular, ao se aproximar do lago não tinha a sensação de ser estranho a ele, mas penetrava nas qualidades da água como se quisesse unificar-se com ela. Então, se tivéssemos encontrado um bloco de sal, quando nos aproximássemos dele, o teríamos provado. Hoje deveríamos prová-lo primeiro; então o sabor veio pela simples visão do sal. O homem estava como que inserido num todo e percebia as coisas como animadas. Ou seja, ele percebeu, por assim dizer, as entidades que davam às coisas o seu sabor salgado. Para ele tudo era animado: ar, terra, água, fogo; tudo lhe revelou algo; o homem poderia estender seus sentimentos às profundezas dos objetos, ao seu próprio ser. Naquela época não existia objeto sem alma para a consciência humana; sentia-se tudo com simpatia

Machine Translated by Google

ou antipatia, já que se sentia sua interioridade.

Memórias de tais experiências primitivas sobreviveram por muito tempo em todos os lugares.

As populações que os colonizadores encontraram na Índia antiga eram animadas por tal relação com o mundo, sabiam que as almas viviam nas coisas e conservaram a capacidade de ver as suas qualidades.

Imaginemos exatamente esta relação da alma com as coisas. O homem que percebe o sabor da água ao se aproximar do lago e vê um ser que dá sabor à água, pode, quando se deitar ao lado da água e adormecer, encontrá-lo durante a noite. Durante o dia ele vê a parte material; à noite ele vê o que o enche de vida. Durante o dia ele vê objetos: pedras, plantas, animais; ele ouve o vento soprando, a água correndo. À noite ele vê dentro de si, em sua verdadeira forma, o que sentiu durante o dia; ele vê os espíritos que vivem em todas as coisas. Quando ele disse: os espíritos vivem nos minerais, nas plantas, na água, nas nuvens, no vento, isso não foi para ele uma invenção poética, não eram fantasias, mas coisas que ele realmente conseguia perceber.
Temos que ir fundo nessas almas para entendê-las!

Então compreendemos quão absurdo é falar, como fazem hoje alguns cientistas, daquele animismo que levaria a imaginação popular a animar e personificar todas as coisas. Essa fantasia popular não existe e quem realmente conhece o povo não acredita. Assim como uma criança que esbarra consigo mesma na mesa, bate nela porque acredita que ela seja animada, assim - dizem essas pessoas - o homem primitivo infantil animou toda a natureza e fantasiou sobre uma alma em tudo.
Esta comparação foi repetida indefinidamente. É claro que um jogo de imaginação foi produzido, mas não pelo povo, mas por cientistas que sonhavam com certas coisas, enquanto aqueles que nos tempos primordiais viam tudo animado, não sonhavam, mas contavam o que realmente perceberam.

Resquícios de tais percepções ressuscitaram como memórias nos povos antigos. Nem a criança vê a mesa animada; ele ainda não sente sua alma dentro de si; portanto, ele se vê como um pedaço de madeira; e porque ainda se sente sem alma, coloca-se ao mesmo nível do tronco ou da mesa e bate-lhes. Os fatos são exatamente o oposto de como são descritos nos livros.

Na Índia, na Pérsia, no Egito, na Grécia ou em qualquer outro lugar, onde quer que vamos, encontramos, basicamente, as representações acima descritas; e o que os antigos iniciados trouxeram para a cultura foi derramado nessas representações.

Machine Translated by Google

Na Índia antiga, a civilização era dirigida pelos Rishis. Vejamos o que deu origem a figuras tão importantes para a antiga cultura indiana. Sabemos que em todos os tempos existiram “Escolas de Mistérios” onde aqueles que conseguiam desenvolver suas faculdades espirituais aprendiam a olhar profundamente o universo e despertavam as faculdades adormecidas em sua alma, para perceberem as conexões espirituais entre as coisas. Destas Escolas de Mistérios os impulsos espirituais de várias culturas irradiaram por toda parte. Para compreender o que foram os iniciados, estudemos geralmente os da era pós-atlante, porque aí a sua natureza parece mais compreensível; contudo, escolas semelhantes de iniciados já foram encontradas na era atlântica; e para poder estudá-los em profundidade queremos tentar uma vez penetrar no método de tal escola iniciática da antiga Atlântida.

Os estados de consciência eram então como os descrevemos, e a forma física humana ainda era completamente diferente da de hoje. Se voltarmos à primeira metade da era Atlante encontramos o homem já composto por corpo físico, corpo etérico, corpo astral e ego, mas o corpo físico ainda era completamente diferente do que é hoje.

Talvez possamos compará-lo aos corpos de certos animais marinhos, transparentes, que não podem ser vistos, mas no máximo podem ser tocados, e no entanto já estão permeados por certas linhas orientadoras que brilham aqui e ali. O corpo físico humano era então muito mais macio, totalmente desprovido de ossos; com algumas sugestões cartilaginosas iniciais, mas, no geral, com uma figura ainda completamente diferente da de hoje.

O corpo etérico era o elemento constituinte mais importante do homem; era extraordinariamente grande (enquanto o tamanho do corpo físico era aproximadamente o de hoje) e era diferenciado, em indivíduos individuais, em quatro tipos fundamentais. Alguns dos homens mostraram antes uma dessas figuras típicas, outros, outras. Nós os encontramos preservados nos nomes dos quatro animais apocalípticos: Touro, Leão, Águia e Homem.

Mas não devemos imaginar tais figuras como perfeitamente iguais aos animais de hoje que correspondem a esses nomes; apenas a impressão que causaram se assemelhava à que aqueles animais nos causam hoje. Assim, as imagens do Leão, do Touro, da Águia e do Homem podem nos fazer compreender as impressões que aqueles corpos etéricos produziram.

Homens que pareciam dotados de um poderoso poder de reprodução, ou de um apetite formidável, eram comparados, por exemplo, ao Touro; outros, que viveram

Machine Translated by Google

já mais em espírito e se sentindo incomodados no mundo físico, eram os Homens Águia. Outros ainda, que em seu corpo etérico já eram semelhantes ao corpo físico atual, apresentavam uma forma mais humana. Naturalmente, não apenas um tipo foi representado num único indivíduo; em cada um existiam, como disposição, todos os quatro, mas um dominava os outros. Tal foi, portanto, a constituição dos corpos etéricos da população atlântica. Além disso, havia um corpo astral particularmente poderoso, mas ainda não desenvolvido, e o Ego, que ainda estava totalmente fora do homem. Então os homens pareciam completamente diferentes dos de hoje; e a média normal da humanidade naquela época era como a descrevemos, exceto por alguns indivíduos precoces que já assumiam uma figura semelhante à nossa.

As coisas eram diferentes para aqueles que, já muito mais avançados, eram discípulos dos Mistérios e aspirantes à iniciação da antiga Atlântida.

Entremos agora, em espírito, numa dessas Escolas e procuremos colocar diante dos nossos olhos o que o Mestre ali ensinou; e, acima de tudo, vemos o que o próprio Mestre realmente foi.

Qualquer pessoa que encontre um iniciado hoje não seria capaz de reconhecê-lo nem mesmo pela sua aparência externa. Porque, depois que o corpo físico evoluiu até o ponto atual, o iniciado, que deve viver num corpo, distingue-se, no que diz respeito ao corpo físico, dos outros homens, apenas por algumas diferenças muito sutis. Em vez disso, o iniciado diferia muito de outros seres humanos, que tinham figuras ainda mais animalescas; Comparado ao gigantesco corpo etérico, seu corpo físico era pequeno e formava uma espécie de massa estranha e substância animalesca. O iniciado se distinguia pela maior semelhança física com a configuração humana atual; ele tinha um rosto semelhante ao nosso e um cérebro frontal como o do homem comum hoje. Os iniciados já tinham um cérebro muito desenvolvido para aquela época, enquanto em outros homens não o era. Segundo métodos específicos, dirigiam as suas Escolas, onde acolhiam como discípulos aqueles que se mostrassem mais aptos e maduros que os outros.

Porém, devemos levar em consideração uma coisa específica se quisermos entender o que diremos a seguir. À medida que a evolução avançava, o domínio do espírito do homem sobre o corpo físico enfraqueceu-se cada vez mais, até hoje foi reduzido ao mínimo. Embora o homem de hoje possa mover os braços e as pernas e pedalar uma bicicleta, embora domine a sua fisionomia e, até certo ponto, também o seu corpo, tudo isto nada mais é do que um último vestígio mesquinho

Machine Translated by Google

do domínio sobre o corpo físico que ele possuía durante a era Atlante.

O pensamento e o sentimento exerceram então uma influência muito maior sobre o corpo físico. Se hoje alguém pensa o mesmo pensamento durante semanas, meses e até anos, isso não o afetará, exceto em alguns casos muito excepcionais, mas sim o corpo etérico. Por exemplo, será muito raro hoje em dia podermos agir no corpo físico com uma meditação. Se hoje fosse possível tornar mais proeminente a testa recuada, ou seja, movimentar os ossos frontais, isso já seria um resultado enorme; na verdade, o caso de isso acontecer é muito raro hoje; e seria necessária uma energia imensa para que o pensamento pudesse agir sobre o corpo físico. Já é mais fácil atuar na circulação sanguínea e na respiração, mas isso também ainda é muito difícil. Em vez disso, o pensamento pode agir sobre o corpo etérico, e na próxima encarnação esta ação já terá sido tão forte que as condições externas do corpo terão mudado. Hoje devemos ter em mente que não trabalhamos para uma única encarnação, mas para muitas encarnações futuras; que a alma é eterna e sempre retorna.

As condições eram completamente diferentes nas antigas escolas de iniciação. Ali o domínio do pensamento influenciou o corpo físico e modificou-o num espaço de tempo relativamente curto. O discípulo dos Mistérios desenvolveu o seu organismo de modo a fazê-lo evoluir para uma forma cada vez mais humana. Um futuro discípulo poderia ser escolhido até mesmo entre homens normais; bastava dar-lhe o impulso certo e, sem que ele tivesse que pensar, por uma espécie de sugestão, inserir certos pensamentos em sua alma; colocando diante dele uma certa figura espiritual, uma forma de pensamento na qual ele teve que afundar repetidas vezes. Que tipo de imagem era essa? O que o discípulo deve pensar e meditar?

Descrevendo rapidamente a evolução, já tocamos no estado primordial da Terra e mencionamos uma figura luminosa projetada na poeira cósmica original. Se tivéssemos olhado clarividentemente para um átomo daquela poeira, teríamos visto emergir dela a imagem arquetípica do homem moderno; não a imagem do homem antigo, ou do homem da época atlântica, mas do homem de hoje. Justamente este arquétipo humano, que surge da semente primordial, o iniciado atlante evocou diante da alma de seus alunos, e o discípulo teve que meditar sobre isso. Portanto a figura humana, como forma de pensamento, com todos os impulsos e sentimentos que despertava, foi colocada como objeto de meditação diante do olhar visionário do discípulo. Quer ele pertencesse ao tipo Leão ou a outro tipo, ele foi igualmente orientado a resistir

Machine Translated by Google

diante de nós como um ideal, a imagem-pensamento do homem como ele deveria ter se tornado na era pós-atlante.

Ele deve ter desejado este pensamento: “Meu corpo físico deve tornar-se como esta imagem”. Com as forças emanadas dessa imagem, o corpo do discípulo foi acionado de tal forma que acabou se diferenciando do dos demais homens; certas partes foram modificadas para que, aos poucos, fosse se assemelhando cada vez mais ao homem de hoje.

Assim olhamos para trás, para segredos maravilhosos, para os Mistérios da era Atlântica; e ficaremos impressionados com o fato de que, qualquer que fosse a constituição dos homens, pairava diante de suas almas uma imagem que já existia espiritualmente quando o Sol ainda estava unido à Terra. Cada vez mais esta imagem apareceu como o significado da Terra, como o que está espiritualmente na sua base. Não foi a figura particular desta ou daquela raça, mas o ideal geral de toda a humanidade.

O sentimento que o discípulo teve que desenvolver diante daquela imagem foi este: «Os seres espirituais supremos queriam esta imagem, através da qual se estabelece a unidade da raça humana. Esta imagem é o significado de toda a evolução terrestre, para a qual o Sol se separou da Terra e a Lua também. Assim o homem poderia tornar-se homem; Aquele que no final deve aparecer como o elevado ideal terreno”.

Os sentimentos que animavam o discípulo em sua meditação fluíram para esse ideal supremo.

Isto aconteceu em meados da antiguidade, e teremos que estudar como esta imagem, que na meditação colocava a figura humana diante do discípulo, se transformou em outra coisa, que foi então trazida para a segurança através do cataclismo do Atlântico. Isto então se repetiu no ensinamento transmitido pelos iniciados na Índia antiga, e que foi resumido no santo nome primordial de Brahm.
Quando o antigo iniciado indiano falou de Brahma, na verdade ele quis dizer o que a divindade universal quis dar à Terra como seu significado. A partir daqui surgiram mais tarde os ensinamentos de Zoroastro e da sabedoria egípcia.

Machine Translated by Google

AS EXPERIÊNCIAS DE INICIAÇÃO

OS SEGREDOS DOS PLANETAS

A DESCIDA DA PALAVRA PRIMORDIAL

Ontem concluímos as nossas considerações mencionando um acontecimento extremamente importante na vida interior, na verdadeira vida espiritual do homem.
Procuramos colocar diante da nossa alma a impressão que o iniciante atlântico teve no início do último terço da era atlântica, ou seja, aquela figura ideal do homem, aquela imagem de pensamento na qual ele teve que se concentrar na meditação, preencher toda a vida com representação, sentimento e vontade. Essa imagem de pensamento foi e se tornará cada vez mais o modelo do homem futuro.

Agora devemos colocar espiritualmente diante dos nossos olhos a aparência aproximada daquela imagem que era bastante diferente da do homem de hoje.

Muito menos algum tipo de combinação de homem e mulher, mas sem as partes inferiores do corpo; uma espécie de figura dupla, da qual apenas a parte superior é claramente visível, e teremos a imagem sensitivo-supersensível que então apareceu aos olhos do iniciante imerso em meditação.

Essa imagem (e a circunstância de o iniciado ter diante de si, em sua interioridade, uma espécie de figura humana é muito importante) atuou com tanta força que o aspirante à iniciação pôde realmente tornar seu corpo físico cada vez mais semelhante a ela. Depois de devidamente preparado, aquela imagem brilhou diante dele de forma viva, e ele teve que dizer para si mesmo: “Ao contemplar esta figura, passo para o estado primordial da evolução terrestre quando a Terra, a Lua e o Sol ainda não haviam separado.

Então a Terra consistia no átomo primordial, e nele o clarividente podia ver a imagem que agora surge diante de mim."

Esta imagem já existia nos primórdios da Terra, quando ainda não existia

Machine Translated by Google

eram formas animais, vegetais e minerais. Então a Terra consistia apenas no átomo humano, no homem desperto para a vida novamente. É verdade que os primeiros germes animais já se formaram durante o período lunar da Terra; mas sabemos que quando um sistema planetário desaparece, ele entra no Pralaya, aquele período em que todas as formas existentes são dissolvidas. Embora a antiga Lua já tivesse sido povoada por formas animais, a Terra não teve animais e plantas imediatamente desde o início, mas apenas mais tarde; os animais só apareceram aos poucos, após a divisão do Sol. Em suas origens a Terra era apenas o Homem.

Portanto o iniciado contemplou aquele estado primordial e no átomo arquetípico viu a imagem ideal do homem. Teve que dizer para si mesmo: «À medida que me dirijo às origens da Terra, a imagem, a forma ideal do homem que contemplo, diz-me que a Divindade opera de uma eternidade a outra; ele se derramou nessas formas e com seu sopro criou a forma humana arquetípica. Mas - perguntou-se - para onde foram os animais, as plantas e outros seres? ».

No espírito o iniciado via a forma arquetípica do homem e, ao lado dela, via os animais e as plantas, como figuras secundárias que só surgiram mais tarde. O iniciador Atlântico viu todos os reinos inferiores que vivem na Terra procederem da figura humana. Faremos uma representação disso lembrando como surgiu o carvão fóssil. Pensemos nas grandes florestas virgens que outrora existiram e que agora se transformaram em carvão fóssil; eles ficaram para trás; de um reino superior eles caíram para um reino inferior; as plantas endureceram, viraram pedra.

Assim, o iniciado Atlântico viu todos os reinos circundantes emergirem da forma humana, e esta impressão, magicamente despertada diante da alma do homem, naquele passado distante, foi então preservada na memória durante a era do dilúvio, após a qual os antigos iniciadores do A Índia ainda evocava nas almas dos seus discípulos a imagem do homem arquetípico criado pelo sopro do Espírito eterno. Quando o discípulo indiano teve aquela imagem diante de si, sentiu que tudo surgiu dali; ele sentiu que o que circulava nele como sangue havia sido transmutado em águas terrenas, etc. A imagem expandiu-se assim para ele até se tornar o fundo primordial do universo. Então ele se ouviu dizer: «Duas coisas você deve obter desta imagem: em primeiro lugar, o próprio arquétipo e, em segundo lugar, o que, ao contemplar a imagem, iluminou dentro de você como um ser interior. Fora do macrocosmo, e dentro, o que você, de certa forma, sente dentro de si como um extrato: o microcosmo."

Machine Translated by Google

Depois, quando os gregos, nas expedições de Alexandre o Grande, penetraram na Índia e ali ouviram os últimos ecos do que os discípulos tinham ouvido no passado, disseram para si mesmos: «Quando o discípulo contempla o homem espalhado pelo macrocosmo, ele tem antes ele Hércules." O índio chamava de Vha as forças que vivem no universo; mas ele chamou Bhahman de a quintessência dessas forças dentro do homem. Assim, os gregos receberam os ecos das experiências que ocorreram nas almas dos discípulos durante a antiga cultura sagrada indiana. Este foi fruto da expedição grega à Índia, comandada por Alexandre, o Grande.

Precisamente deste sentimento fundamental desenvolveu-se a antiga doutrina sagrada iniciática que surge como modelo espiritual do estado primordial da Terra, quando ainda continha em si as forças solares e as entidades sublimes para as quais mais tarde se voltou a nostalgia dos homens. Foi, portanto, um sentimento muito elevado de vida espiritual que o discípulo sentiu ao receber a iniciação e experimentar dentro de si o que significa Brahma.

Um processo incomensurável de elevação a mundos sublimes ocorreu na alma humana; e somente elevando-se a tais mundos alguém poderia ser iniciado e alcançar a verdadeira clarividência. O que nos rodeia é o mundo físico; o mundo astral flutua em torno dele; acima disso está o mundo devachânico, o mundo divino, e nas regiões mais elevadas do Devachan o discípulo teve que ser sequestrado para poder sentir o Brahman, o Eu arquetípico, no macrocosmo. Ele então se encontrou no mundo dos deuses, de onde se origina tudo o que há de mais nobre que o homem contém dentro de si. Era o reino da harmonia mais perfeita, onde se podia recorrer a uma abundância de conhecimento. Na verdade o que já temos mencionado não foi tudo.

Mas antes de descrever qualquer outra coisa, devemos aprender a saber também algo sobre os Mestres. Já mencionamos muitas vezes os santos Rishis, os fundadores originais da antiga cultura sagrada indiana, que, por sua vez, tiveram um Mestre, nomeadamente o próprio Manu. Quem foram esses sete grandes Mestres da Índia antiga? Para compreender isto, devemos olhar mais uma vez para o macrocosmo. Devemos perceber que o que percebemos com os sentidos físicos é uma consequência do espírito. Se pensarmos em todo o mundo que nos rodeia como espiritualizado, podemos, como já dissemos, compará-lo a um imenso nevoeiro primordial. Essa névoa gradualmente se adensou, depois desceu à condição de matéria, e daqui os diferentes corpos celestes se condensaram e depois se separaram: o Sol, a Lua, a Terra.

Machine Translated by Google

Mas os outros planetas também se separaram enquanto, aos poucos, aconteciam as cisões que já mencionamos; isto é, Saturno, Júpiter, Marte, Vênus, Mercúrio foram formados. Por que esses planetas se separaram?

Compreenderemos isso se soubermos que algo semelhante ao que acontece em nossa vida comum acontece no grande universo. Não só os alunos do ensino médio às vezes são forçados a repetir as aulas; Mesmo no grande cosmos existem seres que não conseguem alcançar o objetivo pretendido e que ficam para trás. Assim, um grupo de seres elevados não poderia adaptar-se ao ritmo de evolução da Terra; então ele retirou as substâncias mais finas e com elas formou o Sol como seu lar. Esses eram os seres mais elevados de todos aqueles ligados à nossa evolução. Mas eles também passaram por uma evolução. Houve, portanto, em determinado momento, seres que estavam em processo de se tornarem espíritos solares, e outros que ficaram para trás, que não conseguiram acompanhar o desenvolvimento dos primeiros e, no entanto, eram mais avançados que o homem. Eles não conseguiram sair junto com o Sol; porque isso os teria incinerado. Por outro lado, eles eram nobres demais para a Terra; portanto, retiraram para si as substâncias especiais correspondentes à sua natureza, que em termos de refinamento estavam a meio caminho entre o Sol e a Terra, e com essas substâncias formaram a sua própria morada, entre o Sol e a Terra. Assim ocorreu a formação de Vênus e Mercúrio. Temos, portanto, aqui dois grupos de seres que não ascenderam tão alto quanto os solares, mas que eram mais avançados que os homens. Tornaram-se espíritos de Vênus e espíritos de Mercúrio, e deram origem à formação destes dois planetas.

Por outras razões, Marte, Júpiter e Saturno já haviam sido formados e, por sua vez, tornaram-se lares adequados para outros seres específicos. A causa da origem dos planetas reside, portanto, nos seres. Mas não devemos acreditar que estas entidades, que povoam os diferentes corpos celestes do sistema solar, não estejam ligadas aos habitantes da Terra. Devemos compreender que os limites físicos não são limites verdadeiros, e que mesmo além desses limites existem muitas possibilidades de seres de outros corpos celestes exercerem influências mágicas na Terra. Assim se exercem nele as influências dos espíritos do Sol, de Marte, de Júpiter, de Saturno, de Vênus, de Mercúrio, etc. Os destes dois últimos planetas estão mais próximos do nosso, e ajudaram o homem, após a saída do Sol da Terra, a prepará-la como é para nós hoje.

Gostaria de salientar aqui que, na nomeação dos planetas, ocorreu uma troca que pode dar origem a mal-entendidos: no ocultismo, sempre foi chamado «Mercúrio» é o que a astronomia hoje chama de «Vênus» e, vice-versa, é

Machine Translated by Google

sempre chamou de "Vênus" o que a astronomia de hoje chama de "Mercúrio".

Os astrónomos comuns não sabem que na base desta troca estão segredos esotéricos que não quiseram revelar e, para ocultá-los, recorreram à inversão dos nomes relativos.

Portanto todos os espíritos dos outros planetas atuam na Terra e as influências sobre o homem irradiam de todos os planetas. Mas antes de tudo essas influências tiveram que ser transmitidas ao homem, e, para esse propósito, os sete Rishis foram, pelo grande Manu, iniciados de tal maneira que cada indivíduo deles compreendesse os mistérios de um dos planetas em suas influências. ; e como havia sete planetas, os sete Rishis formaram uma comunidade sétupla capaz de transmitir aos discípulos o ensinamento dos mistérios do nosso sistema solar. Referências a este fato são encontradas em muitas Escrituras antigas; por exemplo, lemos: «Há mistérios que devem ser procurados além dos sete, e são aqueles que o próprio Manu sagrado guardou, relativos ao tempo anterior à divisão dos planetas».

Aquelas que estavam escondidas nos mistérios dos sete Rishis sagrados eram as forças preservadas pelos planetas; e aquele coro de sete Rishis agiu junto, em perfeita harmonia com o Manu, na maravilhosa sabedoria que foi transmitida por eles aos seus discípulos. Querendo caracterizá-la teremos que dizer: «Essa sabedoria primordial continha aproximadamente o que aprendemos a conhecer hoje como a evolução da humanidade através dos estados planetários de Saturno, Sol, Lua, Terra, Júpiter, Vênus, Vulcano. Os mistérios da evolução foram magicamente inseridos nos sete membros da assembleia, cada um dos quais significou um passo no progresso da humanidade
».

Isto o discípulo viu quando ascendeu ao mundo devachânico; pois o Devachan é um mundo de som. Lá ele ouviu a harmonia das esferas dos sete planetas. No mundo astral ele viu a imagem, no mundo devachânico ouviu o som; e no mundo superior aos outros, ele experimentou a palavra. Portanto, quando o discípulo indiano ascendeu ao Devachan superior, através da música das esferas e da palavra cósmica percebeu como o Espírito primordial Brahma se articulava através da evolução na cadeia sétupla planetária; e ele ouviu isso da palavra primordial.

Esta foi a indicação do som arquetípico da criação; e o discípulo ouviu nele toda a evolução do mundo. A Palavra dividida em sete membros, a Palavra arquetípica da criação, agiu na alma do discípulo, e ele a descreveu

Machine Translated by Google

ele escreveu aos não iniciados, da mesma forma que descrevemos nossa evolução cósmica hoje. O que ele percebeu está contido em meu livro Introdução ao conhecimento supra-sensível do mundo e do destino humano. Encontramos então tal descrição apenas na antiga religião sagrada dos indianos, no que era chamado de Veda. Este é o verdadeiro significado dos Vedas, e o que foi escrito mais tarde é apenas um lembrete final da doutrina sagrada primordial da Palavra. A própria Palavra foi então transmitida de boca em boca, o que, ao ser escrito, minou a tradição primordial. Somente nos Vedas ainda podemos ouvir alguns ecos do que então fluiu para aquela cultura. Quando o discípulo vivenciasse isso em sua memória, poderia dizer: o que vivencio em minha alma como Brahma, o que nela habita como Verbo primordial, já existia no antigo Saturno; durante o antigo Saturno, o primeiro sopro da Palavra Védica já ressoou.

Então a evolução continuou através do Sol e da Lua até a Terra; o Verbo tornou-se cada vez mais condensado, assumiu formas cada vez mais densas, e a imagem humana na semente primordial da Terra já era uma condensação do estado em que o Verbo primordial existira em Saturno. Então o que aconteceu?

O Verbo divino, o homem primordial, vinha se envolvendo em invólucros sempre novos, e tudo dependia de quais invólucros o Verbo assumisse na evolução terrestre. O discípulo sabia que nada se repete como no universo e que cada planeta tem a sua missão. O que ele viu no Sol tomar forma como vida, o que na antiga Lua havia sido instilado como sabedoria no substrato de todas as coisas, foi seguido, na Terra, por aquela que é a sua tarefa, a sua missão, que é desenvolver o amor. Na antiga Lua o amor ainda não existia. Assim, o que tinha sido, no planeta anterior, numa forma muito mais espiritual, mas também muito mais fria, a imagem primordial do homem, estava agora revestido por uma cálida concha astral; e foi esta parte que, na Terra, tornou a vida interior do homem capaz de desenvolver o amor desde a sua forma mais baixa até a mais elevada.

Para o iniciado indiano, a forma humana, a imagem do homem, tornou-se perceptível no Devachan superior. Então, no Devachan inferior, envolveu-se numa concha astral que continha em si a força para desenvolver o amor.
Amor, Eros, eles chamavam Kama. Assim Rama adquire um significado para a evolução da Terra. A Palavra divina, Brahman, revestiu-se de Kama, e através de Kama a Palavra primordial ressoou com o discípulo. Rama era o manto

Machine Translated by Google

do amor, vestimenta da palavra primordial Vha, da palavra Vha que está na base da palavra vox. Assim, no seu íntimo, o discípulo sentiu que a palavra de Deus estava envolta numa veste astral de amor, e disse consigo: O homem, que hoje é composto por quatro membros: o corpo físico, o corpo etérico, o astral e o Ego, tem o Ego como seu membro mais elevado.

Assim desci ao invólucro do amor e Kama-Manas, o ser íntimo do homem, foi formado. Mas sabemos que deste ser íntimo se desenvolverão três membros superiores que transformarão os inferiores, até mesmo o corpo físico; e como Manas surge da casca astral, e como Budhi corresponde a Kama, em um nível superior, o corpo físico, quando totalmente espiritualizado, será Atma. Mas tudo isso já estava contido em germe no Vha, e um verso dos Vedas ainda recorda como o discípulo expressou o mistério do ser interior mais íntimo. Sabemos que o corpo físico foi gerado em Saturno, o corpo etérico no Sol, o corpo astral na Lua e o Ego apenas na Terra; mas o verdadeiro germe arquetípico do homem, a Palavra primordial Vha, já tinha dentro de si os três membros seguintes. O homem ainda espera pelos três membros superiores; só quando os tiver será imagem fiel do Verbo criador, do Verbo primordial.

O discípulo teve que reconhecer que somente ao iniciado poderia ser revelada a verdadeira natureza do corpo físico, do corpo etérico e do corpo astral. Hoje o homem só é ele mesmo quando pronuncia 17o sono, ou seja, aquilo que é precisamente a sua coisa; só aqui ele é inteiramente homem. Os outros membros também se manifestam, mas nesses ele ainda está inconsciente. Na quarta, porém,

o Vha tornou-se manifesto, “No quarto o homem fala”! Este foi o ditado do Veda. Quando a palavra do I ressoa, a quarta parte do Vha ressoa. O verso do Veda diz: «Quatro frações do Vha são manifestadas; três já estão visíveis, três ainda hoje estão escondidos, no quarto o homem fala."

Temos aqui uma descrição maravilhosa do que tantas vezes apresentamos; e isso foi diante do olhar espiritual do discípulo. Ele foi trazido de volta ao estágio em que nada ainda havia se dividido, em que a Terra primordial ainda existia e o Vha falava plenamente. Outro verso do Veda expressa isso: «Antes eu não sabia o que eu era; somente quando o primogênito da Terra veio sobre mim, o espírito foi permeado luminosamente e eu tive parte no sagrado Vha (sabedoria)". Nisto é dada uma visão que o iniciado teve, e apenas são mencionadas algumas das experiências dos antigos discípulos do

Machine Translated by Google

Risei, das maravilhosas doutrinas que fluíram para a cultura indiana e que foram transmitidas às culturas subsequentes, transformadas de acordo com as necessidades de vida de outros povos. Mas todos entenderam a palavra Vha.

Poderemos compreender melhor muitas coisas se fixarmos o olhar num determinado mistério, em todas as suas concatenações. Devemos levar em conta que naquela época a influência do mestre sobre o discípulo era completamente diferente da de hoje. Hoje tal influência só é possível quando o discípulo já foi levado a um certo nível de iniciação. Então as forças do mestre que foram transmitidas ao discípulo foram muito mais poderosas; não apenas o que poderia ser transmitido através da fala ou da escrita agiu; isso realmente atuou apenas sobre a alma racional, mas, além disso, forças mágicas, misteriosas operaram do mestre para o discípulo e, essencialmente, foram as forças do mestre que conseguiram encher as almas de luz e força viva. imagens que ele colocou diante do discípulo. Somente na quarta era pós-atlante, a greco-latina, esse efeito peculiar desapareceu. As forças, de fato, mudam. Quando um antigo egípcio ficou diante de um jovem, aconteceu algo muito diferente do que acontece hoje entre um professor e um aluno. Forças completamente diferentes agiram desde a velhice sobre a juventude. Precisamos saber isto se quisermos compreender o que também encontramos descrito na vida da Grécia antiga. Na verdade, Sócrates tinha forças telepáticas que ele derramou sobre seus discípulos quando os ensinou. Em nossa época isso não pode mais funcionar. Estas coisas são sugeridas nas obras de Platão; hoje seriam naturalmente coisas más e condenáveis, enquanto naquela época eram completamente justificadas. Com o tempo, ocorrem mudanças; ninguém tem o direito de copiar tais coisas hoje; alguns acontecimentos actuais gostariam de se referir a eles, mas hoje seriam repreensíveis.

Naqueles tempos antigos, certas forças eram transmitidas de mestre para discípulo; e no antigo Egito ainda havia numerosos homens capazes de acomodar forças desta forma. Quando um homem particularmente receptivo estava diante de outro que havia aprendido a fortalecer seus pensamentos, um desses pensamentos fortes

ele poderia agir de modo a despertar uma imagem na alma receptiva. Eram efeitos telepáticos e transmissões de pensamentos que na antiga cultura egípcia eram absoluta e em alto grau possíveis, quando uma natureza altamente obstinada se encontrava diante de outra que não o era. Assim foi então possível dirigir e conduzir um homem, através do pensamento, a uma extensão que hoje nem sequer pode ser imaginada. Em nossa época, é claro, tais forças seriam terrivelmente abusadas. Em essência, as iniciações no antigo Egito

Machine Translated by Google

apoiavam-se em forças semelhantes (e assim também aconteceu na Índia e na Pérsia antigas) que fortaleceram ainda mais o método que, se quiséssemos expressá-lo exotericamente, também poderia ser chamado de método médico. Com isto não queremos dizer, é claro, a medicina oficial de hoje; o médico e iniciado egípcio teria rido do que o homem moderno chama de medicina. Ele sabia que as condições que existiam originalmente na Atlântida, que ainda podiam ser observadas na iniciação, ainda poderiam ser despertadas, em certo sentido, também no Egito. A consciência em que viveu o homem atlante era uma consciência de clarividência obtusa. Houve um tempo - assim disse o iniciado egípcio - em que os seres espirituais exerciam uma força muito maior sobre o homem. Hoje, quando dorme, nada sabe dos mundos superiores; mas o homem atlântico, numa consciência clarividente crepuscular, ainda vivia junto com os deuses. E assim como a capacidade de se elevar à contemplação de um ser humano ideal afeta o homem de hoje, mais do que qualquer doutrina moral, também o iniciado egípcio agiu sobre o discípulo por meio de forças e imagens de processos espirituais muito elevados. Isto não agiu apenas externamente, mas profundamente internamente, e o resultado foi um processo muito especial.

Pensamos que um homem doente está doente porque certos processos não ocorrem nele de maneira normal. De onde isto vem? Aqueles que têm uma educação oculta sabem que o funcionamento irregular do corpo físico não vem de fora, mas que todas as doenças não causadas por causas externas devem ser atribuídas ao fato de que o corpo etérico não está em ordem; e o corpo etérico fica doente porque o corpo astral está em desordem. Agora, quando o homem do Atlântico corria o risco de adoecer, porque a distribuição da sua linfa era anormal, foram tomadas medidas imediatas para garantir que a ordem fosse restabelecida. Durante o estado de sono, o homem recebeu forças dos mundos espirituais de modo que, graças ao sono, as energias e funções perturbadas pudessem ser reparadas e o homem curado. Ao dormir, ele restaurou sua força saudável. Os antigos médicos egípcios procederam de maneira semelhante. Eles baixaram artificialmente a consciência do paciente até uma espécie de sono hipnótico, após o qual dominaram as imagens do mundo da alma que flutuavam ao seu redor, direcionando-as para que tivessem forças para reagir sobre o corpo físico e curá-lo. Este era o significado do sono no templo aplicado às doenças internas. Não se davam remédios ao doente, mas ele era obrigado a dormir no templo. Sua consciência ficou entorpecida e ele foi levado a olhar para os mundos espirituais, direcionando suas experiências astrais de modo a dar-lhes força para derramar saúde no corpo físico. Isto não é superstição; é um mistério que os iniciados conheciam bem; é a arte de introduzir a espiritualidade nas experiências do paciente. Na terapêutica, que encontramos tão intimamente ligada ao princípio

Machine Translated by Google

da iniciação, as condições da antiga Atlântida foram habilmente restabelecidas com o objetivo de provocar a cura; e como o homem não ofereceu resistência com a sua consciência diurna, as forças necessárias para a cura puderam operar plenamente. Foi assim que funcionou o sono do templo.

O princípio que tinha sido o dos sábios Risei da Índia (discípulos de Manu, o grande Mestre da primeira cultura pós-atlante), que dirigiam as coisas e eram eles próprios intermediários das forças planetárias, também ainda estava em ação na cultura egípcia. Foram eles que, na primeira era pós-atlante, trouxeram aquela doutrina elevadíssima que conduziu os homens às esferas espirituais mais elevadas, até ao mundo do Devachan superior. O que foi então contemplado foi então trazido ao plano físico nas eras seguintes. Finalmente, na quarta época pós-atlante, esse Ser desceu ao plano físico que na era indiana aprendemos a conhecer como Brahma e que chamamos de Cristo. Cristo já não era apenas um médium de espiritualidade, mas tornou-se o próprio homem, para irradiar sobre todos os homens o poder cheio de mistério do Verbo primordial.

Assim o Verbo primordial desceu para ajudar o homem a ascender; e o homem deve compreender como isso aconteceu, para se tornar um instrumento capaz de agir no futuro. Devemos aprender a saber o que agiu antes de nós, para que também nós possamos cooperar para dar uma forma cada vez mais elevada a tudo o que existe ao nosso redor. Devemos criar um mundo espiritual no futuro; portanto é necessário que antes de tudo aprendamos a compreender o Cosmos.

Machine Translated by Google

COMO A TRINDADE DO SOL, LUA E FOI FORMADA
TERRA. OSIRIS E TIFÃO

Tentamos, até agora, formar uma imagem da nossa evolução terrestre, em relação à do homem, a fim de compreender como o passado da Terra e os acontecimentos da sua evolução se refletem no conhecimento humano, nos períodos individuais da cultura de era pós-atlântica.
Descrevemos, deste ponto de vista, as experiências mais profundas dos discípulos dos Rishis e mostramos como as experiências interiores daqueles iniciados representavam, em imagens espirituais, vistas através da clarividência, os acontecimentos que ocorreram na Terra primordial quando ela ainda continha o Sol e a Lua. Vimos também o alto nível de iniciação que aqueles discípulos indianos tiveram que alcançar para formar uma concepção de mundo que, em imagem, representasse a repetição do que acontecera num passado muito remoto. Vimos também o que pensaram os gregos quando, durante as expedições de Alexandre, o Grande, tomaram conhecimento das experiências pelas quais passaram os discípulos indianos quando sua alma foi elevada à imagem da Força criativa divino-espiritual, que foi expresso na névoa primordial, enquanto o Sol e a Lua ainda estavam em conjunção com a Terra.

Essa imagem, o Brahman dos índios, que mais tarde passou a ser chamada de: I-Brahma, (Aham Brahma), apareceu aos gregos como Hércules, (Héracles), e tentamos representá-la como a reprodução interna, no plano da alma, de fatos que realmente aconteceram na realidade no passado.
Além disso, já observamos que as eras subsequentes foram refletidas nas culturas persa e egípcia. Para os iniciados persas, os acontecimentos ocorridos durante a segunda época, quando o Sol se separou da Terra, apareciam, portanto, em imagens. O que aconteceu quando, pouco a pouco, a Lua se desprendeu, tornou-se uma concepção do mundo e um princípio de iniciação entre os egípcios, os caldeus, os babilônios, os assírios.

Agora, para poder penetrar verdadeiramente na alma do antigo com o olhar Egípcio, (já que isto é o que é importante para nós, e consideraremos a iniciação dos Persas apenas como uma preparação), devemos voltar a olhar mais de perto

Machine Translated by Google

próximo ao que aconteceu com a nossa Terra quando o Sol e a Lua se separaram dela.

Queremos agora ignorar os grandes acontecimentos cósmicos e olhar apenas para o que acontece na própria Terra. Voltando ao seu estado primordial, quando ainda estava unido ao Sol e à Lua, não encontraríamos ali nenhum dos nossos animais atuais, nem as nossas plantas, nem encontraríamos os nossos minerais. O que originalmente constituía a Terra eram apenas homens, germes humanos. É verdade que os germes animais e vegetais já haviam sido colocados no antigo Sol e na antiga Lua e, portanto, também já estavam contidos no estágio primordial da Terra, mas, de certa forma, ainda eram germes adormecidos, não de tal forma que pela sua aparência se poderia inferir que, um dia, algo poderia ser gerado a partir deles. Somente quando o Sol começou a se afastar da Terra é que aqueles germes, a partir dos quais os animais mais tarde se desenvolveram, começaram a ter a capacidade de germinar; e somente quando o Sol se separou completamente da Terra, e a Terra permaneceu sozinha com a Lua, germinaram as sementes que mais tarde se tornaram as plantas. Então, quando a separação da Lua começou, os germes minerais formaram-se gradualmente. Devemos lembrar disso.

Vejamos agora a própria Terra. Quando ainda continha em si o Sol e a Lua, era apenas uma espécie de grande névoa etérica, de imensa extensão, contendo em si os germes vivos dos homens e os ainda adormecidos de outros seres, animais, plantas, minerais. E, como o homem ainda existia apenas no estado germinativo, nenhum olho humano poderia observar esses processos de fora; de modo que o que é descrito aqui só pode tornar-se visível para o clarividente que olha retrospectivamente para o passado.

Esta descrição representa hipoteticamente o que alguém que estava então, como espectador, teria visto num ponto do espaço cósmico.
Nem mesmo no antigo Saturno um olho físico poderia ter visto alguma coisa. Naquela época, em seu estágio primordial, a Terra era apenas uma neblina que só seria percebida como calor. Dessa massa de neblina etérica original, formou-se aos poucos uma esfera de vapor luminoso que já seria visível se naquele momento houvesse olhos para vê-la; e se fosse possível penetrá-lo através do tato, teria parecido a princípio um espaço aquecido, como o interior de um forno; mas logo se tornou uma massa de névoa luminosa contendo dentro de si todos os germes de que falamos. Essa neblina não era nada igual ao que seria hoje uma formação de nuvens ou neblina, mas continha em si dissolvida todas as substâncias que são comuns hoje.

Machine Translated by Google

venha sólido ou líquido. Todos os metais, os minerais, estavam contidos ali na forma de um vapor muito transparente, vapor permeado de calor e luz. Tente mergulhar nisso com seus pensamentos. A névoa etérica havia se transformado em gás iluminado e isso estava ficando cada vez mais claro. Precisamente à medida que os gases se condensavam, a luz aumentava; até que, num determinado momento, toda aquela massa de neblina assumiu a aparência de um grande Sol brilhando no espaço cósmico. Era uma vez um momento em que a Terra ainda continha o Sol dentro de si e estava completamente permeada pela luz que irradiava por todo o espaço cósmico. Esta luz tornou possível que não só o homem pudesse viver com a Terra na forma primordial daquela época, mas que todos os seres superiores que não assumiram um corpo físico, mas que estiveram e estão, no entanto, unidos à Terra, também viveram no massa de luz da evolução humana: os Anjos, os Arcanjos, os Arcais; e não só estes, mas também outros seres, ainda mais elevados: os Poderes, ou Exusiai ou Espíritos da Forma; as Virtudes ou Dynamis ou Espíritos de Movimento, as Dominações ou Kyriotetes ou Espíritos de Sabedoria, e depois aqueles que são chamados de Tronos ou Espíritos de Vontade; e por fim, menos unidos à esfera luminosa, distanciando-se dela cada vez mais, os Querubins e os Serafins. A Terra era, portanto, um corpo cósmico povoado por toda uma hierarquia de seres inferiores, superiores e sublimes; e a luz com a qual aquele corpo cósmico estava permeado, e que irradiava para o espaço, não era apenas luz, mas a força do amor; aquele amor que mais tarde se tornaria a missão da Terra. O amor formou a parte essencial dessa luz. Não devemos, portanto, imaginar que apenas a luz, a luz física, irradiava, mas esta era animada e espiritualizada pela força do amor. Isto é difícil de conceber para a mentalidade de hoje. Não existem hoje homens que descrevem o Sol como um globo de ar que simplesmente irradia luz? É a única ideia, nada material, que as pessoas, com exceção dos ocultistas, têm hoje do sol. Quem lê hoje uma descrição do sol, tal como se encontra nos livros, naqueles livros que são o alimento espiritual de inúmeras pessoas, não aprendeu a conhecer a verdadeira existência do sol. Descrever o sol dessa forma equivale a descrever o homem como um mero cadáver. Assim como o cadáver não é o homem, o que o astrofísico descreve! sol, não é o sol.

Quem descreve apenas o cadáver do homem ignora o seu essencial; Da mesma forma, o físico que acredita poder encontrar os seus elementos constituintes através da análise espectral não descreve a parte essencial do sol. Ele vê apenas o corpo externo.
Em vez disso, com cada raio solar, a força das entidades superiores que povoam o Sol flui para todos os seres da Terra; e com a luz dos raios do sol desce sobre nós a força do amor, a mesma que aqui, na Terra, irradia de homem para homem.

Machine Translated by Google

homem, de um coração para outro coração. O Sol nunca poderia enviar luz puramente física à Terra; a luz do sol contém dentro de si, invisivelmente, o mais caloroso e fervoroso sentimento de amor. Com ele fluem para a Terra as forças dos Tronos, dos Serafins, dos Querubins e de toda a hierarquia dos seres espirituais superiores que habitam o Sol e que não necessitam de outro corpo senão um corpo de luz. Mas como tudo o que existe no Sol ainda estava conectado à Terra, todos os seres superiores também estavam conectados a ela; e ainda hoje eles ainda estão conectados com a evolução da Terra.

Além disso, devemos considerar que o homem, que era o mais inferior de todos os seres superiores, já existia em germe, como um novo filho da Terra, carregado e cuidado pelas entidades superiores que o abrigavam em seu ventre. Na época da evolução terrena que estamos considerando, o homem, precisamente porque ainda vivia no ventre daquelas entidades superiores, devia ter um corpo muito mais sutil do que o atual. Na verdade, a consciência clarividente nota que o corpo do homem daquela época era feito de uma forma evanescente de vapor, de um corpo de ar ou gás, completamente permeado e penetrado pela luz. Pensemos numa nuvem de formato regular, que, como um cálice, se abria para cima, e pensemos neste cálice brilhando com uma luz interna nele contida, e teremos uma imagem dos homens daquela época, que eram apenas começando a possuir uma consciência embotada, semelhante à que os seres vegetais possuem atualmente. Porém, os homens daquela época não eram plantas, no sentido atual, mas massas de nuvens em forma de cálice, permeadas de luz e calor, mas sem contornos nítidos que os separassem do resto da massa terrestre.

Esta já foi a figura humana: uma forma que era um corpo físico de luz, ainda participando das forças da luz. Portanto, devido à delicadeza do corpo humano, nele poderiam estar imersos não apenas o próprio corpo etérico e astral, não apenas o Ego em seus primórdios, mas também as entidades espirituais superiores que estavam ligadas à Terra. O homem daquela época ainda tinha suas raízes, por assim dizer, acima, nos seres divino-espirituais, e estes o penetraram. Realmente não é fácil descrever o esplendor, a magnificência da Terra naquela época, e dar uma ideia daquela época.

Devemos imaginá-lo como um globo completamente permeado de luz, irradiado por nuvens luminosas formando maravilhosos fenômenos de luz e jogos de cores. Se você pudesse mergulhar sua mão naquela Terra, você sentiria impressões de calor. Foi uma flutuação incessante daquelas massas impregnadas de calor e de luz, nas quais viviam os seres humanos de hoje, envoltos e embalados por

Machine Translated by Google

seres espirituais irradiando para fora, magníficos jogos de luzes multiformes.

Lá fora estava o Cosmos terrestre em toda a sua imensa variedade; por dentro, o homem envolto em luz, conectado com as entidades divino-espirituais, de onde irradiavam torrentes de luz em direção à esfera luminosa externa. O homem estava ligado a esse seio luminoso cósmico da nossa Terra, como que por meio de um cordão umbilical que tinha sua origem no Divino. A planta luminosa que era o homem de então vivia como se estivesse num ventre cósmico comum no qual se sentia unificado com o manto de luz que envolvia toda a Terra. Naquela bela forma nebulosa de planta, ligada à Mãe Terra por aquele cordão umbilical, o homem vivia protegido e defendido por ela como, num sentido mais grosseiro, a criança no ventre da mãe; esse germe humano viveu, num passado muito remoto, no ventre cósmico da Mãe Terra.

Então o Sol começou a se separar, levando consigo as substâncias mais finas. Houve um tempo em que as entidades solares superiores abandonaram os homens, e tudo o que hoje faz parte do Sol separou-se da Terra, deixando para trás apenas as substâncias mais grosseiras. À medida que esse processo ocorria, o vapor esfriava, condensando-se em água; a Terra, que antes era gasosa, tornou-se um globo aquático. As águas primordiais eram o seu centro e não havia ar ao seu redor, mas, aos poucos, a água desceu em espessas névoas que aos poucos se tornaram mais finas.
A Terra daquela época era, portanto, uma Terra líquida, contendo substâncias moles rodeadas por névoas que se afinavam cada vez mais em direção às esferas superiores, onde se tornavam muito tênues. É assim que a Terra daquela época aparece aos nossos olhos, já muito transformada; e a partir de agora os homens tiveram que mergulhar suas formas, antes aéreas e permeadas de luz, naquelas águas turvas, e ali se incorporaram como formas aquosas na água, como antes se incorporaram, como formas aéreas, no ar. O homem tornou-se uma forma líquida; mas não inteiramente.

Ele nunca esteve completamente submerso na água; e este é um fato importante. Dissemos que, no seu centro, a Terra era inteiramente líquida, mas o homem era apenas parcialmente um ser líquido; ele emergiu da água no envelope vaporoso, de modo que consistia metade em água e metade em vapor. Dentro da água, o homem nunca poderia ter sido alcançado pelo Sol, tão densas eram as massas de água. No vapor, porém, a luz do Sol poderia penetrar um pouco; de modo que o homem vivia parcialmente em águas densas, desprovidas de luz, e parcialmente em vapor permeado de luz. Contudo, a água não foi privada de algo que descreveremos agora com mais precisão.

Machine Translated by Google

Desde o início, a Terra não foi apenas impregnada de calor e luz, mas também de som; e o som permaneceu com ela. Portanto, quando a luz se apagou, a água ficou escura internamente, mas permaneceu permeada internamente pelo som; e foi o som que deu à água a sua configuração, a sua forma, como se pode verificar numa conhecida experiência de física.
Na verdade, o som é uma força formativa, que divide e ordena as partes de um todo; e esta foi a força que permaneceu dentro da Terra e que, a partir da água, moldou o corpo humano. É o som ressonante pela Terra que formou a figura humana. A luz só conseguia atingir aquela parte do homem que emergia da água.

Abaixo, portanto, havia um corpo líquido; acima, um corpo gasoso iluminado pela luz externa e ao qual, na luz, tinham acesso os seres que haviam saído com o Sol. Anteriormente, enquanto o Sol estava unido à Terra, o homem se sentia vivendo. o ventre daqueles seres, agora, na luz, brilharam sobre ele, e fizeram fluir suas forças para ele.

Não esqueçamos, porém, que depois da divisão do Sol, ainda permaneciam na Terra aquelas outras forças que ela um dia teria de se dividir: as forças da Lua.

Na época, portanto, em que o Sol acabava de se separar da Terra, aquele homem-planta teve que mergulhar gradualmente na Terra física aquosa.

O estágio que o homem alcançou então na evolução do seu corpo é aquele que vemos hoje fixado, mas degenerado, nos peixes. Os peixes que vemos hoje povoando as águas são resíduos em decomposição dos homens daquela época.
Imaginemos, por exemplo, um peixe dourado, com uma forma vegetal fantástica, extremamente móvel, e permeado por um sentimento de tristeza, porque a luz foi cortada da água. A luz já não existia e isso deu origem a uma nostalgia muito profunda. Houve um momento na evolução da Terra em que o Sol ainda não havia emergido completamente dela; então a forma humana poderia ser vista completamente inundada de luz; a parte superior dessa forma ainda estava no degrau solar, enquanto a parte inferior já tinha a forma que ficou fixada no peixe. Portanto, pelo fato do homem, com metade do seu ser, viver nas trevas, havia, abaixo, uma natureza humana muito inferior, pois naquela parte residiam as forças da Lua. Sem ainda estar petrificada como a lava da lua atual, estava contudo animada por forças muito obscuras, onde apenas as piores partes da astralidade podiam mergulhar. Mas acima havia uma figura de ar, a cabeça, por assim dizer, na qual a luz penetrava de fora para lhe dar forma. Assim, o homem era composto de uma parte inferior e de uma parte superior; e ele se moveu,

Machine Translated by Google

nadando e pairando naquela atmosfera vaporosa. A densa atmosfera da Terra naquela época ainda não era ar, através do qual o Sol poderia ter penetrado, mas consistia em vapores, e apenas o calor, e não a luz, poderia penetrar através dos vapores. O raio do Sol não poderia beijar toda a Terra, mas apenas a sua superfície; o oceano da Terra permaneceu escuro e nele estavam as forças que mais tarde se separaram da Terra como a Lua.

Porque as forças da luz penetraram na Terra, os deuses também a penetraram; então abaixo havia o manto aquoso, abandonado pelos deuses, penetrado apenas pela força do som, e ao redor havia o vapor no qual irradiavam as forças solares; e com aquela parte do seu corpo emergindo da superfície aquosa, o homem ainda participava daquilo que irradiava sobre ele como luz e amor do mundo espiritual. Mas por que o mundo dos sons penetrou no núcleo líquido escuro da Terra?

Pois um dos seres solares elevados ficou para trás e uniu sua existência à Terra; e é o mesmo Espírito que conhecemos pelo nome de Jahve ou Jeová. Somente Jahve permaneceu com a Terra, sacrificando-se; e foi ele quem com seu ser íntimo permeou a Terra aquosa com sons formativos.

Mas como as piores forças, forças verdadeiramente terríveis e malignas, permaneceram, como ingredientes, dentro da Terra líquida, a parte do homem que era feita de vapor decaiu cada vez mais, e desde a primeira figura vegetal um ser gradualmente se tornou um anfíbio. . Esta figura, muito mais baixa na escala dos seres do que o homem se tornou mais tarde, é descrita em mitos e lendas como um dragão ou dragão. Em vez disso, a outra parte do homem, habitante das regiões luminosas, é representada como um ser que não pode descer, que luta contra a natureza inferior e que é retratado, por exemplo, em São Miguel que mata o dragão, ou em São Jorge que luta contra isso. Mesmo na figura de Siegfried lutando contra o dragão, temos, sob outro aspecto, uma imagem da dualidade em que o ser humano então se manifestava.

Na parte superior da Terra, e portanto também do homem, o calor penetrou, formando algo como um dragão de fogo. Mas acima pairava o corpo etérico no qual estava preservada a força do Sol. No geral, surge uma figura que no Antigo Testamento é muito bem representada como uma serpente sedutora, tendo também a natureza de um anfíbio.

Agora, o momento em que as forças mais baixas estavam cada vez mais próximas

Machine Translated by Google

eles tiveram que ser expulsos. Cataclismos poderosos abalaram a Terra enquanto a Lua se separava dela; e, para o ocultista, as atuais formações basálticas aparecem como resíduos das forças purificadoras que causaram essa separação. No entanto, foi também a época em que a parte central líquida da Terra se condensava cada vez mais e o seu núcleo mineral sólido se formava gradualmente. Por um lado, a Terra condensou-se devido à divisão da Lua; por outro lado, nas partes superiores formou-se uma espécie de sedimentação das substâncias mais pesadas e grosseiras, que se depositaram nas partes inferiores, enquanto acima se formava algo cada vez mais semelhante ao ar corrente, embora ainda permeado de água. . A Terra agora tinha um núcleo sólido no centro, cercado por água por todos os lados. A princípio, o nevoeiro na periferia ainda era impenetrável aos raios solares, mas clareou à medida que essas substâncias se instalaram no centro. Só muito mais tarde se transformou em ar de verdade e passou a ser atravessado pelos raios do Sol, que antes não conseguiam atingir a própria Terra.

Chegamos agora a uma fase da nossa Terra que devemos tentar colocar claramente diante da alma. Antes, o homem estava meio imerso na água e meio emergindo na neblina; agora, através da condensação terrestre, o homem líquido adquire a possibilidade de tornar sua forma mais densa e de assumir um sistema ósseo solidificado. O homem endureceu-se cada vez mais dentro de si; e, entretanto, a sua parte superior foi transformada para adquirir uma nova capacidade: a de respirar o ar. Encontramos, nessa época, a primeira menção aos pulmões. Na parte superior, já havia sido localizado aquele algo que acolhia a luz, mas não conseguia penetrar mais no interior. Agora o homem, em sua consciência embotada, sentiu a luz novamente; ele podia sentir o que irradiava sobre ele de cima, como o influxo de forças divinas. Neste período de transição ele sente o que assim flui para ele dividido em duas partes; ele sente o ar penetrando nele com sua respiração, enquanto antes apenas a luz o penetrava. Diante disso, ele deve dizer a si mesmo: «Antes eu sentia a força que está acima de mim como aquela que me deu o que agora preciso para respirar; a luz era respiração para mim. O que fluía para ele agora lhe parecia dois irmãos: luz e ar. Luz e ar tornaram-se uma dualidade. O sopro do ar terreno que invadiu o homem foi ao mesmo tempo o anúncio de que ele precisava aprender a sentir algo totalmente novo. Enquanto existiu apenas luz, o homem não conheceu o nascimento e a morte; quando a nuvem irradiada de luz se transformava, ele sentia isso como a troca de uma roupa; ele não sentia que estava nascendo, não sentia que estava morrendo; ele se sentia eterno; nascimento e morte eram apenas uma questão alternada.
Com a primeira respiração começou a consciência de ter nascido e “O ar, o sofrimento do ar, sepa

Machine Translated by Google

irmão, o raio de luz, que também separou de mim os seres que antes fluíam para mim com luz, me trouxe a morte! ». Foi assim que o homem da época se sentiu.

Qual foi o ser que matou aquela sensação que o homem tinha, de possuir, sim, uma figura escura, mas unida ao Ser eterno? Quem foi quem apagou essa consciência nele? Foi o sopro de ar que penetrou no homem: Typhon.

Tufão significa: lufada de ar; e quando a alma egípcia experimentou o que aconteceu desta forma, isto é, a divisão do raio anteriormente unitário no raio de luz e no sopro de ar, este evento cósmico tornou-se uma imagem simbólica para ela: o assassinato de Osíris por Typhon ou Set, o sopro do vento.

Um grande evento cósmico está oculto no mito egípcio de Osíris morto por Tifão. O egípcio sentia em Osíris o Deus vindo do Sol, que ainda vivia em harmonia com o irmão. Typhon foi o ar que respiramos e que trouxe mortalidade ao homem; c vemos aqui, num dos exemplos mais significativos, como os fatos da evolução do mundo se repetem no conhecimento interior dos homens.

Assim ocorreu o surgimento da trindade Sol, Lua e Terra. Tudo isso foi ensinado ao discípulo egípcio em imagens profundas, muito profundas, formadas em plena consciência.

Machine Translated by Google

A AÇÃO DE OSIRIS E ÍSIS.

FATOS DE ANATOMIA E FISIOLOGIA

OCULTO

Relembrando as considerações que fizemos nos últimos dias, a propósito da evolução da Terra e, num sentido mais lato, do nosso sistema solar, em relação ao homem, talvez alguém se tenha deparado com uma estranha e aparente contradição com certas ideias que são nos é familiar, e terá sido dito: porque é que nos disseste, nos últimos dias, que as piores forças da evolução estão ligadas à Lua, e que só com a saída da Lua da Terra é que ela conseguiu libertar-se de essas forças malignas e criar condições sob as quais o homem poderia prosseguir em sua evolução?

Mas para onde vai todo o lado romântico da lua, toda a poesia, mesmo que nascida de sentimentos verdadeiros, sobre o encanto mágico que a lua exerce sobre o homem?

Esta contradição só é aparente e desaparece quando os factos não são considerados apenas unilateralmente, mas quando todo o complexo é abraçado com a alma.
Naturalmente, se hoje examinássemos a Lua em termos da sua massa física, ela nos pareceria inadequada para acolher a vida tal como existe hoje na Terra.
Ao mesmo tempo, porém, devemos também dizer que todo o etérico combinado com a Lua e suas substâncias físicas é em grande parte de uma natureza verdadeiramente decadente, muito pobre em comparação com o etérico que vive em nossa corporeidade.
Se observássemos clarividentemente a astralidade existente nos seres lunares individuais (da qual podemos absolutamente falar como realidade), poderíamos nos persuadir de que neles vivem sentimentos infinitamente mais malignos e mais básicos do que o pior que pode ser encontrado - a esse respeito - em nossa terra . É, portanto, perfeitamente legítimo falar de seres e elementos lunares que, tanto pela sua natureza astral, como pela sua natureza etérica e física, tiveram que ser expulsos para que a nossa Terra pudesse seguir o seu próprio caminho, livre de influências nocivas.

Agora, porém, devemos compreender outro facto: nunca devemos parar na declaração de que algo é mau, que é mau; já que tudo que na evolução

Machine Translated by Google

A infecção é baixa, é maligna, está subjacente a uma possibilidade muito importante. Na medida do possível, tudo o que desceu às esferas inferiores deve ser elevado novamente, purificado por outros seres mais perfeitos, para que possa ser novamente utilizado em todo o universo. Quando, em qualquer ponto do mundo, encontramos entidades particularmente baixas, podemos ter certeza de que a elas se juntam outras entidades superiores, que possuem um poder tão grande de trazer o bem e a beleza, que são até capazes de liderar até mesmo pessoas de volta ao bem.
Portanto, é verdade que todas as forças inferiores estão unidas à existência da Lua; mas, por outro lado, entidades muito elevadas também estão unidas a ele. Por exemplo, já sabemos que a elevada entidade espiritual de Yahweh habita na Lua. Agora, uma entidade tão sublime, dotada de tanta força e magnificência, tem sob ela vastas hostes de ajudantes. Devemos, portanto, compreender que enquanto as forças inferiores deixaram a Terra com a Lua, aqueles seres que são capazes de transmutar o mal em bem, a feiúra em beleza, também permaneceram unidos à Lua. Eles não poderiam ter transmutado a feiúra se a tivessem deixado dentro da Terra; então eles tiveram que tirá-lo.

Mas por que deveria existir o feio e o mau? Porque sem as influências do mal, o homem nunca teria sido capaz de se tornar um ser completo e independente. Lembremo-nos da conferência anterior, onde vimos como a natureza inferior do homem estava enraizada na água, e ele vivia meio imerso na escura e aquosa Terra. Não havia então esqueleto, nem, em geral, uma forma humana sólida. Aquela forma humana era vegetal, semelhante a uma flor, em processo de contínua metamorfose. O homem teria permanecido assim sem a ação das forças lunares. Se a Terra tivesse permanecido exposta apenas às influências do Sol, a mobilidade do ser humano teria aumentado ao máximo; a Terra teria evoluído com uma rapidez que o homem não poderia tolerar, de modo que nunca teria sido capaz de atingir a sua forma atual. Se, em vez disso, apenas as forças da Lua tivessem agido, o homem teria rapidamente enrijecido; sua forma se consolidaria no momento do nascimento, e ele se tornaria uma múmia e assim permaneceria para sempre.

Hoje o homem se desenvolve em algum lugar entre um e outro destes dois extremos; entre mobilidade ilimitada e rigidez na forma. A Lua física tornou-se um desperdício, porque nela estão contidas as forças que fixam as formas, e somente os seres elevados e poderosos ligados à Lua podem atuar nessas formas. Assim, duas forças atuam sobre a Terra: as forças solares e as forças lunares: a primeira estimulante, a segunda mumificadora.

Imagine que um ser gigantesco arrastasse o Sol; naquele momento

Machine Translated by Google

nós mesmos ficaríamos todos enrijecidos como múmias, a tal ponto que nunca mais poderíamos perder aquela forma. Se, porém, imaginarmos um gigante que tirou a Lua; então, todos os belos gestos medidos e harmoniosos que agora somos capazes de fazer se tornariam involuntários e desordenados. Não poderíamos mais ficar parados na nossa interioridade; veríamos nossas mãos se estenderem imensamente e depois encolherem novamente; a força metamorfoseadora aumentaria de uma forma sem precedentes. Agora, porém, o homem está localizado entre essas duas forças.

Contudo, o Cosmos está ordenado segundo uma imensa sabedoria, não só no que diz respeito às formas e substâncias, mas também no que diz respeito às relações recíprocas entre as coisas. Para evocar diante de nossa alma a sabedoria infinita que tudo permeia, consideraremos agora uma relação que está ligada à figura de Osíris.

Na figura de Osíris, o egípcio viu as influências da estrela solar sobre a nossa Terra, numa época em que névoas e vapores ainda flutuavam ao seu redor e o ar ainda não existia; ele sabia que quando a respiração aérea começou no homem, a entidade unitária de Osíris-Set havia se dividido. Set ou Typhon faz com que o sopro de ar nos penetre. Typhon, o sopro do vento, separou-se da luz do Sol e, desde então, Osíris não agiu mais como luz solar. Porém, esse é também o momento em que o nascimento e a morte entraram no ser humano. O que antes acontecia como uma mudança de forma, como colocar e tirar um vestido, foi profundamente transformado. Se no momento em que as ações emanadas do Sol ainda não tivessem saído da Terra, o homem tivesse sido capaz de sentir os efeitos emanados daqueles seres altíssimos que mais tarde partiram com o Sol, ele teria levantado o olhar para eles com gratidão. Mas quando o Sol se separou da Terra e a névoa em que residia a natureza humana superior se dissipou, o homem, que conseguia perceber cada vez menos a influência direta do Sol, adquiriu a consciência de quais eram as forças de sua natureza inferior. ; e foi aí que ele compreendeu o seu próprio ego. Ele começou a ficar constrangido à medida que mergulhava em sua natureza inferior.

Mas por que o ser que conhecemos como Osíris escureceu? Com a saída do Sol, a luz deixou de atuar, mas primeiro Yahweh permaneceu na Terra até a saída da Lua. Osíris foi o Espírito que carregou dentro de si a força da luz solar para que mais tarde, quando a Lua se separou da Terra, a acompanhou e recebeu a missão de direcionar, da Lua, a luz solar para a Terra. Então, em primeiro lugar, vimos o Sol separar-se; e enquanto isso Jahve com seu povo, com Osíris, permanece na Terra. O homem aprende a respirar. Ao mesmo tempo, porém, a Lua se desprende, e Osíris a acompanha e recebe a tarefa

Machine Translated by Google

para refletir a luz do Sol na Terra, da Lua Osíris é trancado em um baú; isto é, ele recua com a Lua. Anteriormente o homem recebia do Sol a ação de Osíris; agora ele tem a impressão de que o que costumava vir do Sol para ele agora flui da Lua para ele. Anteriormente, quando a luz da Lua irradiava sobre o homem, ele exclamava: ((Osíris, é você quem da Lua irradia sobre mim a luz do Sol, a essência do seu ser!).

Mas esta luz do Sol é refletida todos os dias de outra forma. A primeira forma ocorre quando a Lua aparece no céu como uma lua crescente muito fina; depois quando, no segundo dia, já cresceu, aparece a segunda forma, e assim, durante 14 dias, temos 14 figuras diferentes, até a lua cheia. Durante 14 dias, Osíris fica voltado para a Terra, sob as 14 formas diferentes que o disco lunar nos apresenta. Essas 14 figuras são extremamente importantes, essas fases de crescimento que a Lua, ou seja, Osíris, assume para nos enviar a luz do Sol no Cosmos, estão combinadas com o evento pelo qual o homem aprendeu a respirar. Somente quando esse fenômeno ocorreu completamente no céu o homem foi capaz de respirar e assim se unir ao mundo físico; então o primeiro germe do Ego poderia nascer na entidade

Humano.

O conhecimento egípcio, mais tarde, ouviu tudo o que explicamos até agora e narrou na seguinte lenda. Osi-ride já reinou na Terra; depois surgiu Tifão, o vento (esta é a epopeia em que as águas descem até se formar o ar e o homem aprende a respirá-lo); Typhon derrotou Osíris, matou-o, colocou-o em um baú e jogou-o no mar. Como poderia o evento cósmico em questão ser expresso com uma imagem mais cheia de significado? Primeiro reina o deus solar Osíris, depois é expulso para a lua. A Lua é o baú empurrado para o mar do espaço cósmico; agora Osíris está nos espaços cósmicos. A lenda acrescenta, porém, que quando Osíris é encontrado, quando reaparece no espaço cósmico, ele aparece em 14 formas. Ele foi cortado em 14 pedaços e enterrado em 14 sepulturas. Aqui, na lenda, temos uma dica maravilhosa do processo cósmico: as 14 formas da Lua, as 14 fases lunares, são os 14 fragmentos de Osíris rasgado. Todo Osíris é todo o disco lunar que vemos.

Tudo isso parece à primeira vista como se fosse apenas um símbolo. Mas já podemos ver como isso tinha um significado real. Agora chegamos a acontecimentos sem os quais os mistérios do Cosmos nunca poderiam parecer claros para nós. Se a citada constelação entre Sol, Lua e Terra não tivesse sido estabelecida, se a Lua não tivesse aparecido em seus 14 aspectos diferentes, outros fatos não teriam ocorrido desde esses 14

Machine Translated by Google

aspectos tiveram uma influência muito especial e imensa sobre o homem e sua evolução na Terra. Aqui devo apontar-lhe um fato muito singular, mas que é, portanto, verdadeiro. Antes, quando tudo isso ainda não havia ocorrido, quando Osíris ainda não havia deixado a Terra, o homem, em sua figura de luz, nem sequer possuía em germe algo que hoje é de suprema importância para ele. Sabemos que a medula espinhal é extremamente importante; dele surgem nervos que nem sequer existiam em embrião antes da Lua se separar da Terra.

Agora, essas 14 fases da Lua, em sua ordem de sucessão, tornaram-se a causa da formação de 14 feixes de nervos ao longo da coluna vertebral. As forças cósmicas agiram de modo que esses feixes de nervos correspondessem às 14 fases ou aspectos da Lua. Este foi o efeito da ação de Osíris. Porém, o ciclo lunar também corresponde a outro fato, já que as 14 fases que mencionamos são apenas metade do ciclo total. A lua tem 14 fases, da lua nova à lua cheia, e outras 14 desta até a lua nova seguinte. Durante os 14 dias que antecedem a lua nova, a influência de Osíris não é sentida; então a lua é iluminada pelo sol de modo que gradualmente vira seu lado escuro em direção à Terra. Estas 14 fases, da lua cheia à lua nova, também têm o seu efeito, e a consciência egípcia tomou consciência delas através de Ísis.

Estas 14 fases são governadas por Ísis; e, graças à ação de Ísis, outros 14 feixes de nervos partem da medula espinhal. Há, portanto, um total de 28 feixes de nervos correspondentes às diferentes fases da lua. Vemos aqui, nos eventos cósmicos, a origem de partes muito específicas do organismo humano. Você pode objetar: mas por que estamos falando aqui apenas de 28 feixes nervosos?

Na verdade, eles teriam apenas 28 anos se o ano lunar coincidisse com o ano solar; mas como o ano solar era mais longo, a diferença entre os dois causou a formação de feixes nervosos adicionais.

Assim — a partir da Lua — a influência de Ísis e a influência de Osíris foram inseridas no organismo humano. Porém, outro fato está ligado a isso.

Até a Lua começar a agir de fora, ainda não existiam dois sexos. Havia apenas um ser humano homem e mulher ao mesmo tempo.
Os dois sexos começaram a se separar graças à alternância da ação de Ísis com a de Osíris, vinda da Lua, e o homem passou a ser masculino e feminino dependendo se os nervos de Osíris ou os nervos de Ísis atuavam predominantemente sobre o organismo. Um organismo no qual domina predominantemente

Machine Translated by Google

a influência de Ísis torna-se masculina, e um corpo no qual a influência de Osíris atua predominantemente torna-se feminino. Naturalmente, tanto as forças de Ísis como as de Osíris atuam em cada indivíduo, tanto no homem como na mulher, mas de tal forma que no homem o corpo etérico é feminino e na mulher é masculino. Aqui temos uma ideia da maravilhosa conexão que harmoniza o ser individual com as posições dos astros no Cosmos.

Vimos assim como não apenas as forças dos corpos celestes, mas também as suas posições mútuas, exercem influência sobre os seres humanos. Sob a influência dos 28 feixes de nervos, que partem da medula espinhal, formou-se tudo o que diz respeito ao organismo masculino e feminino. Queremos agora mencionar um fato que nos esclarecerá profundamente sobre a relação do Cosmos com a evolução do homem. Estas forças dão ao homem a sua forma, mas o homem não se endurece nela; cria-se uma relação de equilíbrio entre a influência do Sol e a da Lua; e devemos ter em mente que, no que dizemos, não se trata de simples simbolismo, mas de factos reais.

O que é realmente o Osíris original, o Osíris ainda não destruído? E o que é Osíris despedaçado? O que antes era uma unidade no homem agora está dividido nesses 28 nervos; está, portanto, despedaçado dentro de nós; e sem esta subdivisão a forma humana nunca teria surgido. Mas o que foi formado pela primeira vez sob a influência do Sol e da Lua? A colaboração de todos os feixes de nervos não só causou a diferenciação externa dos sexos, mas também algo foi produzido internamente sob a influência dos princípios masculino e feminino. O pulmão foi produzido pela ação interior de Ísis; o pulmão que é o regulador das influências de Typhon ou Seth.

Aquilo que atua masculinamente no homem, por Osíris, estimulando a ação feminina, torna o pulmão produtivo através da respiração. Os eflúvios que partem do Sol e da Lua regulam a dupla ação dos princípios masculino e feminino: em cada ser feminino um princípio masculino: a laringe; em cada ser masculino, um princípio feminino: o pulmão.

Quanto à sua natureza superior, Ísis e Osíris atuam internamente em todo ser humano. Assim, todo ser humano participa de ambos os sexos, uma vez que

cada um tem pulmão e laringe; e todos - sejam homens ou mulheres - têm o mesmo número de nervosismo.

Machine Translated by Google

Então, depois de se separarem da natureza inferior, Ísis e Osíris deram à luz um filho, o criador do futuro homem terreno. Juntos geraram Oro, a criança guardada e criada por Ísis: o coração humano, protegido pelas asas do pulmão de sua mãe Ísis. Vemos aqui na concepção egípcia algo que nos mostra como naquelas antigas Escolas de Mistérios o que se tornou a natureza superior do homem era considerado masculino-feminino; ele era o que os índios conheciam como Brahma. Já ao discípulo indiano foi mostrado no homem primordial o que mais tarde apareceria naquela figura augusta.

Oro, o filho, lhe foi mostrado enquanto lhe contavam: tudo isso nasceu do som primordial, do Vha, aquele som que se diferencia em muitos sons; e o que o discípulo indiano viveu foi preservado para nós numa passagem singular do Rigveda, que diz: «Os sete vêm ao homem de baixo, os oito de cima, os nove de trás, os dez das fundações da cúpula rochosa , e os dez de dentro, enquanto a mãe trabalha para alimentar seu filho."

Na verdade, é um passo singular. Mas vamos representar bem a Ísis de que falei, descrevendo-a como o pulmão, e o Osíris que disse ser o aparelho respiratório, e pensar como a voz humana abre caminho por esses órgãos, diferenciando-se em sons guturais ou pulmonares. , nas diversas cartas.
Essas letras vêm de lugares diferentes: sete vêm de baixo, da garganta, etc.

A misteriosa vida de todo o nosso sistema respiratório está resumida neste ditado. Onde o som se forma e se diferencia, é a mãe, num sentido superior, o pulmão que cuida e protege o filho, ou seja, o coração humano formado pelas mais diversas influências, de onde provêm os impulsos que animam o
voz.

Desta forma, o misterioso trabalho dentro do Cosmos e o seu desenvolvimento ao longo do tempo foi revelado no início. Veremos mais tarde como os outros órgãos humanos também foram entrelaçados em tudo isso. A ciência esotérica egípcia era ao mesmo tempo um capítulo da anatomia oculta, que foi ensinada nas escolas esotéricas do Egito na medida em que as relações entre os seres cósmicos e o corpo físico do homem eram então conhecidas.

Machine Translated by Google

OS PROCESSOS EVOLUCIONÁRIOS DO ORGANISMO HUMANO

OS PROCESSOS EVOLUCIONÁRIOS DO ORGANISMO HUMANO ATÉ A DIVISÃO DA LUA. OSIRIS E ÍSIS CONSTRUTORES DA PARTE SUPERIOR DA FIGURA HUMANA

Em conferências anteriores trouxemos diante de nossas almas uma série de fatos relativos à evolução da Terra e de todo o sistema solar, em relação à natureza do homem. Especialmente nas duas últimas conferências tentamos destacar particularmente aqueles fatos da evolução solar, terrestre e lunar que são como que ressuscitados nos Mistérios do Egito e dos quais tanto os discípulos desses Mistérios como todo o povo egípcio tiveram notícias.

Com efeito, o discípulo com a sua clarividência aprendeu a conhecer todas as coisas que mencionamos e que hoje queremos completar. A maioria das pessoas, incapaz de chegar ao ponto da clarividência, aprendeu os fatos em questão na imagem profundamente importante de que já falamos, isto é, na lenda de Osíris e Ísis. Cada um de nós conhece esta imagem. dos quais todos os que tinham uma compreensão dessas coisas consideravam de grande importância. Foi muito mais que uma simples imagem para o antigo egípcio, que a narrou da seguinte forma.

Osíris reinou em tempos muito remotos, e continuou a reinar por muito tempo na Terra, para o bem da humanidade, até aquele momento que mais tarde foi caracterizado como a passagem do Sol pelo signo de Escorpião. Foi então que Osíris foi morto por seu irmão Typhon ou Set. Este último o induziu a deitar-se em um grande baú; então ele fechou e jogou no mar. Ísis, irmã e esposa de Osíris, foi em busca dele e, quando finalmente o encontrou, levou-o para o Egito.

Mas o malvado Typhon não desistiu de seu trabalho de destruição e despedaçou Osíris. Então Ísis recolheu os fragmentos espalhados e os enterrou em diferentes lugares. (Ainda hoje muitos túmulos de Osíris são mostrados no Egito.) Então Ísis deu à luz Hórus, e Hórus vingou a morte de seu pai Osíris em Tifão. Osíris foi acolhido de volta ao mundo dos seres divino-espirituais e, se não estiver mais ativo na Terra, lá de cima trabalha para o homem quando ele,

Machine Translated by Google

entre a morte e um novo nascimento, ele habita no mundo espiritual.

Portanto, no Egito, o caminho que o morto tinha que percorrer era chamado de caminho de Osíris. Tal é a lenda que pertence aos elementos mais antigos da concepção egípcia de vida. Embora outras partes dela tenham sido transformadas ou acrescentadas, a lenda de Osíris foi preservada em todos os cultos da terra do Egito enquanto as religiões egípcias existiram.

Depois de ter recordado esta lenda, na qual se resumiam fatos verídicos que o discípulo contemplou nos sagrados Mistérios das escolas esotéricas, devemos voltar mais uma vez o olhar para o que já havíamos começado a considerar ontem, tentando formar uma representação exata do que foi criado em humanos graças à influência das diferentes fases lunares. Vimos como os vinte e oito feixes de nervos, que se ramificam a partir da medula espinhal, vêm das diferentes fases da lua durante os 28 dias que leva para completar o seu ciclo e retornar à sua fase inicial. Investigamos o mistério das forças cósmicas que, de fora, formaram estes 28 pares de nervos; e agora peço-lhe que considere o seguinte com muito cuidado.

Tentaremos explicar da forma mais exata possível, dada a brevidade deste esboço, o que o discípulo aprendeu sobre a evolução do homem, num sentido ainda mais amplo. Mentes já totalmente absorvidas pelas visões da anatomia moderna considerarão absurdo o que estamos prestes a dizer. Que considerem isso um absurdo, se quiserem; no entanto, saibam que esta é a doutrina que os discípulos egípcios não apenas aprenderam, mas viram clarividentemente. Agora falo por aqueles que com seus sentimentos conseguem me seguir. Esta doutrina não é apenas o resultado da visão oculta dos egípcios, mas também é verdade para o ocultista moderno e aparece-lhe sob o mesmo aspecto ainda hoje.

Já mencionamos o fato de que quando a Terra estava no início de sua evolução era inteiramente composta, por assim dizer, de germes humanos que constituíam a névoa terrestre primordial.

Tanto o clarividente egípcio como, mesmo antes, o indiano, puderam ver toda a forma futura do homem germinando espiritualmente daquele germe humano espiritual. Poderíamos, portanto, ver clarividentemente o que o germe humano se tornaria mais tarde. Mas também se pode olhar para trás, para o que surgiu desde o início; isto é, foi visto, ainda por

Machine Translated by Google

durante muito tempo o Sol esteve unido à Terra, surgindo daquele germe humano como uma espécie de planta que abria a sua taça para cima. Estas formas, que nasceram do nevoeiro primordial, preencheram, por assim dizer, toda a Terra; mas, logo nos primórdios, ainda não era visível aquela corola floral que se abria para o cosmos; só poderia ser percebido sentindo sua proximidade como um corpo de calor em forma de cálice.

Desde o início houve, portanto, um corpo de calor. Então, enquanto a Terra ainda estava unida ao Sol, o interior daquela forma humana de calor começou a brilhar e a lançar raios de luz no espaço cósmico. Se, naquela época, um ser dotado de olhos como o homem de hoje tivesse se aproximado com sua percepção de uma daquelas formas luminosas, teria visto algo como um globo brilhante e radiante, como um sol cintilante, de formas regulares, irradiando seus raios luminosos. em espaços. É muito difícil, hoje, conseguir formar uma imagem clara do que era a Terra então. Talvez pudéssemos imaginar isso pensando em nossa Terra, em uma noite com o ar mais puro, toda repleta de vaga-lumes irradiando sua luz por toda parte, para nos dar uma vaga ideia de como aqueles primeiros germes humanos brilharam no espaço cósmico, enquanto o A Terra ainda estava unida ao Sol, formando-se em torno daquele imenso cálice uma espécie de corpo gasoso, no qual se dissolviam numerosas substâncias aéreas, assim como hoje também se encontram substâncias sólidas e líquidas nos corpos dos animais e dos homens. . Pouco tempo depois, outros germes também surgiram da massa terrestre global, que se tornou o início do nosso atual reino animal.

O primeiro a se formar foi, portanto, o reino humano, depois vieram os germes do reino animal. Toda a Terra ainda era uma massa de ar composta de corpos luminosos e radiantes no espaço. Nessa massa de ar também nasceu o primeiro germe de animais assexuados, que então se encontravam no nível mais baixo do atual reino animal; e veremos como esses animais também tiveram certa importância para o desenvolvimento do homem.

Assim surgiram os primeiros germes animais, e (o que é importante para nós) foram formados a partir das massas gasosas mais densas do globo da época. Esses animais desenvolveram-se até certo nível, através das mais variadas formas. Na época em que o Sol acabava de deixar a Terra, a forma animal mais elevada era a do peixe; ou, melhor dizendo, de um animal muito diferente dos peixes de hoje, mas que ocupava o mesmo estágio de evolução dos peixes atuais.

Estes preservaram dentro de si aquele nível de evolução terrestre que havia sido

Machine Translated by Google

alcançado quando o Sol ainda estava dentro da Terra. A essa altura a Terra se condensou em um globo aquático no qual nadavam as formações mais densas, os animais. Então aconteceu um fato muito singular: algumas dessas formas originais de peixes permaneceram animais e não se preocuparam em continuar seu progresso evolutivo.
Outros, porém, estabeleceram uma certa relação com as formas humanas, nomeadamente as seguintes.

No momento em que o Sol saiu da Terra, a Terra também começou a girar em torno de seu eixo, apresentando alternadamente ora uma parte, ora outra parte de sua superfície à luz do Sol, de modo que se formaram o dia e a noite.
No entanto, os dias e as noites eram muito mais longos do que são hoje. Enquanto a Lua ainda estava unida à Terra, acontecia que cada vez que uma daquelas formas humanas gasosas, agora já altamente condensadas, estava do lado iluminado pelo Sol, uma das formas animais que nadavam na Terra aquosa veio juntar-se. isto.

A forma animal juntou-se à forma humana: acima estava a forma humana, abaixo estava a forma animal. O primeiro surgiu, todo esticado em direção ao sol, e para baixo foi ficando cada vez mais fraco e unindo-se ao corpo do animal. Como as forças do Sol passaram pela natureza humana superior, aberta como uma flor, agiram sobre as forças internas da Lua e da Terra; e porque uma forma animal que atingiu o nível do peixe foi adicionada ao corpo humano, diz-se que o Sol estava então no signo zodiacal de Peixes.

Na verdade, no início desta formação, o Sol estava no céu no signo de Peixes, mas muitas vezes passava novamente por aquela constelação antes de a próxima forma ser produzida. Porém, o ponto de partida de todo esse complexo evolutivo foi o momento em que o Sol se encontrou, no céu, na constelação de Peixes; e esta constelação recebeu o nome do fato de que a forma animal que então se uniu ao homem estava precisamente no nível de Peixes.

Naquela época, a Lua e a Terra ainda formavam um só corpo. Com as forças da Lua, no momento em que o Sol se separou da Terra, permaneceu Jahve, e, entre os ministros desta divindade, está aquela figura divina que os egípcios chamavam de Osíris. A evolução prossegue de forma muito singular até o momento em que a Lua também emerge do seio da Terra.

A Terra naquela época era aquosa, e nessas águas as formações haviam descido para

Machine Translated by Google

níveis cada vez mais grosseiros, antes da saída da Lua, tanto que, no momento em que isso ocorreu, o homem, quanto à sua natureza inferior, tinha a forma e o nível de uma grande salamandra. Isto é o que a Bíblia chama de serpente, e que também é chamada de dragão. Durante o período em que a Lua saiu da Terra, cada vez mais animalidade invadiu a parte inferior da forma humana.

Quando a separação foi realizada, o homem flutuou na massa líquida; sua parte inferior apresentava uma horrível forma animal, enquanto acima estavam os últimos restos de uma figura luminosa para a qual, de fora, fluíam as forças do Sol.

Pelo menos isso ficou a cargo do homem: os seres de luz atuaram em sua forma, que emergiu da Terra aquosa como uma figura luminosa singular.

O que era aquela figura luminosa?

Entretanto, transformara-se num imenso e poderoso órgão de percepção (e a transformação completou-se quando a Lua deixou a Terra) com o qual, enquanto nadava no mar primordial, o homem podia perceber, como que por meio de “uma lanterna”. , a aproximação de qualquer ser perigoso, e assim ele poderia perceber outras coisas e principalmente calor e frio. Posteriormente esse órgão atrofiou, formando a atual glândula pineal; e ainda hoje encontramos nos crânios de crianças muito pequenas um ponto fraco que, mais ou menos, corresponde àquele de onde o órgão em questão subiu então para o espaço cósmico.

O homem estava assumindo formas animais cada vez mais elevadas. A certa altura de sua formação, o ser que resultou da transformação de Peixes foi denominado Aquário; Aquário justamente porque vivia na água e porque tinha dentro de si o germe do futuro homem. Uma formação ainda posterior foi chamada de Capricórnio; e o curioso é que as partes inferiores do corpo humano, à medida que se formavam, deram o nome à constelação correspondente ao momento da sua formação.

Os pés correspondem na verdade a Peixes, a perna a Aquário, que durante muito tempo deu ao homem a possibilidade de se orientar na natação; os joelhos estão relacionados ao signo de Capricórnio. A animalidade continuou a desenvolver-se cada vez mais; o fêmur é indicado pelo signo de Sagitário. Tentar explicar esta expressão nos levaria agora longe demais; Eu só quero esboçar

Machine Translated by Google

a aparência que o homem tinha quando a animalidade correspondia a Sagitário. Ele era então um animal que pela primeira vez conseguia se mover nas ilhas que se formavam a partir da água. À medida que subia, tornava-se cada vez mais refinado e ainda mantinha a forma de flor, iluminada por um órgão que carregava na cabeça como uma lanterna; de modo que devemos representá-lo como etérico na parte superior e como animal na parte inferior. Em representações muito antigas do Zodíaco, a constelação de Sagitário ainda é vista desenhada assim, em forma animal abaixo e em forma humana acima. Esses sinais indicam o nível de evolução em que se encontrava o homem; e assim também o Centauro reflete um nível evolutivo real do homem, na metade superior, o homem, e na metade inferior, o cavalo.

Naturalmente, o cavalo não deve ser tomado aqui no sentido literal, mas como representante da animalidade. Nos tempos antigos, os artistas criavam de acordo com este princípio: reproduzir a visão espiritual das coisas, que eles próprios viam ou que os clarividentes as descreviam. Na verdade, muitas vezes os próprios artistas eram iniciados. Por exemplo, diz-se que Homero era um vidente cego; isto é, um clarividente capaz de ver num sentido espiritual, muito mais do que os outros gregos podiam ver, e de ler a Crônica do Akasha.

O Centauro era, portanto, uma verdadeira forma humana, típica do homem quando a Lua ainda não havia deixado a Terra, mas ainda estava contida nela. Então o homem ainda possuía o órgão que havia sido formado antes, durante a época solar; a glândula pineal luminosa que ele carregava na cabeça como uma espécie de farol. Então, quando a Lua deixou a Terra, começou a diferenciação dos sexos.
O homem centauro ainda não tinha sexo.

A sexualidade começou enquanto o Sol estava no signo de Escorpião; e na animalidade Escorpião corresponde ao nível que o homem atingiu quando a sexualidade começou a se desenvolver nele. Então o homem, na sua metade superior, voltou-se para as forças cósmicas, e na sua metade inferior tornou-se um ser bissexual. Quando nos Mistérios Egípcios o discípulo clarividente dirigiu seu olhar para esta era de evolução terrestre, viu a Terra povoada por seres humanos que desenvolviam para baixo uma forma corpórea cada vez mais densa, correspondente à sua natureza inferior, enquanto acima tinham uma figura humana brilhante.

Começou então o período em que, graças às forças da Lua, eles se formaram,

Machine Translated by Google

ao longo da região ocupada pela coluna vertebral, os feixes de nervos. Até a formação que superava a coluna vertebral, que hoje se tornou a cabeça, condensou-se e transformou-se no atual cérebro; foi a metamorfose completa do antigo órgão luminoso. A medula espinhal, da qual partiam os cordões nervosos, foi reconectada a ela, e então a parte inferior do corpo humano, como descrevemos acima, foi fixada à medula espinhal.

Tudo isso foi mostrado ao discípulo dos Mistérios Egípcios, que assim reconheceu que qualquer ser que quisesse encarnar na Terra deveria assumir a forma humana correspondente àquela época.

Osíris, como Espírito, já havia visitado frequentemente a Terra e ali encarnado como homem. Então os homens expressaram os seus sentimentos dizendo: “Um Deus desceu à Terra”; mas que Deus tinha uma figura humana.

Qualquer entidade elevada que visitou a Terra assumiu a forma que o homem tinha naquela época. Houve um tempo em que a figura humana ainda podia ser vista como se estivesse coroada por aquele órgão luminoso que mencionamos; daquele estranho ornamento de cabeça que era a lanterna de Osíris, e que mais tarde foi retratado sob a imagem do olho de Polifemo.

Esse órgão – aquela lanterna – foi primeiro localizado fora do corpo humano e depois transformado num órgão interno do cérebro. Na arte original, tudo é símbolo de realidades reais.

Quando os iniciados gregos souberam destes segredos dos egípcios, muitas coisas já lhes eram conhecidas; e, afinal, eram os mesmos conhecidos também pelos egípcios; só que na Grécia os nomes eram diferentes.

Os iniciados tinham uma clarividência altamente desenvolvida, de modo que muitos de seus discípulos eram capazes de olhar para trás, com clarividência, para aquele passado distante. O iniciado egípcio tinha um forte vínculo original com esses segredos; portanto, os sacerdotes gregos pareciam-lhes crianças inexperientes. E característica, a este respeito, é a palavra dita certa vez por um sacerdote egípcio que, ao encontrar Sólon, exclamou: «Ó Sólon, Sólon! Vocês, helenos, ainda são crianças! Não há homens maduros entre vocês! Em espírito você é sempre jovem, pois sua ciência não se baseia em uma tradição antiga e você não possui o venerável conhecimento adquirido ao longo dos séculos." (Platão: Timeu e Crítias)

Machine Translated by Google

Assim, o Egípcio indicou que a sabedoria dos seus Mistérios ultrapassava em muito qualquer coisa que pudesse ser aprendida materialmente. Somente nos mistérios de Elêusis foi cultivada tal sabedoria elevada; mas poucos tiveram acesso a ele. Contudo, o que o iniciado egípcio sabia naqueles períodos de evolução terrestre: isto é, que o deus Osíris se separara do Sol para se deslocar para a Lua, de onde refletia a luz solar, era um conhecimento conhecido e sagrado até mesmo para os gregos.

Eles também sabiam que foi Osíris quem formou as 28 fases da Lua, predispondo assim os 28 feixes de nervos do homem. Graças a Osíris, formou-se todo o sistema nervoso espinhal e, com ele, toda a parte superior do corpo humano; pois o que é músculo só pode receber sua forma pelo fato de os nervos o moldarem. São os nervos que dão forma aos músculos, cartilagens, outros órgãos: coração, pulmões. Assim, a ação primitiva do Sol formou o cérebro e a medula espinhal; e mais tarde, de fora, ali funcionaram as 28 fases de Osíris e Ísis. Osíris e Ísis são, portanto, os criadores deles, e quando o cérebro envia seus nervos para a medula espinhal, é Osíris quem os processa. Os gregos também sentiram isso e, ao conhecerem os mistérios egípcios, souberam que Osíris era a mesma divindade que chamavam de Apolo.

Disseram então: o egípcio Osíris é o nosso Apolo e, como ele, atua nos nervos para que a vida da alma possa ser produzida no homem.

E agora vamos esboçar brevemente essa ação. Vamos representar esquematicamente o cérebro que se estende até a medula espinhal; Osíris toca, com suas 28 mãos, a medula espinhal que desce do cérebro, como uma lira.

Aqui você tem a imagem significativa que os gregos deram desses processos: a lira de Apolo. Imagine isso de cabeça para baixo. A lira é o cérebro, os nervos são as cordas que são movidas pelos dedos de Apolo. Apolo toca a lira cósmica, a grande obra-prima formada pelo cosmos, e faz ressoar no homem aquelas notas que constituem a sua vida anímica. Nesta forma, os iniciados dos mistérios de Elêusis transmitiram de outra forma o que os egípcios haviam narrado.

Tal imagem pode nos mostrar que tais símbolos não devem ser interpretados esquematicamente, caso contrário caímos em devaneios; na realidade, essas imagens são ainda muito mais profundas do que aquilo que o intelecto é capaz de introduzir nelas.

Quando o clarividente grego falou de Apolo, ele tinha diante de si o

Machine Translated by Google

mistério de Osíris-Apolo e do instrumento humano; e Osíris esteve diante do discípulo egípcio quando ele foi iniciado nos segredos da existência terrena. Portanto, devemos dizer a nós mesmos que estas imagens, estes símbolos, que nos foram preservados e que caracterizam os Mistérios primordiais do passado, têm um significado muito mais profundo do que qualquer coisa que o intelecto humano possa interpretar.

A lira, as mãos de Apolo, foram realmente vistas. Para nós o mais importante é justamente isto, que a partir de cada símbolo ou imagem possamos traçar a realidade que eles representam, pois não existem símbolos ou lendas que não tenham sido contemplados clarividentemente.

O discípulo egípcio, aspirante à iniciação, só poderia ter acesso a esses segredos após uma longa preparação e, sobretudo, através do estudo de uma doutrina específica semelhante à antroposofia elementar. Só mais tarde foi admitido nos exercícios reais.

Experimentou então uma espécie de êxtase, que ainda não era a verdadeira clarividência, mas que era algo mais que um sonho, no qual começou a perceber o que mais tarde teve de contemplar em imagens. Como num sonho imenso e vivo ele viu a Lua separada da Terra, acompanhada por Osíris, e depois o viu dirigir sua ação da Lua para a Terra.
Na verdade, ele sonhou com a lenda de Osíris-Ísis; cada discípulo teve que passar pela experiência deste sonho. Se ele não tivesse sonhado, não teria sido capaz de ver os fatos verdadeiros. O discípulo teve que passar pela etapa da imagem, da imaginação; ele teve que vivenciar internamente a lenda de Osíris e Ísis. Esse estado de êxtase mental foi uma espécie de passo preparatório para a verdadeira clarividência, o prelúdio para a contemplação do que acontece no mundo espiritual. Na Crônica do Akasha ele só pôde ler o que descrevemos hoje quando foi iniciado em um grau tão elevado que só conseguimos mencioná-lo hoje. Mas também falaremos novamente sobre os outros signos do Zodíaco e seu significado.

Machine Translated by Google

A EVOLUÇÃO GRADUAL...

DE FORMAS

HUMANO. A ELIMINAÇÃO DOS SERES

ANIMAIS: OS QUATRO TIPOS HUMANOS

Aprendemos agora sobre importantes processos evolutivos do organismo humano, acompanhando-o desde a sua origem até ao momento em que a Lua se separou da Terra. "Momento" é aqui, é claro, apenas uma figura de linguagem, uma vez que foram necessários períodos muito longos para que os processos descritos se desenrolassem. Desde a primeira vez em que a Lua pareceu querer separar-se da Terra, até a última vez, quando a divisão foi completamente completa, passaram-se períodos muito longos durante os quais a evolução continuou. No entanto, podemos dizer que agora seguimos o homem até à distância da Lua, aproximadamente, tentando compreender a figura humana que, na sua parte inferior, aproximadamente da altura dos quadris para baixo, já apresentava uma forma não muito diferente ao atual. Com a percepção que temos hoje, já teríamos conseguido ver a parte inferior do corpo da época, embora ainda mole, enquanto suas partes superiores seriam perceptíveis apenas a uma consciência clarividente, como nos é mostrado, por por exemplo, na figura do Centauro que nos foi transmitida pela lenda, pela arte e pelo mito.

Vimos também como diferentes membros do homem original transformaram-se gradualmente em pés, pernas, joelhos, fêmures, etc. que representam formas animais que se fixaram em certos estágios da evolução terrestre que o homem superou. Procuremos nos entender mais exatamente sobre esse processo.

Antigamente, quando o Sol se separava da Terra, a forma mais elevada alcançada pelos animais da época era representada por uma espécie que se encontrava no mesmo estágio de evolução dos peixes atualmente.

Agora, se dissermos que os pés do homem correspondiam a esta forma do peixe, e se víssemos uma relação entre os pés e o peixe, o que isso realmente significa?

Machine Translated by Google

mente? Isso significa que, então, quando aquelas formas nadadoras semelhantes a peixes permaneceram na terra aquosa, apenas os pés do homem estavam fisicamente formados e visíveis. O resto existia apenas numa forma etérica extremamente sutil.

Aquela forma de cálice ou corola floral que descrevemos, esse órgão luminoso era completamente etérico, era uma forma de ar permeado de luz, enquanto apenas a parte extrema inferior do homem penetrava verdadeiramente na Terra aquosa, como os peixes que lhes restavam. atrás. Posteriormente, formaram-se animais mais evoluídos, cuja memória sobreviveu na imagem de Aquário, ou seja, o homem que tinha o corpo visível até a altura da perna. À medida que o homem passa pelos estágios de sua evolução, ele deixa para trás, a cada passo, uma forma animal que ele supera, vez após vez. E quando a Lua começou a se separar da Terra, a metade inferior do corpo humano já estava fisicamente formada, enquanto a parte superior ainda não era nada maleável. Ocorrida a divisão da Lua, vimos então todas as influências que ela exercia de fora sobre o ser humano, formando, sob o aspecto que os egípcios chamavam de Osíris, o sistema mais importante da parte superior do corpo, os nervos. . Esses nervos, a partir da medula espinhal, foram até os construtores da parte superior do corpo. Sob a influência dos sons que Osíris-Apolo extrai da lira humana, forma-se então a parte central do corpo, os quadris. Tudo o que teve que parar neste ponto da evolução, que o homem mais tarde superou, foi fixado na forma dos anfíbios. Enquanto a Lua permaneceu unida à Terra, as suas influências baixaram cada vez mais o nível de evolução. O formato do peixe ainda estava em relação ao Sol, e as impressões que um homem saudável hoje sente ao se deparar com peixes se devem a esse fato. Pense na alegria que sentimos ao contemplar o belo corpo brilhante de um peixe e dos luminosos animais aquáticos em geral; ao mesmo tempo que sentimos uma forte repugnância pelos anfíbios, mesmo sendo animais mais evoluídos que os peixes, e pensamos que antipatia desperta em nós ao invés de ver uma cobra rastejando, ou arrastando rãs, sapos e afins. Os anfíbios atuais são, é verdade, formas completamente degeneradas dos do passado, mas a parte inferior do corpo humano tinha verdadeiramente, naquela época, uma forma semelhante. Enquanto o homem desenvolveu apenas a parte inferior, até o quadril, ele foi apenas uma espécie de dragão; só mais tarde o transformou pela ação que a parte superior do corpo exerceu sobre a parte inferior, depois de formada. Podemos, portanto, dizer: o peixe reproduz aquela forma em que o homem se encontrava ao receber as influências do Sol ainda unido à Terra, até o momento em que dela se separou.

Agora os grandes seres que sempre foram os guias da evolução separaram-se da Terra, construindo o Sol como sua casa, para depois retornarem, muito mais

Machine Translated by Google

tarde, para se reunir com a Terra; e o ápice de todos esses seres que surgiram com o Sol e guiaram sua evolução, é o Cristo. Um sentimento de profunda veneração nos permeia quando aprendemos que, até aquele acontecimento, o homem estava unido àquele Espírito sublime que então deixou a Terra com o Sol. Sentiu-se que, com a figura do peixe, era possível caracterizar tanto o afastamento do Sol da Terra como a forma humana da época conferida pelo próprio Cristo.

Anteriormente o homem tinha estado unido ao Sol dentro da Terra, e quando o Sol abandonou a Terra, ele viu a forma que devia aos espíritos solares preservados nos peixes; depois, prosseguindo em sua evolução, sentiu-se abandonado pelos espíritos solares. Cristo deixou o homem no momento em que ele tinha a forma de peixe; e esta forma foi preservada pelos iniciados dos primeiros tempos cristãos. Nós o encontramos nas catacumbas romanas como o símbolo que deveria lembrar o grande fato da evolução cósmica que ocorreu quando Cristo ainda estava unido aos homens na Terra. Este símbolo do peixe expressava algo infinitamente profundo nos primeiros cristãos, sugerindo a ligação entre a forma do homem e de Cristo, no momento da saída do Sol da Terra. Que diferença existe entre este signo, que é símbolo de uma era de evolução cósmica, e as interpretações superficiais que muitas vezes são dadas! Os verdadeiros símbolos sempre foram aqueles fundados em elevadas realidades espirituais; e isto tinha mais do que apenas “significado” para os primeiros cristãos; era a imagem de fatos verdadeiros, visíveis nos mundos espirituais; e ninguém interpreta corretamente um símbolo se não for capaz de indicar o fato que lhe corresponde, o que pode ser visto no mundo espiritual. Qualquer especulação sobre o assunto pode, no máximo, servir de preparação, mas dizer que este ou aquele “meio” não pode dar conhecimento verdadeiro, a menos que sejam mostrados os dados factuais reais nele contidos.

Agora vamos continuar nossa descrição da evolução humana. O homem assumiu as mais variadas formas, e a forma física mais horrível foi aquela que ele tinha quando se desenvolveu até a altura do quadril.

Encontramos esta forma, embora degenerada, preservada na serpente. A época em que a Lua ainda está dentro da Terra, e em que o homem assume a forma de anfíbio, é a mais desastrosa e vergonhosa da evolução humana. Se, naquele momento, a Lua não tivesse saído da Terra, a raça humana estaria condenada a um destino assustador, ou seja, teria caído em direção a formas malignas e horríveis. Daí o sentimento de antipatia que toda alma simples e incorrupta tem pela serpente, que lembra a época em que o homem caiu

Machine Translated by Google

tão baixo, é plenamente justificado. Na verdade, uma alma simples e incorrupta tem o cuidado de não dizer que não há nada de mau na natureza, e sente horror pela serpente que é o testemunho vivo da vergonha humana. Isto não é dito de um ponto de vista moralista, mas como uma indicação do nível mais baixo de evolução que a humanidade alcançou.

Agora, porém, o homem tinha de prosseguir para além daquelas terras baixas; e ele só poderia fazer isso abandonando a forma animal e começando a condensar também sua parte espiritual superior. Vimos que todas as partes humanas mais nobres só poderiam desenvolver-se sob a influência das forças de Ísis-Osíris. Mas para que essas forças pudessem atuar sobre ele, desenvolvendo a sua parte mais nobre, antes de mais nada tinha que acontecer um fato muito importante, a saber, que a parte superior do homem conseguiu dar à medula espinhal uma posição vertical, em vez de horizontal. um. Isso aconteceu sob a influência de Ísis e Osíris.

O homem foi conduzido passo a passo pelo Sol e pela Lua, mantendo-se em equilíbrio, e quando ele se tornou físico até os quadris, o Sol e a Lua, em equilíbrio, formaram uma Escala; é por isso que os quadris são chamados de Libra; o Sol estava então precisamente no signo que leva este nome.

Ora, não é necessário imaginar – e é particularmente necessário salientar – que os quadris se desenvolveram imediatamente, assim que o Sol atingiu o signo de Escorpião e depois de Libra; o curso da evolução seria representado como muito rápido. O Sol viaja por todo o Zodíaco ao longo de 25.920 anos.

Era uma vez, nascente, na primavera, no signo de Áries, e, antes disso, no signo de Touro. O ponto equinocial progrediu cada vez mais, e com ele o Sol cruzou todo o signo de Touro, etc.

Cerca de 747 anos antes do nascimento de Cristo, o Sol voltou ao signo de Áries; em nossa época nasce, na primavera, no signo de Peixes. Ora, o tempo que o Sol leva para percorrer um signo do Zodíaco é certamente considerável, mas não teria sido suficiente para produzir a mudança necessária para o homem progredir desde o desenvolvimento dos órgãos sexuais, correspondentes ao signo de Escorpião, até a linha de equilíbrio dos quadris, no signo de Libra. Seria errado pensar que isso poderia ter ocorrido durante a passagem do Sol de um signo para outro. Em vez disso, ele primeiro percorre todo o Zodíaco, e somente após esta rodada é que a transformação

Machine Translated by Google

está realizado. Em épocas ainda mais antigas, ela teve que girar diversas vezes antes que a evolução tivesse progredido. Portanto, a forma de calcular o tempo usada para a era pós-Atlante não pode ser aplicada a eras anteriores. O Sol primeiro teve que viajar por todo o Zodíaco, e em tempos muito remotos até mesmo algumas vezes, antes que a evolução progredisse um grau. Para aquelas partes do corpo que precisavam de uma estrutura mais sólida, era evidentemente necessário muito mais tempo.

O homem continua cada vez mais sua evolução ascendente. A próxima etapa, em que se formam as partes inferiores do tronco, é representada pelo signo de Virgem.

À medida que o homem assumiu uma forma cada vez mais humana, os seres animais que ele superou gradualmente pararam em diferentes níveis. Já mencionamos que o homem também foi capaz de formar os pulmões, o coração e a laringe, graças às influências das forças lunares, e até que ponto Osíris e Ísis participaram disso.
Mas devemos perceber que os órgãos superiores: coração, pulmões, laringe, só puderam ser formados porque, de certa forma, já estavam operando no homem os verdadeiros elementos espirituais: o corpo etérico, o corpo astral e também o corpo Ego. Após passar do nível de Libra, esses órgãos colaboraram na construção do corpo humano muito mais do que em épocas anteriores. O resultado foi uma extrema diversidade de formas, dependendo se predominavam as influências do corpo etérico, do corpo astral ou mesmo do ego. Também poderia ter havido uma preponderância da parte do corpo físico sobre as outras três. Assim foram formados quatro tipos humanos diferentes.

Um certo número de seres humanos desenvolveu especialmente o corpo físico; outros receberam sua impressão do corpo etérico; em outros predominava a natureza astral. Houve também homens-ego, nos quais a marca característica foi dada precisamente pelo ego. Em cada homem se expressava aquele elemento que nele prevalecia. Nos tempos antigos, quando tais tipos foram formados, poderiam ter sido encontradas figuras grotescas, e o clarividente que as vê agora descobre o que constituía os diferentes tipos. Há descrições, certamente menos conhecidas, nas quais a memória dele foi preservada. Por exemplo, nos homens nos quais a natureza física se tornou particularmente preponderante e nos quais atuava nas partes superiores do corpo, estas assumiram uma marca muito particular.

Esta forma, adaptada às partes inferiores do corpo, foi preservada na figura apocalíptica do Touro; (mas não no touro atual, que é uma forma decadente). Tudo o que, numa determinada época, foi predominantemente determinado

Machine Translated by Google

do corpo físico permaneceu no nível evolutivo de Touro; e o touro, bem como todos os animais relacionados: vacas, bois, etc. eles são seus representantes. Havia outro grupo de homens, nos quais o corpo físico não estava tão desenvolvido, mas sim o corpo etérico, e com ele as partes do tronco próximas ao coração. Este grupo de homens também se conserva para nós na animalidade, e precisamente no leão. O leão carrega em si o tipo desenvolvido por aquele grupo de homens nos quais o corpo etérico esteve intensamente ativo. Outra etapa da evolução humana, em que o corpo astral prevaleceu sobre o etérico e o físico, permaneceu para nós preservado - embora degenerado - na população móvel de pássaros, e é representado no Apocalipse pela Águia.

Aqui o homem expulsou de si a astralidade excessiva, e esta surgiu do solo nas espécies de pássaros; e onde o Ego era mais forte, desenvolveu-se um ser que uniu verdadeiramente as outras três naturezas dentro de si, pois o Ego harmonizou os outros três elementos entre si. Aqui o clarividente tem realmente diante de si o que foi preservado na Esfinge que tem corpo de leão, asas de águia; também algumas partes que lembram o touro e, nas imagens mais antigas, até a cauda da cobra, para testemunhar a antiga forma do réptil; enquanto, na frente, vemos a forma humana que harmoniza as demais partes.

São estes os quatro tipos, entre os quais, na era Atlante, predomina o tipo humano, pois tornaram-se cada vez mais unificados na figura humana que por si só harmonizou as outras naturezas diferentes da Águia, do Leão e do Touro. Eles se misturam para produzir a forma humana completa, e esta, gradualmente, se transforma na figura que assumiu em meados da era atlântica.

Vimos, portanto, que quatro tendências, quatro tipos diferentes, combinaram-se harmoniosamente para formar o homem. Aquele corresponde ao corpo físico, à natureza do touro, no qual prevalecem as forças formadas até o nível de evolução de Libra. Temos então a natureza do leão no corpo etérico; depois, no corpo astral, nas forças preponderantes do corpo astral, a natureza da águia ou do abutre; e finalmente as forças preponderantes do Ego, da verdadeira natureza humana. Em cada indivíduo predominava uma ou outra destas quatro tendências; e assim nasceram os quatro tipos fundamentais. Contudo, outras combinações também poderiam ser encontradas; por exemplo, o corpo físico, o corpo astral e o Ego poderiam dominar o equilíbrio, e o corpo etérico predominar sobre eles; tudo isso junto formou um tipo humano muito especial. Depois houve outros seres em que predominavam o corpo etérico, o corpo astral e o Ego, ou seja, os três membros superiores, enquanto o corpo físico era menos pronunciado. O primeiro dos últimos

Machine Translated by Google

dois grupos, isto é, aquele em que predominaram o corpo físico, o astral e o Ego, são os progenitores físicos dos homens atuais (masculinos), enquanto o grupo em que predominaram o corpo etérico, o astral e o Ego, são os progenitores físicos das mulheres modernas. Os outros tipos desapareceram completamente com o passar do tempo; apenas os dois últimos permaneceram e formaram os corpos masculino e feminino. O surgimento gradual destas duas formas também se deveu às diferentes influências de Osíris e Ísis.

Vimos o princípio de Ísis expresso nas fases da lua nova, quando a lua está escura; enquanto Osíris se expressa nas fases luminosas da lua cheia. Ísis e Osíris são seres espirituais que residem na Lua, mas suas ações são encontradas na Terra. Para eles a raça humana se dividiu em dois sexos. As progenitoras humanas femininas foram formadas sob a influência de Osíris; os progenitores masculinos sob a influência de Ísis. Essas influências foram transmitidas através dos feixes nervosos, graças aos quais a humanidade foi dividida em uma parte masculina e outra feminina. A lenda expressa isso narrando como Ísis procurou Osíris; o masculino e o feminino se procuram na Terra. Repetidamente podemos ver isso em tais lendas; mistérios maravilhosos da evolução cósmica estão ocultos. Somente após a superação de Libra, as diferenciações que indicamos com os termos masculino e feminino se formaram na parte superior do homem. O homem permaneceu unissexual por muito mais tempo do que os animais nos quais a diferenciação ocorreu muito antes. Houve um tempo em que a forma humana não era diferenciada em sexos e o modo de reprodução que mais tarde se estabeleceu ainda não existia; a natureza humana incluía então ambos os sexos. Na Bíblia está escrito: “E Deus criou o homem homem-mulher”. Ambos em um. Esta é a versão correta.

Houve, portanto, uma época em que a natureza humana ainda era unitária e em que todo ser humano se reproduzia virginalmente. A tradição egípcia, fundada na clarividência dos iniciados, guardou-nos a memória desta etapa da evolução humana. Já mencionei como, nos tempos antigos, Ísis era representada alimentando Ouro; mas por trás dela há uma segunda Ísis, com asas de abutre, que oferece a cruz ansate ao Ouro, para indicar que o homem se originou numa época em que os diferentes tipos ainda não eram distintos; a astralidade penetrou no homem só mais tarde. Esta segunda Ísis indica que o elemento astral já predominou. As forças que mais tarde se uniram à forma humana são aqui representadas atrás da mãe, como uma forma astral que teria asas de abutre se tivesse seguido apenas a astralidade. Mas por trás destes dois, ainda existe uma figura de Ísis, da cabeça de

Machine Translated by Google

leão, e isto representa a época em que predominava o corpo etérico. Assim esta tríplice Ísis nos é revelada pela clarividência profunda.

Partindo deste ponto de vista, porém, poderemos também compreender outra coisa, nomeadamente que a separação dos sexos não poderia acontecer repentinamente, mas era necessário um período de transição entre o modo de reprodução virginal, em que a fecundação ocorria sob a influência das forças vivas da Terra, que eram ao mesmo tempo forças de fecundação, e a outra forma de fecundação bissexual.

Este último começou a ser perfeito apenas em meados da era atlântica.
Antes disso havia um estágio intermediário, durante o qual, num determinado momento, ocorria uma mudança na consciência humana. Naquela época, as mudanças que ocorreram nos estados de consciência do homem ocorreram durante períodos muito mais longos do que agora; o homem tinha uma consciência particularmente aguçada da vida noturna que passava como ser espiritual junto com seus companheiros espirituais. No entanto, a consciência diurna estava fraca. Esta condição de consciência transformou-se em outra, durante a qual a consciência, que é própria do homem quando vive em seu corpo físico, foi fortalecida, enquanto a vida da alma enfraqueceu quando ele abandonou o plano físico à noite.
Falemos, portanto, da era de transição que ocorreu entre os dois períodos mencionados acima. Nesta era, a consciência do mundo físico ainda estava amortecida, e nesta consciência amortecida ocorreu a fertilização; ocorreu quando o homem ascendeu do mundo físico para o mundo espiritual, e ele só tomou consciência disso através de um ato simbólico de sonho. Ele sentiu, de forma nobre e delicada, que havia ocorrido uma fecundação durante o sono; e no sonho, num sonho delicado e maravilhoso, parecia-lhe que havia atirado uma pedra que caiu na Terra, e então uma flor surgiu da Terra.

Falando desta época, devemos destacar também que existiram outros seres que já haviam atingido um estágio mais avançado antes, prematuramente. Quando dizemos que certos seres pararam no nível do “Touro”, outros no da Águia, outros no do Leão, etc., o que isso significa? Significa que se esses seres tivessem podido esperar, e só muito mais tarde tivessem sido levados a desenvolver dentro de si, em toda a sua plenitude, o amor pelo mundo físico, teriam se tornado homens. Se o leão não quisesse penetrar cedo demais na esfera terrestre, teria se tornado homem e, como ele, também os demais animais que antes disso haviam se cindido. Ou seja: tudo o que era “homem”, no momento em que o leão estava prestes a se formar, ou se recusava a já acolher

Machine Translated by Google

depois as substâncias inferiores e descer à humanidade física, ou ele disse: sim, quero descer, quero tornar-me físico no ponto de evolução a que cheguei. Imaginemos, portanto, duas espécies de seres: um que permanece no alto, no reino aéreo-etérico, tocando a Terra apenas com certas partes mais terrestres do seu ser; o outro que tende a descer completamente. Este último tornou-se, digamos, um leão; o primeiro tornou-se homem. E até os homens pararam gradualmente em passos diferentes, como haviam feito os animais. Aqueles que tinham pressa em se tornar homens certamente não eram os melhores; os melhores souberam esperar; esperaram muito tempo antes de descer à Terra para realizar conscientemente o ato da fecundação; eles permaneceram na esfera do conhecimento onde aquele ato era um sonho. Esses homens habitavam, como dizem, no Paraíso. Os que haviam descido à Terra antes tinham uma corporeidade fortemente pronunciada, um rosto de expressão áspera e brutal, enquanto os demais, que queriam formar primeiro as partes mais nobres, tinham figuras muito mai

A memória de tudo isso foi preservada para nós em uma lenda maravilhosa e em um ritual. Tácito falou sobre o ritual, narrando a história da Deusa Nerthus (Hertha), que todos os anos mergulha em um navio nas ondas do mar; mas aqueles que o carregam devem ser mortos. O mito de Nerthus foi interpretado, como costumam fazer, como um fantasma nascido da imaginação, como uma deusa comum a quem seria dedicado um culto numa ilha. Com efeito, pensou-se mesmo em reconhecer a sede do culto de Nerthus na ilha de Rügen, perto do lago chamado Hertha, e em descobrir o ponto onde a carruagem de Nerthus foi submersa. Uma estranha fantasia; ainda mais se considerarmos que o nome do Lago Hertha é uma invenção recente; antes era chamado de Lago Negro, por causa de sua cor, e ninguém pensaria em chamá-lo de Hertha e referi-lo a uma deusa. Na realidade esta lenda esconde um significado muito mais profundo. Nerthus representa a era de transição da fecundação virginal para o atual modo de reprodução da humanidade. Nerthus, que mergulha numa consciência crepuscular, quando submerso no mar da paixão, percebe esse estado apenas como um ato delicado e simbólico; ele percebe apenas um reflexo disso. Mas os seres que já haviam descido à Terra quando a humanidade superior ainda se sentia assim já haviam perdido a sua inocência original; eles já viram o ato em si, estavam perdidos para a consciência humana superior, portanto merecedores da morte. Em numerosos pontos da Europa, a memória deste acontecimento desde os tempos primórdios foi preservada no rito que, em certas épocas, era celebrado com uma cerimónia. Ou seja, a carruagem com a imagem de Nerthus foi imersa no mar da paixão; e havia até o costume cruel de chamar os escravos para puxarem a carroça e servirem; dos escravos que foram então mortos em

Machine Translated by Google

rito, como um sinal de que apenas uma humanidade inferior e mortal poderia ver aquele ato. Somente os sacerdotes iniciados poderiam assistir à cerimônia sem sofrer danos. Vemos assim como em certas regiões, na época em que eram conhecidos os fatos que aqui narramos, existia o culto de Nerthus. Nessas regiões vivia uma consciência que deu origem tanto à lenda como ao ritual.

Assim a humanidade segue a sua evolução através de múltiplas formas; e as imagens representam fatos reais. Já dissemos que essas imagens – que pareciam sonhos – não devem ser consideradas simples alegorias, mas que possuem um conteúdo em relação aos fatos reais.
Até a lenda de Osíris foi sonhada, antes que o discípulo pudesse verdadeiramente contemplá-la como um fato da evolução. Somente as imagens que preparam para a contemplação real são símbolos no sentido oculto. Um símbolo é a descrição de imagens de processos reais. Veremos agora quais efeitos resultaram dessas descrições

Machine Translated by Google

A AÇÃO DOS ESPÍRITOS...

DO SOL E DA LUA, DAS FORÇAS DE OSIRIS E ÍSIS

A TRANSFORMAÇÃO DO ESTADO

DA CONSCIÊNCIA. A CONQUISTA

DO PLANO FÍSICO.

Em nossas últimas considerações trouxemos diante de nossa alma uma série de fatos individuais da evolução da humanidade. Procurei mostrar como o homem se desenvolveu naquele período da evolução terrestre que vai aproximadamente desde o momento em que o Sol deixou a Terra até o momento em que a Lua também a abandonou. Haverá alguns outros acréscimos a estes que podemos chamar de “fatos de anatomia e fisiologia ocultas”. Mas para abraçar bem o todo, devemos hoje lançar alguma luz sobre alguns outros acontecimentos da vida espiritual, pois não devemos esquecer que queremos descobrir as relações existentes entre a cultura egípcia, com os seus mitos e mistérios, e a nossa. Portanto, precisamos ser perfeitamente claros sobre como a evolução prossegue, em geral, através das diversas eras.

Vejamos mais uma vez o que descrevemos como a ação dos espíritos solares e lunares, e especialmente das forças de Osíris e Ísis, graças às quais o! o corpo humano surgiu e foi construído. Isto aconteceu num passado muito distante, quando a nossa Terra tinha acabado de se condensar a partir da Terra aquosa, de modo que muito do que descrevemos realmente aconteceu na própria Terra aquosa. O homem encontrava-se então numa condição que outrora deveria aparecer muito claramente diante da nossa alma, para poder formar um conceito exato do aspecto que assumiu o progresso humano, também para a clarividência, durante a evolução terrena. Descrevi como as partes inferiores do ser humano: pés, perna, joelho, etc. formaram-se, por assim dizer, fisicamente desde o período em que o Sol se preparava para deixar a Terra. No entanto, lembremo-nos de que sempre dissemos que tudo isto teria sido visto desta forma se o olho humano estivesse presente. Mas um olho humano que

Machine Translated by Google

poderia ter visto tais coisas, então não existia; foi formado apenas muito mais tarde. Enquanto o homem ainda vivia dentro da massa líquida, ele percebia apenas através do órgão que descrevemos como glândula pineal. A percepção através dos olhos físicos começou apenas quando o corpo humano atingiu a altura do quadril. Pode-se dizer, portanto, que a parte inferior da forma humana já existia, mas no homem não existiam órgãos que pudessem vê-la. O homem daquela época não conseguia ver a si mesmo; ele adquiriu essa faculdade somente depois que seu corpo, desenvolvendo-se de baixo para cima, ultrapassou o ponto médio, ou seja, o nível dos quadris. O olho humano se abriu quando o homem se formou no signo de Libra; então ele começou a se ver vagamente e a distinguir os objetos ao seu redor. Até aquele ponto da formação dos quadris, toda percepção era uma percepção astral-etérica, era uma visão clarividente. Então o homem não conseguia perceber as coisas físicas, porque a consciência humana ainda era opaca e crepuscular, uma consciência onírica clarividente.

Posteriormente, o homem passou para um estado de consciência em que o sono e a vigília se alternavam. Enquanto acordado, ele viu o corpo obtusamente, mas como se estivesse envolto em névoa, cercado por uma espécie de aura nebulosa. Durante o sono, porém, ele ascendeu aos mundos espirituais e aos seres espirituais. A sua consciência alternava, portanto, entre uma clarividência cada vez mais enfraquecida e a consciência desperta objetiva diurna, que é hoje a nossa consciência principal, e que se clarificava e se afirmava cada vez mais. Enquanto isso, ele estava perdendo a capacidade de perceber clarividentemente e, portanto, de ver os deuses durante o sono. Ao mesmo tempo, acentuou-se a clareza da consciência diurna e fortaleceu-se a autoconsciência, o sentimento e a percepção do Ego.

Se olharmos para a era lemuriana, antes, durante e depois da saída da Lua da Terra, encontramos primeiro uma forma de consciência clarividente, em que o homem ainda não tinha sequer um tênue vislumbre do que hoje chamamos de morte. Pois quando ele abandonou seu corpo físico, seja no sono ou na morte, ele não perdeu a consciência; na verdade, em certo aspecto, ele adquiriu um caráter mais elevado e mais espiritual do que aquele que lhe era típico enquanto estava no corpo físico. O homem daquela época nunca disse para si mesmo: “Agora estou morrendo”; ou: “caio na inconsciência”; isso não existia então. O homem não confiou em seu próprio senso de identidade, mas sentiu-se imortal no seio da Divindade e conhecia, naturalmente, todos os fatos que descrevemos hoje.

Imaginemos ir dormir enquanto a lua cheia brilha; pensamos que nosso corpo astral sai do corpo físico, e que este último, assim como o

Machine Translated by Google

corpo etérico, permanece deitado na cama, enquanto o corpo astral paira sobre ele; e tudo isso durante a lua cheia. Nesta situação, o clarividente não veria apenas uma nuvem astral, mas veria realmente certas correntes penetrando, do corpo astral, no corpo físico; estas correntes são as forças que eliminam o cansaço durante a noite, renovam as forças despendidas durante o dia, para que, pela manhã, o corpo físico se sinta fresco e descansado. Ao mesmo tempo, porém, correntes espirituais permeadas de forças astrais podiam ser vistas vindo da Lua. Veríamos como, efetivamente, emanam da Lua efluentes espirituais que penetram no corpo astral e o fortalecem, influenciando sua ação sobre o corpo físico. Ora, se fôssemos homens da antiga era lemuriana1, o nosso corpo astral teria percebido esse influxo de forças espirituais e teria dito: «Aqui está Osíris que me fortalece, que trabalha em mim; Vejo sua força me penetrando." Teríamos nos sentido protegidos, durante a noite, no seio de Osíris, teríamos vivido com nosso ego no seio de Osíris. “Osíris e eu somos um”; é assim que os sentimentos de alguém seriam expressos; e, ao descer de volta ao corpo físico, se pudéssemos expressar em palavras o que sentimos, teríamos dito: «Agora devo retornar ao meu corpo físico que me espera lá embaixo; chegou a hora de mergulhar novamente em minha natureza inferior." E mais uma vez teríamos aguardado com alegria o momento de abandonar o corpo físico para voltar a descansar no ventre de Osíris, ou no ventre de Ísis, onde nosso ego se reuniria com eles.

Ora, quanto mais o corpo físico se desenvolvia, mais partes novas eram acrescentadas às já desenvolvidas abaixo, e quanto mais, depois de desenvolver os membros superiores, o homem se tornava capaz de perceber e ver fisicamente os objetos do mundo físico ao seu redor, mais ele se tornava capaz. tinha que habitar dentro do corpo físico quando submergia nele, mais interesse o mundo físico despertava nele. Sua consciência do mundo espiritual estava escurecendo na proporção em que a do mundo físico se tornava mais clara; então, pouco a pouco, ele foi se afastando do mundo espiritual. A vida no plano físico ocupou o primeiro lugar, e nos estados que ocorrem entre a morte e um novo nascimento, a consciência tornou-se cada vez mais escura. Durante a era atlante, os homens perderam gradativamente a sensação de estar em casa no mundo dos deuses e, passada a grande catástrofe, grande parte deles perdeu completamente a capacidade de contemplar o mundo espiritual durante a noite; em troca, porém, adquiriram a capacidade de ver objetos externos cada vez mais claramente durante o dia, de percebê-los com contornos cada vez mais claros e distintos.

Já mencionamos o fato de que as faculdades clarividentes foram preservadas por muito tempo nos homens que ficaram para trás, durante o desenvolvimento das culturas

Machine Translated by Google

pós-Atlântico, e encontramos esses retardatários dotados de clarividência até a fundação do Cristianismo. Ainda hoje existem indivíduos que conservaram, como dom natural, essa clarividência, embora completamente diferente daquela que se consegue através de uma disciplina esotérica.

Na Atlântida, portanto, a noite escureceu gradualmente para os homens, enquanto a consciência diurna começou a clarear. E a noite desdobrou-se na inconsciência daquela primeira cultura pós-atlante que tentamos descrever em toda a sua grandeza e na sua espiritualidade que lhe foi apresentada pelos santos Rishis. Agora devemos tentar caracterizá-lo também por outro lado.

Transportemo-nos em pensamento às almas dos discípulos dos santos Rishis e, em geral, das populações da era pós-atlante, depois de já terem desaparecido os últimos vestígios dos grandes cataclismos aquáticos, que submergiram a Atlântida.
Vivia nessas almas como uma espécie de memória do mundo antigo, quando o homem via e experimentava os deuses que elaboravam seu corpo e sentia sobre si a ação de Osíris e Ísis. Agora ele emergiu daquele mundo antigo, do ventre dos deuses, que anteriormente eram tão reais para ele quanto o mundo físico é hoje. Os Rishis cultivaram a memória deles em sua alma, e ele sabia que eles e seus discípulos eram capazes de penetrar no mundo espiritual com seus olhares; mas ele também sabia que para o homem normal da cultura indiana o tempo em que essa possibilidade existia já havia passado.

A alma do antigo índio, que se via transferido para um mundo que não era mais senão uma casca externa do mundo espiritual, estava inteiramente ocupada pelas dolorosas lembranças da antiga e verdadeira pátria e, cheia de nostalgia, ansiava por escapar deste mundo para retornar a ele. «as montanhas, os vales, as nuvens acumuladas nos céus são irreais, até o firmamento estrelado é irreal. Tudo isso nada mais é do que uma concha, a fisionomia de um ser. Mas a realidade por trás de tudo isso, os deuses e a verdadeira forma do homem, não podemos ver. O que vemos é Maya, é irrealidade; a verdadeira realidade se escondeu." Assim ele sentiu, e tornou-se cada vez mais vívido o sentimento de que o homem havia surgido da verdade e tinha seu lar no mundo espiritual; embora o mundo sensível fosse irreal, era Maya, e o envolvia em trevas. Quem sente tão fortemente o contraste entre o espírito e o mundo físico irreal será levado, pelo seu sentimento religioso, a diminuir o seu interesse por este último, e a voltar o seu espírito cada vez mais para o que os iniciados contemplam e os santos Risei revelam. Na verdade o índio aspirava sair da dura realidade diurna que era uma simples ilusão, pois para ele não era

Machine Translated by Google

o que os sentidos veem é verdadeiro, mas o que se esconde atrás do sensível. Assim, o primeiro período de cultura pós-atlante prestou muito pouco interesse ao que estava acontecendo externamente no plano físico.

As coisas já eram diferentes entre os persas, na segunda era da cultura, da qual surgiu mais tarde Zoroastro, o grande discípulo do Manu. O homem desta segunda cultura não percebe o físico apenas como uma fatalidade, mas como uma missão.
É claro que seu olhar ainda sabe subir às regiões de luz, aos mundos espirituais; mas então ele se abaixa novamente em direção ao mundo físico, e diante de sua alma aparece todo o contraste entre os poderes da luz e as forças das trevas. O mundo físico tornou-se para ele um campo de ação, de trabalho. O persa disse para si mesmo: Aí está o bom poder da luz; o deus Ormuzd ou Abura Mazdao, e há as forças das trevas lideradas por Angramainyush ou Ahriman. De Ahura Mazdao vem a salvação dos homens, de Ahriman o mundo físico. O que vem de Ahriman devemos transformar; devemos aliar-nos às boas divindades e triunfar sobre Armiane, o malvado deus da matéria, trabalhando a Terra, transformando-a e tornando-nos seres capazes de operar sobre ela. Ao derrotar Ahriman, tornamos a Terra um meio de promover o bem. Os homens pertencentes à cultura persa deram o primeiro passo para redimir a Terra, na esperança de que um dia ela também se tornasse um planeta purificado e libertado, com a glorificação de Ahura Mazdao, o Ser Supremo.

Isto foi sentido por aquele que já não contemplava os picos supremos como o índio, e sentia o chão escorregar sob seus pés, mas que começou a colocar o pé firmemente neste mundo físico.

A conquista do plano físico continuou na terceira era da cultura, a era Egípcia-Babilônica-Assíria-Caldeia. Aqui não encontramos mais vestígios do antigo sentimento de repulsa em relação ao mundo físico sentido como Maya. Os caldeus ergueram o olhar para o firmamento estrelado, e o esplendor das estrelas não era apenas Maya para eles, mas os sinais de uma linguagem impressa pelos deuses no mundo físico. Seguindo os caminhos das estrelas, o sábio sacerdote caldeu encontrou o caminho de volta aos mundos espirituais; e quando chegou à iniciação e aprendeu a conhecer todos os seres que habitavam os planetas e as estrelas, ele, erguendo o olhar para os céus, disse: «O que vejo com os meus olhos, quando os levanto para os céus estrelados, é o expressão externa do que posso perceber graças à clarividência oculta, à iniciação. Quando o sacerdote iniciador me dá a graça de poder contemplá-lo, vejo a Divindade. Mas tudo o que vejo no mundo externo não é apenas uma ilusão; é a própria escrita

Machine Translated by Google

alguns deuses ". Ele sentiu uma sensação semelhante à que sentimos quando, depois de muito tempo separados de alguém que amamos, recebemos uma carta e vemos no papel as características do nosso amigo distante. Vemos através deles a mão que os traçou, vemos os sentimentos do coração que foram expressos naqueles sinais. Assim se sentiu o iniciado caldeu, e também o egípcio, depois de ter sido apresentado.

nos mistérios sagrados; e, nas profundezas do templo, viu com seu olhar espiritual os seres espirituais que estão ligados à nossa Terra. E quando viu tudo isso e saiu para contemplar as estrelas, aquele mundo estelar lhe apareceu como uma mensagem de seres espirituais, como a escrita dos deuses. Da mesma forma, o relâmpago, o estrondo do trovão, as rajadas da tempestade eram manifestações dos deuses para ele. Em tudo o que ele via externamente os deuses haviam se manifestado; e o que sentimos ao nos depararmos com a carta de um amigo, ele sentiu ao ver o mundo externo: o mundo dos elementos, das plantas, dos animais, das montanhas, das nuvens, das estrelas; e ele decifrou tudo como uma escrita divina.

Os egípcios tinham plena fé nas leis que o homem foi capaz de descobrir no mundo físico e pelas quais pode dominar a matéria. Daí nasceu a geometria, a matemática, que ajudou o homem a dominar os elementos, justamente porque tinha fé no que o seu espírito poderia descobrir e porque acreditava que o espírito poderia ficar impresso na matéria. Assim ele foi capaz de construir as Pirâmides, os grandes Templos, as Esfinges. Foi um poderoso passo em frente na conquista do plano físico, dado por esta terceira era da cultura! Com isso, o homem passou a admirar e respeitar o mundo físico. Mas de quais professores ele precisava para atingir esse objetivo? Mesmo durante o antigo período indiano ele precisava de professores; até inicia professores necessários. O iniciado teve primeiro que ser levado artificialmente a rever, nos estágios de iniciação, o que ele tinha sido capaz de ver anteriormente em sua consciência clarividente embotada. Teve que ser levado a tempos anteriores, reconduzido à sua antiga pátria espiritual, para poder transmitir aos outros o que viveu. Para fazer isso, ele precisava de professores. Assim, os discípulos de Risei precisavam de professores que lhes ensinassem o que acontecera na antiga Lemúria, na antiga Atlântida, quando o homem ainda era clarividente; e o mesmo aconteceu entre os persas. Contudo, as coisas mudaram para os caldeus e especialmente para os egípcios. É claro que eles também tinham professores que guiavam seus discípulos no desenvolvimento de suas próprias forças, a fim de penetrar no mundo espiritual oculto com sua clarividência.

Machine Translated by Google

por trás do mundo físico. Mas no Egito tornou-se necessário um novo ensinamento, um método completamente novo. Na Índia antiga, prestavam pouca atenção ao escrutínio de como os processos que ocorrem no mundo espiritual se inscrevem no mundo físico, à descoberta das correspondências entre deuses e homens. No Egito, o discípulo, através da iniciação, tinha não apenas de ver os deuses, mas também de examinar minuciosamente como eles movem, por assim dizer, as mãos para formar esses sinais, e como todas as formas físicas são gradualmente moldadas. Os antigos egípcios tinham escolas modeladas nas dos indianos, mas também aprenderam as correspondências entre o mundo físico e as forças espirituais. Agora eles tinham uma nova matéria de ensino. Na Índia as forças espirituais seriam simplesmente reveladas ao discípulo, através da clarividência. No Egito também se ensinava o que corresponde no físico às ações dos espíritos. Para cada parte do corpo físico, por exemplo, para o coração, foi mostrado o trabalho espiritual correspondente. E o fundador da Escola, onde não só o espírito foi revelado, mas também o trabalho do espírito no físico, foi o grande iniciador Hermes, foi ele, o três vezes grande Toth, o primeiro que ensinou os homens a ver todo o físico mundo como uma escrita dos deuses. Assim, passo a passo, vemos as nossas culturas pós-atlânticas incorporando os seus impulsos na evolução da humanidade. Hermes apareceu aos egípcios como um enviado divino; ele os ensinou a decifrar a assinatura da obra divina no mundo físico.

Com isto caracterizamos de alguma forma as três primeiras culturas da era pós-atlante. Os homens aprenderam a apreciar o plano físico.

Durante a quarta cultura, a greco-latina, o homem entra em contato ainda mais próximo com o mundo físico. Aqui ele vem não apenas para ver a escrita dos deuses no mundo físico, mas também para projetar seu próprio Eu, sua individualidade espiritual, no mundo objetivo. Antes, nunca houve criações artísticas como as que surgiram na Grécia. Somente na quarta era pós-atlante o homem tornou-se capaz de se projetar para fora, em obras de escultura, de criar um simulacro de si mesmo no mundo exterior.

Neste período vemos a interioridade, a espiritualidade do homem, exteriorizar-se no mundo físico e penetrar na matéria. O exemplo mais puro desta união entre espírito e matéria aparece-nos no Templo Grego.

Este Templo é uma obra maravilhosa para todos aqueles que são capazes de contemplá-lo retrospectivamente. A arquitetura grega é a arquitetura típica. Toda arte atinge seu ápice em algum momento e em algum lugar. Na Grécia

Machine Translated by Google

a arquitetura atinge seu ápice. Até mesmo o plástico e a pintura tiveram seu auge, mais cedo ou mais tarde. Mas nos templos da Grécia, embora tenham sido precedidos pelas gigantescas Pirâmides, foi alcançado o cume mais admirável da criação arquitetónica. Na verdade, o que foi conseguido nesses Templos? Aquele que possui um sentido artístico do espaço e sente como uma linha horizontal se relaciona com uma linha que sobe verticalmente perceberá um leve eco dela. Todo um mundo de verdades cósmicas surge na alma quando ela é capaz de sentir a coluna sustentando o que está acima da coluna. Você precisa ser capaz de sentir como todas essas linhas já existem de forma invisível no espaço.
O artista grego via a coluna clarividentemente, por assim dizer, e simplesmente inseria matéria naquilo que via. Para ele, o espaço era inteiramente animado, inteiramente atravessado por linhas e forças vivas. Como poderia o homem moderno sentir, por menor que fosse, quanta vitalidade havia naquela sensação de espaço? Podemos encontrar um leve eco disso nos pintores antigos. Existem pinturas que representam voos de anjos, nas quais se sente verdadeiramente como, voando no espaço, um anjo apoia o outro. Muito pouco dessa sensação de espaço ainda existe hoje. Não tenho nada a criticar na arte colorística de Bocklin, mas falta-lhe qualquer sensação de espaço, no sentido oculto.

Um ser como aquele que vemos acima em sua Pietà (não sabemos se ele quer ser anjo ou o que mais), deve invariavelmente despertar no espectador a impressão de que ele poderá, a qualquer momento, cair no chão. grupo abaixo. Devemos insistir nestas coisas se quisermos despertar um sentimento do qual os homens de hoje mal conseguem ter uma ideia: o sentido de espaço que os gregos tinham, que, repito expressamente, é de natureza oculta. O Templo Grego foi construído como se o espaço tivesse sido gerado a partir das suas linhas; e, como consequência deste fato, os seres divinos que o clarividente grego conhecia, e para quem o Templo havia sido construído, de fato desceram até ele e ali se sentiram à vontade. É realmente verdade que Pallas Atena, Zeus, etc., estavam realmente presentes nos Templos, eles tinham neles seus corpos materiais. Como tais seres divinos só podiam encarnar até o nível de um corpo etérico, o Templo ofereceu-lhes um verdadeiro lar no mundo físico; e um Templo assim construído poderia tornar-se para eles um corpo físico no qual seu corpo etérico se sentisse à vontade. Qualquer pessoa que entenda o Templo Grego sabe que ele difere significativamente de uma Catedral Gótica. Isto deve ser dito sem querer criticar de forma alguma a arquitetura gótica, já que a Catedral Gótica é também uma obra de arte muito nobre. Mas quem sabe penetrar profundamente nas coisas pode imaginar que o Templo Grego está completo mesmo quando está sozinho, isolado, sem qualquer ser humano por perto. O Templo Grego também é perfeito

Machine Translated by Google

quando ninguém ora para você; não é sem alma, não é vazio, pois a Divindade está presente nele, a Divindade habita nele.

Porém, a catedral gótica não está completa quando não contém fiéis. Não podemos considerá-lo solitário sem que uma multidão de crentes em oração o preencha com os seus pensamentos; todas as formas e ornamentos góticos cooperam para reforçar esta impressão. Na catedral não há Deus, não há seres espirituais, exceto quando nela se elevam as orações dos fiéis. Somente quando a comunidade orante está reunida é que a Catedral está cheia de Divindades. O Templo Grego não é o lar dos fiéis; está formada para ser a casa do Deus que nela habita; pode ficar sozinho. Mas na Catedral Gótica só nos sentíamos em casa quando a massa de fiéis se aglomerava, quando a piedosa comunidade dos fiéis ali se reunia e quando, através das grandes janelas multicoloridas, a luz do sol brilhava, irrompendo em raios de diferentes cores sobre a poeira fina. . Então, muitas vezes, o pregador do púlpito dizia: “Assim como a luz é dividida em muitas cores, assim também a única luz espiritual, a força divina, é distribuída em muitos fragmentos para a multidão de almas e para as muitas forças de o plano físico." Muitas vezes o pregador dizia coisas deste tipo; e quando a visão externa e a experiência espiritual convergiram, a Catedral era uma coisa completa.

Não só para a arte arquitetônica dos grandes templos, mas para todas as artes era assim entre os gregos. O mármore das suas esculturas assumiu a aparência de coisas vivas; os gregos expressaram isso em matéria física

que viveram em seu espírito; em sua cultura foi estabelecida uma verdadeira união do espiritual com o físico.

O romano alcançou um estágio ainda mais avançado em seu triunfo sobre o plano físico. O grego tivera a faculdade de incorporar a alma-espiritual em suas obras artísticas, mas ainda se sentia parte de um todo, da polis, da cidade-estado; ele ainda não se sentia solteiro. Este também tinha sido o caso nas culturas anteriores: o egípcio não se sentia como um único indivíduo, sentia-se como um egípcio, um membro do povo. Assim também na Grécia não havia valor em reconhecer-se como homem solteiro, mas o maior orgulho do grego era sentir-se espartano ou ateniense. Só entre os romanos o homem sentiu pela primeira vez a ambição de ser ele mesmo no mundo, de ser uma personalidade. Os romanos foram os primeiros a sentir que estar isolado tinha o seu próprio valor. É o romano quem descobre o conceito de “cidadão”; portanto, cria uma base para este conceito

Machine Translated by Google

na jurisprudência, na lei que foi justamente chamada de invenção romana. Só os juristas atuais, que não têm noção destes factos, tiveram o mau gosto de afirmar que já existia antes um direito neste sentido.
Mas é absurdo falar de inventores do direito no Oriente, como no caso de Hamurabi. Antes dos romanos não existiam mandamentos legais, mas apenas mandamentos divinos. Seria necessário pronunciar palavras muito duras se quiséssemos falar objetivamente sobre a ciência que diz coisas semelhantes; c uma simples crítica já é um ato de misericórdia. O conceito de cidadão tornou-se um sentimento real apenas na antiguidade

Roma; ali o homem trouxe o espírito para o mundo físico, diretamente para sua própria individualidade. Na verdade, o testamento foi inventado pela primeira vez em Roma; a vontade do indivíduo torna-se tão forte que pode determinar, mesmo além da morte, o que acontece com sua posse, sua propriedade. Agora é o ser pessoal, o indivíduo, que conta. Com isso, o homem, em sua própria individualidade, trouxe a espiritualidade ao plano físico; e este foi o ponto mais baixo da evolução. O ponto alto ocorreu durante o cultivo indiano; o índio ainda se elevava nas alturas do espírito. Então o homem, na segunda cultura, o estágio Persa, começou a descer. Ainda mais descendeu para a terceira cultura, a egípcia; e no quarto ele desceu completamente ao plano físico dentro da matéria. Chegou então um momento em que o homem se viu numa encruzilhada: ou para continuar cada vez mais a sua descida, ou, nessa encruzilhada, adquirir a possibilidade de ascender novamente, de fazer todos os esforços para encontrar o caminho de regresso aos mundos espirituais. . Mas para que pudesse fazer isso foi necessário que um impulso espiritual descesse ao próprio plano físico, para dar um impulso tão poderoso que pudesse conduzir o homem de volta ao mundo do Espírito. Este impulso poderoso foi dado com o aparecimento na Terra de Cristo Jesus. O Cristo divino-espiritual teve que vir aos homens, encarnado em um corpo humano, e passar pela existência física. Agora que o homem desceu completamente ao mundo físico, Deus teve que descer até ele, para lhe dar a possibilidade de encontrar o caminho de volta ao mundo espiritual. Antes disso isso não teria sido possível.

Acompanhamos assim a evolução das culturas da era pós-atlante até ao seu ponto mais baixo e mencionamos como, nesse ponto, interveio o impulso espiritual dado por Cristo. Agora o homem, espiritualizado e permeado pelo impulso de Cristo, deve voltar a subir. Veremos mais tarde como a cultura egípcia reaparece na nossa época, mas permeada pelo impulso de Cristo.

Machine Translated by Google

AS LENDAS ANTIGAS...

SÃO IMAGENS DE EVENTOS CÓSMICOS. A ESCURIDÃO DA CONSCIÊNCIA ESPIRITUAL DOS HOMENS.
O PRINCÍPIO DA INICIAÇÃO DOS MISTÉRIOS

Existem muitos mitos e lendas dos antigos egípcios que já foram bem conhecidos pelas cosmovisões esotéricas, e que ainda hoje ressurgem, mas dos quais a tradição histórica externa relativa ao Egito não faz menção. Alguns desses mitos foram preservados historicamente na forma que assumiram na Grécia, pois a maioria das lendas gregas, que não dizem respeito a Zeus e sua família, derivam dos mistérios egípcios. Hoje trataremos de algumas dessas lendas que podem nos ajudar a compreender a evolução, embora certas correntes da história cultural considerem pouco interessante o conteúdo da mitologia grega.

Por que estudamos o outro lado da evolução humana, ou seja, o seu lado espiritual? Tudo o que vemos no plano físico permanece sempre um acontecimento, um fato do plano físico; mas a ciência espiritual não está interessada apenas no que vive no plano físico, mas também em tudo o que acontece nos mundos espirituais, por exemplo, o que nos acontece entre a morte e um novo nascimento.

Sabemos que o homem, após a morte, passa por uma etapa que chamamos, com o termo indiano, Kamaloka, na qual, embora tenha se tornado um ser espiritual, permanece ligado ao seu corpo astral. É o período durante o qual o homem ainda anseia pelas coisas do mundo físico e sofre por ser privado delas. Este período é seguido por outro em que ele deve se preparar para uma nova vida: é o estado de consciência que chamamos de Devachan, no qual o homem não está mais em relação imediata com o mundo físico e com as impressões físicas.

Tomemos dois exemplos para esclarecer a diferença entre a vida em Kamaloka e a vida no Devachan. Sabemos que, ao morrer, não nos despojamos imediatamente de todos os nossos desejos; que, durante a vida, foi glutão e encontrou grande prazer nas satisfações do paladar, depois da morte não perde

Machine Translated by Google

imediatamente o desejo por comidas saborosas. Tais desejos não residem no corpo físico, mas no corpo astral; e como depois da morte o homem ainda mantém seu corpo astral, ele também retém ao mesmo tempo os desejos relacionados; Porém, falta-lhe o órgão para satisfazê-los, ou seja, o corpo físico. O desejo pelo alimento não depende do corpo físico, mas sim do corpo astral, e, após a morte, surge no homem uma verdadeira ganância por aquilo que lhe proporcionou maior satisfação durante a vida.
Portanto, após a morte, ele sofre até ser libertado do desejo de gozo e despojado de toda a ganância que desenvolveu em si mesmo através dos órgãos físicos; durante todo esse tempo a vida do Kamaloka se desenrola. Começa então o período em que o homem não tem mais aqueles desejos que só podem ser satisfeitos pelos órgãos físicos; e então ele entra no Devachan.

Na mesma medida em que se dissolvem os laços que o prendem ao mundo físico, o homem começa a adquirir consciência do mundo devachânico. Torna-se cada vez mais esclarecido para ele; porém, em nossos tempos, a pessoa que se encontra nesse mundo ainda não possui a consciência do eu que possui nesta vida. Na vida devachânica o homem não é independente, mas sente-se membro, órgão de todo o mundo espiritual. Assim como a mão, se pudesse tornar-se consciente, seria sentida apenas como um membro do organismo físico, também o homem, em sua consciência devachânica, sente que é um membro do mundo espiritual e também dos deuses. seres superiores. Para alcançar a independência também nessa esfera, ele terá que evoluir. Mas entretanto ele já está colaborando na grande obra do cosmos; das regiões do espírito atua no reino vegetal e, em geral, atua, não por interesses pessoais, mas como parte do todo, como servo do mundo espiritual.

Ao descrever assim o que o homem experimenta entre a morte e um novo nascimento, não devemos imaginar que os acontecimentos que ocorrem no mundo Devachânico não estejam também sujeitos a transformação. Muitas vezes temos secretamente a impressão de que aqui embaixo na Terra acontecem evoluções, mas que lá em cima, além da morte, tudo permanece sempre igual. Esse não é realmente o caso.

A descrição que acabamos de dar do Devachan corresponde mais ou menos ao seu estado atual; mas como eram as coisas quando nossas almas encarnavam na época da cultura egípcia? Nosso olhar pousou então nas gigantescas Pirâmides e nos outros grandes monumentos do Egito. Pense no quanto o exterior físico da Terra mudou desde então! A ciência materialista diz-nos como há alguns milénios a Europa era completamente diferente de agora;
povoada, por exemplo, por animais muito diferentes dos de hoje.

Machine Translated by Google

A face da Terra muda continuamente, e daí resulta que o homem se encontra em condições de existência sempre novas; é um fato evidente para todos.
Mas quando são descritas as condições do mundo espiritual, os homens são facilmente tentados a acreditar que o que aconteceu no mundo espiritual, quando morreram, digamos, mil anos antes de Cristo, ainda acontece como acontece hoje, quando eles, depois de terem sido renascidos aqui, eles morrem novamente. Em vez disso, à medida que o plano físico é transformado, também mudam as condições do outro mundo. A estadia no Devachan, quando alguém chegava da vida egípcia ou grega, era muito diferente de hoje. Uma evolução ocorre lá também. É natural que descrevamos as condições atuais do Devachan; mas eles mudaram; e poderemos admiti-lo lembrando o que já narramos nas conferências anteriores.

Vimos que, até a era Atlante, o homem vivia principalmente no mundo espiritual e, durante o sono; ele estava entre os seres espirituais. Então vimos tudo isso desaparecer gradualmente. Mas se voltarmos a um passado ainda mais distante, descobriremos que o homem vivia então inteiramente no mundo espiritual; e a diferença entre sono e morte também foi muito menor. Os períodos em que o homem dormia eram muito mais longos do que agora e correspondiam aproximadamente ao período agora abrangido por uma encarnação e pela subsequente vida após a morte. À medida que o homem descia progressivamente ao plano físico, ele ficava cada vez mais enredado nele. Na Índia, como vimos, ele ergueu o olhar para um mundo muito elevado; na Pérsia ele tentou conquistar o plano físico; depois sua descida continuou até que, na era greco-latina, ocorreu a união entre o espírito e a matéria, entre os mundos espirituais e o plano físico. Quanto mais o homem se aproximava da metade desta última época, mais aprendia a amar o mundo físico e a se interessar por ele. Mas, ao mesmo tempo, todas as experiências entre a morte e o novo nascimento também foram transformadas.

O interesse do homem pelo mundo físico foi muito limitado durante a primeira era pós-Atlante. Os iniciados daquela época podiam transportar-se para esferas muito elevadas, para os mundos devachânicos, e depois contar a outros homens o que ali vivenciaram. No homem que, com todos os seus pensamentos e todos os seus sentidos, se sentiu transportado para cima, para o mundo real, para a sua verdadeira pátria, isto produziu como resultado um muito pouco interesse pelas condições do plano físico.

Mas quando, depois de ter acabado de se conectar com o mundo físico, ele ascendeu ao Devachan, ele tinha uma consciência relativamente clara ali. Reencarnando mais tarde no

Machine Translated by Google

A cultura persa já se sentia mais atraída pela matéria física, mas pagou esse interesse com uma diminuição da clareza de consciência durante a vida devachânica. Então, na era egípcio-caldaica, quando ele começa a amar o mundo físico externo, sua consciência devachânica torna-se como uma sombra, cada vez mais indistinta. É, no seu género, ainda mais elevado do que a consciência do mundo físico, mas diminui em grau e torna-se cada vez mais obscuro até à era Greco-Latina.

Finalmente, durante este último, a consciência devachânica tornou-se cada vez mais obscura e evanescente. Nunca foi uma verdadeira consciência onírica, da qual o homem sempre esteve claramente consciente; mas, com o passar do tempo, tornou-se cada vez mais obscurecido.

A principal razão de ser dos Mistérios era a necessidade de dar ao homem a possibilidade de iluminar e afirmar aquela consciência evanescente que ele tinha no mundo espiritual. Se não existissem os Mistérios e os iniciados, o homem teria uma consciência cada vez menos tranquila nos mundos espirituais. Só a iniciação que, paralelamente a esse obscurecimento, era praticada nos Mistérios, e com ela a aquisição de faculdades que abriam a porta do mundo espiritual a indivíduos escolhidos em clarividência clara, e só o facto de os iniciados poderem dar-lhe conhecimento nas lendas e mitos, trouxe alguma luz à consciência devachânica entre a morte e um novo nascimento. Mas todos aqueles que já estavam totalmente aclimatados no mundo físico sentiram esse enfraquecimento da consciência no mundo espiritual; e não é uma farsa, mas sim uma verdade, a experiência muito especial que o iniciado dos Mistérios de Elêusis poderia ter, pela qual foi levado a exclamar:

« Melhor ser um mendigo no mundo físico do que um rei no reino das sombras! » Está, de facto, no princípio da iniciação de poder ascender, já durante a vida, aos mundos do espírito, e aprender o que aí se passa; e o iniciado daquela época poderia realmente saber, por experiência imediata, do escurecimento que ocorreu nesses mundos. Tais coisas nunca podem ser levadas suficientemente a sério, e só as compreendemos quando aprendemos os factos do mundo espiritual.

Se nada mais tivesse ocorrido, exceto a descida contínua do homem ao mundo físico, a consciência humana teria gradualmente escurecido entre a morte e o novo nascimento; até que, no final, os homens teriam perdido totalmente todo contato com o mundo espiritual. Por mais estranho que possa parecer o que vou dizer a qualquer pessoa que ainda esteja minimamente poluída por qualquer forma de

Machine Translated by Google

materialismo, mas é verdade que, se naquele ponto nada tivesse intervindo na evolução da humanidade, ela teria caído na morte espiritual. Mas existe a possibilidade de o homem iluminar a sua consciência entre a morte e um novo nascimento, tanto através da própria iniciação como, atualmente, em menor grau, participando, já nesta vida, do mundo espiritual, tendo experiências que o façam. não desaparecem com a morte de seus corpos, mas que também no mundo espiritual permanecem unidos a ele em seu eterno núcleo central. Nisto consistia a missão dos Mistérios e toda a evolução espiritual; Disso cuidaram os grandes iniciados antes de Cristo e, sobretudo, o próprio Ser que nos é conhecido por este nome. Todos os outros iniciados foram, de certa forma, precursores de Cristo, mensageiros enviados para anunciar a sua vinda.

Queremos agora descrever um pouco a aparência da figura do próprio Cristo. Imaginemos um homem que nunca ouviu falar dele, que nunca soube acolher em si os mistérios do Evangelho de João, que nunca disse a si mesmo: quero viver segundo o exemplo de Cristo vivo e atuante, acolhendo em meu ser os Seus princípios. Um homem que nunca se aproximou de Cristo não seria capaz de levar consigo para o mundo espiritual aquele tesouro com o qual devemos nos munir hoje se quisermos evitar o obscurecimento da nossa consciência. As representações de Cristo que o homem traz consigo são uma força que ilumina a sua consciência após a morte e que o salva do destino ao qual os homens teriam de sucumbir se Cristo não tivesse aparecido na Terra.
Se isso não tivesse acontecido, o ser humano certamente teria sido preservado, mas sua consciência não teria conseguido clarear após a morte. Isto é o que dá à vinda de Cristo toda a sua verdadeira importância: que algo de extrema importância tenha sido incorporado ao núcleo essencial do homem. O acontecimento do Gólgota, quando ele o torna seu no íntimo do seu ser, preserva o homem da morte espiritual.

Ora, não devemos acreditar que os outros grandes líderes da humanidade também não tenham tido uma importância semelhante. Não se trata de erigir um dogma exclusivo em relação ao cristianismo; isto iria contra o verdadeiro Cristianismo, uma vez que aqueles que conhecem os factos sabem que o Cristianismo também foi ensinado nos antigos Mistérios. E o dito de S. é profundamente verdadeiro. Agostinho: «O que atualmente se chama de religião cristã também existiu entre os antigos, e já estava presente no início da raça humana, até o momento em que Cristo apareceu em carne e em que a verdadeira religião, já existente antes, recebeu o nome de Cristianismo". O nome não é o essencial; o essencial é a correta compreensão da importância do impulso dado por

Machine Translated by Google

Cristo; e assim como Cristo apareceu no momento mais baixo da evolução, Hermes, Buda e os outros grandes líderes O conheceram de antemão e sabiam profeticamente que Ele um dia viria à Terra, enquanto eles sentiam que Ele vivia dentro deles.

Podemos estudá-lo de uma forma muito particular contemplando a figura do Buda e percebendo quem ele realmente era. Quem foi o Buda? Para explicar isto, devemos lembrar que muitas vezes, mesmo entre os estudiosos das ciências espirituais, os mistérios da reencarnação são considerados de forma muito simplista. Não devemos pensar que qualquer alma, agora encarnada nos seus três corpos, simplesmente viveu numa encarnação anterior, e antes desta em outra, e antes desta numa anterior, e assim por diante, sempre de acordo com o mesmo padrão.

Essas coisas são muito mais misteriosas e complicadas do que isso. Embora Blavatsky tenha se esforçado muito para mostrar aos seus discípulos mais próximos o quão complicados são esses mistérios, as pessoas hoje ainda não entendem a ideia certa. Simplesmente imaginamos que uma alma entra repetidamente no corpo. Mas não é tão simples. Muitas vezes uma figura histórica simplesmente não pode ser inserida em tal esquema se realmente quisermos compreendê-la.
É necessário um trabalho muito mais complexo.

Já na Atlântida encontramos seres que cercaram o homem como seus contemporâneos o cercam hoje, mas esse homem aprendeu a ver e a saber quando, deixando seu corpo, ascendeu ao mundo espiritual. Já dissemos como então ele conhecia as divindades Thor, Zeus, Wotan, Baldur, etc., como seus verdadeiros companheiros. Durante o dia vivia no mundo físico, mas, nesse outro estado de consciência, aprendeu a conhecer seres espirituais que não passaram pela mesma evolução que ele. Nos primeiros dias da existência da Terra, ele não tinha um corpo denso como o atual; não havia nenhum vestígio de esqueleto nele; e mesmo durante a Atlântida seria possível ver o corpo humano com olhos físicos, apenas até certo ponto. Mas havia seres que só podiam descer até encarnar no corpo etérico. Outros ainda poderiam encarnar numa época em que o ar estava saturado de vapores líquidos.

Naquela época, quando o homem vivia na atmosfera líquida-nebulosa, tais encarnações ainda eram possíveis. Uma dessas figuras foi, por exemplo, o posterior Wotan; ele disse para si mesmo: “Se o homem se incorpora desta forma nesta matéria líquido-luminosa, eu posso me incorporar nela também”.

Machine Translated by Google

Ele então assumiu a forma humana e vagou pelo mundo físico. Mas quando mais tarde a Terra se tornou cada vez mais condensada e o homem também assumiu formas cada vez mais densas, Wotan disse para si mesmo: «Não, não quero entrar nessa matéria densa! » e então ele permaneceu nos mundos invisíveis, longe da Terra. O mesmo fizeram os outros seres espirituais-divinos. Em troca, porém, a partir de então, puderam formar uma espécie de vínculo com os seres humanos que se aproximavam deles, desenvolvendo-se de baixo para cima.

Devemos pensar neste processo mais ou menos assim: a evolução do homem levou-o a um ponto de descida máxima; até então os deuses o acompanhavam e eram, por assim dizer, seus companheiros de viagem. Depois, porém, tomaram outro caminho, invisível aos homens no plano físico. Somente quando algum indivíduo humano levasse uma vida regulada de acordo com os preceitos dos iniciados, e ao fazê-lo purificasse seus próprios corpos mais sutis, ele poderia, de certa forma, encontrar os deuses. O homem encarnado em um corpo de carne, ao se purificar, poderia colocar-se em posição de ser ofuscado por aqueles seres que não podiam descer a um corpo físico, que era material demais para eles. No corpo astral e no corpo etérico de tal homem penetrou então um ser superior que de outra forma não teria encontrado uma forma humana para si mesmo, mas que poderia revelar-se em um homem e falar através de sua boca.

Conhecendo este fenômeno não imaginaremos mais a encarnação como um simples fato. Pode muito bem ser que um homem, que é a reencarnação de outro antecedente, tenha se desenvolvido tanto e purificado seus três corpos a ponto de agora poder se tornar o lar de uma entidade superior. Assim o Buda tornou-se, por assim dizer, um “vaso” para Wotan. A mesma entidade chamada Wotan nos mitos germânicos reapareceu como Buda. Buda e Wotan são dois nomes que são até linguisticamente semelhantes.

Podemos dizer que, devido a esta afinidade, muitos dos Mistérios da antiga era Atlântica passaram para os ensinamentos e revelações do Buda. Isto está de acordo com o fato de que as experiências vividas pelo Buda foram coisas vivenciadas pelos deuses nas esferas espirituais, e também pelos homens quando eles próprios viviam nessas esferas. Quando os ensinamentos de Wotan reapareceram mais tarde como a doutrina do Buda, levaram muito pouco em conta o plano físico e consideraram-no apenas como um lugar de dor do qual a pessoa tinha de se desligar. É por isso que a compreensão mais profunda dos ensinamentos do Buda foi encontrada entre os sucessores da antiga Atlântida; e na verdade, entre as populações asiáticas existem algumas raças que ficaram atrás, como tal, do nível de evolução do Atlântico

Machine Translated by Google

maré. Exteriormente eles seguiram naturalmente a evolução da Terra; mas nos povos mongóis, por exemplo, encontramos muitos traços da humanidade atlântica, dos quais são remanescentes tardios. O caráter estacionário observado na população mongol é precisamente um legado da Atlântida.

Portanto, os ensinamentos do Buda são especialmente úteis para esses povos e tiveram a maior difusão entre eles.

O mundo avança. Aquele a quem a evolução revela os seus segredos não faz distinções arbitrárias, não diz: “Prefiro isto ou aquilo”. Ele sabe que existem necessidades espirituais que determinam a religião de um povo.

A população europeia, por estar enredada no mundo físico, é incapaz de sentir profundamente o Budismo, de se identificar com o elemento mais íntimo da doutrina budista. O Budismo nunca poderia se tornar uma religião humana universal. Para quem quer ver, não é uma questão de gostar ou desgostar, mas de julgar de acordo com os fatos. Tal como seria falso querer difundir o cristianismo a partir de um centro da Ásia, entre populações tão diferentes das nossas, também o budismo estaria fora de lugar para os povos europeus.
Nenhum conceito religioso é correto se não for adequado às necessidades internas de uma época; e, nesse caso, nunca poderá dar um impulso real à civilização. Estas são coisas que devem ser compreendidas para compreender a conexão entre os vários eventos.

Mas não se deve acreditar que a figura histórica do Buda tivesse consciência de tudo o que representava. Eu levaria muitas horas para explicar-lhes, em detalhes, a complicada figura histórica do Buda.

Ele não era apenas um Ser descendente da era Atlante, incorporado no que era, entre outras coisas, também um Buda humano; mas, além disso, vivia nele algo sobre o qual ele tinha que dizer: 'Ainda não posso abraçar isso; é algo que me anima, mas do qual não posso deixar de participar”. Esse algo era a Entidade Crística. Já animou os antigos grandes profetas. Era uma Entidade conhecida nos mais antigos Mistérios onde sempre se mencionava Aquele que seria.
veio.

E Ele realmente veio! Mas a Sua vinda esteve sujeita a certas necessidades históricas que estão na base da evolução. Ele certamente não poderia ter encarnado em um corpo físico. Ainda era possível que ele encarnasse, como que numa espécie de subconsciente, no Buda. Mas para vagar pela Terra, ele poderia

Machine Translated by Google

encarnar apenas em corpo físico, em corpo etérico e em corpo astral especialmente preparado para isso.

O Cristo tinha o maior poder de ação imaginável, mas não poderia encarnar senão num corpo físico, etérico e astral que tivesse sido completamente purificado e refinado por outro ser. Assim, a encarnação de Cristo só pôde ocorrer graças a uma Entidade que conseguiu atingir um nível de desenvolvimento muito elevado; Quero dizer: Jesus de Nazaré. Ele havia subido a um nível tão elevado que conseguiu purificar, durante a vida, seus três corpos para que, ao atingir o trigésimo ano de vida, pudesse abandoná-los, deixando-os, porém, capazes de continuar a viver e a serem usados. por uma Entidade superior.

Muitas vezes, quando eu dizia que era necessário um alto nível de desenvolvimento para que Jesus pudesse sacrificar seus corpos, ouvia uma estranha objeção: “Mas isto não é um sacrifício!” Não se pode imaginar nada mais belo do que abandonar o corpo a um Ser tão elevado." Sim, é certamente muito bonito, e o sacrifício pode não parecer tão grande, representando-o de forma tão abstrata, gostaríamos de responder; mas tente fazer você mesmo! O sacrifício, todos gostariam de fazer; mas é sobre ser capaz! É necessário possuir uma força imensa para purificar os corpos para poder abandoná-los e ainda deixá-los capazes de viver; e são necessários sacrifícios para adquirir tal força! Para poder fazer isso, Jesus de Nazaré tinha que ser uma individualidade extraordinariamente elevada. O Evangelho de João menciona o momento em que Jesus abandonou seu corpo físico, seu corpo etérico e seu corpo astral e ingressou no mundo espiritual onde Cristo penetrou na tríplice corporeidade. Isto ocorreu no batismo de Jesus no Jordão; momento em que algo imensamente importante aconteceu na corporeidade de Jesus de Nazaré. O que estou prestes a dizer agora também irá horrorizar os materialistas. Mas se quisermos compreender toda a importância do que aconteceu então, mesmo no corpo físico de Jesus, no momento do batismo, quando Cristo entrou em Jesus, devemos considerar algo que pode parecer muito singular, mas que é, no entanto, verdadeiro.

No curso da evolução humana, órgãos individuais do corpo desenvolveram-se gradualmente e tornaram-se cada vez mais aperfeiçoados. Já vimos como, no momento em que os órgãos atingiram a altura dos quadris em seu desenvolvimento, surgiram certas estruturas e funções; e, à medida que a individualidade humana se tornou cada vez mais autónoma, ocorreu também um endurecimento do sistema ósseo. Quanto mais independente o homem se tornava, mais o seu esquema se endurecia.

Machine Translated by Google

letro, mas o poder da morte também cresceu ainda mais. Devemos agora prestar atenção a isso se quisermos compreender o seguinte corretamente. De que depende, em geral, o fato de o homem ter que morrer e de o corpo apodrecer completamente? Depende disto: que o corpo humano possa queimar até os ossos. O fogo consome tudo, até mesmo a substância óssea do homem. O homem não tem poder, ou pelo menos não tem poder consciente sobre os seus ossos. No momento do batismo no Jordão, quando Cristo entrou no corpo de Jesus de Nazaré, o sistema ósseo deste Ser tornou-se algo completamente diferente do que é nos outros homens. Foi um caso que nunca tinha acontecido antes e que, mesmo depois, até hoje, nunca mais aconteceu. Com o Ser Cristo, entrou em Jesus algo que tinha poder sobre as forças que queimam os ossos. Construir ossos ainda não está nas mãos do homem e de sua vontade. Mas o poder consciente de Cristo agarrou o homem inteiro até os ossos; e isto faz parte do significado do batismo de Cristo realizado por João no Jordão. Com isso foi introduzido na Terra algo que pode ser chamado de poder de dominar a morte; pois somente com os ossos a morte entrou no mundo. E a superação da morte veio ao mundo pelo fato de a força que domina os ossos ter penetrado no corpo humano. Um profundo mistério é assim pronunciado; através de Cristo, algo supremamente divino, profundamente sagrado, penetrou no sistema ósseo de Jesus de Nazaré. É por isso que não deveria ser danificado, e deveria ser cumprida aquela palavra da Escritura que diz: “Nele nenhum osso será quebrado”.

Pois nesse caso o poder do homem teria intervindo nas forças divinas.
Vemos aqui insinuado um mistério muito profundo da evolução da humanidade.

Com isto tocamos, ao mesmo tempo, num conceito muito importante do cristianismo esotérico, que pode nos mostrar como ele está permeado das mais sublimes verdades; o do batismo. Pelo fato de a Entidade Crística ter tomado posse dos três corpos nos quais o Ego de Jesus habitou, uma Entidade que anteriormente tinha sua morada no Sol foi doravante unida à Terra. No passado, essa Entidade esteve unida à Terra até o momento em que o Sol a deixou. Então até mesmo Cristo a abandonou e, a partir de então, não pôde exercer sua ação em favor da Terra senão fora dela. No momento do batismo, o Espírito supremo de Cristo reuniu-se plenamente com a Terra. Primeiro ele agiu de fora, ofuscou os Profetas e atuou nos Mistérios. Ele agora encarnou em um corpo humano físico na própria Terra; e se alguém, de um ponto distante do Universo, tivesse conseguido observar a Terra ao longo dos milênios, e não apenas em sua aparência física, mas também em suas correntes espirituais,

Machine Translated by Google

seu corpo astral e seu corpo etérico, no momento em que ocorreu o batismo no Jordão e no outro momento em que o sangue jorrou das feridas de Cristo no Gólgota, ele teria visto acontecerem acontecimentos muito importantes. O corpo astral da Terra sofreu então mudanças radicais; ganhou novos elementos e novas cores; uma nova força foi incorporada à Terra.
O que antes agia de fora agora se reunia com ele; e com isso a força de atração entre o Sol e a Terra tornou-se tão forte que um dia eles poderão se juntar novamente ao homem e se encontrarem entre os espíritos solares. E foi Cristo quem deu à Terra esta possibilidade de um dia se reunir com o Sol e encontrar-se no seio da Divindade.

Tal é o evento e tal é o seu significado. Tivemos que começar dizendo isso para que as pessoas entendessem a importância do advento de Cristo na Terra. Com efeito, unindo-se internamente a Cristo, o homem pode acolher em si algo que dá à sua consciência, depois da morte, a possibilidade de se purificar novamente.
Assim compreenderemos também o fato de que existe uma evolução para a vida entre a morte e um novo nascimento. Agora perguntemo-nos por quem e por que tudo isso realmente aconteceu?

O homem viveu primeiro imerso no seio da Divindade. Então ele desceu ao plano físico. Se ele tivesse permanecido lá em cima, nunca teria alcançado a autoconsciência atual; ele nunca teria possuído um ego. Somente no corpo físico ele poderia acender a autoconsciência em sua clareza luminosa. Os objetos externos tiveram que se opor a ele e ele teve que aprender a distinguir-se deles; ele teve que descer ao mundo físico. Somente por amor ao ego do homem é que esta descida teve que ocorrer. O homem origina-se dos deuses em relação ao seu ego; desceu do mundo espiritual e foi acorrentado ao corpo físico para se tornar claro e luminoso. Precisamente ao entrar em contato com a matéria física endurecida do corpo, o homem adquiriu seu próprio ego autoconsciente e a possibilidade de ter conhecimento; mas, ao mesmo tempo, estava acorrentado à massa terrestre, à rocha.

Antes de adquirir o próprio ego, o homem possuía os corpos físico, etérico e astral. À medida que o ego se desenvolveu gradualmente dentro dos três corpos, ele os transformou.
Deve-se ter em mente que todos os membros superiores da natureza humana trabalham em torno do corpo físico. O fato de ser o que é depende do trabalho que nele realizam o corpo etérico, o corpo astral e o Ego. Todos os órgãos do corpo físico foram, de certa forma, influenciados pela transformação ocorrida nos membros superiores. Os seres deixados para trás tornaram-se as diferentes formas animais, por ex. por exemplo. pássaros, sob a influência predominante do corpo

Machine Translated by Google

astral.

À medida que o Ego se tornou cada vez mais autoconsciente, também transformou o corpo astral. Já dissemos que certos seres humanos se separaram do resto da evolução. Os chamados animais apocalípticos são tipos em que este ou aquele membro superior tem preponderância. O Ego assumiu a preponderância Agora todos os humanos que pertenciam ao tipo "homem". adaptado aos órgãos estão nos seres membros superiores do homem. Quando o Ego penetrou no corpo astral e o impregnou inteiramente, certos órgãos foram formados no homem e nos animais que mais tarde se ramificaram dele. Por exemplo, determinado órgão provém do fato de o Ego ter, em geral, descido à Terra.

Na Lua, nenhum Ego ainda estava unido aos seres da evolução humana. Certos órgãos estão ligados a este desenvolvimento: o fígado e a bile. A bile é a expressão física do corpo astral. Não está ligado ao ego; mas o Ego atua sobre o corpo astral, e do corpo astral as forças atuam sobre a bile. Agora compreendamos como um todo a imagem que o iniciado esclareceu ao egípcio assim: O homem autoconsciente foi acorrentado ao corpo da Terra; imagine o homem amarrado à rocha terrestre, ao corpo físico, e pense que algo surgiu na evolução que corrói sua imortalidade! Imagine as funções que o fígado produzia: elas surgiram devido ao fato do corpo estar ligado à rocha terrestre; é o astral que o atormenta. Aqui está a imagem que foi dada ao discípulo no Egito, e que mais tarde passou para a Grécia como a lenda de Prometeu.

Tal mito não deve ser encarado de forma grosseira; devemos respeitar o pó brilhante que adorna as asas da borboleta, devemos deixar a gota de orvalho na flor. Essas imagens não devem ser distorcidas e deformadas. Não devemos dizer: Prometeu significa isto ou aquilo; devemos primeiro tentar compreender os verdadeiros fatos ocultos e depois tentar compreender as imagens que deles nasceram e que depois passaram para a consciência dos homens.

O iniciado egípcio conduziu seu discípulo ao degrau onde ele poderia compreender a evolução do ego humano. Esta imagem deveria formar seu espírito. Mas ele não teve que compreender brutalmente os fatos, mas sim manter a imagem clara e luminosa diante dele. O iniciado egípcio não quis comprimir a verdade em conceitos banais e áridos, mas representar em imagens o que tinha para dar. Na lenda de Prometeu, a poesia muito contribuiu para embelezar e adornar, e não devemos acrescentar nada aos fatos ocultos que lhe estão subjacentes, deixando todas as suas delicadas forças para a ação artística.

Machine Translated by Google

modeladores.

Agora queremos mencionar mais uma coisa: o homem, quando desceu à Terra, ainda não era dotado de ego. Antes de o ego entrar no corpo astral, este era dominado por outras forças. Então, o corpo astral fluido e luminoso foi permeado pelo Ego. Antes disso, os seres divino-espirituais faziam com que as forças astrais fluíssem de fora para dentro do homem. O corpo astral já estava lá, mas animado por seres divino-espirituais. Era límpido e claro e com seu fluxo envolvia o germe do corpo físico e do corpo etérico. Cercou-os e penetrou-os com suas ondas claras. Mas, com o Ego, o egoísmo entrou nele e obscureceu o corpo astral; o puro fluxo dourado do corpo astral se perdeu, e se perdeu cada vez mais, até o momento em que o homem desceu ao nível mais baixo, na era greco-latina.

Então os homens tiveram que pensar em recuperar o fluxo puro do corpo astral, e então, nos Mistérios de Elêusis, começou a busca pela pureza primitiva do corpo astral. Os Mistérios de Elêusis visavam precisamente restaurar ao corpo astral seu fluxo dourado original; e os egípcios também queriam isso. A busca pelo Velocino de Ouro foi uma das "provas" das iniciações egípcias, e foi preservada para nós na maravilhosa lenda dos Argonautas e Jasão em busca do Velocino ou Velocino de Ouro.

Acompanhamos assim a evolução: quando os órgãos inferiores ainda se assemelhavam, em sua forma, aos barcos de que falamos, o corpo astral, na Terra aquosa, ainda tinha um esplendor dourado. Na Terra líquida o homem tinha seu corpo astral brilhante e dourado. A lenda dos Argonautas representa a reconquista deste corpo astral. De uma forma sutil e sutil, devemos reconectar a busca do Velocino de Ouro a esta lenda do mito egípcio.

Os fatos históricos externos estão ligados aos fatos espirituais. Não se deve acreditar que isto seja apenas um símbolo. A façanha dos Argonautas realmente aconteceu, assim como a Guerra de Tróia. Os eventos externos são o aspecto visível dos processos internos e formam fatos históricos. Nas iniciações gregas, o fato histórico da expedição em busca do Velocino de Ouro, para reconquistar a pureza do corpo astral, foi repetido internamente uma e outra vez.

A partir daqui continuaremos em busca de outros fatos misteriosos, para então chegar ao reconhecimento

Machine Translated by Google

como os mistérios egípcios também estão ligados à nossa vida atual.

Machine Translated by Google

O CONHECIMENTO DA EVOLUÇÃO...

E A CIÊNCIA FISIOLÓGICA DOS ANTIGOS EGÍPCIOS

ELES REAPARECEM EM FORMA HOJE

MATERIALIZADO

Em vários pontos da nossa série de conferências procuramos mostrar como ocorre no nosso tempo uma espécie de repetição, de ressurreição das experiências vividas pela humanidade durante a cultura egípcio-caldeia. Dissemos que a cultura indiana se repetirá no sétimo período pós-atlante, a cultura persa no sexto e a egípcia no nosso, enquanto o quarto, a cultura greco-latina, permanece, por assim dizer, por si só. Agora queremos mencionar esquematicamente, conectando a era egípcia com a nossa, como podemos encontrar nisso uma espécie de ressurreição de experiências externas e internas feitas pelos homens da era egípcia.

Existem, como vimos, forças misteriosas nos mundos espirituais, às quais correspondem outras forças no mundo físico, que produzem tais repetições, tais ressurreições de experiências externas e internas. No meio, entre as épocas passadas e futuras, situa-se, isolado em si mesmo, o período greco-latino, em que Cristo apareceu na Terra e em que se cumpriu o Mistério do Gólgota.

Descobrimos que não apenas as condições externas de evolução no plano físico sofreram uma mudança, mas também as do mundo espiritual. Durante a era egípcia, a alma do homem que contemplava as gigantescas Pirâmides era muito diferente daquela que se tornou mais tarde, reencarnando na era greco-latina, e de como se tornou ainda mais tarde, no seu modo de sentir, na época o nosso . Da mesma forma, no período entre a morte e um novo nascimento, que ocorre em Kamaloka e no Devachan, ocorre uma transformação, uma espécie de progresso; de modo que a alma não tem as mesmas experiências se, passando por Kamaloka e Devachan, sai de um corpo egípcio ou grego, ou de um corpo atual. Se o mundo do plano físico se transforma, o progresso também ocorre no mundo espiritual, aí também a alma experimenta algo sempre diferente. Agora

Machine Translated by Google

queremos estudar tudo antes de tudo, até mesmo do ponto de vista da vida após a morte, (se quisermos chamar assim) aquele imenso fato que foi o advento de Cristo na Terra.

Queremos perguntar-nos: que importância teve esta aparição de Cristo na Terra para as almas dos defuntos, para a vida que se realiza do outro lado, do lado espiritual da existência? Para este propósito, contudo, devemos premissar vários eventos que ocorreram para as almas durante o período egípcio, tanto deste lado como do outro lado do plano físico.

De tudo o que já vimos sobre as grandes eras anteriores da evolução terrestre, podemos representar a era Egípcio-Caldeia como um reflexo, no conhecimento e na experiência interior, do que aconteceu na Terra na era Lemuriana, durante e após o separação da Lua do nosso planeta. As experiências que os homens receberam então foram refletidas nos ensinamentos que lhes foram dados pelos iniciados egípcios. O próprio iniciado egípcio viveu, durante a sua iniciação, experiências que o homem normalmente só pode ter quando cruza o limiar da morte.

Naturalmente, porém, o iniciado os experienciou de maneira diferente de como um homem comum os vivencia quando morre. Suas experiências foram diferentes e muito mais ricas. Será bom se, como base para estas considerações, descrevermos brevemente a natureza da iniciação egípcia, que difere consideravelmente daquela que se seguiu à vinda de Cristo. Na verdade, o advento de Cristo modificou essencialmente o processo de iniciação.

Vimos que os homens tiveram que descer cada vez mais ao mundo material físico e ter interesse cada vez maior por ele. Na mesma medida, as experiências entre a morte e um novo nascimento tornaram-se pálidas e monótonas. Quanto mais a consciência humana era vivificada no mundo físico, quanto mais os homens amavam este mundo e descobriam as suas leis, mais a sua consciência se obscurecia no mundo espiritual; e este obscurecimento atingiu o seu auge na era greco-latina. Mas antes de descer completamente àquelas profundezas da matéria, não lhe foi possível vivenciar plenamente, em seu corpo físico, o que deve ser vivenciado se alguém quiser adquirir a visão do mundo espiritual no período entre o nascimento e a morte. O processo de iniciação pode ser brevemente caracterizado; e o que vamos dizer refere-se tanto à iniciação pré-cristã como à pós-cristã, exceto pela última conclusão que é diferente. A iniciação consiste em o homem adquirir a faculdade de desenvolver órgãos de percepção nos membros superiores. Hoje,

Machine Translated by Google

durante a noite, ele não percebe nada; tudo está escuro ao seu redor; e porque? Porque em seu corpo astral ele não possui órgãos capazes de percepção. Assim como os olhos e os ouvidos foram formados nele como órgãos de percepção física, também os órgãos de percepção supra-sensível devem se desenvolver em seus membros superiores. Isto acontece através de exercícios de meditação e concentração que são dados ao discípulo, após lhe ter transmitido uma visão global daquilo que os iniciados podem comunicar sobre os mundos espirituais.

Sempre foi feito assim, e os discípulos sempre tiveram que aprender, antes de tudo, o que hoje chamamos de antroposofia elementar. Foi tomado um cuidado muito mais rigoroso para garantir que os discípulos aprendessem essas verdades numa progressão gradual e bem regulada. Quando os discípulos alcançaram preparação teórica suficiente e amadureceram o suficiente, receberam os exercícios apropriados para um propósito muito especial.

O homem, na vida diurna, deixa agir sobre ele as impressões dos sentidos, e estas são certamente tais que dão frutos para a vida habitual no plano físico. Essas impressões prolongam-se no corpo astral, e este, por sua vez, as estende ao ego.

Mas essas impressões não são tais que o homem possa retê-las mesmo quando, à noite, com seu corpo astral e seu ego, ele deixa o corpo físico e o corpo etérico. O que o homem recebe do mundo físico não o penetra tão fortemente que possa ser preservado como uma impressão duradoura. Em vez disso, quando faz exercícios de meditação e concentração, provenientes de experiências milenares, o corpo astral retém os efeitos dentro de si mesmo quando sai do corpo físico à noite. Recebe impressões plásticas que o formam e organizam à medida que se formam os órgãos físicos. Por um certo tempo, portanto, o corpo astral é trabalhado através desses exercícios, e os órgãos da percepção clarividente ficam assim impressos nele. Porém, por muito tempo, o homem não poderia utilizá-los se estivessem impressos apenas em seu corpo astral. Além disso, quando o corpo astral volta a ocupar seu lugar no corpo etérico, deve também imprimir nele as coisas que nele foram formadas. Somente quando o que foi formado no corpo astral é também impresso no corpo etérico, só então ocorre a iluminação que torna possível ao homem olhar para o mundo espiritual como olha hoje para o mundo físico. Aqui começamos a entender qual impulso recebemos com o aparecimento de Cristo na Terra. Nas iniciações antigas, o corpo astral tinha força para atuar apenas sobre o corpo etérico

Machine Translated by Google

quando este foi retirado do corpo físico; porque o vínculo entre esses dois corpos era tão estreito que oferecia uma resistência muito forte às impressões que queriam ser transmitidas do corpo astral para o corpo etérico. Por isso, nas iniciações antigas, o iniciado ficava imerso durante três dias e meio num estado semelhante ao da morte, em que o corpo etérico abandonava o corpo físico, e, assim libertado, ligava-se ao corpo astral. Então o corpo astral poderia imprimir no corpo etérico o que nele havia sido previamente formado através dos exercícios. Então, quando o hierofante despertou o iniciado do sono, ele era um iluminado e sabia o que acontece nos mundos espirituais, graças a um caminho maravilhoso que percorreu nos três dias e meio em que esteve imerso no sono. Ele foi conduzido pelas regiões do mundo espiritual, viu o que acontecia ali e aprendeu por sua própria experiência o que outro aprendeu apenas através das revelações de outros. O discípulo assim iniciado poderia então falar, a partir de sua própria experiência, dos seres espirituais que viviam no mundo superior, além do físico.

Assim se aprendia a viver no mundo espiritual quando o homem ainda não havia descido completamente ao plano físico; assim aprenderam a conhecer, em sua verdadeira forma, Osíris, Ísis e Oro. Qual era então o conteúdo dos mitos, o iniciado viu enquanto viajava pelo mundo espiritual, e depois narrou a outros homens, vestindo-o de formas míticas e lendárias. Ele viu os estranhos efeitos que a ação de Osíris teve quando a Lua se separou da Terra; ele viu Oro gerado por Osíris e Ísis; ele viu os quatro tipos humanos: Touro, Leão, Águia e o verdadeiro tipo humano. Ele também vislumbrou os destinos do homem entre a morte e o novo nascimento; e a Esfinge vindo em sua direção como uma figura real. Ele experimentou isso e pôde dizer: “Vi a Esfinge, isto é, o homem ainda tendo uma figura animal, da qual emerge apenas o corpo etérico para cima, em forma semelhante à humana”. A Esfinge foi uma experiência real para o iniciado; ele também ouviu a pergunta, com seu conteúdo enigmático. Ele viu como o corpo humano estava sendo preparado, evoluindo a partir da animalidade, numa época em que a cabeça só estava etericamente predisposta na cabeça etérica da Esfinge. Esta era uma verdade para o iniciado, assim como o eram as figuras mais antigas dos deuses que seguiram, por assim dizer, outro caminho de evolução.

Na verdade, já falamos anteriormente de certos seres que seguem outros caminhos de evolução, como, por exemplo, a individualidade de Wotan. Ele percorre o caminho, por uma certa distância, junto com o homem, mas depois não desce tão baixo quanto ele. O homem, por outro lado, continua a sua descida para a materialidade, e só mais

Machine Translated by Google

mais tarde ele se reunirá novamente com aqueles seres que aperfeiçoaram sua evolução no período terrestre. Vimos que Wotan já não perambulava pelo nosso mundo acima da Terra. Mas esses seres eram diferentes de Ísis e Osíris. Este último já havia se ramificado muito antes; eles tiveram suas experiências e completaram sua evolução em esferas superiores e totalmente invisíveis.

Se olharmos para trás, para a era Lemuriana, veremos que o etérico não assumiu a forma humana; o homem, em seu corpo etérico, ainda é semelhante aos deuses, e os deuses que descem à Terra devem contentar-se em aparecer na mesma figura animal que era típica do homem daquela época. Porque, se um ser quiser viver numa determinada esfera, deve submeter-se às condições que ali reinam. O mesmo acontece neste caso. As entidades divinas que estiveram ligadas à Terra durante a saída do Sol e da Lua, e que nela viviam, tiveram que assumir a forma, semelhante à animal, o que foi então possível. E como o conceito religioso egípcio representava, de certa forma, uma repetição da era lemuriana, o iniciado egípcio viu as suas divindades, por ex. por exemplo. Osíris e Ísis, em forma semelhante à animal. As divindades superiores apareceram com cabeças de animais.

Portanto, era completamente correto, segundo a visão oculta, que tais figuras fossem representadas, como bem sabiam os iniciados, com cabeças de carneiro ou de falcão. Os deuses então se representaram enquanto vagavam pela Terra, simplesmente na forma que tinham então.

As representações externas só poderiam ser como o iniciado as via, mas foram apresentadas com muita fidelidade.

Essas diversas entidades espirituais foram transformadas; e durante a Atlântida eles eram muito diferentes dos da Lemúria. Naqueles dias, os seres transformavam-se muito mais rapidamente do que agora; ainda eram figuras espirituais que podiam ser vistas, olhando para trás, em seus três corpos, mas todos permeados e iluminados pela luz astral e etérica. Isto foi representado exatamente nas imagens das quais os homens riem com muita facilidade, porque não sabem o quão realistas eram.

Houve uma dessas figuras que desempenhou um papel particularmente ativo na época em que as forças cósmico-telúricas inseriram o intelecto lógico no homem. Então o cérebro físico foi preparado para que o homem pudesse posteriormente desenvolver a inteligência. Isso aconteceu por obra do deus Manu. Se hoje contemplamos clarividentemente um homem em quem a inteligência lógica e o julgamento estão particularmente desenvolvidos, encontramos uma expressão forte e um reflexo vivo no brilho verde e no brilho do corpo astral, da aura astral. O

Machine Translated by Google

O pensamento calculador revela-se através dos tons verdes da aura, especialmente naqueles que têm uma habilidade matemática muito pronunciada. Os antigos iniciados egípcios viram a divindade que dava inteligência ao homem e o representaram na cor verde, porque viram sua luminosa figura astral e etérica brilhar em verde. Ainda hoje, quando o homem está ativo com sua inteligência, esse brilho verde se mostra em sua aura. Muitas outras relações desse tipo poderiam ser estudadas se realmente quiséssemos penetrar no maravilhoso realismo das figuras dos deuses egípcios; e por serem representados de forma tão realista, sem qualquer arbitrariedade, atuaram como meios mágicos. Quem conseguisse penetrar nas coisas poderia descobrir quantos segredos altíssimos estavam escondidos nas cores daquelas figuras divinas, e assim olhar profundamente a evolução da humanidade.

Vimos como uma visão dos antigos egípcios também foi representada na Esfinge, não, por assim dizer, fotograficamente, mas de forma realista.
No entanto, os números foram constantemente transformados. Na Esfinge a forma como o homem viveu no passado é representada numa imagem; e ele gradualmente formou sua forma atual sozinho.

As formas animais se dividiram gradualmente à medida que a Terra evoluiu. O que realmente é uma forma animal? É uma forma que parou num determinado ponto, enquanto o homem progredia na evolução; e marca esse passo dado à medida que se torna físico. No espiritual, a evolução ocorreu de forma completamente diferente. O que o homem é espiritualmente não tem nada a ver com os ancestrais físicos; apenas seu corpo físico desce deles.
Mas o homem não deriva dos animais; são as formas animais que permaneceram estacionárias, enquanto a forma humana continuou a transformar-se até um determinado nível. Os animais são, portanto, formas humanas físicas que pararam em estágios anteriores e depois entraram em decadência. Mas não apenas as figuras físicas dos animais pararam em seu desenvolvimento, mas também as disposições das formas etérica e astral. Assim como o leão, quando em determinado momento se separou da evolução, tinha uma aparência completamente diferente da de hoje, também certas formas anímico-espirituais, que param em determinado estágio, mudam com o tempo e degeneram. É precisamente uma lei do mundo espiritual que aquilo que pára num estágio da alma ou da evolução espiritual degenera e decai.

A Esfinge, por exemplo, quando para e decai, assume uma forma que é como uma caricatura de sua forma original. Permaneceu assim preservado no plano astral até nossos dias. Figuras tão decadentes, tal desperdício do mundo

Machine Translated by Google

espirituais, são de pouco interesse para o iniciado ou, em qualquer caso, para o homem que ascende regularmente aos mundos espirituais. Mas quem, em certos casos, chega anormalmente ao mundo astral, munido de uma forma inferior de clarividência, os encontra. Édipo encontrou a verdadeira Esfinge, e ela ainda hoje não está morta, apenas que agora aparece ao homem em outra forma, em uma forma especial. Exemplos disso podem ser encontrados entre as populações rurais, onde, às vezes, homens deixados para trás em um certo estágio de evolução adormecem nos campos no verão, sob o sol, e sofrem o que poderia ser chamado de insolação latente, sob a influência da qual o corpo etérico e o corpo astral se separam parcialmente do corpo físico. Então tais homens são transportados ao plano astral e vislumbram este último remanescente decadente da Esfinge. Esta aparição foi chamada das mais diversas maneiras. Em algumas regiões ela é chamada de Mulher do Meio-Dia, e muitos no interior dizem que a conheceram. Existe em quase toda parte e sob os mais variados nomes, e é uma forma decadente da antiga Esfinge; e, como a Esfinge, esta “Mulher do meio-dia” também faz perguntas a quem a encontra.
Há histórias de pessoas que o viram e a quem fizeram inúmeras perguntas.

Mesmo este questionamento doloroso e insistente é um legado decadente da antiga Esfinge, uma transformação dela. Tudo isto nos indica que a evolução também ocorre por trás do mundo físico; raças inteiras de entidades espirituais degeneram e, no final, não passam de sombras do que eram originalmente. Assim, vemos certas conexões na evolução, e falamos delas precisamente para mostrar como são múltiplas e variadas.

Agora, porém, para compreendermos bem do que se trata, devemos pensar que, ao longo do tempo, o homem incorporou o Ego, o quarto elemento de sua entidade, no corpo físico, no corpo etérico e no corpo astral. que já havia sido trazido consigo no início da evolução terrena. Mostrei como o Ego penetra no corpo astral, exercendo sobre ele o domínio que exerciam os seres espirituais anteriormente elevados. Na verdade, foi uma ação de seres superiores plantar o Ego no corpo astral. Se a evolução tivesse então continuado de acordo com as intenções de certos seres divinos, teria seguido um caminho completamente diferente daquele que realmente seguiu. Mas então certos seres pararam em seu caminho e não conseguiram mais colaborar na incorporação do Ego ao corpo astral.

Quando o homem pisou na Terra, ele consistia de corpo físico, corpo etérico e corpo astral, e continuou a desenvolvê-los. Num determinado momento, por certos seres elevados que habitavam especialmente o Sol e a Lua, foi-lhe conferido o Ego, que então continuou a ser o objeto de sua ação. Outros

Machine Translated by Google

os seres, porém, durante a evolução saturniana, solar e lunar, não haviam ascendido a um nível tão elevado que pudessem colaborar nessa incorporação do Eu. Eles só poderiam fazer o que aprenderam na Lua; portanto, tiveram que limitar-se a trabalhar no corpo astral do homem. Foi assim incorporado ao corpo astral destes algo que não pertencia aos seus elementos mais nobres, que não provinha dos seres divinos mais elevados, mas sim dos últimos e menos nobres intrusos. Se estes seres tivessem realizado a sua ação na Lua, teria sido uma ação altamente benéfica. Mas porque o realizaram como retardatários na Terra, inseriram algo no corpo astral que o tornou inferior ao que seria de outra forma. Ou seja, era dotado de instintos, paixões e egoísmo.

Tomemos nota desta dupla ação que o homem sofreu, uma parte da qual teve como consequência o rebaixamento do seu corpo astral a um nível inferior.

Mas algo que assim influencia o homem terreno em seu corpo astral estende-se então também ao corpo etérico, e deste, por sua vez, ao corpo físico.
Através do corpo astral, cuja ação se estende por toda parte, esses espíritos atuaram também sobre o corpo etérico e físico, causando efeitos na vida humana que de outra forma nunca teriam ocorrido. O sentimento do Ego foi aumentado ao limite, levando a um enorme aumento da autoconsciência.
Isto produziu no corpo etérico tudo o que contribui para obscurecer o julgamento e levar à possibilidade de erro; e o que atuou do corpo astral sobre o corpo físico constituiu a base da doença. Esta é precisamente a causa espiritual das doenças do homem; (para os animais, ficar doente é uma coisa completamente diferente).

Vejamos como a doença foi plantada no homem e sua ligação com as causas que aqui mencionamos; e como o corpo físico e o corpo etérico estão ligados aos fatos da hereditariedade, o princípio da doença é transmitido por vias hereditárias. No entanto, devemos distinguir cuidadosamente entre aquelas que são doenças internas e aquelas que provêm de lesões externas. Se um homem for atropelado por um carro, não tem nada a ver com herança. Mesmo certas doenças internas podem estar ligadas a causas externas; por exemplo, mesmo quando comemos algo que faz mal ao estômago, a dor é devida a causas externas.

Antes, no decorrer da evolução, aqueles seres adquirirem poder sobre o homem, ele estava organizado de forma a reagir com muito mais energia do que hoje, sobre todo o mal que atuasse sobre ele de fora. Mas quanto mais esses seres ganhavam influência sobre ele, mais ele perdia os instintos que o defendiam do mal. Anteriormente, em todo o seu organismo, o homem ainda tinha instintos sutis para o que não lhe convinha; se ele estava prestes a entrar em seu

Machine Translated by Google

estômago algo que hoje poderia entrar causando danos, então, por um simples instinto isso foi evitado. Olhando para trás, chegamos cada vez mais a tempos em que o homem tinha uma ligação delicada com as forças que o rodeavam e reagia com instinto seguro a essas forças ambientais. Mas gradualmente a sua confiança diminuiu e ele tornou-se incapaz de rejeitar o que não lhe convinha.

Isto também está relacionado com outro facto, nomeadamente que

quanto mais o homem se internalizava, mais os três reinos da Natureza se constituíam paralelamente no mundo externo. No início só existia o homem, depois aos poucos surgiram os outros três reinos que agora nos rodeiam: primeiro o reino animal, depois o reino vegetal e por último o reino mineral. Se olhássemos para as condições da Terra primordial, quando o Sol ainda estava ligado a ela, encontraríamos um ser humano no qual todas as substâncias do mundo físico entravam e saíam. O homem ainda vivia no seio dos deuses e podia carregar dentro de si, por assim dizer, todas as substâncias. Então ele teve que deixar para trás o que depôs como o reino animal; porque se ele tivesse continuado a carregá-lo consigo, não teria sido capaz de se desenvolver mais. Ele, portanto, eliminou o reino animal e, mais tarde, o reino vegetal. O que vive fora, nos animais, nas plantas, nada mais é do que os temperamentos, as paixões e as diferentes tendências que os homens tiveram de eliminar; e quando o homem formou os seus ossos, ele colocou o mundo mineral fora de si. Depois de um certo tempo, lançando o olhar sobre o que o cercava, ele poderia dizer para si mesmo: uma vez eu pude tolerar você, você entrou em mim e saiu de mim, como o ar agora. Quando eu ainda vivia na Terra aquosa eu podia tolerar você; Eu estava trabalhando na sua transformação. Agora você está ao meu lado, não aguento mais você, não consigo mais te processar. À medida que o homem foi encerrado em sua pele e se tornou um ser isolado, ele viu ao seu redor os três reinos que antes possuía dentro de si.

Se os seres que mencionamos não tivessem atuado sobre o homem, outra coisa também não poderia ter acontecido. Enquanto o homem estiver saudável, ele estará numa relação normal com o mundo externo; quando certas forças dentro dele são perturbadas, elas devem ser restabelecidas pelas forças saudáveis que estão dentro dele. E se essas forças forem demasiado insuficientes, deve ser-lhe dado um remédio externo para despertar nele aquela força de resistência que outrora possuía naturalmente, numa altura em que as forças do mundo externo continuamente entravam e saíam dele. Por exemplo, quando ele está doente, pode ser necessário administrar-lhe a força de um metal, ou de sucos vegetais, em suma, dar-lhe

Machine Translated by Google

como remédios substâncias externas às quais ele se juntou no passado.

Na época em que os iniciados egípcios puderam relembrar todo o curso da evolução humana, eles sabiam exatamente como os órgãos individuais do corpo humano correspondiam aos materiais externos e quais plantas ou quais metais deveriam ser administrados à pessoa doente. para curá-lo. Um dia, no campo da medicina, serão descobertos imensos tesouros de sabedoria oculta possuídos pela humanidade em tempos passados. Hoje não só há muita confusão neste campo, mas também caímos em grandes erros onde, de forma unilateral, são atribuídos poderes curativos especiais a esta ou aquela substância. O verdadeiro ocultista nunca será unilateral. Quantas vezes temos que rejeitar métodos que tenderiam a comprometer a ciência espiritual! Mas isto não pode apoiar nenhum método unilateral, quer fundar uma ciência que seja verdadeiramente universal; e é unilateral - por exemplo - dizer: Abaixo todos os venenos! Quem diz isso não conhece as verdadeiras forças curativas. Naturalmente, hoje se cometem muitos absurdos, porque a maioria dos especialistas no assunto não tem a visão global necessária; e uma certa tirania que reina no campo da medicina exclui tudo o que vem do ocultismo. Se não fossem feitas campanhas contra as mais antigas verdades médicas, contra a administração de substâncias metálicas, uma reforma poderia ocorrer.

Com a ânsia moderna de “experimentar”, não se encontra nada que possa verdadeiramente resistir aos antigos remédios comprovados, contra os quais apenas o mal-entendido mais grosseiro pode surgir brutalmente, como muitas vezes acontece hoje em dia. Na verdade, os antigos iniciados egípcios eram grandes em tais segredos; e eles poderiam realmente seguir os fios que conectam os fatos da evolução entre si; e se hoje certos médicos falam em tom condescendente sobre a medicina egípcia, precisamente por esse tom se percebe imediatamente que não sabem absolutamente nada sobre ela. Tudo isso é mencionado aqui apenas para dar uma ideia do que você precisa saber sobre a iniciação egípcia.

Conhecimento desse tipo passou então para a consciência popular. Agora não esqueçamos que mesmo naqueles tempos antigos encarnaram as mesmas almas que hoje vivem em nossos corpos. São precisamente as nossas próprias almas que viram então as imagens dadas pelos iniciados daquilo que percebiam clarividentemente nos mundos espirituais. Sabemos que o que a alma recebe de uma encarnação para outra sempre dá frutos de alguma forma. Isto acontece mesmo que o homem nem sempre possa se lembrar disso; se hoje certas coisas vivem na alma, é precisamente porque lá foram colocadas no passado. A alma

Machine Translated by Google

é moldado em ambos os lados da vida física.

As representações do antigo Egito deram-lhe uma certa marca, tanto durante a sua vida entre o nascimento e a morte, como durante a sua permanência entre a morte e o novo nascimento; e daí surgiram as representações que tem agora. O que chamamos de darwinismo não nasceu nos nossos tempos por razões externas; as almas que hoje o acolhem são as mesmas que no Egito receberam as imagens das formas animais dos antecessores dos homens. Todas essas representações despertaram; apenas que, entretanto, os homens desceram ainda mais fundo no mundo material. A alma de hoje lembra que já foi dito: nossos ancestrais tinham figuras de animais; mas ele esqueceu que aqueles eram deuses. Esta é a razão psicológica para a ascensão do darwinismo em nosso tempo. Figuras divinas ressuscitam em forma materialista. Assim, existe uma ligação espiritual íntima entre o antigo e o novo, entre a cultura egípcia da terceira era pós-atlante e a nossa quinta.

Porém, este não é o único destino da nossa era, que o homem agora veja de forma material o que antes via espiritualmente. Seria assim se, entretanto, o impulso de Cristo não tivesse intervindo na evolução da humanidade. Isto teve uma importância, não só para a vida no plano físico, mas também para a outra parte, isto é, para a esfera em que habitavam as almas dos antigos egípcios após a morte. Aqui no plano físico aconteceu o que já falamos; mas os três anos de atividade de Cristo, e o acontecimento do Gólgota, e o batismo no Jordão, tiveram tanta importância para as almas encarnadas na Terra, como para aquelas que se encontravam entre a morte e o novo nascimento.

Sabemos que o sangue é a expressão física externa do Eu. O que opera fisicamente nas forças do sangue é a expressão física do Ego. Agora, no curso da evolução, o egoísmo aumentou imensamente e, portanto, o ego ficou fortemente impresso no sangue. Este “excedente” de egoísmo deve ser expulso novamente da humanidade se quisermos recuperar a espiritualidade.
No Gólgota foi dado o impulso para a eliminação do egoísmo. No momento em que o sangue do Redentor fluiu sobre o Gólgota, outros processos também ocorreram no mundo espiritual. O sangue do Redentor fluiu para o mundo material e, entretanto, o excesso de egoísmo passou para o mundo espiritual. O egoísmo superabundante teve que desaparecer do mundo, e o ímpeto para isso foi dado no Gólgota. Na humanidade de hoje, o egoísmo é substituído pelo amor geral entre os homens.

Machine Translated by Google

Mas o que foi esse acontecimento do Gólgota, essa morte que durou três dias e meio no plano físico? Foi a transposição para o plano físico daquilo que, na evolução espiritual, vivenciou a pessoa que passou pela iniciação. Durante três dias e meio ele esteve praticamente morto. E quem passou por esta morte simbólica poderia dizer à humanidade: “A morte pode ser superada; o Eterno existe no mundo." A morte foi conquistada pelos iniciados e eles se sentiram triunfantes sobre a morte. O acontecimento do Gólgota significa que, pela primeira vez, o que tantas vezes aconteceu nos antigos Mistérios tornou-se um acontecimento histórico; a vitória espiritual sobre a morte foi agora transportada para o plano físico.

Se deixarmos que este fato atue em nossa alma, sentiremos o que aconteceu com o Mistério do Gólgota como o novo acontecimento, uma imagem da antiga iniciação; sentimos a singularidade deste acontecimento que se tornou parte da história da humanidade.

E qual foi a consequência? Antigamente o iniciado, graças às suas experiências, podia dizer aos outros homens: «Sei que existe um mundo espiritual no qual é possível viver. Vivi três dias e meio naquele mundo e trago-vos notícias disso; Trago-te os dons do mundo espiritual”; e tais presentes foram benéficos e úteis para os homens. Por outro lado, o iniciado que viveu no mundo físico não poderia trazer algo assim aos mortos. Aos mortos ele só poderia dizer: “Tudo o que acontece no plano físico é tal que o homem deve ser libertado”. Foi exatamente assim: quando os antigos iniciados encontravam os mortos no mundo espiritual, só podiam trazer-lhes esta mensagem:

“A vida é dor, só na libertação há salvação.” Isto o Buda também ensinou; e isso ensinou todo iniciado, tanto aos vivos quanto aos falecidos. Mas, graças ao acontecimento do Gólgota, a morte foi derrotada no mundo físico, e isto tem grande importância para os mortos que estão no mundo espiritual. Quem acolhe Cristo na sua interioridade lança uma nova luz sobre a vida devachânica que se tornou sombra. Quanto mais o homem experimenta Cristo aqui embaixo, mais o mundo espiritual se torna mais claro. Depois que o sangue foi derramado no Gólgota pelas feridas do Redentor (isso faz parte dos Mistérios do Cristianismo), o Espírito de Cristo desceu entre os mortos e disse-lhes: «Algo aconteceu na Terra que tira qualquer direito de dizem que o que acontece lá é menos importante do que o que acontece aqui, no mundo espiritual. Graças a esse evento, o homem é capaz de trazer uma dádiva do mundo físico para o reino do espírito." Esta é a boa notícia que Cristo trouxe aos mortos durante os três dias e meio da sua permanência entre eles. Ele desceu até eles para redimi-los.

Machine Translated by Google

Na iniciação antiga poderíamos dizer: colhemos os frutos do espírito no plano físico! Agora, porém, algo aconteceu no mundo físico que agiu e deu frutos no mundo espiritual. Pode-se dizer, portanto, que o homem não completou sua descida até aqui em vão, mas o fez para que aqui no plano físico pudessem ser obtidos alguns frutos para o mundo do espírito.

Esta possibilidade se deve a Cristo, que desceu entre os vivos e entre os mortos, e deu a. impulso tão intenso e tão poderoso que abala o mundo inteiro.

Machine Translated by Google

O IMPULSO DE CRISTO TRIUNFANTE SOBRE A MATÉRIA

Para terminar de cumprir a tarefa que nos propusemos, devemos agora estudar um pouco o caráter do nosso tempo, como estudamos o dos últimos quatro períodos pós-atlantes, até ao aparecimento do Cristianismo. Vimos como, após a catástrofe da Atlântida, ocorreu a antiga era Paleo-Indiana, depois a era Paleo-Persa e a Era Egípcia-Cal-Daica; e, caracterizando a quarta época, a greco-latina, vimos que nesta o homem já trabalha dentro do plano físico, atingindo ali, justamente então, um ponto máximo de sua descida. A razão pela qual esta era que, por um lado, representamos como o nível mais baixo de evolução, enquanto, por outro, é tão atraente e agradável para o observador de hoje, reside no facto de ter se tornado o ponto de partida para muitos eventos importantes na cultura atual. Na verdade, nesta época ocorreu uma espécie de união entre espírito e matéria, especificamente na arte grega. Dissemos que o Templo Grego era um monumento no qual o Deus poderia viver; o homem poderia dizer a si mesmo: levei a matéria a tal ponto que ela se tornou para mim como um molde do espírito, e que, em cada parte dela, posso sentir algo desse espírito. É o caso de todas as obras de arte gregas e de tudo o que se pode contar sobre a vida dos gregos. Precisamente este mundo de criações artísticas, em que o espírito estava inserido, tornou a matéria tão fortemente atrativa, tanto que mais tarde, na Alemanha, Goethe tentou representar a união da sua própria individualidade com a época grega, na tragédia de 'Helena e Fausto.

Se, depois disso, a cultura tivesse continuado a progredir na mesma direção, quais teriam sido as consequências? Um esboço simples irá esclarecer isso para nós. Na era da cultura greco-latina o homem desceu ao máximo, mas de tal forma que em nenhuma partícula da matéria perdeu o espírito. Em todas as criações daquela época o espírito foi incorporado à matéria. Se contemplarmos a figura de uma divindade grega, vemos em toda parte como o gênio criativo grego imprimiu a espiritualidade na matéria externa. O grego certamente conquistou o material, mas sem perder o espírito; e o progresso normal da cultura teria levado a uma queda abaixo do nível alcançado, de modo que o espírito se tornaria escravo da matéria. Basta lançar um olhar imparcial sobre o que hoje nos rodeia para reconhecer

Machine Translated by Google

na verdade, como, por um lado, isso realmente aconteceu; e a expressão desta queda é o materialismo. É verdade que em nenhuma outra época o homem conquistou mais a matéria do que na nossa, mas apenas para satisfazer as suas necessidades materiais. Consideremos por que meios primitivos as gigantescas Pirâmides foram construídas, e comparemos esses meios com o ímpeto e o voo elevado que o espírito egípcio foi capaz de elevar-se em direção aos mistérios da existência cósmica. Pensemos com que profundidade espiritual os egípcios viam nas figuras das suas divindades as marcas, as imagens do que acontecera no passado no cosmos e na Terra. O egípcio que foi capaz de olhar para o mundo espiritual reviveu em espírito os acontecimentos da era Lemuriana, que durante a era Atlante se tornou invisível; e aquele que não se tornou um iniciado, que pertencia ao povo, poderia participar desses mundos espirituais com todo o seu sentimento, com toda a sua alma. Mas os meios disponíveis para trabalhar fora, no plano físico, eram primitivos em comparação com os do nosso tempo.
Basta ler os hinos que os nossos contemporâneos cantam continuamente em louvor ao grande progresso que fizemos!

A ciência espiritual não tem nada a objetar a isso; Na verdade, o homem continua a ampliar cada vez mais a sua conquista dos elementos. Mas vamos olhar para isso de outro lado também.

Quando, num passado distante, os homens esmagaram os grãos da Terra por meio de simples pedras, conseguiram, no entanto, elevar o olhar às alturas sublimes da vida do espírito. Desses al-

alturas sublimes, a maioria dos homens hoje não tem a menor ideia; ele ignora totalmente o que um iniciado caldeu experimentou quando viu à sua maneira as estrelas, os animais, as plantas, os minerais em conexão com o homem, e reconheceu suas forças curativas. Os sábios sacerdotes egípcios eram homens cujos cadarços não são dignos de serem desatados pelos médicos de hoje, como diz o Evangelho. Os homens de hoje não são capazes de subir a tais alturas de vida espiritual. Somente a ciência espiritual nos dará a possibilidade de formar um conceito daquilo que viram os antigos iniciados caldeo-egípcios. Por exemplo, as interpretações dadas hoje sobre as inscrições que continham mistérios tão elevados nada mais são do que uma caricatura comparada ao seu antigo e verdadeiro significado.
Vemos assim que, no passado, os homens tinham meios limitados para trabalhar no plano físico, mas uma força imensa em relação ao mundo espiritual.

E quanto mais o homem afunda na matéria, e mais e mais ele usa suas próprias forças

Machine Translated by Google

espírito para conquistar o plano físico. Quase se poderia dizer que o espírito humano se torna escravo do plano físico. De certa forma, desce até abaixo do plano físico. Se o homem hoje aplicou enormes forças espirituais para criar o barco a vapor, as ferrovias, o telefone, etc. para que finalidade você os usa?
Que imensos tesouros do espírito foram assim retirados da vida para os mundos espirituais! O cientista espiritual, contudo, concorda plenamente com estes resultados; não quer criticar o nosso tempo, pois sabe que a conquista do plano físico era uma necessidade; no entanto, é verdade que o espírito submergiu no mundo físico. Talvez se possa dizer que para o espírito isso significa algo mais, que é uma vantagem e uma superioridade se o homem, em vez de esmagar ele próprio o grão entre duas pedras, telefonar para um porto distante e tiver a América o trigo de que necessita?

Que imensurável força espiritual não foi aplicada para estabelecer as comunicações que existem hoje com a América e outros países distantes! Agora perguntemo-nos: se estabelecemos tal ligação entre todas as partes do mundo, empregando enormes somas de trabalho espiritual, não será talvez para satisfazer a vida material, as nossas necessidades corporais? E como tudo está distribuído no mundo, resta ao homem muito pouca força espiritual para ascender aos mundos superiores, além daquela que utilizou para o mundo material. O espírito tornou-se escravo da matéria. Se os gregos viram o espírito incorporado nas suas obras de arte, hoje o espírito desceu profundamente, e temos provas disso nas muitas melhorias técnicas e mecânicas das nossas indústrias, que servem apenas necessidades materiais. Agora podemos perguntar-nos: será que esta descida demasiado baixa foi realmente total e irrevogável?

Teria sido assim, e as conquistas do homem no plano físico teriam se tornado cada vez mais imensas e poderosas, se, nesse ínterim, não tivesse acontecido o que falamos anteriormente. No ponto mais baixo da evolução humana, Cristo veio dar-lhe o impulso necessário para uma nova ascensão; e, a partir desse momento, a intervenção do impulso de Cristo forma o outro lado da cultura. Mostrou o caminho para superar a matéria; ele nos trouxe a força pela qual a morte pode ser superada e, assim, deu à humanidade a possibilidade de se elevar novamente acima do plano físico. Para isso era necessário um impulso tão poderoso, uma ação tão irresistível que superasse a matéria da forma grandiosa que nos é descrita no Evangelho de João, tanto no batismo no Jordão como no Mistério do Gólgota.

Machine Translated by Google

Cristo Jesus, predito pelos profetas, deu à evolução da humanidade o impulso mais poderoso que já lhe tinha sido dado antes. No passado, o homem teve que se separar dos mundos espirituais, apenas para se reunir novamente com eles graças à Entidade de Cristo. Mas não podemos compreender plenamente este acontecimento se não penetrarmos ainda mais nas conexões de toda a evolução humana. Devemos mencionar o fato de que o aparecimento de Cristo na Terra é um evento que só poderia ocorrer no momento em que o homem caísse. A era greco-latina ocupa o lugar central na série de sete eras pós-atlantes. Nenhum outro momento da história teria sido o certo, senão aquele em que o homem se tornou pessoa, então até Deus teve que se tornar pessoa, para salvá-lo e dar-lhe a possibilidade de ascender ao espírito. Vimos que o cidadão romano foi o primeiro a tomar consciência da sua própria personalidade. Anteriormente o homem ainda vivia nas alturas do mundo espiritual; agora que ele desceu ao plano físico, o próprio Deus teve que conduzi-lo de volta para cima.

Ainda temos que nos aprofundar no terceiro, quinto e intermediário períodos. Não devemos estudar a mitologia egípcia de forma escolástica, mas destacar os pontos característicos mais adequados para nos permitir penetrar profundamente na vida de sentimento dos antigos egípcios, para depois nos perguntarmos como isto ressurge na nossa época.

Vimos como todas as imagens grandiosas da Esfinge, Ísis e Osíris, que encontramos nos Mitos e Mistérios Egípcios, eram reminiscências de condições muito antigas da humanidade. Foi como uma reverberação nas almas dos acontecimentos passados da Terra. O homem contemplou o seu passado muito remoto, as suas origens. O iniciado pôde vivenciar novamente a existência espiritual de seus ancestrais, seus pais. Originalmente o homem se desenvolveu a partir de uma condição de alma grupal (vimos como essas almas grupais foram preservadas nas quatro formas dos animais apocalípticos), mas de modo que seu corpo foi gradualmente refinado, até chegar ao desenvolvimento da individualidade. Também podemos acompanhar esse desenvolvimento historicamente.

Vamos ler a "Germânia" de Tácito. Ele descreve as condições que reinavam nas regiões germânicas no século I aC; e mostra como a consciência do indivíduo ainda estava imersa numa consciência comum, e como o espírito da raça ainda reinava, de modo que, por exemplo Cherusco sentia-se membro de sua linhagem.

Machine Translated by Google

Esse sentimento era tão forte que qualquer indivíduo poderia vingar a ofensa cometida a outro indivíduo do mesmo grupo, conforme o costume da vingança de sangue. Mesmo aí, portanto, ainda encontramos uma espécie de alma grupal; e pertencer a uma alma grupal foi preservado até a era pós-atlante; mas não passa de um eco; em geral, terminou essencialmente com o fim da era atlântica. O caso que citamos diz respeito apenas aos retardatários. Na realidade, os homens já não sabiam nada sobre a alma grupal. Em vez disso, na era atlântica, o homem conhecia-o bem; então ele não disse “eu” ao falar sobre si mesmo. Por um lado, apenas esse sentimento de pertença a uma alma grupal foi transmitido às gerações subsequentes.

Por mais estranho que pareça, é verdade que, em épocas passadas, a memória tinha uma força e uma importância completamente diferentes das que tem agora. O que é memória hoje? O que lembramos sobre os acontecimentos de nossa primeira infância? Muito pouco e, de qualquer forma, não passamos da infância; não nos lembramos de nada do que aconteceu antes do nosso nascimento. Este não era o caso na antiga era atlântica; e mesmo no início da era pós-atlante o homem lembrava-se do que seu pai, avô, bisavô, etc. haviam vivenciado. Falar sobre um ego que existe apenas entre o nascimento e a morte não faria sentido. A memória remonta a séculos; o Eu se estendia até onde um sangue comum fluía dos ancestrais para os descendentes. Só que este ego de grupo não deve ser pensado como estendido espacialmente aos contemporâneos de um indivíduo, mas sim estendido ao longo do tempo, através de gerações. Portanto o homem de hoje nunca será capaz de compreender o eco deste fato que vive nas histórias dos antigos patriarcas, e que Noé, Adão, etc. atingiram idades tão avançadas. Eles abraçaram seus ancestrais dentro de si por muitas gera

O homem de hoje não consegue mais ter uma ideia disso. Naquela época não faria sentido nomear um único indivíduo humano na existência entre o nascimento e a morte. A memória prolongou-se através dos séculos por toda a série de antepassados; e até onde a memória do homem alcançou através dos séculos, o mesmo nome continuou. Adão foi, por assim dizer, o Eu que fluiu com sangue através das gerações. Somente quando estes factos reais forem conhecidos é que os textos sagrados poderão ser compreendidos. O homem sentiu-se protegido dentro da série de gerações; Isto é o que a Bíblia quer dizer quando diz: “Eu e o Pai Abraão somos um”. Quando o crente do Antigo Testamento disse estas palavras, ele realmente sentiu que pertencia à série de gerações. Esta consciência ainda persistia entre os primeiros pós-atlantes, e mesmo entre os egípcios. A comunhão de sangue foi sentida; e isso também teve consequências muito particulare

Machine Translated by Google

para a consciência.

Quando o homem morre hoje, ele vive por um certo tempo em Kamaloka e, depois disso, por um tempo relativamente longo, em Devachan. Mas isto já é consequência do impulso de Cristo. Este não era o caso nos tempos pré-cristãos, quando ele se sentia ligado aos seus antepassados até ao início da série.

Hoje, em Kamaloka, o homem deve afastar-se dos anseios e desejos aos quais se acostumou no mundo físico. A duração dessa condição depende disso. Ele ainda se sente apegado à vida vivida entre o nascimento e a morte; mas nos tempos antigos ele se sentia conectado a muito mais. Ele permaneceu tão conectado ao plano físico que até se sentiu parte de toda a série de gerações físicas. Assim, durante Kamaloka, ele não apenas teve que se libertar do apego à vida física individual, mas também teve que reconstituir tudo o que estava conectado às gerações até o progenitor. Ele reviveu tudo isso ao contrário; sentindo, por consequência, a verdade profunda que está subjacente ao ditado: “sentir-se seguro no seio de Abraão”. O homem sentiu que depois da morte deveria percorrer toda a série dos seus progenitores e chamou o caminho que assim deveria seguir de "o caminho dos Padres". Somente depois de refazê-lo ele poderia ascender aos mundos espirituais, ao longo do “caminho dos deuses”. A alma daquela época teve, portanto, que percorrer o caminho dos Padres e o caminho dos deuses.

Naturalmente, as colheitas não se sucederam em períodos tão abruptos. A essência da cultura indiana ainda existe, mas transformou-se. Permaneceu, ao lado das colheitas subsequentes; e, na sua continuação, na época em que a cultura egípcia floresceu, também surgiu algo semelhante. Hoje é muito fácil trocar o que foi antes e o que foi depois; por isso insisti no facto de só pretender mencionar acontecimentos de tempos muito remotos.

Entre outras coisas, portanto, os índios também aceitaram o conceito de “caminho para os Padres” e “caminho para os deuses”.

Ora, quanto mais o homem se iniciava, mais se libertava dos laços que o prendiam à sua pátria e aos seus antepassados, mais longo se tornava o caminho “até aos deuses” e mais curto se tornava o caminho “até aos Padres”. Aquele que estava ligado aos Padres com todas as fibras de sua alma tinha um longo “caminho para os Padres” e um curto “caminho para os deuses” para percorrer.

Na terminologia oriental, o “caminho para os Pais” era chamado de “Pitriyana”, e o “caminho para os Pais” era chamado de “Pitriyana”.

Machine Translated by Google

longe para os deuses » «Devayana». Se hoje usamos a palavra “Devachan”, devemos perceber que a usamos por uma questão de brevidade; mas é uma distorção da palavra “Devayana”, “caminho para os deuses”. Um antigo vedantista riria de nós se ouvisse as descrições grosseiras que damos do Devachan. Não é fácil orientar-nos no pensamento e na concepção orientais, e por vezes temos até de proteger as verdades orientais contra aqueles que afirmam ensiná-las. Muitos dos que hoje estudam as chamadas doutrinas orientais não percebem o quanto estão confusos. A ciência espiritual de hoje não aspira de forma alguma ser uma doutrina da Índia Oriental. Em certos ambientes existe um grande amor pelo que vem de longe, por exemplo. por exemplo. da America. Mas a verdade está em casa em todos os lugares. Explorar antiguidades é responsabilidade dos estudiosos, mas a ciência espiritual é vida; portanto, suas verdades podem ser investigadas em qualquer lugar e a qualquer hora.

mento.

Para os antigos egípcios, o que acabamos de dizer não era apenas teoria, mas também prática. O que foi ensinado nos grandes mistérios do Egito, que visavam fins muito especiais, também era prático.

Hoje o homem sorri facilmente ao ouvir que, numa determinada época, o Faraó foi uma espécie de iniciado, e ao ouvir falar da relação que o Egípcio tinha com o seu Faraó e com as instituições do seu Estado. Para os estudiosos europeus do nosso tempo é particularmente ridículo que o próprio Faraó se autodenominasse “Filho de Ouro”, ou simplesmente “Ouro”. Parece-nos hoje estranho, se não totalmente absurdo, que um homem possa ser adorado como um Deus. Mas hoje não sabemos o que realmente era um Faraó e que missão ele tinha; não se sabe o que realmente foi a iniciação de um Faraó. Hoje num povo só vemos um grupo de homens que podem ser contados; para a mente de hoje, o povo como tal é uma abstração sem substância; só aquela soma de homens que vivem numa determinada região tem substância real. Porém, para quem está no campo do ocultismo, povo é algo completamente diferente. Assim como um dedo é membro de todo o organismo corpóreo, as pessoas individuais de um povo pertencem à Alma do povo; eles estão como se estivessem imersos nele; apenas que a Alma das pessoas não é uma realidade física, mas só é real como uma figura etérica. Contudo, é uma realidade absoluta, e o iniciado pode entreter-se com ela. É ainda muito mais real para ele do que os indivíduos que constituem o povo, muito mais real do que a pessoa isolada. Para o ocultista, as experiências espirituais também têm valor; portanto para ele a Alma do povo é algo absolutamente real.

Consideremos esta conexão uma vez, de forma bastante esquemática

Machine Translated by Google

da Alma das pessoas com os indivíduos.

Se pensarmos nos indivíduos como pequenos círculos, eles estão separados uns dos outros apenas para observação física externa. Aqueles que olham para eles espiritualmente, em vez disso, vêem as individualidades imersas como se estivessem em uma névoa etérica, e esta é a encarnação da Alma grupal. O homem solteiro pensa, age, sente e quer, e irradia seus sentimentos e pensamentos para a Alma comum das pessoas. Este recebe uma determinada cor; e assim a Alma do povo é penetrada pelos pensamentos e sentimentos de indivíduos isolados.

Se ignorarmos o corpo físico do homem e contemplarmos apenas o seu corpo etérico e o seu corpo astral, e depois contemplarmos o corpo astral de todo um povo, veremos que este último recebe a sua cor e entonações de indivíduos isolados.

O antigo iniciado egípcio sabia disso; mas ele também sabia mais. Ao contemplar esta substância do povo, perguntou-se: “O que realmente vive na alma do povo?”. O que ele viu nisso? A reencarnação de Ísis.
Ele viu como, uma vez, Ísis vagou entre os homens e agiu na Alma do povo. A egípcia viu manifestar nela as mesmas influências que vinham da Lua e atuavam na Alma do povo. Em vez disso, ele viu Osíris agindo em raios espirituais individuais: nestes ele reconheceu a influência de Osíris, enquanto via Ísis na Alma grupal.

Osíris, portanto, não era visível no plano físico; aqui ele morreu; e somente quando o homem morreu, Osíris reapareceu diante de seus olhos. Portanto, no Livro dos Mortos lemos como o egípcio sentiu que, na morte, ele se reuniu com Osíris e se tornou ele próprio um Osíris. Osíris e Ísis atuaram juntos no Estado e no indivíduo desse Estado.

Agora voltemos ao Faraó e pensemos que para ele tudo isso era uma realidade. Antes da iniciação ele recebeu instruções para que não apenas entendesse tudo isso com o intelecto, mas sentisse isso como verdade. Ele teve que ser levado a dizer a si mesmo: «Se quero governar o povo, devo sacrificar uma parte da minha espiritualidade, devo desligar uma parte do meu corpo astral e do meu corpo etérico, para deixar os princípios de Osíris e Ísis atuam em mim. Não preciso desejar nada para mim pessoalmente; quando falo, Osíris deve falar através de mim: quando realizo alguma ação, é Osíris quem deve realizá-la; quando movo minha mão, Osíris e Ísis devem ser quem a move.

Machine Translated by Google

Devo representar o filho de Osíris e Ísis: Ouro."

Iniciação não é erudição. Mas saber sacrificar-se como o Faraó se sacrificou está verdadeiramente ligado à iniciação. Pois o que ele sacrificou de si mesmo dessa maneira poderia ser preenchido com partes da Alma do povo.
Aquela parte de si mesmo que

Faraó foi mutilado e sacrificado, foi justamente isso que lhe deu poder. Porque o poder justificado não deriva do fato de elevar a personalidade como tal, mas de acolher em si aquilo que transcende os limites da personalidade, ou seja, um poder espiritual superior. O Faraó acolheu tal poder dentro de si, e este foi representado externamente pela serpente Uraeus.

Lançamos assim o olhar para outro mistério, para algo muito mais elevado do que aquilo que hoje dizem as explicações habituais sobre os Faraós.

Se o egípcio tivesse tais sentimentos, o que deveria importar mais para ele? Que a Alma do povo se tornasse o mais forte possível e o mais rica possível em boas energias; deve ter sido importante para ele que não diminuísse.
Os iniciados egípcios não podiam contar com laços de sangue, como laços entre homens. Mas as riquezas espirituais acumuladas pelos pais deveriam tornar-se herança da alma individual. Isto nos é mostrado no Julgamento dos Mortos, onde o homem se encontra diante dos 42 juízes que pesam todas as ações dos indivíduos. Quem são os 42 juízes dos mortos? Eles são os ancestrais. Acreditava-se que a vida do homem estava ligada à de 42 antepassados e, no mundo além, ele tinha que prestar-lhes contas sobre se tinha ou não realmente aceitado dentro de si o que eles lhe haviam oferecido espiritualmente. O ensino dos Mistérios Egípcios pretendia, portanto, tornar-se algo prático para a vida, mas que também deveria ser útil para o período após a morte, ou seja, entre a morte e um novo nascimento. Na época egípcia o homem já estava enredado no mundo físico. Mas ele também teve que olhar para seus ancestrais que agora viviam no outro mundo, cultivando no mundo físico o que lhe havia sido transmitido. Por tal interesse ficou ligado ao mundo físico, pois devia colaborar na obra iniciada pelos Padres.

Agora devemos considerar que as almas de hoje são reencarnações das antigas almas egípcias. Então, o que significa o que aconteceu naquela época e o que eles vivenciaram em sua encarnação egípcia para as almas de hoje?

Machine Translated by Google

Tudo o que a alma então experimentou entre a morte e o novo nascimento foi tecido nela, existe nela e reaparece em nossa quinta época (que traz em si os frutos da terceira) nas idéias, nas tendências de nosso tempo, tendo sua causa no mundo egípcio antigo. O que então foi plantado nas almas como germe reaparece nas ideias de hoje. Portanto é fácil reconhecer que o que os homens conquistam hoje no plano físico nada mais é do que uma materialização do interesse que os egípcios voltaram para o plano físico; só que hoje os homens mergulharam ainda mais fundo1 na materialidade.

Falando em mumificação, já vimos uma das causas daquilo que atualmente se manifesta como uma concepção materialista do mundo.

Pensemos numa alma daquela época; pensemos nela como uma discípula de um antigo iniciado egípcio. Tal discípulo ergueu o seu olhar espiritual para o cosmos e teve uma visão real dele. Para ele, Osíris e Ísis morando na Lua eram uma visão real. Para ele tudo estava permeado de seres divino-espirituais, e sua alma era nutrida por eles. Então ele renasce na quarta e quinta idades. No quinto tudo isso volta para ele como uma lembrança, e ele volta a vivenciar tudo. O que acontece agora? O mundo estelar, para o qual o discípulo daquela época ergueu o olhar, ressurge, como uma memória, na alma de um homem da quinta época. Ele se lembra do que viu e ouviu, mas não consegue reconhecer, porque assumiu um tom materialista. Agora ele não vê mais a parte espiritual das coisas, mas compreende suas condições materiais mecânicas, e sua memória é transmutada no pensamento materialista de hoje. Onde antes ele tinha visto os seres espirituais, Osíris e Ísis, ele agora não vê nada além de forças abstratas sem sua conexão espiritual. As relações espirituais reaparecem para ele na forma de pensamento; tudo renasce, mas sob um aspecto materializado.

Apliquemos este fato a uma alma específica, que teve a visão das grandes conexões cósmicas durante a antiga era egípcia, e pensamos que o que ela viu espiritualmente no antigo Egito ressuscita hoje diante desta alma; que nela, na quinta cultura, as antigas visões espirituais serão ressuscitadas e teremos a alma de Copérnico. O sistema cósmico de Copérnico surgiu precisamente assim, como uma memória das experiências espirituais que teve no antigo Egito.
O mesmo se aplica ao sistema cósmico de Kepler. Nestes Grandes Seres, as imensas leis cósmicas que vivenciaram na era egípcia são regeneradas na memória. O que nos pode dizer hoje uma tal alma, na qual emerge uma reminiscência distante daquilo que viveu de forma espiritual durante a antiga civilização egípcia? O que um espírito como este pode nos dizer? Ele dirá que parece que está olhando para trás

Machine Translated by Google

ao antigo país do Egito e talvez o expresse nas palavras: «Agora, um ano e meio depois de me ter sido revelada a primeira aurora das mais maravilhosas visões; depois de apenas alguns meses desde que me iluminaram com a luz do dia, e depois de apenas alguns dias, desde que brilharam sobre mim em plena glória solar, nada mais me detém! Quero exaltar-me com o ardor mais sagrado, quero zombar dos homens com a simples confissão de ter sequestrado os vasos de ouro dos egípcios para construir com eles um templo ao meu Deus, longe das fronteiras do Egito"; Estas palavras não soam como uma verdadeira reminiscência correspondente à verdade?

Bem, eles são do Kepler; e ele mesmo diz também: «Memórias antigas batem à porta do meu coração». Tais são os laços maravilhosos que unem as coisas na evolução da humanidade; e quando começamos a intuir essas conexões, muita luz e compreensão brilham sobre certas frases e palavras que de outra forma permaneceriam misteriosas. Então a vida se torna grande e magnífica, e os homens se sentem participantes de um grande Todo, tanto mais reconhecem que o indivíduo nada mais é do que uma forma individualizada de espiritualidade pela qual o mundo inteiro está permeado.

Já assinalei noutras ocasiões que mesmo o darwinismo, surgido no nosso tempo, é uma materialização das representações que os egípcios tinham dos deuses em forma animal; e assim também, se Paracelso for entendido em seu sentido correto, pode-se reconhecer em sua terapêutica um renascimento do que era ensinado nos antigos templos egípcios. Contemplemos por um momento um espírito como Paracelso; sabemos, assim que nos aprofundamos um pouco nisso, que espírito elevado vivia nele; ora, em suas obras encontramos a afirmação muito singular de que ele aprendeu muito, em quase todos os lugares, mas menos do que em outras academias; e que adquiriu os seus conhecimentos sobretudo através das gentes e das tradições antigas, viajando de país em país. Aqui não nos é possível citar exemplos de verdades profundas que ainda existem no nosso povo, que já não são compreendidas, mas das quais Paracelso ainda soube aproveitar. Ele alegou ter encontrado um livro contendo verdades médicas profundas, e ele nomeou esse livro: a Bíblia! e ele não se refere apenas ao Antigo Testamento, mas essencialmente ao Novo.

Basta você saber ler a Bíblia e encontrará o que Paracelso descobriu ali. Sua medicina é uma reminiscência distante dos antigos métodos médicos do Egito; mas pelo facto de ter acolhido em si os Mistérios do Cristianismo, o impulso de reascensão, as suas obras foram permeadas de uma nova sabedoria

Machine Translated by Google

espirituais, eles foram cristianizados. Este é o caminho que conduz ao futuro; isto é o que devem fazer todos aqueles que desejam abrir o caminho para iniciar a reascensão da queda na matéria.

Aqui existe a possibilidade de avaliar plenamente o grande progresso material, mas permeando-o de impulsos espirituais.

Aqueles que hoje estudam tudo o que a ciência material pode oferecer, e se aprofundam sem se deixar dominar por ela, também fazem um bom trabalho como cientista espiritual. Muito pode ser aprendido com os cientistas de materiais; mas o que aprendemos desta forma, podemos imbuir com o espírito puro que a ciência espiritual pode oferecer. Quando penetramos tudo o que é do espírito, então operamos no sentido de um cristianismo bem compreendido. Portanto, é uma calúnia à ciência espiritual dizer, como alguns fazem, que se trata de uma concepção fantástica do mundo. Pode permanecer firme e seguro no terreno de qualquer realidade. Deter-se numa representação esquemática dos mundos superiores seria uma representação demasiado elementar da ciência espiritual. O importante para o estudante desta ciência não é saber de cor os conceitos que ela dá, mas fazer com que seus ensinamentos e concepções sobre os mundos superiores se tornem frutíferos no homem e penetrem na prática da vida.